

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2003 – 2004





INSTITUTO DE PLANEJAMENTO E ECONOMIA AGRÍCOLA DE SANTA CATARINA  
SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA E POLÍTICA RURAL

# Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina 2003 – 2004

APOIO INSTITUCIONAL



FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA  
DO ESTADO DE SANTA CATARINA



Santa Catarina

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL

## ESTADO DE SANTA CATARINA

### Governador do Estado de Santa Catarina

Luiz Henrique da Silveira

### Vice-Governador

Eduardo Pinho Moreira

### Secretário de Estado da Agricultura e Política Rural

Moacir Sopelsa

### Secretário Adjunto de Estado da Agricultura e Política Rural

Renato Broetto

### Secretário Executivo do Instituto Cepa/SC

Ademar Paulo Simon

## EXPEDIENTE

### Secretário Executivo do Instituto Cepa/SC

Ademar Paulo Simon

### Gerente de Desenvolvimento Organizacional

José Souza Filho

### Gerente de Programação e Orçamento

Admir Tadeo de Souza

### Gerente de Informação e Análise

Danilo Pereira

## COORDENAÇÃO

Luiz Marcelino Vieira - Econ.

## ELABORAÇÃO

Admir Tadeo de Souza - Eng. Agr.

Cesar A. Freyesleben Silva - Eng. Agr.

Francisco Assis de Brito - Econ.

Guido Boeing - Eng. Agr.

José Eláudio Della Giustina - Méd. Vet.

José Maria Paul - Eng. Agr.

José Souza Filho - Econ.

Jurandi Soares Machado - Méd. Vet.

Luiz Marcelino Vieira - Econ.

Luiz Toresan - Eng. Agr.

Paulo Zoldan - Econ.

Simão Brugnago Neto - Eng. Agr.

Tabajara Marcondes - Eng. Agr.

## APOIO

**Revisão Linguística** – Joares Segalin

**Revisão Técnica** – José Maria Paul

João Manoel Anderson

Márcia Janice C. Varaschin

Sidaura Lessa Graciosa

Telmelita Senna

Zélia Alves Silvestrini

## PROJETO GRÁFICO

**Núcleo de Gestão de Design – UFSC**

**Capa** – Katiuscia Frústenau

**Diagramação** – Amanda Pacheco

**Editoração** – Gustavo Eidt

**Coord. Técnica** – Augusto Fornari

**Coord. Geral** – Eugenio Merino

Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina. – v.1 – 1976-

Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 1976-

Anual

Título anterior: Síntese Informativa sobre a Agricultura  
Catarinense, 1976-1981.

Publicada em 2 volumes de 1984 a 1991.

Publicação interrompida em 1992.

1. Agropecuária – Brasil-SC – Período. I. Instituto de  
Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina.

ISSN 1677-5953

# APRESENTAÇÃO

A Síntese Anual da Agricultura Catarinense mantém a tradição do Instituto Cepa/SC de gerar e disseminar informações para o agronegócio e a agricultura familiar catarinense, na busca do desenvolvimento rural sustentado de Santa Catarina.

Elaborada pela equipe de técnicos do Instituto Cepa/SC desde 1976, a Síntese chega à sua 25ª edição impressa. A publicação apresenta o registro anual dos principais fatos que influenciaram a produção agropecuária de Santa Catarina na safra que passou e as perspectivas para a seguinte. São analisados os principais produtos vegetais e animais do estado, as atividades da aquicultura e da pesca, do setor florestal e a pro-

dução de flores e plantas ornamentais. Esta edição apresenta mudanças em seu projeto gráfico, graças à colaboração do Núcleo de Gestão de Design da UFSC. Além da edição impressa, está disponível no endereço eletrônico [www.icepa.com.br](http://www.icepa.com.br), assim como as edições a partir de 1995, e também no formato CD-ROM.

O documento inicia com uma análise sucinta da conjuntura econômica do País no ano de 2003 e os principais fatos políticos e sociais que marcaram o ano; também focaliza o desempenho da safra nacional e suas perspectivas - com ênfase nos produtos de interesse da produção estadual - e prossegue com um relato geral do desempenho

do agronegócio catarinense em 2003, suas perspectivas para 2004 e os principais aspectos da política pública do governo federal para o setor.

Na seqüência, cada produto é apresentado em seu desempenho dentro do fluxo das oscilações em área, produção e rendimento, além do comportamento do clima, do mercado e de outros fatos considerados importantes. Embora o enfoque esteja na produção catarinense, as análises trazem também aspectos relevantes desses mesmos produtos em termos de produção e mercado em sua dimensão nacional e internacional.

Na segunda parte da publicação se apresenta um breve resumo de dados sociais e de infra-estrutura do setor rural, como:

demografia, armazenagem, associativismo, tecnologia e crédito. Também são relacionados aspectos econômicos: PIB, valor da produção, exportações, balanços de oferta e demanda, preços pagos e recebidos e produtividade das principais culturas. Finalmente, faz-se uma breve caracterização do setor agropecuário de cada uma das 29 regiões administrativas em que foi dividido o estado, além de informações sobre sua população e economia.

Gostaríamos de agradecer a colaboração de todos os que de alguma forma trabalharam para realizar e divulgar este projeto e colocamos nossa equipe à disposição dos que queiram contribuir com informações e sugestões de aperfeiçoamento desta publicação em suas próximas edições.

*Ademar Paulo Simon*

*Secretário Executivo do Instituto Cepa/SC*

# SUMÁRIO

## PARTE I

### DESEMPENHO DO AGRONEGÓCIO CATARINENSE..... 11

A Conjuntura Econômica e a Agricultura Brasileira em 2003 e 2004 .....	11
Plano-Safra .....	21

### DESEMPENHO DA PRODUÇÃO VEGETAL ..... 25

Alho .....	25
Arroz .....	33
Banana .....	45
Batata .....	56
Cebola.....	60
Feijão .....	65
Fumo .....	80
Maçã .....	88
Mandioca .....	92
Milho .....	104
Soja.....	114
Tomate .....	121
Trigo.....	129
Uva .....	138
Flores e Plantas Ornamentais.....	143
Calendário Agrícola.....	168

**DESEMPENHO DA PRODUÇÃO ANIMAL ..... 170**

Carne de Frangos .....	170
Carne Bovina.....	174
Carne Suína.....	178
Leite .....	185
Mel.....	198
Ovos .....	208

**DESEMPENHO DA PESCA E AQÜICULTURA..... 219****DESEMPENHO DO SETOR FLORESTAL..... 227****PARTE II**

Divisão Política do Território e Informações Climáticas .....	261
Caracterização Socioeconômica .....	268
Estrutura de Produção e Comercialização.....	279
Informações Econômicas da Agropecuária.....	284
Preços Agrícolas .....	289

**PARTE III**

<b>ANEXO I</b> - Secretarias de Desenvolvimento Regional - Dados do setor rural - Santa Catarina .....	303
<b>ANEXO II</b> - Divisão territorial do estado de Santa Catarina, com indicação das mesorregiões, microrregiões geográficas e municípios.....	335
<b>ANEXO III</b> - Divisão territorial do estado de Santa Catarina, segundo as secretarias de desenvolvimento regional.....	340
<b>ANEXO IV</b> - Associações de municípios do estado de Santa Catarina.....	345
<b>ANEXO V</b> - Divisão territorial do estado de Santa Catarina, com indicação das regiões hidrográficas e municípios .....	350
<b>ANEXO VI</b> - Conceitos.....	358
<b>LISTA DE FONTES</b> .....	360
<b>LISTA DE GRÁFICOS</b> .....	362
<b>LISTA DE QUADROS E MAPAS</b> .....	365
<b>LISTA DE TABELAS</b> .....	366

## CONVENÇÕES

= números entre parênteses em tabela, tão somente, não em texto, significam números negativos.

... o dado é desconhecido, podendo o fenômeno existir ou não existir.

– o fenômeno não existe.

0; 0,0; 0,00: o dado existe, mas seu valor é inferior à metade da unidade adotada na tabela.

NOTA: As diferenças porventura apresentadas entre soma de parcelas e totais são provenientes de arredondamento de dados.

## SIGLAS UTILIZADAS

**ABCC** – Associação Brasileira de Criadores de Camarão

**ABCS** – Associação Brasileira de Criadores de Suínos

**ABEF** – Associação Brasileira dos Exportadores de Frango

**Abiec** – Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes

**ABIMCI** – Associação Brasileira das Indústrias de Madeira Processada Mecanicamente

**Abimóvel** – Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário

**Abipecs** – Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína

**Afubra** – Associação dos Fumicultores do Brasil

**Aincadesc** – Associação das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Santa Catarina

**Anda** – Associação Nacional para Difusão de Adubos e Corretivos Agrícolas

**Anfavea** – Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores

**Apinco** – Associação Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte

**Bacen** – Banco Central do Brasil

**Bracelpa** – Associação Brasileira de Celulose e Papel

**BRDE** – Banco de Desenvolvimento do Extremo Sul

**Ceagesp** – Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo

**Ceasa/SC** – Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina S.A.

**Cidasc** – Companhia Integrada de Desenvolvimento Agrícola de Santa Catarina

**CMA** – Consultoria, Métodos, Assessoria e Mercantil Ltda.

**Conab** – Companhia Nacional de Abastecimento

**Epagri/Cepea** – Empresa de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural de Santa Catarina /Centro de Referência em Pesquisa e Extensão Apícola

**Epagri/Climerh** – Empresa de Pesquisa Agropecuária e de Extensão Rural de Santa Catarina/Centro Integrado de Meteorologia e Recursos Hídricos

**FAASC** – Federação das Associações de Apicultores de Santa Catarina

**FAO** – Food and Agriculture Organization of the United Nations

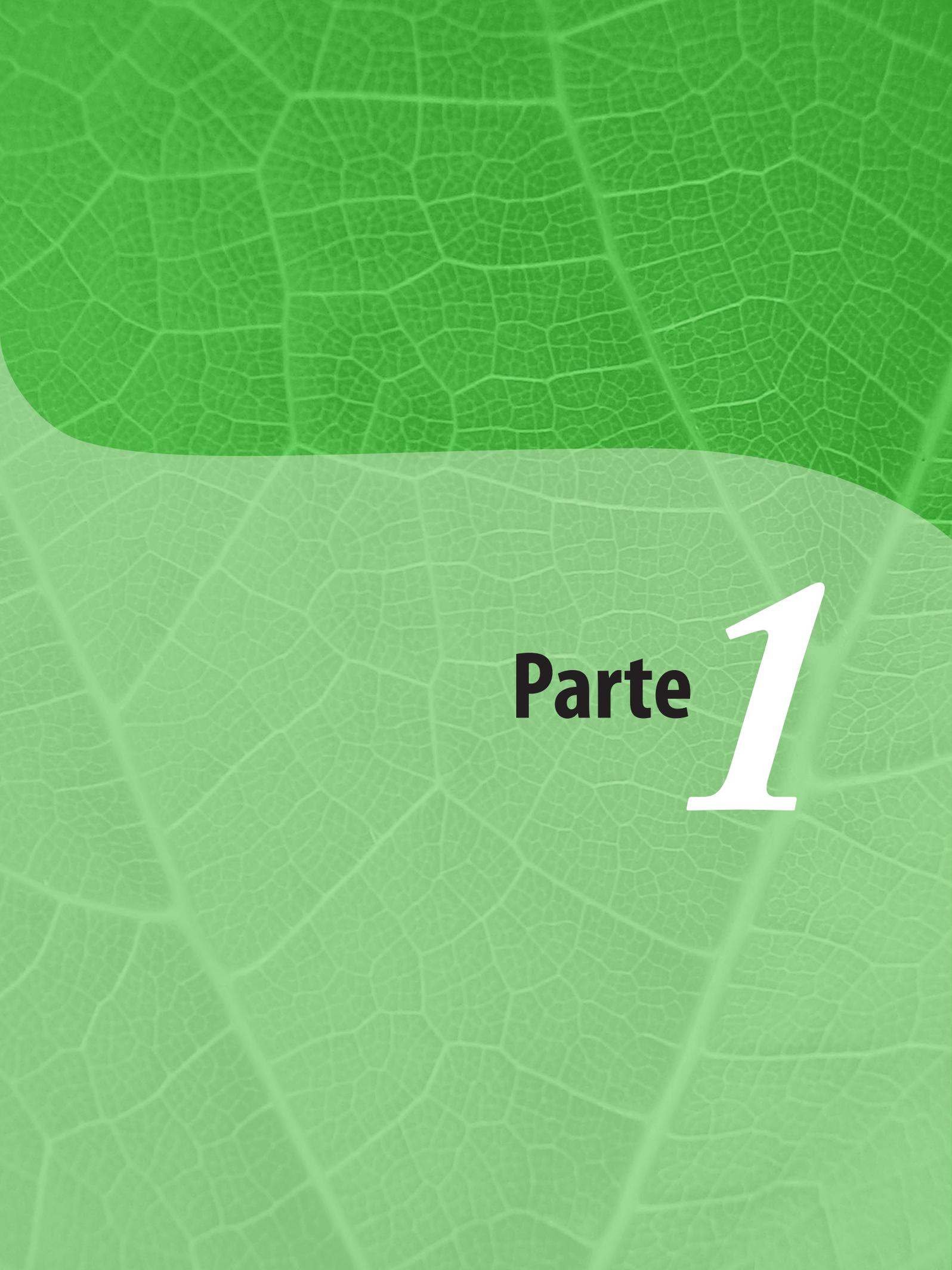
**Ibama/Cepsul** – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis/Centro de Pesquisa e Extensão Pesqueira das Regiões Sudeste e Sul

**IBGE** – Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**Ibraflor** – Instituto Brasileiro de Flores e Plantas Ornamentais

**Ipea** – Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas

**MAPA** – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento  
**MDA** – Ministério do Desenvolvimento Agrário  
**Ocesc** – Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina  
**Secex/Decex** – Secretaria de Comércio Exterior/Departamento de Operações de  
Comércio Exterior  
**Sindicarne** – Sindicato da Indústria de Carnes e Derivados  
**UBA** – Associação Brasileira de Avicultura  
**UFSC** – Universidade Federal de Santa Catarina  
**Univali/CTTMar** – Universidade do Vale do Itajaí/ Centro de Ciências Tecnológicas da  
Terra e do Mar  
**Usda** – United States Department of Agriculture

The background of the page is a close-up, high-resolution image of a green leaf, showing a complex network of veins. The top half of the image is a darker shade of green, while the bottom half is a lighter, more translucent green. The veins are clearly visible, creating a grid-like pattern across the entire surface.

# Parte *1*



## DESEMPENHO DO AGRONEGÓCIO CATARINENSE

# A CONJUNTURA ECONÔMICA E A AGRICULTURA BRASILEIRA EM 2003 E 2004

Em 2003, o PIB nacional sofreu a primeira queda - de 0,22% - no plano Real, situando-se ao redor de R\$ 1,5 trilhão. Em 2002 havia crescido apenas 1,93% e, em 2001, 1,31%. O setor agropecuário apresentou crescimento de 5% em relação a 2002, enquanto o PIB industrial e o de serviços sofreram quedas de 1% e 0,1%, respectivamente. O setor agropecuário manteve-se acima dos 5% nos últimos três anos (2001-2003). O PIB per capita foi estimado em US\$ 2.818.

Os resultados da atividade econômica, portanto, ficaram aquém das expectativas da sociedade, que há muito anseia por taxas de crescimento que se susten-

tem e garantam uma maior inclusão social e desenvolvimento do País. Estes resultados foram consequência da instabilidade da economia e da forte elevação dos juros no segundo semestre de 2002, fatores que influenciaram as decisões de investimento. As incertezas com a mudança de governo e o baixo dinamismo da economia internacional contribuíram para este baixo desempenho.

A taxa de desemprego aberto total passou de 7,1%, na média, em 2002, para 12,3% em 2003, mantendo-se em patamares próximos no primeiro semestre de 2004. A taxa refere-se aos dados coletados nas principais regiões metropolita-

nas do País. O índice que mede o rendimento médio real do pessoal ocupado caiu de 100,7 (base setembro de 2001), na média de 2002, para 88,4 na média de 2003. A queda real da massa salarial impediu a retomada do consumo de bens duráveis e manteve um quadro de estagnação até meados do ano.

O desempenho das exportações e da agricultura evitou uma situação pior. A produção agrícola em 2003 foi favorecida pelo clima; o foi também pelo câmbio, que aumentou a competitividade internacional das principais commodities nacionais. A abertura de novos mercados, a demanda chinesa e os problemas sanitários dos concorrentes em importantes mercados mundiais também favoreceram o produto brasileiro. O saldo comercial passou de US\$ 13,1 bilhões em 2002 para US\$ 24,8 bilhões em 2003 e continua a subir em 2004, diminuindo a vulnerabilidade externa do País. A produção total de cereais, leguminosas e oleaginosas alcançou 123,6 milhões de toneladas, contra 97,1 milhões em 2002.

Igualmente positiva se mostrou a política macroeconômica do novo governo, que, por meio de forte ajuste fiscal, parece ter preparado terreno para uma retomada mais consistente do crescimento. O IPCA e o IGP-DI, índices de referência na variação de preços, encerraram o ano de 2003 em 9,3% e 7,6%, respectivamente, bem abaixo dos do ano anterior e com tendência de queda no primeiro semestre de 2004. A taxa Selic, referência para os juros, esteve em trajetória de queda ao longo de 2003, passando de 25,1% ao ano em janeiro de 2003, para 17,9% em abril de 2004. A maior disciplina fiscal e o esforço do go-

verno em melhorar o perfil da dívida pública e criar um ambiente confiável e rentável para os negócios foram fundamentais na estratégia de melhorar a imagem do País e o ambiente de negócios.

A renda gerada pelas safras agrícolas recentes, em especial a de 2003, contribuiu para reduzir o impacto do baixo desempenho nos demais setores econômicos, absorvendo parte da produção e vendas da indústria e do comércio, gerando maior otimismo na economia do interior do País. Os agricultores reinvestem na própria atividade, geram demandas por insumos, equipamentos e serviços e por mais e melhor infra-estrutura. As indústrias a montante e a jusante da agricultura são dinamizadas; excedentes financeiros e cambiais são gerados. Além disso, por gerarem empregos, reduzem o êxodo e atenuam as desigualdades regionais.

Numa retrospectiva dos dez anos do Plano Real, observa-se que a agricultura se revelou fundamental para seu êxito, pois os ganhos de produtividade e as boas safras garantiram preços baixos para os alimentos e bons resultados na balança comercial. Depois de passar por uma reestruturação produtiva e acumular uma grande dívida, renegociada nos programas de securitização, o setor apresentou, a partir de 1999, uma vigorosa recuperação. A produção de cereais, leguminosas e oleaginosas passou de 75,1 milhões de toneladas em 1994 para 123,2 milhões em 2003. Destacaram-se a soja e o milho, com cerca de 80% de participação. A expectativa de colher 130 milhões em 2004 só não foi atingida devido à estiagem e a doenças na cultura da soja, principalmente no Centro-Oeste do País. A área colhida do

conjunto desses produtos aumentou apenas 13%, atingindo cerca de 43,3 milhões de hectares.

A forte competitividade da pecuária nacional, estimulada pela desvalorização do real em 1999 e 2002 e a eclosão de doenças animais (principalmente vaca-louca, febre aftosa e gripe asiática) e de uma série de problemas de contaminação de alimentos em importantes países produtores abriram espaço para um aumento consistente das exportações de produtos agropecuários brasileiros. Assim, o País tem a perspectiva de vir a ser, a curto e médio prazo, o maior exportador mundial de alimentos, fibras e energia renovável. Atualmente, é o maior produtor de cana-de-açúcar, laranja, café e tabaco; segundo maior produtor de soja, carne bovina e frango e terceiro maior produtor de milho e frutas.

No ano passado, segundo dados da CNA, as vendas externas do agronegócio renderam US\$ 30,6 bilhões, com superávit de US\$ 24,8 bilhões. Para 2004, com base nos resultados do primeiro semestre, estima-se um crescimento de 15% nas exportações do setor. Os produtos do complexo soja e carnes são as mais importantes fontes de divisas. O agronegócio, segundo dados do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA), gera 37% dos empregos do País e representa cerca de 40% das exportações totais.

O momento favorável das exportações agrícolas deverá levar o setor a apresentar um bom desempenho também neste ano. Apesar da frustração de safra, o valor da produção deverá crescer em 2004 devido a uma conjuntura favorá-

vel de preços para as principais commodities. Destaca-se o crescimento no faturamento do segmento de arroz, derivado do aumento da produção nacional com simultânea elevação dos preços médios, ocasionados pelos preços internacionais, em que os estoques de passagem estão baixos. Devido à estiagem no Sul e Centro-Oeste do País e à incidência de ferrugem asiática nas lavouras, o Brasil deverá colher em 2004 menos soja e milho em relação à expectativa inicial. A pecuária, no entanto, está mantendo um ritmo gradual de crescimento.

As perspectivas para a economia nacional em 2004 são bem melhores que as dos anos recentes. Depois da crise de energia de 2001, da derrocada argentina em 2002, da ameaça representada pelos atentados terroristas em escala internacional e as incertezas geradas pela mudança de governo no Brasil, tudo indica que em 2004 o País voltará a crescer acima dos 3%, taxa que não se verifica desde 2000.

A vulnerabilidade externa, apesar de ter diminuído, ainda representa um fator de risco, tendo em vista a elevada dívida pública e o cenário externo ainda instável. Representa um desafio a ser vencido e do qual dependerá o desenvolvimento do País nos próximos anos. O crescimento sustentado dependerá, portanto, da confiança que os agentes econômicos terão nos fundamentos da economia.

Seguem otimistas as expectativas de que, a partir de 2004, o País entre num ritmo de crescimento sustentado. A queda lenta e gradual das taxas de juros e o controle sobre a inflação estão permitindo a recuperação do mercado interno e uma me-

lhora generalizada da atividade econômica. O aumento da demanda internacional por produtos nos quais o País é competitivo tem sido fonte de dinamismo econômico e de expansão de importantes setores produtivos. Destacaram-se, neste aspecto, o surpreendente desempenho da economia americana, mas também a recuperação da economia japonesa e de outros países asiáticos (entre eles a China, pelo vigor de sua economia) e a boa performance na zona do euro.

Os desafios continuam grandes. À medida que o PIB cresce, novos investimentos se tornam necessários, seja em infraestrutura e logística para escoar e comercializar a produção, seja em investimentos para a ampliação da capacidade produtiva das empresas, uma vez que a capacidade ociosa da indústria se aproxima do esgotamento. Na mesma proporção em que esses gargalos sejam desobstruídos, é preciso manter um ambiente macroeconômico propício aos negócios e que lhes assegurem o desenvolvimento. A consolidação de políticas que permitam que o risco-país e a taxa de juros interna continuem a cair é necessária para criar condições para o aumento do crédito e dos investimentos produtivos. O País ainda é dependente do aumento da capacidade de poupança, especialmente a pública, e do fluxo de recursos do exterior voltados para investimentos produtivos. A agenda de reformas ainda é grande e depende de esforços conjuntos de toda a sociedade.

O desenvolvimento do agronegócio passa pelo contínuo esforço de pesquisa em atividades de ponta nas áreas de genética, nutrição e manejo de plantas e animais. Conceitos ligados a rastreabilidade, certi-

ficação e sustentabilidade, dentre outros, devem continuar na agenda das ações e políticas públicas. Com o grande desenvolvimento da pecuária, a questão sanitária ganha status estratégico nas políticas públicas e na gestão dos negócios.

Outro aspecto de interesse nacional é a maior integração da agricultura familiar ao agronegócio empresarial, através de diversas formas de arranjos produtivos horizontais ou verticais, que permitam dinamismo e competitividade com vistas ao maior desenvolvimento do sistema alimentar e à inclusão social.

Ações públicas e privadas também são necessárias para assegurar que as dívidas atreladas aos investimentos realizados nesses anos de otimismo possam ser quitadas conforme o previsto.

Políticas que incluam significativo número de famílias no mercado de trabalho e reduzam a insegurança são fundamentais para melhorar a imagem e a confiança no País.

Os planos-safra estão alocando, gradativamente, mais recursos aos produtores. O plano 2004-2005 deverá atender a um número significativamente maior de novos agricultores, tendo como ponto forte o estímulo à qualificação da produção familiar e uma atenção maior ao jovem e à mulher. Um reforço de crédito para as agroindústrias familiares e o reconhecimento das cooperativas de crédito como parceiras do governo na liberação dos recursos deverão permitir a um número maior de agricultores investir nas suas propriedades e melhorar seu desempenho econômico e deverá a continuar a surtir efeitos positivos de curto e médio prazo.

## Desempenho da Agropecuária Catarinense na Safra 02/03

Em Santa Catarina, o PIB agropecuário cresceu 6,3% em 2003, atingindo um valor nominal estimado de R\$ 7,6 bilhões. A área plantada dos principais produtos das lavouras cresceu 3,6%, atingindo 1,7 milhão de hectares. Os resultados alcançados confirmaram a boa fase do setor, que cresce pelo quinto ano consecutivo. O desenvolvimento tecnológico do setor e o clima contribuíram para o bom desempenho das culturas. Não fossem problemas climáticos pontuais que afetaram a produtividade de algumas culturas e a redução na produção pecuária, o desempenho teria sido ainda melhor.

Entre os principais grupos de produtos utilizados na estimativa do PIB, os das lavouras permanentes, temporárias, horticultura e floricultura obtiveram crescimento de 14%

em volume e de 24% nos preços recebidos. A produção pecuária teve queda em torno de 4%, mas o aumento de 26% nos preços mais do que compensou os problemas da produção. Destaca-se também o crescimento da silvicultura, de 11% no volume e de 27% nos preços recebidos. A produção extrativa seguiu tendência de queda.

Quanto à variação dos preços pagos pelos produtores em 2003, calculada na estimativa do PIB do setor, os preços dos combustíveis e lubrificantes cresceram 40%; os de energia elétrica, 27%; os de adubos, corretivos e defensivos, 24% e os de sementes e mudas, 21%.

A tabela 1 apresenta a participação de Santa Catarina em relação ao Brasil no tocante à área e à produção agrícola e também à posição do estado na produção nacional.

A produção estadual de grãos cresceu 31%, atingindo 6,4 milhões de toneladas, recuperando-se da forte queda ve-

**TABELA 1/1 - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E POSIÇÃO DE SANTA CATARINA NA PRODUÇÃO NACIONAL, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS - SAFRA 02/03**

PRODUTO	ÁREA PLANTADA (ha)	SC/BR (%)	PRODUÇÃO (t)	SC/BR (%)	POSIÇÃO DE SC NA PRODUÇÃO NACIONAL
	SC		SC		
Alho	2.145	14,36	15.656	12,82	4ª
Arroz	143.670	4,50	1.034.558	10,02	3ª
Banana (1)	29.714	5,61	618.403	9,13	4ª
Batata	10.083	6,83	128.207	4,21	5ª
Cebola	25.905	37,63	409.553	34,29	1ª
Feijão	146.942	3,37	188.626	5,70	7ª
Fumo	120.899	30,70	213.339	32,52	2ª
Maçã(1)	16.348	52,06	475.095	56,88	1ª
Mandioca	28.417	1,65	538.930	2,43	10ª
Milho	856.427	6,43	4.310.934	8,98	6ª
Soja	257.086	1,39	712.175	1,38	9ª
Tomate	2.507	4,01	129.096	3,49	8ª
Trigo	77.541	3,11	171.969	2,85	3ª

FONTE: IBGE, LSPA, abril de 2003.

(1) Área destinada à colheita.

rificada em 2002. As condições de mercado estimularam o plantio, cuja área cresceu 4%. O clima favorável à produção graneleira resultou em produtividades mais elevadas e em uma grande expansão da produção, principalmente de milho e soja, que cresceram 39% e 34%, respectivamente.

Os preços do milho, em patamares elevados à época do plantio, em 2002, estimularam a expansão da área e um maior uso de tecnologia, resultando em forte recuperação da produção. Em 2003, a recuperação da produção e a diminuição da demanda pelo setor pecuário deixaram o mercado sem perspectivas de alta maior e frustraram as expectativas dos produtores. A produção de soja está sendo favorecida pelo comportamento das cotações internacionais, atualmente em patamares elevados. As boas perspectivas de mercado desde 2002 também estimularam um aumento de área. O maior uso de tecnologia e o bom comportamento do clima propiciaram uma excelente safra. Os preços da oleaginosa permaneceram firmes ao longo de 2003. A cultura do arroz também teve produção recorde. A área cresceu 2,8% e a produção, 12%, devido aos estímulos do mercado e à normalidade climática. Os preços do grão em 2003 tiveram forte recuperação, em grande parte pela baixa performance da produção mundial, que está causando uma baixa progressiva nos estoques, inclusive na área do Mercosul, e estão pressionando as cotações internacionais. A produção catarinense, que há oito anos vem crescendo, encontra-se atualmente em ótima fase.

A de feijão está oscilando, com tendência a decrescer. Embora tenha crescido cerca de 10% em 2003, foi desestimulada pelas condições de mercado, voltando a cair em 2004.

A produção de cebolas cresceu 3,8% no estado; a produtividade da cultura situou-se dentro dos parâmetros históricos. O excesso de chuvas nos últimos meses de 2003 resultou, no entanto, em consideráveis perdas na produção colhida, reduzindo significativamente a parcela comercializada. Apesar de os preços ao produtor terem ficado, na média do ano, acima dos verificados em 2002, o aumento dos custos de produção da cultura anularam em parte esses ganhos e frustraram as expectativas dos produtores.

As lavouras de alho estão perdendo gradualmente espaço no cenário nacional. Condições climáticas adversas e políticas de mercado que desestimulam os produtores estão ocasionando redução na alhicultura do estado.

A produção de tomates cresceu 1,4%. A produtividade superou a do ano anterior, em razão de um maior aporte tecnológico. Os preços recebidos pelos produtores foram compensadores.

A produção de batatas teve queda de 11%, resultado de uma redução de cerca de 12% na área plantada, atribuída aos baixos preços da safra anterior. Em 2003, os preços aumentaram, mas foram insuficientes para compensar a alta dos custos de produção e para gerar lucros satisfatórios. A safra de mandioca também teve redução de área (-11,5%) e queda de produção (-7,6%). Fato-

res de mercado levaram muitos produtores a optar por outras culturas mais rentáveis. Em 2003, os preços tiveram forte recuperação.

A produção de frutas teve pequena queda em 2003. A produção de maçãs esteve praticamente estabilizada, já que o clima foi desfavorável à cultura, afetando a produtividade neste e nos demais estados produtores. Por isso, pelo incremento das exportações e diminuição das importações, os preços estiveram em patamares bastante atrativos e remuneradores. A produção de bananas sofreu ligeira redução em 2003 devido à queda na produtividade dos pomares, apesar de um crescimento estimado de 2% na área. Os preços estimularam a produção, que vem aumentando nos últimos anos. A qualidade do produto garantiu exportações crescentes e fez a safra 02/03 bastante favorável à bananicultura.

A produção de carnes caiu quase 5%, devido à queda de 8,6% na produção de suínos, e de 3,8% na de frangos. A bovinocultura cresceu 1,3%. Os preços das carnes, apesar da forte pressão sobre os custos de produção, foram mais remuneradores. A média do preço ao produtor do suíno cresceu 28% e a do produtor de frangos, 19%, na comparação com 2002. Em 2003, a oferta nacional encolheu e as exportações cresceram cerca de 3%, invertendo o quadro de superoferta, apesar da redução no consumo interno em virtude da queda do poder aquisitivo da população.

A participação de aves na produção nacional continuou a cair. Os constantes déficits na produção de milho e o fecha-

mento de uma unidade industrial em Santa Catarina, além dos incentivos fiscais e melhores condições de produção em outros estados estão direcionando investimentos para outros estados do Sul e do Centro do País. A qualidade do produto estadual, no entanto permitiu que a maior parte da produção se destinasse ao mercado externo. Apesar da queda no poder aquisitivo da população e da competição com outras carnes, o bom desempenho das exportações avícolas contribuiu significativamente para elevar os preços ao produtor.

O agronegócio catarinense exportou, em 2003, US\$ 2,1 bilhões, 14% a mais que no ano anterior, o que representou 57% do valor total exportado pelo estado. As exportações totais cresceram 17%. O ano de 2003 favoreceu as exportações agrícolas, já que houve uma conjuntura de preços externos favorável aos produtos do complexo soja e aves - principais commodities exportadas pelo estado - e um bom desempenho externo da indústria florestal. A maior demanda mundial e a desvalorização do real contribuíram em grande parte para a expansão do comércio, mas, sem dúvida, o empenho de governos e empresários em ampliar as vendas e buscar novos negócios foi decisivo.

Dentre as exportações do agronegócio, as que mais se destacaram foram as de carne de aves, que cresceram 5,8% em volume e 15% em valor, e as dos produtos florestais, 7,8% em volume e 9,8% em valor. Este último grupo, que inclui a indústria de madeira, papel e celulose e mobiliário, representou 40% do valor exportado pelo agronegócio catarinense.

TABELA 2/I - VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO (VBP) E VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO E DOS PREÇOS NA AGROPECUÁRIA CATARINENSE, SEGUNDO GRUPOS DOS PRINCIPAIS PRODUTOS - 2002-2003

GRUPOS DE PRODUTOS	VBP (mil R\$)		2003 (%)	VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO (1)	VARIAÇÃO DOS PREÇOS(2)
	2002	2003			
Grãos	1.454.898	2.385.705	27,24	31,14	26,74
Hortaliças	250.336	290.641	3,32	2,91	12,02
Raízes e tubérculos	79.451	135.249	1,54	-9,28	94,41
Fumo	645.574	840.556	9,60	-4,50	36,33
Frutas	530.162	700.659	8,00	-0,21	32,85
Carnes (3)	3.351.263	3.869.624	44,19	-4,89	21,51
Leite(mil l)	393.588	534.750	6,11	4,81	30,83
AGRICULTURA	2.960.420	4.352.809	49,71	14,28	29,73
PECUÁRIA	3.744.851	4.404.734	50,29	-3,87	22,56
<b>TOTAL</b>	<b>6.705.271</b>	<b>8.757.183</b>	<b>100,00</b>	<b>4,15</b>	<b>26,01</b>

FONTE: Instituto Cepa/SC.

(1) Indica o crescimento da produção entre as safras de 01/02 e 02/03.

(2) Indica a variação dos preços entre 2002 e 2003.

(3) Refere-se aos abates totais no estado.

As exportações de carne suína e derivados caíram 3,8% em volume e 23,3% em valor. As exportações do complexo soja, apesar de uma participação menor no total exportado, tiveram um extraordinário aumento, tanto em volume quanto em valor.

### Desempenho da Agropecuária Catarinense na Safra 03/04

As estimativas preliminares de desempenho da produção agropecuária catarinense em 2004 indicam uma queda de 1,7%. O resultado deve-se a uma estimativa de redução de 4,5% na produção pecuária, que não deverá ser compensada pelo reduzido crescimento da agricultura (1,00%).

Os resultados estão baseados na análise de desempenho dos 17 principais produtos agropecuários, cujos dados cons-

tam na tabela 3. Os produtos foram agrupados conforme suas especificidades.

O desenvolvimento das lavouras foi afetado principalmente pelas quebras na produção de grãos. As últimas estimativas indicavam uma redução de 20% na produção de milho, de 8,5% na de soja e de 25% na de feijão.

A produção de milho sofreu redução na área plantada, além de expressiva diminuição na produtividade por causa das estiagens que prejudicaram a cultura. O bom nível de oferta no mercado nacional e a diminuição do consumo estadual (ocasionado pela menor demanda na pecuária) mantiveram os preços no estado em patamares próximos aos do primeiro semestre de 2003. A expectativa é de que as exportações do cereal assegurem melhores preços no restante do ano.

No caso da soja, apesar do aumento de área plantada (+23%) por influência dos preços da oleaginosa, as estiagens acaba-

**TABELA 3/I - ESTIMATIVA DA EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO E DOS PREÇOS AO PRODUTOR NA AGROPECUÁRIA CATARINENSE, SEGUNDO GRUPOS DOS PRINCIPAIS PRODUTOS -SAFRAS 02/03 E 03/04**

GRUPOS DE PRODUTOS	VARIAÇÃO DA PRODUÇÃO (1) %	VARIAÇÃO DOS PREÇOS (2) %
Grãos	-14,09	6,21
Hortaliças	1,93	-5,97
Raízes e tubérculos	3,41	-26,02
Fumo (estufa)	30,78	6,60
Frutas	15,79	-8,30
Carnes(3)	-5,68	11,97
Leite (mil l)	4,00	-4,47
AGRICULTURA	0,99	2,72
PECUÁRIA	-4,51	9,79
<b>TOTAL</b>	<b>-1,77</b>	<b>6,08</b>

FONTE: Instituto Cepa/SC.

(1) Variação percentual entre as safras 02/03 e 03/04. A estimativa para a produção pecuária em 2004 está baseada no desempenho do setor entre janeiro e junho de 2004, em comparação com o mesmo período do ano anterior.

(2) Variação percentual dos preços médios mensais recebidos pelo produtor no primeiro semestre de 2003 e 2004.

(3) Refere-se aos abates totais no estado.

ram afetando significativamente a produtividade; a produção deverá cair em torno de 8%. A alta nos preços, pelo menos para os que comercializaram no primeiro semestre, deverá compensar a queda na produção, já que, em comparação aos do mesmo período do ano anterior, tiveram alta de 20%.

Os problemas climáticos causaram estragos consideráveis também na produção de feijão, que caiu cerca de 25%. Além disso, os problemas de mercado causaram queda de 26% nos preços recebidos pelo produtor no primeiro semestre em relação ao mesmo período anterior. Estes fatores seguramente influirão nas intenções de plantio da próxima safra e deverão contribuir para a continuação da contração da cultura no estado.

A produção de arroz, ao contrário, continua crescendo no estado, tanto em área quanto em produtividade. Os problemas ocasionados pelo furacão Catarina, que devastou arrozeiras no sul catarinense, re-

sultou em redução da produção de 3,6% em relação à safra anterior. Apesar disso, os produtores foram compensados pelos preços que, devido à redução dos estoques mundiais, continuam em patamares elevados. Os preços recebidos no primeiro semestre foram 20% superiores aos do mesmo período de 2003. A maior organização dos produtores também lhes está permitindo administrar melhor os estoques, exigir políticas apropriadas, ampliar investimentos em infra-estrutura, inclusive armazenagem, aumentando o poder de barganha da classe.

A produção de hortaliças deverá ter crescimento menor devido à redução da produção de alho e tomate. A cebola, ao contrário, devido ao bom desempenho proporcionado pelo clima favorável à cultura, deverá ter uma boa produtividade. As condições de mercado não estiveram favoráveis a essas culturas no primeiro semestre, tendo ocorrido queda nos preços. O alho, por concorrer com o produto chinês e argentino, têm enfrentado uma conjuntura desfavorável de preços.

O segmento das frutas foi o de melhor desempenho, proporcionado pelo crescimento de 18% na produção de maçãs e 8% na de bananas. As boas condições climáticas e de mercado para a bananicultura em 2004 deverão garantir a sua expansão e qualificação no estado. A cultura da maçã, também beneficiada pelo clima, não teve um desempenho comercial favorável neste primeiro semestre, provavelmente pelo crescimento da oferta nacional, já que as exportações tiveram um bom desempenho.

A produção de carnes caiu 5,7%. O segmento da suinocultura teve queda de 6,3% e o da avicultura, de 5,8%.

A queda de produção do setor foi compensada pelos preços. Os preços médios do suíno ao produtor neste primeiro semestre cresceram 25% e o do frangos, 6%, em comparação com o mesmo período do ano anterior. Entre os fatores associados ao bom desempenho comercial nestes segmentos estão o desempenho das exportações e a retomada do crescimento econômico.

A produção de leite segue uma trajetória de crescimento acima da média nacional. Nos primeiros meses de 2004, os preços recebidos pelos produtores seguiram a trajetória de decréscimo dos últimos meses de 2003. Apenas em abril começou uma reversão na curva de preços, situação que ficou ainda mais caracterizada nos meses de maio e junho.

*Paulo Zoldan*

# PLANO-SAFRA

## Safra 04/05

O governo federal, através do Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA - e do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento - Mapa -, anunciou o Plano-Safra para a Agricultura Familiar e o Plano Agrícola e Pecuário 2004/05, completando o conjunto de normas que regerão a próxima safra, com um orçamento total de R\$ 39,45 bilhões para o agronegócio e mais R\$ 7,2 bilhões para a agricultura familiar.

São poucas as alterações. Dentre as medidas anunciadas, destaca-se inicialmente a manutenção nos preços mínimos de interesse para Santa Catarina, especialmente

de arroz, feijão e milho. O arroz ficou em R\$ 20,00/sc de 50 quilos; o feijão, em R\$ 47,00/sc de 60 quilos; a farinha de mandioca, em R\$ 15,00/sc 50 quilos e o milho, em R\$ 13,50/sc de 60 quilos. A soja, produto de expressivo crescimento na produção, se concentra em propriedades médias grandes e em sua comercialização o governo normalmente não entra - mantém o preço de R\$ 14,00/sc de 60 quilos, com a mesma prioridade dos produtos da cesta básica.

A manutenção de taxas fixas e pré-definidas de juros é um reconhecimento e uma declaração inequívoca de apoio ao

setor rural, que cresce na oferta de alimentos e na geração de divisas. Uma exceção ocorreu no custeio do Proger Rural, em que houve uma pequena alteração na taxa de juros, que passou de 7,25% para 8%. O que se observa é que muito se tem falado no aumento da disponibilidade de orçamento, mas aquelas que tiveram os maiores aumentos são as que têm juros livres, ou melhor, custos maiores.

Foram mantidos os limites de financiamento do crédito de custeio agrícola para o agronegócio, especialmente para o milho, que ficou em R\$ 400.000,00; o mesmo valor para as culturas irrigadas de arroz e feijão. Para arroz e feijão de sequeiro e para a cultura da mandioca, o limite é de R\$ 200.000,00. Para a soja, o limite na Região Sul será mantido em R\$ 150.000,00 e em R\$ 200.000,00 por operação nas regiões Centro-Oeste, Norte e parte do Nordeste.

Uma importante medida é a manutenção dos programas de investimento que, ano a ano, tornam-se mais eficientes e ajustados à realidade da agricultura brasileira. Seu aperfeiçoamento fez com que já se aplicassem mais de R\$ 6 bilhões na safra passada e se dispusesse para o período 2004/2005 de mais de R\$ 10 bilhões. É um conjunto de programas já consagrados, que impulsionam a modernização do setor rural desde 2000, administrados pelo BNDES e com juros pré-fixados de 8,75% a 12,75%, dependendo da finalidade como o Moderfrota, o Prodefruta, o Moderagro, o Prodeagro, o Moderinfra, o Proleite e o Prodecoop, entre outros (Quadro 1).

Para a agricultura familiar, ou melhor, dentro do Pronaf, o governo deve dispor de um total de R\$ 7,2 bilhões. Foram mantidos a faixa de renda anual e os limites de crédito estabelecidos para a safra anterior. A renda máxima para o grupo B, é de R\$ 2.000,00; para o grupo C, é R\$ 14.000,00; para o grupo D, é de R\$ 40.000,00 e para o grupo E, a renda anual é de até R\$ 60.000,00.

Quanto ao limite de financiamento para investimento, no Pronaf, é de R\$ 15.000,00 para os assentados da reforma agrária, visando à implantação da infra-estrutura produtiva e ao pagamento da assistência técnica; R\$ 1.000,00 para os produtores do Grupo B; R\$ 6.000,00 para os produtores do Grupo C; R\$ 18.000,00 para os produtores do Grupo D; para o grupo E, este teto é de R\$ 36.000,00 para cada família. Os limites desses tetos podem ser elevados em 50% quando destinados a atividades especiais, agroecologia, turismo rural, fruticultura, olericultura e algumas criações, além daqueles destinados à aquisição de máquinas, tratores, embarcações e equipamentos.

O custo do empréstimo de investimento é de 1,15% ao ano sobre o principal, com bônus de até 46% sobre o principal, para os assentados da reforma agrária; 1% de juros com bônus de 25% para o grupo B; 4% de juros, com 25% de bônus desse custo, mais um rebate de R\$ 700,00, para os produtores do grupo C. Para os do grupo D, juros de 4%, com rebate de 25% dos juros, e para o grupo E, 7,25% ao ano.

QUADRO 1 - PROGRAMAS DE CRÉDITO DE INVESTIMENTO ADMINISTRADOS PELO BNDES PARA SANTA CATARINA NA SAFRA 04/05

PROGRAMAS	RECURSOS (R\$ milhões)	LIMITES (R\$ mil)	PRAZO (até)	TAXAS DE JUROS	ITENS FINANCIÁVEIS
1. Moderfrota	5.500	Sem limites (exceto, se para café)	5 anos	9,75% a.a. ou 12,75% a.a.	Tratores agrícolas e implementos; colheitadeiras, colheitadeiras e equipamentos para beneficiamento de café. Para produtores com renda anual até R\$ 150 mil por ano, juros de 9,75%. O prazo para colheitadeira pode ser 6 anos.
2. Moderagro	900	200	5 anos	8,75% a.a.	Correção de solos, adubação verde, conservação de solos, recuperação de pastagens e sistematização de várzeas.
3. Prodeagro	200	150	5 anos	8,75% a.a.	Investimentos fixos e semifixos relacionados com floricultura, ovinocaprinocultura, aquíicultura, apicultura, suinocultura, avicultura, sericultura e pecuária de leite.
4. Moderinfra	700	400	8 anos	8,75% a.a.	Investimentos fixos e semifixos relacionados com a agricultura irrigada e com a instalação, adequação ou modernização de armazéns nas propriedades rurais. Para valores de R\$ 400 mil a R\$ 600 mil, juros anuais de 10,75%.
5. Prodefruta	200	200	8 anos	8,75% a.a.	Investimentos fixos e semifixos para a implantação e melhoramentos de espécies frutíferas.
4. Propflora	50	150	12 anos	8,75% a.a.	Investimentos fixos e semifixos destinados à produção comercial de florestas e recomposição da reserva legal.
7. Prodecoop	550	20.000	12 anos	10,75% a.a.	Investimentos fixos e semifixos destinados à estrutura das cooperativas com vistas à agregação de valor à produção agropecuária.
8. Proger Rural	100	56	8 anos	7,25% a.a.	Investimentos fixos e semifixos.
9. Finame Agrícola Especial	500	300 (há casos que não há limite)	5 anos	12,75% a.a.	Máquinas e equipamentos, inclusive para beneficiamento, exceto os itens financiáveis pelo Moderfrota.

FONTE: Manual de Crédito Rural.

Os limites de financiamento para custeio são de até 35% do contrato no Pronaf A, destinados aos assentados da reforma agrária, desde que incluídos no projeto de infra-estrutura produtiva; para os produtores do Grupo A/C, limitado a uma única operação; entre R\$ 500,00 e R\$ 3.000,00 para os produtores do Grupo C; até R\$ 6.000,00 para os produtores do Grupo D; para o Grupo E, o limite máximo é de R\$ 28.000,00

por mutuário e por safra. Os agricultores enquadrados no grupo A/C do Pronaf terão custos de 2% de juros; para o grupo C, o custo é de 4%; para ambos, há um rebate de R\$ 200,00 por adimplência. Para aqueles do grupo D, os juros são de 4%; a adimplência permite um desconto e a taxa efetiva é de 3%. Para os produtores do grupo E, antes Proger Rural Familiar, os juros continuam em 7,25% ao ano.

Apesar de ser importante do ponto de vista empresarial a manutenção das regras para o planejamento de sua atividade, é preciso destacar os avanços registrados nos últimos oito anos na política agrícola brasileira. Para o agronegócio, é de destacar, neste ano, a disponibilidade de recursos para o Moderfrota, cujo sucesso faz com que se execute mais do que se prevê desde seu início. Além disso, a prioridade para a armazenagem e a implementação do seguro rural dão nova força ao setor.

Para a agricultura familiar, foram criadas linhas de crédito de investimento específicas para agroindústrias, para a mulher,

para o jovem, para silvicultura e sistemas agroflorestais e, ainda, para custeio e beneficiamento de unidades agroindustriais, independentemente do financiamento já tradicional que é feito pelo agricultor.

Se for implementado tudo aquilo que foi dado a conhecer e se os orçamentos estiverem disponíveis em tempo hábil, pode-se inferir que estes produtores do Brasil continuarão ampliando a oferta de alimentos e os superávits comerciais de sua agricultura. O aumento de produção da próxima safra, porém, ainda depende dos fenômenos naturais, que tanta incerteza trazem para a atividade.

*Francisco A. de Brito*

# DESEMPENHO DA PRODUÇÃO VEGETAL

## ALHO

### Panorama Mundial

A cultura de alho continua apresentando desempenho positivo nas lavouras cultivadas nos principais países produtores. Segundo os dados da FAO, no ano agrícola 03/04, a produção mundial deverá crescer 1,85% e o rendimento médio a ser obtido poderá ser 3,25% maior que o do ano anterior.

As maiores produtividades alcançadas, por ordem de importância, pertencem aos produtores egípcios, com 23.226 kg/ha - quantidade 2,2 vezes maior que a média de todos os países, seguidos pelos americanos, com

19.259 kg/ha, e os chineses, que mantêm o terceiro melhor desempenho, com 13.969 kg/ha.

No cenário mundial, a China lidera a exploração da cultura, com cerca de 55,8% da área total plantada e 71,2% da produção, que foi de 8,8 milhões de toneladas (Tabela 1).

Em 2002, foi negociado nos mercados mundiais um volume total de 2,515 milhões de toneladas de alho - 42,6% a mais do que em 2001 -, representando um movimento financeiro na balança comercial

TABELA 1/I – ALHO – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO, TOTAL E NOS PRINCIPAIS PAÍSES – ANO AGRÍCOLA 01/02-03/04

PAÍS	ÁREA PLANTADA (1000 ha)			PRODUÇÃO (1000 t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	01/02	02/03	03/04	01/02	02/03	03/04	01/02	02/03	03/04
<b>Mundo</b>	<b>1.092,5</b>	<b>1.126,3</b>	<b>1.132,1</b>	<b>11.445,5</b>	<b>12.182,3</b>	<b>12.407,4</b>	<b>10.476</b>	<b>10.816</b>	<b>10.959</b>
Argentina	13,5	13,0	13,0	134,8	126,2	126,2	9.985	9.706	9.706
Brasil	14,3	15,6	15,0	101,1	114,1	122,1	7.101	7.326	8.174
China	584,9	627,1	632,1	7.894,1	8.680,0	8.830,0	13.496	13.841	13.969
Rep. da Coreia	37,1	33,2	33,2	406,4	391,2	391,2	10.954	11.799	11.799
Egito	9,3	9,3	9,3	215,4	216,0	216,0	23.161	23.226	23.226
Espanha	24,0	22,7	23,5	179,0	177,0	188,9	7.458	7.797	8.038
Estados Unidos	14,3	13,3	13,5	266,6	256,3	260,0	18.643	19.313	19.259
Federação Russa	29,9	29,9	30,0	228,4	230,2	250,0	7.639	7.702	8.333
Índia	120,0	120,0	120,0	496,8	500,0	500,0	4.140	4.167	4.167
Tailândia	22,1	21,8	22,0	126,4	121,8	122,0	5.719	5.587	5.545
Turquia	15,0	15,0	15,0	103,0	110,0	110,0	6.867	7.333	7.333
Ucrânia	21,0	22,0	20,0	127,0	120,2	130,0	6.048	5.464	6.500

FONTE: FAO (jun/04).

da ordem de 1,268 bilhão de dólares. A China, a Argentina e a Espanha lideraram as vendas, contribuindo, no conjunto, com 88,2% do volume comercializado e 74,8% do valor transacionado, conforme mostram os dados da tabela 2.

Nas importações, observa-se que as maiores compras de alho foram efetua-

das pelos mercados da Indonésia, da Malásia, do Brasil e do Vietnã, enquanto os maiores desembolsos financeiros, por ordem de importância, ocorreram nos mercados da Malásia, dos Estados Unidos, da França e do Brasil, conforme visualizado na tabela 3.

TABELA 2/I - ALHO - QUANTIDADE E VALOR DAS EXPORTAÇÕES, TOTAL E PRINCIPAIS PAÍSES – 2000-2002

PAÍS	QUANTIDADE (t)			VALOR (US\$ 1000)		
	2000	2001	2002	2000	2001	2002
<b>Mundo</b>	<b>739.013</b>	<b>867.571</b>	<b>1.334.821</b>	<b>405.915</b>	<b>502.137</b>	<b>642.262</b>
Argentina	80.082	82.259	62.380	62.034	64.167	45.720
Chile	11.070	10.467	10.716	9.135	9.529	13.800
China	455.350	572.126	1.057.767	155.792	215.654	346.550
Emirados Árabes	8.000	4.150	10.691	4.900	1.800	5.617
Espanha	65.070	56.780	56.749	67.117	73.141	88.284
Estados Unidos	8.118	9.426	8.587	11.033	12.148	11.655
França	14.052	17.385	18.148	22.921	28.081	32.208
Itália	6.955	7.721	8.466	9.361	11.717	16.471
Malásia	10.711	13.357	21.516	4.578	5.543	6.689
México	17.745	17.472	12.012	22.620	31.738	26.696
Holanda	14.512	19.185	9.467	11.134	15.107	10.949

FONTE: FAO (jun/04).

TABELA 3/I - ALHO - QUANTIDADE E VALOR DAS IMPORTAÇÕES, TOTAL E PRINCIPAIS PAÍSES – 2000-2002

PAÍS	QUANTIDADE (t)			VALOR (US\$ 1000)		
	2000	2001	2002	2000	2001	2002
<b>Mundo</b>	<b>785.850</b>	<b>896.018</b>	<b>1.179.278</b>	<b>432.176</b>	<b>525.684</b>	<b>625.965</b>
Arábia Saudita	14.304	17.888	29.971	6.096	6.388	10.142
Bangladesh	7.100	8.200	37.602	2.000	2.700	10.967
Brasil	88.897	77.827	79.334	61.451	50.889	45.961
Colômbia	18.642	21.073	25.052	5.436	8.825	9.337
Emirados Árabes	20.000	27.300	43.453	8.800	8.500	18.593
Estados Unidos	28.709	36.550	48.159	30.266	44.462	53.749
Federação Russa	19.008	17.099	27.076	5.526	4.598	8.671
França	26.018	32.178	31.659	28.456	39.793	47.245
Índia	2.984	36.187	40.576	1.145	16.406	12.366
Indonésia	174.036	205.470	226.085	43.445	51.217	52.298
Japão	29.225	28.915	25.891	20.131	19.778	16.524
Malásia	55.056	67.567	89.450	17.452	26.708	27.334
Paquistão	12.341	15.766	25.461	4.092	5.548	9.793
Vietnã	16.300	5.000	67.371	2.200	680	13.607

FONTE: FAO (jun/04).

## Panorama Nacional

### Ano Agrícola 02/03

A produção brasileira de alho, embora pouco expressiva (com apenas 1% de participação no volume total dos países produtores), está em oitavo lugar no ranking mundial.

No ano agrícola 02/03, o produto obteve uma expansão de 8,3% na área plantada (15.580 ha), de 12% na produção (114.144 t) e 3,5% no rendimento médio (7.348 kg/ha), em relação aos dados do ano anterior. As maiores produções foram conseguidas pelos estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Santa Catarina, Goiás e Bahia, responsáveis por mais de 92% do volume produzido.

Quanto ao desempenho da atividade no ano, enquanto os estados da Região Sul enfrentaram condições de clima desfavoráveis, ocasionando alguns problemas que se refletiram no ganho de produtividade das lavouras, com conseqüente diminuição na produção, nas demais regiões produtoras do País a safra transcorreu dentro da normalidade.

Observa-se, nos anos mais recentes, que nos estados de Goiás, Bahia e Minas Gerais houve um incremento gradativo da área plantada, bem como aumento da produção. Isto está sendo possível graças à adoção de novas tecnologias pelo segmento produtivo, principalmente nos serviços de irrigação - através de pivô central -, do adensamento do plantio e do cultivo do alho vernalizado com sementes de qualidade.

Ressalta-se, ainda, que o período de colheita (agosto/setembro) nestes estados coincide com a entressafra na Região Sul e também na Argentina, fator que favorece, de certa forma, a comercialização da produção (Tabela 4).

O Brasil, apesar de possuir condições climáticas favoráveis, solos propícios para a exploração e mão-de-obra abundante, ainda não é auto-suficiente no abastecimento de alho. Apresenta uma demanda interna estimada entre 150 mil e 170 mil toneladas - distribuídas entre 130 mil e 140 mil toneladas destinadas para consumo humano e industrial e de 20 mil a 30 mil toneladas de sementes disponibilizadas para o plantio da safra subsequente. O déficit restante é suprido através da importação de alho, principalmente dos mercados argentinos e chineses.

O crescimento da produção nacional de alho tem sido uma busca constante do setor nos últimos anos, apesar de os mecanismos de política de mercado não terem atingido plenamente seus objetivos.

O volume das importações brasileiras, embora em 2001 tenha diminuído 10,9% em comparação com os dados do ano anterior, voltou a crescer novamente nos anos de 2002 e 2003, 55,9% e 15,4%, respectivamente.

Os argentinos, os chineses e os espanhóis são os nossos principais parceiros comerciais de alho, responsáveis por 64,6%, 27,6% e 6,8%, respectivamente, do volume comercializado no período de janeiro de 2000 a abril de 2004 (Tabela 5).

### Ano Agrícola 03/04

Ao se comparar os dados nacionais de alho, referentes ao ano agrícola 03/04 com os do ano anterior, verificou-se que houve um incremento de 7,0% na produção (122.133 t), recuperação nos ganhos de produtividade da lavoura de 11,6% (8.174 kg/ha) e queda de 4,1% na área plantada (14.942 ha), conforme dados disponibilizados pelo IBGE através do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (março de 2004).

**TABELA 4/1 – ALHO - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO NO BRASIL E NOS PRINCIPAIS ESTADOS – ANO AGRÍCOLA 01/02 - 03/04**

ESTADO	ÁREA COLHIDA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	01/02	02/03	03/04	01/02	02/03	03/04	01/02	02/03	03/04
Brasil	14.353	15.580	14.942	101.925	114.144	122.133	7.101	7.326	8.174
Bahia	1.394	1.558	1.666	11.872	13.167	13.903	8.516	8.451	8.345
Distrito Federal	323	324	300	2.711	2.936	2.700	8.393	9.062	9.000
Espírito Santo	414	414	272	2.673	3.003	1.834	6.457	7.254	6.743
Goiás	1.620	1.909	2.393	13.590	19.525	24.272	8.389	10.228	10.143
Minas Gerais	2.524	2.869	3.293	20.541	26.669	33.830	8.138	9.296	10.273
Paraná	691	740	700	3.333	3.700	3.208	4.823	5.000	4.583
Rio Grande do Sul	4.323	4.586	3.997	24.639	28.358	25.284	5.700	6.184	6.326
Santa Catarina	2.792	2.955	2.145	20.861	15.296	15.656	7.472	5.176	7.299
São Paulo	200	197	150	1.460	1.400	1.365	7.300	7.107	9.100

FONTE: IBGE (LSPA, abr/04).

TABELA 5/I - ALHO – QUANTIDADE E VALOR DAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR PAÍS DE ORIGEM – 2000 – 2004

ANO	ARGENTINA		CHINA		ESPANHA		BRASIL	
	VALOR (US\$1000)	QUANTIDADE (t)						
2000	56.565	36.074	13.325	8.580	16.520	10.794	88.807	57.092
2001	59.809	39.799	13.049	7.899	4.154	2.630	77.827	50.889
2002	25.635	41.658	16.577	31.274	3.191	5.515	45.961	79.334
2003	31.114	56.024	11.199	33.410	864	2.031	43.229	91.565
2004(1)	15.410	30.878	2.131	6.010	157	375	17.698	37.264

FONTE: Secex/Decex. Disponível em (<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>).

(1) Até abril de 2004.

Os trabalhos de colheita, nos estados produtores da Região Sul, encerraram-se, em dezembro de 2003, com uma expectativa de obtenção de cerca de 44,5 mil toneladas de bulbo – 6,8% a menos que no ano anterior. Esta queda é atribuída exclusivamente à menor área de plantio registrada nesta safra regional (de 17,4%), em virtude do péssimo resultado das vendas no ano anterior.

O volume de negócios realizados no mês de dezembro de 2003 e no primeiro quadrimestre de 2004 ficou abaixo da expectativa dos agentes do setor, contribuindo para que os preços permanecessem praticamente estáveis nos primeiros meses do ano. Todavia, manifestaram alguns sinais de reação, principalmente, a partir da segunda quinzena de maio, para os alhos de melhor calibre e tratados com antibrotante.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o volume das importações brasileiras de alho nos quatro primeiros meses deste ano atingiu 37,2 mil toneladas, 4,2% a mais que no mesmo período de 2003; o acumulado nos meses de janeiro e fevereiro já somava cer-

ca de 20 mil toneladas do produto, representando um acréscimo de 33,3% e 25,5%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2002 e 2003. Para se ter uma idéia da dificuldade do alhicultor nacional, somente o mercado argentino nesses dois meses aumentou 17,3% as vendas do produto em relação a igual período do ano passado. Aliás, trata-se de produto de má qualidade e barato, atingindo valores médios bem abaixo dos negociados em anos anteriores (10,8%).

Este comportamento contribuiu para que o produto nacional permanecesse estocado, aguardando uma possível reação nos preços de venda, muito pouco remuneradores, considerando-se os elevados custos da implantação da lavoura.

## Panorama Estadual

### Ano Agrícola 02/03

As lavouras catarinenses de alho, ano após ano, vêm perdendo espaço no cenário nacional, quer pela diminuição da área plantada, quer pelo menor ganho de produtividade.

No ano agrícola 02/03, embora as estatísticas assinalassem um incremento de 5,8% na área plantada (2.955 hectares), a produção obtida foi de apenas 15.296 toneladas - 26,7% menor em relação à do ano anterior; em consequência, o rendimento médio das lavouras foi de apenas 5.176 kg/ha (30,7% menor). Os fatores responsáveis pela frustração da produção foram as condições climáticas adversas - pouco frio na fase vegetativa da lavoura e excesso de chuva no período de colheita (Tabela 6).

Em 2003, os preços recebidos pelos produtores apresentaram-se pouco remuneradores, nivelando-se praticamente aos custos de produção; (Tabela 7 e Gráfico 1) o escoamento da safra catarinense encontrou sérias dificuldades na comercialização da produção. A baixa qualidade do produto e a expressiva oferta de alho importado comprometeram a saúde financeira dos segmentos produtivos e de comercialização estaduais.

Seria conveniente determinar procedimentos de políticas de mercado e estabelecer quotas para aquisição do produto importado nos períodos de maior concentração da comercialização do alho nacional; outrossim, fazer cumprir as regras de mercado

estabelecidas na Resolução 41, do Ministério do Comércio Exterior, de 19 de dezembro de 2001, que fixou como direito antidumping a taxa de US\$ 4,80/cx de 10 quilos de produto importado da China.

No entanto, a importação brasileira de alho e de outros produtos é uma realidade; na verdade, o volume de negócios continuará a se expandir por força de acordos bilaterais entre governos, que objetivam equilibrar a balança comercial através da entrada e saída de produtos e serviços.

O alhicultor catarinense precisa conscientizar-se de que a concorrência e a competitividade são contingências impostas pelo mercado e que a conquista de mais espaço para vender o seu produto só é possível graças à qualidade, à boa apresentação e a preços competitivos, os quais serão alcançados pela adesão ao uso de tecnologia moderna e pelo ganho gradual de rendimento por área cultivada.

Outro aspecto que merece mais atenção do produtor estadual diz respeito à menor participação catarinense no mercado do produto in natura. Cresce em todo o País a demanda por alho-semente, principalmente da Bahia, em detrimento da oferta

**TABELA 6/1 – ALHO – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO NAS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS DE SANTA CATARINA – ANO AGRÍCOLA 01/02 – 03/04**

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	ÁREA COLHIDA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	01/02	02/03	03/04	01/02	02/03	03/04	01/02	02/03	03/04
<b>Santa Catarina</b>	<b>2.792</b>	<b>2.955</b>	<b>2.145</b>	<b>20.861</b>	<b>15.296</b>	<b>15.656</b>	<b>7.472</b>	<b>5.176</b>	<b>7.299</b>
Campos de Lages	84	113	164	573	840	1.140	6.821	7.434	6.951
Curitibanos	2.157	2.375	1.659	17.778	12.074	12.860	8.242	5.084	7.752
Joaçaba	454	428	278	2.312	2.203	1.438	5.093	5.147	5.173
Demais	97	39	44	198	179	218	-	-	-

FONTE: IBGE.

**TABELA 7/I - ALHO - PREÇOS MÉDIOS MENSAIS RECEBIDOS PELO PRODUTOR - SANTA CATARINA - 2000-2004**  
(R\$/cx de 10 kg)

MÊS	2000	2001	2002	2003	2004(1)
Janeiro	20,00	23,00	29,50	-	-
Fevereiro	23,63	23,00	30,00	25,00	18,90
Março	22,00	23,24	30,00	25,00	22,12
Abril	22,39	24,00	33,24	26,67	20,50
Mai	26,27	24,00	44,00	27,00	20,50
Junho	28,00	24,00	44,00	15,89	20,40
Julho	-	24,00	-	-	-

FONTE: Instituto Cepa/SC.

da Região Sul. Alguns estados das Regiões Sudeste e Centro-Oeste têm investido com maior intensidade nestes aspectos, além de serem favorecidos por condições de clima mais bem definidos, propriedades maiores e mais bem estruturadas, que possibilitam ganhos gradativos por área plantada.

### Perspectivas para o Ano Agrícola 03/04

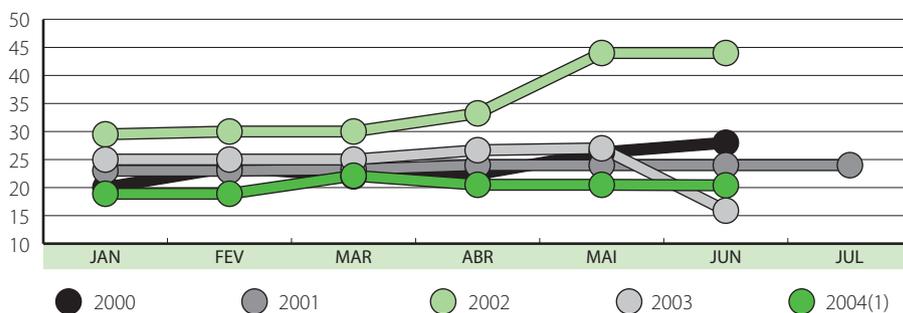
Ao se comparar os dados do ano agrícola 03/04 com os do ano anterior, observa-se, apesar da diminuição de 27,4% na área plantada, que poderá haver um aumento na produção estadual de 2,4%,

em função da reposição nos ganhos de produtividade (37,7%). Durante o desenvolvimento da lavoura, a quantidade de frio foi suficiente, enquanto a de chuva deixou a desejar, já que a necessidade hídrica foi suprida pela irrigação (cerca de 80% da área cultivada com alho no estado possui sistema de irrigação).

A lavoura caracterizou-se pela excelente qualidade da produção; aproximadamente 80% das lavouras colhidas foram classificadas em alho do tipo 4 e acima.

A comercialização da produção, entretanto, foi duplamente prejudicada pela “chegada” do alho chinês e do argentino no início do ano. O produto chinês, de boa qualidade, considerado melhor que o nacional, não seria o maior problema, pois não rebaixaria tanto os preços no mercado interno; o produto argentino, de má qualidade, é que acabou afetando e rebaixando as cotações do produto nacional. O consumidor, ao fazer as compras e supondo que alho é tudo igual, acaba optando pelo produto mais barato.

**GRÁFICO 1/I - ALHO - PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE SANTA CATARINA - 2000-2004**  
(R\$/cx/10 kg)



FONTE: Instituto Cepa/SC.

O produtor catarinense, mais uma vez, optou por comercializar a maior parte de sua produção, entre 55% e 65%, em saco, o que, de certa forma, também contribuiu para a baixa remuneração do produto. Esta forma de comercialização é uma tendência que vem se impondo e se acentuando nos últimos anos. Na década de oitenta e início da de noventa, eram poucos os produtores que optavam por vender a produção usando este tipo de procedimento.

No início de junho restava entre 10% e 15% da safra por comercializar (esta média não difere muito da média histórica para a época). Do produto remanescente disponível para vendas, cerca de 80% é tratado, o que lhe garante uma boa qualidade até o final de julho.

Os preços recebidos pelos agricultores têm-se apresentado em patamar bastante baixo, especialmente nesta temporada, revelando as mais baixas cotações dos últimos anos, conforme demonstrado na tabela 7 e gráfico 1.

*Luiz Marcelino Vieira*

# ARROZ

## Produção mundial volta a crescer em 2003 e tende a se firmar em 2004

O ano de 1999 ainda é um marco na produção mundial de arroz em casca, quando superou 611 milhões de toneladas.

O volume de produção de 2003 foi 4% menor, alcançando 589 milhões de toneladas, conquanto tenha sido 3% maior do que o de 2002.

Entre estas duas safras mundiais também foi de 4% o crescimento da área plantada. Com isto, nivelou a última delas ao montante de cinco anos atrás.

Muito semelhantes foram os índices de evolução do rendimento médio desta cultura, que decresceram quase 1% no último biênio e os mesmos 4% no quinquênio (Tabela 1).

O desempenho de 2003, tal qual o de anos anteriores, vem sendo afetado pelo persistente declínio das produções da China (-6% nos últimos dois anos e -17% em cinco anos), do Japão (-12,5% e -15%), da Coreia do Sul (-9,5% e -14%), do Brasil (-2,5% e -13%) e dos EUA (-6% e -3,5%) (Tabela 2).

TABELA 1/I – ARROZ – EVOLUÇÃO MUNDIAL DA PRODUÇÃO, ÁREA CULTIVADA E RENDIMENTO – 1999/2003

DISCRIMINAÇÃO	1999	2002	2003
Quantidade produzida (mil t)	611.340,8	569.526,6	589.125,8
Área cultivada (mil ha)	153.364,8	147.551,5	153.522,3
Rendimento (kg/ha)	3.986,2	3.859,8	3.837,4

DISCRIMINAÇÃO	2002/1999	2003/2002	2003/1999
Quantidade produzida (%)	(6,8)	3,4	(3,6)
Área cultivada (%)	(3,8)	4,0	0,1
Rendimento (%)	(3,2)	(0,6)	(3,7)

FONTE: FAO.

Não é demais lembrar que os chineses produzem 28% da produção mundial (166,4 milhões de toneladas) e os outros países que aqui lhe fazem companhia, juntos, 6,5%.

A Índia, segundo maior produtor, com 22,5% do total, recuperou-se largamente do revés sofrido na safra 02, ao crescer os mesmos 22,5%.

Ainda assim ficou aquém da quantidade produzida na safra 99 (-2%), com forte alternância entre boas e más colheitas.

Afora o baixo crescimento da Indonésia, os demais países asiáticos de maior produção expandiram-na consideravelmente no quinquênio – Vietnã, Bangladesh e Tailândia, em torno de 10% e, Mianmar e Filipinas, de 20%.

TABELA 2/I - ARROZ- QUANTIDADE PRODUZIDA NOS DEZ PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES - 1999/2003

PAÍSES	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)			EVOLUÇÃO %		PART. % PAÍSES
	1999	2002	2003	2003/2002	2003/1999	2003
China	200.403.308	176.342.195	166.417.000	(17,0)	(5,6)	28,2
Índia	134.495.904	107.600.096	132.013.000	(1,8)	22,7	22,4
Indonésia	50.866.388	51.489.696	52.078.832	2,4	1,1	8,8
Bangladesh	34.430.000	37.851.000	38.060.000	10,5	0,6	6,5
Vietnã	31.393.800	34.447.200	34.518.600	10,0	0,2	5,9
Tailândia	24.172.000	26.057.000	27.000.000	11,7	3,6	4,6
Mianmar	20.126.038	22.780.000	24.640.000	22,4	8,2	4,2
Filipinas	11.786.600	13.270.653	14.031.000	19,0	5,7	2,4
Brasil	11.709.700	10.457.100	10.198.900	(12,9)	(2,5)	1,7
Japão	11.468.800	11.111.000	9.740.000	(15,1)	(12,3)	1,7
EUA	9.343.954	9.568.996	9.033.610	(3,3)	(5,6)	1,5
Coréia do Sul	7.032.757	6.687.225	6.068.000	(13,7)	(9,3)	1,0
Egito	5.816.960	5.600.000	5.800.000	(0,3)	3,6	1,0
Nigéria	3.277.000	3.192.000	4.952.000	51,1	55,1	0,8
<b>Principais Países</b>	<b>556.323.209</b>	<b>516.454.161</b>	<b>534.550.942</b>			
<b>Percentual Principais Países</b>	<b>91,0</b>	<b>90,7</b>	<b>90,7</b>			
<b>Mundo</b>	<b>611.340.811</b>	<b>569.526.642</b>	<b>589.125.843</b>	<b>(3,6)</b>	<b>3,4</b>	<b>100</b>

FONTE: FAO.

Por outro lado, o esforço dos países asiáticos de superar seus atuais níveis de produtividade só não tem conseguido resultados mais efetivos nos dois maiores produtores mundiais, China (-2% em dois anos e -4% em cinco), Índia (-7,5% e 12%), além de Japão (-11% e -9%) e Coréia do Sul (-5,5% e -9%).

Crescimento notável teve a produção nigeriana (55% sobre a safra 02 e 51% sobre a safra 99), fundada na expansão de área plantada (57% no primeiro período e 124% no segundo) (Tabelas 2 e 3).

Sua produtividade média, que já era a mais baixa do grupo de países de maior produção (1,1 tonelada por hectare), segue caindo (-1,5% em dois anos e -32,5% em cinco).

No outro extremo, encontram-se Austrália, Egito e Grécia, cujos rendimentos médios na safra 03 foram de 10,3, 9,4 e 7,95 toneladas por hectare, respectivamente.

Os EUA detêm a maior média dos maiores países produtores, superando 7,4 toneladas por hectare, apesar de crescerem apenas 1% no último biênio, mas 13,5% no quinquênio em foco.

No Brasil, a contração de produtividade correu por conta das adversidades climáticas da safra 03, uma vez que vem crescendo lenta e persistentemente, somando 5,5% (Tabela 4).

Este comportamento da produção e produtividade mundiais vem acontecendo num contexto de leve ascensão do consumo mundial do cereal. Com efeito, cresceu pouco mais

TABELA 3/I – ARROZ – ÁREA CULTIVADA NOS DEZ PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES – 1999/2003

PAÍS	ÁREA CULTIVADA (ha)			EVOLUÇÃO %		PART % PAÍSES
	1999	2002	2003	2003/2002	2003/1999	2003
Índia	41.561.700	40.101.700	44.000.000	5,9	9,7	28,7
China	31.637.100	28.508.800	27.398.000	(13,4)	(3,9)	17,8
Indonésia	11.963.204	11.521.166	11.477.357	(4,1)	(0,4)	7,5
Bangladesh	10.712.955	11.059.000	11.100.000	3,6	0,4	7,2
Tailândia	9.969.920	9.988.090	11.000.000	10,3	10,1	7,2
Vietnã	7.653.600	7.504.300	7.449.300	(2,7)	(0,7)	4,9
Mianmar	6.210.787	6.200.000	6.650.000	7,1	7,3	4,3
Nigéria	2.191.000	3.116.000	4.900.000	123,6	57,3	3,2
Filipinas	3.999.839	4.046.318	4.094.000	2,4	1,2	2,7
Brasil	3.813.270	3.145.870	3.149.680	(17,4)	0,1	2,1
Japão	1.788.000	1.688.000	1.665.000	(6,9)	(1,4)	1,1
EUA	1.421.271	1.297.840	1.212.860	(14,7)	(6,5)	0,8
Coréia do Sul	1.066.200	1.053.186	1.013.000	(5,0)	(3,8)	0,7
Egito	655.210	612.616	615.000	(6,1)	0,4	0,4
<b>Principais Países</b>	<b>134.644.056</b>	<b>129.842.886</b>	<b>135.724.197</b>			
<b>Percentual Principais Países</b>	<b>87,8</b>	<b>88,0</b>	<b>88,4</b>			
<b>Mundo</b>	<b>153.364.794</b>	<b>147.551.510</b>	<b>153.522.318</b>	<b>0,1</b>	<b>4,0</b>	<b>100,0</b>

FONTES: FAO.

TABELA 4/I – ARROZ – RENDIMENTO MÉDIO NOS DEZ PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES – 1999/2003

PAÍS	RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)			EVOLUÇÃO %	
	1999	2002	2003	2003/2002	2003/1999
Austrália	9.161,5	8.606,7	10.289,5	12,3	19,6
Egipto	8.878,0	9.141,1	9.430,9	6,2	3,2
Grécia	7.216,3	7.526,1	7.954,5	10,2	5,7
EUA	6.574,4	7.373,0	7.448,2	13,3	1,0
Espanha	7.538,8	7.225,0	7.276,6	(3,5)	0,7
Itália	6.463,5	6.270,0	6.181,0	(4,4)	(1,4)
China	6.334,4	6.185,5	6.074,1	(4,1)	(1,8)
Coréia do Sul	6.596,1	6.349,5	5.990,1	(9,2)	(5,7)
Japão	6.414,3	6.582,3	5.849,8	(8,8)	(11,1)
Vietnã	4.101,8	4.590,3	4.633,8	13,0	0,9
Indonésia	4.251,9	4.469,1	4.537,5	6,7	1,5
Mianmar	3.240,5	3.674,2	3.705,3	14,3	0,8
Bangladesh	3.213,9	3.422,6	3.428,8	6,7	0,2
Filipinas	2.946,8	3.279,7	3.427,2	16,3	4,5
Brasil	3.070,8	3.324,1	3.238,1	5,4	(2,6)
Índia	3.236,1	2.683,2	3.000,3	(7,3)	11,8
Tailândia	2.424,5	2.608,8	2.454,5	1,2	(5,9)
Nigéria	1.495,7	1.024,4	1.010,6	(32,4)	(1,3)
<b>Mundo</b>	<b>3.986,2</b>	<b>3.859,8</b>	<b>3.837,4</b>	<b>(3,7)</b>	<b>(0,6)</b>

FONTE: FAO

de 1%, entre as duas últimas safras e pouco menos de 4% desde 99/00.

Ademais, a queda progressiva da produção de arroz beneficiado em proporção um pouco maior (5,5%) vem provocando redução nos estoques mundiais do produto, mais intensa a partir de 01/02.

No corrente ano, deve superar 591 milhões de toneladas de arroz em casca, um levíssimo aumento (0,5%) sobre a de 2003.

A se confirmar esta estimativa, o comércio mundial deve sofrer pequena contração, depois de ter alcançado, em 2003, 28 milhões de toneladas.

Isto porque, para o corrente ano, se espera aumento da produção de vários países asiáticos e do Brasil.

## A produção do Mercosul ainda é insuficiente para o mercado brasileiro

A produção de arroz nos países que compõem esse bloco econômico vem seguindo, em linhas gerais, a mesma dinâmica imperante em âmbito mundial.

Até o ano de pico produtivo, foi o mesmo, 1999, quando somou pouco mais de 14,8 milhões de toneladas.

Na safra 02/03, esta quantidade baixou para 12,3 milhões de toneladas (-17%), quantia muito próxima da produção da safra 02 (0,5%) (Tabela 5).

A produtividade pouco avançou nesses cinco anos (2,5%), tendo declinado quase 1% entre as safras 01/02 e 02/03.

TABELA 5/I – ARROZ – QUANTIDADE PRODUZIDA – PAÍSES DO MERCOSUL – 1999/2003

PAÍS	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)			EVOLUÇÃO %		PART % PAÍSES - 2003	
	1999	2002	2003	2003/2002	2003/1999	MUNDO	MERCOSUL
Mundo	611.340.811	569.526.642	589.125.843	(3,6)	3,4	100,0	
Mercosul	14.824.215	12.215.011	12.271.500	0,5	(17,2)	2,1	100,0
Brasil	11.709.700	10.457.100	10.198.900	(12,9)	(2,5)	1,7	83,1
Uruguai	1.328.222	939.489	1.250.000	(5,9)	33,1	0,2	10,2
Argentina	1.658.200	713.449	717.600	(56,7)	0,6	0,1	5,8
Paraguai	128.093	104.973	105.000	(18,0)	0,0	0,0	0,9

FONTE: FAO.

O total de área cultivada recuou quase 20% em cinco anos, mas cresceu 1% entre as duas últimas safras.

Os quatro estados-membros evoluíram de maneira diferenciada entre si, embora, (todos eles tivessem reduzido) no quinquênio considerado, sua área cultivada e seu volume de produção.

Somente Brasil e Uruguai elevaram seu rendimento médio (5,5% e 3%, respectivamente).

Este país vizinho, aliás, teve seu crescimento mais intenso entre as safras 02 e 03; entretanto, 12% em rendimento, 19% em área e 33% em produção.

Foi, porém, a produção argentina de arroz que sofreu os maiores revezes.

Teve sua área plantada reduzida em 54% e seu rendimento, em 6%, resultando num volume de produção 57% inferior ao de 1999 (Tabela 6).

Esta perda de rendimento teve em sua raiz ocorrências climáticas desfavoráveis durante a safra 03, que limitaram o crescimento da produção a quase 1% em uma área que se expandiu 7% (Tabela 7). Do total produzido por ambos os países platinos, cerca de 564 mil toneladas do arroz uruguaio e 187 mil toneladas do argentino direcionaram-se ao mercado brasileiro.

Somada ao pequeno montante da produção paraguaia (3,5 mil toneladas), a participação dos países hispânicos do Mercosul no suprimento do mercado brasileiro de arroz ficou por volta de 755 mil toneladas. É uma quantia equivalente a menos de 60% do total das importações brasilei-

TABELA 6/I – ARROZ – ÁREA CULTIVADA – PAÍSES DO MERCOSUL – 1999/2003

PAÍS	ÁREA CULTIVADA (ha)			EVOLUÇÃO %		PART % PAÍSES - 2003	
	1999	2002	2003	2003/2002	2003/1999	MUNDO	MERCOSUL
Mundo	153.364.794	147.551.510	153.522.318	0,1	4,0	100,0	
Mercosul	4.338.329	3.457.298	3.500.070	(19,3)	1,2	2,3	100,0
Brasil	3.813.270	3.145.870	3.149.680	(17,4)	0,1	2,1	90,0
Uruguai	208.089	160.234	190.000	(8,7)	18,6	0,1	5,4
Argentina	289.200	124.168	132.890	(54,0)	7,0	0,1	3,8
Paraguai	27.770	27.026	27.500	(1,0)	1,75	0,02	0,8

FONTE: FAO.

TABELA 7/I - ARROZ - RENDIMENTO MÉDIO - PAÍSES DO MERCOSUL - 1999/2003

PAÍS	RENDIMENTO MÉDIO (Kg/ha)			EVOLUÇÃO %	
	1999	2002	2003	2003/2002	2003/1999
Mundo	3.986,2	3.859,8	3.837,4	(3,7)	(0,6)
Mercosul	3.417,0	3.533,1	3.506,1	2,6	(0,8)
Uruguai	6.383,0	5.863,2	6.578,9	3,1	12,2
Argentina	5.733,7	5.745,8	5.400,0	(5,8)	(6,0)
Paraguai	4.612,6	3.884,1	3.818,2	(17,2)	(1,70)
Brasil	3.070,8	3.324,1	3.238,1	5,4	(2,6)

FONTE: FAO.

ras de 2003, sendo 21% menor do que a de 1999 e 20% inferior à de 2002.

Portanto, o montante disponível para abastecer o mercado brasileiro em 2003 foi de aproximadamente 11 milhões de tonela-

das, enquanto o consumo nacional gira em torno de 12 milhões a 13 milhões de toneladas (Tabela 8).

Este déficit foi coberto principalmente pelas exportações norte-americanas.

TABELA 8/I - ARROZ - IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS, POR PAÍSES DE ORIGEM - 1999/ 2003

(t)

ANO	TIPO DE ARROZ	URUGUAI	ARGENTINA	PARAGUAI	MERCOSUL	TOTAL IMPORTADO	MERCOSUL/ TOTAL (%)
1999	Com casca	100.231	316.468	1.685	418.384	637.577	65,6
	Beneficiado	333.031	199.534		532.565	566.055	94,1
	Partido ou quirera	3.504	278		3.782	3.785	99,9
	<b>Subtotal</b>	<b>436.766</b>	<b>516.280</b>	<b>1.685</b>	<b>954.731</b>	<b>1.207.417</b>	<b>79,1</b>
2000	Com casca	-	175.776	24.351	200.127	200.206	100,0
	Beneficiado	417.671	85.216		502.887	527.102	95,4
	Partido ou quirera	1.616	409		2.025	2.025	100,0
	<b>Subtotal</b>	<b>419.287</b>	<b>261.401</b>	<b>24.351</b>	<b>705.039</b>	<b>729.333</b>	<b>96,7</b>
2001	Com casca	30.022	177.798	11.890	219.710	219.715	100,0
	Beneficiado	475.892	65.214	2.970	544.076	545.198	99,8
	Partido ou quirera	11.365	6		11.371	11.371	100,0
	<b>Subtotal</b>	<b>517.279</b>	<b>243.018</b>	<b>14.860</b>	<b>775.157</b>	<b>776.284</b>	<b>99,9</b>
2002	Com casca	84.998	121.783	7.797	214.578	221.102	97,0
	Beneficiado	346.755	57.842	2.079	406.676	407.501	99,8
	Partido ou quirera	10.422	300	-	10.722	10.722	100,0
	<b>Subtotal</b>	<b>442.175</b>	<b>179.925</b>	<b>9.876</b>	<b>631.976</b>	<b>639.325</b>	<b>98,9</b>
2003	Com casca	138.263	43.840	1.487	183.590	650.152	28,2
	Beneficiado	421.436	143.072	1.998	566.506	638.973	88,7
	Partido ou quirera	4.343	250		4.593	4.636	99,1
	<b>Subtotal</b>	<b>564.042</b>	<b>187.162</b>	<b>3.485</b>	<b>754.689</b>	<b>1.293.761</b>	<b>58,3</b>

FONTE: Conab.

Para a safra 03/04, tem-se como certo um aumento substancial da produção, especialmente no Brasil e na Argentina.

Nosso país alcançou produção recorde, em torno de 13 milhões de toneladas; o vizinho platino deve crescer 39%, alcançando um milhão de toneladas.

### Brasil: produção recorde e conjuntura favorável mantém preços elevados

Todo esse volume de produção, agregado a 360 mil toneladas estocadas e a quase 760 mil toneladas importadas, conformou um quadro de suprimento interno 10% superior ao consumo nacional, foi calculado em 12,6 milhões de toneladas (Tabela 9).

A safra 03/04 ultrapassou a que lhe antecedeu em 25% e a de 1999, em 10%.

Com isso, reverteu a tendência de queda progressiva da produção nacional, imperante pelo menos nos últimos seis anos (Tabela 10). Isto, em que pesem algumas incidências climáticas desfavoráveis que acarretaram algum nível de prejuízo na produção nas várias macrorregiões brasileiras.

Registraram-se excessos hídricos nas regiões produtoras do Norte, Nordeste e em Mato Grosso - neste estado, a produção arrozeira ainda sofreu com a ocorrência de pragas e doenças.

No Mato Grosso do Sul, ao contrário, foi a estiagem que maltratou os cultivos.

Rio Grande do Sul e Santa Catarina tiveram dois tipos de perdas.

Uma delas, de menor monta, foi provocada pela incidência de chuvas de granizo na região de Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul, em abril último.

TABELA 9/I – ARROZ – BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA – BRASIL – SAFRAS 99/00 a 03/04 (1000 t)

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
99/00	1.470,0	11.423,1	936,5	13.829,6	11.850,0	21,1	1.958,5
00/01	1.958,5	10.386,0	951,6	13.296,1	11.950,0	24,4	1.321,7
01/02	1.321,7	10.626,1	737,3	12.685,1	12.000,0	21,9	663,2
02/03	663,2	10.367,1	1.601,6	12.631,9	12.250,0	23,5	358,4
03/04	358,4	12.700,4	800,0	13.858,8	12.600,0	100,0	1.158,8

FONTE: Conab (jun/04).

TABELA 10/I – ARROZ – EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO, ÁREA CULTIVADA E RENDIMENTO NO BRASIL – 1999/2004

DISCRIMINAÇÃO	1999	2002	2003	2004	2004/2003 (%)	2004/1999 (%)
Quantidade Produzida (mil t)	11.782,7	10.472,1	10.319,9	12.952,7	25,5	9,9
Área Cultivada (mil ha)	3.840,0	3.148,3	3.186,8	3.659,7	14,8	(4,7)
Rendimento (kg/ha)	3.068,4	3.326,3	3.238,3	3.539,3	9,3	15,3

FONTE: FAO.

Outra, de maior repercussão, resultou da “ação” do furacão “Catarina” no litoral norte gaúcho e, mais intensamente, no sul catarinense.

Esta última região, produtora de cerca da metade da área total semeada com irrigado em Santa Catarina, teve quase 10 mil hectares (15% do total semeado) afetados - o que acarretou perdas em torno de 64 mil toneladas, ou 6% da produção estadual.

Estes tropeços não impediram o crescimento generalizado da produção de arroz nas várias macrorregiões brasileiras, até na Sudeste, onde a cultura tem recuado sistematicamente (-28% desde 1999 e +9% entre as safras 02/03 e 03/04).

De sinal contrário vem sendo a evolução da cultura nas demais grandes regiões brasileiras, sendo a Norte a mais dinâmica ao crescer 22% no período 1999-2004 e 10% entre as duas últimas safras.

O predomínio da produção paraense (43% da total) não esconde o crescimento generalizado deste cultivo na Amazônia.

As demais regiões, com exceção da Nordeste, que não passou de 4%, cresceram um pouco acima de 10% nestes seis anos.

Os estados-pólo da produção nacional, porém, continuam sendo o Rio Grande do Sul (48%) e Mato Grosso (15,5%).

O primeiro, recuperou-se largamente das perdas sofridas na safra 02/03, em consequência às adversidades climáticas ocorridas durante o desenvolvimento da cultura.

Foram Mato Grosso e Goiás os estados que mais expandiram sua produção (59% e 50%, respectivamente) entre as duas últimas safras.

No pólo oposto estão Piauí e Santa Catarina, que perderam, no mesmo biênio, respectivamente, 13,5% e 4% da produção.

Entretanto, nos últimos seis anos, a quantidade produzida no País teve maior ímpeto no Pará (42%), em Santa Catarina (31,5%) e no Maranhão (26,5%).

Os dois estados maiores produtores cresceram 10%.

Minas Gerais e Piauí, ao contrário, tiveram queda acentuada de produção (-31% e -26,5%, respectivamente) (Tabela 11).

Em termos de produtividade, apenas o Piauí decresceu no período de seis anos (-20%).

No outro extremo, o Pará cresceu 46,5%.

Os três estados do Centro-Oeste e Minas Gerais tiveram ganhos de produtividade na faixa de 20%.

Neste aspecto, Maranhão (9,5%), Santa Catarina (9,5%) e Rio Grande do Sul (5,5%) tiveram crescimento de menor monta (Tabela 13).

Estes números, portanto, apontam para um aporte de tecnologia um tanto generalizado, com destaque para o Pará.

Saliente-se que, embora todos esses estados tenham aumentado suas áreas de cultivo nos últimos dois anos,

TABELA 11/I - ARROZ - PRODUÇÃO BRASILEIRA E NOS PRINCIPAIS ESTADOS - 1999/2004

ESTADO	PRODUÇÃO (t)				EVOLUÇÃO %		PART % ESTADOS
	1999	2002	2003	2004	1999/ 2004	2003/ 2004	2004
Rio Grande do Sul	5.630.077	5.477.134	4.697.123	6.208.716	10,3	32,2	47,9
Mato Grosso	1.811.114	1.198.558	1.255.634	1.996.840	10,3	59,0	15,4
Santa Catarina	758.837	922.860	1.034.558	997.000	31,4	(3,6)	7,7
Maranhão	643.246	629.356	689.051	812.689	26,3	17,9	6,3
Pará	416.783	404.444	584.827	590.660	41,7	1,0	4,6
Tocantins	434.777	309.455	382.435	422.566	(2,8)	10,5	3,3
Goiás	352.135	212.812	244.131	367.138	4,3	50,4	2,8
Mato Grosso do Sul	261.516	213.260	238.588	246.776	(5,6)	3,4	1,9
Minas Gerais	305.216	212.122	190.919	211.860	(30,6)	11,0	1,6
Piauí	229.797	89.917	195.617	169.209	(26,4)	(13,5)	1,3
Demais estados	939.164	802.175	807.042	929.199	(1,1)	15,1	7,2

FONTE: IBGE.

apenas Maranhão (15%) e Rio Grande do Sul (5%) seguiram crescendo nos seis anos.

As quedas mais acentuadas de área ocorreram em Minas Gerais (-42,5%), no conjunto dos estados com menor produção (-26%), no Mato Grosso do Sul (-23%) e em Goiás (-16%) (Tabela 12).

O novo patamar de produção nacional tende a se consolidar por estar alicerçado

na incorporação de tecnologia, embora a expansão de área tenha sido igualmente expressiva.

Mais precisamente, o crescimento da produtividade média nacional deste cereal, em que pese serem ainda baixos seus atuais patamares, foi de 9,5% entre as duas últimas safras e de 15,5% desde 1999; o da área cultivada foi 15% maior nesta do que na penúltima safra, mas 5% menor do que na de 1999 (Tabela 13).

TABELA 12/I - ARROZ - ÁREA COLHIDA NOS PRINCIPAIS ESTADOS BRASILEIROS - 1999/2004

ESTADO	ÁREA COLHIDA (ha)				EVOLUÇÃO %		PART % ESTADOS
	1999	2002	2003	2004	1999/2004	2003/2004	2004
Rio Grande do Sul	989.562	981.322	961.760	1.035.709	4,7	7,7	28,3
Mato Grosso	752.089	440.229	449.805	694.865	(7,6)	54,5	19,0
Maranhão	447.214	478.992	496.233	515.492	15,3	3,9	14,1
Pará	301.680	229.832	289.514	292.100	(3,2)	0,9	8,0
Goiás	196.558	111.492	114.894	164.790	(16,2)	43,4	4,5
Tocantins	166.937	138.756	138.365	162.135	(2,9)	17,2	4,4
Santa Catarina	126.492	137.340	143.670	151.800	20,0	5,7	4,1
Piauí	160.053	154.006	140.020	147.873	(7,6)	5,6	4,0
Minas Gerais	161.491	97.810	87.798	93.217	(42,3)	6,2	2,5
Mato Grosso do Sul	68.904	49.168	49.332	53.148	(22,9)	7,7	1,5
Demais estados	469.061	329.306	315.431	348.537	(25,7)	10,5	9,5

FONTE: IBGE.

TABELA 13/I - ARROZ - RENDIMENTO MÉDIO NOS PRINCIPAIS ESTADOS BRASILEIROS - 1999/2004

ESTADO	RENDIMENTO MÉDIO (Kg/ha)				EVOLUÇÃO %	
	1999	2002	2003	2004	1999/2004	2003/2004
Santa Catarina	5.999,1	6.719,5	7.200,9	6.567,9	9,5	(8,8)
Rio Grande do Sul	5.689,5	5.581,4	4.883,9	5.994,7	5,4	22,7
Mato Grosso do Sul	3.795,4	4.337,4	4.836,4	4.643,2	22,3	(4,0)
Mato Grosso	2.408,1	2.722,6	2.791,5	2.873,7	19,3	2,9
Tocantins	2.604,4	2.230,2	2.764,0	2.606,3	0,1	(5,7)
Minas Gerais	1.890,0	2.168,7	2.174,5	2.272,8	20,3	4,5
Goiás	1.791,5	1.908,8	2.124,8	2.227,9	24,4	4,9
Pará	1.381,5	1.759,7	2.020,0	2.022,1	46,4	0,1
Maranhão	1.438,3	1.313,9	1.388,6	1.576,5	9,6	13,5
Piauí	1.435,8	583,9	1.397,1	1.144,3	(20,3)	(18,1)
Demais estados	3.216,7	3.430,3	3.313,0	3.631,2	12,9	9,6

FONTE: IBGE.

Tais incrementos de área e tecnologia produtiva foram impulsionados de modo mais imediato pela permanência dos preços nacionais em níveis elevados.

Esta, por sua vez, foi motivada pela redução da produção nacional das safras 02/03, pelo baixo volume de estoque de passagem e pela duplicação das importações brasileiras de 2003.

Outros fatores concorreram para demarcar o contexto de mercado do grão ao longo de 2003.

Um deles é a elevação dos patamares de preços mundiais, decorrente da redução progressiva dos estoques mundiais, ou, ao inverso, da incapacidade dos países de maior consumo de promoverem o aumento de sua produção interna.

Outra é a forte organização e mobilização de toda a cadeia produtiva e dos produtores em particular, o que lhes vem permitindo, entre outras ações, escalar a oferta da produção.

Um terceiro fator é o conjunto de medidas do governo federal, fortalecendo os mecanismos de comercialização e de sustentação dos preços, tanto para a produção arrozeira empresarial como para a familiar.

Um quarto fator, intimamente ligado aos anteriores, é a elevação do nível de capitalização de um grande número de produtores, que lhes tem possibilitado, por exemplo, investir em infra-estrutura (aí incluídos os armazéns) e diversificar o cultivo, especialmente com soja, entre os gaúchos e os mato-grossenses.

Soma-se a estes outro fator de pressão sobre a oferta do produto no mercado interno: o tamanho da safra do Mercosul, um pouco superior à do ano passado.

Como resultado da atuação de todos estes elementos de pressão sobre a oferta e a demanda, o comportamento do arroz pautou-se pelo baixo dinamismo dos negócios, pela manutenção dos preços em patamares relativamente elevados, além do conseqüente rebaixamento dos níveis de demanda.

A influir nas intenções de plantio da próxima safra, há uma única indicação de mudança na conjuntura. Refere-se às indicações de aumento dos níveis de consumo de alimentos em geral, motivado pelo crescimento conjugado do montante de empregos no País e da produção industrial e pela crescente demanda do programa Fome Zero, além de outros programas sociais do governo federal.

### Santa Catarina: clima adverso diminui um pouco a safra

A produção arrozeira catarinense, após vir crescendo ano a ano - pelo menos desde 1999 -, alcançou 1,02 milhão de toneladas na safra passada.

A última safra colhida, porém, sofreu uma quebra de pouco mais de 1%.

Assim, mal ultrapassou um milhão de toneladas – uma pequena variação na estimativa até então difundida (997 mil toneladas).

Sua produtividade média sofreu inflexão de 7,5%, ficando um pouco abaixo de sete mil quilos por hectare.

Deveu-se às conseqüências de fenômenos atmosféricos mais acentuados nas microrregiões de Araranguá e Joinville (Tabela 16).

Sua área colhida, ao contrário, elevou-se 6%, em virtude dos fortes acréscimos de área em Criciúma (24%) e nas regiões de pequena expressão produtiva (15%).

Desde seis anos atrás, porém, todos os números são positivos.

De fato, num horizonte de tempo de seis anos, a produção estadual do irrigado cresceu 36%; seu rendimento médio, 8% e a área colhida, 26%.

Foi mais intensa nas microrregiões de menor produção (159%), na de Itajaí (70%) e Tubarão (63%).

Em Criciúma e Blumenau, o crescimento da produção fica na casa de 40%; nas outras três, em torno de 20%.

TABELA 14/I – ARROZ IRRIGADO – QUANTIDADE PRODUZIDA NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS – SANTA CATARINA – 1999-2004

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	PRODUÇÃO (t)						EVOLUÇÃO %		PART % MRG
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2004/1999	2004/2003	2004
Araranguá	246.540	245.204	283.685	297.957	336.300	292.826	18,8	(12,9)	33,0
Joinville	133.776	132.596	147.404	149.011	168.284	161.286	20,6	(4,2)	16,5
Tubarão	89.825	100.457	110.206	124.070	135.435	146.093	62,6	7,9	13,3
Criciúma	91.020	93.529	98.660	91.431	120.773	133.978	47,2	10,9	11,9
Rio Do Sul	70.168	76.013	82.939	83.164	85.353	86.894	23,8	1,8	8,4
Itajaí	44.311	52.295	61.153	69.286	76.805	75.385	70,1	(1,8)	7,5
Blumenau	50.180	60.250	63.324	68.154	69.316	72.141	43,8	4,1	6,8
Outras	12.519	16.355	17.150	20.330	25.485	32.419	159,0	27,2	2,5
<b>Santa Catarina</b>	<b>738.339</b>	<b>776.699</b>	<b>864.521</b>	<b>903.403</b>	<b>1.017.751</b>	<b>1.001.022</b>	<b>35,6</b>	<b>(1,6)</b>	<b>100,0</b>

FONTE: IBGE.

TABELA 15/I – ARROZ IRRIGADO – ÁREA COLHIDA NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS – SANTA CATARINA – 1999-2004

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	ÁREA COLHIDA (ha)						EVOLUÇÃO %		PART % MRG
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2004/1999	2004/2003	2004
Araranguá	39.195	42.270	43.970	45.950	47.790	49.200	25,5	3,0	35,5
Tubarão	15.100	16.870	17.210	18.210	18.880	20.322	34,6	7,6	14,0
Joinville	19.817	18.745	18.312	18.563	18.765	20.296	2,4	8,2	13,9
Criciúma	14.258	15.248	15.560	14.533	17.098	19.693	38,1	15,2	12,7
Rio do Sul	9.195	9.825	10.382	10.521	10.697	10.940	19,0	2,3	7,9
Blumenau	7.224	8.372	8.537	8.647	8.647	8.797	21,8	1,7	6,4
Itajaí	6.775	7.887	8.795	8.016	8.615	8.744	29,1	1,5	6,4
Outras	2.287	3.291	3.292	3.749	4.163	5.160	125,6	23,9	3,1
<b>Santa Catarina</b>	<b>113.851</b>	<b>122.508</b>	<b>126.058</b>	<b>128.189</b>	<b>134.655</b>	<b>143.152</b>	<b>25,7</b>	<b>6,3</b>	<b>100,0</b>

FONTE: IBGE.

A evolução do rendimento médio do cultivo mostrou-se negativa (-5,5%) em virtude da forte perda desta última safra (-15,5%).

A microrregião de Itajaí cresceu mais de 30%; as de Tubarão, Blumenau e Joinville (mesmo perdendo 11,5% de produtividade) elevaram-na de 15% a 20% (Tabela 15).

Em termos de área colhida, nesse mesmo período de seis anos o ritmo de crescimento foi destacado nas regiões de menor produção (126%) e ficou en-

tre 35% e 38% nas microrregiões sulinas de Criciúma e Tubarão.

Nas demais, situou-se entre 20% e 30%.

Apenas a região de Joinville mostrou crescimento muito pouco expressivo de produtividade (Tabela 16).

Estas perdas circunstanciais, conjugadas à expectativa de situação favorável de mercado, tendem a elevar novamente os índices da nova safra (04/05).

TABELA 16/I – ARROZ IRRIGADO – RENDIMENTO MÉDIO NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS – SANTA CATARINA – 1999-2004

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)						EVOLUÇÃO %	
	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2004/1999	2004/2003
Joinville	6.750,6	7.073,7	8.049,6	7.129,0	8.967,0	7.946,7	17,7	(11,4)
Itajaí	6.540,4	6.630,5	6.953,2	6.979,0	8.915,0	8.621,3	31,8	(3,3)
Blumenau	6.946,3	7.196,6	7.417,6	7.475,0	8.016,0	8.200,6	18,1	2,3
Rio do Sul	7.631,1	7.736,7	7.988,7	7.786,0	7.979,0	7.942,8	4,1	(0,5)
Tubarão	5.948,7	5.954,8	6.403,6	6.970,0	7.173,0	7.188,9	20,8	0,2
Criciúma	6.383,8	6.133,9	6.340,6	5.927,0	7.063,0	6.803,3	6,6	(3,7)
Araranguá	6.290,1	5.800,9	6.451,8	6.181,0	7.037,0	5.951,7	(5,4)	(15,4)
Outras	5.474,0	4.969,6	5.209,6	5.422,8	6.121,8	6.282,8	14,8	2,6
<b>Santa Catarina</b>	<b>6.485,1</b>	<b>6.340,0</b>	<b>6.858,1</b>	<b>7.047,4</b>	<b>7.558,0</b>	<b>6.992,7</b>	<b>7,8</b>	<b>(7,5)</b>

FONTE: IBGE (LSPA, dez/99, dez/00, dez/01 e jun/04).

Cesar A. Freyesleben Silva

# BANANA

## Importância Econômica

A banana é uma fruta tropical, cultivada nas regiões quentes do mundo, produzindo praticamente durante o ano todo. É originária do Sudeste Asiático. Foi trazida para a América Latina no ano de 1516, quando foi introduzida em São Domingos. A partir da segunda metade do século 19, ganhou expressão no comércio mundial com as produções da América Central e Caribe. No comércio mundial, a banana é a fruta que apresenta maior volume de vendas por ser consumida também nas regiões frias e temperadas.

Sua importância se caracteriza pelo grande número de empregos gerados, notadamente na atividade comercial. Em muitas regiões, a banana constitui alimento diário da população, sendo também a principal fonte de divisas para muitos países, como Equador, Colômbia e muitos outros da América Central.

## Produção Mundial

Ano após ano, a cultura vem crescendo no mundo, como se pode observar na tabela 1. Na última safra, segundo a FAO, a

TABELA 1/I - BANANA - EVOLUÇÃO NO MUNDO - 1996 - 2003

DISCRIMINAÇÃO	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Área (mil ha)	3.838	3.905	3.900	4.149	4.178	4.404	4.472	4.544
Produção (mil t)	54.969	60.450	60.015	64.883	66.145	67.792	68.015	69.286
Rendimento (kg/ha)	14.324	15.480	15.390	15.640	15.833	15.393	15.209	15.245

FONTE: FAO.

área plantada ocupou 4.544.702 hectares, superando em 1,6% o cultivo anterior. A produtividade média dos pomares aumentou de 15.209 kg/ha em 2002 para 15.245 kg/ha em 2003, garantindo a produção de 69.286.046 toneladas; um incremento de 1,9% em relação à safra passada.

A Índia continua liderando o processo produtivo, com participação de 24,0% da oferta mundial, como se pode observar na tabela 2, onde são apresentados os 20 maiores produtores mundiais. Outros países com

significativa importância mundial na produção são, pela ordem, Brasil, China, Equador e Filipinas, com participações que variam de 8,0% a 9,5%. A Índia apresenta também a maior área plantada do mundo, contribuindo com 13,8%, seguida pelo Brasil, com 11,3%, e pelas Filipinas, com 8,9%. A Guatemala foi destaque no último ano, com a maior produtividade média, obtendo 49.390 kg/ha, seguida pela Costa Rica, com 44.444 kg/ha, e por Honduras, com 41.959 kg/ha, enquanto a média mundial, em 2003, foi de 15.191 kg/ha.

TABELA 2/I - BANANA - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO NO MUNDO E NOS PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES - 2002 - 2003

PAÍS	ÁREA PLANTADA (ha)		PRODUÇÃO (t)		RENDIMENTO (kg/ha)	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003
Índia	620.000	620.000	16.450.000	16.450.000	26.532	26.532
Brasil	509.910	507.874	6.504.220	6.469.470	12.756	12.738
China	254.600	259.600	5.783.521	5.826.521	22.717	22.444
Equador	205.595	218.683	5.528.100	5.609.460	26.888	25.651
Filipinas	390.000	400.000	5.264.470	5.500.000	13.498	13.750
Indonésia	295.000	295.000	3.683.155	3.683.155	12.485	12.485
Costa Rica	44.500	45.000	2.050.000	2.000.000	46.068	44.444
México	74.590	70.000	2.076.729	1.944.710	27.842	27.782
Tailândia	139.000	139.000	1.800.000	1.800.000	12.950	12.950
Burundi	300.000	300.000	1.602.979	1.602.979	5.343	5.343
Colômbia	42.300	43.000	1.424.314	1.450.000	33.671	33.721
Vietnã	101.500	101.500	1.044.400	1.044.400	10.290	10.290
Honduras	23.000	23.000	965.066	965.066	41.959	41.959
Guatemala	19.040	5.700	940.388	940.388	49.390	49.390
Egito	21.000	21.000	850.000	850.000	40.476	40.476
Venezuela	43.959	43.959	703.797	750.000	16.010	17.061
Nova Guiné	52.000	52.000	725.000	725.000	13.942	13.942
Bolívia	63.627	63.627	714.191	714.191	11.225	11.225
Bangladesh	44.921	44.921	654.000	654.000	14.559	14.559
Camarões	85.000	85.000	630.000	630.000	7.412	7.412
<b>Mundo</b>	<b>4.472.163</b>	<b>4.544.702</b>	<b>68.014.802</b>	<b>69.286.046</b>	<b>15.209</b>	<b>15.245</b>

FONTE: FAO.

A produção de bananas no mundo somente é menor que o volume produzido de melancias, superando, nos últimos anos, as produções das outras frutas, de acordo com a tabela 3. No entanto, se somarmos à banana a produção de plátanos (tipo de banana que deve ser cozida ou frita para ser consumida), ambas superam a produção de melancia.

## Produção Brasileira

A produção brasileira de bananas é superada em volume apenas pela laranja. Apresenta-se, também, como de grande importância por ser o Brasil o maior consumidor mundial, mesmo sendo o segundo em produção.

O consumo per cápita nacional, embora não tenha avançado muito nos últimos anos em razão da forte concorrência com outras frutas, está ao redor de 29,8 kg/habitante/ano, sendo superado apenas pelo consumo de laranja, conforme relatório da FAO relativo ao ano de 2001 (Tabela 4). Saliente-se que o consumo per cápita mundial de banana é de 9,0 kg/habitante/ano.

A bananeira é cultivada, em maior ou menor escala, em todos os estados da Federação. Nos últimos anos, a atividade vem superando problemas de qualidade e apresentação graças a programas governamentais que visam ao aumento das exportações e que, em consequência, têm contribuído para a diminuição

**TABELA 3/I – FRUTAS - QUANTIDADE PRODUZIDA DAS PRINCIPAIS FRUTAS - 2000 – 2003**  
(mil t)

FRUTA	2000	2001	2002	2003
Melancia	75.335	81.245	85.518	91.790
Banana	66.144	67.792	68.015	69.286
Uva	64.964	61.285	61.892	60.883
Laranja	65.903	62.490	63.381	60.046
Maçã	59.196	58.125	56.214	57.967
Coco	51.667	51.457	53.091	52.940
Plátano	30.460	31.461	32.751	32.974
Melão	19.980	24.315	25.531	26.749
Manga	24.746	26.302	26.148	25.563
Tangerina	17.944	20.493	20.736	20.950
Pêra	16.755	16.618	17.391	17.191
Pêssego e Nectarina	13.192	13.473	13.643	14.788
Lima e Limão	11.127	11.404	11.153	12.452
Acerola	9.064	9.116	9.004	10.110
Mamão	5.678	6.076	6.072	6.342
Abacate	2.638	2.769	2.950	3.040
Caqui	2.299	2.294	2.464	2.430
Cereja	1.904	1.846	1.746	1.872
Caju	1.568	1.618	1.668	1.671
Kiwi	1.020	1.038	997	995
Framboesa	379	382	407	384

FONTE: FAO.

TABELA 4/I - FRUTAS - CONSUMO PER CÁPITA - BRASIL - 1996 - 2001  
(kg/hab)

FRUTA	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Banana	26,9	27,8	26,8	27,4	29,9	29,8
Laranja	28,9	40,0	24,1	38,5	38,4	56,3
Maçã	5,2	4,8	4,8	5,0	4,8	3,8
Uva	2,2	2,9	2,8	2,3	2,9	3,0
Limão	2,1	2,2	2,3	2,2	2,1	2,4
Outras frutas	19,4	21,0	19,7	19,0	19,6	21,2

FONTES: FAO.

das perdas que se estabelecem ao longo da cadeia produtiva. A expansão da cultura nas regiões centrais do País é um fato marcante, assim como o aumento da produtividade média dos bananais na maioria dos estados brasileiros. Em 2003, a produção nacional totalizou 6.774.985 toneladas nos 512.826 hectares cultivados e rendimento médio de 13.211 kg/ha, sendo superior ao ano anterior em 4,2% na produção, em 0,6% na área plantada e em 3,5% na produtividade média, como divulgou o IBGE em relatório do mês de abril (Tabela 5).

A maior participação em área plantada e em produção, entre os estados brasileiros, continua sendo a do estado de São Paulo, com 11,9% e 17,5%, respectivamente, enquanto os produtores do Rio Grande do Norte se destacaram em 2003 com o maior rendimento médio, conseguindo 25.256 kg/ha, o que lhes garantiu 91% acima da média nacional.

A grande preocupação dos bananicultores brasileiros continua sendo a “Sigatoka Negra”, doença cuja incidência já foi observada nas Regiões Norte e Centro-Oeste. Preocupados com o mal, produtores, comerciantes e técnicos de todas as regiões discutem pro-

vidências e implantam medidas para impedir o avanço territorial desta moléstia, que, em razão do alto custo para o seu efetivo controle, poderá inviabilizar a exploração comercial.

## Produção Catarinense

A produção catarinense atende aos diversos mercados da fruta. Cerca de 13% vai para as indústrias instaladas no estado; 21% é consumido in natura no próprio estado, 30% é registrado como perdas que ocorrem desde a colheita até a mesa do consumidor, e a maioria, ou seja, 36%, destina-se a outros mercados. Em 2003, as exportações absorveram 14% do total produzido, restando 22% para os mercados dos outros estados brasileiros. Por isso, a banana-catarina, conforme designação dos agentes do mercado, está sempre presente na mesa dos consumidores da maioria dos estados brasileiros e dos vizinhos países do Mercosul.

A área plantada no estado cresceu gradativamente nos últimos cinco anos. Estimulados pelos bons preços recebidos, os produtores confiam cada vez mais na atividade, aumentando de 25.932 hectares em 1999 para 29.714 em 2003. O rendimento médio dos pomares tam-

TABELA 5/I - BANANA - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO NO BRASIL E NOS ESTADOS - 2002-2003

ESTADO	ÁREA PLANTADA (ha)		PRODUÇÃO (t)		RENDIMENTO (kg/ha)	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003
São Paulo	55.770	61.000	1.151.600	1.182.585	20.649	19.387
Bahia	51.000	51.541	771.401	749.945	15.126	14.666
Pará	52.725	54.229	720.076	702.631	13.657	13.551
Santa Catarina	29.099	29.714	628.850	618.403	21.611	20.812
Minas Gerais	43.453	40.215	607.575	543.991	13.982	13.933
Pernambuco	38.189	43.942	368.283	417.793	9.644	10.567
Amazonas	34.629	35.009	190.362	378.800	5.497	10.871
Ceará	41.936	42.068	334.273	341.701	7.971	8.123
Paraíba	16.937	16.300	287.735	283.810	16.989	17.411
Paraná	7.600	9.793	125.400	240.761	16.500	24.6585
Rio de Janeiro	26.126	25.897	177.379	163.201	6.789	6.302
Goiás	13.088	13.922	158.169	159.984	12.085	12.231
Espírito Santo	19.014	22.265	136.163	158.340	7.161	8.127
Rio Grande de Norte	5.783	6.284	163.306	157.952	28.239	25.256
Maranhão	11.703	11.790	126.741	128.082	10.830	10.864
Rio Grande do Sul	10.879	10.768	115.256	114.680	10.594	10.650
Mato Grosso	16.085	13.900	93.812	83.236	5.832	5.989
Sergipe	4.109	4.564	59.770	63.823	14.546	13.984
Acre	6.712	7.501	52.087	57.918	7.760	7.721
Rondônia	5.647	6.889	46.443	56.048	8.224	8.136
Alagoas	4.669	5.274	64.520	55.530	13.819	13.765
Tocantins	5.024	6.121	31.191	36.187	6.208	7.265
Piauí	2.848	2.496	34.877	31.532	12.246	12.663
Mato Grosso do Sul	3.198	2.763	29.799	26.820	9.318	9.707
Roraima	2.965	2.500	23.720	17.500	8.000	7.000
Amapá	560	540	2.460	2.275	4.393	4.213
Distrito Federal	162	120	2.976	1.457	18.370	14.426
<b>BRASIL</b>	<b>509.910</b>	<b>512.826</b>	<b>6.504.224</b>	<b>6.774.985</b>	<b>12.756</b>	<b>13.211</b>

FONTE: IBGE.

bém apresentou evolução gradativa, com crescimento de 16% no mesmo período, graças ao maior uso da tecnologia recomendada. Em consequência, a produção estadual apresentou extraordinário ganho desde 1999, passando de pouco mais de 490 mil toneladas para as atuais 618,4 mil toneladas anuais.

A bananeira é a principal frutífera em área cultivada no estado catarinense; alterna-se com a macieira em importância econô-

mica. O valor da produção é estimado em R\$ 70 milhões anuais. A cultura tem grande importância social, pois, segundo o Censo Agropecuário de 1995-1996 do IBGE, em Santa Catarina são 25.778 os produtores rurais que exploram a cultura; para cerca de 5.000 estabelecimentos agrícolas é a principal fonte de renda. Aproximadamente 78% das propriedades possuem menos de 50 hectares. O censo identificou, ainda, que 97,7% dos produtores catarinenses cultivam 10 hectares, ou menos (Tabela 6).

**TABELA 6/I – BANANA – NÚMERO DE PRODUTORES EM ÁREA CULTIVADA – SANTA CATARINA – 1995-1996**

ÁREA CULTIVADA	Nº DE PRODUTOR
Menos de 1 ha	21.930
De 1 a menos de 2 ha	1.009
De 2 a menos de 5 ha	1.417
De 5 a menos de 10 ha	840
De 10 a menos de 20 ha	422
De 20 a menos de 50 ha	140
De 50 a menos de 100 ha	11
De 100 a menos de 200 ha	5
De 200 a menos de 500 ha	4
Mais de 500 ha	0

FONTE : IBGE.

A tabela 7 mostra a área plantada, a produção obtida, o rendimento médio dos bananais e o comparativo das duas últimas temporadas nas microrregiões geográficas, nas quais se destaca a significativa queda no rendimento médio dos bananais da microrregião de Blumenau, determinando o resultado negativo no volume total produzido pelo estado. As outras microrregiões também apresenta-

ram perdas, porém, de menor intensidade. Este efeito foi causado por uma longa estiagem no estado, que afetou boa parte dos bananais em fase de produção.

Além disso, a situação de escassez de chuva não estimulou a operacionalização de grande parte das práticas culturais que buscam o desenvolvimento da cultura, tais como a adubação, o controle de ervas daninhas, o combate a doenças, etc. A incerteza do sucesso, ou seja, de resposta positiva ao tratamento, faz com que a maioria dos agricultores não invista nestes momentos, assim como é feito nos momentos em que os preços recebidos pela produção não são satisfatórios.

Na tabela 8 estão identificados a área plantada, a produção e o rendimento médio nos principais municípios produtores do estado. Observa-se, nestes municípios, que poucos foram os que apresentaram aumento na produtividade média e, con-

**TABELA 7/I – BANANA – ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO NAS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS – SANTA CATARINA – 2002-2003**

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	ÁREA (ha)		PRODUÇÃO (t)		RENDIMENTO (kg/ha)	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003
Araranguá	5.740	5.740	42.100	42.120	7.334	7.338
Blumenau	4.719	5.019	131.495	118.655	27.865	23.641
Canoinhas	30	30	210	210	7.000	7.000
Chapecó	14	14	112	112	8.000	8.000
Concórdia	10	20	110	310	11.000	15.500
Criciúma	2.171	2.016	27.783	26.763	12.797	13.275
Florianópolis	662	668	8.335	8.471	12.590	12.681
Itajaí	2.991	3.026	91.338	93.163	30.537	30.787
Joinville	12.094	12.444	316.881	317.907	26.202	25.547
S.Bento do Sul	286	286	5.720	5.720	20.000	20.000
Tabuleiro	18	16	210	186	11.667	11.625
Tijucas	122	205	1.830	2.170	15.000	10.585
Tubarão	218	216	2.456	2.532	11.266	11.722
<b>Santa Catarina</b>	<b>29.075</b>	<b>29.700</b>	<b>628.580</b>	<b>618.319</b>	<b>21.619</b>	<b>20.819</b>

FONTE: IBGE.

TABELA 8/I – BANANA – ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO NOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS PRODUTORES – SANTA CATARINA – 2002-2003

MUNICÍPIO	ÁREA (ha)		PRODUÇÃO (t)		RENDIMENTO (kg/ha)	
	2002	2003	2002	2003	2002	2003
Luiz Alves	3.900	4.200	117.000	104.160	30.000	24.800
Corupá	4.000	4.000	107.000	102.185	26.750	25.546
Jaraguá do Sul	1.900	1.900	46.100	43.975	24.263	23.145
Massaranduba	1.300	1.720	31.590	41.656	24.300	24.219
S.J. Itaperiú	1.370	1.355	34.788	34.563	25.397	25.508
Garuva	1.298	1.298	32.400	32.400	24.961	24.961
Joinville	1.250	1.250	29.941	29.941	23.953	23.953
Schoereder	900	900	29.800	27.740	33.111	30.822
Guaramirim	936	936	27.620	27.620	29.508	29.508
Barra Velha	840	840	25.200	25.200	30.000	30.000
J. Machado	3.540	3.540	23.040	23.040	6.508	6.508
Piçarras	353	400	14.120	16.000	40.000	40.000
Criciúma	750	800	9.300	11.040	12.400	13.800
Siderópolis	900	700	12.600	9.800	14.000	14.000
Araquari	250	250	8.750	8.750	35.000	35.000
Santa Rosa Sul	1.000	1.000	8.300	8.300	8.300	8.300
Ilhota	180	180	7.200	7.200	40.000	40.000
Navegantes	150	150	6.000	6.000	40.000	40.000

FONTE: IBGE.

seqüentemente, o volume da produção foi reduzido. A maior produção está no município de Luiz Alves, na microrregião de Blumenau, com participação de 16,8% da oferta estadual, seguido de perto por Corupá, com 16,5%. A maior área plantada em 2003 também foi a do município de Luiz Alves, com participação de 14,1% do total plantado. A maior produtividade média foi 92% maior que a média estadual e foi registrada nos municípios de Piçarras, Ilhota e Navegantes, os três pertencentes à microrregião de Itajaí.

## Comércio Mundial

As exportações mundiais de bananas em 2002 apresentaram cifras superiores a quatro bilhões de dólares, movi-

mentando 14,7 milhões de toneladas, constituindo-se no maior volume negociado nos últimos sete anos, como se pode observar na tabela 9, onde está caracterizada a evolução das exportações mundiais. Os preços, no entanto, apresentaram comportamento inverso, sendo os menores do período.

Alguns aspectos fazem com que a banana seja a fruta mais comercializada no mundo. Entre eles, podem-se apontar: a) grande rendimento por hectare – em regiões tropicais é possível conseguir uma produção de 75 a 100 toneladas por hectare, o que é difícil de obter por outra cultura. b) ciclo curto - ciclo de 12 a 14 meses após o plantio da muda; c) facilidade de propagação – a bananeira permite a obtenção de grande quantidade de mudas em pouco tempo e a um pre-

TABELA 9/I – BANANA – EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO MUNDIAL – 1996 - 2002

EXPORTAÇÃO	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Volume (mil t)	13.902	14.500	14.015	14.185	14.347	14.116	14.718
Valor (milhão US\$)	4.844	5.049	4.935	4.705	4.247	4.203	4.363
Preço (US\$/ t)	348	348	352	331	296	297	296

FONTE: FAO.

ço baixo; d) produção contínua – a bananeira pode produzir o ano todo, permitindo uma oferta constante em todos os meses; e) facilidade de manejo da fruta verde; f) condições de armazenamento e maturação acelerada.

O consumo de bananas é relativamente alto em diversos países e tem aumentado com a expansão do conhecimento do seu valor nutritivo, além de seu excelente sabor, geralmente muito apreciado.

Nas tabelas 10 e 11 são apresentados os países que mais importaram e os que mais exportaram a fruta em 2002, bem como o percentual de participação em

TABELA 10/I - BANANA - VOLUME E VALOR DAS IMPORTAÇÕES, POR PAÍS - 2002

PAÍS	VOLUME (mil t)	%	VALOR (milhão US\$)	%
Estados Unidos	3.907	28,1	1.064	18,3
Alemanha	1.183	8,5	716	12,3
Japão	936	6,7	520	8,9
Bélgica	876	6,3	469	8,1
Reino Unido	833	6,0	487	8,4
Rússia	650	4,7	200	3,4
Itália	597	4,3	331	5,7
Canadá	417	3,0	159	2,7
França	348	2,5	154	2,6
China	348	2,5	75	1,3
Polônia	241	1,7	107	1,8
Argélia	231	1,7	71	1,2
Argentina	230	1,6	39	0,7

FONTE: FAO.

volume e valores em relação ao total comercializado. Os Estados Unidos têm sido, há muitos anos, o principal importador da fruta e o Equador é, com muita vantagem sobre os outros, o maior exportador. O Brasil figura como o 10º nas exportações.

TABELA 11/I - BANANA - VOLUME E VALOR DAS EXPORTAÇÕES, POR PAÍS - 2002

PAÍS	VOLUME (mil t)	%	VALOR (milhão US\$)	%
Equador	4.296	29,2	958	22,0
Costa Rica	1.873	12,7	495	11,3
Filipinas	1.685	11,4	309	7,1
Colômbia	1.424	9,7	404	9,3
Guatemala	981	6,7	217	5,0
Bélgica	889	6,0	662	15,2
Honduras	441	3,0	109	2,5
Estados Unidos	417	2,8	172	3,9
Panamá	404	2,7	109	2,5
Brasil	241	1,6	34	0,8

FONTE: FAO.

## Mercado Brasileiro

A produção brasileira enfrenta dificuldades na concorrência direta com bananas de outros países, além de disputar a mesma fatia de mercado de outras frutas. Os custos da comercialização, os negócios realizados sem a garantia por meio de contratos, a deficiência na classificação, a falta de padronização do produto e da embalagem e, ainda, a

ausência de linhas de crédito para comercialização estão entre os principais entraves para uma maior inserção do produto no mercado.

Aspectos relacionados a políticas de exportação específicas para a banana também devem ser considerados necessários para aumentar as oportunidades de mercado. A banana brasileira pode ocupar espaços hoje dominados pelo produto de origem equatoriana e de outros países no Mercosul, por exemplo. Entretanto, a falta de uma política específica de exportação, bem como a inexistência de acordos comerciais para o produto do Mercosul, dificultam o avanço neste sentido.

Na Comunidade Européia, existem normas e padrões comuns, além de sistemas de cotas e taxas que protegem a produção dos países membros, inclusive das colônias e ex-colônias européias.

A tabela 12 apresenta a evolução das exportações brasileiras, destacando as dificuldades do setor. Se, de um lado, houve crescimento significativo nos volumes comercializados - com exceção do ano de 2002, quando problemas de ordem econômica na Argentina fizeram com que o principal importador de bananas da América do Sul substituísse a importação do produto equatoriano pelo brasileiro -, por outro, constata-se queda considerável nos preços recebidos pelo produto.

A tabela 13 apresenta a exportação brasileira de banana dos últimos oito anos, os valores obtidos com a transação em cada ano e o valor unitário, por estado

**TABELA 12/I - BANANA - EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - 1996-2003**

ANO	VALOR (mil US\$)	VOLUME (t)	US\$ / t
1996	5.921	28.321	209,07
1997	8.206	38.999	210,42
1998	11.572	68.171	169,75
1999	12.200	78.959	154,51
2000	11.962	68.984	173,40
2001	15.765	103.159	152,82
2002	33.191	237.108	140,00
2003	17.912	139.487	128,41

FONTE: Secex/ Decex.

da Federação. Observa-se decréscimo acentuado na participação do estado de São Paulo; crescimento na participação de Santa Catarina a partir de 1996, do Rio Grande do Norte a partir de 1997 e de Minas Gerais a partir de 2001. Destaca-se também a regularidade das vendas externas dos estados do Paraná e do Rio Grande do Sul, apesar dos pequenos volumes registrados.

A tabela 14 apresenta os volumes de banana brasileira importados desde 1996 pelos diversos países e os respectivos valores das importações. Merece destaque o crescimento do número de países que hoje importam do Brasil, passando de 4, em 1996, para 16 em 2003. Destaque também para o aumento das vendas na Europa (Itália e Reino Unido) e franca evolução nas exportações para a Argentina e o Uruguai.

Os preços recebidos pelos produtores em Santa Catarina no ano de 2003 foram superiores aos de 2002. Da mesma forma comportaram-se os preços no atacado. Os maiores aumentos se deram com os da banana-caturra, que alcançaram média de R\$ 4,34/cx na região Sul do Estado e de R\$ 5,11/cx na região Li-

TABELA 13/I – BANANA – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DOS PRINCIPAIS ESTADOS DA FEDERAÇÃO – VALOR, VOLUME E PREÇO UNITÁRIO – 1996-2003

ANO	UNIDADE	BA	CE	MG	PR	PE	RJ	RN	RS	RO	SC	SP
1996	(1000 US\$)	0	0	0	193	3	0	54	339	0	1.783	3.549
	(t)	0	0	0	1.456	18	0	127	2.084	0	9.950	14.686
	(US\$/ kg)	N	N	N	0,13	0,17	N	0,43	0,16	N	0,18	0,24
1997	(1000 US\$)	0	0	0	3	0	0	2.001	231	0	1.915	4.053
	(t)	0	0	0	22	0	0	6.634	1.691	0	12.024	18.609
	(US\$/ kg)	N	N	N	0,14	N	N	0,30	0,14	N	0,16	0,22
1998	(1000 US\$)	0	0	40	124	0	0	2.230	1.175	5	3.785	4.231
	(t)	0	0	159	879	0	0	9.998	7.554	22	26.043	23.516
	(US\$/ kg)	N	N	0,25	0,14	N	N	0,22	0,16	0,23	0,15	0,18
1999	(1000 US\$)	0	0	12	465	11	0	2.607	371	0	6.241	2.493
	(t)	0	0	102	3.438	82	0	9.902	2.885	0	46.354	16.196
	(US\$/ kg)	N	N	0,12	0,14	0,13	N	0,26	0,13	N	0,13	0,15
2000	(1000 US\$)	7	0	19	596	68	0	5.537	117	0	4.284	1.334
	(t)	1	0	144	4.102	513	0	22.421	974	0	32.090	8.739
	(US\$/ kg)	7,00	N	0,13	0,15	0,13	N	0,25	0,12	N	0,13	0,15
2001	(1000 US\$)	3	165	280	424	13	0	6.655	362	0	6.621	1.239
	(t)	18	523	2.179	3.162	59	0	28.330	3.609	0	55.561	9.695
	(US\$/ kg)	0,17	0,32	0,13	0,13	0,22	N	0,23	0,10	N	0,12	0,13
2002	(1000 US\$)	45	343	432	239	0	7	13.673	299	0	17.155	998
	(t)	402	1.118	3.730	1.461	0	3	55.076	3.091	0	162.716	9.511
	(US\$/ kg)	0,11	0,31	0,12	0,16	N	2,33	0,25	0,10	N	0,11	0,10
2003	(1000 US\$)	5	19	303	124	0	0	8.108	484	0	8.098	771
	(t)	41	2	2.790	670	0	0	32.612	7.012	0	88.390	7.970
	(US\$/ kg)	0,12	9,50	0,11	0,19	N	N	0,25	0,07	N	0,09	0,10

FONTE: Secex/ Decex.

toral Norte, correspondendo a um aumento de 89% e de 87,8%, respectivamente, em relação ao ano anterior. No atacado, a majoração atingiu 46% na região de Criciúma e 42,6% nas regiões de Jaraguá do Sul e Itajaí, com preço médio de R\$ 8,10 e R\$ 7,26, respectivamente. A banana-prata apresentou aumentos menos expressivos; mesmo assim, superiores aos índices da última temporada. Para os produtores do sul, os preços aumentaram 31,6%, ficando, em média, em R\$ 6,46/cx, enquanto nos municípios do litoral norte o aumento foi de 47,2% e o preço atingiu R\$ 7,26/cx. No atacado, na região de Criciúma, os preços da prata foram 22% mais altos, sendo cotados, na

média, a R\$ 10,86/cx. Em Jaraguá do Sul e Itajaí, atingiram R\$ 9,57/cx, estabelecendo um crescimento de 42,6% em relação ao ano 2002.

Este comportamento revela um ano bastante favorável à bananicultura e se deu, basicamente, pelo fortalecimento das exportações e pelo aumento na qualidade do produto ofertado. O resultado alcançado, salvo algum problema de ordem climática, deverá promover o aumento na área plantada no estado no próximo ano e, principalmente, intensificar o processo de aumento da qualidade da fruta, garantindo o fortalecimento da atividade em Santa Catarina.

TABELA 14/I – BANANA – EVOLUÇÃO, VOLUME, VALORES E DESTINO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS – 1996–2003

PAÍS	UNIDADE	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Alemanha	(t)	4	2	1	113	4	7	2	3.073
	mil US\$	22	8	4	43	10	17	19	840
Angola	(t)	0	0	0	0	0,2	3	1	0,3
	mil US\$	0	0	0	0	0,2	2	1	0,2
Argentina	(t)	20.318	26.016	43.700	47.914	35.005	60.943	163.088	129.679
	mil US\$	3.620	4.569	7.075	6.758	5.489	7.954	18.036	11.699
Bélgica	(t)	0	0	0	0	732	0	18	34
	mil US\$	0	0	0	0	185	0	44	84
Canadá	(t)	0	0	0	0	0	0,3	0,1	0
	mil US\$	0	0	0	0	0	1	0,3	0
Chile	(t)	14	3	4	2	3	3	131	67
	mil US\$	55	12	16	8	11	10	22	8
Coréia do Sul	(t)	0	0	0	0	0	0	0	16
	mil US\$	0	0	0	0	0	0	0	47
Espanha	(t)	0	7	360	23	9	0	0	1
	mil US\$	0	25	158	87	34	0	0	0,2
E. Unidos	(t)	0	3	0	2	1,3	6	7	5
	mil US\$	0	4	0	7	4	29	18	16
Finlândia	(t)	0	0	0	0	0	0,1	0	0
	mil US\$	0	0	0	0	0	0,2	0	0
Guatemala	(t)	0	0	0	0	0,2	0	4	2
	mil US\$	0	0	0	0	0,5	0	14	6
Itália	(t)	0	0	52	2.065	0	0	8.218	21.857
	mil US\$	0	0	17	547	0	0	2.217	6.053
Japão	(t)	0	0	0	0	1	0	0,5	1
	mil US\$	0	0	0	0	7	0	2	5
Holanda	(t)	0	19	11	513	2.892	800	16	19
	mil US\$	0	70	44	150	780	242	46	4
Paraguai	(t)	0	0	0	0	0	98	0	0
	mil US\$	0	0	0	0	0	10	0	0
Portugal	(t)	0	0	0	0	0	0	0,3	0,5
	mil US\$	0	0	0	0	0	0	0,3	1
Reino Unido	(t)	0	0	0	2.830	9.846	15.972	30.094	25.897
	mil US\$	0	0	0	855	2.647	4.526	9.214	7.489
Rússia	(t)	0	0	0	0	0	0	0	22
	mil US\$	0	0	0	0	0	0	0	4
Suécia	(t)	0	0	0	0	0	0	0	1
	mil US\$	0	0	0	0	0	0	0	8
Suíça	(t)	0	0	0	0,5	2	1,5	7	0,2
	mil US\$	0	0	0	1	7	5	10	2
Uruguai	(t)	9.621	14.020	24.427	27.766	23.307	27.278	39.452	40.095
	mil US\$	2.529	3.694	4.315	4.062	3.183	3.242	3.931	3.747

FONTE: Secex/Decex.

# BATATA

## Produtores Desestimulados

O resultado final da safra batateira em Santa Catarina, relativa ao ano agrícola 02/03, recém-fimdo, revelou números ligeiramente menores que os alcançados nas duas safras imediatamente precedentes.

De acordo com informações recentemente disponibilizadas pelo IBGE, o total da área cultivada no estado somou 10.083 hectares e um montante de produção colhida de 128,2 mil toneladas. Em relação aos dados da safra 01/02, os atuais mostram-se diminuídos em 11,7% e 10,6%, respectivamente. Estas reduções são atri-

buídas principalmente aos baixos valores recebidos pelos produtores na comercialização da safra do ano passado.

A diminuição da área plantada ou mesmo a substituição da atividade pela cultura do fumo, confirmada por muitos agricultores, especialmente da região Sul do Estado, tendo em vista o fator preço, anteriormente exposto, são os fatores apontados como determinantes do mais baixo resultado apresentado pela cultura nesta campanha.

Ademais, a bataticultura no estado é atividade de pequenos e médios produtores rurais, e a produção é direcionada particularmente ao abastecimento interno. Os agricultores são levados a praticar mudanças nas suas atividades de cultivo em razão destas características e do que conseguem com isto, como a forte individualidade do produtor local, a baixa adoção de modernas tecnologias produtivas (as quais, quando corretamente utilizadas, normalmente conferem maiores resultados financeiros para a atividade), eventuais alterações mais significativas no comportamento do mercado ou problemas relacionados ao comportamento climático.

Na primeira safra, a das águas, a produção estadual alcançou 90.707 tonela-

das, oriundas de cerca de 7.305 hectares cultivados. Na segunda, a das secas, a área de plantio somou apenas 2.778 hectares e a produção colhida, 37.500 toneladas.

O desempenho da produção catarinense nesta safra, por microrregião produtora, de acordo com informações disponibilizadas pelo IBGE, apresentou-se de acordo com a tabela 1.

A campanha batateira nacional, correspondente ao ano agrícola 02/03, revelou o mesmo comportamento registrado no estado catarinense, apresentando-se ligeiramente em recuo comparativamente ao resultado do ano passado (Tabela 2).

**TABELA 1/I – BATATA – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO OBTIDO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA – SANTA CATARINA – SAFRA 02/03 (\*)**

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO COLHIDA (t)	RENDIMENTO OBTIDO (kg/ha)
Campos Lages	2.525	28.775	11.396
Tubarão	1.759	28.121	15.987
Joaçaba	846	14.751	17.436
Canoinhas	761	12.960	17.030
Tabuleiro	805	10.210	12.683
Criciúma	604	7.821	12.949
Rio do Sul	700	6.791	9.701
Tijucas	305	3.160	10.361
Ituporanga	353	2.649	7.504
São B. Sul	320	3.086	9.644
Chapecó	372	2.556	6.871
Florianópolis	212	2.518	11.877
Curitibanos	157	2.080	13.248
Xanxerê	155	1.239	7.994
Concórdia	149	1.034	6.940
São Moeste	30	210	7.000
Blumenau	25	206	8.240
Joinville	5	40	8.000
<b>Total</b>	<b>10.083</b>	<b>128.207</b>	<b>12.715</b>

FONTES: IBGE.  
ELABORAÇÃO: Instituto Cepa/SC.  
(\*) Dados sujeitos a modificações.

TABELA 2/I - BATATA – EXPECTATIVA DO DESEMPENHO DA CULTURA EM NÍVEL NACIONAL – SAFRA 02/03<sup>(1)</sup>

ESTADO	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO PREVISTA (t)	RENDIMENTO ESPERADO (kg/ha)
Minas Gerais	40.274	1.026.350	25.484
São Paulo	33.638	863.630	25.674
Paraná	30.509	608.731	19.953
Rio G. Sul	28.653	313.146	10.929
Sta. Catarina	10.083	128.207	12.715
Bahia	3.134	91020	29.043
Espírito Santo	573	8.733	15.241
Paraíba	602	4.856	8.066
Distrito Federal	94	2.330	24.787
<b>Brasil</b>	<b>147.560</b>	<b>3.047.003</b>	<b>20.649</b>

Fonte: IBGE.

Elaboração: Instituto Cepa/SC.

(<sup>1</sup>) Dados estimativos, sujeitos a modificações.

De acordo com os últimos levantamentos promovidos pelo IBGE nos diferentes estados produtores, o montante da oferta estimado para esta campanha está avaliado em aproximadamente 3.047,0 mil toneladas, valor que se mostra reduzido em 2,5% comparativamente ao colhido no último ano.

O total da área cultivada nesta safra é estimado em 147,6 mil hectares (menos 8,4% em relação ao plantio anterior) e a produtividade média prevista, de 20.649 kg/ha (mais 5,4%).

Na primeira safra, a produção brasileira totalizou 1.437,9 mil toneladas, representando, portanto, 47,2% do total previsto para a campanha de 2003. Na segunda, 925,3 mil toneladas e, na safra de inverno, 683,8 mil toneladas.

Relativamente às áreas de cultivo, a presente safra revelou os seguintes valores: 75,9, 48,1 e 23,6 mil hectares, respectivamente, na primeira, segunda e terceira safra.

O desempenho das últimas 3 safras, por estado produtor, apresenta-se na tabela 3.

Diante do elevado volume da produção interna, acrescido de uma provável redução do consumo em vista da constante perda do poder aquisitivo da grande maioria da população brasileira, especialmente das classes menos favorecidas, o mercado nacional, durante o corrente ano, operou de uma maneira geral bastante calmo e com níveis de oferta muito próximos dos níveis de consumo.

Os valores médios mensais de venda, não obstante se situarem em patamar ligeiramente superior aos do ano passado, ficaram aquém das expectativas dos produtores, que tiveram seus custos de produção fortemente majorados em vista do elevado aumento da maioria dos insumos e fatores de produção.

As melhores cotações, a exemplo do registrado ao longo da série histórica da comercialização do produto, foram registradas nos primeiros cinco meses do ano, especialmente no período abril/maio, por conta, sobretudo, da entressafra que normalmente ocorre entre o final da comercialização da safra das águas e início de venda da produção da safra das secas.

TABELA 3/I - BATATA – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO – SAFRAS 00/01-02/03

ESTADO	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	00/01	01/02	02/03 <sup>(1)</sup>	00/01	01/02	02/03 <sup>(1)</sup>	00/01	01/02	02/03 <sup>(1)</sup>
Bahia	2.750	3.134	3.917	71.300	91.020	114.510	25.927	29.042	29.234
Distrito Federal	258	148	94	8.261	4.063	2.330	32.019	27.452	24.787
Espírito Santo	524	533	573	8.243	8.538	8.733	15.731	16.018	15.241
Goiás	1.732	4.512	-	61.124	161.560	-	35.291	35.806	-
Minas Gerais	36.561	39.546	39.998	860.472	943.795	1.019.890	23.535	23.865	25.499
Paraíba	361	455	602	907	2.235	4.856	2.512	4.912	8.066
Paraná	32.062	33.786	32.479	582.440	659.230	614.861	18.166	19.512	18.931
Pernambuco	20	37	-	200	390	-	10.000	10.540	-
Rio Grande do Sul	37.083	35.938	28.653	384.523	384.115	313.146	10.369	10.688	10.929
Rio de Janeiro	96	96	-	1.270	1.270	-	13.229	13.229	-
Santa Catarina	10.556	11.424	10.083	128.814	143.455	128.207	12.203	12.557	12.715
Sao Paulo	32.173	31.530	33.638	741.070	726.740	863.630	23.034	23.049	25.674
<b>Brasil</b>	<b>154.176</b>	<b>161.139</b>	<b>147.560</b>	<b>2.848.624</b>	<b>3.126.411</b>	<b>3.047.003</b>	<b>18.476</b>	<b>19.402</b>	<b>20.649</b>

FONTE: IBGE/PAM.

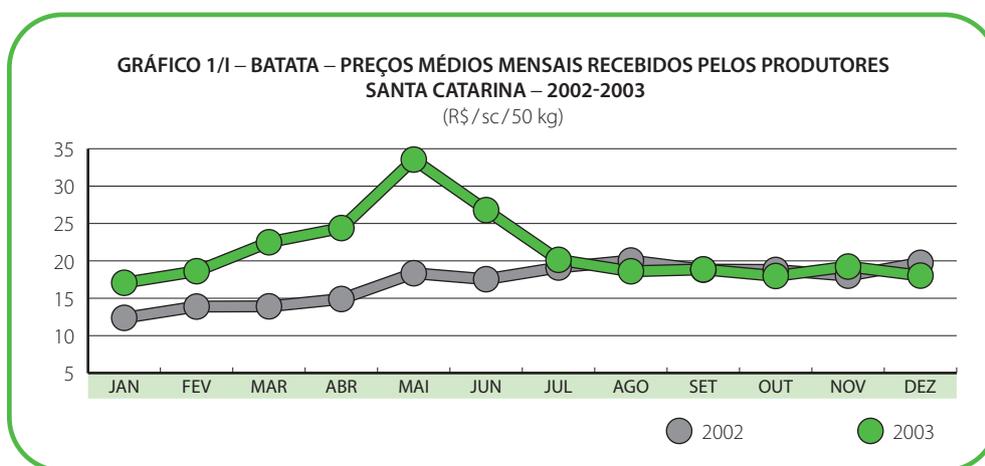
ELABORAÇÃO: Instituto Cepa/SC.

<sup>(1)</sup> Dados sujeitos a modificações.

A partir do final do mês de junho, os valores de venda iniciaram um período de queda acentuada, que persistiu até o encerramento do ano de 2003.

No gráfico 1, apresenta-se o comportamento dos valores médios mensais recebidos pelos produtores de Santa Catarina durante este ano e seu comparativo em relação às cotações pagas durante o ano de 2002.

Para a nova safra estadual, relativa à campanha 03/04, os indicadores do IBGE revelam tendência de pequena redução da área a ser plantada. O total da produção a ser colhida, todavia, poderá ser ligeiramente maior que o da safra anterior, por conta do crescimento da produtividade média dos campos catarinenses.



FONTE: Instituto Cepa/SC.

Guido Boeing

# CEBOLA

O estado de Santa Catarina cultivou, na safra correspondente ao ano agrícola 02/03, uma área aproximada de 25.900 hectares de cebolas. A produtividade média colhida, de 15.810 kg/ha, situou-se dentro dos parâmetros históricos de rendimentos alcançados na cultura; a produção bruta totalizou 409.553 toneladas.

O montante em questão representou um crescimento de oferta de 3,8% relativamente ao total obtido na safra imediatamente precedente, sendo, em volume, o segundo maior já colhido em solo catarinense, inferior apenas ao da colheita recorde da safra 99/00, quando foram produzidas ao redor de 456,0 mil toneladas.

Diante dos números acima revelados, poder-se-ia perfeitamente concluir do sucesso dessa campanha estadual, de vez que os valores alcançados, de um modo geral, situaram-se bastante acima da média histórica da cultura.

Na realidade, o resultado financeiro final dessa safra foi um verdadeiro fracasso, determinado principalmente pelo retorno, de atuação moderada, do fenômeno “El Niño” ao estado.

Com efeito, o excesso de chuvas verificado no último trimestre do ano passado resultou em consideráveis perdas de produção colhida e em sérios prejuízos

para a cadeia produtiva e de comercialização; muitos produtores registraram perdas totais de suas lavouras.

Os altos índices de precipitação pluviométrica, mais uma vez, como já na safra anterior, provocaram elevado percentual de apodrecimento de bulbos. Do fato, afora as doenças no bulbo, sobram consideráveis problemas no escoamento e na comercialização da produção colhida, assim como na formação dos preços de venda, haja vista as dificuldades enfrentadas na correta classificação e padronização do produto.

Em vista do exposto, o montante da oferta líquida de produto direcionado ao mercado no corrente ano ficou substancialmente reduzido, comparativamente ao total da produção colhida, e bastante menor que o verificado em anos passados.

De acordo com levantamento promovido junto aos produtores, aos técnicos e aos principais operadores atacadistas que atuam nos diversos municípios produtores, acredita-se que apenas 200,0 mil toneladas, ou o equivalente a 48,8% do total de 409,6 mil toneladas colhidas no estado, tenham efetivamente sido comercializadas.

Do volume em questão, cerca de 30,0% foi constituído de bulbos da classe 2 e 70,0%, de bulbos da classe 3 a 5.

A cebola da classe 2 foi comercializada a um valor médio de R\$ 4,52/sc de 20kg e movimentou aproximadamente R\$ 13.572,0 mil. O produto da classe 3 a 5 recebeu um valor médio de safra de R\$ 9,04/sc, com ingressos avaliados em R\$ 63.313,0 mil.

O preço médio final ponderado recebido pelos produtores catarinenses foi avaliado em R\$ 7,69/sc, gerando um montante de recursos – considerando-se apenas a movimentação em nível de produtor – de R\$ 76.884,0 mil.

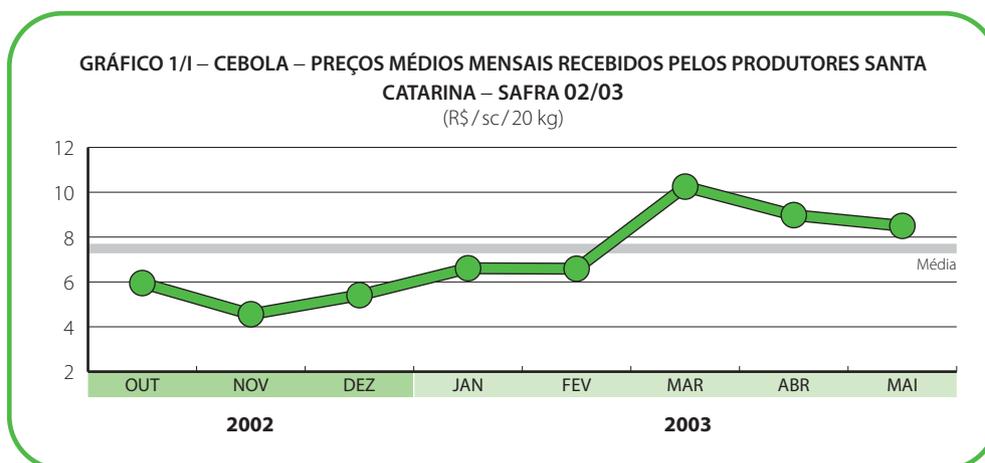
O comportamento dos valores médios mensais ponderados de comercialização, recebidos pelos agricultores locais na campanha correspondente ao ano agrícola 02/03, apresentou-se conforme demonstrado no gráfico 1.

Quanto ao desempenho nacional da safra do ano agrícola 02/03, as últimas informações oficiais situam o total da produção interna em aproximadamente 1.194,4 mil toneladas do bulbo. A área plantada é avaliada em cerca de 68,8 mil hectares e a produtividade média esperada, em 17.351 kg/ha.

Os números em questão mostram-se ligeiramente inferiores, comparativamente aos alcançados na safra recorde do ano passado, mais precisamente em 0,3% na área de cultivo e 2,3% no montante da oferta colhida.

Os atuais valores, não obstante passíveis de alterações, muito possivelmente deverão ser oficializados como definitivos, haja vista que as atividades pertinentes à cultura já foram completamente encerradas em todos os estados.

A perspectiva de desempenho da cultura nesta campanha, por estado produtor, de acordo com dados disponibilizados pelo IBGE, apresenta-se conforme demonstrado na tabela 1.



FORNTE: Instituto Cepa/SC.

Como decorrência do elevado volume da produção nacional colhida nesta safra (inferior apenas à safra recorde do ano passado), da baixa qualidade do produto ofertado pelos estados da Região Sul do País (novamente afetados pelo excesso de chuvas no período de colheita) e do crescimento dos volumes de importação de cebola da Argentina (que somaram 172,7 mil toneladas), durante o transcorrer deste ano o mercado nacional operou normalmente bastante calmo e com valores de comercialização muito aquém das expectativas dos produtores.

Apesar de, na maioria dos meses, as cotações médias se situarem ligeiramente acima das registradas nos dois últimos anos, não alcançaram patamar suficiente para remunerar o produtor, tendo em vista o significativo crescimento de valor verificado na maioria dos itens que compõem o custo de produção da cultura.

No entreposto atacadista da Ceagesp, os preços médios mensais de comercialização mantiveram a mesma tendên-

**TABELA 1/I - CEBOLA – ESTIMATIVAS DE ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO ESTIMADO POR ESTADO – BRASIL – SAFRA 02/03 (¹)**

ESTADO	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO PREVISTA (t)	RENDIMENTO ESTIMADO (kg/ha)
Santa Catarina	25.905	409.553	15.810
São Paulo	9.695	266.895	27.529
Bahia	6.516	147.522	22.540
Rio Grande do Sul	13.650	123.307	9.034
Pernambuco	4.305	91.265	21.200
Minas Gerais	2.600	79.683	30.647
Paraná	6.165	76.127	12.348
<b>BRASIL</b>	<b>68.836</b>	<b>1.194.352</b>	<b>17.351</b>

FORNTE: IBGE.  
ELABORAÇÃO: Instituto Cepa/SC.  
(¹) Dados estimativos

cia observada ao longo da série histórica da comercialização do produto naquele mercado distribuidor, qual seja, de cotações em crescimento no primeiro quadrimestre (por vezes estendendo-se por todo o primeiro semestre) e em recuo nos demais meses do ano, por conta do aumento da oferta, oriunda especialmente dos estados das Regiões Sudeste e Nordeste do País.

A evolução dos valores médios mensais de comercialização da cebola no mercado atacadista da Ceagesp, nos três últimos anos, apresentou-se conforme demonstrado no gráfico 2.

Para a próxima campanha estadual, relativa ao ano agrícola 03/04, as últimas pesquisas de avaliação de safra projetam para Santa Catarina um total de área cultivada de 21,4 mil hectares e produção bruta colhida superior a 400,0 mil toneladas do produto.

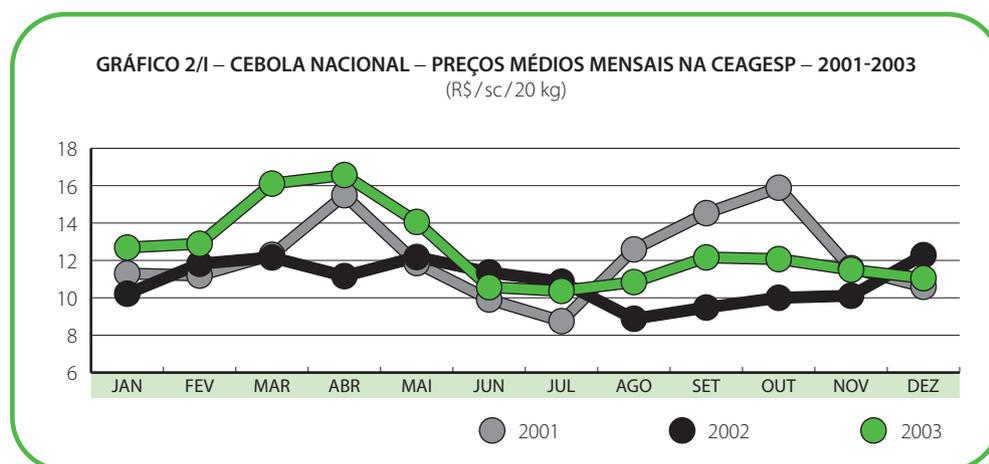
Os valores em questão mostram-se diminuídos em relação aos dados registrados no cultivo anterior. Estas reduções

se devem exclusivamente ao fracasso da última comercialização.

O montante da oferta estadual desta safra poderá, todavia, situar-se em patamar superior ao atualmente estimado, tendo em vista as excelentes condições de clima registradas ao longo do ciclo da cultura, as quais proporcionaram ótimos níveis de produtividades físicas por hectare colhido.

Para a Região Sul do País, os dados disponíveis de produção estimada para esta campanha revelam fortes probabilidades de a produção final apresentar-se ligeiramente superior às 650,0 mil toneladas colhidas no ano passado, não obstante o recuo de aproximadamente 15,0%, estimado para o total da área plantada.

Em nível nacional, não são ainda conhecidas avaliações oficiais sobre o provável desempenho da cultura neste ano agrícola. Acredita-se, contudo, que o volume da produção brasileira não deverá se distanciar muito dos alcançados nas últimas safras.



FONTE: Ceagesp.  
ELABORAÇÃO: Instituto Ceba/SC.

TABELA 2/I - CEBOLA – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO – BRASIL - SAFRAS 00/01–02/03

ESTADO	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	00/01	01/02	02/03 <sup>(1)</sup>	00/01	01/02	02/03 <sup>(1)</sup>	00/01	01/02	02/03 <sup>(1)</sup>
Bahia	3.986	5.593	6.516	101.295	134.723	147.522	25.413	24.088	22.640
Ceará	2	-	-	6	-	-	3.000	-	-
Distrito Federal	195	140	-	5.358	5.364	-	27.477	38.314	-
Espírito Santo	60	60	-	1.200	1.200	-	20.000	20.000	-
Goiás	133	349	-	5.980	19.430	-	44.962	55.673	-
Mato Grosso do Sul	4	5	-	81	142	-	20.250	28.400	-
Minas Gerais	2.295	2.562	2.600	64.280	70.819	79.683	28.009	27.642	30.647
Paraíba	2	6	-	30	90	-	15.000	15.000	-
Paraná	5.760	6.161	6.165	65.858	73.356	76.127	11.434	11.907	12.348
Pernambuco	4.088	4.936	4.305	68.834	89.082	91.265	16.838	18.047	21.200
Piauí	7	10	-	38	62	-	5.429	6.200	-
Rio Grande do Sul	15.630	14.055	13.650	179.217	162.344	123.307	11.466	11.551	9.033
Santa Catarina	24.129	25.767	25.905	375.551	394.582	409.553	15.564	15.313	15.810
Sao Paulo	8.130	9.380	9.695	182.620	270.930	266.895	22.462	28.884	27.529
<b>Brasil</b>	<b>64.421</b>	<b>69.024</b>	<b>68.836</b>	<b>1.050.348</b>	<b>1.222.124</b>	<b>1.194.352</b>	<b>16.304</b>	<b>17.706</b>	<b>17.351</b>

FORNTE: IBGE/PAM.

ELABORAÇÃO: Instituto Ceba/SC.

(<sup>1</sup>) Dados estimativos, sujeitos a modificações.

Guido Boeing

# FEIJÃO

## **Produção mundial pouco se altera em 2003, mas nos EUA segue em queda**

Em 2003, a produção mundial da variedade gama de feijões decresceu 1,3% em relação a 2002, uma vez que, ao incremento de 2,2% em área plantada, se contrapôs redução de 3,5% no rendimento médio.

Esta ligeira queda não desalojou o feijão do seu mais elevado patamar de cultivo, de rendimento e, por conseqüência, de produção alcançado em 2002: 27 milhões de hectares, 700 kg/ha e 19 milhões de toneladas.

Estendendo a observação sobre os últimos cinco anos, constata-se um crescimento de 10% em produção, 8% em área e 2% em produtividade por área.

Constata-se também grande incremento da exploração feijoeira em 2002, quando cresceu 16% em produção, 9% em área e 7% em produtividade.

Até 2001, a produção mundial de feijão perde quase 4% em quantidade, cerca de 3% em área cultivada e pouco mais de 1% em rendimento (Tabela 1).

Observa-se pela tabela 2 que a menor produção de 2000 refletiu basicamen-

TABELA 1/I - FEIJÕES SECOS - EVOLUÇÃO MUNDIAL DA PRODUÇÃO, ÁREA CULTIVADA E RENDIMENTO - 1999 - 2003

FEIJÕES SECOS	EVOLUÇÃO ANUAL					VARIÇÃO %	
	1999	2000	2001	2002	2003	2003/2002	2003/1999
Quantidade Produzida (mil t)	17.311	17.159	16.631	19.283	19.038	(1,3)	10,0
Área cultivada (mil ha)	25.187	25.252	24.494	26.562	27.149	2,2	7,8
Rendimento (kg/ha)	687,3	679,5	679,0	726,0	701,3	(3,4)	2,0

FONTE: FAO.

te a queda na quantidade produzida pelos três países norte-americanos (EUA, -20%; México, -16% e Canadá, -8,5%).

O ano de 2001 foi o de menor produção, tanto em âmbito mundial (16,6 milhões de toneladas), quanto nos dez principais países produtores (pouco menos de 11,4 milhões). Deveu-se à nova redução nos EUA (-26%), somada à dos dois maiores produtores, Brasil (-19%) e Índia (-18,5%).

Em 2002, quase todos estes dez países - que concentram praticamente 70% da produção mundial - aumentaram sua produção de feijão.

A exceção correu por conta da Coreia do Norte, que não saiu de 300 mil toneladas.

As novas perdas em 2003 ocorreram na China (-12%), na Indonésia (-5%) e, uma vez mais, no subcontinente norte-americano (EUA -25%, Canadá, -15% e México, -10%).

Distúrbios climáticos tiveram parcela importante de responsabilidade nesses resultados.

A exploração econômica do feijão atravessa dificuldades nos Estados Unidos, onde a produção vem caindo progressivamente (-32%), além da área (-28%) e do rendimento (-5%).

Os demais países, à exceção da Índia (-4,5%) e da Coreia do Norte (1%), estão elevando expressivamente os rendimentos médios de seus feijoais.

Portanto, ainda é pouco intenso, em âmbito mundial, o ritmo de incorporação de tecnologia no cultivo deste grão (Tabelas 2, 3 e 4).

TABELA 2/I - FEIJÃO - QUANTIDADE PRODUZIDA NOS DEZ PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES - 1999-2003

PAÍS	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)					EVOLUÇÃO %		PART % PAÍSES
	1999	2000	2001	2002	2003	2003/2002	2003/1999	2003
Brasil	2.831	3.038	2.454	3.064	3.310	8,0	16,9	17,4
Índia	2.690	2.700	2.200	2.600	3.000	15,4	11,5	15,8
China	1.679	1.658	1.806	2.158	1.908	(11,6)	13,6	10,0
Mianmar	1.235	1.285	1.467	1.600	1.650	3,1	33,6	8,7
México	1.059	888	1.063	1.549	1.400	(9,6)	32,2	7,4
EUA	1.501	1.198	888	1.360	1.021	(24,9)	(31,9)	5,4
Uganda	401	420	511	535	535	-	33,4	2,8
Canadá	285	261	289	407	347	(14,8)	21,8	1,8
Indonésia	265	301	288	335	317	(5,1)	19,7	1,7
Coréia do Norte	280	290	300	300	300	-	7,1	1,6
Principais Países	12.226	12.040	11.266	13.907	13.788	(0,9)	12,8	72,4
<b>Mundo</b>	<b>17.311</b>	<b>17.159</b>	<b>16.631</b>	<b>19.283</b>	<b>19.038</b>	<b>(1,3)</b>	<b>10,0</b>	<b>100,0</b>

FONTE: FAO.

TABELA 3/I - FEIJÃO - ÁREA CULTIVADA NOS DEZ PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES - 1999-2003

PAÍS	ÁREA CULTIVADA (mil ha)					EVOLUÇÃO %		PART % PAÍSES
	1999	2000	2001	2002	2003	2003/2002	2003/1999	2003
Índia	7.700	7.600	7.400	7.900	9.000	13,9	16,9	33,2
Brasil	4.154	4.332	3.450	4.141	4.113	(0,7)	(1,0)	15,1
México	1.709	1.503	1.699	2.054	1.948	(5,2)	14,0	7,2
Mianmar	1.675	1.762	1.850	1.900	1.900	-	13,5	7,0
China	1.164	1.206	1.335	1.434	1.204	(16,0)	3,5	4,4
Uganda	669	699	731	765	770	0,7	15,1	2,8
EUA	760	651	505	699	545	(22,0)	(28,2)	2,0
Coréia do Norte	330	340	350	350	350	-	6,1	1,3
Indonésia	298	339	314	344	329	(4,5)	10,3	1,2
Canadá	150	158	170	215	162	(24,5)	8,2	0,6
Principais Países	18.608	18.591	17.803	19.802	20.321	2,6	9,2	74,9
<b>Mundo</b>	<b>25.187</b>	<b>25.252</b>	<b>24.494</b>	<b>26.562</b>	<b>27.149</b>	<b>2,2</b>	<b>7,8</b>	<b>100,0</b>

FONTE: FAO.

TABELA 4/I - FEIJÃO - RENDIMENTO MÉDIO NOS DEZ PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES - 1999-2003

PAÍS	RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)					EVOLUÇÃO %	
	1999	2000	2001	2002	2003	2003/2002	2003/1999
Canadá	1.897,9	1.650,3	1.699,2	1.893,0	2.136,3	12,9	12,6
EUA	1.975,6	1.841,4	1.758,0	1.945,5	1.873,6	(3,7)	(5,2)
China	1.442,5	1.374,9	1.352,4	1.504,4	1.584,1	5,3	9,8
Indonésia	889,3	887,3	918,8	972,1	965,5	(0,7)	8,6
Mianmar	737,6	729,3	793,3	842,1	868,4	3,1	17,7
Coréia do Norte	848,5	852,9	857,1	857,1	857,1	-	1,0
Brasil	681,5	701,3	711,2	740,1	804,7	8,7	18,1
México	619,9	590,8	625,8	754,0	718,9	(4,7)	16,0
Uganda	599,4	600,9	699,0	699,3	694,8	(0,6)	15,9
Índia	349,4	355,3	297,3	329,1	333,3	1,3	(4,6)
Principais Países	657,0	647,6	632,8	702,3	678,5	(3,4)	3,3
<b>Mundo</b>	<b>687,3</b>	<b>679,5</b>	<b>679,0</b>	<b>726,0</b>	<b>701,3</b>	<b>(3,4)</b>	<b>2,0</b>

FONTE: FAO.

## No Mercosul, a produção argentina segue em queda

A produção de feijão do Mercosul continua fortemente hegemônica pela produção brasileira.

Mantém-se, também, estreitamente relacionada ao comportamento do mercado brasileiro do produto.

Em 2003, os quatro países que compõem o Mercosul produziram 19% da produção mundial.

Totalizaram 3,6 milhões de toneladas, denotando crescimento de 5,5% no biênio em causa e 11,5% no período 99-03.

O crescimento da produção brasileira (17%) teve responsabilidade praticamente exclusiva por isto, uma vez que representa 92,5% da total do bloco (em 1999, era 85,5%).

Os 25% de incremento da produção paraguaia, no quinquênio, permitiram-lhe elevar sua representatividade no Mercosul para 1,5% do total, por seus expressivos acréscimos no rendimento médio e de área cultivada a partir de 2001.

Mesmo com a pequena queda nas duas safras seguintes (cerca de -3%), no período quinquenal aqui considerado, estes dois indicadores elevaram-se, respectivamente, 9,5% e 14,5%.

A produção uruguaia cresceu 6,5% em cinco anos, sem alcançar sequer 0,1% da produção global do bloco. Seu rendimento médio não se elevou além de 2,5% em cinco anos.

A produção argentina vem declinando expressivamente: 22,5% nos dois últimos anos e 37% no período mais longo.

Resulta da forte queda (-28%, entre 2002 e 2003 e -42,5% em cinco anos) em área cultivada, apenas abrandada pelo crescimento da produtividade média dos feijões (7,5% no biênio e 10% no quinquênio).

As avaliações da safra 03/04 dão como certa uma queda ainda mais acentuada do grão. Em relação à safra de 1999, deve diminuir 56%.

A queda da produção platina foi um pouco acentuada pela alternância entre períodos de intensas chuvas (final de 2003) e de estiagem (começo de 2004), ocorridos durante o plantio e desenvolvimento a campo. Mas teve, pelo menos, duas causas maiores.

A primeira delas foi representada pelas dificuldades decorrentes da descontinuidade da ação política do estado argentino em apoio à produção desse grão, em razão da aguda crise que recentemente abalou toda a vida econômica, social e política do país.

A segunda causa foi a retomada do crescimento da produção brasileira, estreitando um de seus mais importantes mercados, especialmente para o feijão-preto (Tabelas 5, 6 e 7).

Com efeito, a produção brasileira de 2003 foi 8% superior à do ano imediatamente anterior. Alcançou 3,3 milhões de toneladas, alicerçado na elevação do rendimento médio de quase 9% e na redução de área de pouco menos de 1% (Tabelas 5, 6 e 7).

TABELA 5/I - FEIJÃO - QUANTIDADE PRODUZIDA - MUNDIAL E DOS PAÍSES DO MERCOSUL - 1999-2003

PAÍS	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)					EVOLUÇÃO %		PART % PAÍSES - 2003	
	1999	2000	2001	2002	2003	2003/2002	2003/1999	MUNDO	MERCOSUL
<b>Mundo</b>	<b>17.310,7</b>	<b>17.158,8</b>	<b>16.631,5</b>	<b>19.283,2</b>	<b>19.038,5</b>	<b>(1,3)</b>	<b>10,0</b>	<b>100,0</b>	
Mercosul	3.217,7	3.375,2	2.772,4	3.399,6	3.582,9	5,4	11,3	18,8	100,0
Brasil	2.830,9	3.038,2	2.453,4	3.064,2	3.309,9	8,0	16,9	17,4	92,4
Argentina	340,5	297,2	263,0	278,1	215,6	(22,5)	(36,7)	1,1	6,0
Paraguai	43,1	36,6	52,7	53,96	54,0	0,1	25,3	0,3	1,5
Uruguai	3,20	3,20	3,30	3,35	3,40	1,5	6,3	0,0	0,1

FONTE: FAO.

TABELA 6/I - FEIJÃO - ÁREA CULTIVADA - MUNDIAL E DOS PAÍSES DO MERCOSUL - 1999-2003

PAÍS	ÁREA CULTIVADA (mil ha)					EVOLUÇÃO %		PART % PAÍSES - 2003	
	1999	2000	2001	2002	2003	2003/2002	2003/1999	MUNDO	MERCOSUL
<b>Mundo</b>	<b>25.186,6</b>	<b>25.251,9</b>	<b>24.494,3</b>	<b>26.562,1</b>	<b>27.148,8</b>	<b>2,2</b>	<b>7,8</b>	<b>100,0</b>	
Mercosul	4.539,4	4.668,2	3.774,5	4.468,6	4.346,7	(2,2)	(3,7)	16,0	100,0
Brasil	4.154,2	4.332,3	3.449,6	4.140,5	4.089,9	(1,2)	(1,5)	15,1	94,1
Argentina	322,4	276,2	257,1	256,8	185,4	(27,8)	(42,5)	0,7	4,3
Paraguai	57,6	54,5	62,5	66,0	66,0	0,0	14,6	0,2	1,5
Uruguai	5,20	5,20	5,30	5,35	5,40	0,9	3,8	0,02	0,1

FONTE: FAO.

TABELA 7/I - FEIJÃO - RENDIMENTO MÉDIO - MUNDIAL E DOS PAÍSES DO MERCOSUL - 1999-2003

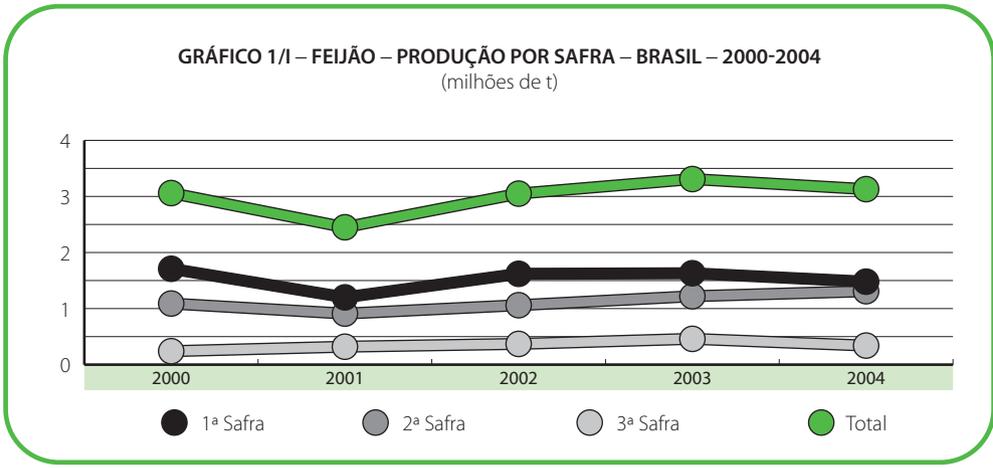
PAÍS	RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)					EVOLUÇÃO %		PART % PAÍSES MERCOSUL 2003
	1999	2000	2001	2002	2003	2003/2002	2003/1999	
<b>Mundo</b>	<b>687,3</b>	<b>679,5</b>	<b>679,0</b>	<b>726,0</b>	<b>701,3</b>	<b>(3,4)</b>	<b>2,0</b>	
Mercosul	708,8	723,0	734,5	760,8	819,9	7,8	15,7	100,0
Argentina	1.056,1	1.076,0	1.023,1	1.083,2	1.162,6	7,3	10,1	142,4
Paraguai	748,4	672,0	843,3	818,0	818,2	0,0	9,3	107,5
Brasil	681,5	701,3	711,2	740,1	804,7	8,7	18,1	97,3
Uruguai	615,4	615,4	622,6	626,2	629,6	0,5	2,3	82,3

FONTE: FAO.

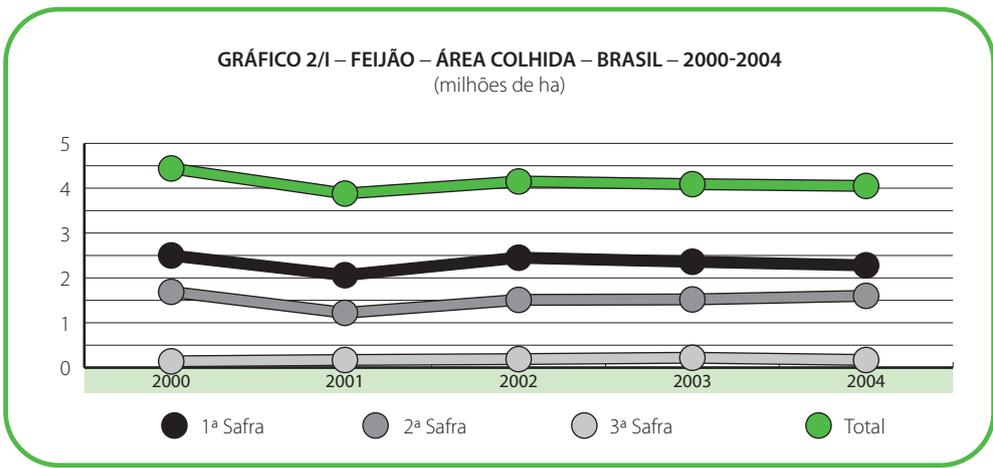
### Menor consumo, menor produção e menor preço no Brasil em 03/04

A última avaliação do conjunto das três safras de feijão do ano agrícola ainda em curso indica um moderado declínio da produtividade (-4,5%), da área (-1%) e, portanto, da produção (-5,5%).

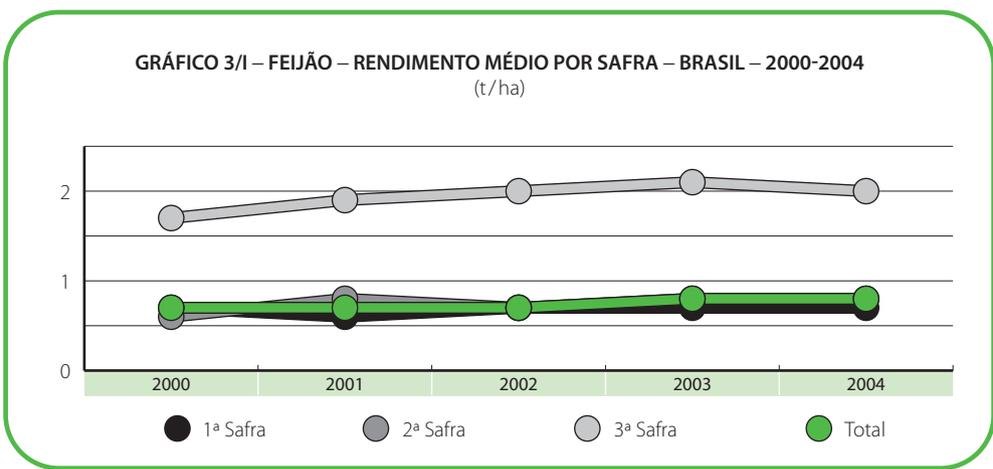
Concretamente, até o momento, estima-se que 3,13 milhões de toneladas tenham sido colhidos em 4,05 milhões de hectares, com um rendimento médio de 773,3kg/ha (Gráficos 1, 2 e 3). Esta quantidade de grãos chega ao mercado interno para se somar a um estoque de passagem duas vezes e meia maior que o de 2002.



FONTE: IBGE.



FONTE: IBGE.



FONTE: IBGE.

Além disso, o amplo predomínio de grãos de qualidade menor nesse mercado vem concorrendo para rebaixar os níveis de preço, que, por sua vez, tendem a incidir sobre os volumes de importações do produto.

Assim sendo, não se crê em alterações substanciais no balanço de oferta e demanda do feijão, a não ser que os programas assistenciais e desenvolvimentistas do governo federal se massifiquem (Tabela 8).

No entanto, num prazo um pouco mais longo, a produção vem-se mostrando crescente.

Nos últimos cinco anos, por exemplo, a produção nacional elevou-se 2,5%, impulsionada pela ascensão de 10,5% no rendimento médio, em uma área 9% menor (Tabelas 9, 10 e 11).

De outro ângulo, ao se comparar as evoluções das três safras nacionais entre si, verifica-se que a primeira, ou a das águas, embora responsável por 47% da quantidade de feijão produzido no País, vem gradativamente perdendo espaço.

Só no presente ano agrícola produziu 9% a menos que na safra das águas de 2002/03. Em cinco anos, declinou 13,5%.

Em termos de área cultivada, as perdas nos dois períodos considerados variaram entre -3,5%, em dois anos, e -9%, em cinco anos.

Na base destes dados, tem-se o crescimento da produtividade média em 2,5% no período maior e de pouco menos de 2% no menor.

A safra das águas, colhida predominantemente neste ano, enfrentou uma conjuntura diversa da do ano agrícola 02/03, a começar pelas adversidades climáticas ocorridas em diversas fases do cultivo.

As persistentes chuvas ocorridas nas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste não só retardaram os trabalhos de colheita, como rebaixaram a qualidade e a produtividade dos grãos.

As perdas de produção se elevaram ainda mais, devido ao prolongado período de estiagem na principal região produtora baiana, Irecê.

A segunda safra nacional de feijão do corrente ano agrícola, ou safrinha, atenuou, mas não interrompeu o ritmo de crescimento.

**TABELA 8/I - FEIJÃO - BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA - BRASIL - SAFRAS 99/00 A 03/04**  
(1000 t)

SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
99/00	146,8	3.098,0	77,7	3.322,5	3.050,0	2,0	270,5
00/01	270,5	2.587,1	128,9	2.986,5	2.880,0	2,0	104,5
01/02	104,5	2.983,0	81,7	3.169,2	3.000,0	2,0	167,2
02/03	167,2	3.205,0	102,8	3.475,0	3.030,0	2,0	443,0
03/04	443,0	3.211,4	100,0	3.754,4	3.330,0	3,0	421,4

FONTE: Conab (jun/04).

TABELA 9/I - FEIJÃO - PRODUÇÃO BRASILEIRA E NOS PRINCIPAIS ESTADOS - 2000-2004

ESTADO	PRODUÇÃO (t)					EVOLUÇÃO %		PART % ESTADOS
	2000	2001	2002	2003	2004	2004/2003	2004/2000	2004
<b>Brasil</b>	<b>3.056.289</b>	<b>2.453.681</b>	<b>3.050.964</b>	<b>3.309.900</b>	<b>3.129.648</b>	<b>(5,4)</b>	<b>2,4</b>	<b>100,0</b>
Paraná	494.713	462.615	610.196	707.300	676.530	(4,4)	36,8	21,4
Bahia	540.125	246.434	374.939	354.582	472.672	33,3	(12,5)	10,7
Minas Gerais	407.097	387.542	496.441	544.394	389.092	(28,5)	(4,4)	16,4
São Paulo	238.424	320.887	301.820	309.240	282.780	(8,6)	18,6	9,3
Goiás	200.415	221.742	235.418	289.172	198.125	(31,5)	(1,1)	8,7
Ceará	196.696	87.661	199.493	208.792	160.707	(23,0)	(18,3)	6,3
Santa Catarina	227.923	164.148	171.714	188.626	141.249	(25,1)	(38,0)	5,7
Rio Grande do Sul	145.955	140.474	146.042	137.843	135.165	(1,9)	(7,4)	4,2
Paraíba	91.644	12.304	51.639	68.372	112.563	64,6	22,8	2,1

FONTE: IBGE.

TABELA 10/I - FEIJÃO - ÁREA COLHIDA - BRASIL E NOS PRINCIPAIS ESTADOS - 2000-2004

ESTADO	ÁREA COLHIDA (ha)					EVOLUÇÃO %		PART % ESTADOS
	2000	2001	2002	2003	2004	2004/2003	2004/2000	2004
<b>Brasil</b>	<b>4.441.431</b>	<b>3.879.069</b>	<b>4.148.490</b>	<b>4.089.910</b>	<b>4.047.471</b>	<b>(1,0)</b>	<b>(8,9)</b>	<b>100,0</b>
Bahia	826.693	685.809	758.485	728.667	748.213	2,7	(9,5)	17,8
Ceará	570.027	525.965	596.124	599.096	554.100	(7,5)	(2,8)	14,6
Paraná	550.356	430.803	529.141	539.372	513.267	(4,8)	(6,7)	13,2
Minas Gerais	436.595	416.903	435.676	439.275	376.713	(14,2)	(13,7)	10,7
Paraíba	197.226	156.991	160.377	185.177	212.344	14,7	7,7	4,5
São Paulo	212.780	219.618	216.320	220.900	182.940	(17,2)	(14,0)	5,4
Santa Catarina	215.071	145.403	155.790	146.792	133.122	(6,7)	(36,3)	3,6
Rio Grande do Sul	181.830	148.100	164.777	155.937	136.294	(12,6)	(25,0)	3,8
Goiás	112.179	126.466	122.605	137.852	101.135	(26,6)	(9,8)	3,4

FONTE: IBGE.

TABELA 11/I - FEIJÃO - RENDIMENTO MÉDIO - BRASIL E NOS PRINCIPAIS ESTADOS - 2000-2004

ESTADO	RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)					EVOLUÇÃO %	
	2000	2001	2002	2003	2004	2004/2003	2004/2000
<b>Brasil</b>	<b>701,3</b>	<b>711,1</b>	<b>727,6</b>	<b>809,3</b>	<b>773,2</b>	<b>(4,5)</b>	<b>10,3</b>
Goiás	1.786,6	1.753,4	1.920,1	2.097,7	1.959,0	(6,6)	9,7
São Paulo	1.120,5	1.461,1	1.395,2	1.399,9	1.545,8	10,4	37,9
Paraná	898,9	1.073,8	1.153,2	1.311,3	1.318,1	0,5	46,6
Minas Gerais	932,4	929,6	1.139,5	1.239,3	1.032,9	(16,7)	10,8
Santa Catarina	1.059,8	1.128,9	1.102,2	1.285,0	1.061,0	(17,4)	0,1
Rio Grande do Sul	802,7	948,5	886,3	884,0	991,7	12,2	23,5
Bahia	653,4	359,3	494,3	486,6	631,7	29,8	(3,3)
Paraíba	464,7	78,4	322,0	369,2	530,1	43,6	14,1
Ceará	345,1	166,7	334,7	348,5	290,0	(16,8)	(15,9)

FONTE: IBGE.

Mesmo tendo sido plantada com atraso em importantes regiões produtoras, em função do retardo da primeira safra, conseguiu níveis de produção 7% maiores do que os da safrinha 02/03. Em relação à de 2000, subiu 20%.

Sua área cultivada cresceu 6% nos dois últimos anos e declinou 5,5% nos últimos cinco anos.

O rendimento médio vem evoluindo em direção contrária; mesmo sem crescer no biênio, expandiu-se 25% no quinquênio.

Com isso, passou a responder por 42% da produção nacional de feijão.

A terceira safra nacional, ou de inverno, de longe a mais tecnificada, deve dar uma forte guinada em sua trajetória de crescimento.

Ao que tudo indica, sua produtividade deve-se reduzir em 7%; sua área cultivada, em -24% e sua produção; em -26,5%, se comparadas aos índices da terceira safra do ano passado.

A se confirmarem estas estimativas, os incrementos quinquenais dos índices terão sido vultosos: 16% em produtividade, 19% em área e 44% em produção (Tabelas 9, 10 e 11).

Credita-se tamanha redução basicamente ao entrelaçamento de dois fatores.

Um deles é a contração progressiva do mercado nacional do produto em decorrência da redução dos níveis de consumo de feijão.

O outro, é a intensificação da substituição do cultivo do feijão por outros cultivos, principalmente a soja, por seu comportamento “mais adequado”, tanto no campo (menor sensibilidade às inconcistências climáticas), como no mercado (maior rentabilidade).

Dentre os principais estados produtores, a exploração econômica do feijão vem sofrendo refluxo generalizado.

Se nos últimos dois anos cresceu apenas na Paraíba (65%) e na Bahia (33,5%), nos últimos cinco anos elevou-se expressivamente no Paraná (37%), na Paraíba (22,5%) e em São Paulo (19%).

No primeiro período acima, o decréscimo de produção foi particularmente acentuado em Goiás (-31,5%), Minas Gerais (-28,5%), Santa Catarina (-25%) e Ceará (-23 %).

No segundo período, a produção recuou fortemente apenas em Santa Catarina (-38%), embora tenha sido expressiva no Ceará (-18,5%), na Bahia (-12,5%) e no Rio Grande do Sul (-7,5%).

Só houve expansão de área plantada na Paraíba (15% no biênio, e 8% no quinquênio).

Também no segundo período, os maiores recuos de área aconteceram em Santa Catarina (-36,5%) e Rio Grande do Sul (-25%), sendo pouco significativa no Ceará (-3%).

Quanto ao rendimento médio da cultura, apenas o Ceará (-16%) teve queda expressiva em cinco anos.

Os mais expressivos ganhos de produtividade foram os do Paraná (47%) e São Paulo (38%) (Tabelas 9, 10 e 11).

## Clima acentua queda de produção catarinense

As perdas sofridas nas duas safras catarinenses deste ano agrícola, pelas razões já mencionadas (ocorrência de adversidades climáticas e mau desempenho de mercado) foram totais em cerca de 4,5 mil hectares (quase 3,5% da área total).

Destes, 150 hectares, localizados na região de Curitibanos, foram perdidos no período de implantação e desenvolvimento biológico da primeira safra.

Os restantes 4,33 mil hectares (mais de 96% da área perdida total) foram perdidos durante a segunda safra.

As perdas mais expressivas, entretanto, manifestaram-se através da redução da produtividade e da qualidade dos grãos.

Entre os dois últimos anos, ocorreram perdas de produção em todas as regiões do estado, com maior vulto em Curitibanos (-51,5%), Canoinhas (-36%), Joaçaba (-23,5%), Xanxerê (-23%) e Criciúma (-22%).

Crescimento no rendimento médio só aconteceu em Canoinhas (8,5%) e Tubarão (1%).

Ao longo dos últimos cinco anos, a tendência à queda de produção e de área também se faz sentir em todas as regiões, conquanto a produtividade média dos

cultivos tenha evoluído positivamente em quatro das principais regiões produtoras: Chapecó (25%), Tubarão (12%), Xanxerê (11%), Lages (5%), as quais, juntas, representaram 43% da produção em 2004. (Tabelas 12, 13 e 14). A safra catarinense das águas foi colhida em pouco menos de 100 mil hectares e alcançou um rendimento médio bastante próximo a 1,14 tonelada por hectare. Produziu, portanto, cerca de 111,7 mil toneladas.

Se comparados com os da primeira safra de 02/03, esses números indicam a contração da área cultivada em pouco menos de 6%; da produtividade média, em 14% e do volume de produção, em 18,5%.

Mesmo assim, voltaram a participar com 79% da quantidade total de feijão produzida em território estadual. Em 2003, representavam 72,5%.

Este desempenho da safra também mostrou um pequeno rebaixamento da intenção de plantio dos produtores.

De um lado, teve-se uma série de incidências climáticas desfavoráveis, a começar pelas chuvas do início de outubro, que retardaram o preparo do solo e o plantio.

Seguiram-se-lhe as geadas de novembro, no Planalto Norte, que impuseram o replantio de cerca de 20% da área, e a estiagem de janeiro, que provocou poucas e localizadas perdas diretas.

Esta primeira safra catarinense 03/04 restringiu também sua participação na primeira safra nacional.

TABELA 12/I - FEIJÃO - QUANTIDADE PRODUZIDA NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS DE SANTA CATARINA - 2000-2004

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)					EVOLUÇÃO %		PART % MRG
	2000	2001	2002	2003	2004	2004/2003	2004/2000	2004
<b>Santa Catarina</b>	<b>227.923</b>	<b>164.148</b>	<b>171.714</b>	<b>188.626</b>	<b>141.249</b>	<b>(25,1)</b>	<b>(38,0)</b>	<b>100,0</b>
Campos de Lages	22.996	24.304	25.511	22.495	21.129	(6,1)	(8,1)	15,0
Chapecó	46.157	26.145	22.474	24.037	21.016	(12,6)	(54,5)	14,9
Curitibanos	46.782	30.126	33.039	36.821	17.919	(51,3)	(61,7)	12,7
Canoinhas	30.619	17.238	30.454	27.910	17.865	(36,0)	(41,7)	12,6
Joaçaba	17.156	16.856	14.714	18.138	13.920	(23,3)	(18,9)	9,9
Xanxerê	17.259	11.044	9.195	17.168	13.215	(23,0)	(23,4)	9,4
Criciúma	9.325	7.134	8.784	9.642	7.508	(22,1)	(19,5)	5,3
Tubarão	6.318	5.173	5.355	6.377	5.420	(15,0)	(14,2)	3,8
Demais regiões	31.311	26.128	22.188	23.412	22.446	(4,1)	(28,3)	15,9

FONTE: IBGE.

TABELA 13/I - FEIJÃO - ÁREA PLANTADA NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS DE SANTA CATARINA - 2000-2004

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	ÁREA PLANTADA (ha)					EVOLUÇÃO %		PART % MRG
	2000	2001	2002	2003	2004	2004/2003	2004/2000	2004
<b>Santa Catarina</b>	<b>215.071</b>	<b>145.403</b>	<b>155.790</b>	<b>146.792</b>	<b>133.122</b>	<b>(9,3)</b>	<b>(38,1)</b>	<b>100,0</b>
Curitibanos	29.767	21.220	21.205	24.295	23.860	(1,8)	(19,8)	17,9
Chapecó	63.060	33.070	33.041	24.263	23.035	(5,1)	(63,5)	17,3
Campos de Lages	23.166	20.050	21.600	18.625	20.231	8,6	(12,7)	15,2
Joaçaba	12.825	12.091	10.822	11.399	11.622	2,0	(9,4)	8,7
Canoinhas	18.390	11.950	18.830	18.500	10.930	(40,9)	(40,6)	8,2
Xanxerê	13.703	7.285	6.885	9.710	9.476	(2,4)	(30,8)	7,1
Criciúma	9.635	7.840	8.985	8.665	8.270	(4,6)	(14,2)	6,2
Tubarão	6.955	5.300	6.160	6.311	5.324	(15,6)	(23,5)	4,0
Demais regiões	37.570	26.597	28.262	20.227	20.374	0,7	(45,8)	15,3

FONTE: IBGE.

TABELA 14/I - FEIJÃO - RENDIMENTO MÉDIO NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS DE SANTA CATARINA - 2000-2004

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)					EVOLUÇÃO %	
	2000	2001	2002	2003	2004	2004/2003	2004/2000
<b>Santa Catarina</b>	<b>1.059,8</b>	<b>1.128,9</b>	<b>1.102,2</b>	<b>1.285,0</b>	<b>1.061,0</b>	<b>(17,4)</b>	<b>0,1</b>
Canoinhas	1.665,0	1.442,5	1.617,3	1.508,6	1.634,5	8,3	(1,8)
Xanxerê	1.259,5	1.516,0	1.335,5	1.768,1	1.394,6	(21,1)	10,7
Joaçaba	1.337,7	1.394,1	1.359,6	1.591,2	1.197,7	(24,7)	(10,5)
Campos de Lages	992,7	1.212,2	1.181,1	1.207,8	1.044,4	(13,5)	5,2
Tubarão	908,4	976,0	869,3	1.010,5	1.018,0	0,7	12,1
Chapecó	732,0	790,6	680,2	990,7	912,4	(7,9)	24,6
Criciúma	967,8	909,9	977,6	1.112,8	907,9	(18,4)	(6,2)
Curitibanos	1.571,6	1.419,7	1.558,1	1.515,6	751,0	(50,4)	(52,2)
Demais regiões	833,4	982,4	785,1	1.157,5	1.101,7	(4,8)	32,2

FONTE: IBGE.

De fato, em 2000 produzia o equivalente a 10,5% da produção, a 6,5% da área, rendendo 69% mais do que a média da mesma safra nacional.

Agora, colheu-se 7,5% da produção do País em 4,5% da área, mas se manteve o mesmo nível de rendimento médio.

A participação das principais regiões nesses patamar, em relação à safra das águas de 02/03, foi balizada, de um lado, pelo forte descenso da produção mais tecnificada de regiões que, juntas, totalizam 60% da total estadual: Curitibanos (-51,5%), Canoinhas (-33%) e Joaçaba (-23%), além de Lages (-6%).

De outro lado, acréscimos proporcionalmente mais expressivos ocorreram nas demais regiões: São Bento do Sul (73%), São Miguel d'Oeste (56,5%), Chapecó (32%) e Xanxerê (24,5%).

Registre-se, neste biênio, crescimento de 66,5% no conjunto das regiões de menor expressão produtiva.

A produtividade média dos feijoads, entretanto, evoluiu de maneira diferente. Teve quebra relevante nas regiões de Curitibanos (-50,5%), Joaçaba (-24%) e Campos de Lages (-13,5%).

Entre as cinco últimas safras, a única região a crescer em produção, e de modo vigoroso, foi a de São Bento do Sul (227%).

Todas as demais regiões produtoras tiveram queda, sendo -62% em Curitibanos, -49,5% em Canoinhas, -40% em Chapecó, -36,5% em São Miguel d'Oeste, -16% em Joaçaba e -19,5% em outras regiões de menor produção.

O rendimento médio do feijão nestas regiões, por seu turno, evoluiu de modo a proporcionar ganhos mais substanciais; cresceram mais destacadamente em Chapecó (81%), São Miguel d'Oeste (49,5%), Xanxerê (39,5%) e nas demais regiões de menor produção (30,5%).

Declinaram em Curitibanos (-52,5%), Joaçaba (-11%) e Canoinhas (-1%).

Ao mesmo tempo, registre-se que os decréscimos de área menos vigorosos aconteceram na região serrana: Curitibanos (-20%), Lages (-11,5%) e Joaçaba (-6%), bem como em Tubarão (-9%) (Tabelas 15, 16 e 17).

A segunda safra catarinense decresceu 40% entre os dois últimos anos, passando de 49 mil para 29,5 mil toneladas.

Como conseqüência, sua representatividade na produção da safrinha nacional baixou para 2,5%. Em 2000, era de 5%.

Ao longo dos últimos cinco anos, a safrinha catarinense de feijão caiu 42%.

Sua produtividade baixou 12% no biênio e 8% no quinquênio.

Com efeito, depois de ter alcançado 954,5 kg/ha no ano passado, seu rendimento médio caiu a 842,9 kg/ha.

Sua área recuou 32% entre os dois últimos anos e 37% nos últimos cinco anos.

A seqüência de eventos climáticos desfavoráveis, que contribuíram para percentuais tão expressivos como esses, começou com o retardamento do início do

TABELA 15/I - FEIJÃO 1ª SAFRA - QUANTIDADE PRODUZIDA NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS DE SANTA CATARINA - 2000-2004

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)					EVOLUÇÃO %		PART % MRG
	2000	2001	2002	2003	2004	2004/2003	2004/2000	2004
<b>Santa Catarina</b>	<b>176.953</b>	<b>127.796</b>	<b>136.045</b>	<b>137.000</b>	<b>111.723</b>	<b>(18,5)</b>	<b>(36,9)</b>	<b>100,0</b>
Campos de Lages	22.780	24.304	25.511	22.495	21.129	(6,1)	(7,2)	18,9
Curitibanos	46.618	29.976	33.039	36.761	17.877	(51,4)	(61,7)	16,0
Chapecó	27.290	14.204	13.953	12.438	16.394	31,8	(39,9)	14,7
Canoinhas	29.881	16.788	26.550	22.670	15.153	(33,2)	(49,3)	13,6
Joaçaba	16.323	16.354	14.684	17.744	13.713	(22,7)	(16,0)	12,3
Xanxerê	10.531	5.782	5.249	5.835	7.260	24,4	(31,1)	6,5
São Miguel do Oeste	7.304	6.146	4.264	2.971	4.649	56,5	(36,3)	4,2
São Bento do Sul	1.006	1.062	1.634	1.901	3.286	72,9	226,6	2,9
Demais regiões	15.220	13.180	11.161	7.364	12.262	66,5	(19,4)	11,0

FONTE: IBGE.

TABELA 16/I - FEIJÃO 1ª SAFRA - ÁREA COLHIDA NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS DE SANTA CATARINA - 2000-2004

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	ÁREA COLHIDA (ha)					EVOLUÇÃO %		PART % MRG
	2000	2001	2002	2003	2004	2004/2003	2004/2000	2004
<b>Santa Catarina</b>	<b>159.621</b>	<b>106.585</b>	<b>114.663</b>	<b>104.000</b>	<b>98.135</b>	<b>(5,6)</b>	<b>(38,5)</b>	<b>100,0</b>
Curitibanos	29.630	21.120	21.205	24.255	23.825	(1,8)	(19,6)	24,3
Campos de Lages	22.860	20.050	21.600	18.625	20.231	8,6	(11,5)	20,6
Chapecó	40.600	19.065	20.291	14.185	13.499	(4,8)	(66,8)	13,8
Joaçaba	11.970	11.500	10.762	11.102	11.292	1,7	(5,7)	11,5
Canoinhas	17.650	11.650	15.700	14.600	9.010	(38,3)	(49,0)	9,2
Xanxerê	9.090	3.817	4.325	3.735	4.500	20,5	(50,5)	4,6
São Miguel do Oeste	9.980	6.710	7.135	4.340	4.255	(2,0)	(57,4)	4,3
Tubarão	1.745	1.460	1.900	1.836	1.589	(13,5)	(8,9)	1,6
Demais regiões	16.096	11.213	11.745	6.371	9.934	55,9	(38,3)	10,1

FONTE: IBGE.

TABELA 17/I - FEIJÃO 1ª SAFRA - RENDIMENTO MÉDIO NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS DE SANTA CATARINA - 2000-2004

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)					EVOLUÇÃO %	
	2000	2001	2002	2003	2004	2004/2003	2004/2000
<b>Santa Catarina</b>	<b>1.108,6</b>	<b>1.199,0</b>	<b>1.186,5</b>	<b>1.317,3</b>	<b>1.138,5</b>	<b>(13,6)</b>	<b>2,7</b>
Canoinhas	1.693,0	1.441,0	1.691,1	1.552,7	1.681,8	8,3	(0,7)
Xanxerê	1.158,5	1.514,8	1.213,6	1.562,2	1.613,3	3,3	39,3
São Bento do Sul	1.458,0	1.459,0	1.460,0	1.461,0	1.462,0	0,1	0,3
Chapecó	672,2	745,0	687,6	876,8	1.214,5	38,5	80,7
Joaçaba	1.363,7	1.422,1	1.364,4	1.598,3	1.214,4	(24,0)	(10,9)
São Miguel do Oeste	731,9	915,9	597,6	684,6	1.092,6	59,6	49,3
Campos de Lages	996,5	1.212,2	1.181,1	1.207,8	1.044,4	(13,5)	4,8
Curitibanos	1.573,3	1.419,3	1.558,1	1.515,6	750,3	(50,5)	(52,3)
Demais regiões	945,6	1.175,4	950,3	1.155,9	1.234,3	6,8	30,5

FONTE: IBGE.

plantio da safrinha, que, por sua vez, foi provocado pelo atraso no início da primeira safra (Tabelas 18, 19 e 20).

A situação, porém, tornou-se proporcionalmente mais drástica em função de novo e prolongado período de estiagem (janeiro–março/04).

A insatisfação dos produtores foi potencializada pela persistência de níveis de preços de mercado considerados pouco remuneradores.

TABELA 18/I - FEIJÃO 2ª SAFRA - QUANTIDADE PRODUZIDA NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS DE SANTA CATARINA - 2000-2004

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)					EVOLUÇÃO %		PART % MRG
	2000	2001	2002	2003	2004	2004/2003	2004/2000	2004
<b>Santa Catarina</b>	<b>50.970</b>	<b>36.352</b>	<b>35.669</b>	<b>49.000</b>	<b>29.526</b>	<b>(39,7)</b>	<b>(42,1)</b>	<b>100,0</b>
Chapecó	18.867	11.941	8.521	10.078	4.622	(54,1)	(75,5)	15,7
Criciúma	7.431	5.760	7.466	7.220	6.136	(15,0)	(17,4)	20,8
Xanxerê	6.728	5.262	3.946	5.975	5.955	(0,3)	(11,5)	20,2
Tubarão	4.598	3.730	4.011	4.475	3.708	(17,1)	(19,4)	12,6
Canoinhas	738	450	3.904	3.900	2.712	(30,5)	267,5	9,2
Ituporanga	1.197	1.096	1.591	2.490	1.429	(42,6)	19,4	4,8
Araranguá	2.083	992	1.475	1.720	1.044	(39,3)	(49,9)	3,5
São Miguel do Oeste	3.149	2.434	1.082	1.590	569	(64,2)	(81,9)	1,9
Demais regiões	6.179	4.687	3.673	4.403	3.351	(23,9)	(45,8)	11,3

FONTE: IBGE.

TABELA 19/I - FEIJÃO 2ª SAFRA - ÁREA PLANTADA NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS DE SANTA CATARINA - 2000-2004

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	ÁREA PLANTADA (ha)					EVOLUÇÃO %		PART % MRG
	2000	2001	2002	2003	2004	2004/2003	2004/2000	2004
<b>Santa Catarina</b>	<b>55.450</b>	<b>38.818</b>	<b>41.127</b>	<b>51.336</b>	<b>34.987</b>	<b>(31,8)</b>	<b>(36,9)</b>	<b>100,0</b>
Chapecó	22.460	14.005	12.750	11.599	9.536	(17,8)	(57,5)	27,3
Xanxerê	4.613	3.468	2.560	11.333	4.976	(56,1)	7,9	14,2
Criciúma	7.935	6.410	7.415	8.469	7.050	(16,8)	(11,2)	20,2
Canoinhas	740	300	3.130	5.240	1.920	(63,4)	159,5	5,5
Tubarão	5.210	3.840	4.260	4.477	3.735	(16,6)	(28,3)	10,7
Ituporanga	1.300	1.120	1.490	2.885	1.375	(52,3)	5,8	3,9
Araranguá	2.023	1.363	2.365	1.720	1.675	(2,6)	(17,2)	4,8
São Miguel do Oeste	3.695	3.280	2.765	1.389	1.100	(20,8)	(70,2)	3,1
Demais regiões	7.474	5.032	4.392	4.224	3.620	(14,3)	(51,6)	10,3

FONTE: IBGE.

TABELA 20/I - FEIJÃO 2ª SAFRA - RENDIMENTO MÉDIO NAS PRINCIPAIS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS DE SANTA CATARINA - 2000-2004

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)					EVOLUÇÃO %	
	2000	2001	2002	2003	2004	2004/2003	2004/2000
<b>Santa Catarina</b>	<b>919,2</b>	<b>936,5</b>	<b>867,3</b>	<b>954,5</b>	<b>843,9</b>	<b>(11,6)</b>	<b>(8,2)</b>
Chapecó	840,0	852,6	668,3	868,9	484,7	(44,2)	(42,3)
Criciúma	936,5	898,6	1.006,9	852,5	870,4	2,1	(7,1)
Xanxerê	1.458,5	1.517,3	1.541,4	527,2	1.196,7	127,0	(17,9)
Tubarão	882,5	971,4	941,5	999,6	992,8	(0,7)	12,5
Canoinhas	997,3	1.500,0	1.247,3	744,3	1.412,5	89,8	41,6
Ituporanga	920,8	978,6	1.067,8	863,1	1.039,3	20,4	12,9
Araranguá	1.029,7	727,8	623,7	1.000,0	623,3	(37,7)	(39,5)
São Miguel do Oeste	852,2	742,1	391,3	1.144,7	517,3	(54,8)	(39,3)
Demais regiões	826,7	931,4	836,3	1.042,4	925,7	(11,2)	12,0

FONTE: IBGE.

*Cesar A. Freyesleben Silva*

# FUMO

## Situação mundial e brasileira

Ao longo dos últimos anos, a produção mundial tem uma clara trajetória de decréscimo. Segundo os números da FAO, no período de 1990 a 2003 houve uma redução de 13,2% na quantidade de fumo produzida mundialmente.

A redução se deu de forma quase igual entre os principais produtores mundiais e, para muitos destes, tende a continuar.

Isto permitiu que o Brasil saísse da condição de quarto produtor mundial no

início dos anos noventa, para a de segundo nos anos mais recentes. Com a tendência de novos acréscimos na produção brasileira, particularmente na da Região Sul, ele dificilmente perderá essa posição nos próximos anos.

Além disto, o Brasil alcançou a condição de maior exportador mundial em quantidade, respondendo por cerca de 22% das exportações de fumo bruto em 2002. No início dos anos noventa, este percentual era próximo de 12%.

Em 2003, as exportações brasileiras não tiveram o desempenho esperado e permaneceram quase no mesmo patamar de 2002 (crescimento de apenas 0,6%). As indústrias atribuíram este fraco desempenho mais à falta de produto, decorrente de a produção da safra 02/03 ter ficado aquém do esperado, do que a problemas de mercado para o País.

Para 2004, a expectativa do Sindicato da Indústria do Fumo (Sindifumo) é de que o Brasil alcance um novo recorde na quantidade exportada. Considerando os números dos primeiros cinco meses, entretanto, isto está longe de se confirmar; houve um decréscimo de 11,8% em relação à quantidade exportada no mesmo período do ano passado. A expectativa do Sindifumo é de que isto se reverta no transcorrer dos próximos meses.

### **Safra 03/04 - situação do Sul do País e de Santa Catarina**

A Região Sul segue ampliando a sua participação na produção brasileira de fumo.

Na safra 03/04 da Região Sul houve um novo recorde de produção. A área plantada foi a maior da história e, ao contrário da safra 02/03, o clima não comprometeu o desenvolvimento das lavouras.

Os números ainda não são definitivos, mas, segundo as estatísticas do mês de junho do IBGE, a área plantada e a produção regional alcançaram 431,354 mil hectares e 865,432 mil toneladas, res-

pectivamente. Em relação à safra 02/03, houve crescimento de 17,38 % na área plantada e de 36,62% na produção. Além da grande produção, as indústrias destacam que a qualidade do fumo foi um dos pontos fortes da safra 03/04.

A comercialização da safra é que frustrou a expectativa dos produtores.

A dificuldade começou quando as indústrias fixaram uma tabela de preços com uma correção de cerca de 21% sobre a da safra 02/03. Este percentual foi considerado completamente inadequado pelas entidades dos produtores, que tentaram, sem sucesso, retomar as negociações com as indústrias.

O preço médio recebido pelos produtores do Sul do País teve variação muito abaixo dos 21% aplicados sobre a tabela. Segundo a Afubra, atingiu R\$ 4,24/kg, superando em apenas 7,3% o preço médio da safra 02/03.

A diferença entre o percentual aplicado sobre a tabela (21%) e o efetivamente recebido (7,3%) deve-se à mudança de postura das indústrias na classificação do fumo. Na safra 02/03, como havia muito interesse pela aquisição do produto, em muitas situações ele sequer era classificado e os preços aos produtores foram nivelados por cima. Na safra 03/04 não foi assim; os preços médios caíram sensivelmente.

Na realidade, o percentual de variação nos preços recebidos é bastante variável entre os produtores. Para os que venderam o produto mais no início da comercialização da safra 02/03, o rea-

juste pode ter sido maior; os que venderam mais ao seu final, quando os preços recebidos dispararam para valores altíssimos e completamente fora dos parâmetros iniciais (entre R\$ 4,50 e R\$ 6,00/kg), podem ter recebido preços médios até piores na comercialização da safra 03/04.

Em Santa Catarina, o resultado da safra 03/04 é idêntico ao da Região Sul. A área plantada e a produção também foram recordes. Os números provisórios do IBGE indicam uma área plantada de 146,5 mil hectares e uma produção de 279 mil toneladas, muito acima do recorde anterior, de 226 mil toneladas na safra 92/93.

Apesar disto, a maioria dos produtores também se frustrou com os preços recebidos durante a comercialização.

Mesmo assim, na safra 03/04 a fumicultura teve ainda mais consolidada a sua condição de uma das atividades econômica e socialmente mais importante para o meio rural catarinense. Segundo os dados da Afubra, 59,850 mil produtores catarinenses plantaram fumo na safra 03/04; 2,63 mil produtores a mais que na safra 02/03.

### Perspectivas para 04/05

Nos últimos anos, as indústrias do Sul do Brasil têm estimulado os produtores a expandirem as suas áreas de plantio. Isto deve repetir-se na safra 04/05, que, em muitas regiões, já está sendo plantada. Inicialmente, o Sindifumo projeta

um crescimento de 7% na área plantada do Sul do País.

Considerando os últimos dados da Afubra acerca da safra 03/04, a área a ser plantada nos três estados do Sul ficará em torno de 440 mil hectares. Caso esta área se confirme e se repita o rendimento médio da safra anterior, a produção da safra 04/05 superará as 910 mil toneladas.

A Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra) ainda não projeta números para a safra 04/05, mas julga que a elevação nos preços dos insumos, verificada do ano passado para este, é um fator que restringe a ampliação de área, sobretudo em algumas regiões de plantio mais tradicionais. Assim, eventuais crescimentos se dariam mais em novas regiões produtoras.

Ainda que o Brasil continue ampliando as suas exportações - o que não aconteceu em 2003, nem nos primeiros cinco meses de 2004 - e que se reduza a quantidade de cigarro clandestino no mercado interno, é muito fumo produzido numa única safra.

Assim, a fumicultura do Sul do País parece estar saindo de um cenário relativamente tranquilo nos últimos anos, para uma situação um pouco mais preocupante.

A comercialização da safra 03/04 foi mais uma amostra de que é com safras muito grandes que os produtores acabam tendo as maiores dificuldades. Isto pode ficar ainda mais caracterizado na safra 04/05.

**TABELA 1/I - FUMO - PRODUÇÃO MUNDIAL E DOS PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES - 1990/2003**  
(peso bruto em mil t)

PAÍS	1990	1995	2000	2001	2002	2003
China	2.645,6	2.326,7	2.563,9	2.358,8	2.454,1	2.307,6
Brasil	445,5	456,0	578,5	568,5	670,3	648,5
Índia	551,6	566,7	520,0	490,0	385,0	595,0
EUA	737,7	576,0	477,6	449,8	398,5	377,0
Zimbábue	130,4	198,4	227,7	195,9	178,4	178,4
Turquia	296,0	204,4	200,3	144,8	152,9	151,9
Indonésia	156,4	140,2	135,6	134,4	143,2	135,0
Argentina	67,6	79,0	114,5	98,1	125,4	126,0
Grécia	135,7	148,5	136,6	136,5	127,0	121,0
Itália	214,9	124,5	129,9	130,5	122,2	106,3
Paquistão	68,1	80,9	107,7	85,1	94,5	94,9
Malauí	101,0	129,4	98,7	82,5	69,4	69,5
Tailândia	69,5	48,8	74,2	64,0	74,0	65,0
Coréia do Norte	65,0	60,0	63,0	63,0	64,4	64,0
Bulgária	76,5	18,8	32,3	41,0	58,4	60,0
Canadá	63,1	74,2	53,0	58,0	60,0	60,0
Japão	80,5	70,4	60,8	61,0	58,0	60,0
<b>Mundo</b>	<b>7.137,4</b>	<b>6.273,5</b>	<b>6.664,2</b>	<b>6.192,3</b>	<b>6.228,9</b>	<b>6.194,7</b>

FORNTE: FAO.

**TABELA 2/I - FUMO - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO - BRASIL - SAFRAS 92/93-03/04**

SAFRA	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
92/93	375.679	655.739	1.745
93/94	320.237	519.541	1.622
94/95	293.643	455.986	1.553
95/96	320.117	476.638	1.489
96/97	338.240	596.952	1.765
97/98	358.155	505.353	1.411
98/99	341.731	629.525	1.842
99/00	310.633	579.727	1.866
00/01	305.676	568.505	1.860
01/02	344.798	670.309	1.944
02/03(1)	392.417	656.112	1.672
03/04(2)	465.039	901.739	1.939

FORNTE: IBGE.

(1) Dados sujeitos a pequenas alterações.

(2) Dados preliminares (junho/04).

**TABELA 3/I - FUMO - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO, SEGUNDO OS ESTADOS E REGIÕES - BRASIL - SAFRAS 00/01-02/03**

ESTADO/REGIÃO	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	00/01	001/02	02/03 <sup>(1)</sup>	00/01	01/02	02/03 <sup>(1)</sup>	00/01	2001/02	02/03 <sup>(1)</sup>
Rio Grande do Sul	148.668	165.213	196.370	298.193	339.832	322.064	2.006	2.057	1.640
Santa Catarina	93.678	112.067	120.899	178.207	223.382	213.339	1.902	1.993	1.765
Paraná	34.714	41.977	50.220	68.554	82.459	98.056	1.975	1.964	1.953
<b>Região Sul</b>	<b>277.060</b>	<b>319.257</b>	<b>367.489</b>	<b>544.954</b>	<b>645.673</b>	<b>633.459</b>	<b>1.967</b>	<b>2.022</b>	<b>1.724</b>
Alagoas	13.348	9.698	10.618	10.638	10.425	9.304	797	1.075	876
Bahia	10.597	11.164	12.498	8.846	9.947	11.229	835	891	898
Sergipe	1.666	1.363	1.253	1.992	1.752	1.663	1.196	1.285	1.327
Paraíba	183	331	299	130	236	227	710	713	759
Rio Grande do Norte	107	189	-	67	132	-	626	698	-
Ceará	106	77	79	97	71	79	915	922	1.000
Piauí	7	7	-	5	6	-	714	857	-
Pernambuco	10	83	-	5	34	-	500	410	-
<b>Região Nordeste</b>	<b>26.024</b>	<b>22.912</b>	<b>24.747</b>	<b>21.780</b>	<b>22.603</b>	<b>22.502</b>	<b>837</b>	<b>987</b>	<b>909</b>
Minas Gerais	1.858	1.862	-	1.300	1.480	-	700	795	-
São Paulo	126	176	181	61	143	151	484	813	834
<b>Região Sudeste</b>	<b>1.984</b>	<b>2.038</b>	<b>181</b>	<b>1.361</b>	<b>1.623</b>	<b>151</b>	<b>686</b>	<b>796</b>	<b>834</b>
Acre	211	226	-	174	187	-	825	827	-
Pará	210	178	-	114	101	-	543	567	-
Amazonas	187	187	-	122	122	-	652	652	-
Região Norte	608	591	-	410	410	-	674	<b>694</b>	-
<b>Brasil</b>	<b>305.676</b>	<b>344.798</b>	<b>392.417</b>	<b>568.505</b>	<b>670.309</b>	<b>656.112</b>	<b>1.860</b>	<b>1.944</b>	<b>1.672</b>

FONTE: IBGE.

(1) Dados sujeitos a alterações.

**TABELA 4/I - FUMO - QUANTIDADE PRODUZIDA E EXPORTADA PELO BRASIL - 1992-2003**

ANO	PRODUÇÃO (t)	EXPORTAÇÃO (t)	EXP./PROD. (%)
1992	575.652	276.337	48,0
1993	655.739	279.321	42,6
1994	519.541	335.567	64,6
1995	455.986	321.298	70,5
1996	476.638	365.254	76,6
1997	596.952	409.919	68,7
1998	505.353	392.875	77,7
1999	629.525	358.746	57,0
2000	579.727	353.022	60,9
2001	568.505	443.846	78,1
2002	670.309	474.472	70,8
2003	656.112	477.550	72,8
<b>Média</b>	<b>574.170</b>	<b>374.017</b>	<b>65,1</b>

FONTE: IBGE e Secex/Decex.

**TABELA 5/I - FUMO - EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - 1992-2003**

ANO	QUANTIDADE (t)	VALOR (US\$ 1.000)	(US\$/kg)
1992	276.337	981.604	3,55
1993	279.321	900.782	3,22
1994	335.567	1.030.708	3,07
1995	321.298	1.174.961	3,66
1996	365.254	1.515.392	4,15
1997	409.919	1.664.806	4,06
1998	392.875	1.558.990	3,97
1999	358.746	961.237	2,68
2000	353.022	841.474	2,38
2001	443.846	944.316	2,13
2002	474.472	1.008.169	2,12
2003	477.550	1.090.259	2,28

FONTE: Secex/Decex.

**TABELA 6/I - FUMO - EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - 1995-2003**

ANO	VALOR (US\$ 1.000)	TAXA DE CÂMBIO <sup>(1)</sup>	VALOR (R\$ 1.000)
1995	1.174.961	0,91767	1.078.223
1996	1.515.392	1,00508	1.523.083
1997	1.664.806	1,07799	1.794.647
1998	1.558.990	1,16052	1.809.233
1999	961.237	1,81473	1.744.389
2000	841.474	1,83020	1.540.069
2001	944.316	2,35044	2.219.559
2002	1.008.169	2,92115	2.945.016
2003	1.090.259	3,07828	3.356.122

FONTES: Secex/Decex.  
(1) Média anual.

**TABELA 7/I - FUMO - EXPORTAÇÕES CATARIENSES - 1992-2003**

ANO	QUANTIDADE (t)	VALOR (US\$ 1.000)	(US\$/kg)
1992	24.641	96.075	3,90
1993	27.763	83.110	2,99
1994	33.173	84.677	2,55
1995	38.070	116.055	3,05
1996	39.452	140.674	3,57
1997	34.909	122.125	3,50
1998	38.735	127.255	3,29
1999	31.449	84.388	2,68
2000	37.882	88.697	2,34
2001	48.101	90.579	1,88
2002	45.968	88.211	1,92
2003	43.264	88.232	2,04

FONTES: Secex/Decex.

**TABELA 8/I - FUMO - COMPARATIVO DAS SAFRAS DA REGIÃO SUL DO BRASIL - SAFRAS 01/02-03/04**

ESTADO	ÁREA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (Kg/ha)		
	01/02	02/03	03/04(1)	01/02	02/03	03/04(1)	01/02	02/03	03/04(1)
Rio Grande do Sul	152.680	182.790	207.090	330.360	296.720	445.990	2.164	1.623	2.154
Santa Catarina	111.520	120.530	137.380	223.000	212.810	275.220	2.000	1.766	2.003
Paraná	40.310	50.490	66.820	81.730	91.010	129.850	2.028	1.803	1.943
<b>Região Sul</b>	<b>304.510</b>	<b>353.810</b>	<b>411.290</b>	<b>635.090</b>	<b>600.540</b>	<b>851.060</b>	<b>2.086</b>	<b>1.697</b>	<b>2.069</b>

FONTES: Afubra.  
(1) Dados sujeitos a alterações (jun/04).

**TABELA 9/I - FUMO - PREÇO MÉDIO RECEBIDO PELOS PRODUTORES DA REGIÃO SUL DO BRASIL - SAFRAS 96/97 - 03/04**

SAFRA/ESTADO	(R\$/kg)				(US\$/kg)			
	RS	SC	PR	REGIÃO SUL	RS	SC	PR	REGIÃO SUL
96/97	1,91	1,94	1,76	1,90	1,80	1,83	1,66	1,79
97/98	1,90	1,96	1,72	1,91	1,67	1,72	1,51	1,68
98/99	1,82	1,88	1,80	1,84	1,04	1,08	1,03	1,06
99/00	2,01	2,01	1,93	2,00	1,12	1,12	1,08	1,12
00/01	2,51	2,43	2,25	2,45	1,17	1,13	1,05	1,14
01/02	2,86	2,89	2,71	2,85	1,17	1,18	1,11	1,17
02/03 <sup>(1)</sup>	4,02	3,94	3,77	3,95	1,24	1,22	1,16	1,22
03/04	4,34	4,19	4,03	4,24	1,46	1,41	1,36	1,43

FONTES: Afubra.  
(1) Dado calculado pelo Instituto Cepa/SC.  
OBS: Conversão em dólar realizada pelo Instituto Cepa/SC.

**TABELA 10/I - FUMO - PREÇO MÉDIO RECEBIDO PELOS PRODUTORES DA REGIÃO SUL DO BRASIL - SAFRAS 96/97-03/04**

SAFRA/TIPO	(R\$/kg)				(US\$/kg)			
	VIRGÍNIA	BURLEY	COMUM	MÉDIA	VIRGÍNIA	BURLEY	COMUM	MÉDIA
96/97	1,94	1,80	1,14	1,90	1,83	1,70	1,08	1,79
97/98	1,94	1,83	1,20	1,91	1,71	1,61	1,06	1,68
98/99	1,85	1,82	1,24	1,84	1,06	1,04	0,71	1,06
99/00	2,03	1,90	1,32	2,00	1,14	1,06	0,74	1,12
00/01	2,52	2,22	1,44	2,45	1,17	1,03	0,67	1,14
01/02	2,92	2,62	1,69	2,85	1,20	1,07	0,69	1,17
02/03 <sup>(1)</sup>	4,10	3,43	2,21	3,95	1,27	1,06	0,68	1,22
03/04	4,36	3,76	2,65	4,24	1,47	1,27	0,89	1,43

FONTE: Afubra.

<sup>(1)</sup> Dado calculado pelo Instituto Cepa/SC.

OBS: Conversão em dólar realizada pelo Instituto Cepa/SC.

**TABELA 11/I - FUMO - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO - SANTA CATARINA - SAFRAS 92/93-03/04**

SAFRA	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
92/93	126.171	226.421	1.795
93/94	95.458	173.372	1.816
94/95	80.997	135.732	1.676
95/96	102.951	166.468	1.617
96/97	104.804	200.736	1.915
97/98	116.761	163.768	1.403
98/99	105.523	204.675	1.940
99/00	96.117	188.327	1.959
00/01	93.678	178.207	1.902
01/02	112.067	223.382	1.993
02/03	120.899	213.339	1.765
03/04 <sup>(1)</sup>	146.500	279.000	1.904

FONTE: IBGE.

<sup>(1)</sup> Dados preliminares.

**TABELA 12/I - FUMO - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MÉDIO, SEGUNDO AS REGIÕES GEOGRÁFICAS DE SANTA CATARINA - SAFRAS 00/01-02/03**

MICRO/MESORREGIÃO GEOGRÁFICA	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	00/01	01/02	02/03	00/01	01/02	02/03	00/01	01/02	02/03
São Miguel do Oeste	9.330	11.370	12.057	17.348	21.146	19.289	1.859	1.860	1.600
Chapecó	9.875	11.759	12.595	18.386	22.543	20.022	1.862	1.917	1.590
Xanxerê	1.149	1.675	1.957	2.194	3.217	3.164	1.909	1.921	1.617
Joaçaba	751	881	922	1.340	1.660	1.488	1.784	1.884	1.614
Concórdia	513	562	575	954	1.076	931	1.860	1.915	1.619
Oeste Catarinense	21.618	26.247	28.106	40.222	49.642	44.894	1.861	1.891	1.597
Canoinhas	16.901	21.775	23.874	31.853	43.464	43.841	1.885	1.996	1.836
São Bento do Sul	517	611	671	1.003	1.268	1.194	1.940	2.075	1.779
Joinville	42	41	35	81	83	63	1.929	2.024	1.800
Norte Catarinense	17.460	22.427	24.580	32.937	44.815	45.098	1.886	1.998	1.835
Curitibanos	575	591	654	1.064	1.080	1.023	1.850	1.827	1.564
Campos de Lages	872	1.019	1.087	1.671	2.052	1.944	1.916	2.014	1.788
Serrana	1.447	1.610	1.741	2.735	3.132	2.967	1.890	1.945	1.704
Rio do Sul	15.077	17.811	19.553	28.965	35.571	34.598	1.921	1.997	1.769
Blumenau	1.048	876	933	2.068	1.762	1.729	1.973	2.011	1.853
Itajaí	6	1	5	10	2	9	-	2.000	1.800
Ituporanga	8.021	8.956	10.310	15.193	18.276	18.825	1.894	2.041	1.826
Vale do Itajaí	24.152	27.644	30.801	46.236	55.611	55.161	1.914	2.012	1.791
Tijucas	2.684	2.933	2.967	4.973	6.055	5.377	1.853	2.064	1.812
Florianópolis	15	8	4	29	15	8	1.933	1.875	2.000
Tabuleiro	573	609	688	1.084	1.232	1.255	1.892	2.023	1.824
Grande Florianópolis	3.272	3.550	3.659	6.086	7.302	6.640	1.860	2.057	1.815
Tubarão	7.715	8.886	9.251	14.860	17.998	16.822	1.926	2.025	1.818
Criciúma	6.365	7.353	7.589	12.381	15.179	14.049	1.945	2.064	1.851
Araranguá	11.649	14.350	15.172	22.750	29.703	27.708	1.953	2.070	1.826
Sul Catarinense	25.729	30.589	32.012	49.991	62.880	58.579	1.943	2.056	1.830
<b>Santa Catarina</b>	<b>93.678</b>	<b>112.067</b>	<b>120.899</b>	<b>178.207</b>	<b>223.382</b>	<b>213.339</b>	<b>1.902</b>	<b>1.993</b>	<b>1.765</b>

FONTE: IBGE.

Tabajara Marcondes

# MAÇÃ

## Produção manteve-se inalterada

O montante da produção brasileira de maçã colhido na última campanha nacional, correspondente ao ano agrícola 02/03, manteve-se praticamente inalterado relativamente ao volume obtido na safra imediatamente anterior.

De acordo com as últimas informações disponibilizadas pelo IBGE, que muito provavelmente serão oficializadas como definitivas, o total da oferta interna colhida nesta safra somou aproximadamente 835,3 mil toneladas, não apresentando, portanto, variação significativa compara-

tivamente ao volume de 857,4 mil toneladas alcançado no ano passado.

A estabilização da produção brasileira em patamar muito próximo ao registrado na safra anterior foi, mais uma vez, influenciada pelas condições desfavoráveis de clima verificadas no decorrer do ano de 2003 em quase todos os principais estados produtores, como: falta de qualidade de frio (inverno com poucas horas de baixas temperaturas); primavera em que se alternaram dias de temperaturas elevadas com dias de tempera-

turas mais amenas; excesso de chuvas nos meses de outubro e novembro e altas temperaturas nos meses de janeiro e fevereiro deste ano.

A área já implantada com macieiras no Brasil, de acordo com a mesma fonte, totaliza ao redor de 33.300 hectares, 31.400 dos quais se encontram em idade produtiva.

O desempenho previsto para a cultura da macieira no Brasil, nesta safra, por estado produtor, segundo dados do IBGE, apresenta-se de acordo com a tabela 1.

O estado de Santa Catarina, conforme observado, continua liderando a produção interna do fruto, tendo respondido, nesta campanha, por aproximadamente 57,0% do total da produção nacional.

A oferta dos principais municípios catarinenses nesta safra e sua participação no montante da colheita estadual é mostrada na tabela 2.

Em virtude da menor produção interna, do aumento dos níveis de exportação da fruta brasileira e da sensível redução dos

volumes de importação, os valores de comercialização verificados no decorrer deste ano apresentaram-se em patamar bastante atrativo e remunerador.

No entreposto atacadista da Ceagesp, na capital paulista, considerado o principal formador e repassador de valores de comercialização de hortigranjeiros do País, os preços médios mensais registrados situaram-se sempre em valor superior aos dos últimos anos, conforme demonstrado no gráfico 1. As operações brasileiras de comércio exterior relacionadas à maçã, registradas no ano de 2003, apresentam um balanço extremamente positivo, pois os níveis de exportação mostram-se substancialmente mais elevados que os níveis das aquisições externas do produto.

Segundo as últimas informações, disponibilizadas pela Secretaria de Comércio Exterior, do Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio do Brasil, as exportações brasileiras nos dez primeiros meses deste ano já somam aproximadamente 76,5 mil toneladas, representando um crescimento de vendas de 16,0% comparativamente às operações

**TABELA 1/I - MAÇÃ - ESTIMATIVA DO DESEMPENHO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA - SAFRA 02/03 (1)**

ESTADO	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO PREVISTA (t)	RENDIMENTO ESTIMADO (kg/ha) (2)
Santa Catarina	18.282	475.095	29.061
Rio G. do Sul	13.352	329.460	24.675
Paraná	1.515	28.397	18.744
São Paulo	185	2.370	12.811
<b>BRASIL</b>	<b>33.334</b>	<b>835.322</b>	<b>26.603</b>

FONTE: IBGE.

ELABORAÇÃO: Instituto Cepa/SC.

(1) Dados estimativos, sujeitos a modificações.

(2) Produtividade calculada sobre a área em produção.

**TABELA 2/I - MAÇÃ – ÁREA PLANTADA E PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS MUNICÍPIOS CATARINENSES – SAFRA 02/03<sup>(1)</sup>**

MUNICÍPIO	ÁREA PLANTADA (ha)	PRODUÇÃO COLHIDA (t)	PART. NO TOTAL DA PRODUÇÃO (%)
Fraiburgo	5.834	178.219	37,5
São Joaquim	4.100	101.185	21,3
Monte Carlo	1.096	36.144	7,6
Lebon Régis	1.155	35.360	7,4
Bom J. da Serra	1.069	28.000	5,9
Urubici	690	19.000	4,0
Água Doce	730	13.800	2,9
Bom Retiro	1.260	12.000	2,5
Lages	353	10.065	2,1
Urupema	352	7.560	1,6
Santa Cecília	387	7.550	1,6
Outros	1.256	26.212	5,6
<b>Santa Catarina</b>	<b>18.282</b>	<b>475.095</b>	<b>100,0</b>

FONTE: IBGE.  
 ELABORAÇÃO: Instituto Cepa/SC.  
 (1) Dados sujeitos a modificações.

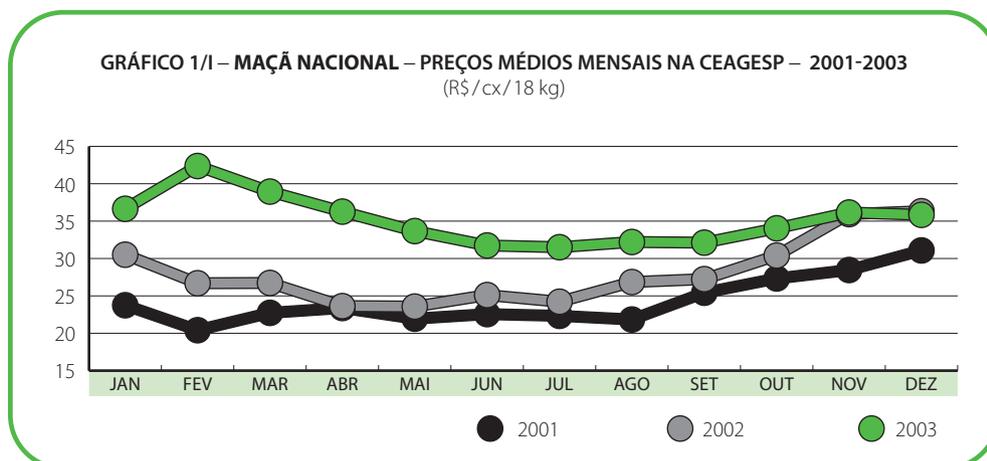
externas realizadas ao longo de todo o ano de 2002.

O volume em questão é novo recorde de vendas externas da fruta e representou para o Brasil um ingresso de divisas de US\$ 37,8 milhões/FOB. O produto foi comercializado em mais de trinta países, 15 do continente europeu, 10 do asiático, 6 do americano e 2 do continente africano, a um valor médio de US\$ 0,49/kg.

Relativamente às importações, os dados oficiais disponíveis revelam quantitativos de aquisições externas de apenas 42,4 mil toneladas, volume cerca de 20,0% inferior ao das compras realizadas no ano passado.

Com relação à nova safra, ano agrícola 03/04, ainda não há projeções sobre o provável desempenho nacional da cul-

tura. Para Santa Catarina, as primeiras avaliações oficiais revelam perspectivas de colheita bruta da ordem de 560,0 mil toneladas do fruto, volume cerca de 17,9% superior ao obtido na safra 02/03. O registro de melhores condições de clima durante o corrente ano, especialmente de um inverno mais rigoroso em número de horas de frio, é apontado como o fator determinante desta expectativa.



FONTE: Ceagesp.  
ELABORAÇÃO: Instituto Cepa/SC.

**TABELA 3/I - MAÇÃ – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO – SAFRAS 00/01 – 02/03**

ESTADO	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (¹) (kg/ha)		
	00/01	01/02	02/03(²)	00/01	01/02	02/03(²)	00/01	01/02	02/03(²)
Santa Catarina	17.815	17.950	18.282	378.748	474.516	475.095	24.631	29.831	29.061
Rio G. do Sul	13.733	13.638	13.352	304.453	346.799	329.460	22.170	25.429	24.675
Paraná	1.586	1.717	1.515	29.931	33.222	28.397	18.872	19.349	18.744
São Paulo	240	224	185	2.820	2.710	2.370	11.750	12.098	12.811
Minas Gerais	32	33	-	78	141	-	2.438	4.273	-
<b>BRASIL</b>	<b>33.406</b>	<b>33.562</b>	<b>33.334</b>	<b>716.030</b>	<b>857.388</b>	<b>835.322</b>	<b>23.122</b>	<b>27.202</b>	<b>26.603</b>

FONTE: IBGE/PAM.

Elaboração: Instituto Cepa/SC.

(¹) Rendimento calculado sobre a área destinada a colheita.

(²) Dados estimativos, sujeitos a modificações.

Guido Boeing

# MANDIOCA

## Panorama Mundial

A cultura de mandioca, nas últimas décadas, apresenta desempenho positivo nos principais países produtores. Nos anos mais recentes, especialmente em alguns países africanos e asiáticos, este produto constitui a principal fonte energética de alimento e mais uma alternativa de renda.

Em 2003, a FAO estimava a produção mundial de raiz de mandioca em torno de 187,7 milhões de toneladas, numa área colhida de 17,2 milhões de hectares.

A África é responsável por 53,8% da produção mundial, seguida pela Ásia, com 29,4, e a América do Sul, com 16,9%.

Em nível de país, a Nigéria destaca-se no ranking mundial como o primeiro produtor, sendo responsável por 19,92% da produção total, seguida do Brasil, com 11,76%, a Indonésia, com 9,77%, a Tailândia, com 9,75%, a República Democrática do Congo, com 8,89% e Gana, com 5,29%; estes países somam cerca de 65% do volume mundial produzido (Tabela 1).

**TABELA 1/1 - MANDIOCA - ÁREA COLHIDA E QUANTIDADE PRODUZIDA - TOTAL E NOS PRINCIPAIS PAÍSES – SAFRAS 00/01 a 02/03**

PAÍS	ÁREA COLHIDA (1.000 ha)			QUANTIDADE PRODUZIDA (1.000 t)		
	00/01	01/02	02/03	00/01	01/02	02/03
<b>Mundo</b>	<b>17.184</b>	<b>17.353</b>	<b>17.184</b>	<b>184.985</b>	<b>186.391</b>	<b>189.100</b>
Angola	573	593	573	5.394	5.620	5.699
Brasil	1.667	1.692	1.646	22.577	23.131	22.147
Repúb. Dem. Congo	1.902	1.840	1.902	15.436	14.929	14.929
Gana	726	794	726	8.966	9.731	10.000
Índia	270	270	270	6.900	7.000	7.100
Indonésia	1.318	1.277	1.318	17.055	16.913	18.474
Moçambique	834	1.020	834	5.988	5.925	6.150
Nigéria	3.430	3.455	3.430	32.586	34.476	33.379
Tailândia	1.049	988	1.049	18.396	16.868	18.430
Tanzânia	661	660	661	6.884	6.888	6.888
Uganda	390	398	390	5.265	5.373	5.400
Demais países	4.364	4.366	4.385	39.538	39.537	40.504

FONTE: FAO (jun/04).

Na maioria dos países africanos, a mandioca ainda é considerada um alimento básico para mais de 60% da população. A comercialização da produção, tanto in natura quanto processada (ainda bastante incipiente), ocorre principalmente em feiras livres, mercearias, supermercados, bem como em regiões próximo aos centros de consumo. Somente nos anos mais recentes é que a atividade começa a tomar uma importância comercial, resultado de uma melhor organização do produtor, de expansão dos investimentos em pesquisas para melhoria de produtividade e formas de processamento.

Nos países asiáticos, com destaque para a Tailândia e a Indonésia, que perfazem mais de 60% da produção continental e da América do Sul, onde o Brasil lidera a produção com 74%, a cultura se diferencia justamente pelo crescente avanço da industrialização. Para se ter uma idéia, a Tailândia é o 4º maior produtor mundial e detém o maior parque industrial de fécula e de “pellets” em todo o planeta.

A soma das exportações de farinha (bastante incipiente) e de amido natural comercializados nos centros consumidores mundiais gerou nos anos de 2000 a 2002 um movimento financeiro médio da ordem de 174,1 milhões de dólares. A Tailândia continua líder absoluto nas vendas, com participação no volume de negócios de aproximadamente 90%, seguida pelo mercado chinês e o brasileiro (Tabelas 2 e 3).

Nas importações, o mercado chinês, além de se destacar como o maior comprador de amido de mandioca, vem aumentando sua participação no volume comercializado. Em 2002, atingiu 61% de todas as aquisições efetuadas, seguido pelo mercado japonês e o da Malásia; juntos, somaram 17,8%. Quanto ao mercado de farinha de mandioca, Níger, Singapura e Laos são os maiores compradores, com participação de 30,9%, 26,7% e 18,3%, respectivamente, no volume total comercializado (Tabelas 4 e 5).

**TABELA 2/I – FARINHA DE MANDIOCA – QUANTIDADE E VALOR DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS E PRINCIPAIS PAÍSES – 2000-2002**

PAÍS	QUANTIDADE (t)			VALOR (US\$ 1.000)		
	2000	2001	2002	2000	2001	2002
<b>Mundo</b>	<b>149.070</b>	<b>116.805</b>	<b>87.477</b>	<b>22.551</b>	<b>19.602</b>	<b>17.406</b>
Brasil	1.134	1.470	1.229	450	434	307
Gana	2.053	741	143	623	303	57
Nigéria	-	-	2.300	-	-	200
Singapura	312	268	932	215	108	428
Tailândia	141.838	114.176	82.142	20.767	18.654	15.016

FONTE: FAO jun04).

**TABELA 3/I - AMIDO DE MANDIOCA – QUANTIDADE E VALOR DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS E PRINCIPAIS PAÍSES – 2000-2002**

PAÍS	QUANTIDADE (t)			VALOR (US\$ 1.000)		
	2000	2001	2002	2000	2001	2002
<b>Mundo</b>	<b>983.323</b>	<b>832.518</b>	<b>867.405</b>	<b>155.972</b>	<b>146.699</b>	<b>160.015</b>
Alemanha	182	810	1.052	117	488	690
Brasil	9.086	17.936	24.780	2.820	4.304	5.222
China	46.195	34.029	39.752	12.199	9.236	10.497
Equador	1.596	4.297	3.656	339	539	287
Estados Unidos	6.167	4.629	3.355	1.943	1.380	1.106
Indonésia	7.683	10.928	20.082	1.675	2.820	3.028
Holanda	2.003	2.832	3.697	1.198	1.373	2.203
Tailândia	906.422	748.819	767.420	133.594	123.242	135.020

FONTE: FAO (jun/04).

**TABELA 4/I - FARINHA DE MANDIOCA – QUANTIDADE E VALOR DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS E PRINCIPAIS PAÍSES – 2000-2002**

PAÍS	QUANTIDADE (t)			VALOR (US\$ 1.000)		
	2000	2001	2002	2000	2001	2002
<b>Mundo</b>	<b>25.913</b>	<b>14.980</b>	<b>11.539</b>	<b>4.375</b>	<b>3.677</b>	<b>3.183</b>
Canadá	638	1.061	1.120	215	353	378
Japão	604	478	461	140	104	102
Laos	1.500	1.760	2.114	260	320	485
Níger	9.072	3.572	3.572	709	253	253
Portugal	371	631	462	149	213	140
Singapura	5.803	6.181	3.097	1.393	1.727	1.051

FONTE: FAO(jun04).

**TABELA 5/1 - AMIDO DE MANDIOCA – QUANTIDADE E VALOR DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS E PRINCIPAIS PAÍSES – 2000-2002**

PAÍS	QUANTIDADE (t)			VALOR (US\$ 1.000)		
	2000	2001	2002	2000	2001	2002
<b>Mundo</b>	<b>1.038.332</b>	<b>967.607</b>	<b>1.145.532</b>	<b>179.940</b>	<b>182.133</b>	<b>223.375</b>
Bangladesh	14.000	11.000	17.835	1.900	1.400	2.498
Brasil	2.422	3.302	12.395	716	837	2.533
China	484.889	545.134	709.388	78.549	99.446	131.040
Rep. da Coréia	4.030	3.684	9.051	696	743	1.898
Estados Unidos	22.362	13.321	16.366	7.757	4.927	4.318
Federação Russa	670	1.426	10.529	161	303	2.050
Filipinas	11.490	34.441	43.102	1.890	5.482	8.150
Indonésia	205.989	66.344	25.754	32.346	9.969	4.722
Japão	115.668	122.907	115.462	20.657	23.221	24.013
Malásia	86.753	66.627	82.469	13.457	11.528	15.841
Singapura	35.222	39.545	40.305	6.060	6.752	7.782

FONTE: FAO (jun/04).

## Panorama Brasileiro

### Safra 02/03

Na safra brasileira 02/03 de mandioca, segundo o IBGE (maio de 2004), foi colhido 1,646 milhão de hectares, resultando numa produção de 22,147 milhões de toneladas, apresentando um decréscimo de 2,78% e de 4,25%, respectivamente, em relação à safra passada, como consequência da diminuição da área, principalmente nas Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do País.

A Região Nordeste lidera a produção, com 8,174 milhões de toneladas, seguida, em ordem de importância, pelas demais regiões: Norte, com 6,585 milhões de toneladas; Sul, com 4,205 milhões de toneladas; Sudeste, com 2,072 milhões de toneladas e Centro-Oeste, com 1,110 milhão de toneladas. As maiores produções, por estado, são as do Pará, Bahia e Paraná, perfazem-

do, no total, mais de 50% da produção nacional.

A tabela 6 mostra o comportamento de área e produção no Brasil e nos principais estados produtores nas safras 00/01-02/03.

A diminuição da área plantada e a redução na produção da safra nos estados do Paraná, Amazonas, Ceará, Minas Gerais, Pernambuco, São Paulo, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul foram consequência do comportamento do mercado, que esteve bastante retraído nos três primeiros trimestres de 2002, mantendo os preços ao produtor próximo aos custos de produção; isto influenciou significativamente a intenção de plantio para o ano seguinte.

O reduzido estoque nacional de farinha e fécula verificado em 2002 e o aumento da demanda desses mesmos produtos, nos primeiros meses de 2003, obrigaram as agroindústrias processadoras, nas principais regiões produtoras do Sul, Sudeste

**TABELA 6/I - RAIZ DE MANDIOCA - ÁREA COLHIDA E QUANTIDADE PRODUZIDA NO BRASIL E NOS PRINCIPAIS ESTADOS - SAFRAS 01/02 A 03/04**

DISCRIMINAÇÃO	ÁREA COLHIDA (mil ha)			QUANTIDADE PRODUZIDA (mil t)		
	01/02	02/03	03/04 <sup>(1)</sup>	01/02	02/03	03/04 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>1.692,9</b>	<b>1.645,7</b>	<b>1.764,6</b>	<b>23.131,2</b>	<b>22.146,8</b>	<b>23.847,2</b>
Bahia	325,5	330,6	354,8	4.087,8	3.908,3	4.347,6
Pará	271,3	292,6	294,6	4.119,7	4.468,6	4.174,0
Paraná	157,8	110,7	160,4	3.427,1	2.351,2	3.368,7
Maranhão	151,2	164,6	172,5	1.145,3	1.241,7	1.252,4
Amazonas	95,0	83,8	82,8	944,5	804,9	795,8
Rio Grande do Sul	84,5	88,9	90,0	1.275,9	1.315,2	1.290,8
Ceará	86,6	82,1	80,9	815,3	857,9	759,6
Minas Gerais	62,0	60,6	58,4	858,8	850,6	846,3
Pernambuco	44,7	41,8	43,2	482,9	440,4	473,8
São Paulo	37,7	36,7	37,8	805,4	864,2	907,8
Piauí	43,1	39,8	40,9	353,6	358,8	481,2
Santa Catarina	32,0	28,4	32,3	583,0	538,9	586,1
Rio Grande do Norte	39,9	37,2	52,2	373,2	385,8	559,2
Mato Grosso	34,2	25,8	33,6	438,6	356,0	449,2

FONTES: IBGE.

(<sup>1</sup>) Safra 03/04 – Dados preliminares (LSPA, maio de 2004).

e Centro-Oeste do País, a intensificar as compras de raiz. Este procedimento contribuiu para a escassez generalizada de matéria-prima em pleno auge da colheita da safra.

Em conseqüência, parte expressiva das agroindústrias do setor operou abaixo da capacidade instalada, enquanto outras anteciparam o encerramento das suas atividades, sendo necessário rever, em alguns casos, o cronograma de trabalho para não prejudicar os compromissos futuros de mercado.

Em 2003, ao contrário do ano anterior, as condições de mercado apresentaram-se favoráveis para os produtos e subprodutos da mandioca, contribuindo para que os preços se mantivessem crescentes em todos os níveis (atacado, varejo e produtor) e em patamares acima da média dos últimos anos.

## Perspectivas para a Safra 03/04

As estimativas do IBGE (maio de 2004) mostravam uma tendência acentuada de aumento da safra nacional de mandioca 03/04: área a ser colhida de 1,765 milhão de hectares, produção de 23,847 milhões de toneladas e rendimento médio de 13,5 toneladas por hectare, caracterizando um crescimento relativo de 7,2%, 7,7% e 0,5%, respectivamente, em comparação com os números da safra passada.

A área da lavoura que mais cresceu foi na Região Sul, com 24%; vem depois o Centro-Oeste, com 22%, o Nordeste, com 5% e o Sudeste, com 3%.

O crescimento da safra tem como fator responsável o comportamento de mercado, que se apresentou bastante generoso em

2003, assegurando preços em alta para os produtos e subprodutos da mandioca, inclusive acima da média histórica dos últimos dez anos.

Contribuiu também para isso a iniciativa dos empreendedores do setor, principalmente nos estados do Paraná e Mato Grosso do Sul, que firmaram contratos de compra de matéria-prima com o setor produtivo, estabelecendo um preço-referência, com o objetivo de aumentar a produção de raiz e garantir o abastecimento das agroindústrias durante a safra.

A lavoura apresentou crescimento vegetativo em condições normais, embora se tenham constatado alguns focos de bacteriose ou sapeco (*Xanthomonas campestris*) em algumas propriedades nos estados da Região Sul. Também houve casos isolados de falta de chuvas nas Regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul, e de excesso, principalmente em alguns estados da Região do Nordeste.

A colheita da safra nos estados do Paraná e Mato Grosso do Sul teve início no mês de janeiro, porém, em ritmo mais lento. No mês de fevereiro ainda persistia a falta de matéria-prima (mandioca de dois ciclos), que limitava os serviços de processamento da farinha e fécula. A partir do mês de março, entretanto, aumentou, gradativamente, a oferta de raiz (mandioca de um ciclo), normalizando-se os trabalhos das agroindústrias do setor.

As condições do mercado nacional de produtos e subprodutos da mandioca apresentaram-se favoráveis no período de janeiro a maio de 2004. Nos meses de junho a agosto - período de maior con-

centração da colheita-, a expectativa dos agentes do setor é de que os preços se mantenham estáveis, voltando a crescer levemente a partir do mês de setembro, podendo-se acentuar o crescimento nos meses seguintes do ano corrente.

No segmento das farinhas, o mercado nacional apresenta-se praticamente estabilizado nos últimos anos. As alternativas para estimular o consumo do produto continuam bastante limitadas. Há pouca criatividade dos agentes produtivos e de comercialização para estimular o consumo de subprodutos agregadores de valores oriundos da farinha. Os estados produtores das Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste continuarão apostando no aumento de consumo da população nordestina. Entretanto, a estabilidade no volume de negócios dependerá do comportamento da safra na região, que, por sua vez, dependerá da adversidade climática, que dependerá da sorte, e assim sucessivamente.

No segmento de fécula, o mercado nacional tem toda uma avenida para ser explorada, tanto na forma do produto in natura, quanto através do amido modificado.

O volume de negócios deverá continuar se expandindo no mercado nacional e no âmbito internacional, possibilitando a aplicação de mais investimentos no setor, tanto nos projetos já implantados, quanto nos projetos futuros.

Na linha de produtos modificados devido à sua diversidade de uso, o setor deverá aumentar o volume de vendas para os principais centros consumidores internacionais, no momento praticamente dominados pelo mercado tailandês.

## Panorama Catarinense

### Safra 02/03

A safra catarinense de mandioca 02/03, comparada com os dados da safra passada, segundo o IBGE, apresentou crescimento negativo: área plantada de 28,4 mil hectares (11,5%) e quantidade obtida de 538,9 mil toneladas (7,6%).

Este decréscimo (a exemplo do quadro nacional) foi ocasionado pela falta de opção de venda da produção em 2002. As poucas alternativas de mercado até outubro daquele ano influenciaram significativamente os valores de venda, fazendo com que os preços se mantivessem em baixa, tanto para a raiz, quanto para os derivados da mandioca. Em consequência desse comportamento, gerou-se um clima de incerteza na hora de plantar. Dessa forma, o produtor optou pelo plantio de outras culturas, consideradas mais rentáveis, como o milho, o fumo, o feijão e a cebola.

Em 2003, a comercialização catarinense de raiz e seus derivados foi influenciada pelas condições mercadológicas nacionais, bastante favoráveis aos produtos e subprodutos da mandioca durante praticamente todos os meses do ano, exercendo uma forte pressão para cima nos preços ao produtor, no atacado e varejo.

A redução de estoques de farinha e fécula ainda no primeiro bimestre do ano fez com que as agroindústrias do setor iniciassem as compras de raiz mais cedo: no mês de março, na Região Sul Catarinense, e, a partir de abril, na Região

do Alto Vale do Itajaí. Este procedimento promoveu uma maior competitividade entre os diversos segmentos do setor, assegurando os preços da matéria-prima em alta durante a safra. No entanto, antecipou o encerramento da colheita para o mês de agosto, devido à escassez de raiz para processamento.

A tabela 7 mostra o comportamento da cultura da mandioca nas safras 00/01 a 02/03 nas microrregiões geográficas de Santa Catarina.

### Perspectivas para a Safra 03/04

As estimativas do IBGE/GCEA-SC para a safra catarinense de mandioca 03/04, apresentavam em abril de 2004, um quadro de crescimento da lavoura de mandioca em comparação com os dados da safra passada: área plantada de 32,3 mil hectares (13,5%) e quantidade obtida de 587,1 mil toneladas (8,7%).

Este crescimento é consequência do quadro favorável no ano passado: mercado comprador e preços altos para os produtos e subprodutos da mandioca nos diferentes níveis de comercialização.

Os tratos culturais da lavoura, tais como capina, adubação química e orgânica e aplicação de inseticida, foram realizados regularmente no período de novembro a janeiro, permitindo crescimento homogêneo das plantações.

As lavouras desenvolveram-se em condições normais, apesar do baixo índi-

**TABELA 7/I - RAIZ DE MANDIOCA - ÁREA COLHIDA E QUANTIDADE PRODUZIDA, NAS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS DE SANTA CATARINA - SAFRAS 00/01 - 02/03**

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	ÁREA COLHIDA (ha)			QUANTIDADE PRODUZIDA (t)		
	00/01	01/02	02/03	00/01	01/02	02/03
<b>Santa Catarina</b>	<b>37.983</b>	<b>32.081</b>	<b>28.417</b>	<b>708.950</b>	<b>582.995</b>	<b>538.930</b>
Araranguá	3.945	2.440	1.250	53.870	36.120	18.550
Blumenau	3.224	2.005	2.132	59.792	40.108	42.388
Campos de Lages	92	63	90	1.063	694	1.030
Canoinhas	517	200	200	7.875	3.200	3.200
Chapecó(1)	4.957	4.888	4.326	87.451	77.715	74.691
Concórdia	1.511	1.251	1.036	25.849	21.824	18.257
Criciúma	780	780	660	13.890	14.220	12.315
Curitibanos	41	41	29	573	573	393
Florianópolis	1.387	1.630	1.640	22.800	26.060	26.760
Itajaí	413	248	248	6.159	3.723	3.723
Ituporanga	1.585	1.215	935	37.350	28.675	21.825
Joaçaba	319	199	199	5.028	3.045	3.045
Joinville	1.406	1.381	1.371	26.575	24.343	24.179
Rio do Sul	4.845	4.250	3.995	110.160	93.015	93.280
São Bento do Sul	70	70	70	1.075	1.095	1.075
São Miguel do Oeste	2.947	2.758	2.575	69.465	55.105	57.905
Tabuleiro	900	690	690	23.550	13.550	13.550
Tijucas	1.290	925	945	23.760	16.425	16.785
Tubarão	7.315	6.565	5.540	126.595	117.420	99.670
Xanxerê	439	482	486	6.070	6.085	6.309

FONTES: IBGE.

(1) Deve-se observar que a produção da microrregião de Chapecó é destinada, em sua grande maioria, à alimentação animal.

ce pluviométrico observado em alguns municípios do estado durante a fase de crescimento vegetativo.

Entretanto, as bruscas alternâncias de temperatura (dias quentes intercalados com dias frios) no verão passado favoreceram o desenvolvimento de alguns focos de bacteriose ou sapeco (*Xanthomonas campestris*) em algumas propriedades da região Sul Catarinense.

Acresce-se, ainda, a ocorrência de fortes vendavais (ciclone Catarina) ocorridos na madrugada do dia 28 de março, que danificaram parcialmente as lavouras nas

microrregiões geográficas de Criciúma e Araranguá. Aproximadamente 1.300 hectares foram atingidos, com diminuição de ganho por hectare colhido.

A oferta de matéria-prima para as agroindústrias de processamento - normalmente disponibilizada a partir do mês de março -, nesta safra, excepcionalmente, começou mais tarde: nas microrregiões geográficas de Imaruí e Laguna, em abril, e nas microrregiões geográficas de Criciúma e Araranguá, em maio. O atraso da colheita nas microrregiões foi ocasionado pela diminuição da área remanescente (mandioca de dois ciclos) na safra 02/03.

O rendimento industrial nos diversos segmentos do setor até meados de junho estava abaixo da expectativa dos diversos segmentos do setor.

Na região Sul Catarinense, atingiu a média de 305 quilos de farinha por tonelada de raiz processada. A média obtida na região, na safra passada, foi de aproximadamente 375 quilos. O segmento de polvilho azedo variou de 205 a 215 quilos por tonelada de raiz, 15% a menos que a média alcançada na safra 02/03, enquanto, no Alto Vale do Itajaí, a produção de fécula caiu entre 1% e 2% em relação à média alcançada na safra passada, de 271 quilos de fécula por tonelada de raiz.

Esta queda, embora parcial, é consequência do aumento do volume de mandioca de um ciclo, processada logo no início da safra; dos fortes vendavais que atingiram partes das lavouras nos municípios da região Sul Catarinense, interrompendo, em alguns casos, o ciclo normal da planta, fazendo com que as reservas nutricionais concentradas nas raízes fossem utilizadas para uma nova brotação. Houve, ainda, casos de podridão da raiz; o excesso de terras junto às raízes transportadas para os engenhos influenciou na pesagem do produto.

Na região Sul Catarinense, as agroindústrias processadoras abriram as compras da safra, estabelecendo entre R\$ 200,00 e R\$ 210,00 a tonelada, enquanto, no Alto Vale do Itajaí, o preço foi fixado em R\$ 180,00 a tonelada (Tabela 8 e Gráficos 1 e 2).

As cotações da matéria-prima continuaram oscilando, seguindo o comportamento de preços da farinha, da fécula e do polvilho azedo, que, por sua vez, variou de acordo com a lei da oferta e da procura estabelecida pelo mercado.

À medida que se intensifica a colheita, nos meses de junho e julho, a produção de farinha, fécula e polvilho azedo aumentará sensivelmente e os preços tendem a se ajustar de acordo com a realidade do mercado.

O mercado catarinense de produtos e subprodutos da mandioca, nos primeiros cinco meses de 2004, apresentou-se praticamente estável, podendo manter ritmo semelhante no volume de negócios no período de junho a agosto do ano corrente (Tabela 9 e gráficos 3, 4, 5 e 6).

Ressalta-se, ainda, que a variação de preços dos derivados da mandioca, no estado, continuarão dependendo do comportamento desses mesmos produtos no mercado nacional.

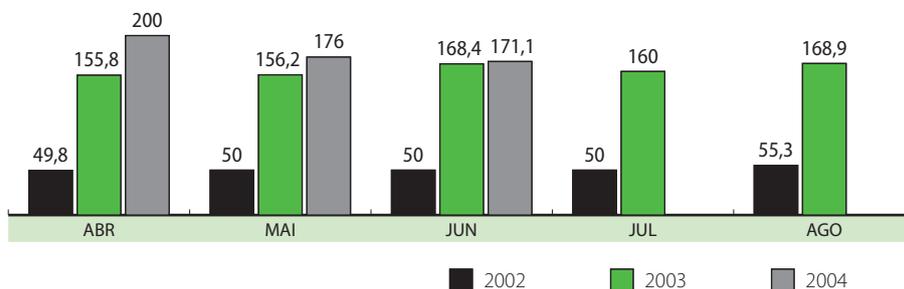
**TABELA 8/1 –RAIZ DE MANDIOCA NAS REGIÕES SUL CATARINENSE E ALTO VALE - PREÇOS MENSAIS RECEBIDOS PELO PRODUTOR–2002 a 2004**

MÊS	SUL CATARINENSE (R\$/t)			ALTO VALE (R\$/t)		
	2002	2003	2004	2002	2003	2004
Abril	49,78	155,83	200,00	-	118,89	-
Maio	50,00	156,25	176,00	60,00	150,00	180,00
Junho	50,00	168,42	171,11	60,00	150,00	180,00
Julho	50,00	160,00		60,00	150,00	
Agosto	55,26	168,89		60,00	150,00	
Setembro	-	-		60,00	150,00	

FONTE: Instituto Cepa/SC.

GRÁFICO 1/I – RAIZ – PREÇOS MENSIS RECEBIDOS PELO PRODUTOR –  
SUL CATARINENSE – 2002-2004

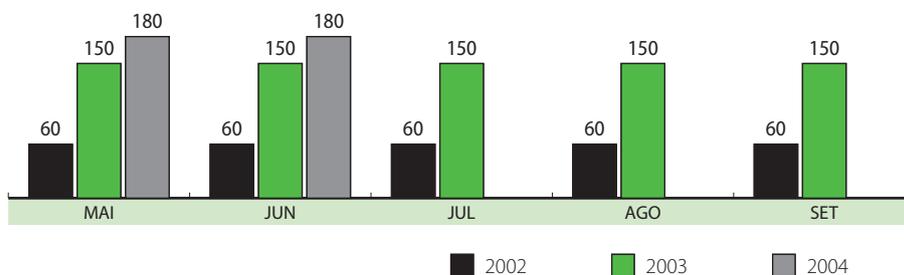
(R\$/t)



FONTE: Instituto Cepa/SC.

GRÁFICO 2/I – RAIZ – PREÇOS MENSIS RECEBIDOS PELO PRODUTOR –  
ALTO VALE – 2002-2004

(R\$/t)



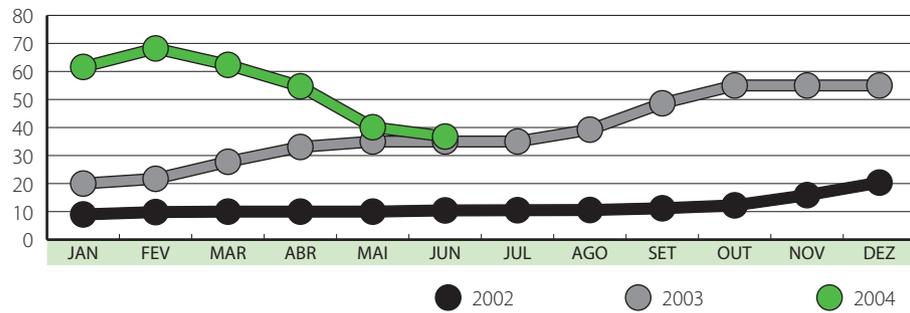
FONTE: Instituto Cepa/SC.

TABELA 9/I – FARINHA NA REGIÃO SUL CATARINENSE - PREÇOS MENSIS AO PRODUTOR – 2002 – 2004

MÊS	FARINHA GROSSA (R\$/sc/50kg)			FARINHA FINA (R\$/sc/50kg)		
	2002	2003	2004	2002	2003	2004
Janeiro	9,00	20,00	61,61	12,00	25,00	75,00
Fevereiro	9,83	21,70	68,21	12,42	27,75	80,00
Março	10,00	27,78	62,35	12,50	36,94	75,95
Abril	10,00	33,06	54,70	14,10	43,56	68,82
Mai	10,00	35,00	40,10	15,00	45,45	55,00
Junho	10,43	35,00	36,78	15,00	45,00	51,41
Julho	10,50	35,00	-	15,00	45,00	-
Agosto	10,57	39,25	-	15,00	47,00	-
Setembro	11,19	48,64	-	15,38	59,09	-
Outubro	12,24	55,00	-	16,52	68,10	-
Novembro	15,88	55,00	-	22,76	70,00	-
Dezembro	20,36	55,00	-	29,14	70,00	-

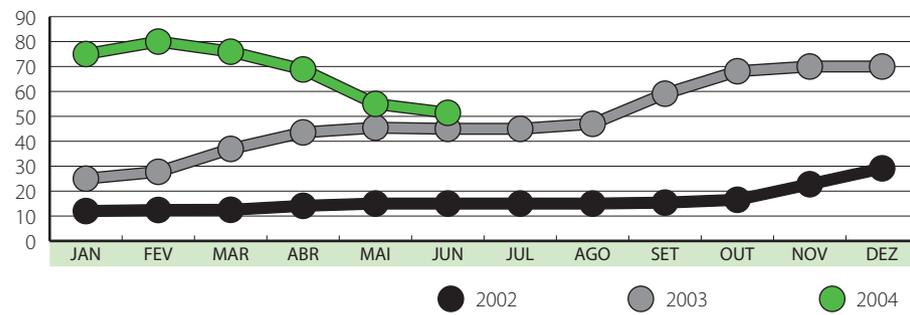
FONTE: Instituto Cepa/SC.

**GRÁFICO 3/I – FARINHA GROSSA – PREÇOS MENSAIS RECEBIDOS – SUL CATARINENSE – 2002-2004**  
(R\$/sc/50 kg)



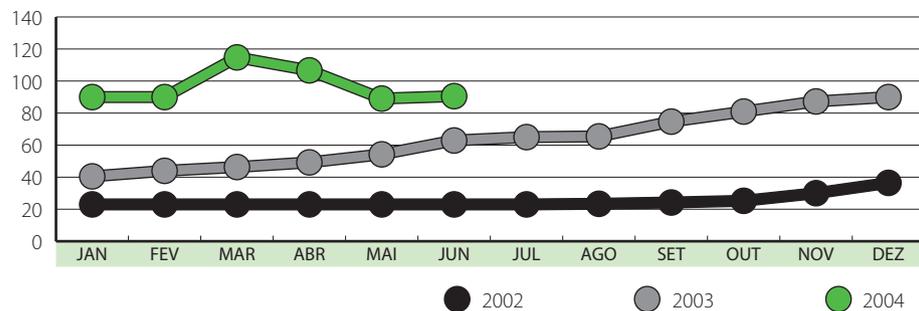
FONTE: Instituto Cepa/SC.

**GRÁFICO 4/I – FARINHA FINA – PREÇOS MENSAIS RECEBIDOS – SUL CATARINENSE – 2002-2004**  
(R\$/sc/50 kg)

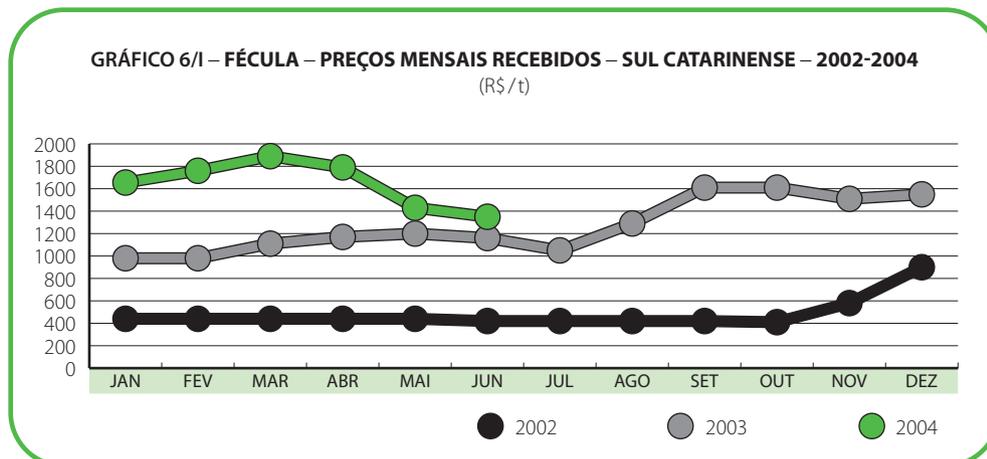


FONTE: Instituto Cepa/SC.

**GRÁFICO 5/I – POLVILHO AZEDO – PREÇOS MENSAIS RECEBIDOS – SUL CATARINENSE – 2002-2004**  
(R\$/sc/50 kg)



FONTE: Instituto Cepa/SC.



FONTE: Instituto Cepa/SC.

**TABELA 10/I - POLVILHO AZEDO E FÉCULA (NA INDÚSTRIA) NAS REGIÕES SUL CATARINENSE E ALTO VALE DO ITAJAÍ – PREÇOS MENSAIS AO PRODUTOR – 2002 – 2004**

MÊS	SUL CATARINENSE			ALTO VALE DO ITAJAÍ		
	POLVILHO AZEDO (R\$/sc/50kg)			FÉCULA (R\$/t)		
	2002	2003	2004	2002	2003	2004
Janeiro	23,00	40,50	90,00	440,00	980,00	1.655,00
Fevereiro	23,00	43,95	90,00	440,00	980,00	1.760,00
Março	23,00	46,33	114,76	440,00	1.110,00	1.890,00
Abril	23,00	49,22	106,67	440,00	1.170,00	1.790,00
Mai	23,00	54,25	89,05	440,00	1.200,00	1.430,00
Junho	23,00	62,89	90,56	420,00	1.160,00	1.350,00
Julho	23,00	65,00	-	420,00	1.050,00	-
Agosto	23,38	65,45	-	420,00	1.290,00	-
Setembro	24,19	74,68	-	420,00	1.610,00	-
Outubro	25,24	80,95	-	410,00	1.610,00	-
Novembro	30,00	87,25	-	580,00	1.510,00	-
Dezembro	36,44	90,00	-	900,00	1.550,00	-

FONTE: Instituto Cepa/SC.

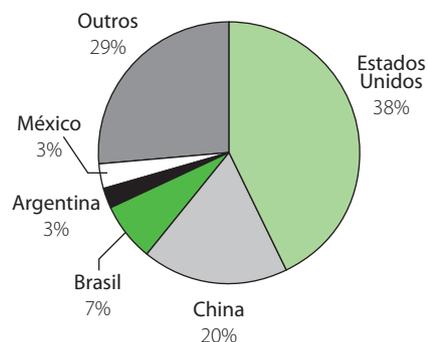
*Luiz Marcelino Vieira*

# MILHO

## Panorama Internacional

Segundo o Usda, a produção mundial de milho da safra 02/03 situou-se em 601,0 milhões de toneladas, quantidade 0,2% superior à da safra anterior (599,7 milhões). O leve crescimento, a despeito da forte quebra da safra dos Estados Unidos (de 241,4 milhões para 227,8 milhões), se deveu ao bom desempenho da safra de outros países, especialmente China e Brasil. A participação dos países mais importantes no contexto da produção mundial em 02/03 pode ser vista no gráfico 1.

**GRÁFICO 1/1 – MILHO – PRINCIPAIS  
PRODUTORES MUNDIAIS – SAFRA 02/03**  
(600,99 milhões t)



FONTE: Usda (jun/04).

Para 03/04, as projeções do Usda (jun/04) apontavam uma produção de 615,9 milhões de toneladas. O avanço em relação à safra 02/03 decorre, além da boa recuperação da safra norte-americana (de 227,8 milhões para 256,9 milhões de toneladas), da melhor estimativa para a produção da Federação Russa e dos países do Sudeste Asiático. O incremento só não foi mais substantivo porque as estiagens acarretaram prejuízos à safra da China, de boa parte da Europa, do Brasil e da Argentina.

A produção mundial de 02/03, de qualquer modo, continuou bastante inferior ao potencial do consumo (626,7 milhões de toneladas), fato que provocou nova redução nos estoques de passagem. Estes, que já haviam caído de 171,4 milhões na temporada 00/01 para 148,0 milhões na temporada 01/02, declinaram para 122,3 milhões de toneladas ao final da temporada 02/03.

Para a temporada 03/04, que termina em setembro, a estimativa é de que os estoques caiam para 89,22 milhões de toneladas, uma vez que o consumo está estimado em 649,0 milhões de toneladas, contra uma produção de 615,9 milhões de toneladas. A tendência de de-

clínio deverá estender-se também para a temporada 04/05, pois tudo indica que, apesar da perspectiva de uma grande safra nos Estados Unidos, a produção continuará abaixo do potencial da demanda (Tabela 1).

Dentro do contexto global, vale ressaltar o comportamento dos estoques norte-americanos, que caíram de 40,6 milhões de toneladas em 01/02, para 27,6 milhões em 02/03 e tendem a declinar para apenas 20,5 milhões em 03/04. Vale destacar também o caso da China, cujos estoques declinaram, no mesmo período, de 102,3 milhões para apenas 44,3 milhões de toneladas.

Em Chicago, os contratos da primeira posição oscilaram, no primeiro semestre de 2003, numa faixa entre US\$ 91,80/t e US\$ 94,30/t, patamares que representaram um avanço médio de 16% em relação aos do mesmo período do ano passado. A quebra da safra dos Estados Unidos e a projeção de um suprimento mundial bem mais ajustado foram responsáveis por este comportamento. Em julho, todavia, com a projeção de que a nova safra americana apresentaria um crescimento substancial, as cotações sofreram forte declínio, caindo, em termos médios, para US\$ 85,10/t.

**TABELA 1/I - MILHO - OFERTA/DEMANDA MUNDIAL E NORTE - AMERICANA - SAFRAS 02/03 - 04/05**  
(milhões t)

DISCRIMINAÇÃO	MUNDIAL			ESTADOS UNIDOS		
	02/03	03/04	04/05	02/03	03/04	04/05
Estoque inicial	147,97	122,25	89,22	40,55	27,60	20,46
Produção	600,99	615,92	642,58	227,77	256,90	264,81
Cons. doméstico	626,70	648,96	662,74	200,63	212,23	213,50
Exportação	78,26	77,30	77,74	40,45	52,07	53,34
Estoque final	122,25	89,22	68,86	27,60	20,46	18,81

FONTE: Usda(jun/04).

A partir de fins de agosto, mesmo com a configuração de uma grande safra norte-americana, os prejuízos acarretados pelas estiações na China e na Europa proporcionaram melhor sustentação às cotações, que oscilaram em gradativa recuperação, situando-se, em dezembro, na média de US\$ 99,00/t.

A queda dos estoques continuou repercutindo positivamente sobre o mercado internacional nos primeiros meses de 2004. Em Chicago, os contratos da primeira posição continuaram em gradativa evolução, atingindo, na média de abril, US\$ 124,20/t, patamar 32% maior que o da média de abril de 2003 e 58,7% superior à de igual mês de 2002 (Gráfico 2).

Para o restante de 2004, apesar da tendência de queda que se verificou a partir de meados de junho, as perspectivas são razoáveis, uma vez que, apesar de a produção dos Estados Unidos apresentar perspectiva de bom crescimento (fato que deverá pressionar negativamente as cotações), o suprimento mundial tenderá a permanecer bastante ajustado e a proporcionar certa sustentação ao mercado.

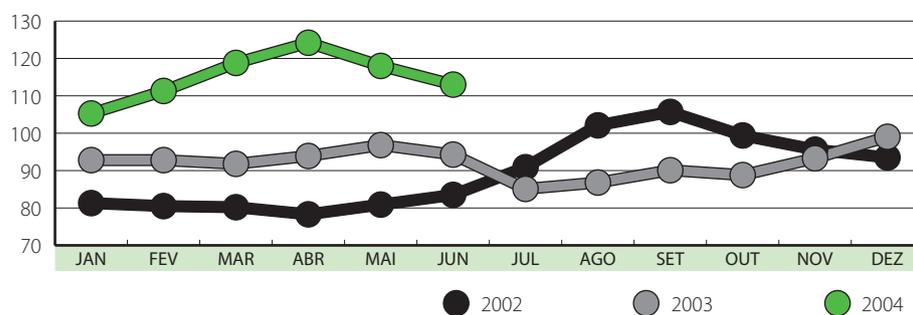
## Panorama do Mercosul

Em 02/03, a produção de milho do Mercosul situou-se em 64,1 milhões de toneladas, apresentando crescimento de 24,7% em comparação à safra anterior (51,4 milhões). O aumento da produção da Argentina (de 14,7 milhões para 15,5 milhões de toneladas) e o expressivo crescimento da produção brasileira foram responsáveis pelo desempenho positivo. A participação dos países na produção do Mercosul pode ser visualizada no gráfico 3.

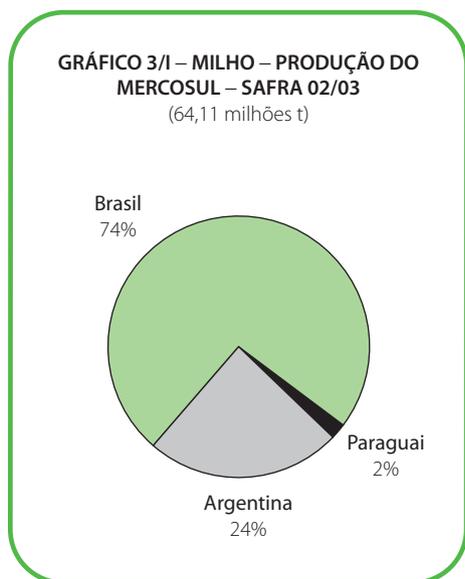
Para a safra 03/04, as últimas projeções apontaram uma produção regional em torno de 56,4 milhões de toneladas. A previsão decorre da redução da safra da Argentina, para apenas 12,5 milhões de toneladas, e do decréscimo previsto para a produção do Brasil, que poderá situar-se em 42,7 milhões de toneladas.

Ainda no que se refere à Argentina, a forte queda da produção, mesmo com a relativa estabilidade do consumo interno do cereal, deverá repercutir em for-

GRÁFICO 2/1 – MILHO – EVOLUÇÃO MENSAL DAS COTAÇÕES INTERNACIONAIS – 2002-2004  
(US\$/t)



FONTE: Bolsa de Chicago.



FONTE: Usda e Conab.

te declínio das exportações. As vendas para o mercado internacional, que em 2003, segundo o Usda, se situaram em 11,2 milhões de toneladas, deverão cair em 2004 para 8,5 milhões de toneladas (Tabela 2).

**TABELA 2/I - MILHO – OFERTA/DEMANDA DA ARGENTINA – SAFRAS 01/02 a 03/04**  
(mil t)

DISCRIMINAÇÃO	01/02	02/03	03/04
Estoque inicial	0,64	0,33	0,63
Produção	14,70	15,50	12,50
Cons. doméstico	4,15	4,00	4,10
Exportação	10,86	11,20	8,50
Estoque final	0,33	0,63	0,54

FONTE: Usda (jun/04).

## Panorama Brasileiro

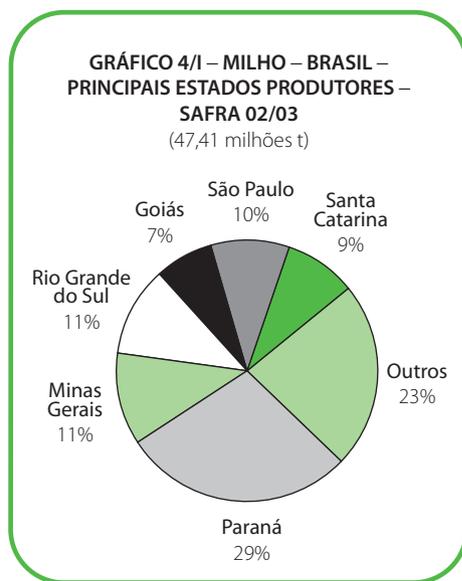
A primeira safra brasileira de 02/03, segundo a Conab, situou-se em 34,61 milhões de toneladas, montante 18,9% superior ao de mesmo período de 2002. Apesar de a área ter-se mantido praticamente estabilizada, o resultado decorreu do comportamento favorável do clima, fato que permitiu a recuperação da safra gaúcha e catarinense. Recorde-se que em 2002 as estiagens provocaram grandes perdas de produção naqueles dois estados.

A safrinha surpreendeu favoravelmente, alcançando uma produção de 12,8 milhões de toneladas, montante que representou um incremento de 107,1% em relação ao colhido no ano anterior. Para tal desempenho contribuíram tanto o incremento de 23,1% na área plantada, como, e principalmente, o incremento de 65,4% na produtividade geral das lavouras. O forte crescimento da produtividade, por sua vez, decorreu, além do maior uso de tecnologia, do excelente comportamento do clima em quase todos os estados produtores.

Na soma das duas safras, a produção brasileira atingiu 47,41 milhões de toneladas, volume 34,4% maior que o colhido em 2002 (35,28 milhões).

O Paraná, com 29% do total, permaneceu como o principal produtor, seguido, em importância, por Minas Gerais, Rio Grande do Sul, São Paulo, Santa Catarina e Goiás (Gráfico 4).

A grande produção, quando somada aos estoques de entrada, gerou uma oferta total de 49,28 milhões de toneladas.



FONTES: Conab.

Este volume, diante de um consumo estimado em 39,15 milhões e de exportações de 3,57 milhões de toneladas, proporcionou, segundo a Conab, estoques de passagem da ordem de 6,56 milhões de toneladas (Tabela 3).

## Panorama Catarinense

A safra catarinense situou-se em 4,31 milhões de toneladas, quantidade que representou um incremento de 41,6% em relação à frustrada safra 01/02.

Tal desempenho decorreu do estímulo proporcionado pelos excelentes preços atingidos pelo cereal no segundo semestre de 2002, fato que não só estimulou o plantio (aumento de 3,1% em relação à safra anterior), como também um maior uso de tecnologia.

O maior uso de insumos e o clima bastante favorável proporcionaram, por sua vez, um expressivo aumento de produtividade. O rendimento médio, que havia caído de 4.447 kg/ha na safra 00/01 para 3.717 kg/ha na safra 01/02, cresceu para 5.034 kg em 2003.

Diante da forte recuperação da produção e de um consumo estadual que ficou levemente abaixo do registrado no ano anterior em razão da redução na produção de suínos e aves, o suprimento estadual mostrou-se bem mais confortável que em 2002. O déficit catarinense, que aumentara de 829 mil toneladas para cerca de 1,63 milhão de toneladas, refluíu em 2003 para 558,9 mil toneladas (Gráfico 5).

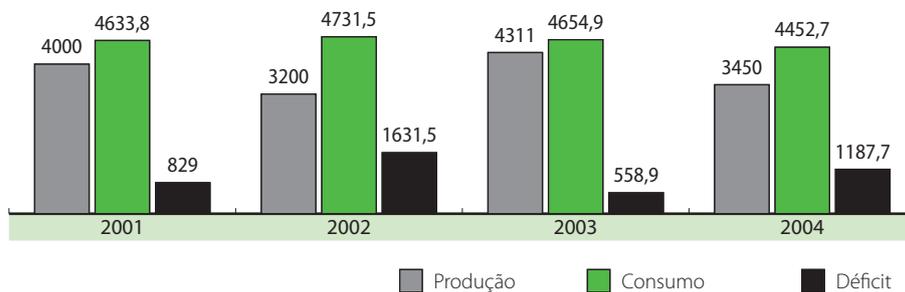
A comercialização, que em 2002, especialmente no segundo semestre, apresentara um desempenho muito positivo, em 2003 frustrou as expectativas dos produtores, tanto em nível nacional como em Santa Catarina.

**TABELA 3/I - MILHO – OFERTA/DEMANDA – BRASIL – SAFRAS 00/01 a 03/04**  
(mil t)

DISCRIMINAÇÃO	00/01	01/02	02/03	03/04
Estoque inicial	3.590,2	4.645,0	1.068,7	6.563,4
Produção	42.289,3	35.280,7	47.410,9	42.674,0
Importação	630,0	400,00	800,0	200,0
Consumo	36.235,5	36.510,0	39.150,0	40.480,0
Exportação	5.629,00	2.747,0	3.566,2	5.000,0
Estoque final	4.645,0	1.068,7	6.563,4	6.957,4

FONTES: Conab (abr/04).

GRÁFICO 5/1 – MILHO – EVOLUÇÃO DA OFERTA/DEMANDA CATARINENSE – 2001-2004  
(t)



FONTE: Instituto Cepa/SC.

Os preços ofertados aos produtores catarinenses, que, em termos médios, iniciaram o ano na faixa de R\$ 21,00/sc, caíram gradativamente, chegando ao menor nível em julho, quando atingiram apenas R\$ 13,70/sc (R\$ 14,20/sc em jul/02). Apesar deste expressivo declínio, os preços ainda apresentaram, na média do período, um crescimento de 33,4% em comparação à média dos primeiros sete meses de 2002.

Embora tendo melhorado a partir de agosto e operado na faixa dos R\$ 16,50/sc no início de dezembro, os preços ficaram muito aquém dos registrados no último quadrimestre do ano passado, quando em novembro de 2002, por exemplo, chegaram a atingir o “pico” de R\$ 24,35/sc. Na comparação dos dois períodos, em termos médios ocorreu um decréscimo de 24,0%.

## Perspectivas para 2004

A estimativa da Conab (abril/04) para a primeira safra brasileira de 03/04 indica uma redução de 1,9% na área semeada, queda atribuída ao sofrível desempenho da comercialização do cereal e ao bom comportamento dos preços da soja. Estes fatos levaram os produtores a substituir parte da área de milho pela de oleaginosa.

Em termos de produção, devido não só ao declínio da área, como também à diminuição no uso de insumos e das perdas acarretadas pelas estiagens na Região Sul e no Mato Grosso do Sul, a Conab está projetando um volume da ordem de 32,93 milhões de toneladas. Estes números indicam decréscimo de 4,9% em relação à excelente colheita da primeira safra de 02/03.

Com tal produção da primeira safra e com a perspectiva de que a safrinha possa situar-se próximo de 9,7 milhões de toneladas, em abril a produção total estava projetada em 42,67 milhões de toneladas, contra 47,41 milhões colhidas na safra 02/03.

Se estas projeções se confirmarem, a produção nacional será suficiente não só para suprir o consumo nacional (estimado em 40,48 milhões de toneladas), como também para gerar um expressivo volume a ser exportado.

Para Santa Catarina, a estimativa do IBGE/GCEA/SC aponta para um plantio de 813 mil hectares, montante que representa um decréscimo de 5,1% em relação ao ano anterior. Diante disso e da perspectiva de uma expressiva diminuição da produtividade decorrente das estiagens, a produção está sendo projetada em 3,45 milhões de toneladas, o que significa uma queda de 20,0% em relação à quantidade colhida na safra 02/03.

Apesar de o decréscimo da produção tender a ser parcialmente compensado pela diminuição do consumo decorrente da diminuição da produção de suínos e aves, o déficit estadual, que em 2003 foi calculado em 559 mil toneladas, poderá crescer, em 2004, para algo próximo de 1.187 mil toneladas (Tabela 4).

O aumento do déficit estadual, todavia, não terá grande repercussão sobre o suprimento estadual, pois, se a produção brasileira atingir um patamar próximo ao projetado em abril pela Conab, o superávit nacional tenderá a proporcionar um bom nível de oferta no mercado interno.

O mercado do milho, que iniciou 2004 ainda com a mesma tendência de baixa que se esboçava ao final do ano anterior, apresentou melhoras a partir de março devido à constatação de que a primeira safra nacional, em razão das perdas provocadas pelas estiagens na Região Sul, não teria o desempenho esperado.

Em nível de produtor de Chapecó, por exemplo, os preços, após terem recuado de R\$ 16,00/sc em janeiro para R\$ 15,60/sc em fevereiro, registraram avanços a partir de então, situando-se, em abril, em R\$ 20,20/sc. A partir de maio, todavia, com a perspectiva de uma boa safrinha, os preços voltaram a apresentar tendência de queda, situando-se, ao final de junho, em R\$ 18,00/sc (Gráfico 6).

Para o restante de 2004, mesmo que se confirme a previsão de um quadro de suprimento nacional relativamente tranquilo, a expectativa é de que as exportações possam colaborar para enxugar as ofertas e assegurar um patamar ainda razoável para os preços.

TABELA 4/I - MILHO - OFERTA/DEMANDA – SANTA CATARINA - 2001- 2004  
(mil t)

DISCRIMINAÇÃO	2001	2002	2003	2004
I-CONSUMO	4.633,8	4.731,5	4.654,9	4.452,7
1-Humano	85,0	85,0	90,0	90,0
2-Animal	4.452,1	4.592,5	4.411,9	4.249,7
.Suínos	2.062,5	2.151,0	1.950,1	1.863,2
.Aves	2.220,7	2.227,1	2.161,2	2.077,5
.Outros	211,5	214,4	300,0	309,0
3-Indústrias/outros	54,0	54,0	63,00	63,0
4-Saídas	-	-	90,0	50,0
II - PERDAS	195,0	100,0	215,0	185,0
III - NECESSIDADE TOTAL	4.828,8	4.831,5	4.869,9	4.637,7
IV - PRODUÇÃO (!)	4.000,0	3.200,0	4.311,0	3.450,0
V - DÉFICIT	828,8	1.631,5	558,9	1.187,7

FONTE: Estimativas do Instituto Cepa/SC (mai/04).  
(!) Produção de milho, mais outros produtos.

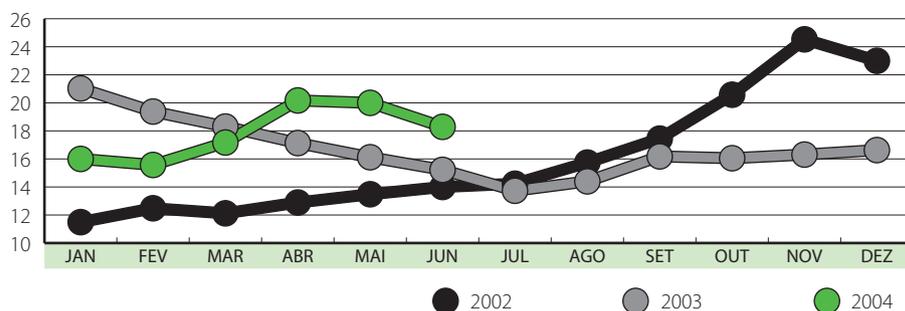
TABELA 5/I - MILHO - ÁREA COLHIDA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MUNDIAL - SAFRAS 01/02 a 03/04

NÍVEL GEOGRÁFICO	ÁREA COLHIDA (milhões de ha)			PRODUÇÃO (milhões de t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	01/02	02/03	03/04	01/02	02/03	03/04	01/02	02/03	03/04
<b>MUNDO</b>	<b>137,85</b>	<b>137,24</b>	<b>140,24</b>	<b>599,69</b>	<b>600,99</b>	<b>615,92</b>	<b>4.350</b>	<b>4.380</b>	<b>4.390</b>
Estados Unidos	27,85	28,06	28,79	241,49	227,77	256,91	8.670	8.120	8.920
China	24,28	24,63	23,80	114,09	121,30	115,83	4.700	4.920	4.870
Brasil	11,83	12,96	12,60	35,50	44,50	41,50	3.000	3.430	3.290
Argentina	2,45	2,45	2,10	14,70	15,50	12,50	6.000	6.330	5.950
México	7,78	7,03	7,67	20,40	19,28	20,50	2.620	2.740	2.670
França	1,91	1,83	1,67	16,48	16,44	11,90	8.610	8.980	7.130
Índia	6,87	6,30	7,00	13,51	11,10	14,80	1.970	1.760	2.110
Itália	1,11	1,11	1,16	10,55	10,85	8,20	9.520	9.490	7.070
África do Sul	3,53	3,65	3,00	10,05	9,68	7,80	2.840	2.650	2.600
Canadá	1,27	1,28	1,23	8,39	9,00	9,60	6.620	7.010	7.800
Outros	48,97	47,94	51,22	114,53	115,57	116,38	2.339	2.410	2.272

FONTE: Usda (jun/04).

GRÁFICO 6/I – MILHO – PREÇOS MENSAIS AO PRODUTOR – CHAPECÓ – 2002-2004

(R\$/sc)



FONTE: Instituto Cepa/SC.

TABELA 6/1 - MILHO - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO - SAFRAS - 01/02 a 03/04

ESTADO	ÁREA PLANTADA (1000 ha)			PRODUÇÃO (1000 t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	01/02	02/03	03/04	01/02	02/03	03/04	01/02	02/03	03/04
Rondônia	98,0	100,0	121,5	178,4	184,0	242,6	1.860	1.840	1.997
Acre	33,0	34,0	34,0	51,2	49,5	52,0	1.550	1.456	1.529
Amazonas	10,5	10,9	10,9	14,7	15,7	15,7	1.400	1.400	
Roraima	9,5	8,9	8,5	34,2	42,7	21,3	3.600	4.798	2.506
Pará	275,0	293,4	290,5	451,0	528,1	520,0	1.640	1.800	1.790
Amapá	2,0	1,5	1,5	1,5	1,2	1,2	770	800	800
Tocantins	63,3	69,0	78,7	124,1	158,0	267,6	1.960	2.290	3.400
Maranhão	324,5	360,2	371,0	324,5	414,2	430,4	1.000	1.150	1.160
Piauí	285,0	282,8	297,8	84,9	287,3	253,1	298	1.016	850
Ceará	690,6	713,7	663,7	621,5	749,4	728,7	900	1.050	1.098
Rio Grande Norte	103,8	109,3	114,2	69,5	71,0	74,5	670	650	652
Paraíba	165,3	178,5	180,3	74,4	123,2	129,8	450	690	720
Pernambuco	281,0	178,5	180,3	78,7	123,2	129,8	280	690	720
Alagoas	78,0	57,0	80,9	51,5	18,0	48,5	660	316	600
Sergipe	100,8	110,9	110,9	48,0	133,1	133,1	476	1.200	1.200
Bahia (¹)	672,6	797,3	852,3	649,5	1.399,2	1.543,3	966	1.755	1.811
Minas Gerais (¹)	1.194,2	1.269,1	1.329,9	4.781,2	5.327,3	5.813,9	4.004	4.198	4.372
Espírito Santo	50,2	52,7	50,1	138,1	144,9	147,8	2.750	2.750	2.950
Rio de Janeiro	11,8	9,7	11,8	26,9	22,1	24,8	2.280	2.278	2.102
São Paulo (¹)	1.083,5	1.091,0	1.060,1	3.948,5	4.553,4	4.313,6	3.644	4.174	4.069
Paraná (¹)	2.492,5	2.805,8	2.487,6	9.363,2	13.657,2	11.369,6	3.757	4.867	4.571
Santa Catarina	839,4	848,6	831,6	3.105,8	4.234,5	3.941,8	3.700	4.990	4.740
Rio Grande do Sul	1.460,0	1.408,9	1.296,2	3.971,2	5.283,4	3.953,4	2.720	3.750	3.050
M. Grosso do Sul (¹)	481,2	701,9	665,0	1.345,6	3.039,7	2.339,8	2.796	4.331	3.518
Mato Grosso (¹)	738,6	879,3	789,5	2.199,8	3.227,8	2.806,6	2.978	3.671	3.555
Goiás (¹)	746,3	715,0	667,3	3.394,7	3.484,3	3.195,5	4.316	4.873	4.789
Distrito Federal (¹)	28,2	31,6	31,6	148,1	179,6	175,5	5.252	5.684	5.554
<b>BRASIL</b>	<b>12.318,8</b>	<b>13.226,2</b>	<b>12.702,6</b>	<b>35.280,7</b>	<b>47.410,9</b>	<b>42.674,0</b>	<b>2.864</b>	<b>3.585</b>	<b>3.359</b>

FONTE: Conab (abr/04).

(¹) safra, mais safrinha.

**TABELA 7/I - MILHO - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA – SANTA CATARINA - SAFRAS – 01/02 a 03/04**

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	01/02	02/03	03/04(1)	01/02	02/03	03/04(1)	01/02	02/03	03/04(1)
São M. d'Oeste	124.140	123.650	107.579	316.400	558.786	385.501	2.549	4.519	3.583
Chapecó	200.830	201.423	197.690	657.943	944.546	815.352	3.276	4.689	4.124
Xanxerê	79.650	85.590	80.577	387.945	581.116	484.035	4.871	6.790	6.007
Joaçaba	85.930	87.430	89.400	263.801	481.753	369.522	3.070	5.510	4.133
Concórdia	78.330	76.192	69.533	215.021	339.737	250.535	2.745	4.459	3.603
Canoinhas	72.900	77.200	70.100	462.230	510.030	381.690	6.341	6.607	5.445
São Bento do Sul	7.940	8.440	8.240	45.676	56.040	54.840	5.753	6.640	6.655
Joinville	1.484	1.294	1.301	5.283	4.440	4.725	3.560	3.431	3.631
Curitibanos	50.300	50.690	46.000	264.982	289.342	170.535	5.268	5.708	3.707
Campos de Lages	45.290	46.960	46.425	133.124	156.688	142.106	2.939	3.337	3.061
Rio do Sul	27.085	30.510	26.470	112.959	119.496	69.147	4.171	3.917	2.612
Blumenau	5.373	6.023	6.023	15.912	18.542	17.993	2.961	3.078	2.987
Itajaí	60	37	30	149	79	64	2.483	2.135	2.133
Ituporanga	17.200	19.450	18.750	77.780	83.415	74.715	4.522	4.289	3.985
Tijucas	3.690	4.680	4.830	13.592	20.080	21.335	3.683	4.291	4.417
Florianópolis	1.535	1.565	1.595	5.139	5.304	5.607	3.348	3.389	3.515
Tabuleiro	5.680	5.780	5.880	20.280	22.040	23.240	4.046	3.818	3.952
Tubarão	11.630	12.093	13.935	45.240	46.608	53.366	3.890	3.854	3.830
Criciúma	8.382	9.110	9.085	36.939	42.254	41.658	4.407	4.638	4.585
Araranguá	6.480	8.310	8.260	19.636	30.638	16.559	3.030	3.687	2.004
<b>SANTA CATARINA</b>	<b>833.909</b>	<b>856.427</b>	<b>811.703</b>	<b>3.100,031</b>	<b>4.310.934</b>	<b>3.382.525</b>	<b>3.717</b>	<b>5.034</b>	<b>4.167</b>

FORNTE: IBGE.

(1) Estimativa do IBGE/GCEA/SC (abr/04).

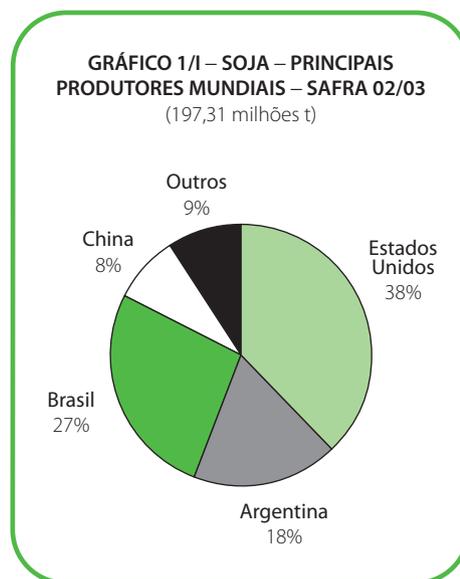
*Simão Brugnago Neto*

# SOJA

## Panorama Mundial

A produção mundial de soja da safra 02/03 situou-se em 197,31 milhões de toneladas, patamar 7,0% maior que o da safra 01/02 (184,35 milhões). Este incremento, mesmo com a redução de 78,67 milhões para 75,01 milhões de toneladas na safra dos Estados Unidos, decorreu do expressivo avanço da produção do Mercosul (mais 20,1% em relação à anterior) e também do aumento da produção chinesa, de 15,41 milhões para 16,51 milhões de toneladas.

A participação percentual destes países na produção mundial pode ser visualizada no gráfico 1.



FONTE: Usda.

Para a safra 03/04, as projeções do Usda (jun/04) apontam para uma produção mundial de 189,12 milhões de toneladas, patamar 4,2% menor que o da anterior. Este desempenho decorreu, além da diminuição da produção dos Estados Unidos (para apenas 65,80 milhões de toneladas), do expressivo decréscimo acarretado pelas estiagens nos países do Mercosul. Para a China, a estimativa é de uma produção de 16,0 milhões de toneladas.

Como a produção de 02/03 se situou num patamar superior ao do consumo (190,56 milhões de toneladas), os estoques mundiais, que já haviam crescido de 30,71 milhões para 32,18 milhões de toneladas ao final da temporada 01/02, evoluíram para 39,72 milhões ao final da temporada 02/03 (Tabela 1).

Apesar de a temporada ter terminado com incremento expressivo dos estoques, a expectativa nos primeiros meses do ano era de que tenderiam a ficar abaixo daqueles da temporada anterior.

Tal perspectiva, juntamente com a diminuição da safra dos Estados Unidos, proporcionou boa sustentação às cotações internacionais durante os primeiros seis meses de 2003. Neste período, os contratos da primeira posição cres-

ceram de US\$ 207,80/t em janeiro para US\$ 232,80/t em maio, fechando julho em US\$ 229,60/t. Na média, registraram um avanço de 27,2% em comparação às dos primeiros semestres de 2002.

Entre julho e agosto, todavia, a perspectiva de um novo recorde de produção nos Estados Unidos provocou forte recuo nas cotações, que em agosto caíram para a média de US\$ 208,20/t.

A partir de meados de agosto, em razão das perdas provocadas pelas estiagens nos Estados Unidos, as cotações tomaram novo impulso, atingindo, na média de dezembro, US\$ 283,10/t, contra a média de 208,20/t no mesmo mês de 2002.

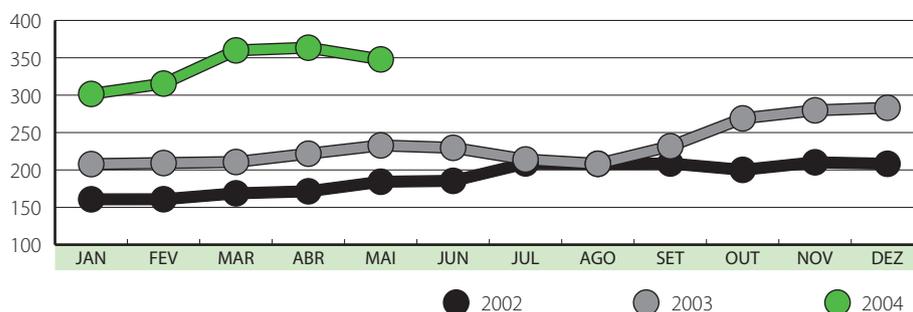
Nos primeiros meses de 2004, o mercado internacional, estimulado inicialmente pela grande redução dos estoques norte-americanos e, posteriormente, pela grande quebra da produção sul-americana, continuou em expressiva alta, tendo atingido em meados de maio/04 o mais alto patamar dos últimos anos. A partir daí, todavia, com as boas perspectivas que se desenhavam para a nova safra dos Estados Unidos e com a retração das importações chinesas, as cotações perderam expressivo fôlego (Gráfico 2).

**TABELA 1/I - SOJA-GRÃO - OFERTA/DEMANDA MUNDIAL E NORTE-AMERICANA - SAFRAS 01/02 - 03/04**  
(milhões de t)

DISCRIMINAÇÃO	MUNDIAL			NORTE-AMERICANA		
	01/02	02/03	03/04	01/02	02/03	03/04
Estoque inicial	30,71	32,18	39,72	6,74	5,66	4,85
Produção	184,88	197,31	189,12	78,67	75,01	65,80
Moagem	157,98	164,91	168,57	46,26	43,97	40,14
Exportação	53,59	62,07	59,05	28,95	28,44	24,49
Consumo doméstico	183,93	190,57	195,38	50,87	47,51	43,25
Estoque final	32,18	39,72	33,01	5,66	4,85	3,13

FONTE: Usda (jun/04).

GRÁFICO 2/I – SOJA – COTAÇÕES MENSAIS INTERNACIONAIS – 2002-2004  
(US\$/t)



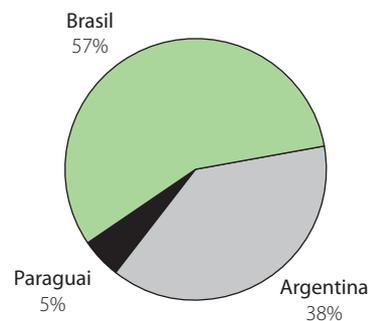
FONTE: Bolsa de Chicago.

## Panorama Mercosul

A produção do Mercosul cresceu 20,0%, evoluindo de 77,05 milhões de toneladas na safra 01/02 para 92,50 milhões na safra 02/03. Este montante representou 46,9% do total produzido no mundo. As participações de cada país no total da produção regional podem ser visualizadas no gráfico 3.

Para a safra 03/04, as estimativas iniciais chegaram a apontar um potencial superior a 102 milhões de toneladas. Todavia, em razão das estiagens, os números foram reduzidos, em junho, para apenas 90,6 milhões de toneladas, ou seja, para um patamar inferior ao da safra 02/03.

GRÁFICO 3/I – SOJA – PRODUÇÃO DO MERCOSUL – SAFRA 02/03  
(92,5 milhões t)



FONTE: Usda.

## Panorama Brasileiro

A safra brasileira de 02/03, estimulada pelo bom desempenho da comercialização no ano passado e pelas boas perspectivas para os preços em 2003,

apresentou um incremento de plantio de 13,1%. Como decorrência deste incremento de área e de o clima se ter mostrado favorável, a produção atin-

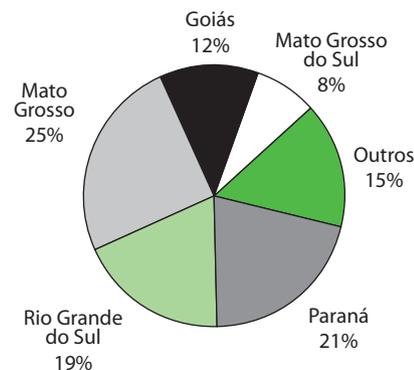
giu 52,0 milhões de toneladas, registrando crescimento de 24,0% em comparação à anterior.

O Mato Grosso, com uma produção de 12,95 milhões de toneladas, continuou como o primeiro produtor nacional, seguido, por ordem de importância, pelo Paraná (10,97 milhões), Rio Grande do Sul (9,63 milhões), Goiás (6,36 milhões) e Mato Grosso do Sul (4,10 milhões). A participação destes estados no contexto nacional pode ser vista no gráfico 4.

A produção nacional permitiu exportações de aproximadamente 20,3 milhões de toneladas de grãos, 14,5 milhões de farelo e 2,4 milhões de toneladas de óleo. O volume das vendas para o exterior, portanto, somou 37,2 milhões de toneladas, contra 30,6 milhões na temporada anterior, portanto um incremento de 21,6% no volume físico embarcado (Tabela 2).

A receita cambial do complexo, devido ao aumento das exportações e principalmente da melhora das cotações internacionais, cresceu de 6,00 bilhões em 2002 para 8,13 bilhões de dólares em 2003.

GRÁFICO 4/I – SOJA – BRASIL – PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES – SAFRA 02/03



FONTE: Conab.

## Panorama Catarinense

No contexto nacional, Santa Catarina permaneceu como o nono produtor em 02/03. A safra catarinense, devido ao estímulo proporcionado pelos bons preços vigentes à época do plantio e às boas perspectivas que se desenhavam para a comercialização da nova safra da oleaginosa, além do encolhimento do plantio de milho, apresentou um crescimento de 5,5% na área semeada. A produção situou-se em 712,2 mil toneladas, apre-

TABELA 2/I - COMPLEXO SOJA – BRASIL – OFERTA/DEMANDA – SAFRA 01/02 –02/03  
(mil t)

DISCRIMINAÇÃO	GRÃO		FARELO		ÓLEO	
	01/02	02/03	01/02	02/03	01/02	02/03
Estoque inicial	2.388,8	2.055,7	326,2	441,2	170,2	390,2
Produção	41.916,9	52.017,5	20.145,0	22.300,0	4.845,0	5.400,0
Importação	1.050,0	1.000,0	370,0	200,0	135,0	80,0
Consumo	27.300,0	30.800,0	7.600,0	8.100,0	2.960,0	3.100,0
Exportação	16.000,0	20.300,0	12.800,0	14.500,0	1.800,0	2.400,0
Estoque final	2.055,7	3.973,2	441,2	341,2	390,2	370,2

FONTE: Conab (abr/04).

sentando um incremento de 34,4% em comparação à frustrada safra de 01/02.

A comercialização interna, que em 2002 já havia apresentado bom desempenho, foi ainda melhor em 2003. Os preços ofertados aos produtores catarinenses, apesar de no transcorrer do primeiro semestre terem apresentado gradativo declínio em relação aos do final de 2002, apresentaram, em média, um incremento de 63,5% em comparação aos do primeiro semestre do ano anterior.

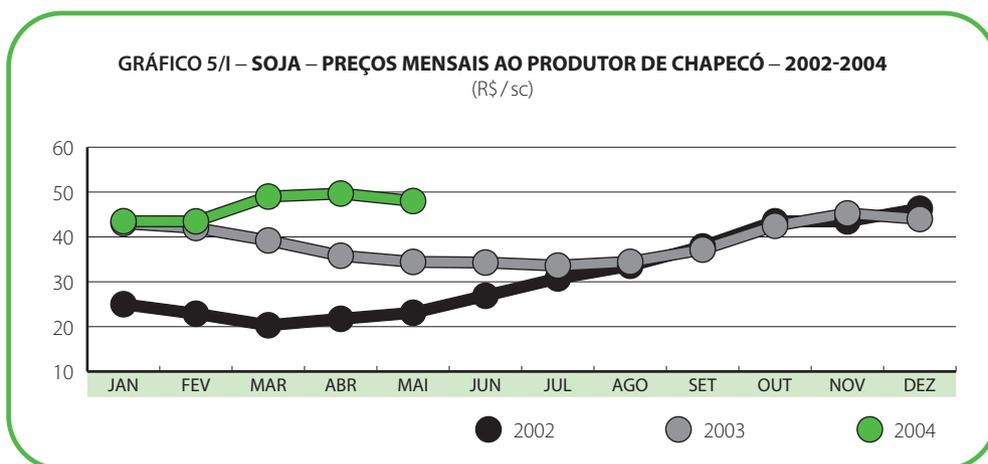
A partir de agosto, os preços voltaram a crescer, tendo-se mantido, na maior parte do período, levemente acima dos registrados nos mesmos meses de 2002 (Gráfico 5).

O bom comportamento das cotações internacionais foi, diante do forte recuo do câmbio no transcorrer do ano, o principal fator de suporte ao mercado interno, especialmente a partir de agosto. Vale recordar que a taxa de câmbio recuou de aproximadamente R\$ 3,70/dólar no início de dezembro de 2002, para R\$ 2,93/dólar em dezembro de 2003.

## Perspectivas para 2004

O excelente desempenho da comercialização estimulou o plantio da nova safra nacional, a qual, segundo o último levantamento da Conab, apresentou um crescimento de 14,3% em relação à semeada no ano passado. Em razão desse grande incremento de área e do bom desenvolvimento inicial, a safra brasileira chegou a ser estimada num patamar próximo de 60,0 milhões de toneladas. No entanto, as estiagens que se registraram na Região Sul e no Mato Grosso do Sul, o excesso de umidade em outros estados do Centro-Oeste e o alastramento da ferrugem asiática afetaram a produtividade das lavouras, reduzindo o potencial da produção para apenas 50,2 milhões de toneladas.

A safra catarinense também apresentava, no início, boas perspectivas. O forte incremento dos preços estimulou o cultivo da oleaginosa, cuja área cresceu de 257,1 mil para 315,5 mil hectares. Por isso, a estimativa do IBGE/GCEA/SC era de que a produção evoluiria de 712,2 mil toneladas para 822,0 mil toneladas. Todavia, devido às estiagens, a última estimativa é de que deverá cair para 651,5 mil toneladas.



FONTE: Instituto Cepa/SC.

Apesar dessa forte redução da produção, o resultado financeiro, especialmente para aqueles que comercializaram a soja nos cinco primeiros meses do ano, ainda deverá ser razoável, uma vez que a alta dos preços compensou, pelo menos parcialmente, a queda da produção.

No que tange às exportações do complexo, apesar da frustração da safra, a estimativa da Abiove em maio/04 indicava que poderão ser vendidos para o mercado externo cerca de 20,2 milhões de toneladas de grãos, 15,5 milhões de farelo e 2,7 milhões de toneladas de óleo.

Na somatória, a quantidade física a ser embarcada poderá atingir 38,4 milhões de toneladas (37,2 milhões na temporada passada) e resultar numa receita superior a 10 bilhões de dólares. Não só crescimento do volume físico a ser embarcado deverá colaborar; como, e especialmente, a perspectiva de que as cotações internacionais, mesmo com possibilidade de se retraírem no segundo semes-

tre, deverão manter-se, em termos médios, em nível ainda melhor que as de 2003.

No que diz respeito ao mercado interno, o forte incremento das cotações internacionais em grande parte do primeiro semestre propiciou condições para que os preços apresentassem um excelente desempenho. Estes, na média dos primeiros seis meses, registraram crescimento de 20% em relação aos do mesmo período de 2003.

Para o restante do ano, todavia, caso a safra dos Estados Unidos apresente bom desempenho, é provável que as cotações internacionais venham a sofrer pressão de baixa.

Diante de tal possibilidade e da perspectiva de a taxa de câmbio não apresentar grandes modificações, a tendência é de os preços internos se apresentarem mais fracos que no do primeiro semestre, além de inferiores aos do segundo semestre de 2003.

TABELA 3/I - SOJA - ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO MUNDIAL E DO MERCOSUL - SAFRAS 01/02 a 03/04

NÍVEL GEOGRÁFICO	ÁREA COLHIDA (milhões de ha)			PRODUÇÃO (milhões de t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	01/02	02/03	03/04	01/02	02/03	03/04	01/02	02/03	03/04
<b>Mundo</b>	<b>79,41</b>	<b>81,38</b>	<b>87,81</b>	<b>184,35</b>	<b>197,31</b>	<b>189,12</b>	<b>2.320</b>	<b>2.420</b>	<b>2.150</b>
Estados Unidos	29,53	29,34	29,27	78,67	75,01	65,80	2.660	2.560	2.250
Brasil	16,35	18,40	21,30	43,50	52,50	52,60	2.660	2.850	2.470
Argentina	11,40	12,60	14,00	30,00	35,50	34,00	2.630	2.820	2.430
China	9,48	8,72	9,30	15,41	16,51	16,00	1.630	1.890	1.730
Índia	6,00	5,67	6,45	5,40	4,00	6,80	900	710	1.050
Paraguai	1,42	1,55	1,75	3,10	4,50	4,00	2.180	2.900	2.290
Canadá	1,05	1,02	1,05	1,64	2,34	2,27	1.560	2.280	2.160
União Européia	0,39	0,28	0,30	1,21	0,89	0,73	3.100	3.160	2.480
Outros	3,79	3,80	4,39	5,42	6,06	6,92	1.418	1.595	1.576
<b>Mercosul</b>	<b>29,17</b>	<b>32,55</b>	<b>37,05</b>	<b>76,60</b>	<b>92,5</b>	<b>90,60</b>	<b>2.630</b>	<b>2.842</b>	<b>2.445</b>
Brasil	16,35	18,40	21,30	43,50	52,50	52,60	2.660	2.850	2.470
Argentina	11,40	12,60	14,00	30,00	35,50	34,00	2.630	2.820	2.430
Paraguai	1,42	1,55	1,75	3,10	4,50	4,00	2.180	2.900	2.290

FONTE: Usda (jun/04).

TABELA 4/I - SOJA - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR ESTADO - SAFRAS - 01/02 a 03/04

ESTADOS	ÁREA PLANTADA (mil ha)			PRODUÇÃO (mil t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	01/02	02/03	03/04	01/02	02/03	03/04	01/02	02/03	03/04
Roraima	3,5	3,0	5,6	8,4	7,2	13,4	2.400	2.400	2.400
Tocantins	105,0	148,1	242,1	262,5	377,7	636,7	2.500	2.550	2.630
Rondônia	28,6	41,0	59,5	89,2	123,00	178,5	3.120	3.000	3.000
Pará	2,9	15,5	26,8	7,3	44,2	76,6	2.520	2.850	2.860
Maranhão	238,3	274,0	342,5	540,9	654,9	1.061,8	2.270	2.390	3.100
Piauí	86,8	116,3	162,8	91,1	308,2	446,1	1.050	2.650	2.740
Bahia	800,0	850,4	821,5	1.464,0	1.556,2	2.218,1	1.830	1.830	2.700
Minas Gerais	719,0	873,6	1.039,6	1.926,9	2.332,5	2.700,9	2.680	2.670	2.598
São Paulo	567,1	615,3	658,4	1.525,5	1.735,1	1.632,8	2.690	2.820	2.480
Paraná	3.283,0	3.637,6	3.990,4	9.478,0	10.971,0	10.215,4	2.887	3.016	2.560
Santa Catarina	241,3	255,8	289,1	546,5	738,5	634,6	2.265	2.887	2.195
Rio Grande do Sul	3.281,9	3.593,7	3.953,1	5.579,2	9.631,1	5.526,4	1.700	2.680	1.398
Mato Grosso do Sul	1.192,2	1.415,1	1.768,9	3.278,6	4.103,8	3.357,4	2.750	2.900	1.898
Mato Grosso	3.853,2	4.419,6	5.148,8	11.636,7	12.949,4	14.519,6	3.020	2.930	2.820
Goiás	1.887,4	2.170,5	2.561,2	5.379,1	6.359,6	6.841,0	2.850	2.930	2.671
Distrito Federal	37,7	43,2	47,5	101,4	119,7	123,5	2.690	2.770	2.600
<b>Brasil</b>	<b>16.327,9</b>	<b>18.474,8</b>	<b>21.119,9</b>	<b>41.915,3</b>	<b>52.017,5</b>	<b>50.188,2</b>	<b>2.567</b>	<b>2.816</b>	<b>2.376</b>

FONTE: Conab.

(1) Estimativa abr/04.

TABELA 5/I - SOJA - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - SAFRAS - 01/02 a 03/04

MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	01/02	02/03	03/04 (1)	01/02	02/03	03/04(1)	01/02	02/03	03/04 (1)
São Miguel Oeste	12.087	12.970	20.128	23.432	37.040	39.749	2.016	2.856	1.974
Chapecó	43.365	44.425	53.805	77.694	111.242	97.338	1.857	2.504	1.809
Xanxerê	85.700	80.750	94.109	161.857	239.790	198.765	1.893	2.970	2.112
Joaçaba	6.705	10.651	14.984	14.189	28.199	28.316	2.144	2.648	1.889
Concórdia	1.407	1.640	2.100	3.238	4.278	4.134	2.304	2.609	1.969
Canoinhas	54.500	63.150	76.440	148.359	179.619	197.926	2.965	2.844	2.589
São Bento do Sul	1.500	3.100	3.150	3.630	7.470	8.505	2.420	2.410	2.700
Curitibanos	35.006	37.275	44.478	88.689	96.233	64.170	2.536	2.582	1.442
Campos Lages	3.390	3.050	4.920	8.845	8.168	10.280	2.192	2.678	2.074
Ituporanga	5	20	415	8	37	988	1.600	1.850	2.380
Rio do Sul	-	55	270	-	99	366	-	1.800	1.355
Blumenau	-	-	200	-	-	360	-	-	1.800
<b>Santa Catarina</b>	<b>243.665</b>	<b>257.086</b>	<b>314.999</b>	<b>529.941</b>	<b>712.175</b>	<b>650.825</b>	<b>2.248</b>	<b>2.770</b>	<b>2.066</b>

FONTE: IBGE.

(1) Estimativa do IBGE/GCEA/SC (abr/04).

Simão Brugnago Neto

# TOMATE

A produção mundial de tomates em 2003 atingiu cerca de 110,5 milhões de toneladas, volume 1,4% superior ao do ano anterior e 5,5% maior que a produção de 2001.

A área plantada aumentou 2,9% em 2003, se comparada com a do ano anterior, e 5,7% em relação à de 2001, conforme relatório da FAO, divulgado em abril último pela internet.

Em 2003, a China foi o maior produtor mundial, com 23,7% da produção e 26,5% da área cultivada, seguida dos Estados Unidos, com 11,1% da produção e 4,5% da área plantada. A Turquia é o ter-

ceiro produtor, com 8,1% da produção mundial e 5,4% da área plantada. O Brasil aparece em 8º lugar, com cerca de 3,3% da produção e 1,5% da área.

Quando se observa a produção mundial por hectare, verifica-se que a temporada 2003, com 26.557 kg/ha, foi 1,85% inferior à de 2002 e 0,3% menor que a de 2001.

Tomando-se como base a produtividade alcançada em 2003, verifica-se que os Estados Unidos aparecem em primeiro lugar, com rendimento de 69.410 kg/há; a Espanha em segundo, com 59.329 kg/ha; depois vêm o Brasil, com 59.120 kg/ha e a Itália, em quarto, com 52.657 kg/ha.

Deve-se destacar a China, citada acima como o grande produtor mundial, porém com uma das produtividades mais baixa dos países citados (23.391 kg/ha), sendo superior apenas à da Índia, que produz 14.269 kg/ha.

A tabela 1 apresenta, para o período 2001 a 2003, a área plantada e a produção obtida de tomates no mundo e nos dez maiores produtores.

Na América do Sul, a produção em 2003 foi de aproximadamente 6,7 milhões de toneladas, sendo 0,8% inferior à do ano anterior e 10,2% maior que a de 2001. Do total produzido no último ano (6.665.146 t), 90% foi em quatro países: Brasil, 54,6%; Chile, 19,5%; Argentina, 10% e Colômbia, 5,9%. Em 2002, a participação destes países era de 90,3%, sendo, respectivamente, 54,7%, 19,3%, 10% e 6,3%. Pelos índices, em 2003 diminuíram suas participações o Brasil (0,1%) e a Colômbia (0,4%), enquanto que o Chile aumentou em 0,2%; a Argentina manteve o mesmo índice de participação.

Os quatro países acima citados detinham 78,1% da área cultivada em 2002, sendo 42% no Brasil, 13,1 no Chile, 11,4% na Argentina e 11,6% na Colômbia. Quando se compara a área de 2002 com a de 2003, verifica-se que houve diminuição de 0,8% no Brasil e de 0,4% na Colômbia, aumento de 0,3% no Chile. Na Argentina, a área manteve-se igual.

Fazendo-se uma análise dos números dos quatro países referidos relativamente a 2003 (90% da produção e 77,2% da área cultivada), verifica-se alta produtividade em relação aos demais, principalmente no Chile (66.667 kg/ha) e no Brasil (58.126 kg/ha), seguidos da Argentina (com 39.280 kg/ha), enquanto que a média da América do Sul é de 44.667 kg/ha.

O volume produzido no Brasil em 2002 e 2003 (3,6 milhões de toneladas) representa aproximadamente 54,7% da produção da América do Sul e cerca de três vezes a do segundo produtor (Chile, com 1,29 milhão de toneladas) e quase

TABELA 1/I - TOMATE - ÁREA PLANTADA E PRODUÇÃO OBTIDA NOS PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES - 2001-2003

PAÍS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO OBTIDA (t)		
	2001	2002	2003	2001	2002	2003
China	934.438	1.005.153	1.105.153	24.116.211	26.151.121	25.851.121
Estados Unidos	161.510	176.730	177.000	10.001.720	12.266.810	12.275.000
Índia	500.000	520.000	520.000	7.280.000	7.420.000	7.420.000
Turquia	225.000	225.000	225.000	8.425.000	9.000.000	9.000.000
Egito	180.721	181.000	181.000	6.328.720	6.350.000	6.350.000
Itália	123.825	122.045	130.932	6.528.656	5.547.700	6.894.544
Brasil (1)	57.660	62.647	61.593	3.103.293	3.652.923	3.641.402
Espanha	61.500	59.500	64.100	3.729.900	3.878.400	3.803.000
Irã	110.229	110.000	112.000	3.009.454	3.000.000	3.005.000
México	74.451	67.372	67.084	2.182.930	1.989.990	2.148.130
Outros países	1.505.757	1.515.312	1.517.433	30.076.433	30.187.610	30.125.394
<b>Mundo</b>	<b>3.935.091</b>	<b>4.044.759</b>	<b>4.161.295</b>	<b>104.782.317</b>	<b>109.444.554</b>	<b>110.513.591</b>

FORNTE : FAO.  
(1) Fonte IBGE.

5,5 a produção da Argentina (667,7 mil toneladas). Tais números colocam o Brasil como o grande fornecedor do produto para os diversos mercados, principalmente para os países do Mercosul.

Na tabela 2 constam os dados referentes à área plantada e à produção obtida nos diversos países da América do Sul, nas safras de 2001 a 2003.

A produção brasileira em 2003 foi 0,3% menor que a do ano anterior e 17,3% superior à de 2001, enquanto a área plantada diminuiu 1,7% em relação à de 2002 e aumentou 6,8% em relação à de 2001, significando um ganho na produtividade média das lavouras de 1,4% e 9,8% em relação às safras de 2002 e 2001, respectivamente, conforme tabela 3.

Os estados de Goiás, Minas Gerais e São Paulo, juntos, somam cerca de 54% da área cultivada nas safras 2001 e 2002, passando para 57,7% em 2003 e produziram, aproximadamente, 64,5% do to-

mate brasileiro nos anos 2001 e 2002, evoluindo para 68% em 2003. O estado de Goiás é o maior produtor do País, com 27,9% da produção, e produtividade de 77.053 kg/ha (30% superior à média nacional), seguido de São Paulo, com 21% da produção e 63.892 kg/ha, e por Minas Gerais, com 19% da produção nacional e rendimento de 67.085 kg/ha.

Em Goiás destacam-se as regiões de Goianápolis, por produzir tomate de mesa ao longo de todo o ano, e a do Rio Verde, com produção voltada à industrialização.

Em São Paulo, a principal colheita de inverno ocorre nos municípios de Mogi Guaçu, Sumaré, Elias Fausto, Indaiatuba e Monte Mor, próximos aos grandes mercados consumidores e com boa estrutura de comercialização. A produção de verão ocorre em Itapeva, Ribeirão Branco, Apiaí e Guapiara, com baixa tecnologia de produção e deficiente sistema de comercialização.

**TABELA 2/I - TOMATE – ÁREA PLANTADA E PRODUÇÃO OBTIDA NOS PAÍSES DA AMÉRICA DO SUL – 2001-2003**

PAÍS	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO OBTIDA (t)		
	2001	2002	2003	2001	2002	2003
Brasil (1)	57.660	62.647	61.593	3.103.293	3.652.923	3.641.402
Argentina	17.500	17.000	17.000	648.413	667.753	667.753
Bolívia	8.526	8.832	8.832	137.818	153.389	153.389
Chile	18.350	19.500	20.000	1.262.650	1.287.000	1.300.000
Colômbia	16.515	17.246	16.800	398.330	422.544	395.000
Equador	5.339	6.462	6.462	28.976	70.159	72.870
Guiana Francesa	130	130	130	3.770	3.770	3.770
Guyana	500	500	500	2.635	2.700	2.700
Paraguai	1.634	1.699	1.700	55.175	57.934	58.000
Peru	7.273	5.203	6.000	188.464	129.913	150.000
Suriname	80	80	80	1.090	920	1.090
Uruguai	2.200	884	1.500	37.000	41.242	30.000
Venezuela	8.939	9.037	9.037	181.697	189.172	189.172
<b>Total</b>	<b>144.646</b>	<b>149.220</b>	<b>149.634</b>	<b>6.049.311</b>	<b>6.679.419</b>	<b>6.665.146</b>

FONTE: FAO.  
(1) Fonte IBGE.

TABELA 3/1 - TOMATE – ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO OBTIDA E RENDIMENTO MÉDIO NOS ESTADOS BRASILEIROS - 2001-2003

ESTADO	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO OBTIDA (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	2001	2002	2003(1)	2001	2002	2003(1)	2001	2002	2003(1)
Goiás	10.549	12.512	13.196	742.182	951.410	1.016.788	70.356	76.040	77.053
Minas Gerais	10.250	9.765	10.328	626.520	637.219	692.851	61.124	65.255	67.085
São Paulo	10.290	11.930	12.020	625.630	765.990	767.980	60.800	64.207	63.892
Rio de Janeiro	3.342	2.703	2.798	197.398	163.134	176.569	59.066	60.353	63.105
Bahia	5.526	5.298	4.386	195.275	237.723	168.121	35.337	44.870	38.331
Santa Catarina	2.613	2.521	2.507	125.201	127.350	129.096	47.915	50.516	51.494
Paraná	3.032	3.474	2.995	137.509	141.076	149.859	45.353	40.609	50.036
Espírito Santo	1.514	1.687	1.823	99.433	109.539	118.109	65.676	64.931	64.788
Rio G. Sul	2.740	2.735	2.659	98.650	102.153	98.658	36.004	37.350	37.103
Pernambuco	2.420	4.414	3.833	96.609	206.630	154.104	39.921	46.812	40.205
Ceará	1.752	1.789	1.874	79.372	95.745	101.163	45.304	53.519	53.982
Distrito Federal	255	255	225	16.120	15.279	14.066	63.216	59.918	62.516
Paraíba	381	522	523	12.000	14.941	15.172	31.496	28.623	29.010
Mato Grosso Sul	192	182	137	7.070	7.110	4.828	36.823	39.066	35.241
Rio G. Norte	270	360	369	7.045	11.178	11.895	26.093	31.050	32.236
Maranhão	352	368	382	6.813	7.209	7.476	19.355	19.590	19.571
Sergipe	301	294	320	5.214	5.033	5.573	17.322	17.119	17.416
Roraima	360	360	300	3.260	3.500	2.893	9.056	9.722	9.643
Mato Grosso	164	118	116	3.021	2.355	2.204	18.421	19.958	19.000
Outros estados	1.357	1.360	802	18.971	48.349	3.997	13.980	35.551	4.984
<b>Brasil</b>	<b>57.660</b>	<b>62.647</b>	<b>61.593</b>	<b>3.103.293</b>	<b>3.652.923</b>	<b>3.641.402</b>	<b>53.821</b>	<b>58.310</b>	<b>59.120</b>

FONTE: IBGE.

(1) Dados preliminares (LSPA de fev/2004).

Em Minas Gerais, a principal produção de inverno ocorre nos municípios de Carmópolis de Minas e Araguari, enquanto que a região de Barbacena é a grande produtora no verão.

Outros estados devem ser destacados como importantes produtores de tomate, por seu volume de produção, boa produtividade e mercados que abastecem, isto é, Rio de Janeiro (que faz cultivo de inverno), Espírito Santo (com produção de verão), Paraná (pelo abastecimento aos estados limítrofes) e Santa Catarina (que tem no município de Caçador 30% da produção estadual, expressiva produção de verão, comerciali-

zada nacional e internacionalmente, em particular para São Paulo, Minas Gerais, cidade de Manaus e Argentina, dependendo do câmbio.

Em Santa Catarina, a cultura do tomate se destaca como uma das principais atividades hortícolas, sendo desenvolvida, segundo o Censo Agropecuário de 1995, do IBGE, principalmente por cerca de 10.700 pequenos e médios agricultores.

Um aspecto essencial e importante a destacar nesta cultura no estado e no contexto nacional é a produção em todos os meses do ano, possível pela existência de regiões distintas, em relação

ao clima, ainda que a oferta se concentre nos meses de janeiro a março (56%). Esta concentração é devida à microrregião de Joaçaba, que produz cerca de 35% da produção estadual, toda ela nos meses de verão.

A produção estadual de 2003 aumentou 1,4% em relação a 2002, e 3,1% em comparação a 2001, situando-se como o oitavo produtor nacional, apesar de a participação na produção brasileira ter passado de 3,49% em 2002 para 3,55% em 2003.

Na safra 02/03, o rendimento por área cultivada foi 1,9% superior ao da safra do ano anterior e 7,47% ao da safra 00/01, fruto do maior uso de tecnologia

disponível nas diversas regiões produtoras do estado. O maior uso de tecnologia e insumos modernos nas lavouras é um fato compulsório, visto que a cultura é altamente sensível às variações climáticas e às pragas e doenças, além de estar se tornando economicamente importante na maioria das unidades produtoras das diversas regiões do estado.

Destacam-se na produção estadual, como se pode observar na tabela 4, as microrregiões de Joaçaba, Florianópolis e Tabuleiro, por produzirem 74,3% do total estadual. Em seguida, aparecem as microrregiões de Campos de Lages, Tubarão, Tijucas e Blumenau, que, juntas, somam outros 15,6% da produção do estado.

TABELA 4/1 - TOMATE - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO OBTIDA E RENDIMENTO MÉDIO NAS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS DE SANTA CATARINA - 2001 - 2003

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO OBTIDA (t)			RENDIMENTO MÉDIO (kg/ha)		
	2001	2002	2003(1)	2001	2002	2003(1)	2001	2002	2003(1)
Blumenau	87	73	71	3.385	2.875	2.795	38.908	39.384	39.366
Campos de Lages	170	132	151	9.334	7.450	7.595	54.906	56.439	50.298
Canoinhas	55	26	19	4.060	1.860	1.500	73.818	71.538	78.947
Chapecó	34	53	56	1.492	1.965	2.655	43.882	37.075	47.411
Concórdia	13	7	10	621	248	398	47.769	35.429	39.800
Criciúma	27	27	26	955	1.205	1.175	35.370	44.630	45.192
Curitibanos	55	48	48	2.200	1.920	1.870	40.000	40.000	38.958
Florianópolis	533	530	519	26.350	28.770	28.360	49.437	54.283	54.644
Itajaí	16	0	0	680	0	0	42.500	0	0
Ituporanga	70	70	34	4.051	3.875	1.850	57.871	55.357	54.412
Joaçaba	799	865	870	38.015	44.603	46.172	47.578	51.564	53.071
Joinville	26	10	10	948	418	393	36.462	41.800	39.300
Rio do Sul	40	38	43	1.900	1.720	1.970	47.500	45.263	45.814
São Bento do Sul	17	13	13	680	520	520	40.000	40.000	40.000
Tabuleiro	480	437	443	22.300	21.000	21.435	46.458	48.055	48.386
Tijucas	81	75	77	3.220	3.375	3.820	39.753	45.000	49.610
Tubarão	110	111	107	5.010	5.306	5.888	45.545	47.802	55.028
Xanxerê	0	6	10	0	240	700	0	40.000	70.000
<b>Santa Catarina</b>	<b>2.613</b>	<b>2.521</b>	<b>2.507</b>	<b>125.201</b>	<b>127.350</b>	<b>129.096</b>	<b>47.915</b>	<b>50.516</b>	<b>51.494</b>

FONTE: IBGE.

(1) Dados preliminares.

Quando se observa a produtividade, aparecem com média superior à estadual as microrregiões de Tubarão (55.028 kg/ha), Florianópolis (54.644 kg/ha) e Joaçaba (53.071 kg/ha). A microrregião de Canoinhas, que participa com apenas 1,16% da produção estadual, se sobressai pela alta produtividade das lavouras (78.947 kg/ha), que em 2003, em decorrência da prática do cultivo protegido, foi 53% superior à média estadual.

Nas regiões produtoras, o desenvolvimento da cultura e a comercialização seguem aspectos e características individuais e/ou locais, conforme segue.

Do total estadual produzido em 2003, a microrregião de Joaçaba participou com 35,8%. Do total da região, 87,7% foi produzido no município de Caçador e 4,4% em Lebon Régis. A produção ocorre apenas na safra de verão; a colheita, do final de dezembro ao início de abril. Na entressafra, a região abastece-se com produção vinda de outros estados, principalmente do Paraná.

A segunda maior microrregião produtora, Florianópolis, com 22% da produção estadual em 2003, tem 45,8% de sua produção no município de Santo Amaro da Imperatriz, 44% em Palhoça e 4,9% em São Pedro de Alcântara; além disso, seu mercado influi diretamente na produção e comercialização do produto nos diversos municípios próximos; dentre eles, Urubici e Angelina, com 5,6% e 2,9%, respectivamente, da produção estadual.

A região da Grande Florianópolis, pela diferença de clima nos diversos municípios, produz ao longo de todo o ano.

Na faixa litorânea, especificamente nos municípios de Santo Amaro e Palhoça e em parte dos municípios de São Pedro de Alcântara e Angelina, a produção ocorre durante todo o ano, ao passo que nos municípios de clima frio, como Bom Retiro, Alfredo Wagner, Urubici e parte alta de Angelina, a colheita ocorre da segunda quinzena de dezembro até o início de abril.

Uma pequena parte da produção desta região é comercializada na Ceasa/SC, de São José, que, para abastecer a Grade Florianópolis, em 2003 recebeu tomate de outras regiões do estado, de São Paulo (2.398 t), do Espírito Santo (2.049 t), de Minas Gerais (224 t), do Rio de Janeiro (197 t), do Paraná (171 t), do Rio Grande do Sul (32 t) e de Goiás (15 t).

A microrregião do Tabuleiro, que em 2003 participou com 16,6% da produção estadual, tem sua produção distribuída nos municípios de Águas Mornas (46,6%), Anitápolis (29,4%), Rancho Queimado (16,8%) e Alfredo Wagner (6,5%), onde predomina clima frio. É uma microrregião que forma a “Grande Florianópolis” e, por consequência, sofre influência direta na produção e comercialização de seu produto, que em grande parte é vendido na Ceasa/SC de São José, na Grande Florianópolis, e em menor escala para o sul do estado e Curitiba/PR.

A microrregião de Tubarão, com 4,5% da produção estadual em 2003, tem como principais produtores os municípios de Tubarão (17,8%), São Ludgero (15%) e Braço do Norte (11,9%). São

feitos dois plantios, um para a colheita de maio a julho e o outro, com colheita de outubro a dezembro. O produto é vendido na própria região, na Ceasa/SC de São José, no norte do estado e parte no Rio Grande do Sul.

A microrregião de Canoinhas, com 1,2% da produção estadual em 2003, é uma região de clima frio; destaca-se por praticar o cultivo protegido em grande parte de suas lavouras e possuir também cultivo a céu aberto. Pela tecnologia utilizada, obtém alto rendimento por área e produto de ótima apresentação e excelente qualidade. A colheita ocorre de dezembro até fins de maio, dependendo da intensidade do frio.

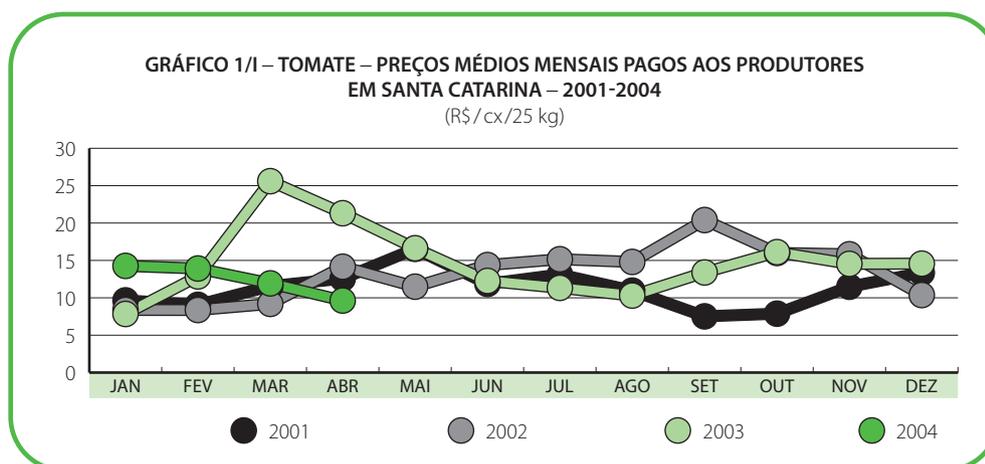
A comercialização, pela proximidade, sofre grande influência do mercado de Curitiba, que regula os preços do produto na região. O mercado paranaense é comprador no período de safra e vendedor na entressafra, quando complementa o abastecimento da região.

Os preços recebidos pelos produtores catarinenses pela caixa de 25 quilos foram compensadores em 2003, visto que a média deste ano foi 16,9% superior à do ano anterior e 30,3% à de 2001. Destacam-se em 2003 os meses de fevereiro a abril, cuja média foi 35% superior à do ano, beneficiando os tomaticultores com colheita no verão (Tabela 5 e Gráfico 1).

**TABELA 5/I - TOMATE - PREÇOS MÉDIOS MENSIS PAGOS AOS PRODUTORES EM SANTA CATARINA - 2001 -2004**  
(R\$/cx 25 kg)

MÊS/ANO	LONGA VIDA "EXTRA AA"			
	2001	2002	2003	2004
Janeiro	9,66	8,38	7,84	14,27
Fevereiro	9,06	8,37	12,86	13,92
Março	11,56	9,19	25,60	11,93
Abril	12,57	14,16	21,31	9,63
Maio	16,55	11,49	16,63	-
Junho	11,86	14,38	12,26	-
Julho	13,12	15,16	11,33	-
Agosto	10,96	14,80	10,30	-
Setembro	7,52	20,40	13,39	-
Outubro	7,88	16,00	16,11	-
Novembro	11,48	15,82	14,54	-
Dezembro	13,35	10,37	14,57	-

FONTE: Instituto Cepa/SC.



FONTE: Instituto Cepa/SC.

Se os preços foram bons no ano passado, em 2004 vêm sendo menos remuneradores, pois, comparando-se a média dos primeiros quatro meses deste ano em relação à do mesmo período de 2003, verifica-se uma redução em torno de 26%, e uma inversão de situação; enquanto em 2003 as médias mensais foram altas e crescentes, em 2004 foram baixas e decrescentes (Tabela 5).

Os preços remuneradores nos primeiros meses de 2003 foram decorrentes de expressiva alta a partir da segunda semana de fevereiro até a segunda semana de abril, tanto no atacado (142%) quanto para o produtor (190%). Este fato foi consequência da escassez do produto no mercado neste período, ocasionado pela concentração do plantio (por problemas climáticos) e pelo excesso de chuvas no período da colheita, prejudicando a quantidade e também a qualidade do produto. Outra causa da elevação dos preços foi a alta cotação do dólar nos últimos meses de 2002 e primeiro quadrimestre de 2003, aumentando os gastos com insumos e reduzindo a margem de lucro.

A partir do final de abril de 2003, o declínio verificado foi provocado pela maior oferta do produto no mercado, tendo em vista o início de colheita nos municípios da Grande Florianópolis e pela entrada no estado de produção paulista, que também iniciou a colheita em algumas regiões. Com o

final das lavouras de inverno e a diminuição da oferta de produto catarinense em agosto e setembro, tem início um novo ciclo altista dos preços, que se acentua de outubro a dezembro, face ao período de estiagem que atinge o estado, dificultando o plantio do tomate de verão, o qual se concentra a partir de novembro, com a ocorrência de chuvas. A partir de janeiro, tem início a colheita nas regiões grandes produtoras, provocando um aumento da oferta do produto e um período de preços declinantes, que se estende até final de abril, quando se encerra a colheita de verão.

Deve-se salientar que, se na tabela 5 e no gráfico 1 é possível visualizar uma certa estabilidade dos preços nos diversos anos, também se podem constatar picos de alta, como a de outubro a dezembro de 2001, a de março a abril e de agosto a setembro de 2002, a de janeiro a março e de agosto a outubro de 2003, e também picos de baixa, como os de setembro a dezembro de 2002 e março a agosto de 2003.

A estabilidade dos preços durante o período de produção e de comercialização é um aspecto positivo, pois dá ao produtor segurança para investir na atividade; contudo, as freqüentes variações e inversões dos preços trazem insegurança e desestímulo, deixando o produtor em dúvida quanto a continuar a investir na atividade.

*José Eláudio Della Giustina*

# TRIGO

## A Safra de 03/04

Os números do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) acerca da situação mundial de oferta e demanda da safra 03/04 seguiram a tendência, dos últimos anos, de apresentar uma situação mais apertada que nas safras anteriores.

Em relação à produção da safra 02/03, o sensível crescimento de alguns dos principais produtores mundiais, como os Estados Unidos, a Austrália e o Canadá, não foi suficiente para compensar a redução

de outros importantes produtores, dentre os quais a União Européia, a Rússia e a Ucrânia.

A produção mundial da safra 03/04, de 550 milhões de toneladas, não é apenas menor que as das safras mais recentes; desde a safra 95/96, quando foram colhidos 537,9 milhões de toneladas, a produção mundial não era tão baixa. Entre essas duas safras, a produção mundial chegou a alcançar 610 milhões de toneladas (safra 97/98).

Em virtude da tendência de crescimento do consumo mundial, o estoque final é cada vez menor. Na safra 03/04, representou apenas 21,9% do consumo mundial; desde os anos setenta, este percentual sempre foi superior a 25%, muitas vezes superior a 30%.

No Brasil, a situação foi bem diferente. Segundo o IBGE, a produção brasileira de 2003 alcançou 6,029 milhões de toneladas, superando todas as expectativas anteriores. A primeira estimativa, realizada em junho de 2003, quando o plantio ainda estava em andamento, apontava para uma produção de apenas 4,735 milhões de toneladas.

Esta significativa diferença decorreu do ótimo rendimento médio alcançado. Da primeira para esta última estimativa, houve crescimento de apenas 4,87% na previsão de área plantada e de 21,5% na do rendimento médio, que, inicialmente esperado em 1.989 kg/ha, alcançou 2.416 kg/ha, o maior da história da triticultura nacional.

Em Santa Catarina, a safra de 2003 também surpreendeu positivamente. Os números finais do IBGE-GCEA-SC indicam que foram plantados 77,541 mil hectares e colhidas 171,969 mil toneladas. Isto significa, em relação a 2002, um crescimento de 49,5% na área plantada e de 87% na produção.

A maior produção catarinense havia sido a de 1987, quando foram plantados 128,89 mil hectares e colhidas 160,12 mil toneladas. Além da produção, também o rendimento médio obtido na safra de 2003, de 2.218 kg/ha, é o maior da história da triticultura catarinense.

A comercialização da safra de 2003 foi muito diferente da esperada pelos produtores quando realizaram o plantio; os preços recebidos foram bem inferiores aos da comercialização da safra de 2002.

Um aspecto que pesou decisivamente para esta comercialização desfavorável foi o da grande produção nacional. Afinal, considerando apenas algumas das variáveis que normalmente pesam na formação dos preços internos (a taxa de câmbio, o balanço de oferta e demanda mundiais, a produção dos principais exportadores mundiais, a produção da Argentina), não se esperava que os preços internos atingissem níveis tão baixos.

Os próprios preços internacionais ficaram claramente mais elevados que os verificados nos últimos anos, tanto que os valores médios do trigo importado pelo Brasil alcançaram valores mais elevados que nos anos mais recentes e, coisa praticamente impensada até 2003, o País acabou exportando trigo.

A grande produção nacional, entretanto, deixou os compradores internos numa posição de adquirir sempre o mínimo necessário, dificultando o escoamento da safra e comprimindo os preços internos.

Esta situação de preços desfavoráveis foi revertida apenas no primeiro semestre de 2004, basicamente por dois fatores: o primeiro, é que, ainda que com algumas oscilações, do início do segundo semestre de 2003 para o transcorrer do primeiro de 2004, os preços internacionais apresentaram uma clara ten-

dência de alta; o segundo, foi o grande volume de trigo em grão exportado pelo Brasil. Entre o final de 2003 e o mês de maio de 2004 foi vendido 1,374 milhão de toneladas para o mercado externo, o que representa 23% da produção brasileira de 2003.

## Perspectivas para a Safra de 04/05

No primeiro semestre de 2004, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) divulgou os primeiros números acerca da situação mundial de oferta e demanda da safra 04/05.

A produção mundial estimada para a safra 04/05 reverte a tendência de decréscimo verificada nos últimos anos. Isto não se repete para o estoque final, que, em função da estimativa de aumento no consumo mundial, fica ainda abaixo do nível da safra 03/04, já considerado bastante baixo em relação aos parâmetros históricos. Assim, apesar do sensível aumento da produção, continua o aperto no balanço de oferta e demanda mundiais.

Além disto, as primeiras estimativas da safra 04/05 mostram também que o crescimento da produção mundial decorre de alguns poucos países. Entre os principais exportadores mundiais, apenas a UE apresenta incremento sensível; a Austrália, o Canadá e a Argentina têm produção praticamente igual e a dos Estados Unidos é menor que na safra 03/04.

Para a safra brasileira e a catarinense de 2004, considerando que a comercializa-

ção da safra de 2003 não teve os preços previstos pelos produtores, seria de se esperar redução ou manutenção da área plantada no ano passado, mas os primeiros números indicam incremento.

Alguns fatores explicam esta expansão de área: o ótimo resultado produtivo da safra passada (isto sempre pesa positivamente na intenção de plantio); as significativas perdas nas lavouras de milho e soja da safra 03/04 (alguns produtores devem buscar no plantio do trigo uma maneira de compensar parte destes prejuízos); a melhora nos preços internos, verificada no transcorrer do primeiro semestre; a expectativa de manutenção de um quadro de preços favoráveis na próxima comercialização.

Ainda que se confirme uma área plantada maior que a de 2003, não dá para apostar no mesmo comportamento relativamente à produção. Na Região Sul, responsável por quase 95% da produção do Brasil, é bastante raro um comportamento climático favorável para as lavouras de trigo como o de 2003; o mais comum é verificar-se adversidades climáticas no transcorrer da safra, que normalmente comprometem a produtividade, pelo menos em parte das regiões produtoras.

## Perspectivas de Mercado

Neste primeiro semestre de 2004, está se desenhando um cenário de mercado mais favorável que o que antecedeu o plantio da safra brasileira e da catarinense de 2003. Alguns pontos explicam esta expectativa.

O primeiro, é a continuidade de um quadro mundial de oferta e demanda apertado. Isto pode fazer com que os preços internacionais, ainda que com algumas oscilações, fiquem em níveis que estimulem mais a compra interna do que a externa.

O segundo, é a recente experiência exportadora do Brasil. Apesar de grande importador mundial, o Brasil deve continuar com possibilidades de exportar parte da sua produção. As exportações servem para reduzir a oferta concentrada em poucos meses do ano, os quais, tradicionalmente, repercutem negativamente sobre os preços internos e, conseqüentemente, nos valores recebidos pelos produtores.

O terceiro, que influi diretamente nos outros dois, é a taxa cambial

brasileira, que no segundo semestre deste ano deve ficar em patamar superior ao do mesmo período do ano passado. Isto encarece as importações e facilita as exportações.

A perspectiva de uma comercialização mais favorável, entretanto, dependerá essencialmente do comportamento dos preços internacionais entre o segundo semestre deste ano e o primeiro de 2005. Caso o quadro de oferta e demanda mundial não seja suficiente para dar firmeza aos preços internacionais durante este período, é pouco provável que os preços internos atinjam patamares favoráveis aos produtores, especialmente se for confirmada a projeção do IBGE de uma produção nacional superior a 6,2 milhões de toneladas.

TABELA 1/I - TRIGO - BALANÇO MUNDIAL DE OFERTA E DEMANDA - SAFRAS 93/94-04/05

SAFRA	ÁREA	PRODUÇÃO	COMÉRCIO	CONSUMO	ESTOQUE FINAL
	(milhões ha)	(milhões t)	(milhões t)	(milhões t)	(milhões t)
93/94	222,1	558,1	101,7	552,4	181,4
94/95	214,3	523,1	101,5	542,3	162,1
95/96	218,8	537,9	99,2	544,8	155,3
96/97	230,2	582,6	104,0	573,4	164,5
97/98	228,4	610,0	104,5	577,3	197,1
98/99	225,0	589,9	102,0	579,0	208,1
99/00	215,4	585,8	112,6	585,0	208,9
00/01	218,4	581,4	104,0	583,8	206,4
01/02	214,6	580,9	110,8	585,5	201,9
02/03	214,1	566,9	110,0	601,6	167,1
03/04	209,7	550,0	103,3	588,4	128,7
04/05	217,9	593,4	102,6	595,8	126,4

FONTE: Usda (jun/04).

TABELA 2/I - TRIGO - PRODUÇÃO MUNDIAL E DOS PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES - 00/01-04/05  
(milhões t)

PAÍS	2000/01	2001/02	2002/03	2003/04	2004/05
União Européia	124,2	113,6	124,5	106,6	127,5
China	99,6	93,9	90,3	86,5	85,0
Índia	76,4	69,7	71,8	65,1	72,0
EUA	60,6	53,0	43,7	63,6	56,1
Rússia	34,5	46,9	50,6	34,1	42,0
Austrália	22,1	24,3	10,1	24,9	24,0
Canadá	26,5	20,6	16,2	23,5	23,5
Paquistão	21,1	19,0	18,2	19,2	19,0
Turquia	18,0	15,5	16,8	16,8	17,2
Ucrânia	10,2	21,3	20,6	3,6	15,0
Argentina	16,2	15,5	12,3	13,5	14,0
Cazaquistão	9,1	12,7	12,6	11,5	11,5
Outros	62,8	75,0	79,3	81,1	86,6
<b>MUNDO</b>	<b>581,4</b>	<b>580,9</b>	<b>566,9</b>	<b>550,0</b>	<b>593,4</b>

FONTE: Usda (jun/04).

TABELA 3/I - TRIGO - ESTIMATIVA DE EXPORTAÇÃO <sup>(1)</sup>, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES E MUNDIAL  
- SAFRAS 00/01 - 04/05  
(milhões t)

PAÍS	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05
Estados Unidos	28,0	26,2	23,0	32,0	26,0
Austrália	16,7	16,5	10,9	14,0	17,0
Canadá	17,4	16,8	9,4	15,5	15,5
União Européia <sup>(2)</sup>	16,8	14,2	19,9	9,5	15,0
Argentina	11,4	11,7	6,3	7,5	8,5
Cazaquistão	4,0	4,0	6,2	6,2	5,5
Rússia	0,7	4,4	12,6	3,5	4,5
Ucrânia	0,1	5,5	6,6	0,0	2,0
Outros	9,0	11,5	15,1	15,1	8,6
<b>MUNDO</b>	<b>104,0</b>	<b>110,8</b>	<b>110,0</b>	<b>103,3</b>	<b>102,6</b>

FONTE: Usda (jun/04).

<sup>(1)</sup> Período de julho a junho.<sup>(2)</sup> Considerada apenas a exportação para países de fora da comunidade, exceto para 2002/03.

**TABELA 4/I - TRIGO - ESTIMATIVA DE IMPORTAÇÃO <sup>(1)</sup>, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES E MUNDO - SAFRAS 00/01 - 04/05**  
(milhões de t)

PAIS	00/01	01/02	02/03	03/04	04/05
China	0,2	1,1	0,4	3,0	8,0
Egito	6,1	6,9	6,4	7,3	7,0
Japão	5,9	5,8	5,6	5,6	5,6
Brasil	7,5	7,2	6,6	5,6	5,5
União Européia <sup>(2)</sup>	4,7	10,7	13,9	7,0	5,0
Indonésia	4,1	3,7	4,0	4,1	4,2
México	3,1	3,2	3,2	3,7	3,9
Argélia	5,6	4,6	6,1	3,3	3,4
Coréia do Sul	3,1	4,0	4,1	3,3	3,4
Iraque	3,2	2,8	1,6	1,8	3,3
Iran	6,2	5,6	1,6	0,5	0,5
Outros	54,4	55,2	56,7	58,1	52,8
<b>MUNDO</b>	<b>104,0</b>	<b>110,8</b>	<b>110,0</b>	<b>103,3</b>	<b>102,6</b>

FONTES: Usda (jun/04).

<sup>(1)</sup> Período de julho a junho.

<sup>(2)</sup> Considerada apenas a importação de países de fora da comunidade, exceto para 2002/03.

**TABELA 5/I - TRIGO - COMPARATIVO DA ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO - BRASIL - 1994-2004**

ANO	ÁREA PLANTADA	PRODUÇÃO	RENDIMENTO
	(ha)	(t)	(kg/ha)
1994	1.472.083	2.096.259	1.424
1995	1.036.343	1.533.871	1.480
1996	1.825.648	3.292.777	1.804
1997	1.544.489	2.489.070	1.612
1998	1.423.789	2.269.847	1.594
1999	1.254.275	2.461.856	1.963
2000	1.535.723	1.725.792	1.124
2001	1.730.908	3.366.599	1.945
2002	2.151.831	3.105.658	1.443
2003 <sup>(1)</sup>	2.496.137	6.029.396	2.415
2004 <sup>(2)</sup>	2.658.576	6.220.288	2.340

FONTES: IBGE.

<sup>(1)</sup> Dados sujeito a alterações.

<sup>(2)</sup> Projeção.

**TABELA 6/I - TRIGO - ÁREA PLANTADA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO, SEGUNDO OS ESTADOS - 2001-2003**

ESTADO	ÁREA PLANTADA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	2001	2002	2003 <sup>(1)</sup>	2001	2002	2003 <sup>(1)</sup>	2001	2002	2003 <sup>(1)</sup>
Paraná	961.649	1.142.078	1.192.493	2.012.771	1.676.608	3.091.047	2.093	1.468	2.592
Rio Grande do Sul	615.152	800.307	1.063.894	1.075.897	1.126.524	2.395.554	1.749	1.408	2.252
Santa Catarina	51.007	51.851	77.541	79.865	91.958	171.969	1.566	1.774	2.218
Mato Grosso do Sul	61.948	93.316	90.488	107.006	75.462	167.684	1.727	809	1.853
São Paulo	21.950	35.340	47.700	52.240	60.850	104.700	2.380	1.722	2.195
Goiás	14.415	20.609	16.610	18.773	45.022	65.647	1.302	2.185	3.952
Minas Gerais	3.445	5.482	7.411	15.310	23.544	32.795	4.444	4.295	4.425
Distrito Federal	842	658	-	3.987	3.050	-	4.735	4.635	-
Mato Grosso	500	2.190	-	750	2.640	-	1.500	1.205	-
<b>BRASIL</b>	<b>1.730.908</b>	<b>2.151.831</b>	<b>2.496.137</b>	<b>3.366.599</b>	<b>3.105.658</b>	<b>6.029.396</b>	<b>1.945</b>	<b>1.443</b>	<b>2.415</b>

FONTE: IBGE.

<sup>(1)</sup> Dados sujeito a alterações.**TABELA 7/I - TRIGO - OFERTA E DEMANDA BRASILEIRAS - 1999-2004**

(1000 t)

DISCRIMINAÇÃO	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Estoque inicial (1/t8)	609,1	751,8	716,5	770,5	763,9	270,7
Produção	2.402,8	1.658,4	3.194,2	2.913,9	5.851,3	5.898,6
Importação	7.718,1	7.631,9	7.055,4	6.853,2	5.070,0	4.970,0
Suprimento	10.730,0	10.042,1	10.966,1	10.537,6	11.685,2	11.139,3
Consumo	9.975,0	9.324,0	10.193,0	9.770,0	10.111,0	10.111,0
Exportação	3,2	1,6	2,6	3,7	1.303,5	800,0
Estoque final (31/7)	751,8	716,5	770,5	763,9	270,7	228,3

FONTE: Conab (maio/04).

**TABELA 8/I - TRIGO - QUANTIDADE EM GRÃO IMPORTADA PELO BRASIL - 1996-2003**

(t)

PAÍS DE ORIGEM	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Argentina	2.397.990	3.273.015	5.842.979	6.569.426	7.207.869	6.789.395	5.422.944	5.531.083
EUA	880.775	-	-	95.078	51.685	102.912	677.203	500.014
Polônia	-	-	-	-	-	-	89.368	299.624
Canadá	878.316	780.640	370.275	191.613	163.075	33.820	59.076	170.318
Paraguai	55.200	238.112	131.222	865	64.079	87.670	81.489	96.184
Suécia	-	-	-	-	-	-	12.828	5.472
Uruguai	82.657	81.913	24.526	34.234	36.015	1.001	14.050	5.230
Cazaquistão	-	-	-	-	-	-	76.980	4.000
Líbano	15	10	14	19	-	-	4	2
Ucrânia	-	-	-	-	-	-	128.347	-
Rússia	-	-	-	-	-	-	9.939	-
França	-	-	26.163	-	-	-	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>4.294.953</b>	<b>4.373.689</b>	<b>6.395.179</b>	<b>6.891.235</b>	<b>7.522.722</b>	<b>7.014.798</b>	<b>6.572.228</b>	<b>6.611.926</b>

FONTE: Secex/Decex (jun/04).

**TABELA 9/I - TRIGO - QUANTIDADE DE FARINHA IMPORTADA PELO BRASIL - 1996-2003**

(t)

PAÍS DE ORIGEM	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Argentina	152.582	361.075	274.158	177.758	181.639	141.921	81.027	8.947
Uruguai	20.021	18.695	34.322	13.256	17.635	20.870	7.345	8.893
Paraguai	140	9.978	7.503	25	-	1.123	5.740	2.265
Peru	-	-	-	-	-	-	-	1.030
Bélgica	44	1.843	2.238	270	-	-	1.688	1.440
Venezuela	514	16	117	20	3.705	2.390	-	-
Itália	-	2	-	3	14	59	30	1.068
Outros	58	177	4	38	41	10	8	587
<b>TOTAL</b>	<b>173.359</b>	<b>391.786</b>	<b>318.342</b>	<b>191.370</b>	<b>203.034</b>	<b>166.373</b>	<b>95.838</b>	<b>24.230</b>

FONTE: Secex/Decex (jun/04).

**TABELA 10/I - TRIGO - COMPARATIVO DAS SAFRAS DE SANTA CATARINA - 1994-2004**

ANO	ÁREA PLANTADA	PRODUÇÃO	RENDIMENTO
	(ha)	(t)	(kg/ha)
1994	61.370	74.147	1.208
1995	36.825	53.875	1.463
1996	72.062	105.056	1.458
1997	36.635	34.227	934
1998	28.785	42.411	1.473
1999	24.861	45.440	1.828
2000	30.897	54.318	1.758
2001	51.007	79.865	1.566
2002	51.851	91.958	1.774
2003	77.541	171.969	2.218
2004 <sup>(1)</sup>	85.000	161.500	1.900

FONTE: IBGE.

<sup>(1)</sup> Projeção.

**TABELA 11/I - TRIGO - COMPARATIVO DA ÁREA, PRODUÇÃO E RENDIMENTO - SANTA CATARINA - 2001-2003**

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	ÁREA (ha)			PRODUÇÃO (t)			RENDIMENTO (kg/ha)		
	2001	2002	2003	2001	2002	2003	2001	2002	2003
Xanxerê	13.325	16.323	24.785	9.615	26.620	54.524	722	1.631	2.200
Curitibanos	12.502	14.645	19.770	30.804	34.120	46.910	2.464	2.330	2.373
Chapecó	10.049	8.130	12.965	12.085	9.553	23.969	1.203	1.175	1.849
Canoinhas	6.060	4.030	6.520	11.296	6.765	17.121	1.864	1.679	2.626
São Miguel do Oeste	4.690	3.350	5.805	7.985	5.452	12.447	1.703	1.627	2.144
Joaçaba	2.772	3.256	3.970	5.392	5.705	9.368	1.945	1.752	2.360
Campos de Lages	469	936	1.400	1.512	2.415	4.515	3.224	2.580	3.225
Concórdia	1.085	996	2.087	1.101	1.064	2.760	1.015	1.068	1.322
Sao Bento do Sul	40	170	170	60	252	217	1.500	1.482	1.276
Rio do Sul	15	15	55	15	12	110	1.000	800	2.000
Ituporanga	-	-	14	-	-	28	-	-	2.000
<b>SANTA CATARINA</b>	<b>51.007</b>	<b>51.851</b>	<b>77.541</b>	<b>79.865</b>	<b>91.958</b>	<b>171.969</b>	<b>1.566</b>	<b>1.774</b>	<b>2.218</b>

FONTE: IBGE.

**TABELA 12/I - TRIGO - PREÇOS MÍNIMOS DE GARANTIA - 2000 – 2004**  
(R\$/t)

CLASSIFICAÇÃO /ANO	TIPO 1 (PH 78)				
	2000	2001	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>
Pão/Melhorador/Durum	205,00	225,00	285,00	400,00	400,00
Brando	178,40	195,79	248,07	348,17	348,17
Outros usos	125,22	125,22			

continua

continuação

CLASSIFICAÇÃO /ANO	TIPO 2 (PH 75)				
	2000	2001	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>
Pão/Melhorador/Durum	194,47	213,43	270,42	379,54	379,54
Brando	169,54	186,07	235,75	330,88	330,88
Outros usos	116,35	116,35			

continua

continuação

CLASSIFICAÇÃO /ANO	TIPO 3 (PH 70)				
	2000	2001	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>
Pão/Melhorador/Durum	178,40	195,79	248,07	348,17	348,17
Brando	151,81	166,61	211,09	296,27	296,27
Outros usos	107,49	107,49			

FONTE: Conab

<sup>(1)</sup> Estes são valores sujeitos a pequenas alterações, pois não foram divulgados oficialmente.

**TABELA 13/I - TRIGO - PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE SANTA CATARINA - 1997 - 2004**  
R\$/sc<sup>(1)</sup>

MÊS/ANO	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Janeiro	8,4	8,6	9,0	11,7	12,4	16,1	29,8	22,7
Fevereiro	8,4	9,7	12,3	12,0	12,4	16,2	30,0	22,8
Março	8,2	9,8	13,9	12,0	12,6	16,5	30,6	24,8
Abril	8,4	10,2	14,2	12,1	14,3	16,8	30,0	28,9
Maiο	9,3	10,5	14,7	12,5	15,5	17,7	28,6	29,8
Junho	10,8	10,8		13,5	16,4	19,6	26,8	27,9
Julho	10,7			13,8	16,8	21,1	25,9	...
Agosto	10,7			14,4	16,8	23,8	24,8	...
Setembro	10,3			14,8		26,5	24,8	...
Outubro	9,8	8,5	12,0	13,4	16,7	35,7	22,9	...
Novembro	9,0	8,9	12,8	12,2	16,2	32,0	23,0	...
Dezembro	9,0	8,9	12,2	12,2	16,0	29,6	23,2	...
<b>MÉDIA</b>	<b>9,4</b>	<b>9,5</b>	<b>12,6</b>	<b>12,9</b>	<b>15,1</b>	<b>22,6</b>	<b>26,7</b>	<b>26,1</b>

FONTE: Instituto Cepa/SC.

<sup>(1)</sup> Saca 60kg de trigo superior de PH78.

## UVA

O cultivo da uva está ligado ao homem pela história, pelas religiões e, especialmente no ocidente, pela colonização das Américas, da África e da Austrália. É a frutífera que ocupa a segunda maior área cultivada, com mais de 7 milhões de hectares distribuídos em todos os continentes. Seu uso é diverso desde os primórdios da civilização; é para consumo in natura, é como uva seca, ou transformada em vinhos, sucos, vinagres ou outras bebidas vinicas.

A produção dos 11 países que mais cultivam uvas soma 5 milhões de hectares. Os três maiores (Espanha, Itália e França) cultivam mais de 2 milhões de hectares, principalmente para a produção de

vinhos finos. A principal espécie do gênero *vitis* é a *vitis vinifera*, vulgarmente conhecida como uva européia, com milhares de variedades entre brancas e tintas, para vinho, passas, mesa ou sucos. Há também as uvas americanas e as híbridas, utilizadas para consumo in natura e sucos. Particularmente no Brasil, são as uvas básicas na produção dos vinhos comuns ou conhecidos vinhos de garrafão.

O Brasil tem uma participação crescente no mercado mundial, especialmente na produção de uvas de mesa e de sucos. A média anual de exportação do primeiro grupo de países exportadores, Chile, Estados Unidos e Itália, é de US\$ 500 milhões.

No segundo grupo há um conjunto de oito países, onde aparecem como potenciais concorrentes o México, a África do Sul e a Austrália, com exportação média anual de US\$ 100 milhões, vindo a seguir a Argentina e o Brasil, com potencial de exportação atual entre US\$ 30 milhões e US\$ 40 milhões por ano. Pelas condições naturais e os investimentos realizados nos últimos cinco anos, é possível que o Brasil consiga ficar entre os dez maiores exportadores nos próximos dez anos.

É importante destacar o crescimento do Brasil nesse segmento, haja vista que a viticultura sempre foi deficitária no comércio exterior, em virtude da importação de uvas passas e vinhos, especialmente nos últimos dez anos. O consumo de vinhos importados representa mais de 50% do consumo de vinhos finos do Brasil, estimando-se uma importação anual de 28 milhões a 30 milhões de litros, comprometendo mais de US\$ 60 milhões da balança comercial com a aquisição de vinhos e espumantes.

A produção de uva no Brasil cresce impulsionada pelo aumento no consumo interno de uva e sucos e por uma demanda externa dos mesmos produtos. Este crescimento, que teve seu início nos meados da década de 90, verifica-se também no cultivo de uvas para vinhos finos com variedades européias em várias regiões do Brasil e também das uvas finas apirênicas (sem sementes), visando ao mercado internacional, especialmente no Nordeste brasileiro.

A produção nacional de uvas se distribui por todo o território, mas concentra-se no estado do Rio Grande do Sul, onde

se encontra metade da produção brasileira, especialmente na região da Serra Gaúcha. Ontem, fatores étnicos e culturais fizeram com que a produção brasileira de uvas se concentrasse em determinadas regiões; hoje, são cada vez mais determinantes na expansão dessa cultura as condições de clima e solo, especialmente o arranjo institucional entre o setor público e o privado na busca de regiões alternativas com potencial natural.

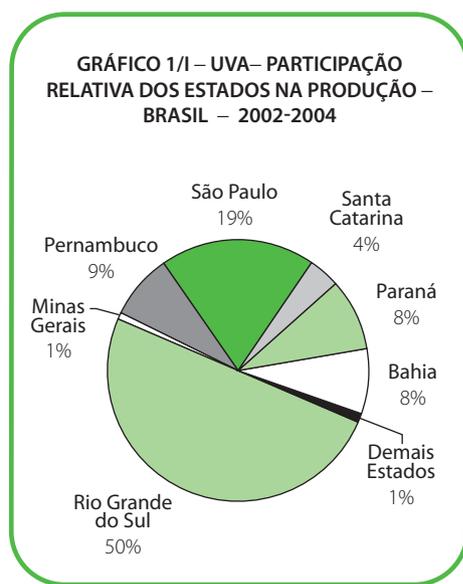
Neste sentido, é importante destacar que a ampliação de área no Nordeste do Brasil, especialmente no Vale do São Francisco e no Ceará, e na região da campanha, no Rio Grande do Sul, tiveram, além de condições naturais, o papel do setor público como indutor desse processo, tendo em vista a capacidade de geração de emprego e de divisas, aliada à apropriação de renda no local em que é produzida e processada.

As áreas de expansão se concentram atualmente nos pólos frutícolas identificados pela Embrapa. No Nordeste, o pólo Petrolina/Juazeiro é o de maior importância, tanto pela oferta de uvas finas de mesa - produzidas com irrigação, como para a produção de matéria-prima para vinhos finos, identificado pela presença de vinícolas do Sul do Brasil e de capitais internacionais na produção de uvas para consumo in natura. Além deste, no Pólo do Baixo Jaguaribe, no estado do Ceará, começa a se expandir a produção de uva para exportação.

No Rio Grande do Sul, há o Pólo Metade Sul do Rio Grande do Sul, voltado à produção de vinhos finos, com projetos desenvolvidos com uso de alta tecnologia e mui-

to capital, diferente do Pólo Bento/Caxias, cuja produção é caracterizada pela agricultura familiar e onde mais de 75% dos vinhedos têm menos que dois hectares.

A produção brasileira de uvas de 2004, segundo estimativa do IBGE, é de uma colheita de 1,2 milhão de toneladas. De acordo com informações desse Instituto e dados estimados pelo Instituto Cepa/SC, no período 2002 a 2004 o estado do Rio Grande do Sul tem participação superior a 50% da produção nacional e o estado de São Paulo, 19% (Gráfico 1). São Paulo, diferentemente do Rio Grande do Sul, tem como objetivo principal a produção de uvas finas de mesa, enquanto que no Rio Grande do Sul a produção se destina especialmente à transformação em vinhos, mosto e sucos. Em seguida, aparecem os estados de Pernambuco, Paraná e Bahia, com 9%, 8% e 8%, respectivamente. O estado de Santa Catarina responde por 4% da produção nacional; mesmo assim, ainda é o segundo produtor nacional de vinhos e mosto, patamar em que permanece estagnado.



FONTE: Instituto Cepa/SC.

Enquanto a produção nacional de uva de mesa está praticamente estagnada, há um expressivo aumento na produção de uvas para vinhos finos e uvas finas de mesa, especialmente as apirênicas. Nas estatísticas oficiais ainda não aparecem os novos estados produtores, como Ceará, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás.

É significativo o aumento de novas áreas, como a Serra do Sudeste e a região da Campanha, no Rio Grande do Sul; o vinho que se espera no frio da Serra Catarinense, em vinhedos de mais de 1.100 metros de altitude, desde São Joaquim até Caçador; a região do Cariri, no Ceará, para a produção de uvas de mesa e as iniciativas do Centro-Oeste, para a produção de vinhos e sucos.

Enquanto a viticultura nacional se concentra no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, a região do Alto Vale do Rio do Peixe concentra quase 60% da produção e as principais cantinas, que produzem vinhos com uvas européias e comuns, próprias ou adquiridas no vizinho estado gaúcho.

Também são pólos tradicionais de produção no estado os municípios de Urusanga, Pedras Grandes, Rodeio e Nova Trento, cidades nas quais predomina a imigração italiana. Contudo, iniciativas inovadoras permitem vislumbrar novos tempos na vitivinicultura catarinense: as sucessivas perdas de renda com a produção de grãos e a cultura de gerações na viticultura, estão para ampliar de maneira decisiva a viticultura no oeste, mais especificamente na margem direita do Rio Uruguai.

A Epagri, com orientação técnica e multiplicação de material vegetativo de alta qualidade, adequado às características e ao clima de cada região, tem contribuído de maneira decidida no fomento à viticultura estadual.

A iniciativa privada, com o apoio decisivo da Epagri, lançou um selo de identificação com uvas Niágara Branca e Isabel, produzidas no Vale do Rio do Peixe, além de um espumante da uva Niágara.

Outras iniciativas como, unidades industriais e o acelerado aumento de área que tal processo deslanchou no extremo oeste; a unidade implantada em Rodeio e o melhoramento na produção dos vinhos do Rio do Peixe, do sul do estado e do Vale do Itajaí, têm sido fatos determinantes nesse novo momento que vive o setor no estado.

Contudo, o plantio de uvas para vinhos finos na região serrana e, mais recentemente, a implantação de uma unidade industrial, que entrou em operação no ano de 2004, confirmam essa região como novo pólo vitivinícola. Confirma-se também pelo diferencial de se explorar somente material genético e tecnologia de condução de uvas para vinhos finos de alta qualidade, cujo resultado os especialidades já abalizam. O plantio se iniciou em dezembro de 2000 e já conta com mais de 80 hectares de vitis viníferas.

O governo federal, através do Prodefruta, vem financiando a implantação de novos vinhedos. No estado, tem sido decisivo o apoio do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul - BRDE - e dos demais agentes financeiros que

operam os programas administrados pelo BNDES. Estes financiamentos destinam-se à instalação e à reconversão de vinhedos, com taxas pré-fixadas de 8,75% ao ano, com limite de R\$ 200 mil por produtor, independentemente de outros créditos dentro do Sistema Nacional de Crédito Rural.

**TABELA 1/I - UVA - PRODUÇÃO OBTIDA POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - 2002-2004**

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	PRODUÇÃO OBTIDA (t)		
	2002	2003	2004
Chapecó	3.909	3.841	4.448
Concórdia	1.462	1.540	2.040
Criciúma	828	828	974
Joaçaba	25.663	25.685	26.797
São Miguel d'Oeste	3.616	2.862	2.985
Tijucas	935	1.719	1.836
Tubarão	1.625	1.645	1.645
Xanxerê	1.101	1.101	1.237
Demais MRG	1.954	2.404	3.037
<b>Santa Catarina</b>	<b>41.093</b>	<b>41.625</b>	<b>45.000</b>

FONTE: IBGE.

OBS: Dados de 2004 estimados pelo Instituto Cepa/SC.

No Brasil, as principais uvas de mesa comercializadas são a Niágara, como uva comum, e a Itália e Itália Rubi, como uvas finas. Para a produção de vinhos, especialmente no Rio Grande do Sul, onde se processam mais de 300 milhões de litros por ano, reina absoluta a Isabel, com mais de 200 mil toneladas/ano. Para a produção de vinhos finos, destacam-se, em volume, a Merlot (7 mil t), a Cabernet Sauvignon (7 mil t) e a Cabernet Franc (3 mil t), entre as tintas; a Moscato (10 mil t), a Riesling (3 mil t), a Chardonnay, a Trebbiano e a Semillon (mil t), entre as brancas.

A produção brasileira, no cenário mundial, ainda representa muito pouco na produção de uvas e de vinhos. Com a abertura comercial iniciada nos anos 90 e a ampliação do mercado experimentada a partir dessa época, o setor experimenta uma concorrência muito forte da Argentina, do Chile e da Austrália, cuja competitividade em volume muito se aproxima da dos produtores americanos.

Quanto ao futuro, para a uva de mesa o cenário é de um avanço maior no mercado, com a oferta de uvas sem sementes. Quanto ao vinho, os consumidores hoje preferem vinhos frutados e monovarietais, justamente aqueles em que se está especializando o novo mundo do

vinho, representado pelos vinhos chilenos, americanos, argentinos, australianos e as principais cantinas brasileiras.

No mercado de vinhos finos, o consumo dos tradicionais países produtores e consumidores está se reduzindo e está se ampliando o consumo nos países nórdicos e nos mercados emergentes, entre eles a Ásia e o Brasil. A produção brasileira vive o desafio de ampliar o mercado interno desses vinhos, com qualidade e preços capazes de competir com os de países emergentes nessa produção. Cabe destacar que, com exceção dos Estados Unidos da América, a produção desses países é praticamente duas vezes maior que de seu consumo interno.

*Francisco Assis de Brito*

# FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS

## Situação Nacional

A pesquisa efetuada através do Programa Setorial Integrado de Exportação de Flores e Plantas Ornamentais (Flora Brasiliis), concretizada pelo convênio realizado entre o Instituto Brasileiro de Flores e Plantas Ornamentais (Ibraflor) e a Agência de Promoção de Exportações (Apex), nos anos 2001 e 2002, abrangendo 15 estados e 392 municípios produtores de flores e plantas ornamentais, apresentou novidades. As informações serão aqui analisadas.

O estado de São Paulo concentra a grande produção nacional, com 67,5% da

área cultivada e 50,8% do número de propriedades produtoras. Seguem-se os estados de Santa Catarina (16,9% da área e 23% dos produtores), Minas Gerais (2,6% da área e 5,3% das propriedades) e Paraná (2,5% e 7,5%), respectivamente.

A área total cultivada com flores e plantas ornamentais (Tabela 2) nos 15 estados pesquisados é de 5.443,8 ha, dos quais 72,4% a campo, 24,5% em estufa e 3,1% em telado. As áreas de cultivo, quando analisadas por tipo, indicam que Minas Gerais detém, proporcional-

TABELA 1/I – NÚMERO DE MUNICÍPIOS E DE PROPRIEDADES CADASTRADAS, POR ESTADO – 2001- 2002

ESTADO	Nº MUNICÍPIO	%	Nº PROPRIEDADE	%
Alagoas	16	4,08	33	2,05
Amazonas	1	0,26	8	0,50
Bahia	14	3,57	19	1,18
Ceará	13	3,32	24	1,49
Espírito Santo	6	1,53	13	0,81
Goiás	4	1,02	5	0,31
Minas Gerais	34	8,67	86	5,33
Pará	6	1,53	11	0,68
Paraíba	1	0,26	1	0,06
Pernambuco	10	2,55	25	1,55
Paraná	47	11,99	121	7,51
Rio de Janeiro	9	2,30	25	1,55
Rio Grande do Sul	16	4,08	52	3,23
Santa Catarina <sup>(1)</sup>	112	28,57	370	22,95
São Paulo	103	26,28	819	50,81
<b>Total</b>	<b>392</b>	<b>100,00</b>	<b>1612</b>	<b>100,00</b>

FONTE: Ibraflor - Pesquisa de Campo 2001/2002.

<sup>(1)</sup>Dados atualizados pela Epagri.

mente, a maior área de cultivo em estufa (97,5 ha), representando 68,8% da sua área total. Isto se deve à produção de rosas e de outras flores de corte convencionais, exigentes em cultivo protegido, de forma a garantir a qualidade dos produtos. Na segunda posição estão o Rio

Grande do Sul (42,2 ha), com 33,6 % da área, e São Paulo (1.092,9 ha), com 29,7%.

O estado do Rio de Janeiro é o que aparece com maior proporção de cultivo sob telado (91,1 ha), que representa

TABELA 2/I - ÁREA CULTIVADA POR TÉCNICA DE PRODUÇÃO, POR ESTADO - 2001 - 2002 (ha)

ESTADO	CAMPO	ESTUFA	TELADO	TOTAL GERAL
Alagoas	64,3	0,7	1,4	66,3
Amazonas	10,1	2,0	-	12,1
Bahia	37,2	0,6	3,9	41,8
Ceará	34,2	10,2	2,5	46,9
Espírito Santo	2,1	7,6	0,3	10,0
Goiás	29,4	0,8	1,4	31,6
Minas Gerais	37,1	97,5	7,1	141,7
Pará	44,5	-	-	44,5
Paraíba	3,0	-	-	3,0
Pernambuco	44,6	6,5	2,2	53,2
Paraná	105,5	31,6	1,0	138,0
Rio de Janeiro	15,5	29,4	91,1	136,0
Rio Grande do Sul	83,3	42,2	0,2	125,6
Santa Catarina <sup>(1)</sup>	902,0	10,9	4,8	917,7
São Paulo	2.529,3	1.092,9	52,9	3.675,1
<b>Total geral</b>	<b>3.942,1</b>	<b>1.3332,9</b>	<b>168,8</b>	<b>5.443,8</b>

FONTE: Ibraflor-Pesquisa de Campo 2001/2002.

<sup>(1)</sup>Dados atualizados pela Epagri.

67% da área cultivada, o que expressa bem a especialização da produção carioca no cultivo de mudas de plantas ornamentais que ocorre, normalmente, nessa condição.

O cultivo em campo aberto é maior em Santa Catarina (98,7%) e Goiás (93%), com a produção de mudas de plantas ornamentais, entre elas forrações e grammas, além dos estados do Nordeste (Alagoas, 97%, Bahia, 89% e Pernambuco, 84%), determinado pelo cultivo de plantas tropicais de corte, sejam flores ou folhagens.

Outra análise significativa diz respeito à área média cultivada com flores e plantas ornamentais por propriedade, que representa, em nível nacional, 3,4 ha (Tabela 3).

A área total cultivada com flores e plantas ornamentais, quando enfocada

sob a ótica das seis categorias adotadas neste relatório, indica que as “Mudas e Plantas Ornamentais” representam 53,4% (2.905,1 ha) da área total, seguidas pela produção de flores de corte (27,1%), flores em vaso (12,4%), folhagem em vaso (2,9%), folhagem de corte (2,5 %) e outros produtos (1,7%) (Tabela 4, Gráfico 1).

Dos 1.476 hectares cultivados com flores de corte, em âmbito nacional, o cultivo de rosas ocupa a maior área (426 ha), seguido pelo de crisântemo (234,5 ha), helicônias (101,8), gérberas, gipsofila, estrelíztias, tango, gladiolo e alpínias, entre outras flores de corte, totalizando 70 espécies diferentes.

Na tabela 5, somente estão apresentadas aquelas espécies cuja área de produção foi igual ou maior que 5 ha.

**TABELA 3/I - ÁREA MÉDIA E NÚMERO DE PROPRIEDADES, POR ESTADO - 2001 - 2002**

ESTADO	Nº PROPRIEDADES	ÁREA CULTIVADA (ha)	ÁREA MÉDIA CULTIVADA POR PROPRIEDADE (ha)
Alagoas	33	66,3	2,0
Amazonas	8	12,1	1,5
Bahia	19	41,8	2,2
Ceará	24	46,9	2,0
Espírito Santo	13	10,0	0,8
Goiás	5	31,6	6,3
Minas Gerais	86	141,7	1,7
Pará	11	44,5	4,1
Paraíba	1	3,0	3,0
Pernambuco	25	53,2	2,1
Paraná	121	138,0	1,1
Rio de Janeiro	25	136,0	5,4
Rio Grande do Sul	52	125,6	2,4
Santa Catarina <sup>(1)</sup>	370	917,7	2,5
São Paulo	819	3675,1	4,5
<b>Total</b>	<b>1612</b>	<b>5443,8</b>	<b>3,4</b>

FONTE: Ibraflor – Pesquisa de Campo 2001/2002.

<sup>(1)</sup>Dados atualizados pela Epagri.

**TABELA 4/I - CATEGORIA DE PRODUÇÃO POR TÉCNICA DE PLANTIO – BRASIL-2001-2002**  
(ha)

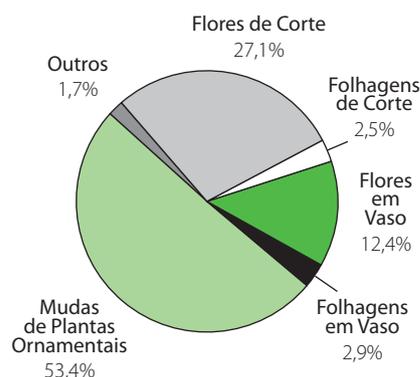
CATEGORIA	CAMPO	ESTUFA	TELADO	TOTAL
Flores de corte	816,7	640,7	18,6	1.476,0
Convencionais	522,7	602,7	3,1	1.128,4
Tropicais	246,6	8,8	14,0	269,5
Outras flores de corte	47,4	29,2	1,5	78,1
Folhagem de corte	86,9	43,0	5,0	134,9
Flores em vaso	303,2	358,5	11,2	673,0
Folhagem sem vaso	95,6	57,1	7,5	160,2
Mudas de plantas ornamentais	2.558,6	220,8	125,7	2.905,1
Árvores	141,6	3,1	7,8	152,5
Palmeiras	348,4	18,0	52,3	418,7
Arbustos/trepadeiras	804,6	70,9	25,9	901,4
Forrações/Gramas	282,3	114,9	34,4	431,5
Outras mudas de plantas ornamentais	646,5	24,9	3,8	675,2
Outros	81,1	12,8	0,8	94,7
<b>Total geral</b>	<b>3.942,1</b>	<b>1.332,9</b>	<b>168,8</b>	<b>5.443,8</b>

FONTE: Ibraflor e Epagri - Pesquisa de Campo 2001/2002.

Para as folhagens de corte, a área cultivada é relativamente pequena (108,7 ha). O cultivo de folhagens para corte não é recente; porém, eram pouco ofertadas. No estado de São Paulo foram observados 90 produtos diferentes, disponíveis nos principais mercados, procedentes de 36 produtores (Tabela 6).

A produção está sendo bastante incrementada nos estados do Nordeste, em razão do uso combinado de flores tropicais e folhagens-cortadas na composição de arranjos florais típicos.

Na categoria “Flores em Vaso” aparecem 58 espécies, o que mostra uma

**GRÁFICO 1/I – DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA ÁREA CULTIVADA POR CATEGORIA – BRASIL – 2001-2002**

FONTE: Ibraflor.

**TABELA 5/I – FLORES DE CORTE – ÁREA CULTIVADA POR ESPÉCIE – BRASIL-2001-2002**

CULTURA	ÁREA (ha)	CULTURA	ÁREA (ha)
Rosa	426,0	Lisianto	21,2
Crisântemo	234,5	Girassol	19,8
Flores de corte	110,7	Musa	16,9
Helicônia	101,8	Antúrio	14,8
Gérbera	86,3	Boca-de-leão	11,6
Gipsofila	77,3	Copo-de-leite	10,9
Estrelitzia	65,4	Angélica	8,0
Tango	60,5	Hipéricum	8,0
Gadíolo	55,1	Ananás	6,6
Alpínia	51,7	Zíngiber	6,0
Lírio	42,5	Dália	5,5
Áster	35,1	Íris	5,0
<b>Total Geral</b>	<b>1.476,0</b>		

FONTE: Ibraflor – Pesquisa de campo 2001/2002.

**TABELA 6/I – FOLHAGEM DE CORTE – ÁREA CULTIVADA, POR ESPÉCIE, BRASIL-2001-2002**  
(ha)

CULTURA	TOTAL GERAL
Folhagem de corte	109,9
Eucalipto	9,9
Aspargos	3,5
Fórmio	2,7
Murta	1,9
Folhas de cica	1,5
Papiro	1,0
Avenca	0,8
Hera	0,6
Cheflera	0,5
<b>Total geral</b>	<b>134,9</b>

FONTES: Ibraflor - Pesquisa de Campo 2001-2002.

grande diversidade de produtos. Destes, apenas os 12 primeiros ocupam área de 393,6 ha (Tabela 7).

Das espécies identificadas, o crisântemo em vaso é o de maior área (15,1%), seguido das orquídeas (*Phalaenopsis* e *Cymbidium*) (8,3%) e da azaléia (6,0%).

As violetas, que representam já há alguns anos uma das plantas de vaso produzidas em maior quantidade em regiões, como Holambra e Atibaia, não correspondem à maior área de produção.

**TABELA 7/I – FLORES EM VASO – ÁREA CULTIVADA, POR ESPÉCIE – BRASIL-2001-2002**

CULTURA	ÁREA (ha)	CULTURA	ÁREA (ha)
Flores em vaso	195,3	Violeta	21,3
Crisântemo	101,1	Bromélia	19,9
Orquídea	55,5	Begônia	19,3
Azaléia	40,0	Kalanchoe	19,1
Minirrosas	37,8	Minicrisântemo	14,0
Ciclâmen	27,9	Gerânio	11,0
Prímula	26,7	Cravínea	8,6

FONTES: Ibraflor - Pesquisa de campo 2001-2002.

**TABELA 8/I – FOLHAGEM EM VASO – ÁREA CULTIVADA, POR ESPÉCIE – BRASIL-2001-2002**

CULTURA	ÁREA (ha)	CULTURA	ÁREA (ha)
Samambaia	33,9	Maranta	12,0
Cica	23,1	Fícus	10,1
Filodendro	18,2	Cacto	10,0
Folhagem	14,4	Jibóia	7,2
Diefenbáquia	13,4	Avenca	6,0
<b>Total geral</b>	<b>160,2</b>		

FONTES: Ibraflor - Pesquisa de Campo 2001-2002.

Dentre as folhagens em vaso, sobressaem as samambaias, cicas, filodendros, comigo-ninguém-pode, marantas, fícus e cactus, com as áreas mais significativas; na soma com a folhagem, representam 84% da área plantada (Tabela 8).

As mudas e plantas ornamentais foram divididas em grupos mais específicos: árvores, palmeiras, arbustos e trepadeiras, forrações e gramas. Ao todo, constituíram 157 produtos, sendo 17 espécies arbóreas, 24 palmeiras, 81 tipos de arbustos e trepadeiras, 34 forrações e gramas. A área de produção de espécies arbóreas, em relação ao total para mudas de plantas ornamentais, é relativamente baixa (152,5 ha), representando 5,9%. Entre as espécies cultivadas, destacam-se as coníferas, fícus, ciprestes e árvores em geral (Tabela 9).

Para as palmeiras, a área de produção é mais que o dobro (418,7 ha), perfazendo 16,2 %, com 24 espécies (Tabela 10). O cultivo de palmeiras *Phoenix* é o mais expressivo, seguido por *Rhapis excelsa*. Alguns estados se destacam nessa produção, principalmente o Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo, onde ocorre, em grande parte, em condição de campo.

**TABELA 9/I – MUDAS DE PLANTAS ORNAMENTAIS – ÁRVORES, ÁREA CULTIVADA, POR ESPÉCIE – BRASIL – 2001-2002**

ESPÉCIE	ÁREA (ha)	ESPÉCIE	ÁREA (ha)
Coníferas	39,5	Ipê	3,5
Fícus	37,7	Araucária	2,1
Árvores	28,3	Pitanga Anã	1,8
Cipreste	20,5	Ligustro	1,7
Cássia	8,1	Árvores Nativas	1,3
Cedro	7,0	Magnólia	1,0
<b>Total geral</b>			<b>152,5</b>

FONTE: Ibraflor - Pesquisa de Campo 2001-2002.

Na tabela 11 estão listadas as espécies de arbustos e trepadeiras mais significativas. Nesse grupo foram consideradas todas as bromélias de jardim.

Na tabela 12 são relacionadas as espécies e áreas cultivadas de forrações.

A última categoria, Outros Produtos, é composta por 22 produtos que, em seu conjunto, têm área de 94,7 ha (Tabela 13) e representam 1,8% da área total de produção. Compõem essa categoria plantas que são comercializadas como e/ou com as ornamentais, podendo ter uma produção bastante diferenciada.

**TABELA 10/I – MUDAS DE PLANTAS ORNAMENTAIS – PALMEIRAS ÁREA CULTIVADA, EM HA, POR ESPÉCIE – BRASIL – 2001-2002 (ha)**

ESPÉCIES DE PALMEIRAS	TOTAL GERAL
Palmeiras	312,9
Phoenix	41,4
Areca	15,4
Raphis excelsa	38,1
Moinho-de-vento	2,9
Jerivá	3,5
Butiá	1,8
<b>Total geral</b>	<b>418,7</b>

FONTE: Ibraflor - Pesquisa de Campo 2001-2002.

**TABELA 11/I – MUDAS DE PLANTAS ORNAMENTAIS – ARBUSTOS E TREPadeiras - ÁREA CULTIVADA POR ESPÉCIE – BRASIL – 2001-2002**

ESPÉCIE	ÁREA (ha)	ESPÉCIE	ÁREA (ha)
Arbustos diversos	550,6	Trepadeiras	9,6
Tuia	82,6	Cipreste	9,6
Cica	35,1	Dracena	8,7
Rosa	30,1	Fórmio	8,2
Buxinho	23,8	Hibisco	7,7
Ixora	22,8	Hortênsia	7,5
Junípero	19,00	Pingo-de-ouro	6,8
Camélia	17,7	Verbena arbustiva	6,3
Azaléia	16,0	Ligustro	5,6
Eugênia	15,1	Cróton	5,3
Bromélia	12,9		
<b>Total geral</b>			<b>901,2</b>

FONTE: Ibraflor - Pesquisa de campo 2001-2002.

A infra-estrutura de apoio à atividade florícola, compreendendo câmaras frias, galpões de serviço e outras instalações, em termos de quantidade e capacidades total e média, por estado, é apresentada na tabela 14.

Em relação aos empregos, a amostra das propriedades diagnosticada nesse relatório é responsável pela geração de 20,16 mil pontos de trabalhos diretos, podendo-se dizer que o setor gera, em média nacional, 3,7 empregos/ha. Considerando-se a área média das propriedades de 3,4 ha, têm-se cerca de 12,5 empregos/propriedade.

Os estados de Ceará e Minas Gerais empregam maior número de funcionário/ha, respectivamente 11,6 e 8,3, em função, principalmente, do cultivo de flores de corte.

**TABELA 12/I – MUDAS DE PLANTAS ORNAMENTAIS – FORRAÇÃO E GRAMAS - ÁREA CULTIVADA POR ESPÉCIE – BRASIL – 2001-2002**

ESPÉCIES DE FORRAÇÕES E GRAMAS	ÁREA (ha)	ESPÉCIES DE FORRAÇÕES E GRAMAS	ÁREA (ha)
Forração	172,4	Cravina	3,8
Grama	160,0	Sálvia	1,9
Moréia	33,3	Vinca	1,7
Folhagem	27,3	Aspargos	1,7
Tagetes	19,5	Boca-de-leão	1,4
Hemerocale	4,0	Begônia	0,9
<b>Total geral</b>			<b>431,5</b>

FONTE: Ibraflor - Pesquisa de Campo 2001 - 2002.

**TABELA 13/I – OUTROS PRODUTOS - ÁREA CULTIVADA, POR ESPÉCIE – BRASIL-2001-2002**

ESPÉCIES - OUTROS PRODUTOS	ÁREA (ha)	ESPÉCIES - OUTROS PRODUTOS	ÁREA (ha)
Vime	23,9	Bonsai	4,1
Frutífera	22,1	Alecrim	4,0
Trigo	12,1	Aromáticas	3,6
Medicinais	9,0	Pimenta ornamental	2,3
Citros	4,8	Outras Espécies	8,7
<b>Total geral</b>			<b>94,7</b>

FONTE: Ibraflor - Pesquisa de Campo 2001-2002.

**TABELA 14/I – ATIVIDADE FLORÍCOLA – QUANTIDADE E CAPACIDADE DAS BENFEITORIAS E INSTALAÇÕES - POR ESTADO – 2001 – 2002**

ESTADO	CÂMARA FRIA			GALPÃO E SERVIÇO			OUTRAS INSTALAÇÕES		
	QUANT.	CAPACIDADE (m <sup>3</sup> )		QUANT.	CAPACIDADE (m <sup>2</sup> )		QUANT.	CAPACIDADE (m <sup>2</sup> )	
		TOTAL	ÁREA MÉDIA		TOTAL	ÁREA MÉDIA		TOTAL	ÁREA MÉDIA
Alagoas	1	60	60,0	31	2.106	67,9	-	-	-
Amazonas	-	-	-	11	1.945	176,8	-	-	-
Bahia	5	117	23,4	17	1.760	103,5	-	-	-
Ceará	4	293	73,3	19	2.865	150,8	4	150	37,5
Espírito Santo	6	171	28,5	13	1.940	149,2	-	-	-
Goiás	-	-	-	7	870	124,3	4	6.950	1737,5
Minas Gerais	39	2.753	70,6	106	33.861	319,4	-	-	-
Pará	1	75	75,0	11	2.255	205,0	-	-	-
Pernambuco	3	43	14,3	25	995	39,8	2	110	55,0
Paraná	46	2.197	47,8	82	12.366	150,8	-	-	-
Rio de Janeiro	2	60	30,0	52	24.234	466,0	3	430	143,3
Rio Grande Sul	37	2.112	57,1	91	11.335	124,6	-	-	-
Santa Catarina	4	380	95,0	133	22.001	165,4	111	24.243	218,4
São Paulo	293	34.393	117,4	858	264.106	307,8	23	12.685	551,5
<b>Total</b>	<b>441</b>	<b>42.654</b>	<b>96,7</b>	<b>1.456</b>	<b>382.639</b>	<b>262,8</b>	<b>147</b>	<b>44.568</b>	<b>303,2</b>

FONTE: Ibraflor - Pesquisa de Campo 2001-2002.

**TABELA 15/I – QUANTIDADE MÉDIA DE EMPREGOS GERADOS, POR PROPRIEDADE E POR ÁREA CULTIVADA EM CADA ESTADO BRASILEIRO – 2001 - 2002**

ESTADO	PROPRIEDADE (nº)	ÁREA CULTIVADA (ha)	EMPREGOS GERADOS	EMPREGOS/ PROPRIEDADE	EMPREGOS/ ha
Alagoas	33	66,3	230	7,0	3,5
Amazonas	8	12,1	49	6,1	4,1
Bahia	19	41,8	150	7,9	3,6
Ceará	24	46,9	545	22,7	11,6
Espírito Santo	13	10,0	81	6,2	8,1
Goiás	5	31,6	91	18,2	2,9
Minas Gerais	86	141,7	1181	13,7	8,3
Pará	11	44,5	159	14,5	3,6
Paraíba	1	3,0	4	4,0	1,3
Pernambuco	25	53,2	219	8,8	4,1
Paraná	121	138,0	719	5,9	5,2
Rio de Janeiro	25	136,0	282	11,3	2,1
Rio Grande Sul	52	125,6	820	15,8	6,5
Santa Catarina*	370	917,7	1783	4,8	1,9
São Paulo	819	3675,1	13847	16,9	3,8
<b>Total</b>	<b>1612</b>	<b>5443,3</b>	<b>20160</b>	<b>12,5</b>	<b>3,7</b>

FONTES: Ibraflor - Pesquisa de Campo 2001-2002.

\*Dados atualizados pela Epagri.

**TABELA 16/I – QUANTIDADE DE EMPREGOS GERADOS PELO SETOR – POR ESTADO – 2001-2002 (nº)**

ESTADO	PERMANENTES		TEMPORÁRIOS		TOTAL
	FAMILIAR	FUNCIONÁRIOS	FAMÍLIAR	FUNCIONÁRIOS	
Alagoas	61	116	0	53	230
Amazonas	13	36	0	0	49
Bahia	32	83	0	35	150
Ceará	24	453	0	68	545
Espírito Santo	24	48	4	5	81
Goiás	10	67	4	10	91
Minas Gerais	185	912	15	69	1181
Pará	87	62	0	10	159
Paraíba	1	3	0	0	4
Pernambuco	30	172	0	17	219
Paraná	235	382	3	99	719
Rio de Janeiro	32	225	0	25	282
Rio Grande do Sul	244	402	48	126	820
Santa Catarina	285	447	2	81	1783
São Paulo	2.044	11.414	13	376	13.847
<b>Total geral</b>	<b>3.307</b>	<b>14.822</b>	<b>89</b>	<b>974</b>	<b>19.192</b>

FONTES: Ibraflor - Pesquisa de Campo 2001-2002.

Outra característica do setor está relacionada à origem da mão-de-obra utilizada: do total de empregos gerados, 94,4% são com mão-de-obra permanente e somente 5,6% temporários. Dentro dos empregos permanentes, em média, cerca de 18,2% são familiares e os restantes 81,8% são contratados no mercado de trabalho (Tabela 16).

A análise do grau de capacidade associativa, medida a partir do percentual de produtores ligados a associações/cooperativas, indicou que, na média nacional, 57,7% dos produtores têm algum tipo de vínculo. Este número, entretanto, pode ser considerado baixo quando confrontado com o tipo de atividade, o tamanho e o número de produtores envolvidos (Tabela 17).

Quanto à escrituração (contabilidade) da propriedade, o percentual de 44,0% dos produtores que não utilizam esse sistema de gestão indica sua fragilidade comercial. Um aspecto

que reforça esta constatação está relacionado ao baixo índice de capacitação. Neste espectro, apenas 43,1% dos entrevistados indicaram ter recebido algum tipo de treinamento, percentual muito baixo quando cotejado com o grau de complexidade tecnológica da atividade e das necessidades sempre crescentes de aprimoramento em um mercado cada vez mais competitivo, quer em nível interno ou externo.

Outra questão gerencial relevante está relacionada ao crédito. Neste item, apenas 31,3% dos entrevistados indicaram utilizar-se de algum tipo de crédito. Este baixo percentual está relacionado não só à indisponibilidade de linhas de financiamentos específicos, mas, sobretudo, ao excesso de garantias reais solicitadas pelo sistema financeiro e às elevadas taxas de juros existentes no País para qualquer atividade econômica, especialmente para o setor agrícola (Tabela 18).

**TABELA 17/I – PARTICIPAÇÃO DO SETOR EM ORGANIZAÇÕES DE CLASSE – POR ESTADO – 2001-2002**

ESTADO	COOPERADO	ASSOCIADO	COOPERADO E ASSOCIADO	NENHUM	TOTAL
Alagoas	–	31	–	2	33
Amazonas	–	5	–	3	8
Bahia	1	9	–	9	19
Ceará	1	11	–	12	24
Espírito Santo	1	–	1	11	13
Goiás	–	4	1	0	5
Minas Gerais	8	36	3	39	86
Pará	1	5	–	5	11
Paraíba	–	1	–	0	1
Pernambuco	–	24	–	1	25
Paraná	29	31	–	61	121
Rio de Janeiro	–	21	1	3	25
Rio Grande do Sul	–	23	7	22	52
Santa Catarina	1	42	–	71	114
São Paulo	102	340	43	334	819
<b>Total</b>	<b>144</b>	<b>583</b>	<b>56</b>	<b>573</b>	<b>1356</b>

FONTE: Ibraflor - Pesquisa de Campo 2001-2002.

TABELA 18/I - PERFIL GERENCIAL DOS PRODUTORES DO SETOR DE FLORES, POR ESTADO –2001-2002

ESTADO	REALIZAM ESCRITURAÇÃO		PARTICIPAM DE TREINAMENTO		UTILIZAM CRÉDITO		TOTAL
	QTDE.	%	QTDE.	%	QTDE.	%	
Alagoas	33	100,0	32	97,0	13	39,4	33
Amazonas	–	0,0	5	62,5	–	0,0	8
Bahia	11	57,9	16	84,2	5	26,3	19
Ceará	9	37,5	10	41,7	5	20,8	24
Espírito Santo	6	46,2	8	61,5	3	23,1	13
Goiás	1	20,0	3	60,0	–	0,0	5
Minas Gerais	12	14,0	12	14,0	4	4,7	86
Pará	4	36,4	10	90,9	1	9,1	11
Paraíba	–	0,0	1	100,0	–	0,0	1
Pernambuco	17	68,0	20	80,0	13	52,0	25
Paraná	79	64,8	111	91,0	30	24,6	122
Rio de Janeiro	1	4,0	23	92,0	2	8,0	25
Rio Grande do Sul	27	51,9	36	69,2	30	57,7	52
Santa Catarina	23	20,2	62	54,4	33	28,9	114
São Paulo	537	65,6	235	28,7	286	35,0	818
<b>Total geral</b>	<b>760</b>	<b>56,0</b>	<b>584</b>	<b>43,1</b>	<b>425</b>	<b>31,3</b>	<b>1.356</b>

FONTE: Ibraflor - Pesquisa de Campo 2001-2002.

A assistência técnica é mais um indicador importante para o entendimento do setor e de suas características. Neste particular, cerca de 43,4% dos produtores não utilizam qualquer tipo de assistência, valor considerado expressivo frente às necessidades tecnológicas setoriais (Tabela 19).

Dos 56,6% que a utilizam, cerca de 83,7% recebem assistência de entidades privadas ou de técnicos/consultores individuais, enquanto que apenas 16,2% a recebem de entidades oficiais, o que pode ser entendido como reflexo da baixa prioridade que estas instituições dão a esta atividade.

A assistência técnica oficial, apesar de representar somente 16,2% na média, é mais atuante nos estados do Ceará e Paraná, onde concorrem com 76,5% e 56,0% da assistência técnica prestada aos agricultores, respectivamente. Observa-se, no en-

tanto, uma forte tendência à utilização de assistência técnica privada. Este fato mostra a capacidade do setor de gerar também empregos de nível técnico e universitário.

Quanto ao tipo de transporte utilizado pelos produtores do setor, pode-se observar que a maioria dos pesquisados, cerca de 85,9%, utiliza transporte próprio; 12,2%, de terceiros e 1%, os dois tipos. Dos veículos próprios, 95,4% são a temperatura ambiente, sem refrigeração, enquanto os refrigerados representam apenas 4,6%. A utilização desse tipo de transporte é um indicador de perdas, físicas e financeiras, em consequência da diminuição da qualidade e do valor na comercialização. Outra informação indica que, mesmo quando terceirizado, 80,7% do transporte é feito em temperatura ambiente e 17,5%, com refrigeração (Tabela 20).

**TABELA 19/I – TIPIFICAÇÃO DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA NO SETOR DE FLORES, POR ESTADO–2001-2002**  
(nº propriedade)

ESTADO	NÃO UTILIZA	OFIC./PRIV.	OFICIAL	PRIVADA	TOTAL GERAL
Alagoas	1	–	–	32	33
Amazonas	5	–	–	3	8
Bahia	10	–	2	7	19
Ceará	7	–	13	4	24
Espírito Santo	6	–	1	6	13
Goiás	1	–	–	4	5
Minas Gerais	7	–	–	79	86
Pará	2	–	3	6	11
Paraíba	–	–	–	1	1
Pernambuco	4	–	–	21	25
Paraná	53	–	39	30	122
Rio de Janeiro	2	–	–	23	25
Rio Grande do Sul	18	–	13	21	52
Santa Catarina	37	–	13	64	114
São Paulo	436	1	40	341	818
<b>Total geral</b>	<b>589</b>	<b>1</b>	<b>124</b>	<b>642</b>	<b>1356</b>

FONTE: Ibraflor - Pesquisa de Campo 2001-2002.

**TABELA 20/I - TIPO DE TRANSPORTE UTILIZADO NO SETOR DE FLORES, POR ESTADO – 2001 - 2002**

ESTADO	NÃO INFORMADO	PRÓPRIO			TERCEIROS			PRÓPRIO+ TERCEIROS	TOTAL GERAL
		REFRI	TA	REFRI/TA	REFRI	TA	REFRI/TA		
Alagoas	–	–	32	–	–	1	–	–	33
Amazonas	–	1	4	–	1	2	–	–	8
Bahia	–	2	11	–	1	5	–	–	19
Ceará	–	2	19	–	2	1	1	–	25
Espírito Santo	–	3	5	–	2	3	–	–	13
Goiás	–	–	5	–	–	–	–	–	5
Minas Gerais	–	21	52	1	10	2	–	–	86
Pará	–	–	6	–	1	4	–	–	11
Paraíba	–	–	1	–	–	–	–	–	1
Pernambuco	–	–	18	–	1	3	–	3	25
Paraná	–	4	116	–	–	2	–	–	122
Rio de Janeiro	5	1	19	–	–	–	–	–	25
Rio Grande do Sul	–	5	36	–	1	5	2	3	52
Santa Catarina	1	1	54	–	–	51	–	7	114
São Paulo	8	13	730	–	10	55	–	1	817
<b>Total geral</b>	<b>14</b>	<b>53</b>	<b>1108</b>	<b>1</b>	<b>29</b>	<b>134</b>	<b>3</b>	<b>14</b>	<b>1356</b>

FONTE: Ibraflor - Pesquisa de Campo 2001-2002.

Obs: Refri = refrigeração; TA = temperatura ambiente.

Quanto às alternativas de canais de comercialização, elas estão mostradas no gráfico 2.

Em relação às exportações, 54 produtores, 4% do total dos entrevistados, indicaram direcionar sua produção para o mercado externo, principalmente para a Europa. Grande parte dos exportadores está em São Paulo, 27 (o que representam 50% do total), Alagoas com 7 (13%), Pernambuco com 5 (9,3%), assim como 3 produtores (5,6%) no Ceará, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Santa Catarina e Rio de Janeiro tem dois produtores; Paraíba e Paraná possuem apenas um.

Dentre os produtos de exportação, destacam-se as flores e folhagens tropicais produzidas pelos estados do Nordeste (Alagoas, Ceará e Pernambuco), como helicônias, bastão-do-imperador, alpínias, ananás, zíngiber, entre outros. São Paulo tem tradição na exportação de

bulbos (gladiolo, amarílis, lírio) e mudas diversas, além de flores de corte, principalmente rosas. Merecem destaque também outros produtos de exportação, como suculentas, sementes e mudas de palmeiras e as orquídeas.

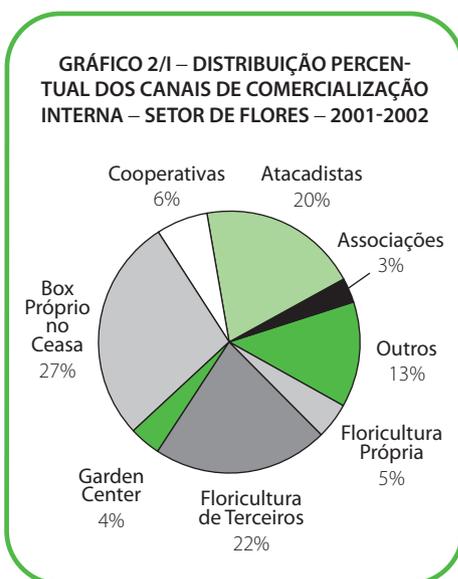
O detalhamento das exportações brasileiras nos anos de 1999 a 2003 é visualizado na tabela 21.

Conforme o Ibraflor, as exportações de flores e plantas ornamentais estão dependendo da ampliação e profissionalização da base produtiva do setor, incluindo transporte, distribuição, armazenamento e manuseio de flores, sendo a organização da produção de suma importância.

A evolução do valor das exportações, em relação a 2002, foi de 30,4%, consequência, principalmente, das maiores exportações de plantas ornamentais, das flores frescas, além do crescimento das demais categorias, com exceção das estacas/enxertos, flores secas, folhagens e plantas frescas para buquês.

As exportações concentram-se em flores tropicais, alpínias, helicônias, zíngiber, bastão-do-imperador, folhagens, rosas, orquídeas, além de mudas de palmeiras.

A supremacia do estado de São Paulo em todos os anos é evidente, o que reforça o parecer do Ibraflor de que para haver aumento de exportações é necessário organizar e profissionalizar a produção, além de haver uma infra-estrutura cujo apoio logístico proporcione diminuição de custos. O estado catarinen-



FONTE: Ibraflor.

TABELA 21/I - EXPORTAÇÕES DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS - BRASIL - 1999-2003

ANO	ESPÉCIE	QUANTIDADE UNIDADE	VALOR US\$	PARTICIPAÇÃO %		VALOR UNITÁRIO US\$
				Período	2003	
<b>Total das espécies</b>						
1999			12.965.361			
2000			11.781.574			
2001			13.248.248			
2002			14.961.655			
2003			19.504.349			
<b>Tubérculos/rizomas</b>				<b>26,56</b>	<b>23,80</b>	
1999		37.096.638	4.051.583			0,10
2000		17.530.130	3.197.038			0,18
2001		22.996.108	3.346.885			0,14
2002		21.049.848	4.004.551			0,19
2003		49.497.338	46.420.027			0,09
<b>Estacas/enxertos</b>				<b>0,14</b>	<b>...</b>	
1999		22.900	24.570			1,07
2000		140.530	48.221			0,34
2001		50.000	17.740			0,35
2002		6.875	8.946			1,30
2003		...	...			...
<b>Árvores/arbustos/silvados</b>				<b>0,53</b>	<b>0,47</b>	
1999		57.510	126.932			2,20
2000		38.050	40.988			1,07
2001		52.500	81.795			1,55
2002		29.000	43.200			1,49
2003		60.600	92.720			1,53
<b>Orquídeas</b>				<b>0,41</b>	<b>0,41</b>	
1999		32.304	115.728			3,58
2000		5.160	32.906			6,37
2001		5.055	30.588			6,05
2002		6.994	40.833			5,84
2003		8.420	79.081	<b>53,44</b>	<b>51,02</b>	9,39
<b>Plantas ornamentais</b>						
1999		288.403.883	6.835.808			0,02
2000		308.736.121	6.441.770			0,02
2001		352.654.623	7.324.844			0,02
2002		364.536.694	8.170.935			0,02
2003		386.288.808	9.951.863			0,03

continua

continuação

ANO	ESPÉCIE	QUANTIDADE UNIDADE	VALOR US\$	PARTICIPAÇÃO %		VALOR UNITÁRIO US\$
				Período	2003	
<b>Flores frescas</b>				<b>6,66</b>	<b>13,36</b>	
1999		659.871	156.409			0,23
2000		1.066.519	314.710			0,29
2001		2.094.058	545.984			0,26
2002		1.694.628	1.206.619			0,71
2003		2.702.925	2.604.968			0,96
<b>Flores secas</b>				<b>1,73</b>	<b>0,02</b>	
1999		270.820	.096.076			4,04
2000		34.876	128.388			3,68
2001		2.428	8.907			3,66
2002		2.502	19.772			7,90
2003		1.657	3.043			1,84
<b>Musgos/líquens</b>				<b>0,97</b>	<b>1,40</b>	
1999		90.561	108.347			1,19
2000		109.940	84.649			0,76
2001		104.000	99.237			0,95
2002		180.950	136.146			0,75
2003		202.445	272.332			1,35
<b>Folhagens e plantas frescas</b>				<b>2,38</b>	<b>1,40</b>	
1999		48.962	54.939			1,12
2000		344.288	479.729			1,39
2001		233.406	587.062			2,51
2002		185.353	325.981			1,76
2003		151.588	274.018			1,81
<b>Folhagens e plantas secas</b>				<b>7,18</b>	<b>8,12</b>	
1999		141.106	394.969			2,79
2000		344.232	1.013.175			2,94
2001		433.075	1.205.206			2,78
2002		407.613	1.004.672			2,46
2003		704.707	1.584.297			2,25

FONTE: Secex/Decex.

se apresentou perda relativa e absoluta em seus valores de exportação, passando de quarto em 2002 para sexto estado exportador em 2003.

As importações brasileiras de flores e plantas ornamentais em 1999 foram de 4,3 milhões de dólares e corresponderam a 0,1% dos valores das importações mundiais. Em 2003, somaram aproximadamente 5,1 milhões de dólares. São representadas principalmente por material para reprodução (sementes, bulbos, tubérculos, rizomas, etc.), vindo, em grande parte, da Holanda.

O detalhamento das importações brasileiras de flores e plantas ornamentais pode ser visto na tabela 23.

A estimativa do Ibraflor para o consumo per capita anual de flores e plantas ornamentais no Brasil gira em torno de 4,7 dólares.

**TABELA 22/1 – ESTADOS EXPORTADORES DE FLORES – BRASIL - 2002 e 2003**

ESTADO	2002 %	2003 %
São Paulo	76,73	75,75
Rio Grande do Sul	11,40	9,31
Minas Gerais	7,82	8,82
Pará	0,91	2,03
Ceará	0,37	1,32
Santa Catarina	2,09	1,03
Mato Grosso do Sul	0,03	0,24
Alagoas	0,14	0,20
Pernambuco	0,08	0,14
Rio de Janeiro	0,25	0,10
Paraná	-	0,04
Bahia	0,02	0,01
Goiás	0,02	0,01
Distrito Federal	0,02	-
S/ identificação	0,13	1,00
<b>Total</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

FONTE: Secex/Decex.

TABELA 23/I - IMPORTAÇÕES DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS – BRASIL - 1999-2003

ANO	ESPÉCIE	QUANTIDADE	VALOR US\$	PARTIP. %	VALOR UN. (US\$)
<b>TOTAL</b>					
1999			4.286.472		
2000			4.435.412		
2001			4.507.987		
2002			4.674.944		
2003			5.106.117		
<b>BULBOS/TUBÉRCULOS EM REPOUSO</b>				<b>39,37</b>	
1999		20.002.641	1.140.619		0,05
2000		23.682.335	1.461.355		0,06
2001		21.143.036	1.337.043		0,06
2002		20.680.066	1.464.521		0,07
2003		19.693.518	20.10.065		0,10
<b>BULBOS,TUBÉRCULOS EM FLOR</b>				<b>23,41</b>	
2000		100.000	5.273		0,05
2001		512.000	481.887		0,94
2002		279.819	927.821		3,32
2003		296.938	1.195.517		4,03
<b>ESTACAS/ENXERTOS</b>				<b>0,01</b>	
2000		33.000	18.779		0,55
2001		3.150	497		0,15
2002		37.550	8.580		0,23
2003		2.425	679		0,28
<b>ÁRVORES, ARBUSTOS E SILVADOS</b>					
1999		982.382	186.628		0,18
2000		1.908.260	129.376		0,06
2001		2.040.050	99.201		0,04
2002		881.000	42.345		
2003		--	--		
<b>ROSEIRAS</b>					
2000		81.536	47.750		0,58
2001		70.000	4.690		0,06
2002		0	0		
2003		--	--		

continua

continuação

ANO	ESPÉCIE	QUANTIDADE	VALOR US\$	PARTIP. %	VALOR UN. (US\$)
<b>OUTRAS PLANTAS ORNAMENTAIS</b>				<b>20,26</b>	
1999		4.185.179	893.857		0,21
2000		4.606.922	969.129		0,21
2001		5.110.689	980.695		0,19
2002		4.003.254	856.753		0,21
2003		3.372.360	1.034.383		0,31
<b>FLORES E BOTÕES</b>				<b>0,13</b>	
1999		1.424	8.451		5,98
2000		3.626	12.679		3,47
2001		4.148	21.686		5,22
2002		2.201	2.534		1,15
2003		4.090	6.594		1,61
<b>FOLHAS/RAMOS SECOS</b>				<b>0,63</b>	
1999		21.902	52.972		2,42
2000		15.527	42.643		2,75
2001		9.421	37.247		3,95
2002		7.365	18.957		2,53
2003		20.322	32.343		1,59
<b>MUDAS DE ORQUÍDEAS</b>				<b>0,67</b>	
1999		117.341	129.371		1,10
2000		128.611	95.435		0,74
2001		64.630	73.687		1,14
2002		63.358	41.079		0,65
2003		85.300	34.220		0,40
<b>FLORES E BOTÕES FRESCOS CORTADOS</b>				<b>15,10</b>	
1999		4.888.045	1.874.574		0,38
2000		4.827.186	1.652.993		0,34
2001		4.317.545	1.471.051		0,34
2002		7.811.545	1.311.154		0,17
2003		4.451.390	771.045		0,16
<b>MUSGOS E LÍQUENS P/ ORNAMENTAÇÃO</b>				<b>0,42</b>	
2002		1200	21270		17,23
2003		1026	21271		20,73

FONTE: Secex/Decex.

## Situação Estadual

O levantamento proporcionado pelo Convênio Apex/Ibraflor e efetuado pela Epagri permite visualizar um novo panorama da floricultura catarinense, com grande evolução nos últimos cinco anos (Tabela 24).

TABELA 24/I - EVOLUÇÃO DA FLORICULTURA CATARINENSE - 1997 e 2002

ITEM ANALISADO	ANO	
	1997	2002
Número de produtores	115	370
Municípios com produção	25	112
Área total cultivada (ha)	342	917
Produção anual (un)	4.338.280	(1) 37.417.058
Flores e plantas ornamentais (un)	3.084.184	4.053.201
Flores em vasos (un)		101.190
Flores cortadas (dz/março)	286.765	203.251
Gramma (m2)	1.498.000	2.834.245
Sementes (kg)	15.000	76.882
Flores/folhas secas (maço)	80.800	82.600

FONTE: Epagri/Ibraflor.

(1) Deste total, 32.407.000 unidades são forrações com flor e sem flor (caixaria).

O valor bruto desta produção, estimado pela Epagri, foi de aproximadamente R\$ 27.600.000,00.

Os tipos de cultivo encontrados em Santa Catarina, foram de 9.020.644 metros quadrados em ambiente natural (campo), 109.044 em estufas, 9.177.588 em telados e 34.204 em abrigos.

O tipo de mão-de-obra utilizada foi a familiar em 50,27%; o restante, contratado. O número médio da mão-de-obra absorvida, incluindo a familiar, por propriedade pesquisada, foi de 4,82 pessoas.

A assistência técnica é prestada em 51,35% das propriedades, com predomínio da assistência privada. O crédito rural é utilizado por 18,1% dos floricultores; poucos procedem à escrituração agrícola (23,5%); usam transporte próprio (63,2%) e de terceiros (74,1%). As benfeitorias e instalações encontradas foram as seguintes:

- 74,7% das propriedades possuem galpão de serviço;

- 73,5% possuem construção para produção;
- 57% possuem abrigos (estufas) em número de 1,3 por propriedade e medindo 289 m<sup>2</sup> cada;
- o minitúnel foi constatado em apenas 1,4% das propriedades (em número médio de 1,5 túnel por estabelecimento e medindo 32 m<sup>2</sup> cada);
- os telados apareceram em 38,4% das explorações (em número médio de 1,6 e com 450 m<sup>2</sup> por telado).

A comercialização no mercado interno, em percentual, foi assim diagnosticada:

- direto com floristas (47,6%);
- atacadistas (37,3%);
- floricultura própria (28,6%);
- Mercaflor (2,7%);
- Garden (1,4%);
- outros (47,8%).

O destino principal da produção foram os estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná.

A produção geral registrada pelo levantamento, em unidades, foi a seguinte, além das relacionadas na Tabela 24:

Bromélias	159.425
Orquideas	167.091
Roseiras	104.060
Flor em vaso	101.190
Samambaias	23.850
Cactus	7.420
Ornamentais	4.447.022
Musgo (sc)	5.300

A produção catarinense, por espécies, de acordo com o levantamento, pode ser verificada na Tabela 25.

As exportações catarinenses de flores e plantas ornamentais, no período 1999-2003, podem ser observadas na Tabela 26.

Observa-se um aumento gradativo, ano após ano, das exportações da maioria das categorias até o ano de 2002 e um decréscimo acentuado de 32,2% no valor das exportações catarinenses em 2003; apenas a categoria árvores, arbustos e silvados é significativa nas exportações, encabeçadas pela venda de palmeiras syagrus (Jerivá).

Os principais grupos de produtos, excetuadas as mudas de orquideas, flores, estacas e enxertos exportados por Santa Catarina, e seus destinos, até 2002, podem ser visualizados através da Tabela 27.

Nota-se uma mudança de destino das exportações em 2002, concentrando-se nos países latinos, principalmente a Península Ibérica e a Itália.

As importações catarinenses, no mesmo período, foram as seguintes, conforme a Tabela 28.

Em 2002 não foram registradas importações significativas para os produtos considerados; em 2003, somente a categoria folhagens e ramos secos para buquês apresentou um valor significativo de importação.

Verifica-se que a balança comercial estadual de flores e plantas ornamentais foi altamente positiva no período analisado.

O comportamento dos preços, em nível de produtor, conforme pesquisas mensais do Instituto Cepa/SC em oito pontos de coleta em Santa Catarina, é visualizado na Tabela 29.

TABELA 25/I - PRODUÇÃO COMERCIALIZADA DE FLORES - SANTA CATARINA - 2000

ESPÉCIE	FLOR EM VASO	FLOR DE CORTE			FLOR SECA	DIVERSOS	
	Unidade	Dúzia	Maço	Pacote	Maço	Saca	kg
Crisântemo	24.860	-	-	19.240	-	-	-
Antúrio	20.405	5724	-	-	-	-	-
Gerânio	17.080	-	-	-	-	-	-
Espatiflo	13.055	-	-	-	-	-	-
Fúcsia	11.240	-	-	-	-	-	-
Copo-de-leite	7.950	6.200	-	-	-	-	-
Impatiens	3.360	-	-	-	-	-	-
Ciclâmen	1.800	-	-	-	-	-	-
Petúnia	960	-	-	-	-	-	-
Poinsétia	480	-	-	-	-	-	-
Rosa	-	84.256	-	-	-	-	-
Áster	-	-	25.720	-	-	-	-
Tango (100 g)	-	-	21.300	-	-	-	-
Gipsofla	-	-	16.000	-	-	-	-
Cravo	-	21.200	-	-	-	-	-
Estátice	-	-	6.400	-	-	-	-
Hipéricum	-	-	6.400	-	-	-	-
Lírio	-	1.500	-	-	-	-	-
Cravina	-	2.120	-	-	-	-	-
Gérbera	-	530	-	-	-	-	-
Boca-de-leão	-	-	371	-	-	-	-
Latifólia	-	-	120	-	-	-	-
Palma	-	80	-	-	-	-	-
Flores diversas	-	-	2.650	-	-	-	-
Hortênsia	-	-	-	-	40.000	-	-
Trigo	-	-	-	-	20.000	-	-
Alpiste	-	-	-	-	16.000	-	-
Vime torcido	-	-	-	-	1.600	-	-
Outras	-	-	-	-	5.000	-	-
Bromélias (semente)	300.000	-	-	-	-	5.300	-
Musgo	-	-	-	-	-	-	-
Sementes diversas	-	-	-	-	-	-	76.882

FONTE: Epagri/Ibraflor.

## Perspectivas para 2004

O Ibraflor e a Hórtica Consultoria e Treinamento apresentam relatório mostrando uma evolução das exportações brasileiras de flores e plantas ornamentais em torno de 40%, quando comparadas às dos primeiros meses de 2003.

Sobressaem os valores comercializados internacionalmente de Mudas e Plantas Ornamentais, totalizando US\$ 5,6 milhões, destinadas ao mercado norte-americano (+87%), japonês (+ 62%) e holandês, além da notável investida em mercados não-tradicionais, como Bélgica, Espanha, Portugal e Emirados Árabes.

TABELA 26/I - EXPORTAÇÕES DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS – SANTA CATARINA - 1999-2003

ANO/ ESPÉCIE	ESPÉCIE	QUANTIDADE	VALOR US\$	PARTICIPAÇÃO %		PREÇO UNIT. US\$
				Período	2003	
<b>TOTAL DAS ESPÉCIES</b>						
1999		-	265.352			-
2000		-	338.142			-
2001		-	238.083			-
2002		-	311.579			-
2003		-	211.163			-
<b>ORQUÍDEAS</b>				<b>8,07</b>	<b>10,88</b>	
1999		1.645	14.710			8,94
2000		3.201	18.617			5,81
2001		3.513	24.589			7,00
2002		5.848	29.236			5,00
2003		3.898	22.966			5,89
<b>PLANTAS ORNAMENTAIS</b>				<b>39,05</b>	<b>36,50</b>	
1999		14.182	202.109			14,25
2000		5.128	50.123			9,77
2001		6.965	12.221			1,75
2002		25.540	191.283			7,49
2003		13.755	77.079			5,60
<b>FLORES</b>				<b>1,17</b>	<b>1,88</b>	
1999		248	5.200			20,96
2000		500	400			26,66
2001		7.580	6.390			14,92
2003		1.033	3.968			3,84
<b>FOLHAS E PLANTAS SECAS</b>				<b>11,80</b>	<b>8,84</b>	
1999		4.931	28.938			5,86
2000		6.642	32.830			4,94
2001		11.421	52.173			4,56
2002		6.740	28.370			4,21
2003		4.410	18.670			4,23
<b>FOLHAGENS VERDES</b>				<b>39,04</b>	<b>36,98</b>	
1999		35.200	14.395			0,40
2000		280.000	236.172			0,84
2001		144.200	141.210			0,97
2002		130.610	62.690			0,48
2003		108.500	78.080			0,72
<b>ESTACAS E ENXERTOS</b>				<b>0,11</b>	<b>--</b>	
2001		30.000	1.500			0,05
<b>ÁRVORES, ARBUSTOS E SILVADOS</b>				<b>0,76</b>	<b>4,92</b>	
2003		14.000	10.400			0,74

FONTE: Secex/Decex.

TABELA 27/I - EXPORTAÇÕES CATARINENSES DE PRODUTOS DE FLORICULTURA – POR PAÍS DE DESTINO - 2000-2002

PRODUTO / PAÍS DE DESTINO	2000		2001		2002	
	US\$ FOB	%	US\$ FOB	%	US\$ FOB	%
<b>MUDAS DE PLANTAS ORNAMENTAIS</b>						
Portugal					81.455	42,58
Espanha	27.246	54,36			67.002	36,03
Itália	9.308	18,57	8.720	71,35	35.696	18,66
China					4.645	2,43
Japão	9.693	19,34	2.250	18,41	2.085	1,09
Canadá					400	0,21
Alemanha	176	0,35	350	2,86		
Áustria	800	1,60				
Taiwan (Formosa)			245	2,00		
Colômbia			300	2,45		
Estados Unidos			356	2,91		
Nova Caledônia	800	1,60				
Tailândia	2.100	4,19				
<b>Subtotal</b>	<b>50.123</b>	<b>100,00</b>	<b>12.221</b>	<b>100,00</b>	<b>191.283</b>	<b>100,00</b>
<b>FOLHAGENS, FOLHAS, RAMOS FRESCOS PARA BUQUÊ</b>						
Itália	215.572	91,28	133.260	94,37	62.690	100,00
Chipre	3.500	1,48				
Espanha	17.100	7,24	7.950	5,63		
<b>Subtotal</b>	<b>236.172</b>	<b>100,00</b>	<b>141.210</b>	<b>100,00</b>	<b>62.690</b>	<b>100,00</b>
<b>FOLHAGENS, FOLHAS, RAMOS SECOS PARA BUQUÊ</b>						
Itália	31.430	95,74	46.960	90,01	26.690	94,08
Uruguai	1.400	4,26	5.213	9,99	1.680	5,92
<b>Subtotal</b>	<b>32.830</b>	<b>100,00</b>	<b>52.173</b>	<b>100,00</b>	<b>28.370</b>	<b>100,00</b>
<b>TOTAL</b>	<b>319.125</b>	<b>100,00</b>	<b>205.604</b>	<b>64,43</b>	<b>282.343</b>	<b>88,47</b>

FONTE: Secex/Decex.

ELABORAÇÃO: Hórtica Consultoria e Treinamento; Instituto Cepa/SC.

TABELA 28/I - IMPORTAÇÕES DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS - SANTA CATARINA - 1999-2003

ANO	ESPÉCIE	QUANTIDADE	VALOR US\$	PARTICIP. %	VALOR UN.
<b>TOTAL</b>					
1999			430		
2001			3.410		
<b>ÁRVORES/ARBUSTOS</b>				11,2	
1999		140	430		3,07
<b>FLORES SECAS</b>				16,4	
2001		134	628		4,68
<b>FOLHAGENS/RAMOS SECOS</b>				72,4	
2001		2.744	2.782		1,01
2003		14.430	2.829	100,0	

FONTE: Secex/Decex.

TABELA 29/1 – COMPORTAMENTO DOS PREÇOS MENSIAIS DE FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS EM SANTA CATARINA, EM NÍVEL DE PRODUTOR – 2003  
(R\$)

PRODUTO	UNIDADE	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Classe : Flores													
Amor-perfeito	cx 15 plantas	4,42	4,50	4,66	4,85	4,85	4,85	4,75	4,68	4,68	4,62	4,83	4,71
Begônia	cx 15 plantas	4,20	4,28	4,42	4,50	4,52	4,58	4,33	4,33	4,34	4,34	4,46	4,42
Beijinho (maria-sem-vergonha)	cx 15 plantas	4,03	4,07	4,21	4,29	4,30	4,39	4,20	4,20	4,29	4,29	4,40	4,36
Boca-de-leão	cx 15 plantas	4,30	4,41	4,57	4,58	4,59	4,46	4,36	4,36	4,47	4,34	4,46	4,41
Cravina	cx 15 plantas	4,20	4,37	4,47	4,66	4,66	4,54	4,42	4,42	4,42	4,42	4,47	4,45
Crisântemo	pote 15 pol	11,00	11,00	11,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	2,50	2,50	2,50
Crisântemo	pcte/maço	6,25	6,25	9,00									
Crista-de-galo-plumosa	cx 15 plantas			6,00	5,50	5,50	5,50				4,50	4,50	4,50
Espatifilo(lírio-da-paz)	vaso 8 litros	14,00	14,00	14,00	14,00	14,00	14,00	14,00	14,00	14,00	14,00	14,00	12,00
Gerânio	vaso 12 pol	2,50	2,50										
Helicônia de flor grande ( caeté)	pcte 5 hastes		3,50	3,50	3,50	3,50	3,50	7,50	7,50	7,50	7,50	7,50	6,75
Helicônia de flor pequena (caeté)	pcte 10 hastes		3,50	3,50	3,50	4,50	4,50	7,00	7,00	7,00	7,00	10,50	7,00
Impatiens (beijo-pintado)	cx 15 plantas	4,33	4,42	4,66	4,77	4,77	4,87	4,66	4,66	4,58	4,58	4,58	4,64
Impatiens (beijo-pintado)	vaso 12 pol												4,00
Petúnia	cx 15 plantas	4,09	4,25	4,50	4,69	4,70	4,64	4,51	4,51	4,44	4,38	4,52	4,46
Rosa vermelha (haste média)	dz	4,50	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00	4,00
Sálvia	cx 15 plantas	3,95	4,07	4,41	4,42	4,29	4,22	4,07	4,07	4,00	4,06	4,16	4,14
Tagetes (cravo-de-defunto)	cx 15 plantas	3,83	4,04	4,08	4,33	4,36	4,25	4,06	4,06	4,00	4,05	4,18	4,05
Torênia (amor-perfeito verão)	cx 15 plantas	4,11	4,21	4,41	4,83	4,71	4,71	4,80	4,80	4,80	4,83	4,85	4,72
Vinca (boa-noite)	cx 15 plantas	4,09	4,28	4,41	4,50	4,52	4,59	4,37	4,37	4,22	4,25	4,37	4,26
Classe : Forração sem flor													
Clorofito (gravatinha)	cx 15 plantas	3,50	3,61	4,08	4,19	3,99	3,92	3,80	3,80	3,80	3,74	3,87	3,79
Gramma preta	caixa	7,00	7,00	5,75	5,75	5,75	5,75	5,75	5,75	5,75	5,75	4,50	4,50
Hemigráfis (hera colorida)	cx 15 plantas	3,50	3,50	2,50	2,57	2,62	2,62	2,75	2,75	2,75	2,75	2,82	2,75
Periquito	cx 15 plantas	3,75	3,61	3,68	3,92	3,95	3,87	3,83	3,83	3,83	3,76	3,95	3,76
Pingo-de-ouro	cx 15 plantas	3,95	3,78	3,78	3,81	3,83	3,80	3,71	3,71	3,71	3,65	3,80	3,71
Classe : Gramas													
Gramma coreana	m2	4,45	4,45	4,56	4,56	4,20	4,20	4,43	4,39	4,39	4,39	4,45	4,56
Gramma esmeralda	m2	3,25	3,25	3,80	3,80	3,30	3,30	3,30	3,30	3,30	3,30	3,25	3,43
Gramma sempre verde	m2	2,00	2,00	2,40	2,40	2,26	2,26	2,33	2,30	2,33	2,36	2,15	2,36

continua

continuação

PRODUTO	UNIDADE	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Classe : Plantas ornamentais													
Agapanto	cx 15 plantas	6,50	6,50	3,60	3,60	3,60	3,60	4,30	4,30	4,30	4,30	5,00	4,30
Ágaves (piteira)	vaso nr. 5	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	5,00	4,00	5,00
Alamanda	vaso nr. 5	1,85	1,85	2,80	2,72	2,72	2,72	2,67	2,72	2,72	2,67	2,23	2,80
Areca bambu	vaso nr. 5	6,75	6,75	5,83	5,83	6,16	6,16	6,16	6,16	6,16	6,33	7,00	6,33
Azaléia	torrão 40/80cm	1,30	1,30	1,55	1,55	2,60	2,60	3,25	3,25	3,25	3,25	1,50	5,00
Bambuzinho (bambusa gracilis)	saquinho		0,70	0,70	2,10	0,70	2,10	2,10	2,10	2,10	2,10	3,50	3,50
Buchinho	vaso nr. 7	24,50	24,50	24,50	24,50	27,00	27,00	27,00	27,00	27,00	27,00	27,00	26,00
Buganvília	vaso nr. 5	3,25	3,25	4,12	4,12	4,25	4,25	4,07	4,12	4,12	4,05	3,73	4,05
Cheflera	vaso nr. 6		4,50	4,50	4,50	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00	7,00		6,00
Cíca (sem tronco)	vaso nr. 5	23,25	23,25	21,00	21,00	21,00	14,33	17,66	17,66	17,66	17,66	18,25	17,66
Cipreste-europa (com 70 cm alt.)	torrão 40/80cm	3,35	3,35	5,90	5,90	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,00	3,90
Clúsia	vaso 14 litros		12,00	12,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00
Eugênia (de 40 a 50cm alt.)	torrão/vaso	4,75	4,75	6,33	6,33	5,83	5,50	4,83	4,83	4,83	4,83	4,75	4,83
Ficus benjamina (até 1 metro)	vaso 8 litros	8,00	8,00	8,66	8,66	8,00	7,00	7,00	7,00	7,00	6,75	7,00	5,66
Hemerocallis (lírio-de-são-josé)	un (raiz nua)		0,32	0,32	0,32	0,32	0,32	0,37	0,37	0,37	0,37		0,37
Ixora	vaso 8 litros	6,00	6,00	4,50	4,50	3,50	3,50	3,50	3,50	3,50	3,50	4,00	3,75
Jerivá	torrão (3m alt.)	15,00	15,00	17,00	18,00	19,33	19,33	17,33	17,33	17,33	17,33	19,00	14,66
Ligustrinho (sem poda)	vaso nr. 5	6,50	6,50	5,66	5,66	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	5,75
Philodendron v8	vaso 8 litros	5,50	5,50	9,90	9,90	9,90	9,90	8,90	8,90	8,90	8,90	10,00	11,40
Phoênix v7 (sem tronco)	vaso nr. 5	12,00	12,00	13,66	13,66	12,66	12,66	12,66	12,66	12,66	12,66	11,50	9,83
Rháfis v5 (por ponta)	vaso nr. 5	3,65	3,65	3,70	3,70	3,63	3,63	3,60	3,60	3,43	3,43	3,65	3,43
Streiltzia (ave-do-paraíso)	vaso nr. 5	4,75	4,75	6,66	6,66	7,16	7,16	6,83	6,83	6,83	6,83	6,25	6,83
Tuia	torrão 40/80cm	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,50	1,50	1,50	1,50	1,50	1,50

FONTE: Instituto Cepa/SC.

A Holanda continuou sendo o principal destino das mudas (40%), principalmente de crisântemos; seguem-se a Itália (15,5%), os Estados Unidos (12,2%) e o Japão (10,2%).

A origem das mudas e plantas ornamentais foram os estados de São Paulo (81%), do Rio Grande do Sul (15%), de Minas Gerais (2,3%) e Santa Catarina (1,8%).

As exportações brasileiras de Flores e Botões de Corte Frescos continuaram sua tendência ascendente de conquista no mercado internacional da floricultura. No período janeiro/maio de 2004, totalizaram 2,21 milhões de dólares, elevando-se

em 226% sobre os resultados de igual período de 2003. São destinadas ao mercado americano (63,4%), holandês (27,9%) e português (4,2%). Sobressaem as rosas, crisântemos, lisianthus e gérberras do grupo de temperados; dentre as tropicais, destacam-se as helicônias, alpíneas e ananás ornamental.

Estes produtos vieram dos estados de São Paulo (78,4%), Ceará (16,8%), Minas Gerais (2,6%), Pernambuco (0,9%), Santa Catarina (0,8%) e Alagoas (0,4%).

A balança comercial da floricultura brasileira mostrou saldo favorável de US\$ 6,7 milhões no período em análise.

*José Maria Paul*

# CALENDÁRIO AGRÍCOLA

O calendário agrícola é um valioso instrumento de planejamento e decisão, proposto para orientar o homem do campo. Mostra os meses mais indicados pelos organismos de pesquisa agrícola e

extensão rural para o plantio e a colheita dos principais produtos cultivados em Santa Catarina. Mostra, ainda, o comportamento da comercialização de tais produtos ao longo do ano.

QUANDRO 1/I - CALENDÁRIO AGRÍCOLA - PLANTIO, COLHEITA E COMERCIALIZAÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS - SANTA CATARINA - 2004

PRODUTO	FASES	MESES											
		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
ALHO	Plantio												
	Colheita												
	Comércio												
ARROZ	Plantio												
	Colheita												
	Comércio												
BANANA	Colheita												
	Comércio												
BATATA	Plantio												
	Colheita												
	Comércio												
CEBOLA	Plantio												
	Colheita												
	Comércio												
FEIJÃO 1ª SAFRA	Plantio												
	Colheita												
	Comércio												
FEIJÃO 2ª SAFRA	Plantio												
	Colheita												
	Comércio												
FUMO	Plantio												
	Colheita												
	Comércio												
MANDIOCA	Plantio												
	Colheita												
	Comércio												
MILHO	Plantio												
	Colheita												
	Comércio												
SOJA	Plantio												
	Colheita												
	Comércio												
TRIGO	Plantio												
	Colheita												
	Comércio												
TOMATE	Plantio												
	Colheita												
	Comércio												
MAÇÃ	Colheita												
	Comércio												

FONTE: Instituto CEPA/SC.



Menor Concentração



Maior Concentração

## DESEMPENHO DA PRODUÇÃO ANIMAL

# CARNE DE FRANGOS

### Panorama Nacional

A avicultura nacional manteve, em 2003, sua posição de destaque e volta a ter um bom desempenho em 2004. Mesmo com a economia interna desfavorável no período 2002/2003 e alguns entraves nas exportações de 2003, a produção cresceu 2,6% no ano passado e,

neste, crescerá entre 6% e 8%. No período, as exportações crescerem 20% em 2003 e devem manter esta trajetória em 2004. Já o consumo interno, após decrescer 2,2% no ano passado, por conta do melhor desempenho da economia doméstica, recupera-se neste.

**TABELA 1/I - CARNE DE AVES - OFERTA E DEMANDA BRASILEIRAS - 2002-2004**  
(mil t)

SITUAÇÃO	2002 (a)	2003 (b)	Var.% (b/a)	2004 (c) (1)	Var. %(c/b)
Produção	7449	7644	2.62	8120	6.23
Exportação	1600	1922	20.13	2250	17.07
Consumo Nacional	5849	5722	-2.17	5870	2.59
kg per cápita	33.7	32.8	-2.64	33.4	1.91

FONTE - Apinco, Abef, Instituto Ceba/SC e IBGE.  
(1) - Estimativa.

**TABELA 2/I - CARNE DE AVES - OFERTA E DEMANDA CATARINENSES - 2002-2004**  
(mil t)

SITUAÇÃO	2002 (a)	2003 (b)	Var. % (b/a)	2004 (c) (1)	Var. %(c/b)
Produção	1462	1418	-3.01	1420	0.14
Exportação	607	644	6.16	742	15.15
Venda Nacional	639	558	-12.74	458	-17.86
Consumo Estadual	216	216	0.00	220	1.85
kg per cápita	41.1	40.5	-1.26	41.0	1.16

FONTE: Instituto Cepa/SC.  
(1) Estimativa.

A produção do ano passado, ao atingir 7,64 milhões de toneladas, teve um desempenho abaixo de suas taxas históricas, mas no corrente ano deve superar 8,1 milhões de toneladas. Enquanto em 2003 o setor enfrentou uma forte pressão sobre os custos, no corrente ano, os preços mais baixos dos principais insumos facilitaram a expansão da produção a custos menores. O aumento da eficiência dos processos produtivos, os investimentos em tecnologia e novas instalações e principalmente a redução dos custos estimularam a expansão da produção de forma proporcional ao seu potencial.

Apesar das restrições comerciais e sanitárias, as exportações de 2003 se aproximaram de 2,0 milhões de toneladas; as de 2004 devem atingir um volume entre 2,2 milhões e 2,3 milhões de toneladas. A diversificação de clientes, a capacidade de flexibilização da produção, os esforços gerenciais para aumentar os volumes comercializados e as receitas reduziram os efeitos das barreiras comerciais e sanitárias. Nos últimos dois anos, as vendas foram beneficiadas por problemas sanitários em países como Estados Unidos, Alemanha, Bélgica, Holanda, China, Sin-

**TABELA 3/I - ABATE DE FRANGOS EM SANTA CATARINA - 2000-2004**  
(milhões cab.)

MÊS	2000	2001	2002	2003	2004	VAR %
Jan	52.1	55.0	60.3	59.3	55.0	-7.1
Fev	51.5	50.8	53.9	55.3	52.4	-5.3
Mar	55.1	57.5	54.8	58.8	58.0	-1.4
Abr	49.1	51.4	60.0	56.3	53.7	-4.7
Mai	54.0	57.4	58.9	53.9	45.2	-16.1
Jun	48.4	53.2	56.0	53.2	55.8	4.8
Jul	51.0	56.6	60.6	56.5	-	-
Ago	55.1	60.6	60.2	53.8	-	-
Set	49.3	52.4	54.8	54.6	-	-
Out	51.9	57.7	60.6	57.6	-	-
Nov	52.9	54.7	54.6	52.5	-	-
Dez	52.4	52.4	57.5	54.3	-	-
<b>Subtotal</b>	<b>310.16</b>	<b>325.35</b>	<b>343.92</b>	<b>336.87</b>	<b>320.07</b>	<b>-5.0</b>
<b>Total</b>	<b>622.81</b>	<b>659.80</b>	<b>692.20</b>	<b>666.20</b>	<b>-3.76</b>	

FONTE: Instituto Cepa/SC.

TABELA 4/I - CARNE DE FRANGOS - PRODUÇÃO BRASILEIRA - 2000-2004  
(mil t)

MÊS	2000	2001	2002	2003	2004	VAR %
Jan	493.1	527.0	593.8	646.9	674.0	4.2
Fev	507.7	470.2	529.8	577.6	630.9	9.2
Mar	497.4	526.1	620.0	646.9	691.0	6.8
Abr	493.4	506.7	610.5	624.4	686.4	9.9
Mai	495.2	532.4	629.5	660.0	700.8	6.2
Jun	488.0	525.4	623.6	621.1	676.3	8.9
Jul	480.9	559.8	645.1	649.1	-	-
Ago	475.5	572.2	640.6	623.6	-	-
Set	491.2	569.9	601.2	601.6	-	-
Out	495.4	593.7	625.3	650.4	-	-
Nov	517.4	578.5	651.7	645.8	-	-
Dez	545.4	605.4	677.6	697.7	-	-
<b>Subtotal</b>	<b>2974.8</b>	<b>3087.8</b>	<b>3607.2</b>	<b>3776.8</b>	<b>4059.4</b>	<b>7.5</b>
<b>Total</b>	<b>5980.7</b>	<b>6567.3</b>	<b>7448.7</b>	<b>7644.9</b>		

FONTE: Apinco.

gapura e Coréia do Sul, que favoreceram um aumento dos embarques para países do Leste Europeu e do Oriente Médio, além do Japão. A qualidade, a sanidade, a experiência comercial, as estratégias das empresas em valorizar o produto brasileiro e o apoio governamental foram outros fatores que facilitaram a presença do frango brasileiro no exterior.

Do total produzido em 2003, 74,8% foi negociado no mercado interno (5,72 milhões de toneladas). Em 2004, devido à forte expansão das exportações, cerca de 5,87 milhões de toneladas (72,3%) serão comercializados internamente. A desaceleração da economia nacional em 2003 foi o principal fator de inibição do consumo de carne de frango. O bom volume de oferta das carnes bovina e suína a preços mais baixos também afetou as vendas internas de frangos. Com a recuperação da economia brasileira e, com ela, o aumento dos níveis de emprego e dos salários, a demanda interna volta a ter uma lenta recuperação.

## Panorama Catarinense

Nos anos recentes, a avicultura tem perdido participação no total da produção nacional. Os principais fatores da redução da produção local de 20% para 17% da produção nacional são as dificuldades de abastecimento de milho e o fechamento de uma unidade industrial. Entre os elementos externos, está o rápido crescimento da produção no Rio Grande do Sul e (em razão de incentivos fiscais) no Paraná e no Centro-Oeste. Apesar disso, mais de 50% do volume total produzido no estado (1,42 milhão de toneladas) destina-se ao mercado externo. A qualidade garantida da produção avícola catarinense tem permitido que grande parte da produção local se destine ao mercado externo. Do volume exportado pelo País, ao redor de 33% tem origem em Santa Catarina.

A produção estadual, após ter caído 3,0% em 2003, estabiliza-se em 2004, ficando ainda abaixo do recorde registrado em 2002, que foi de 1,46 milhão de to-

**TABELA 5/I - FRANGOS- EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS -2000-2004**  
(mil t)

MÊS	2000	2001	2002	2003	2004	VAR %
Jan	71.8	77.0	98.1	146.5	157.0	7.16
Fev	61.4	90.8	108.7	173.4	184.5	6.39
Mar	67.2	106.3	115.5	164.0	184.5	12.49
Abr	75.1	99.7	102.8	144.3	139.7	-3.18
Mai	70.9	110.6	94.3	130.0	206.4	58.73
Jun	63.6	105.9	94.1	155.4	238.3	53.31
Jul	76.1	96.2	139.6	135.5	-	-
Ago	105.8	111.0	140.4	193.8	-	-
Set	83.8	112.1	245.1	189.6	-	-
Out	82.4	119.8	185.9	157.3	-	-
Nov	86.7	108.8	143.8	190.5	-	-
Dez	96.0	111.1	131.3	142.7	-	-
<b>Subtotal</b>	<b>409.9</b>	<b>590.4</b>	<b>613.5</b>	<b>913.7</b>	<b>1110.4</b>	<b>21.53</b>
<b>Total</b>	<b>940.9</b>	<b>1249.3</b>	<b>1599.6</b>	<b>1923.0</b>		

FONTE: Abef.

neladas. Esta situação foi influenciada pelas dificuldades macroeconômicas de 2002/2003 (recessão, aumento dos preços do milho, crescimento da inflação e fortalecimento do dólar), fatores estes que desestimularam a produção de 2003 e do primeiro semestre de 2004. No mesmo período, enquanto as exportações nacio-

nais evoluíram ao redor de 20%, a catarinense evoluiu a taxas bastante inferiores (ver tabela acima). Apesar da perda da participação tanto na produção como nas exportações brasileiras, a produção estadual continuará líder, devido à sua capacidade produtiva, à sua sanidade garantida e a seus custos ainda competitivos.

**TABELA 6/I - FRANGOS- DISPONIBILIDADE INTERNA -2000-2004**  
(mil t)

MÊS	2000	2001	2002	2003	2004	VAR % (04/03)
Jan	421.3	441.5	495.7	500.4	517.0	3.3
Fev	446.4	432.8	421.1	404.1	446.4	10.5
Mar	430.3	392.6	504.5	482.9	506.5	4.9
Abr	418.3	399.0	507.7	481.1	546.7	13.6
Mai	424.3	412.5	535.2	529.9	494.4	-6.7
Jun	424.4	428.0	529.5	465.7	438.0	-5.9
Jul	404.8	453.5	505.5	513.6	-	-
Ago	369.7	450.7	500.2	429.8	-	-
Set	407.4	476.0	356.1	412.0	-	-
Out	413.0	464.0	439.4	493.2	-	-
Nov	430.7	479.2	507.9	455.4	-	-
Dez	483.5	484.8	546.3	555.0	-	-
<b>Subtotal</b>	<b>2564.9</b>	<b>2506.5</b>	<b>2993.7</b>	<b>2864.1</b>	<b>2949.0</b>	<b>3.0</b>
<b>Total</b>	<b>5073.9</b>	<b>5314.7</b>	<b>5849.1</b>	<b>5723.1</b>		

FONTE: Apinco.

*Jurandi Soraes Machado*

# CARNE BOVINA

## Panorama Nacional

A produção nacional de carne bovina está, há vários anos, em forte expansão. Somente nos últimos cinco anos registrou um crescimento em torno de 20%, passando de 6,5 milhões para 7,8 milhões de toneladas. Grande parte desta produção deve-se à expansão da oferta no Centro-Oeste, cujos plantéis têm apresentado constantes ganhos de produtividade. No Sul e no Sudeste, apesar dos ganhos de produtividade, a produção tem crescido a taxas modestas. O crescimento da oferta nacional também se deve ao aumento da produção na entressafra, à melhoria da sanidade, à ca

pacitação da mão-de-obra, ao melhoramento genético e ao aumento da oferta de animais precoces.

As importações, que nos anos 90 chegaram a atingir 140 mil toneladas anuais, estabilizaram-se, nos anos recentes, ao redor 60 mil toneladas. No entanto, as exportações quase que triplicaram no período. Em 2003, o País vendeu pouco mais de 1,2 milhão de toneladas em equivalentes carcaças, gerando uma receita cambial de US\$ 1,5 bilhão. A carne brasileira está sendo exportada para 122 países e atende aos mais exigentes

**TABELA 1/I - CARNE BOVINA - OFERTA E DEMANDA NACIONAL - 2000-2004**  
(mil t)

SITUAÇÃO	2000	2001	2002	2003	2004(1)	VAR. % (03/04)
Produção	6567	6911	7154	7628	7810	2.39
Importação	57	38	66	58	60	3.45
Exportação	554	789	929	1208	1450	20.03
Consumo	6070	6160	6291	6478	6420	-0.90
kg per cápita	35.7	35.7	36.0	37.1	36.8	-0.90

FONTE: IBGE, FNP e Instituto Cepa/SC.  
(1) Estimativa.

mercados consumidores com um produto de qualidade reconhecida. Devido aos problemas sanitários e à perda de competitividade dos principais países concorrentes, o Brasil deve se consolidar como o principal exportador. Em razão disso, projeta-se para 2004 uma expansão do volume exportado em torno de 20%, devendo gerar receitas superiores a US\$ 2,0 bilhões.

O consumo tem crescido a taxas inferiores ao desempenho da produção. Nos últimos cinco anos, cresceu apenas 5,7%, mantendo-se abaixo do crescimento vegetativo da produção. Os preços mais competitivos do frango e as dificuldades econômicas do País foram os principais fatores que deslocaram consumidores e restringiram o consumo.

## Panorama Catarinense

O rebanho catarinense situa-se entre 3,0 milhões e 3,2 milhões de cabeças. A sua produtividade é baixa; o desfrute é de 12,0% no rebanho geral e de 18% a 20% no efetivo especializado, mas existem plantéis ainda mais competitivos. Os criatórios estão presentes em praticamen-

te todas as propriedades agrícolas; do rebanho total, 51% destina-se à produção de carne e 41% à produção de leite.

O parque industrial é formado por cinco empresas com inspeção federal e 81 com inspeção estadual. As plantas industriais locais com inspeção federal estão estruturadas para atender ao mercado estadual, sofrendo a concorrência de empresas mais estruturadas e com origem nos grandes estados produtores. Por isso, boa parte delas tem-se especializado em abastecer pequenos e médios municípios.

A produção local nos últimos cinco anos se manteve estabilizada entre 120 mil e 124 mil toneladas anuais. A concorrência da produção dos principais estados produtores, a crescente importância da produção estadual de leite, a perda de espaço dos criatórios para as culturas anuais e a rápida expansão das florestas cultivadas no Planalto Serrano Catarinense explicam em grande parte o comportamento estável da produção.

No período, o aumento da produtividade contribuiu para a manutenção da estabilidade dos volumes ofertados. Com uma expansão de apenas 12,1%, a produção

TABELA 2/I - CARNE BOVINA - OFERTA E DEMANDA CATARINENSE - 2000-2004  
(mil t)

SITUAÇÃO	2000	2001	2002	2003	2004(¹)	VAR. % (04/03)
Produção	120	122	124	122	123	0.82
Importação	45	55	55	60	62	3.33
Consumo	165	177	179	182	185	1.65
kg per cápita	32.2	34.1	34.0	34.2	34.3	0.36

FONTE: Instituto Cepa/SC.  
(¹) Estimativa.

do período foi insuficiente para atender à demanda. Em razão disso, as importações cresceram 37,8%. Da mesma forma que o nacional, o consumo estadual acompanhou o crescimento da população e também foi influenciado pela preferência dos consumidores pela carne suína e de frango.

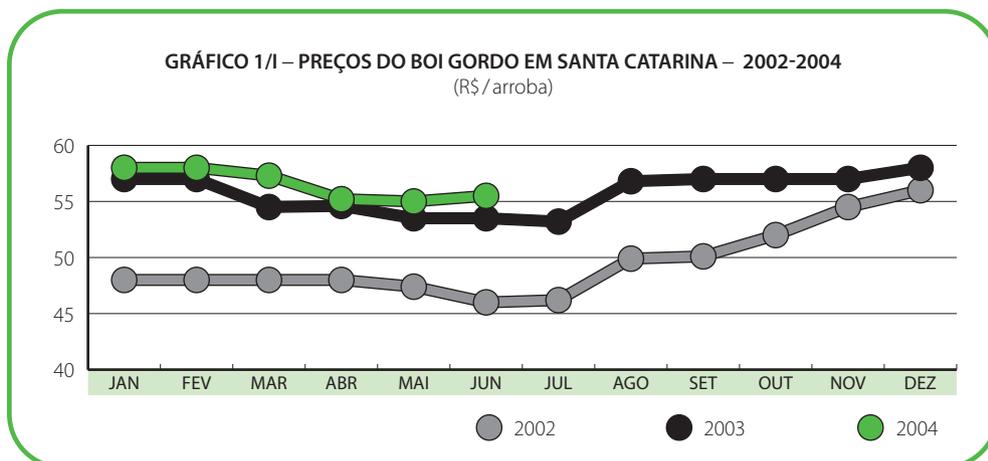
Em 2003, a produção estadual atingiu 123 mil toneladas em equivalentes carcaças, correspondente a um abate de 544 mil cabeças. Devido a problemas climáticos (menor produtividade das

pastagens cultivadas), o peso médio de abate foi mais baixo, permitindo que a produção permanecesse estável. Para 2004, não se esperam grandes alterações neste panorama. Os abates devem recuar, mas o aumento no peso médio tende a manter a estabilidade da produção local. A demanda deverá ficar entre 180 mil e 185 mil toneladas, e as importações, ao redor de 62 mil toneladas anuais.

TABELA 3/I - BOVINOS - ABATE MENSAL - SANTA CATARINA - 2000-2004  
(mil cab.)

MÊS	2000	2001	2002	2003	2004	VAR % (04/03)
Janeiro	42.4	41.1	42.5	47.0	45.3	-3.67
Fevereiro	39.6	39.6	41.3	44.1	41.3	-6.38
Março	49.5	51.5	48.7	48.8	45.8	-5.99
Abril	48.0	49.4	49.8	49.4	48.7	-1.52
Mai	46.6	46.6	45.2	47.5	49.1	3.25
Junho	46.9	48.7	45.8	44.5	47.7	7.23
Julho	42.4	45.1	44.8	44.2		
Agosto	41.0	41.8	43.1	43.8		
Setembro	40.7	41.8	41.9	42.1		
Outubro	44.0	45.7	43.1	42.9		
Novembro	45.5	47.2	45.2	45.2		
Dezembro	44.9	46.4	45.9	44.7		
<b>Subtotal</b>	<b>272.9</b>	<b>276.9</b>	<b>273.3</b>	<b>281.4</b>	<b>277.9</b>	<b>-1.22</b>
<b>Total</b>	<b>531.4</b>	<b>544.8</b>	<b>537.2</b>	<b>544.4</b>		

FONTE: Sindicarne, Instituto Cepa/SC.  
ELABORAÇÃO: Instituto Cepa/SC.



FONTE: Instituto Cepa/SC.

## Desempenho da Produção Catarinense

Os preços recebidos pelos pecuaristas em 2003, por conta da concorrência da produção do Centro-Oeste, tiveram pouca sustentação. Mesmo assim, foram 12,6% superiores aos valores das vendas de 2002. A pressão da oferta das importações, o baixo consumo e a oferta das carnes concorrentes causaram uma redução dos preços em plena entressafra.

O panorama dos preços e a elevação dos custos foram os principais fatores que desestimularam os investimentos na produção da entressafra de 2004. Este fato, por comprometer as expectativas dos pecuaristas, resultará em novo período de estabilidade da produção estadual.

*Jurandi Soares Machado*

# CARNE SUÍNA

## Situação Nacional

A oferta nacional de suínos, em 2003, situou-se em 34,5 milhões de cabeças, uma queda avaliada em 8,5% em comparação à do ano passado. Em tonela-

das, o volume produzido atingiu 2,69 milhões de toneladas, uma queda de 6,1% em relação ao recorde de 2002.

No mesmo período, a produção sulina, representando 56,1% da produção

**TABELA 1/I - CARNE SUÍNA - PRODUÇÃO POR REGIÃO GEOGRÁFICA DO BRASIL - 2002-2003**

REGIÃO	MILHÕES DE CABEÇAS			MIL TONELADAS		
	2002	2003	VAR %	2002	2003	VAR %
Sul	20,65	19,36	-6,2	1.646,9	1.545,6	-6,1
Sudeste	7,73	6,31	-18,3	561,7	496,1	-11,7
Centro-Oeste	5,21	5,16	-0,8	385,6	404,4	4,9
Nordeste	3,35	2,90	-13,5	230,9	203,7	-11,8
Norte	0,72	0,72	0,0	46,8	46,8	0,0
<b>BRASIL</b>	<b>37,66</b>	<b>34,46</b>	<b>-8,5</b>	<b>2.872,0</b>	<b>2.696,6</b>	<b>-6,1</b>

FONTE: Abipecs, ABCS e Instituto Cepa-SC.

**TABELA 2/I - CARNE SUÍNA - BALANÇO DA OFERTA E DEMANDA - BRASIL - 2000-2003**  
(mil t)

SITUAÇÃO	2000	2001	2002	2003
Produção	2.556	2.730	2.872	2.696
Importação	5	0	0	0
Oferta Total	2.561	2.730	2.872	2.696
Exportação	135	260	476	491
Cons.Interno	2.426	2.470	2.396	2.205
Kg per cápita	14,3	14,4	13,8	12,5

FONTES: Abipecs, ABCS, Instituto Cepa/SC.

nacional, foi avaliada em 19,36 milhões de cabeças, volume 6,2% menor do que em 2002. A produção caiu significativamente em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, enquanto no Paraná se manteve crescente, compensando parte da queda dos outros dois estados.

No Sudeste, detendo 18% do total produzido no País, a oferta diminuiu 1,42 milhão de cabeças, indicando que a disponibilidade regional de carne suína encurtou em 65 mil toneladas em equivalentes carcaças. Nesta região, os alojamentos passaram de 515 mil para 387 mil matrizes, uma redução avaliada em 25%.

No Centro-Oeste, já representando 14% da produção nacional, os números indicam que a oferta se reduziu

0,8% em cabeças, mas foi 4,9% superior em toneladas. Esta performance tem como explicação o forte descarte de matrizes de baixa produtividade, a continuidade dos alojamentos de reprodutoras mais produtivas e o aumento do peso médio de abate.

Em 2003, a oferta nacional encolheu 156 mil toneladas e as exportações situaram-se em 491 mil toneladas (3,3% a mais do que em 2002). Com isso, inverteu-se o quadro de superoferta. Apesar desta reversão, o consumo interno, que já havia diminuído 74 mil toneladas em 2002, permaneceu em queda em 2003 (191 mil toneladas a menos), mantendo o curso da desestabilização dos preços por vários meses.

Esta situação se refletiu no mercado, que passou de uma tendência de alta

**TABELA 3/I - CARNE SUÍNA - PRODUÇÃO POR REGIÃO GEOGRÁFICA DO BRASIL - 2003 - 2004**

REGIÃO	MILHÕES DE CABEÇAS			MIL TONELADAS		
	2003	2004	VAR %	2003	2004	VAR %
Sul	19.36	19.18	-0.9	1.545,6	1.556,0	0,7
Sudeste	6.31	6.24	-1.2	496,1	490,5	-1,1
Centro Oeste	5.16	5.31	2.8	404,4	415,8	2,8
Nordeste	2.90	2.90	0.0	203,7	203,7	0,0
Norte	0.72	0.72	0.0	46,8	46,8	0,0
<b>BRASIL</b>	<b>34.46</b>	<b>34.35</b>	<b>-0.3</b>	<b>2.696,6</b>	<b>2.712,8</b>	<b>0,6</b>

FONTES: Abipecs, ABCS e Instituto Cepa/SC.

TABELA 4/I - CARNE SUÍNA – PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES (PAÍSES SELECIONADOS) - 2000-2004  
(Mil t)

PRODUÇÃO	2002	2003 <sup>(1)</sup>	2004 <sup>(2)</sup>	VAR % (04/03)
China	43.266	44.100	44.938	1,90
UE	17.825	17.850	17.900	0,28
USA	8.929	8.931	8.980	0,55
Brasil	2.872	2.710	2.791	2,99
Canadá	1.854	1.910	1.940	1,57
Rússia	1.630	1.705	1.760	3,23
Polônia	1.640	1.740	1.660	-4,60
Japão	1.236	1.260	1.255	-0,40
Coréia do Sul	1.153	1.153	1.200	4,08
Filipinas	1.095	1.145	1.175	2,62
México	1.085	1.100	1.110	0,91
Outros	3.752	3.710	3.715	0,13
<b>TOTAL</b>	<b>86.337</b>	<b>87.314</b>	<b>88.424</b>	<b>1,27</b>

FONTE: Usda.

(<sup>1</sup>) Estimativa.

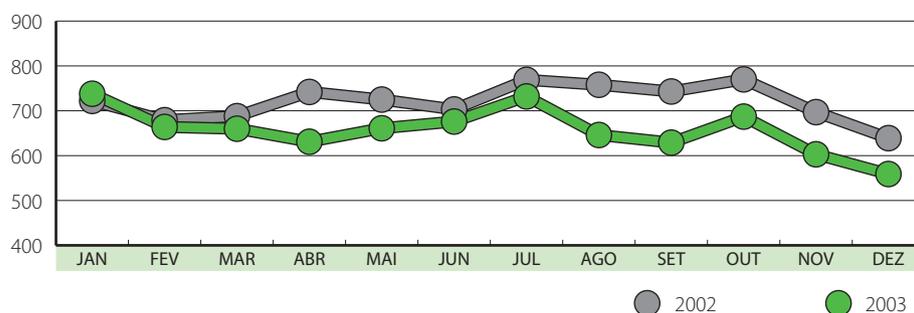
(<sup>2</sup>) Preliminar.

para uma de instabilidade de preços. Colaborou com esta situação o baixo poder aquisitivo dos consumidores. Como estes relutaram em pagar mais pelo produto, as vendas de final de ano não sustentaram os preços.

## Situação Catarinense

A oferta no estado caiu de 8,63 milhões para pouco mais de 7,88 milhões de cabeças, o que representou um decréscimo anual ao redor de 746 mil cabeças. A produção, ao reverter uma tendência de crescimento iniciada em 1999, retornou aos mesmos níveis de 2001. Esta queda foi consequência dos baixos preços

GRÁFICO 1/I – ABATE MENSAL DE SUÍNOS EM SANTA CATARINA – 2002-2003  
(mil cabeças)



FONTE: Instituto Cepa/SC.

**TABELA 5/I - CARNE SUÍNA - CONSUMO MUNDIAL (PAÍSES SELECIONADOS) - 2000-2004**  
(mil t)

CONSUMO	2002	2003 <sup>(1)</sup>	2004 <sup>(2)</sup>	VAR % (04/03)
China	43.101	43.856	44.708	1,94
UE	16.666	16.940	17.000	0,35
USA	8.684	8.733	8.835	1,17
Japão	2.377	2.380	2.435	2,31
Rússia	2.429	2.304	2.289	-0,65
Brasil	2.396	2.215	2.316	4,56
Polônia	1.587	1.640	1.660	1,22
México	1.349	1.375	1.395	1,45
Coréia do Sul	1.200	1.255	1.300	3,59
Filipinas	1.116	1.155	1.185	2,60
Canadá	1.073	1.026	1.035	0,88
Outros	4.082	4.088	4.042	-1,13
<b>TOTAL</b>	<b>86.060</b>	<b>86.967</b>	<b>88.200</b>	<b>1,42</b>

FONTE: Usda.

(<sup>1</sup>) Estimativa.

(<sup>2</sup>) Preliminar.

de venda e dos altos custos de produção durante 18 meses, o que forçou a uma liquidação dos plantéis.

A redução da produção estadual também foi influenciada pela estratégia das integradoras de restringir a compra de

animais de terceiros, pelo fechamento de um grande abatedouro e pelo aumento da comercialização interestadual de animais vivos para o Sudeste do País.

**TABELA 6/I - CARNE SUÍNA - PRINCIPAIS PAÍSES IMPORTADORES (PAÍSES SELECIONADOS) - 2002-2004**  
(mil t)

IMPORTAÇÃO	2002	2003 <sup>(1)</sup>	2004 <sup>(2)</sup>	VAR % (04/03)
Japão	1.162	1.150	1.150	0,00
Rússia	800	600	530	-11,67
USA	485	567	624	10,05
México	325	335	345	2,99
Hog Kong	275	280	283	1,07
Coréia do Sul	155	155	160	3,23
Canadá	91	77	80	3,90
Austrália	55	70	75	7,14
China	60	56	70	25,00
UE	65	60	60	0,00
Taiwan	31	45	40	-11,11
Outros	248	196	167	-14,80
<b>TOTAL</b>	<b>3752</b>	<b>3591</b>	<b>3584</b>	<b>-0,19</b>

FONTE: Usda.

(<sup>1</sup>) Estimativa.

(<sup>2</sup>) Preliminar.

**TABELA 7/I - CARNE SUÍNA – PRINCIPAIS PAÍSES EXPORTADORES (PAÍSES SELECIONADOS) - 2002-2004**  
(mil t)

EXPORTAÇÃO	2002	2003 <sup>(1)</sup>	2004 <sup>(2)</sup>	VAR % (04/03)
Canadá	863	975	980	0,51
UE	1.194	1.000	960	-4,00
USA	731	762	769	0,92
Brasil	476	495	475	-4,04
China	225	300	300	0,00
Austrália	78	75	80	6,67
Hungria	125	90	80	-11,11
México	61	60	60	0,00
Polônia	93	120	60	-50,00
República Tcheca	29	34	27	-20,59
Coréia do Sul	12	14	20	42,86
Outros	4	11	16	45,45
<b>TOTAL</b>	<b>3.891</b>	<b>3.936</b>	<b>3.827</b>	<b>-2,77</b>

FONTES: Usda.

(<sup>1</sup>) Estimativa.

(<sup>2</sup>) Preliminar.

## Perspectivas para 2004

O bom desempenho das receitas e dos volumes exportados, a recuperação da economia e o conseqüente estímulo ao consumo, a melhoria da eficiência dos sistemas de produção, os investimentos em andamento, o aumento da produtividade dos plantéis e do peso médio de abate sinalizam para uma gradual recuperação da produção suína, especialmente no Sul e no Centro-Oeste do País. Estes fatores indicam que o total produzido em 2004 deverá situar-se entre 2,7

milhões e 2,72 milhões de toneladas, volume muito próximo ao produzido em 2003. Já para 2005, esta situação sugere uma recuperação bem mais consistente.

No Sul, a produção tende a ter uma lenta recuperação a partir do segundo semestre de 2004, podendo, ao final do ano, apresentar razoável recuperação dos volumes ofertados, não se afastando a hipótese de sobras de animais de abate. No Centro-Oeste, após uma breve estabilização no primeiro semestre, a produção deve voltar a crescer forte no segun-

**TABELA 8/I - CARNE SUÍNA - BALANÇO DA OFERTA E DEMANDA – BRASIL - 2000-2004**  
(mil t)

SITUAÇÃO	2000	2001	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>
Produção	2.556	2.730	2.872	2.696	2.710
Importação	5	0	0	0	0
Suprimento	2.561	2.730	2.872	2.696	2.710
Exportação	135	265	476	491	505
Consumo	2.426	2.465	2.396	2.205	2.380
Per capita/Kg	14,3	14,4	13,8	12,5	13,3

FONTES: Abipecs, ABCS, Instituto Cepa-SC.

(<sup>1</sup>) Estimativa.

**TABELA 9/I - CARNE SUÍNA - OFERTA E DEMANDA CATARINENSE - 2000-2004**  
(mil t)

SITUAÇÃO	2000	2001	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>
Produção	623	663	688	682	660
Importação	0	0	0	0	0
Suprimento	623	663	688	682	660
Exportação	95	170	258	308	230
Venda Nacional	430	388	318	259	315
Consumo Estadual	98	105	112	115	115
Per capita/Kg	21	22	23	23	23

FONTES: Instituto Cepa/SC.  
(<sup>1</sup>) Estimativa.

**TABELA 10/I - CARNE SUÍNA - EXPORTAÇÕES  
BRASILEIRAS - 1988-2004**

ANO	VOLUME (mil t)	VALOR (US\$ mil)	PREÇO (US\$/t)
1988	20	29.083	1.460
1989	11	19.776	1.746
1990	13	22.055	1.680
1991	17	29.863	1.725
1992	44	74.420	1.673
1993	35	61.976	1.782
1994	32	57.787	1.819
1995	36	91.653	2.510
1996	64	130.091	2.020
1997	64	148.047	2.320
1998	82	153.802	1.886
1999	82	118.494	1.448
2000	135	181.440	1.344
2001	265	358.545	1.353
2002	476	482.274	1.013
2003	491	546.534	1.113
2004	505	732.250	1.450

FONTES: ABCS

do semestre, mantendo a trajetória de altas taxas de crescimento.

Esta situação, em 2004, manterá a produção mais adequada à demanda, sustentando os preços recebidos pelos suinocultores; juntamente com a redução dos preços dos principais insumos, permitirá uma recuperação mais consistente das margens de comercialização, que, por sua vez, estimulará o rápido crescimento da produção ao longo de 2005.

**TABELA 11/I - SUÍNOS - ABATES TOTAIS MENSAIS EM SANTA CATARINA - 2000-2004**  
(mil cab.)

MÊS	2000	2001	2002	2003 (a)	2004 (b)	VAR % b/a
Jan	624,3	675,5	722,0	737,7	613,6	-16,82
Fev	612,4	624,8	678,8	664,0	600,2	-9,61
Mar	654,7	694,9	687,7	660,2	671,1	1,66
Abr	592,1	651,4	741,8	631,2	597,1	-5,40
Mai	669,8	705,3	724,6	661,3	662,9	0,24
Jun	643,4	649,3	703,0	676,1	658,5	-2,60
Jul	666,4	684,3	768,5	732,1		
Ago	691,8	728,2	758,5	646,4		
Set	659,7	669,0	742,7	628,9		
Out	662,8	731,1	770,1	686,7		
Nov	630,9	669,5	696,5	603,1		
Dez	663,8	644,2	638,6	559,3		
<b>Subtotal<sup>(1)</sup></b>	<b>3796,80</b>	<b>4001,20</b>	<b>4257,94</b>	<b>4030,34</b>	<b>3803,42</b>	<b>-5,63</b>
<b>TOTAL</b>	<b>7772,2</b>	<b>8127,6</b>	<b>8632,8</b>	<b>7886,8</b>		<b>-8,64</b>

FONTE: Instituto Cepa/SC.

<sup>(1)</sup>1º semestre.

*Jurandi Soares Machado*

# LEITE

## Produção Mundial

No ano de 2003, segundo a FAO, a produção total, compreendendo leite de vaca, búfala, cabra e ovelha, atingiu 596,13 bilhões de quilos.

Em âmbito mundial e na quase totalidade dos países produtores, a produção de leite de vaca é destacadamente maior que a das demais espécies; representa cerca de 85% do total da produção mundial.

Entre os principais países produtores, apenas na Índia e no Paquistão a produção de leite de búfala supera a de vaca. Considerando a produção de leite dessas duas

espécies animais, a Índia passa a ser o primeiro produtor mundial de leite; o Paquistão, o quinto.

A produção mundial de leite de vaca segue crescendo apenas discretamente. No período de 1990 a 2003, cresceu apenas 5,8%, passando de 479,16 bilhões para 506,85 bilhões de quilos. Isto se situa muito abaixo das taxas de crescimento verificadas em décadas anteriores: 17,5% de 1970 para 1980 e 13,5% de 1980 para 1990. Ou seja, a baixa taxa de crescimento da produção mundial é um fenômeno verificado sobretudo a partir dos anos noventa. Isto guar-

da estreita relação com o comportamento da produção de alguns dos principais produtores mundiais de leite.

Nos países da União Européia (UE), a produção continua praticamente estabilizada ou decrescente e a dos Estados Unidos cresce a taxas bastante discretas. Os crescimentos mais significativos registram-se na China, Paquistão, Nova Zelândia, Brasil, Índia e Austrália.

Alguns destes países aumentam a produção mais para o atendimento do mercado interno, e outros, para expandir a sua participação no mercado internacional. Neste último caso, tem especial relevância a Nova Zelândia, com exportações cada vez maiores.

Na realidade, nos últimos anos está havendo uma clara e constante mudança na geografia da produção mundial de leite de vaca. A comparação das taxas de crescimento na produção dos principais produtores mundiais, verificada entre 1990 e 2003, ilustra bem isto; alguns exemplos: China, 228,6%; Paquistão, 144,7%; Nova Zelândia, 91,2%; Austrália, 64,8%; Índia, 64,1%; Brasil, 56,1%; Argentina, 25,8%; EUA, 15,3%; Alemanha, -9,4%; França, -5,8%; Reino Unido, -1,3%; Itália, -1,1% e Países Baixos, -3,4%.

No caso da Argentina, principal origem das importações brasileiras, a taxa de crescimento poderia ser bem maior, mas depois de uma grande expansão durante os anos noventa, apresentou uma sensível redução da produção nos últimos anos. Segundo as estatísticas da FAO, sua produção em 2003 alcançou apenas 7,9 bilhões de quilos, 25,5% a menos que o recorde de

10,6 bilhões de quilos alcançado em 1999. Nos primeiros meses de 2004, o volume de leite recebido pelas principais indústrias do País tem sido superior ao de 2003; a tendência é de a produção do ano superar a de 2003.

## Produção Brasileira, Importação e Exportação

O Brasil é um dos grandes produtores mundiais de leite. Nos últimos anos, a taxa de crescimento tem sido bem maior que a mundial. Por tal razão, sua participação no total mundial tem aumentado sistematicamente. Os números oficiais mais recentes do IBGE indicam que a produção brasileira de 2002 alcançou 21,644 bilhões de litros, 5,53% acima dos 20,510 bilhões de litros de 2001. Estima-se que em 2003 sua produção tenha ficado próximo de 22,3 bilhões de litros.

A exemplo do que acontece mundialmente, a produção nacional se concentra em poucos estados. Nos últimos anos, em função da significativa variação das taxas de crescimento da produção entre os estados produtores, a geografia da produção nacional também mudou; aumentou sensivelmente a participação das Regiões Centro-Oeste e Norte.

Até recentemente, o Brasil era um dos grandes importadores mundiais.

Isto parece estar sendo revertido. Como produz leite com um dos custos mais baixos do mundo, vai gradativamente construindo a possibilidade de sair da condição de importador para se tornar exportador.

O ano de 2003 foi particularmente marcante, neste aspecto. O Brasil apresentou uma interessante posição no mercado internacional de lácteos. A quantidade importada foi a segunda menor dos últimos 12 anos, decrescendo 61% em relação a 2002. Por outro lado, a quantidade exportada foi recorde, superando em 11% a de 2002. Com isto, a quantidade exportada representou 53,2% da importada.

Apesar de algumas empresas situadas no Brasil estarem atuando com as atenções voltadas também para o mercado internacional e de nos últimos anos o setor leiteiro nacional ter-se tornado internacionalmente muito competitivo, persistem algumas dúvidas sobre a real possibilidade de o Brasil continuar a reduzir ainda mais as suas importações e a ampliar as suas exportações.

Se os primeiros cinco meses de 2004 podem ser considerados um indicativo, o País está em trajetória muito boa. Comparando os dados de importação com os de exportação, pela primeira vez na história as quantidades são bastante parecidas.

Mesmo que nos próximos meses a situação não se mantenha exatamente como nos primeiros cinco meses, é muito provável que se repita em 2004 o que ocorreu no ano passado, isto é, importações bem menores e exportações maiores que no ano anterior.

## Produção Catarinense

Em Santa Catarina, a produção de leite segue uma trajetória de crescimento sensível e constante, superior à da média nacional.

Em 2002, segundo o IBGE, sua produção atingiu 1,193 bilhão de litros, 10,8% a mais que em 2001. O estado respondeu por cerca de 5,5% da produção brasileira. Estima-se que em 2003 sua produção tenha ficado em torno de 1,25 bilhão de litros.

O crescimento estadual é resultado do aprimoramento dos sistemas de produção de suas várias regiões. Este processo tem especial relevância no oeste do estado, onde a produção de leite ganha cada vez mais importância. As taxas de crescimento da região são as mais significativas, o que faz com que a cada ano seja maior a sua participação em relação à produção total do estado.

O volume de leite recebido pelas indústrias sob inspeção continua crescendo de forma ainda mais significativa que a produção total. Estima-se que em 2003 as indústrias e postos de resfriamento de Santa Catarina, com inspeção federal, estadual e municipal, tenham recebido 870 milhões de litros de leite, 7,4% acima do volume estimado para 2002.

## Comportamento dos Preços em 2003

O ano de 2002 foi de recuperação nos preços recebidos pelos produtores. O apertado balanço nacional entre a oferta e a demanda acirrou a disputa por matéria-prima entre as indústrias ao longo de todo o ano. Os preços médios recebidos em todas as bacias leiteiras catarinenses apresentaram um comportamento favorável na maior parte do ano.

Isto apontava para 2003 com preços favoráveis aos produtores, o que de fato se confirmou na maior parte do ano.

Embora, em função de uma recuperação mais sensível do volume de leite recebido pelas indústrias e de as vendas no varejo não terem sido satisfatórias, nos últimos meses os preços recebidos pelos produtores tenham diminuído em praticamente todas as regiões do País e de Santa Catarina, o preço médio do ano foi sensivelmente superior ao de 2002.

Assim, o ano de 2003 pode ser considerado favorável para a maior parte dos produtores catarinenses.

### Primeiro Semestre de 2004 e Perspectivas

Nos três primeiros meses de 2004, os preços recebidos pelos produtores seguiram a trajetória de decréscimo dos últimos meses de 2003. Apenas em abril começou uma reversão na curva de preços, situação que ficou ainda mais caracterizada nos meses de maio e junho.

Apesar disto, exceto no mês de junho, em todos os meses do primeiro semestre os preços foram abaixo dos mesmos meses de 2003. Considerando-se a inflação, o preço médio recebido pelos produtores catarinenses no primeiro semestre de 2004 apresentou um sensível decréscimo em relação ao do mesmo período do ano passado.

Apesar do movimento de recuperação de preços nos últimos meses do primeiro se-

mestre, os produtores preocupam-se com a sua duração. No ano passado, por exemplo, na maioria das regiões produtoras do estado, os preços apresentaram um comportamento decrescente durante o segundo semestre.

Este, aliás, é o comportamento histórico e sempre mais provável: no segundo semestre, aumenta a oferta nacional e decresce a concorrência pela compra de leite, o que pressiona os preços para baixo.

Ainda que isto venha a se repetir, a produção leiteira estadual, em função da importância que representa para grande número de propriedades rurais de Santa Catarina e, conseqüentemente, dos constantes aprimoramentos que os produtores têm feito nos seus sistemas de produção, deve seguir em sua trajetória de crescimento. A tendência é de Santa Catarina aumentar, ano a ano, a sua participação na produção nacional de leite.

O Brasil também deve continuar ampliando a sua participação na produção mundial. Primeiro, porque é de se esperar que o mercado interno demande uma produção maior a cada ano; segundo, porque a produção de vários importantes países produtores e a mundial devem seguir uma trajetória de expansão apenas discreta, favorecendo a redução das distorções dos preços internacionais dos lácteos e ampliando as oportunidades de mercado internacional para novos exportadores que apresentem preços e qualidade competitivos para vários tipos de derivados, como é o caso do Brasil.

**TABELA 1/I - LEITE - PRODUÇÃO MUNDIAL E DOS PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES - 1970/2003**  
(bilhões kg)

PAÍS	1970	1980	1990	2000	2001	2002	2003
EUA	53,07	58,24	67,01	76,02	74,98	77,25	77,25
Índia	8,74	13,26	22,24	34,00	34,40	35,30	36,50
Federação Russa	0,00	0,00	0,00	32,00	32,60	33,10	32,80
Alemanha	28,06	32,06	31,31	28,33	28,19	27,87	28,35
França	22,48	27,29	26,14	25,00	24,90	25,20	24,61
Brasil	7,35	11,96	14,93	20,38	21,15	22,31	23,32
Reino Unido	12,97	15,97	15,25	14,49	14,71	14,87	15,06
Nova Zelândia	5,99	6,70	7,51	12,24	13,12	13,87	14,35
China	0,66	1,19	4,36	8,63	10,60	13,36	14,34
Ucrânia	0,00	0,00	0,00	12,44	13,17	13,82	13,40
Polônia	14,95	16,48	15,83	11,89	11,88	11,87	11,80
Itália	9,35	10,64	11,12	12,31	11,28	11,34	11,00
Países Baixos	8,24	11,79	11,23	11,16	11,29	10,84	10,84
Austrália	7,76	5,57	6,46	11,18	10,87	11,62	10,64
México	3,92	6,94	6,33	9,31	9,47	9,66	9,84
Paquistão	2,08	2,19	3,52	8,04	8,19	8,35	8,62
Japão	4,76	6,50	8,19	8,50	8,30	8,39	8,36
Argentina	4,19	5,31	6,28	10,12	9,87	8,50	7,90
Canadá	8,31	7,41	7,98	8,09	8,11	7,96	7,88
Turquia	5,72	7,71	7,96	8,73	8,49	7,49	7,10
Espanha	4,46	6,05	5,83	6,11	6,15	6,02	6,08
Colômbia	2,25	2,16	4,04	5,76	5,88	6,02	6,05
<b>Mundo</b>	<b>359,28</b>	<b>422,32</b>	<b>479,16</b>	<b>490,61</b>	<b>495,84</b>	<b>505,75</b>	<b>506,85</b>

FONTE: FAO.

**TABELA 2/I - LEITE - PRODUÇÃO BRASILEIRA, SEGUNDO OS ESTADOS - 1985/2002**  
(1.000l)

ESTADO/ANO	1985	1995/96(1)	1998	1999	2000	2001	2002
Minas Gerais	3.772.411	5.499.862	5.688.011	5.801.063	5.865.486	5.981.223	6.177.356
Goiás	1.055.295	1.830.057	1.978.579	2.066.404	2.193.799	2.321.740	2.483.366
Rio Grande do Sul	1.280.804	1.885.640	1.914.556	1.974.662	2.102.018	2.222.054	2.329.607
Paraná	919.892	1.355.487	1.625.226	1.724.917	1.799.240	1.889.627	1.985.343
São Paulo	1.810.408	1.847.069	1.981.966	1.913.499	1.861.425	1.783.017	1.748.223
Santa Catarina	603.704	869.419	870.809	906.540	1.003.098	1.076.084	1.192.690
Bahia	648.995	633.339	682.503	672.394	724.897	739.099	752.026
Rondônia	47.279	343.069	371.975	408.749	422.255	475.596	644.103
Pará	122.660	287.217	311.315	311.162	380.319	459.165	576.794
Mato Grosso do Sul	268.014	385.526	426.896	409.044	427.261	445.179	472.208
Mato Grosso	122.917	375.426	406.374	411.390	422.743	442.803	467.095
Rio de Janeiro	424.191	434.719	455.144	457.736	468.752	446.676	447.403
Pernambuco	308.419	406.606	285.827	266.171	292.130	360.266	391.577
Espírito Santo	281.412	308.002	340.075	367.903	378.068	362.236	374.897
Ceará	354.021	384.836	313.297	325.267	331.873	328.127	341.029
Alagoas	110.022	188.172	244.928	214.813	217.887	244.046	224.014
Maranhão	97.559	139.451	137.548	142.596	149.976	155.452	195.447
Tocantins	88.501	144.921	140.318	152.726	156.018	166.020	186.069
Rio Grande do Norte	140.735	158.815	129.904	129.165	144.927	143.074	158.277
Paraíba	172.938	154.923	86.863	95.684	105.843	105.547	117.024
Sergipe	92.933	134.392	118.022	122.424	115.142	112.873	112.168
Acre	18.146	32.538	32.850	36.625	40.804	85.773	103.848
Piauí	62.336	73.459	71.062	73.302	76.555	77.628	74.930
Amazonas	19.325	27.005	35.436	36.054	36.680	37.704	39.571
Distrito Federal	14.986	19.716	32.889	36.683	36.318	36.597	37.163
Roraima	7.426	9.534	8.816	10.000	9.958	9.043	8.200
Amapá	1.089	2.049	2.713	3.062	3.735	3.307	3.310
<b>Brasil</b>	<b>12.846.418</b>	<b>17.931.249</b>	<b>18.693.914</b>	<b>19.070.048</b>	<b>19.767.206</b>	<b>20.509.953</b>	<b>21.643.740</b>

FONTES: IBGE, Censos Agropecuários de 1985 e de 1995-96 e Produção Pecuária Municipal.

(1) Período de 1/8/95 a 31/7/96.

Observação: Diferenças no total são provenientes de arredondamentos.

**TABELA 3/I - LEITE - COMPARATIVO ENTRE A PRODUÇÃO TOTAL E A DESTINADA À INDUSTRIALIZAÇÃO, SEGUNDO OS ESTADOS - 1998 e 2002**  
(1.000 l)

ESTADO/ANO	1998			2002		
	TOTAL	RECEBIDA	(%)	TOTAL	RECEBIDA	(%)
Minas Gerais	5.688.011	3.126.620	55,0	6.177.356	3.634.385	58,8
Goiás	1.978.579	1.445.517	73,1	2.483.366	1.613.289	65,0
Rio Grande do Sul	1.914.556	1.254.129	65,5	2.329.607	1.569.595	67,4
Paraná	1.625.226	860.466	52,9	1.985.343	1.070.740	53,9
São Paulo	1.981.966	1.891.689	95,4	1.748.223	2.383.167	136,3
Santa Catarina	870.809	350.580	40,3	1.192.690	554.518	46,5
Bahia	682.503	244.752	35,9	752.026	223.713	29,7
Rondônia	371.975	294.004	79,0	644.103	456.783	70,9
Pará	311.315	93.484	30,0	576.794	181.512	31,5
Mato Grosso do Sul	426.896	178.224	41,7	472.208	191.286	40,5
Mato Grosso	406.374	180.258	44,4	467.095	244.052	52,2
Rio de Janeiro	455.144	492.538	108,2	447.403	382.830	85,6
Pernambuco	285.827	53.825	18,8	391.577	94.522	24,1
Espírito Santo	340.075	174.341	51,3	374.897	200.112	53,4
Ceará	313.297	85.036	27,1	341.029	86.852	25,5
Alagoas	244.928	68.721	28,1	224.014	89.312	39,9
Maranhão	137.548	17.673	12,8	195.447	30.634	15,7
Tocantins	140.318	16.528	11,8	186.069	59.924	32,2
Rio Grande do Norte	129.904	59.097	45,5	158.277	80.300	50,7
Paraíba	86.863	8.366	9,6	117.024	9.594	8,2
Sergipe	118.022	7.904	6,7	112.168	19.271	17,2
Acre	32.850	10.468	31,9	103.848	9.228	8,9
Piauí	71.062	14.092	19,8	74.930	12.433	16,6
Amazonas	35.436	137	0,4	39.571	-	-
Distrito Federal	32.889	65.271	198,5	37.163	23.228	62,5
Roraima	8.816	1.653	18,8	8.200	29	0,4
Amapá	2.713	-	-	3.310	-	-
<b>Brasil</b>	<b>18.693.914</b>	<b>10.995.373</b>	<b>58,8</b>	<b>21.643.740</b>	<b>13.221.307</b>	<b>61,1</b>

FONTES: IBGE.

Observação: Diferenças no total são provenientes de arredondamentos.

**TABELA 4/I - LEITE - PRODUÇÃO DESTINADA À INDUSTRIALIZAÇÃO, SEGUNDO OS ESTADOS - 1998-2003**  
(1.000 l)

ESTADO/ANO	1998	1999	2000	2001	2002	2003 <sup>(1)</sup>
Minas Gerais	3.126.620	3.230.842	3.329.695	3.700.598	3.634.385	3.783.602
São Paulo	1.891.689	1.860.143	2.132.671	2.178.436	2.383.167	2.352.901
Goiás	1.445.517	1.358.909	1.454.712	1.713.588	1.613.289	1.644.656
Rio Grande do Sul	1.254.129	1.381.343	1.556.944	1.679.885	1.569.595	1.540.458
Paraná	860.466	897.112	945.927	1.034.990	1.070.740	1.171.409
Santa Catarina	350.580	396.629	479.279	551.421	554.518	618.224
Rondônia	294.004	321.622	384.455	386.276	456.783	519.639
Rio de Janeiro	492.538	469.988	438.313	432.195	382.830	392.047
Mato Grosso	180.258	176.494	184.897	213.363	244.052	260.242
Bahia	244.752	245.234	252.322	254.262	223.713	212.264
Mato Grosso do Sul	178.224	163.101	174.232	191.766	191.286	202.860
Espírito Santo	174.341	149.344	147.829	169.261	200.112	201.556
Pará	93.484	101.930	137.855	168.228	181.512	191.831
Pernambuco	53.825	23.162	69.839	96.430	94.522	90.487
Alagoas	68.721	70.704	89.091	96.205	89.312	89.284
Ceará	85.036	86.263	94.880	86.000	86.852	87.039
Tocantins	16.528	34.719	45.080	59.986	59.924	80.570
Rio Grande do Norte	59.097	59.841	74.680	79.295	80.300	74.070
Maranhão	17.673	17.586	22.024	30.309	30.634	45.766
Sergipe	7.904	9.093	8.817	16.232	19.271	26.327
Piauí	14.092	11.121	11.342	11.348	12.433	11.378
Distrito Federal	65.271	55.015	55.574	46.169	23.228	11.102
Acre	10.468	8.350	8.167	8.657	9.228	9.898
Paraíba	8.366	8.556	7.979	7.527	9.594	9.045
Roraima	1.653	1.812	1.138	277	29	339
Amazonas	137	8	-	-	-	217
<b>Brasil</b>	<b>10.995.373</b>	<b>11.138.930</b>	<b>12.107.741</b>	<b>13.212.710</b>	<b>13.221.307</b>	<b>13.627.205</b>

FONTE: IBGE.

<sup>(1)</sup> Dados preliminares.

Obs.: Diferenças no total são provenientes de arredondamentos.

**TABELA 5/I - LEITE - PRODUÇÃO BRASILEIRA DESTINADA À INDUSTRIALIZAÇÃO, SEGUNDO OS MESES - 1998-2003**

(1.000 l)

MÊS/ANO	1998	1999	2000	2001	2002	2003 <sup>(1)</sup>
Janeiro	1.030.320	1.028.956	1.083.710	1.193.407	1.195.537	1.275.457
Fevereiro	881.126	893.282	1.001.475	1.008.155	1.047.697	1.103.451
Março	905.385	940.534	988.188	1.060.550	1.078.325	1.141.971
Abril	820.389	874.957	899.857	1.004.622	1.060.808	1.057.016
Maiο	832.587	879.926	901.861	1.014.858	1.063.712	1.048.204
Junho	825.582	847.894	861.098	1.049.435	1.039.875	1.035.438
Julho	869.001	909.341	918.272	1.107.755	1.064.154	1.077.305
Agosto	916.544	922.791	968.794	1.117.504	1.100.078	1.098.359
Setembro	924.670	898.472	1.024.031	1.102.850	1.058.913	1.077.521
Outubro	969.400	935.473	1.123.015	1.169.042	1.117.072	1.170.836
Novembro	994.168	965.151	1.132.015	1.176.927	1.146.884	1.217.024
Dezembro	1.026.201	1.042.153	1.205.425	1.207.605	1.248.252	1.328.852
<b>Total</b>	<b>10.995.373</b>	<b>11.138.930</b>	<b>12.107.741</b>	<b>13.212.710</b>	<b>13.221.307</b>	<b>13.631.434</b>

FONTE: IBGE.

(1) Dados preliminares.

**TABELA 6/I - LEITE E DERIVADOS - IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS -1992-2003**

ANO	TONELADA	US\$1000	US\$/t
1992	42.513	72.064	1.695
1993	87.718	149.155	1.700
1994	152.083	258.234	1.698
1995	355.619	610.406	1.716
1996	330.227	514.288	1.557
1997	318.747	454.670	1.426
1998	384.124	508.829	1.325
1999	383.674	439.951	1.147
2000	307.116	373.189	1.215
2001	141.189	178.607	1.265
2002	215.331	247.557	1.150
2003	83.557	112.292	1.344

FONTE: Secex/Decex (maio/04).

**TABELA 7/I - LEITE E DERIVADOS - IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES - 2001-2003**

PAÍS	2001		2002		2003	
	TONELADA	US\$1000	TONELADA	US\$1000	TONELADA	US\$1000
Argentina	59.758	101.596	94.442	128.471	31.785	50.881
Uruguai	42.670	29.124	63.204	69.637	24.880	39.295
Nova Zelândia	5.172	13.292	22.530	18.739	8.376	6.248
França	7.633	8.226	6.970	6.405	8.293	7.507
Polônia	928	549	5.184	2.601	2.816	1.114
Holanda	5.569	4.785	4.921	4.046	2.616	1.987
EUA	9.906	5.197	8.968	4.549	2.452	897
Chile	288	257	4.493	6.132	1.026	1.625
Finlândia	75	54	365	272	382	262
Alemanha	717	993	492	502	221	241
Bélgica	405	617	102	411	158	525
Suíça	512	1.165	265	874	137	571
Itália	262	982	211	826	131	521
Canadá	2.078	872	1.503	882	100	175
Dinamarca	4.512	10.239	816	2.716	94	322
Outros	702	660	865	497	90	121
<b>Total</b>	<b>141.189</b>	<b>178.607</b>	<b>215.331</b>	<b>247.557</b>	<b>83.557</b>	<b>112.292</b>

FONTE: Secex/Decex (Maio/04).

**TABELA 8/I - LEITE E DERIVADOS - IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS - JANEIRO A MAIO - 1992-2004**

ANO	TONELADA	US\$1000	US\$/t
1992	27.214	45.329	1.666
1993	22.409	40.733	1.818
1994	18.015	28.644	1.590
1995	149.428	245.281	1.641
1996	98.757	162.434	1.645
1997	128.318	186.098	1.450
1998	146.156	194.874	1.333
1999	133.754	162.514	1.215
2000	133.354	149.327	1.120
2001	72.678	91.450	1.258
2002	76.735	96.361	1.256
2003	42.297	54.531	1.289
2004	20.671	30.400	1.471

FONTE: Secex/Decex (junho/04).

**TABELA 9/I - LEITE E DERIVADOS - EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - 1992-2003**

ANO	TONELADA	US\$1000	US\$/t
1992	3.694	10.023	2.713
1993	14.195	22.661	1.596
1994	1.339	2.726	2.035
1995	2.407	5.846	2.429
1996	7.786	19.257	2.473
1997	4.304	9.410	2.186
1998	3.000	8.105	2.702
1999	4.398	7.520	1.710
2000	8.928	13.361	1.497
2001	19.371	25.030	1.292
2002	40.123	40.246	1.003
2003	44.444	48.508	1.091

FONTE: Secex/Decex (maio/04).

**TABELA 10/I - LEITE E DERIVADOS - EXPOR-  
TAÇÕES BRASILEIRAS - JANEIRO A MAIO  
- 1992-2004**

ANO	TONELADA	US\$ 1000	US\$/t
1992	419	1.626	3.882
1993	13.372	21.230	1.588
1994	571	1.156	2.026
1995	689	1.576	2.286
1996	3.205	7.402	2.309
1997	353	979	2.777
1998	1.596	3.951	2.475
1999	906	2.325	2.566
2000	2.993	4.266	1.425
2001	3.630	5.644	1.555
2002	14.190	16.932	1.193
2003	10.935	11.550	1.056
2004	17.610	23.855	1.355

FONTE: Secex/Decex (junho/04).

**TABELA 11/I - LEITE - PRODUÇÃO CATARINENSE, SEGUNDO AS MICRO E MESORREGIÕES - 1985/2002  
(1.000 l)**

MICRO E MESORREGIÃO	1985	1995/96 <sup>(1)</sup>	1998	1999	2000	2001	2002
Chapecó	75.139	145.240	122.642	128.861	167.552	178.195	250.940
Concórdia	50.351	90.351	94.282	99.737	103.500	118.424	135.196
Joaçaba	60.603	83.293	88.046	90.085	93.362	94.703	97.452
São Miguel do Oeste	61.030	128.612	142.955	159.157	174.002	204.481	225.952
Xanxerê	23.370	37.655	36.668	39.064	64.391	70.106	81.280
<b>Oeste Catarinense</b>	<b>270.493</b>	<b>485.151</b>	<b>484.594</b>	<b>516.906</b>	<b>602.808</b>	<b>665.910</b>	<b>790.821</b>
Canoinhas	21.609	46.422	44.675	43.396	46.320	46.470	46.490
Joinville	32.659	22.900	22.853	23.171	22.512	20.177	19.350
São Bento do Sul	4.401	4.903	5.150	5.141	5.219	5.259	5.595
<b>Norte Catarinense</b>	<b>58.669</b>	<b>74.225</b>	<b>72.678</b>	<b>71.708</b>	<b>74.051</b>	<b>71.906</b>	<b>71.435</b>
Florianópolis	6.767	6.392	7.069	7.933	7.935	7.948	9.199
Tabuleiro	9.219	12.436	13.127	13.353	15.196	15.541	21.690
Tijucas	9.509	9.315	7.766	8.055	9.303	9.939	8.573
<b>Grande Florianópolis</b>	<b>25.495</b>	<b>28.143</b>	<b>27.963</b>	<b>29.341</b>	<b>32.433</b>	<b>33.428</b>	<b>39.462</b>
Campos de Lages	34.315	36.567	39.164	40.172	40.505	41.449	41.828
Curitibanos	12.838	14.708	14.826	14.700	13.666	13.245	13.842
<b>Serrana</b>	<b>47.153</b>	<b>51.275</b>	<b>53.990</b>	<b>54.873</b>	<b>54.171</b>	<b>54.695</b>	<b>55.669</b>
Araranguá	14.526	14.778	14.596	12.081	11.585	11.640	11.666
Criciúma	14.781	18.004	16.663	16.380	17.629	18.348	17.737
Tubarão	32.866	48.245	49.267	49.466	50.279	50.653	50.789
<b>Sul Catarinense</b>	<b>62.173</b>	<b>81.027</b>	<b>80.527</b>	<b>77.927</b>	<b>79.493</b>	<b>80.641</b>	<b>80.192</b>
Blumenau	48.995	38.971	40.784	41.223	40.701	39.989	35.573
Itajaí	5.908	6.737	7.868	8.832	8.870	9.642	10.638
Ituporanga	18.879	22.964	23.922	24.946	26.205	30.225	26.688
Rio do Sul	65.939	80.925	78.479	80.779	84.365	89.648	82.213
<b>Vale do Itajaí</b>	<b>139.721</b>	<b>149.597</b>	<b>151.055</b>	<b>155.781</b>	<b>160.142</b>	<b>169.505</b>	<b>155.111</b>
<b>SANTA CATARINA</b>	<b>603.704</b>	<b>869.418</b>	<b>870.809</b>	<b>906.540</b>	<b>1.003.098</b>	<b>1.076.084</b>	<b>1.192.690</b>

FONTE: IBGE.

(1) Período de 1/8/95 a 31/7/96.

Obs.: Diferenças no total são provenientes de arredondamentos.

**TABELA 12/I - LEITE - PRODUÇÃO INSPECIONADA - TOTAL DAS INDÚSTRIAS E POSTOS DE RESFRIAMENTO CATARINENSES - 1998-2003**

(1.000 l)

ANO/MÊS	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Janeiro	40.450	37.109	44.983	59.862	69.607	72.084
Fevereiro	36.116	34.005	42.641	54.707	57.936	64.163
Março	36.613	35.092	41.754	55.139	57.917	63.968
Abril	32.660	31.872	37.788	49.603	53.297	58.133
Mai	32.655	32.878	41.330	51.308	56.749	61.727
Junho	32.728	33.379	43.898	52.513	62.651	65.725
Julho	36.263	41.677	49.478	60.264	68.480	73.642
Agosto	39.485	44.926	54.780	65.788	74.938	80.783
Setembro	40.501	46.153	56.115	67.480	75.324	82.193
Outubro	42.343	44.233	53.964	67.271	79.598	82.985
Novembro	42.088	43.709	53.325	66.651	76.292	81.098
Dezembro	43.908	45.456	55.456	69.414	77.210	83.500
<b>Total</b>	<b>455.809</b>	<b>470.489</b>	<b>575.513</b>	<b>720.000</b>	<b>810.000</b>	<b>870.000</b>

FONTE: Estimativas do Instituto Cepa/SC.

**TABELA 13/I - LEITE - PRODUÇÃO DESTINADA À INDUSTRIALIZAÇÃO EM SANTA CATARINA, SEGUNDO OS MESES - 1998-2003**

(1.000 l)

ANO/MÊS	1998	1999	2000	2001	2002	2003 <sup>(1)</sup>
Janeiro	29.281	32.759	37.729	47.386	48.827	57.367
Fevereiro	25.289	30.056	35.587	39.441	44.144	47.806
Março	25.564	30.139	33.657	39.428	44.186	47.839
Abril	23.927	27.719	31.437	36.283	42.514	40.960
Mai	24.528	28.802	33.723	38.633	42.812	41.937
Junho	26.538	28.826	36.344	42.651	43.745	43.710
Julho	30.939	34.013	39.798	46.619	46.393	50.971
Agosto	32.759	36.974	43.687	51.015	47.420	54.467
Setembro	33.806	37.701	46.278	51.278	45.791	55.907
Outubro	34.061	36.003	48.298	54.188	49.885	59.381
Novembro	31.479	35.569	45.356	51.937	47.513	57.771
Dezembro	32.409	38.068	47.385	52.562	51.288	60.108
<b>Total</b>	<b>350.580</b>	<b>396.629</b>	<b>479.279</b>	<b>551.421</b>	<b>554.518</b>	<b>618.224</b>

FONTE: IBGE.

<sup>(1)</sup> Dados preliminares.

**TABELA 14/I - LEITE - PREÇOS MÉDIOS<sup>(1)</sup> MENSAIS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE SANTA CATARINA - 1998-2004**

ANO/MÊS	(R\$/l)							(US\$/l)						
	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Janeiro	0,21	0,23	0,26	0,25	0,27	0,41	0,40	0,19	0,15	0,14	0,13	0,11	0,12	0,14
Fevereiro	0,21	0,22	0,27	0,25	0,27	0,42	0,39	0,19	0,11	0,15	0,12	0,11	0,12	0,13
Março	0,21	0,23	0,27	0,26	0,28	0,43	0,39	0,19	0,12	0,15	0,12	0,12	0,12	0,13
Abril	0,22	0,23	0,27	0,28	0,30	0,44	0,40	0,19	0,14	0,15	0,13	0,13	0,14	0,14
Mai	0,23	0,23	0,29	0,30	0,32	0,43	0,42	0,20	0,14	0,16	0,13	0,13	0,15	0,14
Junho	0,23	0,23	0,30	0,32	0,33	0,44	0,45	0,20	0,13	0,17	0,13	0,12	0,15	0,14
Julho	0,24	0,26	0,32	0,33	0,34	0,43		0,21	0,14	0,18	0,13	0,12	0,15	
Agosto	0,24	0,25	0,35	0,30	0,35	0,43		0,20	0,13	0,19	0,12	0,11	0,14	
Setembro	0,24	0,25	0,34	0,26	0,35	0,43		0,20	0,13	0,18	0,10	0,10	0,15	
Outubro	0,23	0,23	0,31	0,24	0,35	0,43		0,19	0,12	0,16	0,09	0,09	0,15	
Novembro	0,23	0,24	0,27	0,25	0,36	0,43		0,19	0,12	0,14	0,10	0,10	0,15	
Dezembro	0,22	0,25	0,25	0,26	0,38	0,42		0,18	0,14	0,13	0,11	0,10	0,14	
<b>Média</b>	<b>0,23</b>	<b>0,24</b>	<b>0,29</b>	<b>0,28</b>	<b>0,33</b>	<b>0,43</b>	<b>0,41</b>	<b>0,19</b>	<b>0,13</b>	<b>0,16</b>	<b>0,12</b>	<b>0,11</b>	<b>0,14</b>	<b>0,14</b>

FONTE: Instituto Cepa/SC.

<sup>(1)</sup> Posto na plataforma das indústrias.

Tabajara Marcondes

# MEL

## Panorama Mundial

O setor melífero mundial expande-se a cada ano. São mais de 130 países que se dedicam à exploração da atividade no planeta. As estimativas da FAO para 2003 mostravam uma produção da ordem de aproximadamente 1,31 milhão de toneladas de mel de abelha - aumento de 2,6% em relação ao ano anterior -, proporcionando um valor bruto anual de aproximadamente 2 bilhões de dólares. Este montante, todavia, aumenta sensivelmente à medida que são agregados às atividades melíferas produtos, subprodutos (como geléia real, pólen) e serviços (polinização). Os países com maior destaque na produ

ção, por ordem de importância, foram a China (20,8%), a Argentina (6,5%), os Estados Unidos (6,3%), a Turquia (5,7%), o México (4,3%), a Ucrânia e a Índia, com 4,0% cada, responsáveis por mais da metade (55%) do mel produzido, conforme mostra a tabela 1.

Além da produção de mel, as abelhas realizam os serviços de polinização (uma prática que começa a integrar as atividades agropecuárias em todo o mundo), com o que contribuem significativamente para o aumento da qualidade e da produtividade de produtos da horticultura (frutas e ver-

TABELA 1/I - MEL – QUANTIDADE PRODUZIDA NO MUNDO E NOS PRINCIPAIS PAÍSES - 2000-2003

PAÍS	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)		
	2000	2002	2003
<b>Mundo</b>	<b>1.260.357</b>	<b>1.277.859</b>	<b>1.311.014</b>
Alemanha	25.951	14.620	22.000
Angola	23.000	23.000	23.000
Argentina	80.000	85.000	85.000
Austrália	21.500	22.000	22.500
Brasil	22.220	23.995	24.000
Canadá	35.388	37.072	33.566
China	254.358	267.830	273.300
Coréi do Sul	22.040	25.500	25.500
Espanha	31.617	36.101	36.101
Estados Unidos	84.335	77.890	82.144
Etiópia	29.000	29.000	29.000
Federação Russa	52.659	49.400	50.000
Índia	52.000	52.000	52.000
Irã	26.600	28.045	29.000
Quênia	24.940	22.000	22.000
México	59.069	58.890	55.840
Romênia	12.598	13.434	17.409
Tanzânia	26.500	26.500	26.500
Turquia	60.190	74.555	75.000
Ucrânia	60.043	51.144	52.000

FONTE: FAO (jun/04).

duras), da lavoura (principalmente grãos) e das pastagens. Estes serviços se intensificaram e vêm sendo utilizados sistematicamente, principalmente nos países produtores de frutas com uso de alta tecnologia.

O consumo de mel *in natura* ainda é praticamente inexpressivo na maioria dos países produtores. O consumo mundial per capita é de aproximadamente 300g/pessoa/ano, enquanto alguns países da comunidade europeia consomem, em média, 700g/pessoa/ano.

Para se ter uma idéia, segue-se, por ordem de importância do país, o consumo anual por pessoa: Áustria, 1.600 gramas; Alemanha, 1.200 gramas; França, 900 gramas; Canadá, 800 gramas; Estados Unidos, 600

gramas; Brasil, 300 gramas; Argentina, 200 gramas e México, 100 gramas.

Em 2002, segundo dados da FAO, foram exportadas 406 mil toneladas de mel *in natura* para os principais centros consumidores mundiais, representando um montante de 698 milhões de dólares. Dentre os mercados, merecem destaque o argentino, o chinês, o mexicano, o canadense e o alemão, responsáveis por cerca de 58% das vendas.

Quanto aos valores comercializados, houve um incremento de 58% em relação a 2001, demonstrando uma relativa recuperação de 40,6% nos preços médios negociados, conforme a tabela 2.

TABELA 2/I - MEL – QUANTIDADE E VALOR DAS EXPORTAÇÕES, TOTAL E NOS PRINCIPAIS PAÍSES – 2000-2002

PAÍS	2000		2001		2002	
	QUANTIDADE (t)	VALOR (US\$1000)	QUANTIDADE (t)	VALOR (US\$1000)	QUANTIDADE (t)	VALOR (US\$1000)
<b>Mundo</b>	<b>373.732</b>	<b>439.111</b>	<b>361.132</b>	<b>441.248</b>	<b>406.037</b>	<b>697.447</b>
Alemanha	22.307	38.606	20.273	34.737	22.222	53.465
Argentina	88.467	87.203	73.032	71.508	79.986	114.170
Austrália	9.077	14.337	8.486	13.165	8.504	16.281
Brasil	269	331	2.489	2.809	12.640	23.141
Bulgária	5.277	5.068	3.381	3.960	4.079	6.101
Canadá	15.513	21.117	12.862	21.249	22.921	57.155
Chile	4.616	4.811	6.506	6.649	6.228	9.300
China	103.727	88.137	107.351	99.804	77.276	81.910
Cuba	5.697	5.831	6.022	5.750	4.413	5.491
Espanha	8.892	17.238	7.968	14.476	14.834	31.983
Hungria	12.806	16.413	12.725	19.255	15.023	36.605
Índia	1.534	1.810	3.210	3.995	6.647	10.880
México	31.115	34.805	22.923	28.086	34.457	65.013
Romênia	7.512	7.727	6.869	8.339	5.793	12.359
Tailândia	2.711	1.451	4.361	4.671	4.441	4.474
Turquia	3.515	5.889	4.328	6.800	15.294	30.687
Uruguai	2.899	2.940	9.646	9.247	9.471	14.654
Vietnã	3.400	3.400	7.600	8.700	15.876	17.982

FONTES: FAO (jun/04).

O volume de produto importado, negociado em 2002, foi 13,4% maior do que no ano anterior. Em valores percentuais, os maiores aumentos nas compras, por ordem de importância, aconteceram nos mercados da Austrália, com 485,0%, da Índia, com 208,5%; da Polônia, com 43,1%; dos Estados Unidos, com 39,9%; da China, com 25,2% e da Holanda, com 20,8%. Entretanto, as maiores aquisições foram feitas pela Alemanha, representando 24,4% de todas as transações, seguida pelos Estados Unidos, com 22,7%, o Japão, com 11%, e o Reino Unido, com 7,4%.

A tabela 3 permite visualizar o comportamento das quantidades e dos valores das importações nos principais países no período de 2000 a 2002.

Observa-se, ainda, que alguns países com relativa participação na produção mundial de mel e com expressão nas vendas para o mercado externo aparecem no quadro das estatísticas também como importadores potenciais. É o caso da Alemanha, dos Estados Unidos, dentre outros, que adquirem o produto *in natura*, processam o produto e o disponibilizam novamente no mercado. Essa tática, bastante usual entre importadores, possibilita uma maior agregação de valor ao produto e subproduto dessa e de outras atividades.

**TABELA 3/1 - MEL- QUANTIDADE E VALOR DAS IMPORTAÇÕES, TOTAL E NOS PRINCIPAIS PAÍSES  
- 2000-2002**

PAÍS	2000		2001		2002	
	QUANTIDADE (t)	VALOR (US\$1000)	QUANTIDADE (t)	VALOR (US\$1000)	QUANTIDADE (t)	VALOR (US\$1000)
<b>Mundo</b>	<b>372.451</b>	<b>440.995</b>	<b>356.806</b>	<b>459.894</b>	<b>404.475</b>	<b>703.208</b>
Alemanha	95.016	104.894	92.200	110.395	98.909	161.609
Arábia Saudita	6.397	13.323	7.730	26.517	4.920	19.751
Austrália	181	776	768	1.887	4.493	7.840
Áustria	4.430	6.374	4.612	6.975	5.474	11.933
Bélgica	10.144	13.973	10.475	13.937	8.561	17.415
China	6.137	7.292	3.873	5.662	4.849	6.496
Dinamarca	5.596	6.026	6.557	7.171	4.410	8.464
Espanha	13.625	13.347	14.756	14.804	10.910	16.919
Estados Unidos	89.890	96.018	65.749	76.350	92.007	165.706
França	15.724	21.735	15.547	22.563	16.836	35.889
Índia	1.163	1.182	1.098	1.526	3.387	3.652
Itália	12.487	15.021	11.961	15.028	14.073	27.900
Japão	40.077	38.747	40.188	41.776	45.038	56.362
Holanda	8.234	12.366	4.549	7.596	5.495	12.198
Polônia	1.126	1.287	3.180	3.039	4.550	4.860
Reino Unido	22.748	23.790	26.151	29.270	29.901	51.695
Suíça	6.784	11.708	6.921	12.414	6.747	14.401
Tailândia	236	481	3.123	4.105	3.327	4.350

FONTE: FAO (jun/04).

## Panorama Nacional

O Brasil, com seus 8,513 milhões de quilômetros quadrados de extensão territorial, tem vegetação e clima diversificados e favoráveis à exploração da atividade apícola em praticamente todos os estados. A produção nacional de mel ocupa o 15º lugar no ranking mundial. Esta participação praticamente se mantém nos últimos anos. Entretanto, poderá conquistar mais espaços no mercado mediante a intensificação dos trabalhos de parcerias entre os diversos segmentos da cadeia produtiva da atividade, tornando os produtos e subprodutos apícolas mais competitivos. Isto será possível graças a aspectos de: competência, qualidade, marca, preços, investimentos em inovação de processos, marketing e capacitação em recursos humanos.

A apicultura nacional a cada ano contribui mais ativamente na geração de benefícios econômicos e sociais, através da geração de milhares de empregos (diretos e indiretos), como, por exemplo, nos serviços de manutenção dos apiários, na produção de equipamentos e no manejo de produtos e serviços de mel, pólen, cera, geléia real e polinização de pomares.

Em 2002, as informações disponíveis através do IBGE informavam uma produção nacional de aproximadamente 24,0 mil toneladas. Os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Piauí obtiveram as maiores produções, responsáveis por cerca de 80% do volume total produzido, conforme mostra a tabela 4.

TABELA 4/I - MEL - PRODUÇÃO BRASILEIRA E DOS PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES - 1999-2002  
(t)

ANO	1999	2000	2001	2002
<b>Brasil</b>	<b>19.751</b>	<b>21.865</b>	<b>22.220</b>	<b>23.995</b>
Rio Grande do Sul	5.985	5.815	6.045	5.605
Santa Catarina	3.344	3.984	3.775	3.829
Paraná	2.540	2.871	2.925	2.844
Minas Gerais	1.885	2.101	2.068	2.408
Piauí	1.587	1.863	1.741	2.222
São Paulo	1.805	1.830	2.053	2.057
Demais estados	2.605	3.401	3.612	5.031

FONTES: IBGE.

Em 2003, segundo estimativa da Confederação Brasileira de Apicultores (CBA), a produção de mel deverá oscilar entre 45 mil e 50 mil toneladas.

A CBA enfatiza, ainda, que a atividade apícola nacional continua carecendo de dados e informações mais uniformes, principalmente nos segmentos de produção, beneficiamento e comercialização, focando pontos fundamentais como: produção existente, número de apicultores (profissional e amador), entrepostos de venda (número existente, onde se encontram e qual a sua capacidade), prática de manejo dos apiários e do mel extraído, embalagem (especificando a origem do produto, tipo de florada, data de validade) e selo de qualidade, dentre outros.

Estes e outros aspectos poderão ser alcançados através da intensificação do trabalho de parceria com os estados produtores, mediante uma maior integração e conscientização entre a federação, as associações de apicultores e os diversos agentes da cadeia produtiva de mel.

O setor apícola nacional é constituído de uma confederação, oito federações, cer-

ca de 700 associações (organizadas e legalmente instituídas), 1.600 entrepostos de comercialização, 190 mil apicultores e dois milhões de colméias. O número de apicultores e de colméias, entretanto, deverá subir substancialmente à medida que forem computados os agricultores que exploram a atividade apícola apenas como fonte de renda complementar da família.

Quanto ao consumo brasileiro de mel *in natura*, continua baixo, principalmente quando comparado ao da Alemanha e Holanda, que é de 1.800 e 1.600 g/hab/ano, respectivamente.

O mel de abelha, nesses e noutros países, há muito tempo deixou de ser um produto de uso medicinal (cura de gripe, regulador de intestino, etc.) e passou a ser mais uma fonte complementar de alimento pelos seus diversos componentes - vitaminas, aminoácidos e sais minerais -, essenciais ao organismo humano.

Esta consciência por parte da população brasileira é importante e será possível graças ao trabalho de divulgação das diversas instituições apícolas, à promoção de feiras, exposições, seminários, servi-

ços de marketing, dentre outros, propiciando maior conhecimento sobre os diversos benefícios resultantes do uso regular de seus produtos e subprodutos, tais como a geléia real, o pólen, o própolis, etc.

O setor apícola nacional, a cada ano, vem conquistando novos espaços e aumentando gradativamente a sua participação no volume das vendas do produto *in natura* e de seus subprodutos para os mercados da Alemanha, dos Estados Unidos e do Reino Unido. Entretanto, os mercados da Alemanha e dos Estados Unidos nos anos de 2002 e 2003 foram responsáveis por mais de 90% das vendas nacionais, conforme mostra a tabela 5.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior e do Departamento de Operações de Comércio Exterior (Secex/Decex), as vendas nacionais, principalmente para esses mercados, cresceram sensivelmente, passando de 12,6 toneladas mil toneladas em 2002 para 19,3 mil toneladas em 2003, registrando um aumento de 53,2%. Em 2004, somente nos cinco primeiros meses, o volume comercializado atingiu 10,7 mil toneladas, com incremento de 37,7% em

relação a igual período do ano anterior, conforme tabela 6.

Em 2003, o preço médio do produto comercializado no mercado internacional esteve bastante remunerador: 29,1% acima dos valores pagos em 2002 e de 4,0% em relação a 2004 (igual período de 2003). Isto foi possível graças à boa performance da atividade no Brasil, que continua produzindo com qualidade, consciente de que é possível competir em igualdade de condições com outros mercados.

As vendas *in natura* para o mercado externo apresentaram o comportamento de preços, segundo os estados vendedores, mostrado na tabela 7.

**TABELA 5/I – MEL - VALOR E QUANTIDADE DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS, POR PAÍS DE DESTINO – 2002-2004**

PAÍS	VALOR FOB (US\$1000,00)			QUANTIDADE (t)		
	2002	2003	2004	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>
Alemanha	9.036	24.883	16.305	5.391	10.563	7.080
Bélgica	376	580	597	224	238	260
Espanha	117	492	1.214	103	222	512
Estados Unidos	12.418	16.130	1.552	6.139	6.777	675
Reino Unido	1.052	2.679	4.571	703	1.163	1.986
<b>Total</b>	<b>23.040</b>	<b>44.764</b>	<b>24.519</b>	<b>12.560</b>	<b>18.963</b>	<b>10.513</b>

FONTE: Secex/Decex(jun/04).

(<sup>1</sup>)Acumulado nos meses de janeiro a maio de 2004.

TABELA 6/I - MEL - QUANTIDADE E VALOR DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS, POR ESTADO - 2002-2004

ESTADO	VALOR FOB (US\$ 1000,00)			QUANTIDADE (t)		
	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>
<b>Brasil</b>	<b>23.141,2</b>	<b>45.545,1</b>	<b>24.836,5</b>	<b>12.640,5</b>	<b>19.273,1</b>	<b>10.738,5</b>
Ceará	1.278,4	6.996,0	1.586,1	741,3	3.009,8	724,0
Minas Gerais	3.461,9	5.642,3	1.851,5	1.965,6	2.342,3	805,1
Paraná	1.568,4	1.899,8	462,3	902,2	814,2	200,2
Piauí	10.348,7	14.988,2	9.251,4	5.387,0	6.336,7	3.946,8
Rio Grande do Sul	1.682,3	4.590,2	3.283,8	848,7	1.911,6	1.394,6
Santa Catarina	4.634,3	9.511,2	5.468,8	2.717,8	4.036,4	2.362,5
São Paulo	164,9	1.281,7	2.349,4	77,1	555,1	1.047,8

FONTE: Secex/Decex (jun/03).

(<sup>1</sup>)Acumulado nos meses de janeiro a maio de 2004.

TABELA 7/I - MEL DE ABELHA - PREÇOS MÉDIOS DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS, MÉDIA NACIONAL E DOS PRINCIPAIS ESTADOS - 2000-2004 (US\$/t)

ANO	MÉDIA NACIONAL	CEARÁ	MINAS GERAIS	PARANÁ	PIAÚÍ	RIO GRANDE DO SUL	SANTA CATARINA	SÃO PAULO
2002	1.830,72	1.724,54	1.761,24	1.738,42	1.921,05	1.982,21	1.705,17	2.138,78
2003	2.363,14	2.324,41	2.408,87	2.333,33	2.365,30	2.401,23	2.356,36	2.308,95
2004	2.312,85	2.190,75	2.299,71	2.309,19	2.344,03	2.354,65	2.314,84	2.242,22

FONTE: Secex/Decex.

## Panorama Estadual

Santa Catarina possui uma farta vegetação, tanto natural como cultivada. Considerada de boa qualidade floral e melífera, proporciona excelentes condições para a exploração da atividade apícola em todo o seu território, contribuindo como mais uma fonte de renda para o produtor e sua família.

A apicultura estadual, além da produção de mel, gera uma infinidade de produtos e subprodutos, tais como: cera, própolis, geléia real e pólen, dentre outros, além de realizar os serviços de polinização que contribuem para a melhoria da produtividade da maioria dos produtos agrícolas (frutas, sementes, grãos, etc.) e das pastagens.

São mais de 30 mil apicultores, entre profissionais e amadores, que exploram mais de 400 mil colméias, distribuídas em todos os municípios catarinenses. Desse total, o contingente de profissionais é de aproximadamente 3 mil, enquanto os amadores consideram a atividade apenas uma fonte complementar de renda da família.

O setor conta com o apoio de uma federação, 72 associações de apicultores e 40 entrepostos de compra e venda, distribuídos pelo estado.

Segundo o IBGE, as maiores produções estão concentradas nas mesorre-

giões do Oeste Catarinense, Sul Catarinense e Serrana; o rendimento médio oscila entre 14 e 26 kg/colméia, principalmente em função das condições climáticas (índice pluviométrico e de insolação, temperaturas, umidade relativa, etc.), da localização geográfica do apiário, da disponibilidade de florada, dentre outros fatores que poderão influir no trabalho das abelhas, além da qualidade e do sabor do mel.

A maior densidade de colméias por apicultor, segundo a Faasc e a Epagri/Cepea, encontra-se nas mesorregiões Sul Catarinense e Vale do Itajaí, e os maiores rendimentos, nas mesorregiões Sul Catarinense e Serrana.

Entretanto, alguns municípios da região Serrana, nos últimos anos, têm aumentado de forma desordenada a população de abelhas. Este procedimento poderá afetar a produtividade média por colméia por falta de alimento, prejudicando o apicultor.

A tabela 8 mostra o período de colheita de mel, o tipo de florada predominante, o número estimado de colméias por apicultor, bem como o rendimento médio

por colméia nas mesorregiões produtoras de Santa Catarina.

As informações disponíveis (IBGE) sobre o mel catarinense indicavam em 2002 uma produção de 3,8 mil toneladas (Tabela 9), assegurando ao setor apícola do estado a segunda posição nacional - a primeira pertence ao Rio Grande do Sul (5,6 mil t).

Para 2004, as condições climáticas propiciaram a formação de florada abundante em todas as regiões produtoras do estado, favorecendo o trabalho regular das abelhas, além de contribuir para a obtenção de mel de boa qualidade, com grande aceitação no mercado nacional e estrangeiro. As projeções de produção feitas pela Epagri/Cepea e a Faasc assinalam entre 6 mil e 6,5 mil toneladas de produto (computando, inclusive, a produção informal).

Quanto ao destino do mel e derivados, estima-se que aproximadamente 20% da produção seja consumida no mercado catarinense. Os 80% restantes são comercializados principalmente nos centros consumidores de São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Goiás, Minas Gerais e To-

**TABELA 8/1 - MEL - PERÍODO DE COLHEITA, TIPO DE FLORADA, NÚMERO DE COLMEIA POR APICULTOR E RENDIMENTO POR COLMEIA, POR MESORREGIÃO - SANTA CATARINA - 2003**

MESORREGIÃO	PERÍODO DE COLHEITA	TIPO DE FLORADA PREDOMINANTE	COLMÉIA/ APICULTOR (nº)	RENDIMENTO/ COLMÉIA (kg)
Oeste Catarinense	Agosto a novembro	Silvestre, uva-do-Japão e laranja	7	13,1
Norte Catarinense	Setembro a novembro	Silvestre, vassouras e bracatinga	26	14,5
Serrana	Setembro a dezembro	Silvestre, vassouras e bracatinga	23	18,3
Grande Florianópolis	Setembro a novembro	silvestre	26	15,8
Vale do Itajaí	Agosto a dezembro	silvestre	34	17,0
Sul Catarinense	Março a maio	eucalipto	87	25,8

FONTE: Epagri/ICepa/SC e Faasc.

TABELA 9/1 - MEL – QUANTIDADE PRODUZIDA E PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL POR MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA - SANTA CATARINA - 1999 - 2002

ANO	QUANTIDADE PRODUZIDA (t)				PARTICIPAÇÃO % EM 2002
	1999	2000	2001	2002	
<b>Santa Catarina</b>	<b>3.344,3</b>	<b>3.983,7</b>	<b>3.774,7</b>	<b>3.828,8</b>	<b>100,0</b>
Araranguá	84,5	120,0	(1)	76,0	2,0
Blumenau	111,0	122,0	161,4	85,2	2,2
Campos de Lages	392,0	535,8	578,2	561,1	14,7
Canoinhas	422,0	418,0	290,5	359,0	9,4
Chapecó	239,1	296,6	294,6	276,6	7,2
Concórdia	100,4	120,3	134,3	142,1	3,7
Criciúma	398,1	723,5	660,5	684,4	17,9
Curitibanos	102,5	108,1	115,0	125,3	3,3
Florianópolis	43,1	43,3	47,2	47,3	1,2
Itajaí	16,9	17,4	17,4	16,8	0,4
Ituporanga	83,6	74,2	75,6	73,7	1,9
Joaçaba	260,7	263,6	244,2	260,6	6,8
Joinville	28,9	28,4	28,5	28,5	0,7
Rio do Sul	191,9	172,9	188,4	214,6	5,6
São Bento do Sul	46,5	46,7	47,6	47,3	1,2
São Miguel d'Oeste	264,3	293,8	280,1	238,8	6,2
Tabuleiro	213,2	180,5	211,5	200,4	5,2
Tijucas	75,6	86,6	89,8	88,0	2,3
Tubarão	174,7	227,2	211,9	199,4	5,2
Xanxerê	95,4	104,9	98,1	103,8	2,7

FONTE: IBGE.

(1) Para 2001, na microrregião geográfica de Araranguá, não houve produção de mel devido a fatores climáticos adversos ocorridos nos meses de janeiro e fevereiro (ocorrência de chuva seguida de sol forte), que provocaram a escaldadura das flores, impedindo o trabalho das abelhas.

cantins, bem como nos mercados da Alemanha (maior parceiro comercial), Estados Unidos, Reino Unido, Espanha e Bélgica, dentre outros.

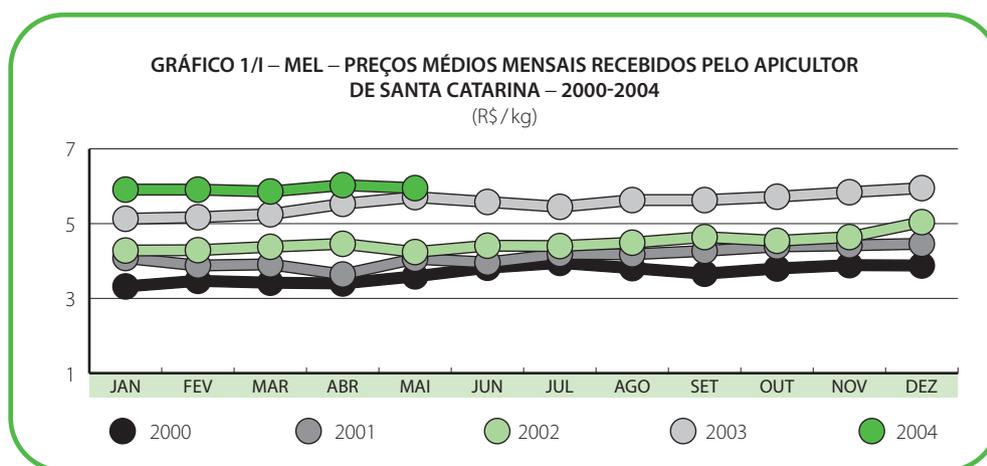
Dados da Secex/Decex indicaram para 2003 um sensível crescimento das exportações catarinenses de mel: de 2.718 toneladas em 2002, para 4.036 toneladas, aumento de 48,5%. Em 2004, somente nos cinco primeiros meses já foram comercializadas 2.375 toneladas,

contra 1.775 no mesmo período do ano anterior - aumento de 33,1%.

Quanto ao comportamento de preços no produtor, coletados nas principais regiões produtoras do estado, observa-se que após um período de relativa baixa nos anos de 2000 e 2001, devido às dificuldades de comercialização da produção, eles começaram a dar sinais de recuperação a partir de 2002, mantendo-se em alta também em 2003 e no primeiro

semestre de 2004, propiciando a reposição dos recursos financeiros empregados no setor, bem como a possibilidade de investimento na implantação de novos apiários.

O comportamento de preços mensais recebidos pelo apicultor de Santa Catarina, no período de janeiro de 2000 a maio de 2004, é demonstrado no gráfico 1.



FONTE: Instituto Cepa/SC.

*Luiz Marcelino Vieira*

# OVOS

## Produção Mundial

Entre os produtores mundiais, sete países representam 67,4% da produção mundial, aparecendo em primeiro a China, com 39,9% do total, seguida dos EUA e do Japão, com 9,2% e 4,5% da produção mundial, respectivamente. Em seguida aparecem a Índia, o México e a Rússia, com 3,9%, 3,6% e 3,4%, respectivamente. O Brasil aparece como o sétimo produtor de ovos, com 26.333 milhões de unidades, que representam 2,8% da produção mundial (Tabela 1).

Quanto à evolução da produção mundial de 1998 a 2003, o aumento é de 16,8% no

período e de 2,4% no último ano em relação ao ano anterior. Com relação à evolução dos países no período e no último ano, aparecem: a Índia, em primeiro lugar, com 35,6% de aumento no período e mais 10%, no último ano; em segundo lugar, o México, com crescimento de 31,8% no período e 1,3% no último ano; com o terceiro melhor crescimento, a China, que teve aumentos de 27,6% e 5%, seguida da Ucrânia, com 26,3% no período e menos 7,2%, no último ano e da Espanha, com mais 25,2% no período e 1,4% no último ano.

**TABELA 1/I - OVOS – PRODUÇÃO MUNDIAL E DOS PRINCIPAIS PAÍSES - 1998-2003**  
(milhões de unidades)

PAÍS	1998	1999	2000	2001	2002	2003 <sup>(1)</sup>
China	292.193	308.499	323.881	337.162	354.798	372.692
Estados Unidos	78.850	81.867	83.305	84.708	85.700	85.683
Japão	42.267	42.324	42.257	41.904	41.894	41.667
Índia	27.050	28.050	29.150	31.167	33.333	36.667
Rússia	30.466	30.773	31.577	32.667	33.708	34.000
México	24.353	27.247	29.799	31.536	31.677	32.088
Brasil	23.159	24.450	25.158	25.652	25.833	26.333
França	17.050	17.567	17.300	16.940	16.647	16.667
Alemanha	14.250	14.567	15.017	14.783	14.500	14.667
Reino Unido	11.185	9.765	9.820	10.530	11.453	11.737
Espanha	9.317	9.492	10.960	11.133	11.509	11.667
Itália	12.353	13.293	11.435	12.082	11.985	11.645
Holanda	10.750	10.783	11.133	11.033	10.883	10.883
Ucrânia	7.917	8.191	8.276	9.106	10.781	10.000
Demais países	197.569	202.103	205.823	209.498	216.307	216.816
<b>Mundo</b>	<b>798.729</b>	<b>828.971</b>	<b>854.891</b>	<b>879.901</b>	<b>911.008</b>	<b>933.212</b>

FONTE: FAO, em Anualpec 2004, p.265.

(<sup>1</sup>) Previsão.

O Brasil aparece como o sexto país com melhor evolução na produção de ovos, tendo aumentado 13,7% de 1998 a 2003, e 1,9% no último ano, em relação à produção de 2002.

A Itália aparece com diminuições de produção, sendo 5,7% no período e -2,8% em 2003, em relação à produção de 2002. Outros países que tiveram decréscimo de produção no período foram: a França e o Japão, com -2,2% e -1,4%, respectivamente.

### Comércio Mundial - Exportações e Importações

Dados da FAO (Anualpec 2004, p.266) indicam que as exportações mundiais cresceram 27% de 1995 a 2002, e 11% de 1998-2002.

Dados da referida fonte indicam que a União Européia é a grande exportadora mundial do produto, passando de 38% do volume em 1998 para 47% em 2002. Nesta região, destaca-se a Holanda, cujas exportações baixaram de 34,5% do total mundial em 1998, para 26,3% em 2002. Destacam-se ainda, na União Européia, como exportadores mundiais, a Alemanha e a Espanha, com 6,8% e 6,1%, respectivamente, em 2002.

Como quarto exportador aparecem os Estados Unidos, que baixaram de 6,9% em 1998 para 6,1% em 2002 sua participação nas exportações mundiais.

A participação do Brasil no comércio mundial passou de 11 milhões de unidades em 1995 para 78 milhões em 1998 e 49 milhões em 2002, nú-

**TABELA 2/I - OVOS - VOLUME DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS - 1998-2002**  
(milhões de unidades)

PAÍS	1998	1999	2000	2001	2002
Holanda	5.201	5.989	4.927	5.310	4.410
Alemanha	1.002	1.145	1.109	1.119	1.142
Espanha	459	535	796	702	1.019
Estados Unidos	1.165	965	1.076	1.043	1.015
França	595	792	732	678	722
Índia	181	166	172	175	252
Reino Unido	405	183	161	126	137
Canadá	38	45	50	35	51
Brasil	78	25	74	76	49
Demais países	5.972	5.720	6.594	6.925	7.967
<b>Mundo</b>	<b>15.096</b>	<b>15.565</b>	<b>15.691</b>	<b>16.189</b>	<b>16.764</b>

FONTES: FAO, em Anualpec 2004, p.266.

mero que representa 0,3% das exportações mundiais (Tabela 2).

Quanto às importações, dados da FAO, constantes do Anualpec (2004, p.266), apresentam três países que em 2002 importaram cerca de 43,7% do volume mundial, quais sejam: Alemanha, que em 1998 importou 31% do total mundial, baixando para 28,5% em 2002; França, que em 1998 importou 5,1%, aumentou para 8,5% em 2002; como terceiro grande importador aparece a Holanda que, de 5,5% em 1998, passou para 6,7% das importações mundiais do produto em 2002.

## Produção Brasileira por Região e por Estado

### a) Plantel de poedeiras no Brasil

De 2000 a 2003, aproximadamente 55,5% da distribuição nacional do plantel de poedeiras encontra-se na Região

Sudeste, seguida da Região Sul, com 18,5%, da Nordeste, com 15,5%, da Centro Oeste, com 7,7% e da Região Norte, com 2,8% (Tabela 3).

São Paulo tinha, em 2003, 25,3 milhões de poedeiras (81% para ovos brancos e 19% para vermelhos). Se este estado é o grande produtor nacional de ovos, vale salientar também a evolução de seu plantel, que em 2002 aumentou 11,2% em relação ao ano de 2000; contudo, em 2003 diminuiu 11,7%, em comparação com o plantel de 2002.

O segundo lugar é de Minas Gerais, com 5,4 milhões em 2003 (78,7% para ovos brancos e 21,3% para vermelhos).

Com o terceiro plantel aparece o Paraná, que em 2003 era de 5,4 milhões de poedeiras, 69,5% para ovos brancos e 30,5% para ovos vermelhos, seguido do Rio Grande do Sul, com plantel de 4,1 milhões no referido ano, e Pernambuco, com 3,6 milhões de poedeiras em 2003.

TABELA 3/I - PLANTEL DE POEDEIRAS NO BRASIL, POR REGIÃO E POR ESTADO-2000-2003  
(mil cab.)

REGIÃO E ESTADO	OVOS BRANCOS				OVOS VERMELHOS			
	2000	2001	2002	2003	2000	2001	2002	2003
<b>Norte</b>	<b>1.381</b>	<b>1.442</b>	<b>1.536</b>	<b>1.357</b>	<b>369</b>	<b>387</b>	<b>410</b>	<b>363</b>
Rondônia	25	26	27	24	108	114	120	106
Amazonas	731	763	813	718	79	83	88	78
Roraima	3	3	4	3	98	102	108	96
<b>Nordeste</b>	<b>7.775</b>	<b>8.115</b>	<b>8.644</b>	<b>7.638</b>	<b>1.670</b>	<b>1.746</b>	<b>1.856</b>	<b>1.641</b>
Ceará	1.861	1.943	2.069	1.829	424	444	471	417
Pernambuco	3.236	3.376	3.599	3.179	450	471	500	442
Bahia	653	681	726	642	203	212	225	199
<b>Sudeste</b>	<b>26.823</b>	<b>27.978</b>	<b>29.829</b>	<b>26.350</b>	<b>6.988</b>	<b>7.301</b>	<b>7.768</b>	<b>6.867</b>
Minas Gerais	4.366	4.559	4.854	4.289	1.177	1.232	1.308	1.157
Espírito Santo	1.158	1.209	1.287	1.137	767	801	852	753
São Paulo	20.872	21.766	23.213	20.503	4.925	5.144	5.474	4.839
<b>Sul</b>	<b>5.740</b>	<b>5.992</b>	<b>6.383</b>	<b>5.641</b>	<b>5.520</b>	<b>5.760</b>	<b>6.137</b>	<b>5.424</b>
Paraná	3.837	4.007	4.265	3.770	1.681	1.753	1.869	1.653
Santa Catarina	102	106	114	101	1.443	1.506	1.604	1.417
Rio Grande do Sul	1.801	1.879	2.003	1.770	2.396	2.501	2.664	2.354
<b>Centro-Oeste</b>	<b>3.459</b>	<b>3.606</b>	<b>3.847</b>	<b>3.399</b>	<b>1.223</b>	<b>1.279</b>	<b>1.358</b>	<b>1.202</b>
Mato Grosso do Sul	479	500	532	470	297	309	330	292
Mato Grosso	188	198	209	185	284	298	315	279
Goiás	2.111	2.203	2.347	2.074	523	546	581	514
<b>Brasil</b>	<b>45.179</b>	<b>47.133</b>	<b>50.240</b>	<b>44.384</b>	<b>15.770</b>	<b>16.474</b>	<b>17.530</b>	<b>15.497</b>

FONTE: UBA (dados básicos); Estimativas da APA/FNP, em Anualpec 2004, p.259-0.

Obs: Os subtotais em negrito correspondem ao total da região e não apenas aos estados citados

Santa Catarina, em 2003, possuía 1,5 milhão de poedeiras, sendo 93,3% para ovos vermelhos e 6,7% para brancos, sendo o nono plantel do Brasil. Em 2003, o plantel foi inferior em 11,7% ao de 2002 e 1,7% ao de 2000.

### b) Produção de ovos

Os últimos dados do IBGE para 2002 indicam para o Brasil uma produção de 2.579.213.000 de dúzias (IBGE-Sidra, 15/06/2004), ou 85,97 milhões de caixas de 30 dúzias, compreendendo, além da produção comercial, a colonial “caipira” - tanto aquela consumida na propriedade quanto a comercializada -, a de

descarte de ovos, destinados inicialmente à produção de pintos, e a de lotes em muda-forçada.

Segundo dados de Anualpec 2004, p.261-2, fornecidos pela União Brasileira de Avicultura - UBA -, a Associação Paulista de Avicultura - APA - e a FNT Consultoria & Agroinformativos, que levam em conta apenas a produção comercial de ovos, a produção brasileira em 2003 atingiu 40,1 milhões de caixas de 30 dúzias, número este 12,5% inferior ao de 2002 e 5,5% menor que o volume produzido em 2001 (Tabela 4).

Do total previsto para 2003, 22.257.942 caixas de trinta dúzias (55,5%) são

produzidas na Região Sudeste, liderada por São Paulo, com 76,3% da produção regional e 42,3% da nacional, seguido por Minas Gerais, com 16,4% da região e 9,1% da produção brasileira.

A segunda região produtora é a Sul, com 18,5% da produção brasileira; o Paraná produz 49% da produção da região e 9,1% da nacional; o Rio Grande do Sul produz 37,3% da produção regional e 6,9% da brasileira. Aparece em seguida a Região Nordeste, com 6,2 milhões de caixas de 30 dúzias, representando 15,5% da produção nacional. Nesta região, destacam-se Pernambuco, com 39% da produção regional e 6% da nacional e Ceará, com 24,3% da produção da região e 3,7% da nacional.

A Região Centro-Oeste é a quarta em produção de ovos no Brasil, com 7,7%, sendo o estado de Goiás o maior produtor, com 56% da produção da região e 4,3% da nacional.

A Região Norte produz aproximadamente 2,9% da produção nacional, sendo o Amazonas o estado de maior produção, com 46,3% da produção regional e 1,3% da brasileira.

TABELA 4/I - OVOS - PRODUÇÃO NO BRASIL, POR REGIÃO E PRINCIPAIS ESTADOS - 2000-2003  
(cx. 30 dz)

REGIÃO E ESTADO	OVOS BRANCOS				OVOS VERMELHOS			
	2000	2001	2002	2003	2000	2001	2002	2003
<b>Norte</b>	<b>933.547</b>	<b>964.170</b>	<b>1.040.137</b>	<b>911.197</b>	<b>247.326</b>	<b>256.495</b>	<b>275.264</b>	<b>241.215</b>
Rondônia	15.915	16.675	17.639	15.601	73.499	76.423	81.772	71.572
Amazonas	493.995	509.832	550.491	482.294	52.709	54.571	58.679	51.459
Roraima	2.394	2.456	2.676	2.332	66.247	68.560	73.757	64.650
<b>Nordeste</b>	<b>5.240.196</b>	<b>5.410.560</b>	<b>5.839.649</b>	<b>5.113.457</b>	<b>1.119.308</b>	<b>1.158.969</b>	<b>1.245.867</b>	<b>1.092.750</b>
Ceará	1.255.816	1.297.976	1.399.210	1.224.836	286.800	296.955	319.228	280.112
Rio Grande do Norte	345.907	358.310	385.046	337.607	158.415	162.813	176.794	154.663
Pernambuco	2.180.411	2.249.542	2.430.361	2.127.932	298.622	309.663	332.260	291.388
<b>Sudeste</b>	<b>18.105.234</b>	<b>18.681.848</b>	<b>20.179.684</b>	<b>17.670.191</b>	<b>4.700.728</b>	<b>4.859.419</b>	<b>5.236.009</b>	<b>4.587.751</b>
Minas Gerais	2.948.647	3.047.936	3.284.293	2.877.688	788.989	816.367	878.602	770.013
Espírito Santo	783.489	808.589	873.174	764.582	511.479	528.529	569.856	499.063
São Paulo	14.083.474	14.528.256	15.698.709	13.745.116	3.319.812	3.432.376	3.697.613	3.240.050
<b>Sul</b>	<b>3.859.148</b>	<b>3.986.053</b>	<b>4.299.804</b>	<b>3.767.043</b>	<b>3.740.507</b>	<b>3.860.587</b>	<b>4.169.044</b>	<b>3.650.265</b>
Paraná	2.576.381	2.661.698	2.870.327	2.515.087	1.148.396	1.183.511	1.280.286	1.121.682
Santa Catarina	69.553	71.245	77.655	68.101	970.473	1.001.982	1.081.636	946.667
Rio Grande do Sul	1.213.214	1.253.110	1.351.822	1.183.855	1.621.638	1.675.095	1.807.123	1.581.916
<b>Centro-Oeste</b>	<b>2.330.158</b>	<b>2.402.754</b>	<b>2.598.013</b>	<b>2.274.149</b>	<b>823.848</b>	<b>852.146</b>	<b>917.530</b>	<b>803.983</b>
Mato Grosso do Sul	324.343	335.258	361.322	316.421	202.452	208.566	225.795	197.561
Mato Grosso	124.710	129.406	138.795	121.637	192.382	200.081	213.943	187.486
Goiás	1.421.206	1.467.500	1.583.789	1.386.693	349.613	361.205	389.406	341.451
<b>Brasil</b>	<b>30.468.284</b>	<b>31.445.384</b>	<b>33.957.286</b>	<b>29.736.036</b>	<b>10.631.716</b>	<b>10.987.616</b>	<b>11.843.714</b>	<b>10.375.964</b>

FONTES: UBA (dados básicos), Estimativa de APA/FNP, em Anualpec 2004,p.261-2.

Obs: Os subtotais em negrito correspondem ao total da região e não apenas aos estados citados

## Produção em Santa Catarina

A produção estadual de ovos aumentou significativamente de 2000 a 2003. Os números indicam uma produção de 165,7 milhões de dúzias em 2003, volume aproximadamente 8,8% superior ao de 2002, 9,3% ao de 2001 e 21,8% ao de 2000 (Tabela 5).

Observa-se que os dados relativos a 2003 não são conclusivos e podem sofrer alterações; contudo, os números indicam crescimento anual tendente à estabilização.

Os dados da tabela, referentes aos anos de 2000 e 2003, contemplam a produção total do estado e por microrregião geográfica do IBGE e dos principais municípios produtores, que, em conjunto, somam 66,2% e 63,5% das produções de 2002 e 2003, respectivamente. São apresentadas, também em percentuais, a participação da microrregião no total da produção estadual e a participação relativa do município na microrregião.

Nos últimos dois anos, cinco microrregiões produziram aproximadamente 61% do total estadual, sendo elas: a de Xanxerê, que participou com 22,67% em 2002 e baixou para 18,03% em 2003; a de Joaçaba, que passou de 14,39% em 2002, para 16,89% em 2003; a de Tubarão, que aumentou sua participação de 10,51% no primeiro ano, para 12,96% no segundo; a de Concórdia, que também aumentou sua participação de 7,39% para 9,84% e a de Chapecó, que diminuiu sua participação no total estadual de 5,94% em 2002, para 3,94% em 2003.

As microrregiões de Araranguá Florianópolis, São Miguel do Oeste e Blumenau, em conjunto, participaram com 20,3% e 18,9% no total da produção estadual em 2002 e 2003, respectivamente.

Em uma análise individual dos municípios, São Ludgero se destaca como o segundo produtor em 2002, com 6,56% do total estadual e 62,5% da produção microrregional, aumentando sua participação em 2003 para 9,35% do total estadual e 72,2% da microrregional, passando a ser o primeiro produtor do estado. Destaca-se, relativamente a este município uma possível anomalia na coleta de dados, visto que em 2001 a produção foi 18 milhões de dúzias, passando para 10 milhões em 2002 (-45%) e 15,5 milhões em 2003 (+55%).

Outro município que se destaca como importante produtor de ovos é o de Xaxim, que foi o primeiro produtor em 2002, com 8,46% da produção estadual e 37,3% da microrregional. Em 2003, passa a ser o segundo produtor, com 3,1% do total estadual e 17,1% da produção microrregional.

A microrregião teve produção 13,5% menor em 2003, quando comparada com a de 2002, enquanto que o município citado teve redução de 60,3% nesse ano; se comparada à evolução de 2000 para 2003, constata-se que a microrregião cresceu 4,7%, enquanto o referido município diminuiu 56,2% sua produção em decorrência do fechamento de uma importante indústria de abate de aves, com repercussão não apenas nas diversas atividades avícolas, mas em todos os setores da economia municipal.

TABELA 5/I – OVOS DE GALINHA - QUANTIDADE PRODUZIDA EM SANTA CATARIANA - 2000-2003  
(1.000 dz)

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA/ MUNICÍPIO	QUANTIDADE PRODUZIDA				PARTICIPAÇÃO	
	2000	2001	2002	2003(1)	%/ TOTAL (2)	%/ TOTAL (3)
Xanxerê	28.519	31.006	34.529	29.870	22,67	18,03
Xaxim	11.676	12.500	12.890	5.113	37,33	17,12
Faxinal dos Guedes	7.565	7.800	9.300	10.550	26,93	35,32
Xanxerê	5.499	6.908	7.965	7.988	23,07	26,74
Tubarão	18.440	25.038	16.005	21.476	10,51	12,96
São Ludgero	11.170	18.000	10.000	15.500	62,48	72,17
Joaçaba	18.142	20.272	21.925	27.990	14,39	16,89
Catanduvas	3.818	4.209	3.303	3.269	15,06	11,68
Videira	4.100	4.128	3.970	2.800	18,11	10,00
Erval Velho	1.017	1.604	2.624	3.021	11,97	10,79
Capinzal	2.829	3.884	5.078	6.232	23,16	22,27
Concórdia	10.804	10.196	11.265	16.309	7,39	9,84
Concórdia	7.723	7.182	8.032	11.586	71,30	71,04
Chapecó	11.137	9.166	9.043	6.522	5,94	3,94
Cordilheira Alta	539	550	450	820	4,98	12,57
Chapecó	5.655	3.760	3.885	920	42,96	14,11
Araranguá	6.749	7.739	8.106	8.143	5,32	4,91
Araranguá	5.160	6.048	5.600	4.940	69,08	60,67
Florianópolis	6.489	7.207	7.600	8.204	4,99	4,95
Biguaçu	4.980	6.443	6.029	6.441	79,33	78,51
São Miguel do Oeste	6.412	6.917	7.755	7.749	5,09	4,68
São Miguel do Oeste	155	150	1.091	3.051	14,07	39,37
Itapiranga	2.995	3.315	2.990	1.303	38,56	16,82
Blumenau	5.138	6.791	7.543	7.235	4,95	4,37
Blumenau	2.456	4.000	4.321	4.488	57,28	62,03
Criciúma	2.465	5.072	4.987	5.226	3,27	3,15
Criciúma	68	1.135	1.300	1.450	26,07	27,75
Urussanga	700	860	1.000	1.050	20,05	20,09
Joinville	4.217	4.436	4.352	4.160	2,86	2,51
Araquari	3.112	3.190	3.194	2.977	73,39	71,56
Itajaí	3.278	3.885	3.911	3.756	2,57	2,27
Porto Belo	1.733	1.759	1.759	1.764	44,98	46,96
Campos de Lages	3.414	3.340	3.494	3.305	2,29	1,99
Bom Retiro	1.997	1.875	2.248	1.998	64,34	60,45
Canoinhas	2.334	2.614	2.800	2.782	1,84	1,68
Canoinhas	693	980	900	900	32,14	32,35
Curitibanos	3.063	2.508	3.259	7.134	2,14	4,31
Campos Novos	954	295	672	4.659	20,62	65,31
Ponte Alta	1.410	1.400	1.578	1.676	48,42	23,49
Rio do Sul	2.513	2.399	2.830	2.933	1,86	1,77
Pouso Redondo	267	267	661	790	23,36	26,93
Ituporanga	1.153	1.166	1.089	1.099	0,71	0,66
Tabuleiro	781	777	775	619	0,51	0,37
Tijucas	629	626	677	790	0,44	0,48
São Bento do Sul	394	394	395	395	0,26	0,24
<b>Santa Catarina</b>	<b>136.059</b>	<b>151.542</b>	<b>152.340</b>	<b>165.697</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

FONTE: IBGE.

(1) Dados preliminares.

(2) Em relação a 2002.

(3) Em relação a 2003.

Destacam-se ainda, por participarem individualmente com mais de 3% no total da produção estadual e pelo aumento da produção, no período de 2000 a 2003, os municípios de Capinzal (+ 120,3%), Concórdia (+50,0%), Xanxerê (+45,3%), Faxinal dos Guedes (+39,5%) e Biguaçu (+29,3%).

## Preços em Santa Catarina

### a) Ovos - evolução dos preços médios em Santa Catarina

A variação dos preços dos ovos em Santa Catarina, de janeiro de 2002 a abril de 2004, pode ser vista no gráfico, que evidencia quatro momentos distintos.

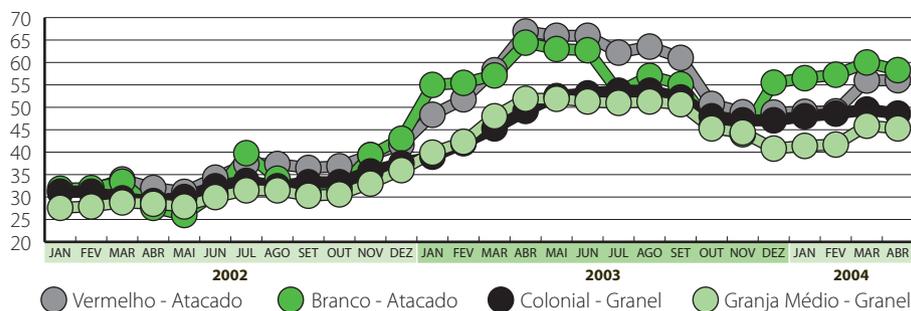
O primeiro, de janeiro a outubro de 2002, quando os preços se estabilizam para os quatro tipos apresentados. O ovo branco, no atacado, foi o tipo que apresentou microvariação, visto que cai 22% (março a maio), sobe 47% (maio a julho) e volta a baixar 23% (de julho a setembro).

No segundo momento (nov/02 até abril de 2003), o período é de alta dos preços e, de forma mais acentuada no atacado, tendo o tipo vermelho subido 81%, e o branco, 102%; já relativamente aos preços pagos ao produtor, a alta para o ovo colonial foi de 48%; para o tipo médio de granja, subiu 70%, caracterizando bem a desvantagem aos produtores.

O terceiro momento, de maio a novembro de 2003, apresenta um declínio dos preços e, de forma mais acentuada, no atacado. O ovo vermelho baixou 27% e o branco, 32%; aqueles pagos ao produtor recuaram menos: o colonial, 12%, e o médio de granja, 14%, em função da menor alta no momento anterior. Os preços dos quatro tipos de ovos ficaram bastante próximos, sendo de apenas 10% a diferença entre o menor e maior.

O quarto momento, que vai de dezembro de 2003 a abril de 2004, mostra uma dispersão dos preços, sendo de 29% a diferença entre o maior (branco no atacado) e o menor (médio de granja). No atacado, o ovo branco subiu 26% em de-

GRÁFICO 1/I – OVOS – EVOLUÇÃO DOS PREÇOS MÉDIOS MENSAIS – SANTA CATARINA – 2002-2004  
(R\$/30 dz)



FONTE: Instituto Cepa/SC.

zembro, e o tipo vermelho, 15%, principalmente em março, enquanto ao produtor, os preços permaneceram estáveis.

A média estadual dos preços do ovo “tipo vermelho médio”, registrada no atacado de Santa Catarina em 2003, foi 63,6% superior à de 2002. Quando se observa a média dos preços do primeiro quadrimestre dos quatro anos (2002-04), verifica-se que a do último ano foi 6,7% menor que a de 2003, que, por sua vez, foi superior em 75% à de 2002. A média dos preços do primeiro semestre de 2003 foi, respectivamente, 84% e 56% superior às do primeiro e do segundo semestre de 2002. Já a média do segundo semestre de 2003 foi 6% menor que a do primeiro semestre deste mesmo ano. Observa-se, também, uma alta de 18% na média do segundo semestre de 2002 em relação à média do primeiro semestre deste mesmo ano.

A média estadual dos preços do ovo “tipo branco médio”, registrada no atacado de Santa Catarina em 2003, foi 67% superior à de 2002. Quando se observa a média dos preços do primeiro quadrimestre dos quatro anos (2002-04), verifica-se que a média do último ano foi igual à de 2003, que, por sua vez, foi 86% superior à de 2002. A média dos preços do primeiro semestre de 2003 foi 97% e 64% superior, respectivamente, às do primeiro e do segundo semestre de 2002. Já a média do segundo semestre de 2003 foi 13% menor que a do primeiro semestre deste mesmo ano. Observa-se, também, uma alta de 20% na média do segundo semestre de 2002 em relação à média do primeiro semestre deste mesmo ano.

Quanto ao ovo “tipo colonial”, a média estadual dos preços pagos ao produtor catarinense em 2003 foi 49,7% superior à de 2002. Destaca-se que esta variação no atacado foi de 64% e 67%, para os ovos tipo vermelho e tipo branco, respectivamente. Consta-se que as médias dos preços do primeiro quadrimestre dos anos 2002 a 2004 sempre estiveram em alta; a de 2004 foi 10,9% superior à de 2003, que, por sua vez, foi 44,8% maior que a de 2002. A média dos preços do primeiro semestre de 2003 foi 36,7% e 53% superior, respectivamente, às do primeiro e do segundo semestre de 2002. A média estadual dos preços pagos ao produtor no segundo semestre de 2003 foi 7,4% superior à do primeiro semestre do mesmo ano.

Se observada a média dos preços pagos ao produtor pelo ovo “tipo granja médio”, vendido a granel em 2003, foi 56,4% superior à de 2002, variação esta, à semelhança do “tipo colonial”, inferior às variações do atacado. Quando se observa a média dos preços do primeiro quadrimestre dos anos 2002 a 2004, verifica-se que a média do último ano foi 4,3% menor que a de 2003, que, por sua vez, foi 61,4% superior à de 2002. A média dos preços do primeiro semestre de 2003 foi 67% e 48% superior, respectivamente, às do primeiro e do segundo semestre de 2002. A média estadual dos preços pagos ao produtor no segundo semestre de 2003 foi 0,6% menor que a do primeiro semestre do mesmo ano.

## b) Relação de Troca com Insumos em Santa Catarina - 2001 - 2004

Considerando que no estado a média dos preços dos ovos em 2003 e primeiro quadrimestre de 2004 está sendo bastante superior à de anos anteriores, procurou-se identificar as causas e a relação insumo/produto na atividade, analisando-se a quantidade necessária de ovos para a aquisição de alguns insumos no período de 2001 a 2004; para isto, foram tomadas as médias dos preços de diversos tipos de ovos e de insumos no mês de abril dos quatro anos.

No cálculo da variação percentual dos preços de um determinado ano em relação ao ano anterior (Tabela 6), verifica-se uma redução dos preços para todos os tipos de ovos em abril de 2002, exceto para o tipo “vermelho grande”, e um aumento bastante significativo (69% a 141%) em abril de 2003, voltando a cair de 1,2% a 18,5%, para todos os tipos de ovos, em abril de 2004.

A relação insumo/produto, negativa para os produtores em 2002, não foi apenas consequência da diminuição dos preços dos ovos neste ano, mas também da elevação dos preços dos insumos, em decorrência da co-

tação ascendente do dólar no período, que desestimulou a atividade. Com isso, os produtores foram levados a fazer descartes e a diminuir o alojamento de pintos, reduzindo os plantéis e a oferta de ovo, daí elevando os preços.

Para o cálculo da relação de troca (Tabela 7), o valor das quantidades dos insumos foi dividido pelo valor da caixa de 30 dúzias do ovo vermelho médio - tomada como base -, encontrando-se, desta forma, o número de caixas de ovos necessárias para adquirir aquela quantidade de insumo. Estes dados corroboram as dificuldades relativas aos preços verificados em 2002: preços estimulantes em 2003 e início desestimulante em 2004, conforme se observa:

a) Em 2002, todos os indicadores foram superiores aos de 2001, demonstrando a necessidade de maior quantidade de ovo para adquirir o mesmo volume de diversos insumos, evidenciando a variação discrepante dos preços dos diversos insumos e do ovo.

Os indicadores deste ano confirmam as dificuldades identificadas com relação aos preços apresentados anteriormente, fato que evidencia a não-redução de preços dos insumos.

**TABELA 6/I - OVOS - PREÇOS NO ATACADO EM SANTA CATARINA NO MÊS DE ABRIL - 2001-2004<sup>(1)</sup>**  
(R\$)

TIPO DO OVO	ABR/01	ABR/02	ABR/03	ABR/04	VARIÇÃO %		
					04/03	03/02	02/01
Colônia (dúzia)	1,04	0,97	1,64	1,62	-1,22	69,07	-6,73
Granja Médio (dúzia)	0,98	0,95	1,73	1,51	-12,72	82,11	-3,06
Branco Médio (cx c/30 dz)	34,47	27,59	64,42	58,29	-9,52	133,49	-19,96
Branco Grande (cx c/30 dz)	31,73	24,81	59,82	54,29	-9,24	141,11	-21,81
Vermelho Médio (cx c/30 dz)	33,95	32,04	66,91	56,05	-16,23	108,83	-5,63
Vermelho Grande (cx c/30 dz)	31,24	31,31	63,46	51,7	-18,53	102,68	0,22

FONTE: Instituto Cepa/SC.

<sup>(1)</sup> Média dos preços diários no estado.

Obs: Os preços do ovo colonial e da granja médio são os recebidos pelo produtor.

**TABELA 7/I - OVOS - RELAÇÃO DE TROCA COM DIVERSOS INSUMOS EM SANTA CATARINA NO MÊS DE ABRIL - 2001-2004<sup>(1)</sup>**

INSUMO A SER ADQUIRIDO	NÚMERO DE CAIXAS COM 30 DZ. DE OVO VERMELHO MÉDIO <sup>(2)</sup>			
	ABR/01	ABR/02	ABR/03	ABR/04
1- Farelo de soja (100 kg)	1,35	1,72	1,17	1,77
2- Concentrado (sc de 40 kg)	0,64	0,78	0,52	0,79
3- Ração de postura (sc de 40 kg)	0,40	0,48	0,35	0,46
4- Milho amarelo (sc de 60 kg)	0,29	0,47	0,29	0,40
5- Calcário a granel (1.000 kg)	1,02	1,18	0,67	1,01

FONTE: Instituto Cepa/SC.

<sup>(1)</sup> Para os ovos, foi utilizada a média dos preços diários no estado. Para os insumos, foram utilizados os preços mensais no estado.

<sup>(2)</sup> Necessários para aquisição do insumo no respectivo mês/ano.

b) Em 2003, quando os preços dos ovos tiveram altas de 69% a 141% (na comparação com os do ano anterior), foi bem menor o número de caixas de ovos necessárias para adquirir o mesmo volume dos diversos insumos, indicando um ano de relação insumo/produto bastante atrativo para os produtores de ovos. Contudo, a redução (27% a 43%) do volume de ovos necessário para a aquisição de insumo é bastante inferior à elevação dos preços, o que deixa claro que nos preços dos insumos a alta é maior que para os dos ovos.

Em 2004, todos os indicadores aumentaram, comparados com os de 2003, demonstrando a necessidade de mais ovos (31,5% a 51,5%) para adquirir o mesmo volume dos diversos insumos, enquanto que os preços dos ovos diminuíram de 1,2% a 18,5% (Tabela 6) em relação ao ano anterior. Estes índices demonstram um maior aumento dos preços dos insumos que os dos ovos, o que deverá desestimular a atividade ao longo de 2004.

*José Eláudio Della Giustina*

# DESEMPENHO DA PESCA E AQUICULTURA

O Brasil, como 27º produtor mundial de pescado, está com uma produção extrativa estagnada em aproximadamente 513.430 toneladas. O aumento se dá pela aquicultura, que tem incrementado anualmente a produção de pescado brasileiro.

As exportações continuam a crescer. Em 2003, chegaram a 107.702 toneladas e representaram, em divisas, US\$ FOB 411.715.745 (Gráfico 1). Desde o ano de 2001, a balança comercial do pescado é superavitária.

O principal produto de exportação é o camarão cultivado (Tabela 1), produzi-

do principalmente nos estados do Nordeste, que concentram 95% da produção brasileira.

Segundo estimativas da Associação Brasileira de Criadores de Camarão (ABCC), a carcinicultura gera em torno de 48 mil empregos diretos no Nordeste do País.

Em 2003, os produtores dos Estados Unidos e do Sudeste Asiático, assustados com o volume de camarão exportado pelo Brasil, começaram a articular uma ação antidumping contra o camarão brasileiro. Metade das exportações brasileiras seguem para os Estados Unidos.

**GRÁFICO 1/I – VALOR DAS EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES DE PESCADOS BRASILEIROS – 1998-2003**  
(mil US\$ FOB)



FONTE: Secex / Decex.

Uma alternativa para esta ameaça foi abrir mercado na Europa. Em 2004, o mercado europeu já superou a demanda dos Estados Unidos.

Além do camarão, algumas espécies nativas de peixes têm sido divulgadas nos países da Europa.

O governo brasileiro quer incrementar a produção de pescado. Sua principal estratégia é incentivar a aquicultura através da produção de peixes, crustáceos e moluscos ao longo da costa, auxiliando, assim, o pescador artesanal, que tem visto diminuir ano a ano o estoque da pesca extrativa.

O Brasil tem potencial para produzir mais pescado do que a China, o maior produtor mundial; basta utilizar as reservas de água doce represadas em seu território e as águas dos 8,5 mil quilômetros de costa.

Em Santa Catarina, nos últimos anos, a produção de pescado através da pesca extrativa está estabilizada. O estado continua com uma produção em torno de 120 mil toneladas anuais; com esse número, ocupa o primeiro lugar dentre os produtores brasileiros (Tabela 2).

Cerca de 40 mil catarinenses estão envolvidos profissionalmente na pesca; a produção artesanal é integralmente destinada ao mercado estadual.

**TABELA 1/I - EXPORTAÇÃO DE CAMARÃO E OUTROS PESCADOS BRASILEIROS - 1998-2003**  
(US\$ FOB)

ANO	CAMARÃO	OUTROS	TOTAL
1998	26.681.459	77.903.160	104.584.619
1999	40.286.204	85.292.242	125.578.446
2000	105.242.186	121.890.606	227.132.792
2001	129.468.517	141.439.460	270.907.977
2002	109.534.829	224.660.471	334.195.300
2003	126.714.976	285.000.769	411.715.745

FONTE: Secex/Decex.

TABELA 2/I - PRODUÇÃO DA PESCA EXTRATIVA POR ESTADO BRASILEIRO - 2002  
(t)

ESTADO	PEIXES	CRUSTÁCEOS	MOLUSCOS	TOTAL
Santa Catarina	108.350,00	7.034,50	2.737,50	118.122,00
Pará	89.145,50	9.407,00	3	98.555,50
Rio de Janeiro	60.891,50	1.484,50	1.086,50	63.462,50
Bahia	40.751,50	6.462,50	160	47.374,00
Rio Grande do Sul	39.500,50	1.735,00	136,5	41.372,00
Maranhão	27.882,50	6.201,00	1.702,00	35.785,50
São Paulo	23.514,50	2.273,50	353	26.141,00
Ceará	12.809,00	3.435,50	12	16.256,50
Rio Grande do Norte	14.164,50	1.792,50	110	16.067,00
Espírito Santo	13.265,50	819	63,5	14.148,00
Paraíba	8.823,00	921	361,5	10.105,50
Alagoas	4.908,00	2.881,00	724	8.513,00
Pernambuco	4.595,00	600	690	5.885,00
Amapá	3.733,00	207	0	3.940,00
Sergipe	1.771,00	2.085,50	76	3.932,50
Piauí	1.164,50	1.062,00	119	2.345,50
Paraná	335	1.070,00	19,5	1.424,50
<b>Total</b>	<b>455.604,50</b>	<b>49.471,50</b>	<b>8.354,00</b>	<b>513.430,00</b>

FONTE: Ibama/ Cepene.

As exportações de pescado de Santa Catarina em 2003 foram de 11.997 mil toneladas, num total de US\$ FOB 20.955.653,00 (Tabela 3), ligeiramente superior ao do ano anterior.

A aquicultura em Santa Catarina vem se desenvolvendo ano após ano, conferindo ao estado uma posição de referência nacional em cultivo de moluscos bivalves e em piscicultura de águas interiores.

Presente na costa litorânea, a maricultura, com o cultivo de camarões, mexilhões e ostras, está provocando mudanças na economia de vários municípios e aumentando a renda de muitos pescadores. A piscicultura de águas mornas e frias (no interior do estado) vem trazendo um incremento à renda do produtor rural.

TABELA 3/I - EXPORTAÇÃO CATARINENSE DE CAMARÃO E OUTROS PESCADOS BRASILEIROS - 1998-2003  
(US\$ FOB)

ANO	CAMARÃO	OUTROS	TOTAL
1998	57.960,00	8.106.758	8.164.718,00
1999	445.636,00	7.529.852	7.975.488,00
2000	1.791.153,00	17.085.514	18.876.667,00
2001	1.071.544,00	19.593.535	20.665.079,00
2002	584.447,00	17.761.374	18.345.821,00
2003	325.960,00	20.629.693	20.955.653,00

FONTE: Secex/Decex.

## Piscicultura de Água Doce

O estado de Santa Catarina ocupa um lugar de destaque no cenário nacional da criação de peixes em água doce. A piscicultura é praticada em pequenas propriedades, que, na sua maioria, têm nela uma atividade complementar.

No ano de 2003, produziu 20.900 toneladas (Gráfico 2). Esta produção se concentra nas regiões do Vale do Itajaí, Litoral Norte e Oeste Catarinense.

Existe um grande número de produtores que associa a produção a empreendimentos turísticos, como os pesque-pague, que oferecem uma estrutura de lazer aliada a uma eficiente forma de comercialização.

Os preços da última safra podem ser observados na tabela 4, na qual se evidencia uma tendência de elevação a cada semestre. As tendências para essa atividade são de um crescimento da produção em torno de 10% para o próximo ano.

As espécies mais produzidas no estado são principalmente a tilápia e a carpa. Produzidas em policultivo, são mais procuradas pelo mercado consumidor.

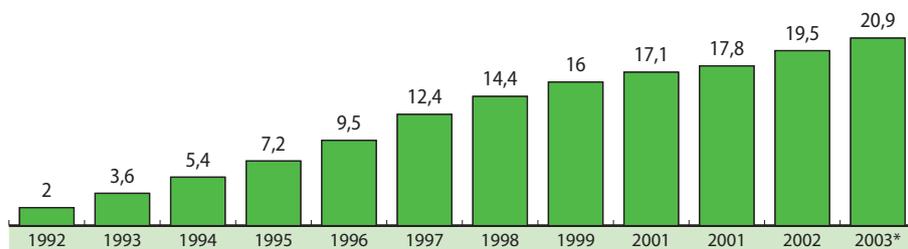
Uma outra espécie que merece destaque é a Catfish. Sua produção ainda é modesta, mas tem um mercado externo altamente promissor, o que permite esperar que, especificamente para atender a esse mercado, aumente a produção dessa espécie no estado.

## Maricultura (Camarões, Ostras e Mexilhões)

A maricultura está presente na costa litorânea catarinense com o cultivo de camarões, mexilhões e ostras, trazendo mudanças na economia de vários municípios e aumentando a renda de muitos pescadores.

Este modelo confere ao estado uma posição de referência nacional em cultivo de moluscos bivalves. Santa Catarina é responsável por mais de 90% da produção brasileira de ostras e mexilhões cultivados.

GRÁFICO 2/1 – PRODUÇÃO DA PISCICULTURA EM ÁGUAS INTERIORES –  
SANTA CATARINA – 1992-2003  
(mil t)



FONTE: Epagri - Instituto Cepa/SC. Totalização preliminar em 2003.

**TABELA 4/I - PREÇO DE PEIXES DESTINADOS À INDÚSTRIA E AO PESQUE-PAGUE – MÉDIA DO ESTADO DE SANTA CATARINA – 2002-2003 (R\$/kg)**

ESPÉCIE	1º SEM. 2002		2º SEM. 2002		1º SEM. 2003		2º SEM. 2003	
	INDÚSTRIA	VIVO	INDÚSTRIA	VIVO	INDÚSTRIA	VIVO	INDÚSTRIA	VIVO
Bagre-africano	0,85	1,62	0,93	1,62	1,15	1,92	1,2	2,02
Bagre-americano	-	2,41	-	2,37	2,54	1,2	2,65	1,3
Carpa-chinesa	0,88	1,42	1,03	1,64	1,88	-	2,03	-
Carpa-com.	0,85	1,58	0,94	1,66	1,13	1,85	1,18	1,93
Tilápia	0,96	1,64	1,03	1,75	1,22	1,99	1,38	2,12
Truta	-	5,46	-	5,84	-	5,78	-	6,32

FONTE: Instituto Cepa/SC.

A produção de camarão em 2003 chegou a 3.500 toneladas (ver gráfico 3), numa área total de 870 hectares. Essa área, alagada, utilizada para o cultivo do camarão em Santa Catarina, era, em 1998, de 35 hectares. A produção está concentrada (93%) nos municípios da Secretaria de Desenvolvimento Regional de Laguna.

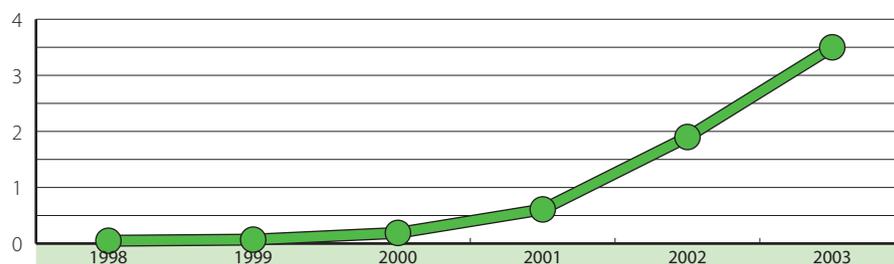
As exportações catarinenses de camarão continuam a diminuir em relação ao ano anterior. Em 2003, foram exportadas 63 toneladas, totalizando US\$ 325.960 (Tabela 5). Toda a produção do estado é absorvida pelo mercado, comprada por empresas locais e do Rio Grande do Sul.

O cultivo de ostras e mexilhões é adequado às características do litoral, facilitado pela boa qualidade das águas de suas baías e enseadas. A UFSC e a Epagri são as precursoras da atividade, fornecendo tecnologia e assistência técnica adequadas.

Com a produção concentrada nos municípios de Florianópolis, Palhoça, São José, Penha, Governador Celso Ramos, Bombinhas, São Francisco do Sul e Porto Belo, a atividade envolve aproximadamente mil famílias e gera em torno de 6 mil empregos diretos e indiretos.

A produção de ostras em 2003, nos municípios do litoral catarinense, foi de 2.031,3

**GRÁFICO 3/I – CAMARÃO CULTIVADO – PRODUÇÃO CATARINENSE – 1998-2003 (mil t)**



FONTE: Epagri.

TABELA 5/I - CAMARÃO - VALOR, QUANTIDADE E PREÇO MÉDIO DAS EXPORTAÇÕES CATARINENSES – 1998-2003

ANO	1998	1999	2000	2001	2002	2003
Valor - US\$FOB	57.960	445.636	1.791.153	1.071.544	584.447	325.960
Peso – kg	10.890	46.320	198.537	167.334	106.618	63.037
US\$FOB/kg	5,32	9,62	9,02	6,4	5,48	5,17

FONTE: Secex/Decex.

toneladas (Tabela 6). O município de Florianópolis figura como o maior produtor.

A produção de ostras vem crescendo anualmente, como se pode observar no gráfico 4, impulsionada pelo incremento no consumo por festas gastronômicas, como a Fenaostra (realizada em Florianópolis).

TABELA 6/I- PRODUÇÃO DE OSTRAS CULTIVADAS, POR MUNICÍPIO DE SANTA CATARINA - 2003

MUNICÍPIO	PRODUÇÃO (kg)
Bombinhas	33.200
Florianópolis	1.326.100
Governador Celso Ramos	41.000
Palhoça	500.000
Penha	44.000
Porto Belo	3.000
São José	80.000
São Francisco do Sul	4.000
<b>Total</b>	<b>2.031.300</b>

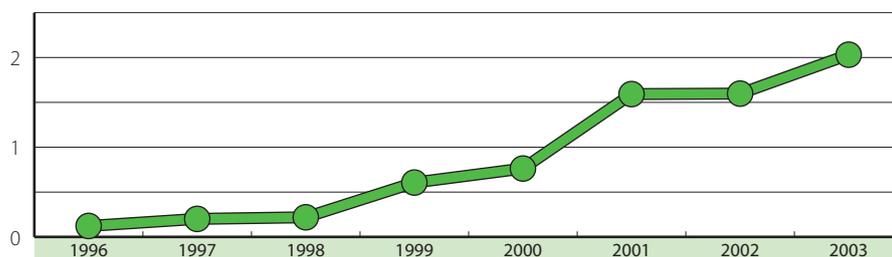
FONTE: Epagri.

Os preços da ostra pagos ao produtor tiveram uma elevação insignificante, em relação ao ano anterior (Tabela 7); mesmo assim, remuneraram satisfatoriamente o produtor, para quem o custo de produção (calculado pelo Instituto Cepa) gira em torno de R\$1,66 o quilo.

“Concluído o cálculo dos custos de implantação e de produção de ostras, pode-se observar que este ramo de atividade tem um investimento inicial e de produção relativamente baixo. A preparação da infra-estrutura e a aquisição de equipamentos têm um grande peso nos custos.

Quando se compara o custo de produção com o preço de venda da ostra, percebe-se que todos estes gastos são compensados com uma boa rentabilidade financeira desse agronegócio.

GRÁFICO 4/I – OSTRAS CULTIVADAS – SANTA CATARINA – 1996-2003 (mil t)



FONTE: Epagri.

**TABELA 7/I - PREÇO DAS OSTRAS CULTIVADAS EM SANTA CATARINA - 2002 e 2003 (R\$/kg)**

ESPÉCIE	2002	2003
Ostra média, sem SIF.	4	4,21
Ostra média, com SIF.	4	4,42
Ostra grande, sem SIF.	4	4,42
Ostra grande, com SIF.	5,3	5,38

FONTE: Instituto Cepa/SC.

A partir do resultado financeiro da produção da ostreicultura em um hectare de um ciclo produtivo, conclui-se que a rentabilidade dessa atividade é bastante atrativa, favorecendo a entrada de novos produtores na atividade.” (SOUZA FILHO, José. Custo de produção da ostra cultivada. Florianópolis : Instituto Cepa/SC, 2002)

A produção catarinense de mexilhões foi de 8.132,4 toneladas em 2003, um pouco abaixo do esperado (Gráfico 5). Esta diminuição se deveu à falta de sementes para povoamento dos cultivos, causada pela ausência das licenças ambientais para extração das sementes, que na sua maioria; são coletadas em bancos naturais (costões).

A criação de mexilhões, por ser uma atividade que requer menos investimento

inicial, menos mão-de-obra, além do baixo custo na obtenção de sementes, envolve um maior número de maricultores.

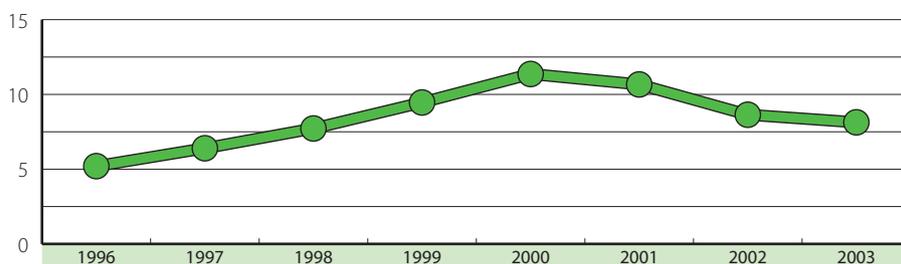
Outro fator que desestimulou os produtores na produção de mexilhões foi a situação de mercado desse produto, que não tem andado muito boa. A dificuldade para obter o serviço de inspeção federal - SIF -, faz com que a comercialização para outros estados seja feita por poucas empresas (somente aquelas que possuem o SIF podem processar o produto e explorar os mercados em outros grandes centros).

Os preços do mexilhão sem casca, tanto com SIF como sem, ficaram, no ano de 2003, um pouco acima dos de 2002 (Tabela 8).

Para o contínuo desenvolvimento das atividades de cultivo de moluscos ainda são necessários avanços na organização dos produtores, na capacitação dos maricultores para a gestão de seus empreendimentos com serviço de inspeção federal - SIF - e no escoamento da produção para outros mercados fora do estado.

**GRÁFICO 5/I – MEXILHÕES CULTIVADOS – SANTA CATARINA – 1996-2003**

(mil t)



FONTE: Epagri.

TABELA 8/1 - PREÇO DOS MEXILHÕES CULTIVADOS EM SANTA CATARINA - 2002 e 2003  
(R\$/kg)

MEXILHÃO	2002	2003
Com casca, sem SIF	1,3	1,37
Com casca, com SIF	2	2,21
Sem casca, sem SIF	6	6,96
Sem casca, com SIF	6,6	7

FONTE: Instituto Cepa/SC.

*José Souza Filho*

# DESEMPENHO DO SETOR FLORESTAL

227

SÍNTESE ANUAL DA AGRICULTURA DE SANTA CATARINA 2003-2004

SETOR FLORESTAL

## Panorama Nacional

A entrada em vigor do Protocolo de Kioto poderá trazer novos recursos ao setor florestal dos países em desenvolvimento.

## Produção Mundial de Produtos Florestais

Os produtos florestais são importantes para a espécie humana desde tempos imemoriais. Primeiro, com frutos e sementes coletados para alimentação e com o uso de troncos de árvores em

abrigos primitivos. Mais tarde, na construção de casas, como parte de carros, barcos e aviões. Durante muito tempo, a madeira foi o principal combustível doméstico e industrial; para muitos países em desenvolvimento, ela continua sendo uma das mais importantes fontes de energia.

Segundo os últimos dados disponíveis da FAO<sup>1</sup>, relativos a 2000, dos pouco mais de 13 bilhões de hectares de superfície de terra existentes no globo, as florestas cobrem 30%. A Rússia e o Brasil detêm grande parte da cobertura flores-

<sup>1</sup> FAO. The Global Forest Resource Assessment - 2000 (FRA 2000).

tal mundial, com 22% e 14%, respectivamente, da superfície total. O Canadá, os EUA, a China, a Austrália e a República do Congo também possuem grandes áreas florestadas.

Estimativas da FAO indicavam para o período 1990-2000 uma taxa de desflorestamento de 0,2% aa. no mundo. As maiores taxas de perdas ocorreram nas florestas tropicais da África, da América Central, da América do Sul e, de modo mais acentuado, nas florestas dos países asiáticos de clima tropical.

As florestas plantadas representam menos de 5% da cobertura florestal mundial. São 186,7 milhões de hectares distribuídos em todos os continentes. A China e a Índia são os dois países com mais área reflorestada, detendo, em conjunto, mais de 40% desse total. Durante a década de 90, a China acrescentou cerca de nove milhões de hectares à sua área reflorestada, alcançando cerca de 46 milhões de hectares plantados com florestas, o que deve garantir ao País, a partir de 2015, um fornecimento de 150 milhões de m<sup>3</sup> anuais de madeira. O Brasil possui pouco mais de cinco milhões de hectares reflorestados, representando menos de 3% da área reflorestada do mundo.

O total mundial de reservas é estimado em 386 bilhões de m<sup>3</sup>; mais de 40% desse volume está na Rússia e no Brasil. Estima-se que o maior potencial de exploração de madeira nativa no futuro esteja nas florestas boreais russas. As expectativas para os próximos cinco a seis anos são de que haverá uma oferta de madeira superior à demanda nesse país, as-

sim como em todo o leste Europeu. Nos EUA, atualmente os maiores produtores e consumidores de madeira, também se espera, no período, uma demanda ligeiramente inferior à oferta. Já com relação ao mercado canadense, escandinavo e da Europa Ocidental, a previsão é de que a oferta será incapaz de cobrir a demanda, o que resultará em importações ou redução nos volumes processados (Just Forest nº 1).

Para o Brasil, se nos próximos anos se mantiverem os níveis atuais de crescimento no volume de madeira transformada na indústria, é possível que haja déficits localizados de matéria-prima florestal, o que limitará o potencial exportador do País.

A produção mundial de madeira (nativa + plantada) para todos os usos em 2002 foi de 3,38 bilhões de m<sup>3</sup>, 1,3% a mais que em 2001 (Tabela 1). Os EUA respondem por 15% deste montante, seguidos pela Índia (9,5%), pela China (8,5%) e o Brasil (7%). Menos da metade da produção é destinada à transformação industrial. A maior parte ainda é consumida sob a forma de lenha, em geral para uso doméstico.

Os países asiáticos e africanos produzem e consomem cerca de três quartos da lenha mundial. A Índia e a China são os maiores produtores e consumidores mundiais de lenha, com 17,5% e 10,6% do total, respectivamente. O Brasil, com 7% da produção, é o terceiro maior produtor de lenha no mundo. Para muitos países da África e da Ásia, a lenha continua sendo a principal fonte energética, especialmente para consumo doméstico.

**TABELA 1/1 - PRODUÇÃO MUNDIAL DE MADEIRA EM TORAS<sup>(1)</sup>, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES - 1999-2002**  
(m<sup>3</sup>)

PAÍS	1999	2000	2001	2002
Estados Unidos da América	497.640.996	500.173.996	471.027.624	477.821.131
Índia	296.588.016	296.141.016	296.679.016	319.872.047
China	291.412.632	287.471.832	284.910.024	284.168.256
Brasil	231.562.657	235.401.621	236.422.218	237.467.063
Canadá	193.728.008	200.326.008	200.326.008	200.326.008
Rússia	143.600.000	158.100.000	164.700.000	174.200.000
Indonésia	130.213.444	122.477.628	112.208.672	115.552.252
Etiópia	88.239.468	89.930.092	91.282.143	92.660.152
República Democrática do Congo	67.292.720	68.555.848	69.733.688	70.938.264
Nigéria	68.291.676	68.766.652	69.115.552	69.482.328
Suécia	58.700.000	63.300.000	63.200.000	67.500.000
Finlândia	53.637.000	54.261.855	52.210.000	53.011.000
Demais Países	1.200.780.883	1.249.118.642	1.230.019.885	1.221.393.999
<b>Mundo</b>	<b>3.321.687.500</b>	<b>3.394.025.190</b>	<b>3.341.834.830</b>	<b>3.384.392.500</b>

FONTE: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em 18 de maio de 2004.

(1) Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para: serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel, produção de carvão vegetal, de lenha e qualquer outra forma de uso da biomassa florestal.

O carvão vegetal tem importância bem menor do que a lenha enquanto fonte energética. O Brasil é destacadamente o maior produtor e consumidor mundial de carvão, respondendo por quase 30% da produção mundial, que é de pouco mais de 41,5 milhões de toneladas. No País, é bastante usado na indústria siderúrgica, principalmente na produção de ferro-gusa. Além do Brasil, são grandes produtores de carvão vegetal a Nigéria, a Etiópia, a Índia e a Tailândia.

A produção mundial de madeira usada na transformação industrial é de 1,59 bilhão de m<sup>3</sup>. A América do Norte e a Europa produzem 70% deste volume. A fatia, desse total, que cabe aos EUA é de 25%. Os quatro países maiores produtores (EUA, Canadá, Rússia e Brasil) são responsáveis por mais da metade da produção mundial (Tabela 2). Nos últimos anos, a Rússia

e a Suécia vêm aumentando significativamente suas produções, enquanto a China está reduzindo e passando cada vez mais a depender de importações para atender a seu consumo.

Em quase todos os países de destaque na produção de madeira para uso industrial, o destino principal das toras é o processamento mecânico, principalmente a produção de madeira serrada (Gráfico 1). O restante se divide entre papel e celulose, painéis reconstituídos e outros usos. Os EUA e o Canadá responderam, juntos, por mais de 40% da produção de madeira bruta destinada a serrados, laminados e compensados. A matéria-prima para celulose, papel e painéis reconstituídos é produzida principalmente nos EUA e na Europa. No Brasil, a produção de madeira para celulose vem crescendo de maneira significativa nos últimos anos.

**TABELA 2/I - PRODUÇÃO MUNDIAL DE MADEIRA EM TORAS <sup>(1)</sup> PARA USO INDUSTRIAL, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES - 1999-2002**  
(m<sup>3</sup>)

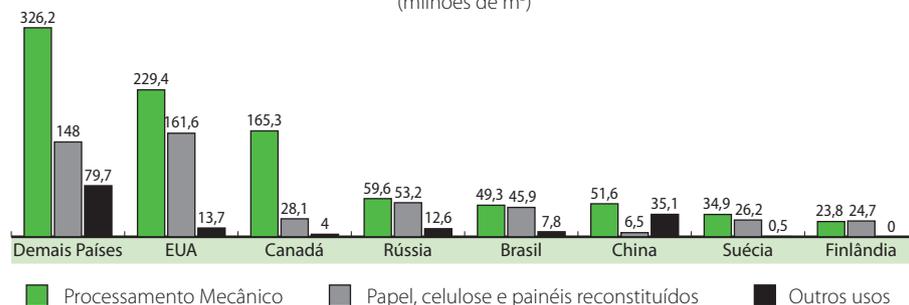
PAÍS	1999	2000	2001	2002
Estados Unidos da América	425.658.996	427.653.996	398.224.616	404.734.956
Canadá	190.846.008	197.373.008	197.373.008	197.373.008
Rússia	94.600.000	105.800.000	117.800.000	125.400.000
Brasil	100.395.000	102.994.000	102.994.000	102.994.000
China	100.361.000	96.421.000	93.861.000	93.121.000
Suécia	52.800.000	57.400.000	57.300.000	61.600.000
Finlândia	49.593.000	50.147.073	47.727.000	48.529.000
Alemanha	35.063.000	51.088.000	36.502.000	37.755.000
França	33.236.820	43.440.000	37.471.000	33.500.000
Indonésia	39.796.500	33.496.500	26.496.600	32.996.500
Chile	23.179.000	24.437.000	25.682.000	25.491.000
Polônia	22.842.000	24.489.000	23.375.000	25.040.000
Austrália	20.587.000	24.042.000	24.353.000	24.322.000
Nova Zelândia	17.686.000	19.279.000	20.673.000	22.613.000
Demais Países	343.740.466	345.222.803	342.128.026	352.245.546
<b>Mundo</b>	<b>1.550.384.790</b>	<b>1.603.283.380</b>	<b>1.551.960.250</b>	<b>1.587.715.010</b>

FONTES: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em 18 de maio de 2004.

(1) Refere-se a toda a madeira bruta em estado natural, incluindo madeira para: serraria, fabricação de painéis reconstituídos, celulose e papel e outros fins industriais.

**GRÁFICO 1/I – PRODUÇÃO MUNDIAL DE MADEIRA PARA USO INDUSTRIAL, SEGUNDO PRINCIPAIS PAÍSES E FINALIDADE – 2002**

(milhões de m<sup>3</sup>)



FONTES: FAO.

Os EUA e o Canadá são os grandes produtores mundiais de celulose de mercado (32,4% e 15,1%, respectivamente) (Tabela 3). Além destes dois países, a Finlândia, a Suécia, o Japão e o Brasil formam o grupo dos seis maiores produtores de celulose do mundo, respondendo por mais de 70% da produção total.

A produção mundial de papel e papel cartão atingiu 325 milhões de toneladas em 2002, crescimento de 1,3% em relação a 2001. Os Estados Unidos responderam por mais de 25% desta produção. Os cinco países maiores produtores de papel e cartões (EUA, China, Japão, Canadá e Alemanha) respondem por qua-

**TABELA 3/I - PRODUÇÃO MUNDIAL DE CELULOSE<sup>(1)</sup>, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES - 1999-2002**  
(m<sup>3</sup>)

PAÍS	1999	2000	2001	2002
Estados Unidos de América	59.523.534	58.362.000	57.830.909	53.680.142
Canadá	23.844.000	25.382.000	26.696.000	25.110.000
Finlândia	11.447.000	11.669.000	12.009.000	11.168.000
Suécia	10.549.000	10.693.000	11.545.000	11.028.000
Japão	10.988.000	10.971.000	11.373.000	10.792.000
Brasil	6.774.000	7.113.000	7.338.000	7.436.000
Federação Russa	3.991.000	5.109.000	5.842.000	6.151.700
Indonésia	1.816.000	1.646.000	3.626.000	5.482.000
China	2.240.000	3.590.000	3.700.000	4.075.000
Demais Países	28.742.113	29.053.386	31.516.500	30.821.010
<b>Mundo</b>	<b>159.914.647</b>	<b>163.588.386</b>	<b>171.476.409</b>	<b>165.743.852</b>

FONTE: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em: 18 de maio de 2004.

(1) Refere-se à celulose de mercado.

se 60% da produção mundial (Tabela 4). Os 7,4 milhões de toneladas de papel produzidos pelo Brasil em 2002 representaram 2,3% da produção mundial.

Os Estados Unidos, a China, o Canadá e a Alemanha são também os grandes produtores mundiais de painéis reconstituídos (aglomerados, MDF, OSB, etc.), cuja produção atingiu 176,6 milhões de m<sup>3</sup> em 2002.

## Comércio Mundial de Produtos Florestais

O comércio internacional de todos os produtos florestais (exportações + importações), exceto móveis de madeira, atingiu a cifra de 273 bilhões de dólares em 2002, segundo levantamentos da FAO. Os papéis (diversos tipos), a madeira serrada e a celulose são os produtos mais importantes deste mercado. Es-

**TABELA 4/I - PRODUÇÃO MUNDIAL DE PAPEL E CARTÕES SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES - 1999-2002**  
(m<sup>3</sup>)

PAÍS	1999	2000	2001	2002
Estados Unidos da América	88.776.000	86.545.261	81.437.820	81.791.690
China	34.137.000	35.439.000	37.929.000	37.929.000
Japão	30.631.000	31.828.000	30.717.000	30.686.000
Canadá	20.280.000	20.920.896	19.834.000	20.226.000
Alemanha	16.742.000	18.182.000	17.879.000	18.526.000
Finlândia	12.947.000	13.509.000	12.502.000	12.776.000
Suécia	10.071.000	10.786.000	10.534.000	10.724.000
Coréia	8.875.000	9.308.000	9.332.000	9.812.000
França	9.603.000	10.006.000	9.625.000	9.798.000
Itália	8.568.000	9.129.317	8.926.000	9.273.000
Brasil	6.255.000	6.473.000	7.354.000	7.354.000
Demais Países	68.740.120	71.719.958	74.360.444	75.753.055
<b>Mundo</b>	<b>315.625.120</b>	<b>323.846.432</b>	<b>320.430.264</b>	<b>324.648.745</b>

FONTE: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em 19 de maio de 2004.

tes três grupos de produtos somam mais de quatro quintos do comércio mundial do setor; apenas os papéis representam quase a metade do total.

As tabelas 5 e 6 mostram os valores envolvidos nas exportações e importações mundiais de produtos de base florestal no período 1999 a 2002 e realça os países mais importantes neste mercado. Em 2002, foram exportados pouco mais de 133,2 bilhões de dólares em produtos florestais, pertencendo ao Canadá o maior percentual: 17% do total. Os cinco maiores exportadores (Canadá, EUA, Alemanha, Finlândia e Suécia) são responsáveis por mais da metade do valor total. O Brasil, segundo os dados da FAO, responde por menos de 2%<sup>2</sup>.

O Canadá é o maior exportador de serrados, participando com mais de um terço das exportações mundiais. Também são importantes exportadores a Suécia

e a Finlândia. O Canadá é também o maior exportador de painéis reconstituídos de madeira, cujas exportações mundiais nos últimos quatro anos têm ficado na faixa de 17 bilhões a 20 bilhões de dólares por ano. Neste mercado, a Indonésia e a Alemanha também são importantes exportadores.

O comércio mundial de celulose em 2003 foi de aproximadamente 44,4 milhões de toneladas; desse total, 8,0 milhões são de celulose de fibra curta, feita do eucalipto. Para 2004, as expectativas são de um crescimento de 2,0% no comércio mundial de celulose; para a celulose de eucalipto, estima-se um crescimento de 4% em relação a 2003.

O Canadá também é o maior exportador mundial de celulose, com quase um terço do total. Além do Canadá, os EUA, o Brasil e a Suécia se destacam entre os exportadores. Já nas exportações de pa-

**TABELA 5/1 – VALOR DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS DE PRODUTOS FLORESTAIS SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES - 1999-2002**  
(US\$ 1.000,00)

PAÍS	1999	2000	2001	2002
Canadá	25.926.215	27.693.896	24.362.226	22.506.181
Estados Unidos da América	14.645.414	16.531.992	14.085.919	13.827.960
Alemanha	9.925.420	11.600.972	10.082.243	11.165.057
Finlândia	10.925.153	10.973.861	10.093.472	10.551.906
Suécia	9.700.192	10.130.022	8.718.675	9.684.133
França	5.680.106	5.853.839	5.212.389	5.292.460
Indonésia	4.916.019	5.517.412	4.993.992	4.615.431
Áustria	4.215.588	4.298.184	3.940.182	4.600.415
Rússia	3.181.917	3.791.653	3.875.516	4.298.136
China	3.198.153	3.776.227	3.697.712	4.100.682
Bélgica	3.382.546	3.660.249	3.377.535	3.342.777
Malásia	2.956.315	2.792.810	2.941.087	3.018.472
Países Baixos	2.748.924	2.903.148	2.456.152	2.642.636
Brasil	2.551.101	3.024.315	2.640.859	2.629.316
Demais Países	29.488.964	32.145.469	30.227.283	30.949.165
<b>Mundo</b>	<b>133.442.027</b>	<b>144.694.049</b>	<b>130.705.242</b>	<b>133.224.727</b>

FONTE: FAO - Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em 19 de maio de 2004.

<sup>2</sup> Os valores das exportações brasileiras que constam no banco de dados da FAO diferem significativamente dos dados oficiais do MDIC/Secex. Enquanto para a FAO o Brasil teria exportado pouco mais de 2,6 bilhões de dólares em produtos florestais (exceto móveis) em 2001 e 2002, os dados do MDIC apontam exportações de 3,7 bilhões e 3,8 bilhões de dólares, respectivamente.

**TABELA 6/1 – VALOR DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS DE PRODUTOS FLORESTAIS SEGUNDO OS PRINCIPAIS PAÍSES - 1999-2002**  
(US\$ 1.000,00)

PAÍS	1999	2000	2001	2002
Estados Unidos da América	24.402.591	25.705.787	24.220.225	23.353.074
China	12.343.268	14.699.157	14.357.887	15.360.618
Alemanha	10.779.232	12.583.266	11.477.046	11.108.231
Japão	12.351.190	13.391.162	11.284.322	10.480.190
Reino Unido	8.983.465	9.013.933	9.045.854	8.655.255
França	7.427.293	7.892.408	6.935.387	6.983.651
Itália	7.139.451	7.824.152	6.867.687	6.355.202
Países Baixos	4.913.288	4.502.603	4.163.992	4.344.490
Espanha	3.993.783	4.338.291	3.884.426	4.099.459
Canadá	3.756.396	4.215.053	3.849.422	4.052.738
Bélgica	3.994.007	4.315.711	3.971.141	3.882.480
Coréia	2.950.053	3.708.419	3.143.173	3.545.583
Demais Países	37.983.971	41.171.351	38.607.919	37.577.125
<b>Mundo</b>	<b>141.017.988</b>	<b>153.361.293</b>	<b>141.808.481</b>	<b>139.798.096</b>

FONTE: FAO – Base de Dados Estatísticos. Disponível em <http://www.fao.org>, acesso em 19 de maio de 2004.

país, que representam quase a metade das exportações globais de produtos florestais, sobressai-se a Europa, com cerca de 60% do total, destacando-se a Alemanha e a Finlândia. Também são importantes exportadores de papel o Canadá e os EUA.

Os EUA são o principal importador de produtos florestais, com 16,7% das importações mundiais. Além dos EUA, também são grandes importadores a China, a Alemanha, o Japão e o Reino Unido. Os norte-americanos são responsáveis também por quase um terço das importações mundiais de serrados; também são grandes importadores a China, o Japão e a Itália.

Os principais países importadores de painéis reconstituídos de madeira são os Estados Unidos, o Japão, a China e a Alemanha. Estes quatro países respondem por quase metade das importações mundiais. Já as importações de celulo-

se são relativamente diluídas entre os países importadores e vêm se reduzindo de maneira expressiva nos últimos anos. Os países da Europa (principalmente Alemanha, Itália e França) e da Ásia (com destaque para a China, o Japão e a Coréia) são os maiores importadores da *commodity*.

Os principais produtos do comércio mundial do setor florestal são do segmento papéis, representados pelo papel imprensa, papel de imprimir e de escrever, papel-cartão e outros papéis, representando importações superiores a 65 bilhões de dólares em 2002. Os maiores importadores são os EUA, a Alemanha e a China; juntos, somam mais de um terço das importações mundiais.

Os quantitativos e valores do comércio internacional de produtos florestais mostram que os EUA são os grandes produtores, importadores e, principalmente, consumidores dos produtos de origem

florestal. A Rússia e o Brasil são grandes produtores e consumidores desses produtos, mas com baixa participação no comércio mundial. Já o Canadá, a Finlândia e a Suécia são grandes produtores e exportadores. Por outro lado, a China é grande produtora e importadora, enquanto que o Japão, o Reino Unido e a Itália são grandes importadores líquidos desses produtos.

A Alemanha desponta como um país de alto coeficiente de abertura ao comércio internacional de produtos florestais, produzindo, exportando e importando elevados volumes. O Brasil e a Rússia são países de grande produção e consumo de produtos florestais, mas de reduzida participação no comércio internacional. As perspectivas de médio prazo são de que a Rússia, o Brasil, o Chile e outros países da América Latina venham a ganhar importância nas exportações mundiais de produtos de base florestal. O Protocolo de Kioto e o setor florestal

## O Protocolo de Kioto e o Setor Florestal

O Protocolo de Kioto, compromisso assumido por um grande número de países em 1997 para reduzir as emissões de gases de efeito estufa, criou o Mecanismo de Desenvolvimento Limpo MDL - para permitir que os países desenvolvidos patrocinem projetos de redução de emissões destes gases ou de seu seqüestro em países em desenvolvimento e deles se beneficiem, compensando as necessidades de redução de suas próprias emissões.

Em Marrakesh, na conferência das partes de outubro de 2001, da qual participaram 167 países, foram aprovadas as regras básicas do mercado de carbono, através da criação dos Certificados de Redução de Emissões e da transferência de direitos e bônus de emissão.

Na 9ª conferência das partes (COP 9), realizada em Milão, na Itália, no ano passado, o Mecanismo do Desenvolvimento Limpo teve suas regras aprovadas e as questões relativas ao seqüestro de carbono (plantio de florestas em países em desenvolvimento) encaminhadas. Também foram tomadas decisões sobre as modalidades e procedimentos para projetos e atividades de florestamento e reflorestamento, no contexto do MDL. Acordos internacionais deverão ser realizados depois que os países hospedeiros dos projetos avaliarem os riscos associados ao uso de organismos geneticamente modificados e de espécies exóticas invasoras, à luz de suas leis nacionais. Para a próxima conferência, serão também consideradas e submetidas às partes as possíveis modalidades de projetos de pequena escala e os procedimentos simplificados para sua implementação.

As reais possibilidades e a amplitudes dos projetos de florestamento e de reflorestamento na geração de créditos de carbono, através do MDL, são de difícil previsão. As várias tentativas de quantificar o mercado de carbono mostram grandes discrepâncias entre si, assim como as tentativas de indicar os países em desenvolvimento

que mais se beneficiarão deste mercado. Se prevalecer o princípio da adicionalidade<sup>3</sup>, o setor florestal de países tropicais como o Brasil, que dispõem de vastas áreas de terras passíveis de florestamento e com grande capacidade de crescimento da biomassa, poderá ser bastante beneficiado. Projetos de reflorestamento com maior lastro social e de recuperação de ecossistemas degradados certamente serão mais facilmente elegíveis e mais bem valorizados no mercado de carbono.

Há quase dois anos se aguarda a adesão da Rússia para que o protocolo possa entrar em vigor. A Rússia é responsável por cerca de 17% da emissão mundial de gases de efeito estufa e sua adesão elevaria para mais de 60% o percentual de emissão dos países que subscrevem o acordo, criando condições de vigência efetiva do protocolo, uma vez, que para sua validade, terá de envolver países que sejam responsáveis por pelo menos 55% das emissões mundiais de gases de efeito estufa. Para facilitar sua entrada no OMC, a Rússia dá sinais de que está prestes a ceder às pressões da União Européia e a ratificar o Protocolo, embora autoridades russas se tenham manifestado contrárias, por entenderem que a economia do país seria prejudicada pelo acordo.

Enquanto o Protocolo de Kioto não é sacramentado, o mercado de carbono, principalmente através de Certificados de Redução de Emissões (CRE) vem dando seus primeiros passos. Em caráter experimental, estão sendo criados vários fundos internacionais para financiar projetos específicos de redução de emissões ou de seqüestro de carbono. Para estimular a formação do mercado, o Banco Mundial criou o *Prototype Carbon Fund*, para captar recursos e fi-

nanciar projetos de redução de emissões de gases na atmosfera. Em outubro do ano passado, passou a funcionar a Chicago Climate Exchange - CCX -, uma bolsa auto-regulada que congrega 25 empresas e organizações não-governamentais. O número e o volume das negociações de créditos de carbono nesta bolsa vêm aumentando mês a mês.

No Brasil, já é está em torno de 40 o número de projetos de crédito de carbono em avaliação, a maioria envolvendo aterros sanitários, tratamentos de esgoto, destilarias de álcool, co-geração de energia e outras energias alternativas.

## Produção e Mercado de Produtos Florestais no Brasil

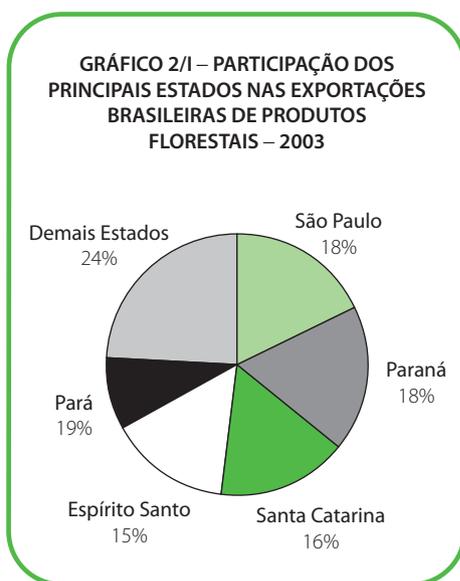
O setor teme escassez de matéria-prima no curto prazo, mas prepara um novo ciclo de expansão.

O PIB do setor florestal brasileiro está estimado em 23 bilhões de dólares e representa cerca de 4,5% do produto de toda a economia. O Brasil, maior produtor florestal da América Latina, industrializa mais de 100 milhões de m<sup>3</sup> de madeira por ano, gera cerca de 6,5 milhões de empregos e arrecada em impostos, através do setor de base florestal, 4,5 bilhões de dólares anualmente (Abimci, 2003).

Em 2003, entre madeira e derivados, papel, celulose e móveis, o setor exportou 5,5 bilhões de dólares, contribuindo com 7,5% do total das exportações brasileiras, ficando atrás somente do com-

**3** Princípio segundo o qual somente projetos que permitam fixar quantidades adicionais de carbono da atmosfera, em relação à situação inicial, seriam elegíveis para gerar certificados de carbono.

plexo soja no *ranking* das exportações do agronegócio. Os cinco principais estados exportadores de produtos florestais são responsáveis por mais de 75% valor total exportado (Gráfico 2).



FONTE: Secex / Decex.

As expectativas para 2004 são de que o setor, impulsionado pela madeira sólida e pelos móveis, venha a atingir a marca de 7,0 bilhões de dólares em exportações, o que representaria um crescimento de quase 30%. Segundo lideranças do setor, o potencial exportador brasileiro de produtos de origem florestal é de superar o montante de US\$ 11 bilhões em 2010, o que aumentaria a participação do Brasil neste mercado, atualmente de apenas 1,5% do total.

## Produção de Matéria-prima Florestal

O Brasil detém 14% do total das florestas do planeta e pouco menos de 3% das florestas plantadas no mundo. O valor da produção primária da extração vegetal e da silvicultura brasileira somou quase seis bilhões de reais em 2002. Nos últimos quatro anos, as florestas cultivadas vêm aumentando sistematicamente sua importância relativa no fornecimento de matéria-prima para todos os produtos florestais (Tabela 7).

As florestas nativas responderam em 2002 por cerca de 50% da produção de lenha e carvão vegetal, 40% da madeira para processamento mecânico, 31% da erva-mate e 16% do palmito. A extração de madeira nativa tem-se estabilizado em aproximadamente 21 milhões de m<sup>3</sup> por ano. O estado do Pará fornece quase a metade deste montante e os cinco estados de maior produção extra, em quase 90% da madeira nativa produzida (Gráfico 3).

A produção brasileira de carvão vegetal nos últimos anos tem girado entre 3,7 milhões e 4,0 milhões de toneladas, sendo Minas Gerais o estado maior produtor e Pará, o segundo. O maior consumo de carvão vegetal ocorre em Minas Gerais, pela indústria siderúrgica, principalmente de ferro-gusa.

Toda a madeira transformada em papel e celulose no Brasil provém da silvicultura. A produção de madeira para esta finalidade alcançou 43,4 milhões de m<sup>3</sup> em 2002, 6% a mais que em 2001. Apenas 11 estados brasileiros

TABELA 7/I - PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS FLORESTAIS - BRASIL - 1999-2002

PRODUTO	MEDIDA	1999	2000	2001	2002
<b>Extração vegetal</b>					
Carvão vegetal	mil t	1.281	1.429	1.729	1.955
Erva-mate	t	176.922	174.481	182.177	229.701
Lenha	mil m <sup>3</sup>	54.672	50.395	49.006	49.503
Madeira em tora	mil m <sup>3</sup>	21.310	21.919	20.069	21.375
Palmito (1)	t	18.575	17.154	15.596	14.529
Pinhão	t	5.230	4.702	4.417	4.403
<b>Silvicultura</b>					
Carvão vegetal	mil t	2.537	2.386	2.092	2.000
Erva-mate	t	462.665	522.019	645.965	513.526
Lenha	mil m <sup>3</sup>	35.771	40.469	30.043	46.410
Madeira p/papel e celulose	mil m <sup>3</sup>	41.130	46.009	40.999	43.352
Madeira p/outras finalidades	mil m <sup>3</sup>	23.433	25.708	28.759	31.714
Palmito (2)	t	64.563	71.718	69.758	75.065

FONTE: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br>> Sistema SIDRA; acesso em 21 jun. 2003.

(1) Inclui Palmito Juçara, Açai e Pupunha.

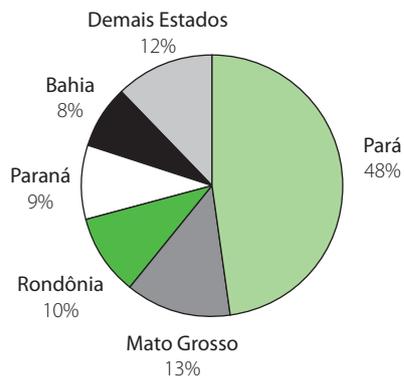
(2) Inclui Palmito Juçara, Palmeira Real, Açai e Pupunha.

produzem madeira para papel e celulose. São Paulo é o maior produtor nacional, com 29% da produção, seguido pelos estados de Santa Catarina, Espírito Santo, Bahia e Paraná (Gráfico 4). As empresas de papel e celulose são detentoras de 1,5 milhão de hec-

tares reflorestados para esta finalidade, distribuídos em 11 estados, sendo 70% com eucalipto.

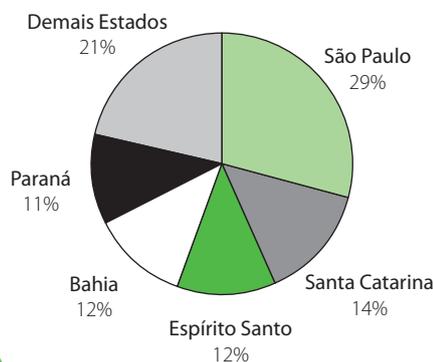
Entre 1999 e 2002, a produção de madeira cultivada destinada à serralha ou laminação cresceu mais de 10% aa.,

GRÁFICO 3/I – PRODUÇÃO EXTRATIVA DE MADEIRA EM TORAS NO BRASIL – 2002



FONTE: IBGE.

GRÁFICO 4/I – PRODUÇÃO BRASILEIRA DE MADEIRA PLANTADA, DESTINADA A PAPEL E CELULOSE – 2002



FONTE: IBGE.

atingindo 31,7 milhões de m<sup>3</sup>. Estima-se que este percentual se tenha mantido em 2003. Santa Catarina, com pouco mais de nove milhões de m<sup>3</sup>, foi responsável por quase um terço da produção nacional do produto em 2002 (Gráfico 5). Os quatro estados do Sul do País (SP, PR, SC e RS) produzem 85% de toda a madeira da silvicultura destinada ao processamento mecânico.

A insuficiência de base florestal, segundo especialistas e entidades do setor produtivo, pode vir a se constituir na maior limitação para a expansão da produção e das exportações de produtos florestais do Brasil nos próximos anos. Estudos prevêem um desequilíbrio, a partir de meados desta década, entre a oferta e a demanda de madeira para atender às projeções de crescimento de alguns segmentos da indústria de base florestal.

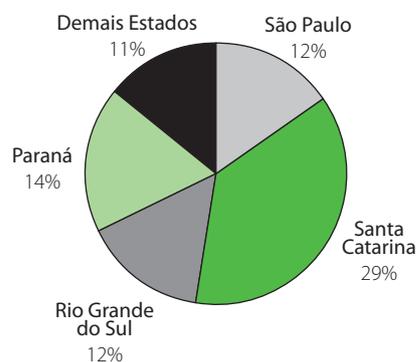
Entre 1967 e 1987, período no qual se criaram incentivos fiscais ao floresta-

mento e ao reflorestamento, foram plantados, por ano, entre 300 mil e 350 mil hectares de florestas no País. De 1987 a 2000, com a interrupção de incentivos fiscais, as plantações de novas áreas mais as reformas de florestas se reduziram a patamares entre 120 mil e 170 mil hectares por ano. É justamente a pouca oferta de matéria-prima, decorrente deste período de baixos investimentos florestais, que está preocupando vários segmentos do setor neste momento. A maturação destes projetos está ocorrendo agora e a escassez de madeira já se faz sentir em algumas regiões, como a insuficiência de madeira de pinus para o setor moveleiro do Sul do Brasil.

A provável escassez de matéria-prima florestal que deverá ocorrer em alguns segmentos, até pelo menos 2012, vem sendo anunciada por especialistas há vários anos. O aquecimento do mercado de madeira com aumento da demanda, devido à valorização do setor a partir de 1999, tenderá a agravar ainda mais o quadro de escassez que a redução da oferta irá naturalmente provocar.

A projeção deste cenário para a presente década já havia sido feita em 1999. Isto fez com que empresas, lideranças e entidades do setor despertassem para o problema e se intensificassem os programas de plantio de novas áreas e de fomento empresarial junto aos agricultores. As estimativas para 2003 são de que entre reformas e novos plantios se tenham plantado de 400 mil a 420 mil hectares de florestas comerciais no Brasil. As projeções atuais das necessidades futuras de matérias-primas para sustentar as

**GRÁFICO 5/I – PRODUÇÃO BRASILEIRA DE MADEIRA PLANTADA DESTINADA AO PROCESSAMENTO MECÂNICO – 2002**



FONTE: IBGE.

perspectivas de expansão do setor indicam que será necessário, nos próximos dez anos, plantar 600 mil hectares por ano.

O Programa Nacional de Florestas (PNF) para o período 2004-2007 foi lançado oficialmente pelo governo federal em fevereiro deste ano, contendo metas ambiciosas para o setor. Estão previstos investimentos de 1,8 bilhão de reais na expansão da base florestal plantada, na recuperação de ecossistemas degradados e no manejo de florestas nativas para produção sustentável. As metas prevêem expandir o reflorestamento em 800 mil hectares nas pequenas e médias propriedades rurais e em 1.200 mil hectares nos programas empresariais, agregar 15 milhões de hectares de florestas naturais ao manejo sustentável e recuperar 200 mil hectares de áreas de preservação permanente.

Dentre as medidas práticas do governo, as que se busca pôr em marcha são o Propflora e o Pronaf Florestal, ambos criados em 2002 com o objetivo de introduzir e expandir a atividade florestal junto aos produtores rurais. O Programa de Plantio Comercial de Florestas Propflora, com recursos do BNDES, destina-se a financiar pequenos e médios projetos de reflorestamento através das normas gerais do crédito rural. Este programa financia investimentos e custeio na implantação de florestas, limitando o valor a 150 mil reais por beneficiário ao ano, tendo como encargos financeiros juros de 8,75% aa., com prazo de reembolso de até 12 anos e carência de até 8 anos, de-

pendendo do plano de corte. Embora dispusesse de 60 milhões de reais em 2003 para o financiamento da implantação e condução de florestas cultivadas, poucas foram as operações de crédito naquele ano. Faltaram informações ao agricultor, houve dificuldades de obtenção de garantias e desinteresse dos bancos em operar com a linha. Para 2004, foram destinados 50 milhões de reais para as operações de crédito através do Propflora.

Para atender especificamente à agricultura familiar, foi instituído o Pronaf Florestal, visando a estimular os agricultores à prática da silvicultura e de sistemas agroflorestais. Este programa visa a beneficiar 100 mil pequenos agricultores, com implantação média de três hectares de florestas por agricultor. É gerenciado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA - e dispõe de 70 milhões de reais para serem aplicados em 2004 na implantação e manutenção de empreendimentos florestais, limitado a 6 mil reais para os agricultores do grupo "C" e a 4 mil reais para os agricultores do grupo "D" do Pronaf. Os juros do financiamento são de 4% ao ano, com bônus de adimplência de 25%. A carência é de até oito anos e o prazo de reembolso, de até 12 anos.

No setor empresarial, a maior parte das empresas intensificou os programas florestais, expandindo as áreas de plantio próprias e os programas de fomento florestal junto aos produtores agrícolas de seu entorno. As grandes empresas do setor com atividades no Brasil estimam in-

vestir mais de um bilhão de reais em plantios florestais em 2004, através de investimentos diretos ou de programas de fomento. Algumas das maiores empresas de papel e celulose planejam alcançar a meta de obter entre 20% e 30% do fornecimento de matéria-prima através de fornecedores independentes. Para isso, chegam a disponibilizar individualmente mais de dois milhões de mudas por ano para seus programas de fomento florestal junto aos agricultores de seu raio de interesse; algumas estruturaram formalmente as relações de integração com seus futuros fornecedores.

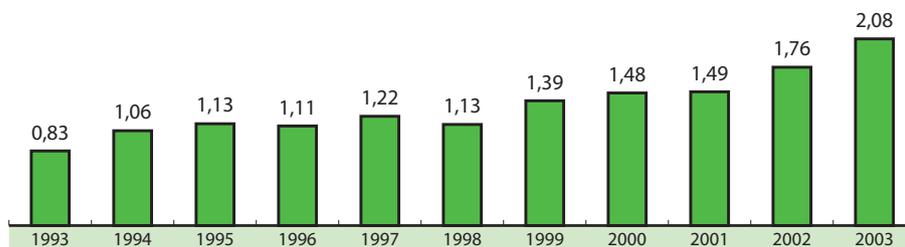
Grandes empresas do setor, como a Aracruz e a Cenibra, estão estabelecendo convênio com o BNDES para atuar em parceria com o banco na montagem dos projetos de financiamento e repasse de insumos e assistência técnica aos agricultores tomadores dos empréstimos. Há um claro interesse e tendência de as grandes empresas atuarem no processo operacional de viabilização dos financiamentos florestais com recursos do Propflora.

## Desempenho da Indústria de Processamento Mecânico da Madeira

Segundo a Associação Brasileira da Indústria da Madeira Processada Mecanicamente (Abimci), existem em operação no Brasil cerca de 10 mil empresas industriais de serrados, 250 empresas produtoras de compensados e aproximadamente 2 mil indústrias de remanufatura de madeira.

As exportações brasileiras de produtos de madeira sólida tiveram um crescimento de quase 10% aa. nos últimos 10 anos, ultrapassando os 2 bilhões de dólares em 2003 (Gráfico 6). De janeiro a maio de 2004, as exportações destes produtos cresceram 40%. Os estados do Paraná, Santa Catarina e Pará são os maiores exportadores, respondendo, juntos, por mais de 70% do total exportado. Os EUA são o grande importador do Brasil, absorvendo mais de 40% das exportações.

GRÁFICO 6/I – EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MADEIRA E SUAS OBRAS – 1993-2003  
(bilhões de US\$)



FONTE: Secex / Decex.

O valor da produção total da indústria de processamento mecânico da madeira (produtos da madeira sólida) foi estimado em 8 bilhões de dólares em 2002 (crescimento de 5% em relação a 2001). Este segmento produtivo é responsável por quase a metade da arrecadação de impostos e por 38% dos empregos gerados em todas as cadeias produtivas que compõem o setor de base florestal brasileiro.

A madeira serrada é a base para a produção de outros produtos da madeira de maior valor agregado. As estimativas de produção para 2002 se aproximam de 25 mil m<sup>3</sup>, 90% dos quais consumidos no mercado interno (Tabela 8). A produção de madeira serrada de origem tropical (madeira nativa) tem-se estabilizado nos últimos anos em cerca de 14 mil m<sup>3</sup> por ano. Já a produção de madeira proveniente de reflorestamento, especialmente de pínus, vem crescendo sistematicamente, tendo duplicado nos últimos dez anos. As exportações de madeira serrada intensificaram-se a partir da desvalorização cambial de 1999, especialmente da madeira de pínus, e atingiram 650 milhões de dólares em 2003, sendo os EUA o principal destino.

A indústria brasileira de compensados (multilaminado e sarrafeado), após um período de ligeira redução na produção, voltou a crescer a partir de 1999, estimulada pela maior demanda para exportação. A produção total de chapas de compensados em 2002 foi estimada em 2,6 milhões de m<sup>3</sup> (Tabela 9), sendo 60% oriundo de madeiras de flores-tas plantadas (principalmente pínus).

O consumo interno de compensados vem apresentando tendência de redução devido à substituição do produto pelo MDF e OSB. Contudo, as exportações vêm sustentando a indústria brasileira de compensados, absorvendo mais de dois terços do volume produzido. Em 2002, foram exportados quase dois milhões de m<sup>3</sup>. Os compensados são o segundo item da pauta de exportações de produtos da madeira sólida, tendo apresentado um crescimento de mais de 30% no valor embarcado em 2003 em relação a 2002, atingindo 590 milhões de dólares. A escassez de matéria-prima nos EUA e no Japão e as dificuldades de produção na Indonésia vêm favorecendo as exportações brasileiras, que têm o Reino Unido, a Alemanha, a Bélgica, os EUA e Porto Rico como principais mercados.

**TABELA 8/I – PRODUÇÃO E DESTINO DA MADEIRA SERRADA – BRASIL – 1994-2002**  
(1.000 m<sup>3</sup>)

ANO	PRODUÇÃO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO
1994	16.610	15.630	1.331	351
1995	17.180	16.592	1.295	707
1996	17.700	16.944	1.259	503
1997	18.500	17.400	1.446	346
1998	18.200	17.110	1.327	245
1999	18.900	17.700	1.741	146
2000	23.100	20.300	1.800	159
2001 <sup>1</sup>	23.800	21.715	2.235	150
2002 <sup>1</sup>	24.910	22.200	2.820	110

FONTE: Abimci, STCP.

<sup>1</sup> Estimativas baseadas no Estudo Setorial 2003 da Abimci.

**TABELA 9/I - PRODUÇÃO E DESTINO DOS COMPENSADOS – BRASIL – 1994-2002**  
(1.000 m<sup>3</sup>)

ANO	PRODUÇÃO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO
1994	1.900	1.002	898
1995	1.600	852	748
1996	1.670	1.012	658
1997	1.650	1.000	650
1998	1.600	980	620
1999	2.200	1.020	1.300
2000	2.470	1.000	1.400
2001 <sup>(1)</sup>	2.514	1.024	1.490
2002 <sup>(1)</sup>	2.600	791	1809

FONTE: Abimci, STCP.

<sup>(1)</sup> Estimativas baseadas no Estudo Setorial 2003 da Abimci.

Há uma tendência crescente entre as empresas brasileiras de buscar reprocessar a madeira serrada visando à agregação de valor. Com isso, vêm crescendo de forma sistemática a produção, o consumo e as exportações brasileiras de produtos de maior valor agregado (PMVA)

(Tabela 10). A produção e o consumo de *Blocks* e *Blanks* de pinus vêm crescendo ano a ano, mas as exportações, que já representaram mais de 70% da produção em 1995, significaram apenas 15% do volume produzido em 2002.

**TABELA 10/I – PRODUÇÃO E DESTINO DE PRODUTOS DE MAIOR VALOR AGREGADO (PMVA) – BRASIL – 1998-2002**

ANO	PRODUTO	PRODUÇÃO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO
1998	Blocks e Blanks (m <sup>3</sup> )	330.000	190.000	150.000
1999		361.000	280.000	180.000
2000		390.000	320.000	76.000
2001 <sup>(1)</sup>		415.000	355.000	60.000
2002 <sup>(1)</sup>		440.000	370.000	70.000
1998	EGP (m <sup>3</sup> )	255.000	217.000	25.000
1999		267.000	219.000	35.000
2000		285.000	221.000	55.000
2001 <sup>(1)</sup>		275.000	212.000	63.000
2002 <sup>(1)</sup>		293.000	228.000	65.000
1998	Molduras (m <sup>3</sup> )	110.000	5.000	95.000
1999		133.000	5.000	126.000
2000		300.000	5.000	180.000
2001 <sup>(1)</sup>		438.000	45.000	393.000
2002 <sup>(1)</sup>		490.000	50.000	440.000
1998 <sup>(1)</sup>	Portas (unidades)	3.000.000	2.150.000	850.000
1999 <sup>(1)</sup>		4.750.000	3.640.000	1.110.000
2000 <sup>(1)</sup>		4.850.000	3.660.000	1.190.000
2001 <sup>(1)</sup>		6.000.000	4.685.000	1.315.000
2002 <sup>(1)</sup>		6.300.000	4.700.000	1.600.000

FONTE: Abimci, STCP.

<sup>(1)</sup> Estimativas baseadas no Estudo Setorial 2003 da Abimci.

Os EGP (*edge glued panel* - painel colado lateral), usados na indústria moveleira, são formados a partir de madeira serrada e colada lateralmente. Sua produção se destina majoritariamente ao mercado interno, que tem apresentado baixo crescimento nos últimos anos. As exportações têm captado parcelas cada vez maiores da produção, tendo absorvido mais de 20% dos 293 mil m<sup>3</sup> produzidos em 2002.

Merece destaque, neste segmento, o grande crescimento da produção de molduras nos últimos anos (45% aa.), impulsionado por um correspondente aumento das exportações, que absorvem a maior parte do volume produzido. As molduras são perfis obtidos a partir do reprocessamento da madeira serrada ou de *blocks e blanks* e são utilizadas principalmente na construção civil (rodapé, meia-lua, meia-cana, etc.). Cerca de 60% das molduras são produzidas com madeira tropical; as restantes são feitas basicamente de pinus, sendo estas quase todas exportadas para os EUA, que absorvem 90% das exportações destes produtos.

A indústria de portas engloba mais de 2 mil empresas, a maioria localizada nos estados do Paraná e Santa Catarina e é um dos segmentos mais representativos dos PMVA. A produção de portas cresceu bastante nos últimos cinco anos, estimulada pela demanda interna e também pela exportação, que em 2002 absorveu 1,6 milhão unidades, 25% da produção total. Nos últimos dois anos, o valor das exportações brasileiras de portas quase duplicou.

Outro segmento importante da indústria de madeira é o de produção de pisos de madeira maciça ou engenheirados (de painéis de MDF, HDH e aglomerados revestidos com lâminas de madeira ou papel melamínico). A produção e o consumo destes pisos no Brasil apresentou expressivo crescimento a partir de 2000. As exportações brasileiras destes produtos vêm apresentando grande crescimento a partir de 1999 e já beira os 100 milhões de dólares.

## Desempenho da Indústria de Painéis Reconstituídos

A indústria brasileira de painéis reconstituídos de madeira apresentou um grande desenvolvimento na última década. Sua produção total expandiu-se a uma taxa anual de 11% entre 1994 e 2003, atingindo 3,4 milhões de m<sup>3</sup>.

A produção de madeira aglomerada apresentou um ligeiro crescimento em 2003, mas ainda inferior aos níveis de produção de 2001. Quase toda a produção nacional de aglomerados é consumida internamente, principalmente pela indústria moveleira (Tabela 11). As florestas cultivadas de pinus fornecem a maior parte da matéria-prima para a fabricação de painéis de aglomerados, mas algumas empresas já utilizam madeira de eucalipto. As maiores empresas planejam ampliar sua produção de painéis de aglomerados revestidos com melamina, para poder atender ao aumento da demanda da indústria moveleira.

TABELA 11/I - PRODUÇÃO E DESTINO DOS PAINÉIS RECONSTITUÍDOS – BRASIL – 1998-2003  
(m<sup>3</sup>)

ANO	PRODUTO	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	EXPORTAÇÃO	CONSUMO
1998	Aglomerado	1.313.053	12.667	3.646	1.322.074
1999		1.499.947	1.363	28.019	1.473.291
2000		1.762.220	15.439	15.712	1.761.947
2001		1.832.996	46.281	7.808	1.871.469
2002		1.790.620	42.840	17.536	1.815.924
2003		1.808.378	71.663	12.384	1.867.657
1998	Chapa de fibra	506.692	1.164	207.779	300.077
1999		535.691	0	204.929	330.762
2000		558.766	0	194.920	363.846
2001		534.456	0	181.200	353.256
2002		506.848	0	211.829	295.019
2003		511.094	0	225.300	285.794
1998	MDF	166.692	35.589	17.918	184.363
1999		357.041	10.977	17.430	350.588
2000		381.356	10.559	3.037	388.878
2001		609.072	23.865	3.878	629.059
2002		845.518	25.570	154.889	716.199
2003		1.078.931	120.968	219.328	980.571
1998	Total de painéis de madeira reconstituída	1.986.437	49.420	229.343	1.806.514
1999		2.392.679	12.340	250.378	2.154.641
2000		2.702.342	25.908	213.669	2.514.581
2001		2.976.524	70.146	192.886	2.853.784
2002		3.142.986	68.410	384.254	2.827.142
2003		3.398.403	192.631	457.012	3.134.022

FONTE: Abipa, Abimóvel. Disponível em < <http://www.abimóvel.com>>; acesso em 22 de junho de 2004.

A produção de chapa dura de fibra estabilizou-se em pouco mais de 500 mil m<sup>3</sup> por ano, sendo a maior parte consumida internamente. A expectativa é de que para o futuro próximo a produção fique estabilizada nos níveis atuais.

O consumo brasileiro de MDF, particularmente pela construção civil e pela indústria de móveis, vem crescendo rapidamente, em substituição a outros produtos como a madeira maciça e aglomerada, passando de 6,6 mil m<sup>3</sup> em 1994 para quase um milhão de m<sup>3</sup> em 2003. Somente em 1997 começou a

operar no Brasil a primeira planta industrial produtora desta chapa (atualmente são seis). Em 1999, o País já se tornou auto-suficiente nesse produto. Em 2001 e 2002, com o grande crescimento do consumo, foram necessárias algumas importações, porém de pequena monta. Em 2002 e 2003, a produção cresceu bastante (39% e 28%, respectivamente), permitindo exportações de grandes volumes de MDF, com saldos comerciais positivos, embora as importações também tenham aumentado expressivamente.

## Desempenho da Indústria de Móveis de Madeira

Predominância de micro e pequenas empresas e elevada capacidade de absorção de mão-de-obra são características marcantes da indústria moveleira. Segundo a Associação Brasileira da Indústria do Mobiliário (Abimóvel), existiam no Brasil, em 2002, aproximadamente 16 mil empresas fabricantes de móveis e apenas 300 delas possuíam mais de 100 empregados. O setor apresenta grande dinamismo econômico e trabalha com alto grau de flexibilidade operacional. Com o aumento no fluxo das exportações dos últimos anos, a indústria desenvolveu bastante sua capacidade de produção e melhorou a tecnologia de produto e processos, elevando a qualidade de seus produtos.

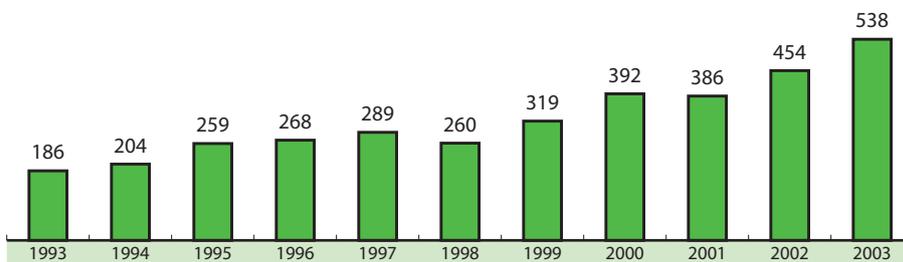
Nos dez principais pólos moveleiros do Brasil, atuam cerca de 1.700 empresas que empregam quase 50 mil pessoas. São três aglomerados de empresas que formam pólos de fabricação de móveis em São Paulo (Arapongas, Mirassol e Votuporanga), dois em Minas Gerais (Ubá e Bom Despacho), dois no Rio Grande do

Sul (Bento Gonçalves e Lagoa Vermelha), um em Santa Catarina (São Bento do Sul), um no Paraná (Arapongas) e um no Espírito Santo (Linhares + Colatina).

O faturamento da indústria brasileira de móveis foi de 8,8 bilhões de reais em 2003, uma redução de 10% em relação a 2002. Esta queda de faturamento foi provocada pela forte retração do mercado interno, uma vez que as exportações cresceram 18% no período. A previsão das lideranças do setor para 2004 é de que o mercado interno se recupere e a indústria venha a apresentar um crescimento de 15%.

Nos últimos dez anos, as exportações de móveis de madeira apresentaram um vigoroso crescimento médio de 11% aa. As exportações em 2003 foram de 538 milhões de dólares, 18% a mais do que em 2002, que também foi 18% maior do que em 2001 (Gráfico 7). De janeiro a maio de 2004, as exportações de móveis de madeira cresceram 44%; a meta do segmento para 2004 é exportar 700 milhões de dólares, um crescimento de 30%.

GRÁFICO 7/I – EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA E SUAS PARTES – 1993-2003  
(milhões de US\$)



FONTE: Secex / Decex.

Este crescimento sistemático e consistente das exportações brasileiras de móveis nos últimos anos reflete os esforços empreendidos pela indústria moveleira e pela Agência de Promoção das Exportações (Apex), através do Programa de Promoção das Exportações de Móveis (Promóvel). São mais de 1.100 empresas exportadoras, com mais de 80% delas sediadas nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O estado de Santa Catarina foi responsável por quase 60% das exportações brasileiras de móveis de madeira em 2003, seguido pelo estado do Rio Grande do Sul, que respondeu por 27% do volume exportado.

### Desempenho da Indústria de Celulose e Papel

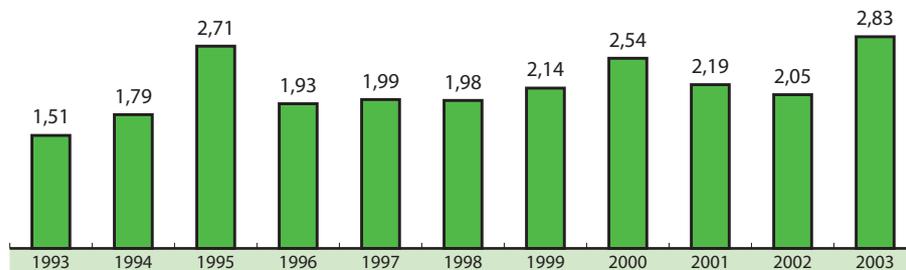
A indústria brasileira de papel e celulose é bastante desenvolvida e competitiva no mercado global. As mais de 200 empresas do setor atuam em 16 estados, faturam quase 20 bilhões de reais por ano, empregam 100 mil pessoas e geram 1,7 bilhão de reais em impostos. Em 2003

foram exportados 2,8 bilhões de dólares em celulose e papel, um record na história do comércio exterior do setor, significando quase 40% de acréscimo em relação a 2002 (Gráfico 8). Toda a produção de papel e celulose provém de florestas plantadas, a maior parte de propriedade das próprias empresas (cerca de 1,5 milhões de hectares).

No segmento de celulose de mercado, o Brasil é o 6º produtor mundial (3º em exportação). Em 2003 foram produzidos mais de 9 milhões de toneladas de pastas de celulose, um crescimento de 13,7% em relação a 2002 (Tabela 12). Do total produzido, cerca de três quartos são de celulose de fibra curta branqueada, que utiliza o eucalipto como matéria-prima, praticamente o único tipo exportado pelo Brasil. O País é o maior produtor e exportador mundial deste tipo de celulose

A metade da produção nacional de celulose é destinada às exportações. O estado do Espírito Santo, com 47% do valor total em 2003, é o maior exportador

GRÁFICO 8/I – EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE PAPEL E CELULOSE – 1993-2003  
(bilhões de US\$)



FONTE: Secex / Decex.

TABELA 12/I - PRODUÇÃO BRASILEIRA DE CELULOSE E PAPEL – 2002-2003  
(1.000 t)

DISCRIMINAÇÃO	TIPO	2002	2003	2003/2002 (%)
Celulose	Fibra longa	1.508	1.532	1,6
	Branqueada	87	85	-2,3
	Não branqueada	1.421	1.447	1,8
	Fibra curta	6.018	7.123	18,4
	Branqueada	5.751	6.821	18,6
	Não branqueada	267	301	12,7
	Demais	484	449	-7,4
<b>Total</b>		<b>8.010</b>	<b>9.104</b>	<b>13,7</b>
Papel	Imprensa	248	163	-34,3
	Imprimir/escrever	2.163	2.273	5,1
	Embalagem	3.590	3.730	3,9
	Papel-cartão	545	533	-2,2
	Cartolinas/papelão	63	65	3,2
	Sanitários	671	681	1,5
	Outros	381	366	-4,7
	<b>Total</b>		<b>7.661</b>	<b>7.811</b>
Consumo aparente de papel	Produção	7.661	7.811	2,0
	Importação	560	578	3,2
	Exportação	1.454	1.778	22,3
	<b>Total</b>	<b>6.767</b>	<b>6.611</b>	<b>-2,3</b>
Consumo per cápita (kg/hab)		39,5	38,2	
Consumo aparente de celulose	Produção	8.010	9.104	13,7
	Importação	372	339	-8,9
	Exportação	3.449	4.570	32,5
	<b>Total</b>	<b>4.933</b>	<b>4.873</b>	<b>-1,2</b>

FORNTE: Bracelpa/Secex; Elaboração Remade. Disponível em < [http:// www.remade.com.br](http://www.remade.com.br)> Banco de Dados; acesso em: 21 jun 2004.

nacional. Os estados de Minas Gerais, Bahia e São Paulo também são importantes exportadores de celulose, respondendo, juntos, por 40% do valor dos embarques do produto. Os países europeus, asiáticos e os Estados Unidos adquirem todas as exportações brasileiras de celulose.

Os preços internacionais da celulose vêm se recuperando desde o último trimestre de 2003 e em 2004 apresentaram crescimento bastante expressivo. Segundo a empresa Foex ([www.foex.com](http://www.foex.com)).

fin), o preço CIF da celulose de fibra longa, tipo NBSK, atingiu na Europa, US\$ 457.00/t em junho de 2004, enquanto para as mesmas condições, a celulose de fibra curta tipo BHKP foi cotada a US\$ 556.00/t. Estes valores indicam um aumento de preço de 15% e 12% para cada tipo de celulose, respectivamente, no período janeiro a junho de 2004.

O Brasil ocupa a 11ª colocação mundial na fabricação de papel. Em 2003 foram produzidos no Brasil 7,8 milhões de toneladas de papel, 2,0% a mais do que

em 2002. O montante de papel reciclado por ano é de cerca de três milhões de toneladas.

Os papéis para embalagens representam quase a metade da produção e os papéis de imprimir e de escrever somam próximo de 30% do volume produzido no País. O Brasil é quase totalmente dependente das importações de papel de imprensa para satisfazer seu consumo doméstico, tendo importado 578 mil toneladas do produto em 2003. Estimativas da Bracelpa indicam uma redução, no consumo aparente de papel no Brasil em 2003, da ordem de 2,3%, passando o consumo per capita de 39,5 kg/ano para 38,2 kg/ano.

As exportações brasileiras de papel em 2003 aumentaram em 22% tanto em volume quanto em valor. Foi exportado 1,8 milhão de toneladas, totalizando 1,1 bilhão de dólares. O estado de São Paulo exportou 60% desse valor, e os estados do Paraná e Santa Catarina contribuíram com 29% do total.

Na última década, o setor de papel e celulose vivenciou no Brasil mais um ciclo de crescimento e reestruturação empresarial e produtiva. Foi ampliado e modernizado o parque fabril e foram implantadas novas plantas industriais, resultando em aumento das escalas de produção, ganhos de eficiência com melhoria de foco e maior especialização das empresas. Isto permitiu ao setor, impulsionado pela desvalorização cambial a partir de 1999, ganhar competitividade internacional e consolidar o Brasil como um importante ator neste mercado.

Entre 1999 e 2003, a indústria de papel e celulose investiu quase 4 bilhões de dólares em ampliação da capacidade de produção, elevando a produção de celulose de mercado em cerca de 2 milhões de toneladas por ano. Em aquisições e incorporações, foram investidos pelas empresas do setor neste mesmo período quase 3 bilhões de dólares.

Lideranças empresariais apresentaram ao presidente da República, em 2003, um programa de investimentos que representará um novo ciclo de expansão ao setor de papel e celulose. Neste programa estão previstos, para o período 2003-2012, investimentos totais de 13 bilhões de dólares, que resultarão na quase duplicação da atual área reflorestada pelo setor e ampliarão da produção de celulose para 14,5 milhões de toneladas por ano e a de papel, para 13,4 milhões de toneladas. Isto possibilitará dobrar o valor atual das exportações brasileiras destas *commodities*. A viabilização desses investimentos, segundo os dirigentes empresariais, dependerá do apoio público ao fomento da expansão da base florestal, ao financiamento e capitalização das empresas e à promoção da competitividade internacional, através da ampliação e melhoria da infra-estrutura e da redução dos impactos tributários.

## Produção e Mercado de Produtos Florestais em Santa Catarina

Apesar do contínuo aumento dos preços das matérias-primas, as perspectivas para o setor são de crescimento.

Embora seja um dos estados com menor território, Santa Catarina tem posição destacada no setor florestal brasileiro. Com cerca de 10% da área de florestas plantadas do País, o estado é o terceiro maior produtor de papel e celulose e o terceiro maior exportador de produtos florestais (o primeiro em móveis de madeira e o segundo em madeira e derivados).

A indústria de base florestal catarinense, quase toda baseada no uso de florestas cultivadas, teve um desenvolvimento bastante expressivo nos últimos dez anos. São mais de 5 mil empresas e quase 90 mil empregados atuando diretamente nas atividades silvícolas e na produção de papel, celulose, móveis, madeira e seus produtos.

A silvicultura é responsável pela geração de mais de 10% do valor bruto da produção do setor agropecuário e a indústria de base florestal responde por quase 15% do valor da transformação industrial de Santa Catarina. Estima-se ser de aproximadamente 7% a participação do setor no PIB catarinense.

## Produção Catarinense de Produtos Florestais

As florestas cultivadas são responsáveis por quase toda a oferta catarinense de matéria-prima florestal. As estatísticas disponíveis sobre a área reflorestada em Santa Catarina não são convergentes. Em 1996, o IBGE contabilizou 560 mil hectares com reflorestamento no estado. Estimativas da Fiesc, em 1999, apon-

tavam a existência de 532 mil hectares reflorestados. Resultados preliminares do levantamento realizado pela UFPR<sup>4</sup>, abrangendo a faixa central de SC, com 57% de sua extensão territorial, onde se concentram mais de 70% das florestas plantadas, indicaram que as áreas de reflorestamento com mais de cinco anos de idade nesta abrangência somam pouco mais de 226 mil hectares. Este levantamento indica que 40% desta área se encontra em idade superior a 15 anos, ou seja, em condições ou próximo do ponto de corte raso.

Os sucessivos alertas e indícios de escassez de madeira apontados por lideranças e especialistas do setor fizeram com que nos últimos cinco anos se intensificassem os plantios empresariais e despertassem produtores independentes para as atividades silvícolas. Estimativas indicam que nesse período tenham sido plantados cerca de 55 mil hectares por ano com florestas comerciais (BRDE, 2004). Dentro do plano de safra 2003/2004, entre operações contratadas e em contratação com recursos do Propflora, o BRDE estará financiando 280 projetos de reflorestamento comercial em Santa Catarina, totalizando mais de 21 milhões de reais em créditos para esta finalidade. Já para os agricultores familiares, as operações com recursos do Pronaf Florestal, através do BRDE e do Banco do Brasil, somaram, neste período, 131 projetos e pouco mais de 812 mil reais.

Ao longo deste ano, com os resultados de levantamento agropecuário catarinense realizado pela Secretaria de Estado da Agricultura e Política Rural, será

<sup>4</sup> FONTE: BRDE (Diagnóstico do Suprimento Florestal de Santa Catarina, 2004), com base nos dados do levantamento realizado pela prefeitura municipal de Otacílio Costa, através do Fupef/UFPR, apresentados no Encontro das Indústrias de Base Florestal organizado pela Cadif/Fiesc, em abril de 2004.

possível conhecer números mais precisos da silvicultura em Santa Catarina. As expectativas são de que venham a ser contabilizados entre 600 mil e 700 mil hectares plantados com florestas no estado, com pelo menos 40% de florestas nos estádios iniciais do ciclo produtivo.

Os reflorestamentos de pinus são responsáveis por 90% da oferta de madeira para a indústria florestal catarinense. Segundo o IBGE, a produção catarinense de madeira em toros para transformação industrial foi de 15,3 milhões de m<sup>3</sup> em 2002, 5,5% a mais que em 2001. A produção de toras destinadas ao processamento mecânico aumentou 6,5% em 2002 em relação a 2001, alcançando 7,6 milhões de m<sup>3</sup> (Tabela 13). Em 2000 e em 1999, este crescimento foi superior a 17%. Para 2003, estima-se que este crescimento tenha sido de cerca de 12%. Já a produção de madeira para fabricação de papel e ce-

lulose em 2002 foi 4% superior à produção de 2001, segundo levantamentos do IBGE. Em 2003, estima-se ter havido um crescimento de 6% na produção de madeira para esta finalidade.

As cadeias produtivas de base florestal de Santa Catarina são compostas por mais de 5,3 mil empresas, nos segmentos de silvicultura, processamento mecânico, móveis, celulose e papéis (Gráfico 9). Este conjunto de empresas gera cerca de 87 mil empregos formais, quase a metade na indústria da madeira (Gráfico 10). Os principais pólos da indústria florestal catarinense situam-se nas regiões de São Bento do Sul (móveis), Canoinhas (processamento mecânico), Caçador (processamento mecânico e móveis), Chapecó (móveis), Curitibanos (processamento mecânico) e Lages (processamento mecânico e papel e celulose).

**TABELA 13/I - PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS FLORESTAIS – SANTA CATARINA – 1999-2003**

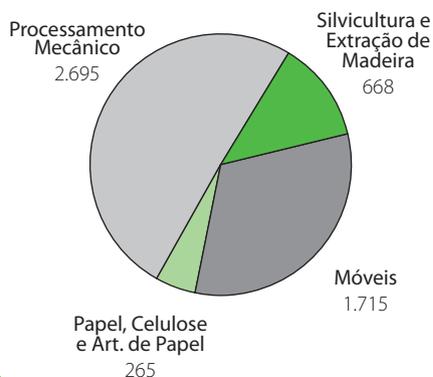
PRODUTO	UNIDADE MEDIDA	1999	2000	2001	2002	2003 <sup>(1)</sup>
<b>Extração vegetal</b>						
Carvão vegetal	t	12.294	13.017	12.197	9.050	6.750
Erva-mate	t	45.057	39.967	33.506	71.642	52.500
Lenha	mil m <sup>3</sup>	2.370	2.385	2.100	2.023	1.900
Madeira em tora	mil m <sup>3</sup>	119	116	99	93	60
Araucária (toras)	mil m <sup>3</sup>	28	23	18	8	5
Palmito	t	48	241	242	247	255
Pinhão	t	2.580	2.150	2.139	2.285	2.500
<b>Silvicultura</b>						
Carvão vegetal	t	8.171	7.409	7.591	7.146	7.382
Erva-mate	t	71.312	63.203	48.834	45.600	42.000
Lenha	mil m <sup>3</sup>	3.648	3.856	4.018	4.330	4.600
Madeira p/papel e celulose	mil m <sup>3</sup>	5.233	5.624	5.959	6.203	6.600
Madeira p/outras finalidades	mil m <sup>3</sup>	6.437	7.578	8.551	9.110	10.200
Palmito <sup>(2)</sup>	t	43	220	1.271	1.012	1.500

FONTE: IBGE - Produção Extrativa Vegetal e Silvicultura. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br>> Sistema SIDRA; acesso em junho 2004.

<sup>(1)</sup> Estimativa Inst. Cepa/SC.

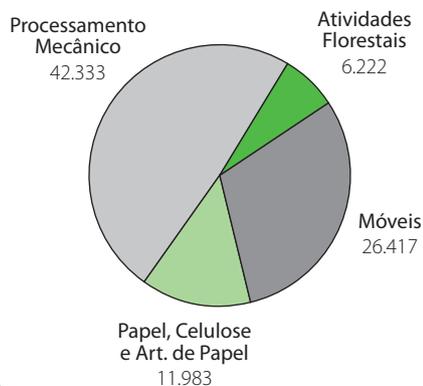
<sup>(2)</sup> Inclui Juçara e Palmeira Real.

**GRÁFICO 9/I – NÚMERO DE EMPRESAS DO SETOR FLORESTAL, POR SEGMENTO, EM SANTA CATARINA – 2002**



FONTE: Rais.

**GRÁFICO 10/I – NÚMERO DE EMPREGADOS NO SETOR FLORESTAL, POR SEGMENTO, EM SANTA CATARINA – 2002**



FONTE: Rais.

Segundo a Fiesc, do consumo total de madeira pelo parque industrial catarinense, 43% se destina à indústria de papel e celulose, 28% às serrarias, 8% à indústria de chapas e compensados, 8% à indústria do mobiliário e os outros 10% à produção de aglomerados, MDF e energia industrial.

Se persistir o atual ritmo de crescimento do consumo de madeira pela indústria catarinense, é provável que o setor venha a passar por uma crise de suprimento de matéria-prima, cuja temporalidade, dimensão e reflexos são difíceis de prever. Cálculos da Fiesc indicam que em 2003 o consumo de madeira pela indústria do estado foi 15% superior à produção, diferencial suprido por outros estados e até países. A elevação em mais de 30% ao ano do preço médio da tora de pinus para processamento mecânico em Santa Catarina nos últimos três anos é um claro reflexo da escassez que tende a acentuar-se.

Ainda que não se disponha de projeções confiáveis e abrangentes sobre a oferta de madeira industrial em Santa Catarina para o futuro próximo, o cruzamento das informações disponíveis (perspectivas de consumo, idades e localização das áreas das plantações, etc.) permite identificar uma tendência de os estoques de floresta adulta disponíveis serem rapidamente consumidos nos próximos anos, com pressões para o corte de florestas mais jovens, dado o estímulo de preços que deverá ocorrer. Dessa forma, é provável que as maiores dificuldades de abastecimento pela oferta do próprio estado venham a ocorrer entre 2008 e 2012, período de maturação dos poucos plantios que ocorreram entre 1993 e 1997.

A produção de produtos florestais não destinados à indústria da madeira tem evoluído de forma bem mais lenta ou até decrescido nos últimos anos. A produção catarinense de carvão vegetal em 2002 foi 20% inferior à de 1999. A pro-

dução oriunda de matéria-prima extrativa vem se reduzindo ano a ano e estima-se que em 2003 tenha sido menor do que aquela proveniente da silvicultura. Há uma nítida tendência de substituição gradativa da mata nativa pelo cultivo florestal na produção de carvão.

O volume de produção de lenha tem-se mantido ao redor de seis milhões de m<sup>3</sup> por ano, dois terços dos quais de origem cultivada, especialmente de espécies do gênero eucaliptus. De modo semelhante ao carvão, observa-se uma forte tendência de redução da extração de lenha de matas nativas no estado.

Santa Catarina produziu 117 mil toneladas de erva-mate em 2002, 40% a mais que em 2001. A produção extrativa tem sido bastante irregular nos últimos anos, variando de 33 mil a 70 mil toneladas por ano. São mais de 100 os municípios de Santa Catarina que produzem erva-mate extrativa. As maiores produções ocorrem

no planalto norte, destacando-se o município de Canoinhas. Já a produção de erva-mate cultivada aumentou até 1999, atingindo mais de 70 mil toneladas, mas a partir de 2000 passou a declinar e em 2002 foi de apenas 45,6 mil toneladas.

A produção catarinense de palmito é, na sua grande maioria, cultivada e apresenta tendência de crescimento. Em 2002, foi de 1.259 toneladas, 13% a menos que em 2001. A maior parte é de cultivo da palmeira real nas regiões litorâneas, espécie que vem apresentando uma boa aceitação entre os consumidores, o que deve estimular a realização de novos plantios.

O programa de incentivo ao plantio e manejo do palmito juçara, lançado este ano em caráter piloto pelo governo do estado, poderá vir a se constituir em importante embrião para a expansão das possibilidades de aproveitamento alimentar da espécie em bases sustentáveis.

## Preços dos Insumos e Produtos Florestais

Os preços das mudas de eucalipto e pinus têm evoluído nos últimos anos acompanhando mais ou menos o ritmo do Índice Geral de Preços (IGP-M), enquanto os preços históricos reais das mudas de erva-mate e palmeira real têm-se mostrado decrescentes (Tabela 14). Já os preços das terras tiveram um aumento real expressivo nos últimos anos, inclusive em dólares.

A evolução dos preços das matérias-primas e dos produtos florestais primários em Santa Catarina foi bastante diferenciada ao longo de 2003. Os preços das escoras de madeira usadas na construção civil e da erva-mate permaneceram mais ou menos estáveis em 2003, significando um decréscimo, em termos reais, em relação àqueles praticados em 2002. De janeiro a maio de 2004, os preços da erva-mate foram reduzidos em quase 10%, em relação a igual período de 2002.

**TABELA 14/I - PREÇO MÉDIO DE INSUMOS E FATORES DE PRODUÇÃO FLORESTAL - SANTA CATARINA - 1999-2004**

PRODUTO	UNIDADE MEDIDA	1999	2000	2001	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>
Mudas de eucalipto (R\$)	milheiro	70,83	80,00	89,17	95,00	114,17	125,00
Mudas de eucalipto (US\$)	milheiro	39,10	43,77	38,42	33,45	37,25	42,23
Mudas de eucalipto (R\$ de mai 04)	milheiro	133,50	132,92	133,94	126,36	123,17	127,34
Mudas de pinus (R\$)	milheiro	70,83	80,00	89,17	104,17	126,67	135,00
Mudas de pinus (US\$)	milheiro	39,10	43,77	38,42	36,49	41,37	45,61
Mudas de pinus (R\$ de mai 04)	milheiro	133,50	132,92	133,94	140,24	136,68	137,56
Mudas de erva-mate (R\$)	milheiro	161,67	160,83	165,00	172,50	216,67	250,00
Mudas de erva-mate (US\$)	milheiro	89,62	87,93	71,56	60,50	70,98	84,47
Mudas de erva-mate (R\$ de mai 04)	milheiro	306,20	267,07	248,62	229,18	233,69	254,65
Formicida granulado mirex-s (R\$)	500 g	4,04	3,92	3,83	4,06	4,08	4,23
Formicida granulado mirex-s (US\$)	500 g	2,23	2,15	1,66	1,44	1,33	1,43
Formicida granulado mirex-s (R\$ de mai 04)	500 g	7,63	6,52	5,76	5,41	4,40	4,31
Mudas de Palmeira Real (R\$)	milheiro	130,00	130,00	135,00	173,33	181,67	170,00
Mudas de Palmeira Real (US\$)	milheiro	34,44	71,02	49,14	60,69	59,03	57,47
Mudas de Palmeira Real (R\$ de mai 04)	milheiro	236,50	215,76	170,83	230,03	196,18	173,26
Mudas de Palmito (R\$)	milheiro	140,00	128,89	125,00	179,17	196,67	187,50
Mudas de Palmito (US\$)	milheiro	31,07	52,48	45,92	62,52	64,00	63,37
Mudas de Palmito (R\$ de mai 04)	milheiro	256,35	214,71	158,50	237,48	212,31	191,05
Terra de campo/reflorest. (R\$)	hectare	527,36	640,36	813,79	1025,31	1392,64	2070,48
Terra de campo/reflorest. (US\$)	hectare	292,62	350,19	352,26	361,17	456,21	699,58
Terra de campo/reflorest. (R\$ de mai 04)	hectare	998,58	1064,56	1224,35	1364,20	1502,15	2109,10
Terra de segunda (R\$)	hectare	1238,49	1248,68	1644,59	2055,46	2925,85	4187,31
Terra de segunda (US\$)	hectare	687,99	682,84	706,73	724,64	960,33	1706,52
Terra de segunda (R\$ de mai 04)	hectare	2347,83	2075,74	2469,23	2736,22	3153,94	4087,13
Terra de primeira (R\$)	hectare	2238,29	2269,44	2872,26	3693,66	5330,40	7876,04
Terra de primeira (US\$)	hectare	1243,61	1242,19	1237,54	1302,57	1748,84	2601,91
Terra de primeira (R\$ de mai 04)	hectare	4243,35	3776,13	4315,75	4918,22	5746,87	6231,56

FONTE: Instituto Cepas/SC.

<sup>(1)</sup> Média de janeiro a maio.

O carvão vegetal e a lenha tiveram acréscimo em seus preços médios nominais em 2003, mas, em termos reais, permaneceram mais ou menos constantes (Tabela 15). Nos cinco primeiros meses de 2004, estes preços se mostraram em ascensão, devendo apresentar crescimento real ao longo do ano.

A exemplo do que ocorreu em 2002, as matérias-primas para a indústria de base florestal apresentaram aumentos expressivos de preços em 2003, tanto em termos nominais como reais (Tabela 15 e Gráficos 11 e 12). O preço médio da tora de pinus para celulose foi 40% superior em 2003, comparado ao de 2002. A tendência altista deste preço foi iniciada em

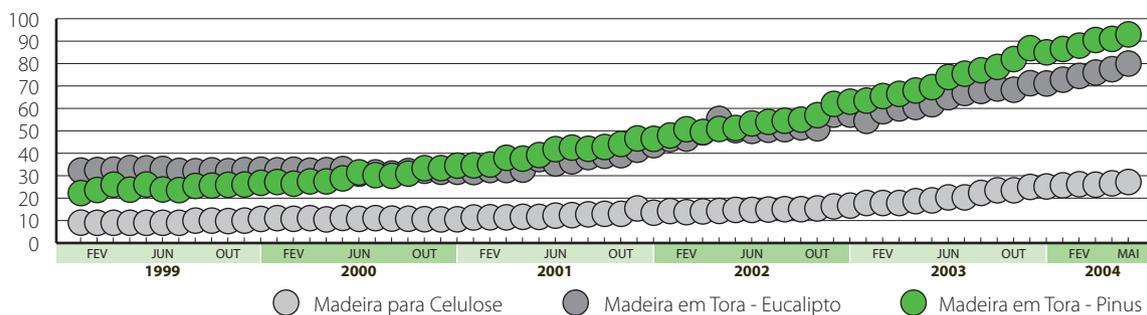
**TABELA 15/I - PREÇO MÉDIO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS FLORESTAIS - SANTA CATARINA - 1999-2004**

PRODUTO	UNIDADE MEDIDA	1999	2000	2001	2002	2003	2004 <sup>1</sup>
Carvão vegetal (R\$)	m <sup>3</sup>	19,26	21,36	23,75	25,11	28,57	33,91
Carvão vegetal (R\$ de mai/04)	m <sup>3</sup>	33,73	32,82	33,10	30,97	30,81	34,74
Carvão vegetal (US\$)	m <sup>3</sup>	10,66	11,67	10,27	8,86	9,35	11,54
Erva-mate nativa (R\$)	arroba	2,08	2,44	3,06	3,45	3,57	3,32
Erva-mate nativa (R\$ de mai/04)	arroba	3,65	3,75	4,27	4,24	3,85	3,40
Erva-mate nativa (US\$)	arroba	1,15	1,33	1,33	1,21	1,16	1,13
Erva-mate cultivada (R\$)	arroba	-	-	2,26	2,43	2,47	2,29
Erva-mate cultivada (R\$ de mai/04)	arroba	-	-	3,41	3,23	2,67	2,39
Erva-mate cultivada (US\$)	arroba	-	-	0,98	0,86	0,80	0,79
Lenha de eucalipto (R\$)	m <sup>3</sup>	9,02	9,38	11,24	13,42	15,45	17,70
Lenha de eucalipto (R\$ de mai/04)	m <sup>3</sup>	15,80	14,43	15,65	16,52	16,66	18,13
Lenha de eucalipto (US\$)	m <sup>3</sup>	4,99	5,13	4,84	4,72	5,05	6,03
Lenha de mata nativa (R\$)	m <sup>3</sup>	6,50	7,00	8,15	9,44	11,88	13,80
Lenha de mata nativa (R\$ de mai/04)	m <sup>3</sup>	11,38	10,75	11,35	11,60	12,81	14,14
Lenha de mata nativa (US\$)	m <sup>3</sup>	3,60	3,82	3,51	3,31	3,88	4,70
Pinus para celulose (R\$)	t	9,46	10,82	12,49	14,95	20,95	26,34
Pinus para celulose (R\$ de mai/04)	t	16,54	16,66	17,38	18,38	22,58	26,98
Pinus para celulose (US\$)	t	5,23	5,92	5,37	5,24	6,87	8,97
Madeira roliça p/ construção (R\$)	M	1,16	1,14	1,13	1,12	1,23	1,41
Madeira roliça p/ const (R\$ de mai/04)	m	2,04	1,75	1,57	1,38	1,32	1,44
Madeira roliça p/ const (US\$)	m	0,64	0,62	0,49	0,40	0,40	0,48
Escora de madeira (R\$)	unid.	2,86	2,90	2,80	2,46	2,44	2,44
Escora de madeira (R\$ de mai/04)	unid.	5,01	4,46	3,91	3,04	2,63	2,50
Escora de madeira (US\$)	unid.	1,58	1,58	1,21	0,87	0,80	0,83
Madeira em toras de eucalipto (R\$)	m <sup>3</sup>	32,59	31,99	36,69	51,36	64,58	76,16
Madeira em toras de eucalipto (R\$ de mai/04)	m <sup>3</sup>	57,13	49,24	51,01	63,17	69,64	78,01
Madeira em toras de eucalipto (US\$)	m <sup>3</sup>	18,06	17,51	15,76	18,04	21,15	25,92
Madeira em toras de pinus (R\$)	m <sup>3</sup>	24,93	30,10	40,90	54,09	74,32	89,80
Madeira em toras de pinus (R\$ de mai/04)	m <sup>3</sup>	43,61	46,21	56,86	66,37	80,13	91,99
Madeira em toras de pinus (US\$)	m <sup>3</sup>	13,77	16,43	17,56	18,88	24,36	30,56

FONTE: Instituto Cepa/SC.

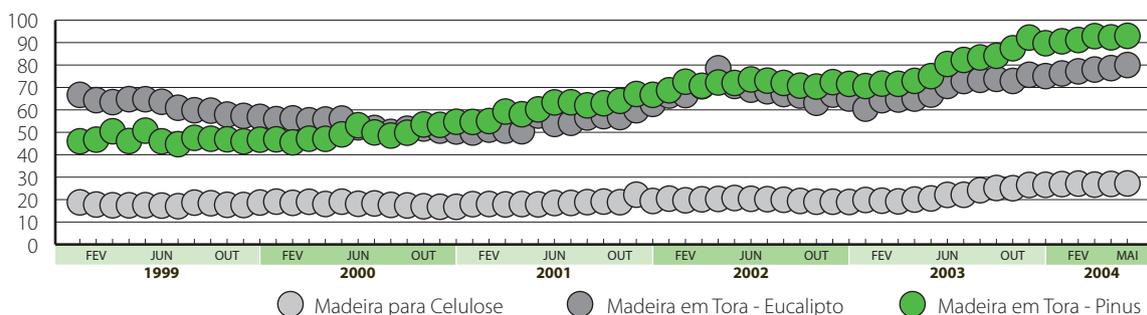
1 Média de janeiro a maio.

**GRÁFICO 11/I – MADEIRA INDUSTRIAL – PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE SANTA CATARINA**  
JANEIRO/1999 - MAIO/2004  
(R\$/m<sup>3</sup>)



FONTE: Instituto Cepa/SC.

**GRÁFICO 12/I – MADEIRA INDUSTRIAL – PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE SANTA CATARINA**  
JANEIRO/1999 - MAIO/2004  
(R\$ de mai/04 - IGP-DI)



FONTE: Instituto Cepa/SC.

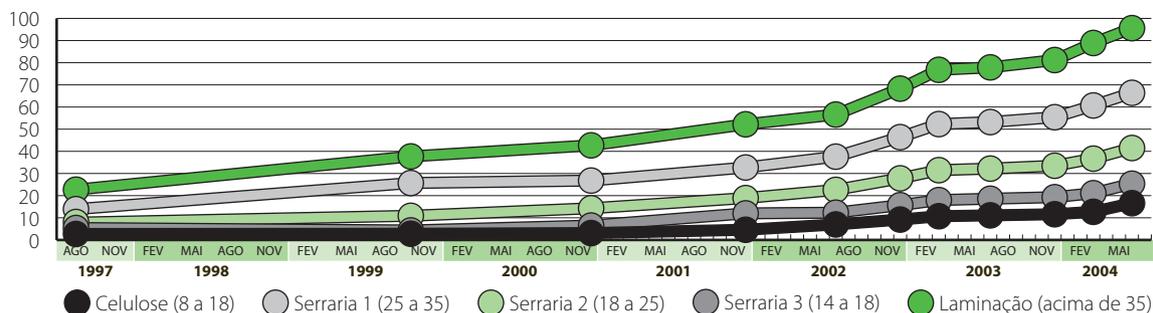
2000 e até maio de 2004 atingiu uma valorização positiva de 60% em termos reais.

O mesmo comportamento foi apresentado pelos preços médios da madeira em tora de pinus e de eucalipto para serraria, que subiram 37% e 25%, respectivamente, em 2003, em relação a 2002 (21% e 10%, após descontados pelo IGP-M). De 2000 até maio de 2004, período em que o processo de aumento do preço da madeira de reflorestamento se intensificou, a tora de pinus quase duplicou de valor, em termos reais e mesmo em dólares, apesar

da grande desvalorização cambial ocorrida no período. Os preços da tora de eucalipto para uso em serraria também se elevaram em mais de 50% no período.

Nos primeiros cinco meses de 2004, os preços da madeira reflorestada usada em processamento mecânico mantiveram-se com tendência altista. A redução dos estoques das florestas de pinus em idade de corte tem-se refletido em aumentos nos preços em todos os sortimentos de matéria-prima demandados pela indústria de base florestal (Gráfico 13).

GRÁFICO 13/I – PREÇOS MÉDIOS DO PÍNUS NO PARANÁ E EM SANTA CATARINA – 1997-2004  
(R\$/st em pé)



FONTE: Silviconsult.

A tendência consistente de aumento dos preços reais da madeira usada pela indústria florestal catarinense nos últimos anos reflete o grande crescimento observado na demanda e a característica inelástica da oferta da matéria-prima, no curto e médio prazo. Este desequilíbrio entre a oferta e a demanda de madeira em tora em Santa Catarina tende a se acentuar nos próximos anos, como se evidenciou anteriormente. É possível que isto venha a comprometer os programas de expansão de alguns segmentos do setor florestal de Santa Catarina.

### Exportações Catarinenses de Produtos Florestais

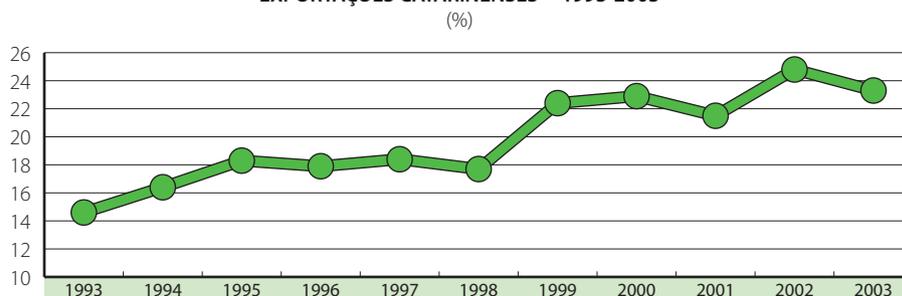
O desempenho exportador da indústria catarinense de base florestal em 2003 ficou abaixo do apresentado pelo total das exportações do estado. As exportações de papel e celulose, madeira e móveis de madeira em 2003 foram 10% superiores às de 2002, reduzindo sua participação para 23,3% no total ex-

portado pelo estado (24,8% em 2002) (Gráfico 14). Este menor desempenho se deveu ao fraco crescimento das exportações de madeiras (3,7%), com redução nas exportações de madeira serrada (Tabela 16).

Nos últimos cinco anos, a taxa de crescimento médio das exportações florestais em Santa Catarina foi quase duas vezes superior à apresentada pelo conjunto dos setores. Este forte crescimento fez aumentar a participação do estado nas exportações brasileiras do setor, assim como nas exportações da Região Sul (Gráfico 15). Em 2003, Santa Catarina foi o terceiro estado brasileiro em exportação de produtos de origem florestal.

Os móveis já representam quase 40% do valor das exportações catarinenses de produtos florestais. Também merecem destaque os itens portas, janelas e assoalhos, com 13% do valor, e madeira compensada, que respondeu por 9% (crescimento de 25%) do total exportado em 2003.

GRÁFICO 14/I – PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS FLORESTAIS NO TOTAL DAS EXPORTAÇÕES CATARINENSES – 1993-2003



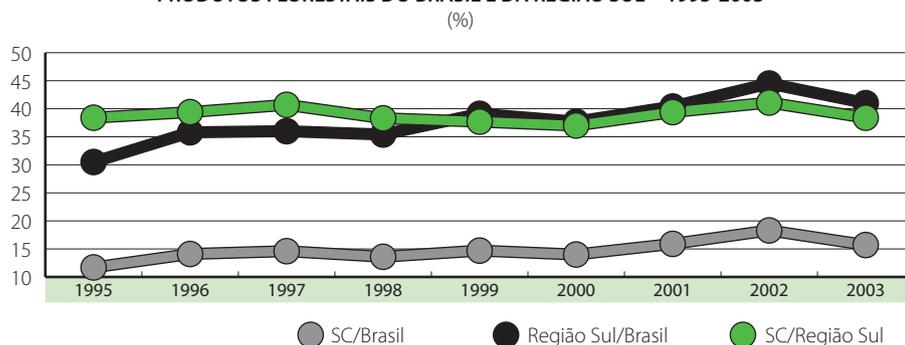
FONTE: Secex / Decex.

TABELA 16/I – EXPORTAÇÃO DE PRODUTOS FLORESTAIS - SANTA CATARINA - 1997-2003  
(US\$ 1.000,00 FOB)

ITEM	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003
<b>Erva-mate e derivados</b>	<b>3.479</b>	<b>3.180</b>	<b>2.559</b>	<b>2.638</b>	<b>2.913</b>	<b>1.935</b>	<b>1.304</b>
<b>Madeira e obras de madeira</b>	<b>240.219</b>	<b>223.979</b>	<b>293.333</b>	<b>298.908</b>	<b>321.959</b>	<b>386.719</b>	<b>401.069</b>
Madeira serrada	64.163	67.328	90.799	85.364	100.468	95.092	88.395
Madeira laminada	5.490	2.293	2.314	2.383	1.765	1.185	2.130
Madeira perfilada	28.533	26.241	35.841	31.197	2.627	13.960	20.908
Painéis de madeira reconstituída (MDF e aglomerado)	17.834	8.658	2.903	5.789	10.109	11.946	12.970
Painéis de madeira compensada	40.883	32.795	51.566	52.486	51.884	62.463	77.540
Molduras de madeira	214	1.614	4.199	3.936	6.330	15.573	16.362
Caixas, engradados e paletes	3.925	3.523	3.516	4.522	2.089	900	516
Ferramentas, armações e cabos	11.078	12.522	12.878	12.104	13.403	18.012	19.070
Portas, janelas, assoalhos e outras obras de marcenaria e carpintaria	64.980	67.681	86.190	86.647	86.776	106.064	110.957
Outras madeiras e obras de madeira	3.119	1.324	3.127	13.504	46.508	61.525	52.222
<b>Papel e celulose</b>	<b>94.947</b>	<b>82.424</b>	<b>93.757</b>	<b>104.221</b>	<b>110.827</b>	<b>121.338</b>	<b>137.999</b>
Pasta de celulose e papel sanitário	18.250	11.541	8.700	9.429	12.284	18.034	21.684
Embalagens e pasta "quate"	5.275	4.086	2.713	4.648	5.939	9.033	16.670
Papel e cartão kraft, kraft liner	65.874	63.736	78.785	87.119	90.115	91.432	95.323
Outros papéis	5.548	3.061	3.559	3.025	2.490	2.840	4.093
<b>Móveis de madeira</b>	<b>178.517</b>	<b>151.419</b>	<b>184.238</b>	<b>214.290</b>	<b>216.655</b>	<b>274.170</b>	<b>319.903</b>
Móveis de madeira p/ escritório	4.031	2.542	2.609	4.008	2.577	6.638	10.433
Móveis de madeira p/ cozinha	13.141	10.220	6.176	7.524	5.454	10.169	14.916
Móveis de madeira p/ quartos	72.560	55.779	72.240	82.546	88.307	102.894	127.835
Outros móveis de madeira	85.350	78.200	91.609	108.857	99.832	130.684	142.129
Componentes p/ móveis de madeira	3.435	4.678	11.604	11.355	20.486	23.786	24.578
<b>Total produtos florestais</b>	<b>517.162</b>	<b>461.002</b>	<b>573.887</b>	<b>620.057</b>	<b>652.354</b>	<b>784.186</b>	<b>860.275</b>
<b>Total exportações - Santa Catarina</b>	<b>2.805.718</b>	<b>2.605.306</b>	<b>2.567.364</b>	<b>2.711.703</b>	<b>3.028.399</b>	<b>3.157.065</b>	<b>3.695.786</b>

FONTE: Secex/Decex.

GRÁFICO 15/I – EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DE SANTA CATARINA NAS EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS FLORESTAIS DO BRASIL E DA REGIÃO SUL – 1995-2003



FONTE: Secex / Decex.

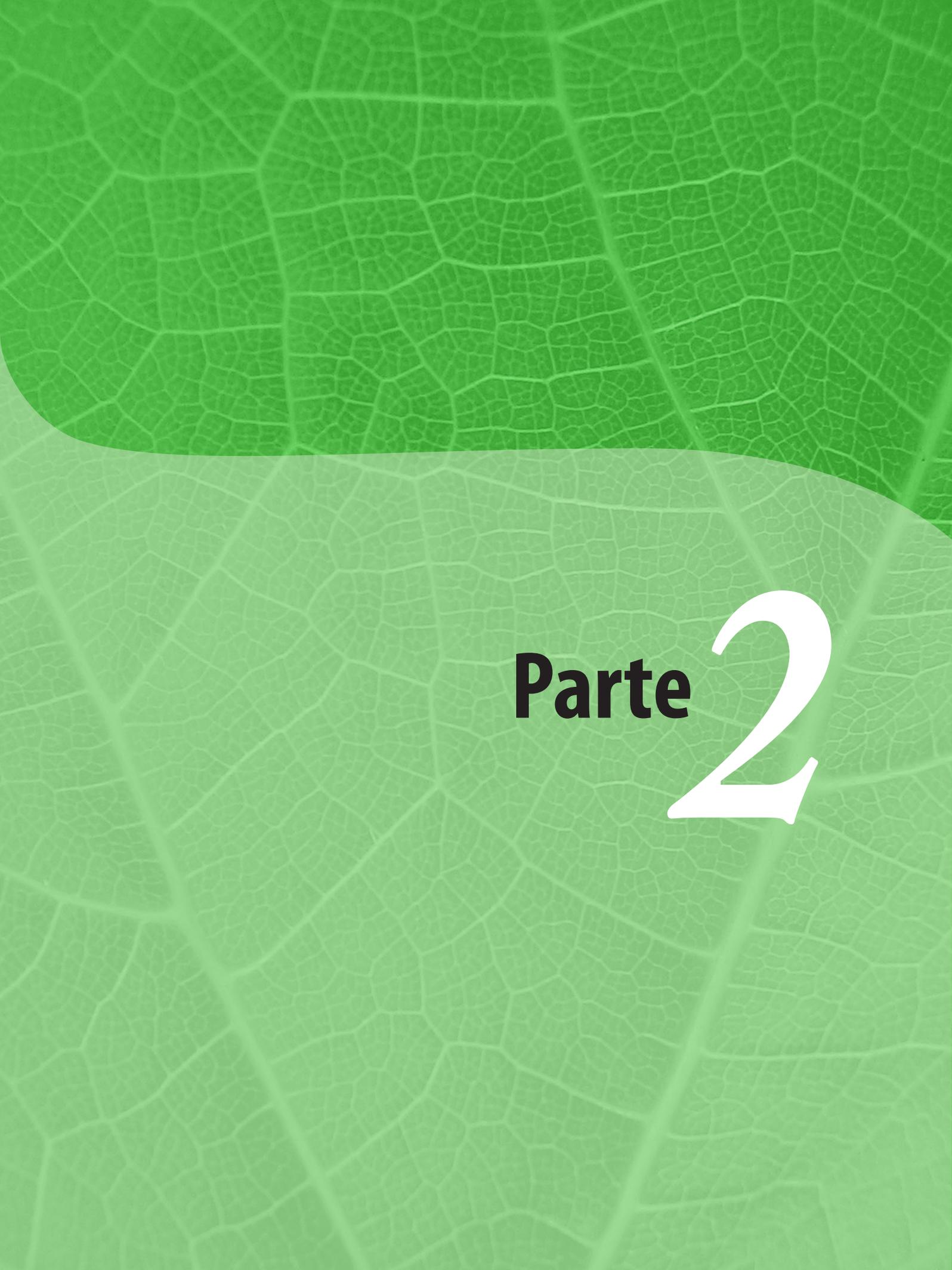
Os preços médios, em dólares, das exportações catarinenses de produtos florestais sofreram variações importantes em 2003 para algumas linhas de produtos. No segmento de papel e celulose, os preços, foram em média 12% superiores aos de 2002. Nas madeiras houve uma melhora no preço médio da tonelada exportada dos diferentes tipos de painéis, enquanto a madeira serrada, perfilada e as portas e janelas tiveram redução de preço no período. No segmento de móveis, os preços médios tiveram ligeiro decréscimo em relação ao ano anterior, tendo ocorrido importantes variações em determinados itens.

O aumento da concorrência internacional nos últimos tempos tem levado a uma redução dos preços internacionais dos produtos de alguns dos segmentos que compõem o setor florestal, mas os exportadores têm procurado embarcar

produtos de maior valor agregado. Mesmo com redução de preços, a indústria florestal catarinense vem conquistando novos espaços no mercado internacional, facilitados pela desvalorização cambial dos últimos anos e pelos esforços das empresas em melhorar a eficiência produtiva, a qualidade e em agregar valor aos produtos.

Para 2004, espera-se um crescimento mais expressivo das exportações catarinenses de produtos florestais do que em 2002, com a expectativa de atingir a casa de um bilhão de dólares. Nos cinco primeiros meses do ano, o valor das exportações do setor em Santa Catarina foi 25% maior ao de igual período do ano anterior, atingindo quase US\$ 400 milhões. As exportações dos segmentos de móveis e de madeiras em geral apresentaram crescimento bem maior do que as de papel e celulose.

*Luiz Toresan*

The background of the page is a close-up, high-resolution image of a green leaf, showing a complex network of veins. The top portion of the image is a darker shade of green, while the bottom portion is a lighter, more vibrant green. The veins are clearly defined and create a grid-like pattern across the entire surface.

# Parte 2



# DIVISÃO POLÍTICA DO TERRITÓRIO E INFORMAÇÕES CLIMÁTICAS

TABELA 1/II - ÁREA TERRITORIAL, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS - SANTA CATARINA - 2000

MUNICÍPIO	ÁREA TERRITORIAL (km <sup>2</sup> )
Abdon Batista	197,6
Abelardo Luz	1.035,9
Agrolândia	191,9
Agronômica	116,5
Água Doce	1.318,9
Águas de Chapecó	138,9
Águas Frias	76,8
Águas Mornas	327,4
Alfredo Wagner	732,3
Alto Bela Vista	104,0
Anchieta	229,5
Angelina	523,6
Anita Garibaldi	605,1
Anitópolis	575,5
Antônio Carlos	242,4

continua

continuação

MUNICÍPIO	ÁREA TERRITORIAL (km <sup>2</sup> )
Apiúna	488,3
Arabutã	130,9
Araquari	401,8
Araranguá	298,0
Armazém	138,4
Arroio Trinta	112,1
Arvoredo	91,1
Ascurra	118,9
Atalanta	97,9
Aurora	226,1
Balneário Arroio do Silva	93,6
Balneário Camboriú	46,4
Balneário Barra do Sul	110,4
Balneário Gaivota	150,8
Bandeirante	147,0

continua

continuação

MUNICÍPIO	ÁREA TERRITORIAL (km <sup>2</sup> )
Barra Bonita	62,3
Barra Velha	142,2
Bela Vista do Toldo	526,8
Belmonte	92,8
Benedito Novo	385,5
Biguaçu	302,4
Blumenau	509,4
Bocaina do Sul	495,6
Bombinhas	37,4
Bom Jardim da Serra	934,0
Bom Jesus	68,4
Bom Jesus do Oeste	67,1
Bom Retiro	1.063,9
Botuverá	317,2
Braço do Norte	193,9
Braço do Trombudo	89,8
Brunópolis	336,1
Brusque	280,2
Caçador	998,6
Caibi	177,9
Calmon	633,7
Camboriú	211,6
Capão Alto	1.349,5
Campo Alegre	501,1
Campo Belo do Sul	1.021,8
Campo Erê	457,5
Campos Novos	1.632,0
Canelinha	151,1
Canoinhas	1.141,5
Capinzal	224,5
Capivari de Baixo	46,9
Catanduvas	196,5
Caxambu do Sul	143,3
Celso Ramos	189,6
Cerro Negro	417,4
Chapadão do Lageado	113,7
Chapecó	624,3
Cocal do Sul	78,4
Concórdia	806,3
Cordilheira Alta	84,5
Coronel Freitas	234,4
Coronel Martins	99,7
Corupá	407,2
Correia Pinto	622,7

continua

continuação

MUNICÍPIO	ÁREA TERRITORIAL (km <sup>2</sup> )
Criciúma	209,8
Cunha Porã	217,4
Cunhataí	55,2
Curitibanos	952,0
Descanso	285,6
Dionísio Cerqueira	376,4
Dona Emma	146,4
Doutor Pedrinho	374,4
Entre Rios	105,2
Ermo	64,8
Erval Velho	231,4
Faxinal dos Guedes	279,8
Flor do Sertão	65,1
Florianópolis	435,8
Formosa do Sul	95,3
Forquilha	183,7
Fraiburgo	434,8
Frei Rogério	156,9
Galvão	131,0
Garopaba	108,1
Garuva	498,7
Gaspar	369,2
Governador Celso Ramos	104,9
Grão Pará	328,6
Gravatal	194,0
Guabiruba	172,9
Guaraciaba	348,0
Guaramirim	242,7
Guarujá do Sul	99,3
Guatambú	205,9
Herval d'Oeste	212,6
Ibiam	147,0
Ibicare	166,1
Ibirama	268,1
Içara	315,2
Ilhota	244,8
Imarú	540,8
Imbituba	185,4
Imbuia	123,9
Indaial	429,2
Iomerê	111,6
Ipira	150,0
Iporã do Oeste	184,0
Ipuaçu	258,6

continua

continuação

MUNICÍPIO	ÁREA TERRITORIAL (km2)
Ipumirim	239,5
Iraceminha	158,6
Irani	318,3
Irati	78,8
Irineópolis	580,2
Itá	165,8
Itaiópolis	1.240,4
Itajaí	303,1
Itapema	58,6
Itapiranga	285,6
Itapoá	255,6
Ituporanga	335,1
Jaborá	187,7
Jacinto Machado	416,6
Jaguaruna	327,6
Jaraguá do Sul	539,0
Jardinópolis	67,1
Joaçaba	240,2
Joinville	1.079,7
José Boiteux	358,0
Jupiaá	91,3
Lacerdópolis	69,0
Lages	2.647,4
Laguna	444,5
Lajeado Grande	66,8
Laurentino	67,8
Lauro Muller	266,7
Lebon Régis	989,0
Leoberto Leal	297,8
Lindóia do Sul	190,0
Lontras	197,2
Luiz Alves	260,3
Luzerna	116,5
Macieira	235,4
Mafra	1.784,8
Major Gercino	278,1
Major Vieira	543,5
Maracajá	70,5
Maravilha	168,7
Marema	99,6
Massaranduba	393,8
Matos Costa	371,1
Meleiro	185,7
Mirim Doce	333,4

continua

continuação

MUNICÍPIO	ÁREA TERRITORIAL (km2)
Modelo	95,5
Mondaí	215,1
Monte Carlo	166,4
Monte Castelo	565,2
Morro da Fumaça	82,7
Morro Grande	250,8
Navegantes	119,1
Nova Erechim	62,9
Nova Itaberaba	135,5
Nova Trento	398,3
Nova Veneza	290,2
Novo Horizonte	151,1
Orleans	599,8
Otacílio Costa	922,7
Ouro	209,1
Ouro Verde	201,2
Paial	84,8
Painel	763,7
Palhoça	322,2
Palma Sola	313,8
Palmeira	291,8
Palmitos	347,2
Papanduva	775,9
Paraíso	182,7
Passo de Torres	90,4
Passos Maia	588,6
Paulo Lopes	447,1
Pedras Grandes	152,8
Penha	60,3
Peritiba	96,7
Petrolândia	251,2
Piçarras	85,6
Pinhalzinho	134,2
Pinheiro Preto	66,6
Piratuba	148,7
Planalto Alegre	61,0
Pomerode	217,5
Ponte Alta	557,8
Ponte Alta do Norte	383,4
Ponte Serrada	568,8
Porto Belo	92,8
Porto União	923,9
Pouso Redondo	363,3
Praia Grande	285,8

continua

continuação

MUNICÍPIO	ÁREA TERRITORIAL (km <sup>2</sup> )
Presidente Castelo Branco	70,1
Presidente Getúlio	321,9
Presidente Nereu	224,6
Princesa	88,4
Quilombo	283,2
Rancho Queimado	269,7
Rio das Antas	342,8
Rio do Campo	496,1
Rio do Oeste	244,3
Rio dos Cedros	555,0
Rio do Sul	260,8
Rio Fortuna	285,8
Rio Negrinho	588,1
Rio Rufino	333,1
Riqueza	191,3
Rodeio	133,7
Romelândia	237,3
Salete	167,1
Saltinho	153,3
Salto Veloso	101,8
Sangão	83,1
Santa Cecília	1.173,8
Santa Helena	80,6
Santa Rosa de Lima	184,3
Santa Rosa do Sul	164,2
Santa Terezinha	720,9
Santa Terezinha do Progresso	113,0
Santiago do Sul	74,1
Santo Amaro da Imperatriz	352,4
São Bernardino	210,0
São Bento do Sul	486,9
São Bonifácio	451,8
São Carlos	157,9
São Cristovão do Sul	350,2
São Domingos	384,2
São Francisco do Sul	540,8
São João do Oeste	161,4
São João Batista	219,6
São João do Itaperiú	151,1
São João do Sul	175,1
São Joaquim	1.885,4
São José	114,7
São José do Cedro	260,7
São José do Cerrito	967,2

continua

continuação

MUNICÍPIO	ÁREA TERRITORIAL (km <sup>2</sup> )
São Lourenço do Oeste	360,7
São Ludgero	120,0
São Martinho	235,7
São Miguel da Boa Vista	71,8
São Miguel do Oeste	235,8
São Pedro de Alcântara	140,8
Saudades	199,8
Schroeder	149,2
Seara	315,8
Serra Alta	91,1
Siderópolis	262,6
Sombrio	151,1
Sul Brasil	113,1
Taió	714,0
Tangará	459,1
Tigrinhos	58,0
Tijucas	278,4
Timbé do Sul	333,8
Timbó	129,8
Timbó Grande	548,8
Três Barras	418,4
Treviso	156,3
Treze de Maio	179,7
Treze Tílias	177,5
Trombudo Central	101,5
Tubarão	283,6
Tunápolis	133,6
Turvo	244,0
União do Oeste	88,2
Urubici	1.017,5
Urupema	278,2
Urussanga	237,1
Vargeão	151,1
Vargem	396,2
Vargem Bonita	306,9
Vidal Ramos	343,3
Videira	377,8
Vitor Meireles	423,1
Witmarsum	129,7
Xanxerê	380,8
Xavantina	211,7
Xaxim	293,4
Zortéa	297,4
<b>SANTA CATARINA</b>	<b>95.286,1</b>

FONTE: IBGE - Censo Demográfico



TABELA 2/II - MÉDIA DAS TEMPERATURAS MÍNIMAS MENSAIS SEGUNDO AS ESTAÇÕES AGROMETEOROLÓGICAS - SANTA CATARINA - 2003 (°C)

ESTAÇÃO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	MÉDIA
Araranguá <sup>(1)</sup>	21,8	22,0	20,8	17,5	14,0	15,1	13,4	9,9	11,7	13,9	15,3	17,2	16,1
Blumenau	22,5	23,7	21,6	19,1	15,1	16,2	14,3	12,6	15,4	18,1	18,9	20,4	18,2
Caçador	18,6	18,5	16,1	13,0	8,9	11,4	10,2	7,2	11,9	14,5	15,4	16,8	13,5
Campos Novos	18,9	19,3	17,1	14,4	11,2	13,6	12,0	8,9	12,3	14,7	15,7	16,7	14,6
Chapecó	20,7	20,7	18,8	16,1	12,4	14,7	12,7	10,2	14,3	17,1	17,5	18,3	16,1
Curitibanos	18,5	18,8	16,7	13,9	10,8	7,3	11,4	8,2	12,0	14,0	15,3	17,4	13,7
Florianópolis	21,6	23,0	21,5	18,6	14,9	15,4	13,9	12,1	14,3	17,4	18,7	20,2	17,6
Indaial	22,0	22,8	20,9	18,3	14,0	14,8	13,6	14,2	14,7	16,8	20,7	20,7	17,8
Itá	20,2	21,4	19,4	15,7	11,9	14,4	12,2	9,2	13,8	17,2	17,6	18,7	16,0
Itajaí	21,3	21,9	20,1	17,7	13,3	14,6	13,0	11,0	13,5	16,4	17,1	19,3	16,6
Ituporanga	20,9	21,4	19,2	16,3	11,3	13,6	12,0	8,9	13,6	15,8	16,3	17,0	15,5
Joinville	20,9	22,5	20,7	18,1	13,8	15,1	13,8	11,6	14,8	17,1	18,4	19,4	17,2
Lages	18,4	18,9	17,0	13,6	9,5	11,2	9,2	6,4	10,9	13,3	14,5	15,7	13,2
Major Vieira	18,6	18,8	17,1	14,5	10,5	11,9	10,3	7,7	12,4	14,1	14,8	16,4	13,9
Matos costa	17,8	17,6	16,1	12,8	8,6	11,7	9,7	6,1	10,1	12,0	12,8	14,0	12,4
Ponte Serrada	16,5	18,0	16,5	12,5	8,9	11,4	10,3	6,6	10,8	14,0	14,2	15,9	13,0
Rio Negrinho	18,3	19,4	17,5	15,2	10,5	12,5	10,9	8,5	12,0	14,1	15,2	16,8	14,2
São Joaquim	15,1	16,6	14,5	11,4	8,5	10,1	9,2	6,2	9,0	11,2	12,0	13,0	11,4
São Miguel do Oeste	21,3	21,3	19,3	16,8	13,6	16,1	13,4	11,5	15,2	17,6	17,5	18,7	16,9
Urussanga	21,0	21,6	20,1	16,8	13,2	14,6	12,6	10,2	13,2	16,6	18,1	19,1	16,4
Videira	19,8	19,5	17,4	13,9	10,0	12,6	11,1	8,1	12,7	16,0	16,1	17,9	14,6

FONTE:Epagri/Cliherh. <sup>(1)</sup> Fechou em agosto/2003 (de agosto a dezembro foram colocados valores históricos).

TABELA 3/III - MÉDIA DAS TEMPERATURAS MÁXIMAS MENSAIS SEGUNDO AS ESTAÇÕES AGROMETEOROLÓGICAS - SANTA CATARINA - 2003 (°C)

ESTAÇÃO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	MÉDIA
Araranguá <sup>(1)</sup>	27,7	29,9	27,7	25,1	23,1	20,6	19,3	21,2	21,9	23,5	25,5	27,8	24,4
Blumenau	31,9	35,1	32,1	29,0	25,7	25,0	22,5	22,9	25,2	26,5	29,1	29,0	27,8
Caçador	25,2	26,4	24,1	21,2	17,1	18,3	17,3	15,8	19,9	21,5	22,6	22,6	21,0
Campos Novos	26,2	26,9	25,3	23,3	19,4	19,5	17,5	16,3	19,7	21,7	22,7	22,7	21,8
Chapecó	28,2	27,6	26,0	23,8	20,0	20,6	19,9	18,6	22,3	25,0	24,9	25,4	23,5
Curitibanos	24,8	26,0	23,7	21,2	17,4	16,9	16,8	15,7	19,2	21,0	22,4	23,4	20,7
Florianópolis	29,5	31,6	29,6	27,0	24,6	23,1	21,4	21,2	22,3	24,5	26,5	27,5	25,7
Indaial	29,2	31,2	28,7	26,0	22,6	21,8	20,0	20,1	22,5	24,2	26,6	26,7	25,0
Itá	31,6	31,5	27,5	24,4	20,1	20,8	20,3	19,4	23,2	25,7	25,8	26,0	24,7
Itajaí	28,5	30,6	28,2	25,4	22,5	21,9	20,0	19,6	21,6	23,7	25,6	26,5	24,5
Ituporanga	28,2	29,5	27,0	23,8	20,5	19,5	18,0	17,9	20,9	22,4	24,8	25,3	23,2
Joinville	27,8	30,3	28,1	25,2	23,9	21,8	20,9	21,3	21,8	23,2	25,1	27,1	24,7
Lages	25,0	26,0	23,7	20,5	17,1	17,8	16,6	15,5	18,9	20,3	22,0	22,1	20,5
Major Vieira	27,7	29,6	26,9	25,1	21,7	21,6	19,6	19,3	23,1	23,9	25,6	25,8	24,2
Matos costa	23,6	24,6	22,5	19,7	16,1	17,2	15,8	14,7	18,1	18,9	19,9	20,6	19,3
Ponte Serrada	25,3	25,6	23,8	21,5	17,2	18,5	17,4	16,5	20,3	22,4	22,8	23,5	21,2
Rio Negrinho	25,5	28,0	25,8	23,2	18,0	18,4	16,8	16,4	19,7	20,8	22,9	23,5	21,6
São Joaquim	21,1	22,1	20,1	17,2	13,9	14,8	14,5	13,1	15,9	17,8	18,7	19,0	17,4
São Miguel do Oeste	27,9	27,6	25,8	23,8	20,2	21,0	20,0	18,8	22,3	24,8	24,7	25,3	23,5
Urussanga	28,7	30,9	28,1	25,4	22,8	20,8	19,4	19,7	21,4	24,5	26,6	26,8	24,6
Videira	26,8	27,2	25,6	23,0	18,3	19,4	18,3	16,9	21,3	23,4	24,1	24,5	22,4

FONTE: Epagri/Cliherh. <sup>(1)</sup> Fechou em agosto/2003 (de agosto a dezembro foram colocados valores históricos)

TABELA 4/II - UMIDADE RELATIVA MÉDIA MENSAL, SEGUNDO AS ESTAÇÕES AGROMETEOROLÓGICAS - SANTA CATARINA – 2003 (%)

ESTAÇÃO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAIO	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	MÉDIA
Araranguá <sup>(1)</sup>	80,7	83,3	83,2	82,9	83,5	83,8	82,8	82,1	82,8	81,2	79,5	79,0	82,1
Blumenau	76,7	72,3	76,5	76,9	77,4	84,4	85,6	76,2	78,5	75,2	71,9	78,9	77,5
Caçador	75,9	78,6	74,7	73,9	75,3	83,0	78,2	66,8	67,4	71,6	68,0	76,5	74,2
Campos Novos	74,6	76,2	77,7	72,5	69,7	80,4	71,4	63,1	67,9	70,5	64,8	73,0	71,8
Chapecó	71,2	76,2	76,2	71,3	71,2	80,0	70,0	63,3	62,8	66,4	64,5	72,6	70,5
Curitibanos	82,2	81,7	85,7	86,2	89,8	85,7	82,8	80,0	82,5	81,3	78,7	79,1	83,0
Florianópolis	76,0	76,0	77,0	78,0	79,0	85,0	81,0	76,0	76,0	77,0	74,0	75,0	77,5
Indaial	81,5	80,3	83,6	82,4	79,3	89,5	89,9	79,7	80,5	82,6	78,7	83,8	82,7
Itá	74,8	79,0	79,8	78,4	80,6	87,7	80,2	72,9	70,2	72,3	69,9	75,8	76,8
Itajaí	80,9	82,1	84,8	83,1	78,2	88,4	89,0	78,9	81,3	79,0	74,5	80,1	81,7
Ituporanga	75,3	76,6	76,9	77,7	78,0	87,6	86,6	74,5	76,4	76,6	71,2	76,0	77,8
Joinville	79,1	77,4	78,1	79,1	73,8	83,3	84,4	76,1	78,5	76,7	70,5	75,8	77,7
Lages	76,1	78,6	79,3	79,7	80,1	86,3	84,0	72,0	74,4	76,3	72,4	78,8	78,2
Major Vieira <sup>(2)</sup>	81,7	82,2	82,8	81,8	83,2	85,6	84,8	81,6	80,1	82,2	79,7	79,4	82,1
Matos costa	77,5	78,8	78,5	79,1	73,5	83,5	80,2	69,1	72,3	78,7	76,1	81,7	77,4
Ponte Serrada	72,6	76,7	75,5	71,9	73,4	82,5	75,0	66,9	68,5	68,4	68,9	70,6	72,6
Rio Negrinho	81,1	79,4	80,1	77,2	75,5	84,3	81,2	72,1	73,4	77,0	72,5	78,8	77,7
São Joaquim	82,9	80,9	82,2	79,2	76,7	86,0	77,5	67,7	74,7	81,2	76,0	83,0	79,0
São Miguel do Oeste	70,8	73,3	74,8	66,5	66,3	75,8	67,7	59,4	62,0	64,1	67,2	73,2	68,4
Urussanga	78,7	79,4	81,5	77,9	78,5	89,9	84,4	75,9	78,9	75,6	71,5	75,5	79,0
Videira	71,2	76,2	76,8	76,1	72,0	80,5	77,2	66,8	63,1	65,8	67,5	73,0	72,2

FONTE: Epagri/Cliherh. <sup>(1)</sup> Fechou em agosto/2003. <sup>(2)</sup> Valores estimados (de janeiro a dezembro).

TABELA 5/II - PRECIPITAÇÃO MÉDIA MENSAL SEGUNDO AS ESTAÇÕES AGROMETEOROLÓGICAS - SANTA CATARINA – 2003 (mm)

ESTAÇÃO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	TOTAL
Araranguá <sup>(1)</sup>	40,4	334,4	144,2	82,9	28,1	139,2	84,1	104,0	133,7	107,9	89,9	75,7	1.364,5
Blumenau	106,9	71,5	317,6	31,4	40,5	111,8	48,1	9,4	96,5	120,2	63,0	187,3	1.204,2
Caçador	127,9	154,0	186,6	126,3	33,9	112,9	61,2	23,8	45,5	114,0	193,9	286,9	1.466,9
Campos Novos	178,6	153,6	153,6	168,4	98,5	103,1	104,5	55,8	67,0	179,2	166,5	417,0	1.845,8
Chapecó	99,1	220,6	237,2	146,2	68,8	147,5	101,7	69,9	69,9	188,9	190,9	392,7	1.933,4
Curitibanos	88,5	183,4	139,8	94,9	16,7	21,2	65,4	39,7	54,2	145,7	167,9	145,9	1.163,3
Florianópolis	107,1	75,1	126,1	85,0	36,7	84,2	23,3	10,0	109,8	111,3	120,5	265,3	1.154,4
Indaial	90,2	148,7	240,7	66,1	29,4	139,4	73,0	18,6	105,3	169,1	140,8	212,5	1.433,8
Itá	136,7	165,9	166,0	123,0	71,9	99,2	78,3	71,1	50,6	192,1	116,3	347,8	1.618,9
Itajaí	86,3	82,1	199,0	43,3	40,5	91,2	38,6	11,7	97,9	131,2	297,4	230,9	1.350,1
Ituporanga	74,8	131,6	125,4	71,0	42,5	105,3	43,8	20,4	95,4	105,0	135,5	283,2	1.233,9
Joinville	294,5	294,1	199,4	57,2	52,9	83,5	69,3	34,1	113,4	77,4	99,6	260,2	1.635,6
Lages	115,3	138,2	86,5	120,1	46,4	114,2	68,9	29,5	48,4	118,9	94,4	226,4	1.207,2
Major Vieira	140,2	99,8	100,5	73,2	42,9	128,0	65,1	33,3	76,1	76,6	168,5	238,1	1.242,3
Matos Costa	124,0	135,0	150,0	72,0	58,0	136,0	97,0	35,0	68,0	114,0	185,0	334,0	1.508,0
Ponte Serrada	110,3	223,5	230,6	150,7	41,8	103,7	86,8	63,1	111,9	177,8	292,2	422,7	2.015,1
Rio Negrinho	138,3	149,9	145,2	98,4	25,3	149,3	87,4	23,5	161,7	107,1	113,6	326,7	1.526,4
São Joaquim	118,3	227,0	129,3	103,2	85,0	102,9	70,8	46,6	82,5	131,7	126,6	339,4	1.563,3
São Miguel do Oeste	139,3	216,3	171,6	131,5	61,1	128,9	95,3	71,7	45,0	239,5	184,4	568,0	2.052,6
Urussanga	95,2	262,3	266,7	93,3	41,1	76,8	52,0	30,4	112,2	111,0	91,0	293,1	1.525,1
Videira	160,8	136,3	194,2	88,4	33,2	82,8	67,5	37,3	66,0	160,4	159,9	379,2	1.566,3

FONTE: Epagri/Cliherh. <sup>(1)</sup> Fechou em agosto/2003 (de agosto a dezembro foram colocados valores históricos).

# CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA

TABELA 6/II - POPULAÇÃO RESIDENTE, SEGUNDO A SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO - BRASIL E SANTA CATARINA - 1991/2002  
(mil hab.)

DISCRIMINAÇÃO	1991	1996	2000	2002
<b>BRASIL</b>	<b>146.825</b>	<b>157.070</b>	<b>169.799</b>	<b>171.668</b>
Rural	35.834	33.993	31.845	27.223
Urbana	110.991	123.077	137.954	144.445
<b>SANTA CATARINA</b>	<b>4.542</b>	<b>4.875</b>	<b>5.356</b>	<b>5.547</b>
Rural	1.333	1.310	1.138	1.069
Urbana	3.209	3.565	4.218	4.478

FONTE: IBGE

**TABELA 7/II - POPULAÇÃO RESIDENTE TOTAL, URBANA E RURAL, POR GRUPO DE ÁREA - SANTA CATARINA - 2001- 2002**  
(mil hab.)

GRUPO DE IDADE	TOTAL		URBANA		RURAL	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002
0 a 4 anos	426.866	432.954	344.230	333.912	82.636	99.042
5 a 9 anos	489.542	515.028	392.659	396.178	96.883	118.850
10 a 14 anos	508.915	543.881	393.801	436.916	115.114	106.965
18 a 19 anos	214.283	206.567	171.542	172.613	42.741	33.954
20 a 24 anos	518.045	503.128	433.132	418.237	84.913	84.891
25 a 29 anos	421.168	438.622	359.040	361.082	62.128	77.540
30 a 34 anos	439.390	457.306	364.730	370.710	74.660	86.596
35 a 39 anos	471.858	467.480	382.952	382.019	88.906	85.461
40 a 44 anos	389.791	400.123	320.836	331.078	68.955	69.045
45 a 49 anos	311.728	328.259	262.148	262.040	49.580	66.219
50 a 54 anos	271.838	261.468	210.858	214.496	60.980	46.972
55 a 59 anos	186.351	183.370	147.601	147.150	38.750	36.220
60 a 64 anos	169.249	158.466	129.352	131.300	39.897	27.166
65 a 69 anos	132.216	121.677	99.729	94.510	32.487	27.167
70 anos ou mais	189.771	206.012	141.330	165.264	48.441	40.748
Idade ignorada	-	2.830	-	2.264	-	566

FONTE: IBGE.

**TABELA 8/II - POPULAÇÃO RESIDENTE TOTAL, RURAL E URBANA, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS - SANTA CATARINA - 2000**  
(hab.)

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO RESIDENTE 2000		
	Total	Rural	Urbana
Abdon Batista	2.775	2.062	713
Abelardo Luz	16.440	9.212	7.228
Agrolândia	7.810	3.176	4.634
Agronômica	4.257	3.385	872
Água Doce	6.843	3.695	3.148
Águas de Chapecó	5.782	3.580	2.202
Águas Frias	2.525	2.008	517
Águas Mornas	5.390	3.675	1.715
Alfredo Wagner	8.857	6.384	2.473
Alto Bela Vista	2.098	1.576	522
Anchieta	7.133	4.690	2.443
Angelina	5.776	4.761	1.015
Anita Garibaldi	10.273	6.085	4.188
Anitápolis	3.234	2.120	1.114
Antônio Carlos	6.434	4.674	1.760
Apiúna	8.520	4.914	3.606
Arabutã	4.160	3.189	971
Araquari	23.645	1.645	22.000
Araranguá	54.706	9.654	45.052
Armazém	6.873	4.248	2.625
Arroio Trinta	3.490	1.393	2.097
Arvoredo	2.305	1.894	411

continua

continuação

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO RESIDENTE 2000		
	Total	Rural	Urbana
Ascurra	6.934	815	6.119
Atalanta	3.429	2.296	1.133
Aurora	5.474	3.992	1.482
Balneário Arroio do Silva	6.043	167	5.876
Balneário Camboriú	73.455	-	73.455
Balneário Barra do Sul	6.045	13	6.032
Balneário Gaivota	5.450	2.473	2.977
Bandeirante	3.177	2.436	741
Barra Bonita	2.118	1.862	256
Barra Velha	15.530	964	14.566
Bela Vista do Toldo	5.721	5.151	570
Belmonte	2.588	1.636	952
Benedito Novo	9.071	4.170	4.901
Biguaçu	48.077	5.170	42.907
Blumenau	261.808	19.865	241.943
Bocaina do Sul	2.980	2.565	415
Bombinhas	8.716	-	8.716
Bom Jardim da Serra	4.079	1.956	2.123
Bom Jesus	2.046	1.057	989
Bom Jesus do Oeste	2.150	1.774	376
Bom Retiro	7.967	2.631	5.336
Botuverá	3.756	2.953	803
Braço do Norte	24.802	6.923	17.879
Camboriú	41.445	2.018	39.427
Capão Alto	3.020	2.416	604
Campo Alegre	11.634	4.763	6.871
Campo Belo do Sul	8.051	3.611	4.440
Campo Erê	10.353	4.597	5.756
Campos Novos	28.729	6.173	22.556
Canelinha	9.004	4.712	4.292
Canoinhas	51.631	13.727	37.904
Capinzal	19.955	4.495	15.460
Capivari de Baixo	18.561	1.125	17.436
Catanduvas	8.291	2.987	5.304
Caxambu do Sul	5.263	3.209	2.054
Celso Ramos	2.844	2.206	638
Cerro Negro	4.098	3.404	694
Chapadão do Lageado	2.561	2.272	289
Chapecó	146.967	12.375	134.592
Cocal do Sul	13.726	2.319	11.407
Concórdia	63.058	17.804	45.254
Cordilheira Alta	3.093	2.790	303
Coronel Freitas	10.535	6.041	4.494
Coronel Martins	2.388	1.930	458
Corupá	11.847	3.120	8.727

continua

continuação

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO RESIDENTE 2000		
	Total	Rural	Urbana
Correia Pinto	17.026	4.980	12.046
Criciúma	170.420	17.371	153.049
Cunha Porã	10.229	4.942	5.287
Cunhataí	1.822	1.487	335
Curitibanos	36.061	3.623	32.438
Descanso	9.129	5.244	3.885
Dionísio Cerqueira	14.250	5.640	8.610
Dona Emma	3.309	1.941	1.368
Doutor Pedrinho	3.082	1.413	1.669
Entre Rios	2.857	2.106	751
Ermo	2.057	1.464	593
Erval Velho	4.269	2.109	2.160
Faxinal dos Guedes	10.767	3.723	7.044
Flor do Sertão	1.612	1.417	195
Braço do Trombudo	3.187	1.565	1.622
Brunópolis	3.331	2.624	707
Brusque	76.058	2.802	73.256
Caçador	63.322	7.780	55.542
Caibi	6.354	3.294	3.060
Calmon	3.467	2.075	1.392
Florianópolis	342.315	10.130	332.185
Formosa do Sul	2.725	1.834	891
Forquilha	18.348	3.792	14.556
Fraiburgo	32.948	5.325	27.623
Frei Rogério	2.971	2.484	487
Galvão	4.235	1.741	2.494
Garopaba	13.164	2.442	10.722
Garuva	11.378	3.122	8.256
Gaspar	46.414	16.813	29.601
Governador Celso Ramos	11.598	756	10.842
Grão Pará	5.817	3.143	2.674
Gravatal	10.799	6.935	3.864
Guabiruba	12.976	928	12.048
Guaraciaba	11.038	6.673	4.365
Guaramirim	23.794	4.782	19.012
Guarujá do Sul	4.696	2.425	2.271
Guatambú	4.702	3.719	983
Herval d'Oeste	20.044	2.904	17.140
Ibiam	1.955	1.454	501
Ibicaré	3.587	2.347	1.240
Ibirama	15.802	2.687	13.115
Içara	48.634	9.064	39.570
Ilhota	10.574	4.129	6.445
Imaruí	13.404	9.495	3.909
Imbituba	35.700	1.173	34.527

continua

continuação

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO RESIDENTE 2000		
	Total	Rural	Urbana
Imbuia	5.246	3.291	1.955
Indaial	40.194	1.812	38.382
Iomerê	2.553	1.870	683
Ipira	4.979	2.765	2.214
Iporã do Oeste	7.877	5.026	2.851
Ipuaçu	6.122	5.155	967
Ipumirim	6.907	4.423	2.484
Iraceminha	4.592	3.370	1.222
Irani	8.602	3.544	5.058
Irati	2.202	1.790	412
Irineópolis	9.734	6.770	2.964
Itá	6.764	3.342	3.422
Itaiópolis	19.086	10.329	8.757
Itajaí	147.494	5.544	141.950
Itapema	25.869	1.088	24.781
Itapiranga	13.998	8.616	5.382
Itapoá	8.839	648	8.191
Ituporanga	19.492	7.828	11.664
Jaborá	4.194	2.832	1.362
Jacinto Machado	10.923	6.385	4.538
Jaguaruna	14.613	4.375	10.238
Jaraguá do Sul	108.489	12.169	96.320
Jardinópolis	1.994	1.179	815
Joaçaba	24.066	2.378	21.688
Joinville	429.604	14.632	414.972
José Boiteux	4.594	3.128	1.466
Jupiá	2.220	1.549	671
Lacerdópolis	2.173	1.190	983
Lages	157.682	4.100	153.582
Laguna	47.568	10.284	37.284
Lajeado Grande	1.572	1.096	476
Laurentino	5.062	1.824	3.238
Lauro Muller	13.604	3.681	9.923
Lebon Régis	11.682	4.702	6.980
Leoberto Leal	3.739	3.282	457
Lindóia do Sul	4.877	3.556	1.321
Lontras	8.381	3.072	5.309
Luiz Alves	7.974	5.850	2.124
Luzerna	5.572	1.608	3.964
Macieira	1.900	1.596	304
Mafra	49.940	12.227	37.713
Major Gercino	3.143	2.166	977
Major Vieira	6.906	4.707	2.199
Maracajá	5.541	2.020	3.521
Maravilha	18.521	4.295	14.226

continua

continuação

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO RESIDENTE 2000		
	Total	Rural	Urbana
Marema	2.651	1.710	941
Massaranduba	12.562	7.933	4.629
Matos Costa	3.204	1.954	1.250
Meleiro	7.080	3.873	3.207
Mirim Doce	2.753	1.595	1.158
Modelo	3.930	1.729	2.201
Mondaí	8.728	4.679	4.049
Monte Carlo	8.579	1.274	7.305
Monte Castelo	8.350	3.777	4.573
Morro da Fumaça	14.551	3.397	11.154
Morro Grande	2.917	2.180	737
Navegantes	39.317	2.667	36.650
Nova Erechim	3.543	1.823	1.720
Nova Itaberaba	4.256	3.831	425
Nova Trento	9.852	3.179	6.673
Nova Veneza	11.511	4.312	7.199
Novo Horizonte	3.101	2.378	723
Orleans	20.031	7.218	12.813
Otacílio Costa	13.993	1.182	12.811
Ouro	7.419	3.254	4.165
Ouro Verde	2.352	1.727	625
Paial	2.052	1.793	259
Ouro Verde	2.352	1.727	625
Paial	2.052	1.793	259
Painel	2.384	1.560	824
Palhoça	102.742	4.828	97.914
Palma Sola	8.206	5.014	3.192
Palmeira	2.133	1.362	771
Palmitos	16.034	8.028	8.006
Papanduva	16.822	8.869	7.953
Paraíso	4.796	3.494	1.302
Passo de Torres	4.400	878	3.522
Passos Maia	4.763	4.015	748
Paulo Lopes	5.924	2.370	3.554
Pedras Grandes	4.921	4.056	865
Penha	17.678	1.685	15.993
Peritiba	3.230	1.913	1.317
Petrolândia	6.406	4.595	1.811
Piçarras	10.911	2.296	8.615
Pinhalzinho	12.356	3.043	9.313
Pinheiro Preto	2.729	1.588	1.141
Piratuba	5.812	3.102	2.710
Planalto Alegre	2.452	1.713	739
Pomerode	22.127	3.414	18.713
Ponte Alta	5.168	1.385	3.783

continua

continuação

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO RESIDENTE 2000		
	Total	Rural	Urbana
Ponte Alta do Norte	3.221	883	2.338
Ponte Serrada	10.561	3.331	7.230
Porto Belo	10.704	731	9.973
Porto União	31.858	5.279	26.579
Pouso Redondo	12.203	5.835	6.368
Praia Grande	7.286	3.349	3.937
Presidente Castelo Branco	2.160	1.703	457
Presidente Getúlio	12.333	4.466	7.867
Presidente Nereu	2.305	1.529	776
Princesa	2.613	2.045	568
Quilombo	10.736	6.039	4.697
Rancho Queimado	2.637	1.534	1.103
Rio das Antas	6.129	3.903	2.226
Rio do Campo	6.522	4.234	2.288
Rio do Oeste	6.730	4.104	2.626
Rio dos Cedros	8.939	5.181	3.758
Rio do Sul	51.650	3.232	48.418
Rio Fortuna	4.320	3.107	1.213
Rio Negrinho	37.707	5.057	32.650
Rio Rufino	2.414	1.861	553
Riqueza	5.166	3.889	1.277
Rodeio	10.380	1.514	8.866
Romelândia	6.491	4.371	2.120
Salete	7.163	2.580	4.583
Saltinho	4.196	3.297	899
Salto Veloso	3.910	1.076	2.834
Sangão	8.128	4.504	3.624
Santa Cecília	14.802	3.185	11.617
Santa Helena	2.588	1.848	740
Santa Rosa de Lima	2.007	1.584	423
Santa Rosa do Sul	7.810	4.768	3.042
Santa Terezinha	8.840	7.698	1.142
Santa Terezinha do Progresso	3.416	2.990	426
Santiago do Sul	1.696	1.175	521
Santo Amaro da Imperatriz	15.708	3.172	12.536
São Bernardino	3.140	2.611	529
São Bento do Sul	65.437	3.611	61.826
São Bonifácio	3.218	2.536	682
São Carlos	9.364	4.017	5.347
São Cristóvão do Sul	4.504	1.785	2.719
São Domingos	9.540	4.110	5.430
São Francisco do Sul	32.301	2.371	29.930
São João do Oeste	5.789	4.295	1.494
São João Batista	14.861	3.588	11.273
São João do Itaperiú	3.161	1.707	1.454

continua

continuação

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO RESIDENTE 2000		
	Total	Rural	Urbana
São João do Sul	6.784	5.641	1.143
São Joaquim	22.836	6.707	16.129
São José	173.559	2.329	171.230
São José do Cedro	13.678	7.019	6.659
São José do Cerrito	10.393	8.241	2.152
São Lourenço do Oeste	19.647	6.240	13.407
São Ludgero	8.587	2.592	5.995
São Martinho	3.274	2.386	888
São Miguel da Boa Vista	2.018	1.687	331
São Miguel do Oeste	32.324	4.932	27.392
São Pedro de Alcântara	3.584	1.488	2.096
Saudades	8.324	5.427	2.897
Schroeder	10.811	1.409	9.402
Seara	16.484	6.221	10.263
Serra Alta	3.330	2.129	1.201
Siderópolis	12.082	2.979	9.103
Sombrio	22.962	7.037	15.925
Sul Brasil	3.116	2.372	744
Taió	16.257	8.370	7.887
Tangará	8.754	4.521	4.233
Tigrinhos	1.878	1.665	213
Tijucas	23.499	4.788	18.711
Timbé do Sul	5.323	3.640	1.683
Timbó	29.358	2.575	26.783
Timbé do Sul	5.323	3.640	1.683
Timbó	29.358	2.575	26.783
Timbó Grande	6.501	3.726	2.775
Três Barras	17.124	2.901	14.223
Treviso	3.144	1.583	1.561
Treze de Maio	6.716	4.952	1.764
Treze Tílias	4.840	1.933	2.907
Trombudo Central	5.795	2.641	3.154
Tubarão	88.470	18.545	69.925
Tunápolis	4.777	3.560	1.217
Turvo	10.887	5.250	5.637
União do Oeste	3.391	2.397	994
Urubici	10.252	3.591	6.661
Urupema	2.527	1.342	1.185
Urussanga	18.727	8.077	10.650
Vargeão	3.526	2.146	1.380
Vargem	3.225	2.574	651
Vargem Bonita	5.158	2.959	2.199
Vidal Ramos	6.279	4.782	1.497
Videira	41.589	5.802	35.787
Vitor Meireles	5.519	4.421	1.098

continua

continuação

MUNICÍPIO	POPULAÇÃO RESIDENTE 2000		
	Total	Rural	Urbana
Witmarsum	3.251	2.639	612
Xanxerê	37.429	5.044	32.385
Xavantina	4.404	3.458	946
Xaxim	22.857	6.799	16.058
Zortéa	2.633	580	2.053
<b>Santa catarina</b>	<b>5.356.360</b>	<b>1.138.429</b>	<b>4.217.931</b>

FONTE: IBGE.

TABELA 9/II - PESSOAS OCUPADAS, POR SEXO E GRUPO DE ATIVIDADE - SANTA CATARINA - 2002  
(nº)

GRUPOS DE ATIVIDADE	2002	
	Homem	Mulher
Agrícola	400.703	296.559
Indústria	408.618	226.952
Indústria de transformação	393.903	225.254
Construção	166.392	5.093
Comércio e reparação	285.806	173.747
Alojamento e alimentação	33.392	46.972
Transporte, armazenagem e comunicação	100.736	13.016
Administração pública	75.271	36.787
Educação, saúde e serviços sociais	40.749	156.771
Serviços domésticos	9.056	159.033
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	33.392	55.462
Outras atividades	110.925	65.652
Atividades mal definidas ou não declaradas	2.264	1.131

FONTE: IBGE.

TABELA 10/II - PESSOAS OCUPADAS, POR SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO, SEGUNDO OS GRUPOS DE IDADE - SANTA CATARINA - 2001- 2002  
(nº)

GRUPOS DE IDADE	2001			2002		
	Total	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural
<b>TOTAL</b>	<b>2.814.131</b>	<b>2.169.000</b>	<b>645.131</b>	<b>2.904.479</b>	<b>2.223.633</b>	<b>680.846</b>
10 a 14 anos	70.098	22.227	47.871	73.574	25.469	48.105
15 a 19 anos	265.578	187.503	78.075	269.386	194.683	74.703
15 a 17 anos	128.234	81.502	46.732	132.430	85.456	46.974
18 a 19 anos	137.344	106.001	31.343	136.956	109.227	27.729
20 a 24 anos	393.807	322.570	71.237	389.370	315.798	73.572
25 a 29 anos	338.527	286.659	51.868	355.428	289.774	65.654
30 a 39 anos	757.384	611.486	145.898	762.919	603.879	159.040
40 a 49 anos	552.772	443.355	109.417	575.010	447.104	127.906
50 a 59 anos	283.231	204.020	79.211	293.162	221.855	71.307
60 anos ou mais	152.734	91.180	61.554	182.800	122.807	59.993
Idade ignorada	-	-	-	2.830	2.264	566

FONTE: IBGE.

**TABELA 11/II - DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES E INDICADORES DE BEM-ESTAR, SEGUNDO A SITUAÇÃO DE DOMICÍLIO - SANTA CATARINA - 2001 - 2002**  
(nº)

DISCRIMINAÇÃO	TOTAL		URBANA		RURAL	
	2001	2002	2001	2002	2001	2002
Domicílio particular	1.593.964	1.623.175	1.306.739	1.332.270	287.225	290.905
Rede de água geral	1.199.033	1.247.379	1.174.526	1.211.156	24.507	36.223
Lixo coletado diretamente	1.242.337	1.320.382	1.205.296	1.273.974	37.041	46.408
Luz elétrica	1.560.337	1.613.553	1.267.984	1.327.742	292.353	285.811
Geladeira	1.538.124	1.580.161	1.271.415	1.303.406	266.709	276.755
Rádio	1.503.929	1.519.605	1.234.371	1.249.076	269.558	270.529
Televisão	1.501.085	1.548.466	1.244.635	1.277.936	256.450	270.530

FONTE: IBGE.

**TABELA 12/II - TRABALHADORES NO AGRONEGÓCIO CATARINENSE - 1999 - 2002**  
(nº)

ATIVIDADE	1999	2000	2001	2002
<b>PRODUÇÃO VEGETAL E DERIVADOS</b>				
<b>CULTIVO PRODUTOS VEGETAIS</b>	26.929	10.617	4.822	14.248
Cultivo de cereais	2648	1104	1.379	1.249
Cultivo de outros produtos temporários	1734	1019	1.091	3.106
Cultivo de outros produtos de lavoura permanente	42	29	46	7.481
Cultivo de outras frutas, frutos secos, plantas para preparo de beb...	19.146	6.618	0	0
Exploração florestal	2.760	1.353	1.589	1.825
Silvicultura	599	494	717	587
<b>PRODUÇÃO ANIMAL E DERIVADOS</b>				
<b>CRIAÇÃO DE ANIMAIS</b>	8.252	6.278	7.598	8.539
Criação de bovinos	1.071	793	829	854
Criação de suínos	2.377	1.397	1.581	1.817
Criação de aves	4.645	3.927	5.006	5.691
Outros	159	161	182	177
<b>OUTRAS PRODUÇÕES</b>	11.552	5.963	6.261	6.658
Pesca	6.153	2.338	2.482	2.686
Produção mista: lavoura e pecuária	5.318	3.446	3.564	3.739
Aqüicultura	81	179	215	233
<b>DERIVADOS DE ANIMAIS</b>	2.548	1.842	1.900	2.216
<b>PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA AGROALIMENTAR</b>				
<b>PREPARAÇÃO PRODUTOS VEGETAIS</b>	5.145	3.359	3.473	5.864
<b>ABATE ANIMAIS E PREPARAÇÕES</b>	42.470	32.802	35.452	39.989
Abate de reses, preparação de produtos de carne	12.005	10.433	11.663	12.555
Abate de aves e outros pequenos animais e preparação de produtos de...	22.521	17.131	18.131	22.106
Preparação de carne, banha e produtos de salsicharia nao-associada ...	2.981	2.288	2.405	1.942
Preparação e preservação do pescado e fabrç. de conservas de peixes...	4.963	2.950	3.253	3.386
<b>INDÚSTRIA DE MOAGEM</b>	6.279	4.085	3.644	4.069
<b>FABRICAÇÃO DE BISCOITOS E MASSAS</b>	3.229	2.358	2.710	3.107
<b>FABRICAÇÃO DE OUTROS PRODUTOS ALIMENTÍCIOS</b>	13.222	8.906	8.501	8.930

continua

continuação

ATIVIDADE	1999	2000	2001	2002
FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS E INSUMOS				
FABRICAÇÃO DE INSUMOS AGRÍCOLAS	1.263	957	1.154	<b>1.244</b>
FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS	2.835	2.405	2.897	<b>3.036</b>
FABRICAÇÃO DE MÁQUINAS PARA INDÚSTRIA AGROALIMENTAR E DA MADEIRA	1.680	1.313	1.356	<b>1.520</b>
INDÚSTRIA DA MADEIRA, PAPEL E PAPELÃO	95.698	74.393	75.175	<b>82.191</b>
COMÉRCIO ATACADISTA PRODUTOS AGRÍCOLAS E AGROALIMENTARES	16.968	12.090	12.196	<b>13.685</b>
COMÉRCIO ATACADISTA MÁQUINAS AGRÍCOLAS	179	180	214	<b>29</b>
ATIVIDADES DE SERVIÇOS RELACIONADOS COM A AGRICULTURA	15.249	9.232	9.990	<b>10.470</b>
<b>TOTAL AGRONEGÓCIO</b>	<b>253.498</b>	<b>176.780</b>	<b>177.343</b>	<b>205.795</b>
<b>TOTAL DEMAIS ATIVIDADES</b>	<b>1.213.702</b>	<b>900.159</b>	<b>967.196</b>	<b>1.032.135</b>
<b>TOTAL SANTA CATARINA</b>	<b>1.471.173</b>	<b>1.077.929</b>	<b>1.155.712</b>	<b>1.235.612</b>

FONTE: Ministério do Trabalho. RAIS 1999, 2000, 2001 e 2002.

OBS: As informações da RAIS - Relação Anual de Informações Sociais - são devidas através do Decreto 76.900/75, no qual estabelece que todo empregador deve fornecer às entidades governamentais da área social, por meio da RAIS, as informações solicitadas de cada um de seus empregados, com os quais manteve relação de emprego durante qualquer período de um determinado ano-base.

# ESTRUTURA DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

TABELA 13/II - CAPACIDADE ESTÁTICA DE ARMAZENAGEM<sup>(1)</sup> EM MEIO AMBIENTE NÃO CONTROLADO, POR TIPO, DOS ARMAZÉNS CADASTRADOS NA CONAB, SEGUNDO AS MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS - SANTA CATARINA - 2004

(t)

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	TIPO DE ARMAZÉM				Total
	Convencional	Depósito	Graneleiro	Silo	
Araranguá	55.924	-	2.924	332.476	391.324
Blumenau	9.363	-	-	34.272	43.635
Campos de Lages	8.756	-	-	29.390	38.146
Canoinhas	63.735	-	80.331	74.414	218.480
Chapecó	81.266	-	150.445	297.787	529.498
Concórdia	6.926	-	-	49.917	56.843
Criciúma	15.277	-	-	134.342	149.619
Curitibanos	56.513	-	81.279	165.943	303.735
Florianópolis	4.300	-	-	11.660	15.960
Itajaí	19.530	-	-	1.826	21.356
Ituporanga	8.551	1.828	-	2.846	13.225
Joaçaba	22.671	-	16.903	121.106	160.680
Joinville	13.691	75	309.965	154.318	478.049

continua

continuação

MICRORREGIÃO GEOGRÁFICA	TIPO DE ARMAZÉM				Total
	Convencional	Depósito	Graneleiro	Silo	
Rio do Sul	12.547	-	1.800	82.461	96.808
São Bento do Sul	-	-	-	1.040	1.040
São Miguel do Oeste	21.232	-	104.995	56.551	182.778
Tabuleiro	400	-	-	-	400
Tijucas	-	-	-	-	-
Tubarão	15.867	3.700	1.796	41.159	62.522
Xanxerê	116.629	-	74.177	307.549	498.355
<b>SANTA CATARINA</b>	<b>533.178</b>	<b>5.603</b>	<b>824.615</b>	<b>1.899.057</b>	<b>3.262.453</b>

FONTE: Conab.

<sup>(1)</sup> Situação em 12/07/04.

TABELA 14/II - COOPERATIVAS, SEGUNDO O TIPO DE ATIVIDADE - SANTA CATARINA - 1999-2003  
(nº)

SEGMENTO	1999	2000	2001	2002	2003
Agropecuário	46	53	59	60	56
Consumo	20	18	20	17	14
Crédito	57	62	61	64	65
Educacional	15	16	17	17	17
Especial	2	2	2	2	2
Habitacional	3	3	3	3	3
Infra-estrutura	29	29	29	30	30
Mineral	2	2	2	2	2
Produção	15	13	15	13	9
Saúde	39	44	45	41	43
Trabalho	75	65	53	51	46
Transporte	-	-	19	19	18
<b>TOTAL</b>	<b>303</b>	<b>307</b>	<b>325</b>	<b>319</b>	<b>305</b>

FONTE: Ocesc.

TABELA 15/II - COOPERADOS, SEGUNDO O TIPO DE COOPERATIVA - SANTA CATARINA - 1999-2003  
(nº)

SEGMENTO	1999	2000	2001	2002	2003
Agropecuário	47.194	46.706	50.046	48.923	59.772
Consumo	62.264	82.245	99.177	90.247	98.393
Crédito	76.117	88.486	105.873	131.907	165.302
Educacional	10.874	13.788	14.328	12.375	10.109
Especial	90	101	67	68	71
Habitacional	1.328	1.094	881	569	936
Infra-estrutura	142.257	146.575	152.246	157.067	165.528
Mineral	416	461	539	529	670
Produção	607	552	518	403	206
Saúde	6.735	7.724	8.003	8.302	8.687
Trabalho	24.749	28.961	30.358	27.740	26.027
Transporte	-	-	2.762	3.090	2.918
<b>TOTAL</b>	<b>372631</b>	<b>416.693</b>	<b>464.798</b>	<b>481.220</b>	<b>538.619</b>

FONTE: Ocesc.

TABELA 16/II – RECEBIMENTO DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS PELAS COOPERATIVAS, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PRODUTOS – SANTA CATARINA – 1999-2003

(t)

PRODUTO	1999	2000	2001	2002	2003
Alho	420	50	160	400	202
Ameixa	-	167	88	31	48
Arroz em Casca	168.439	204.753	233.240	235.961	260.459
Aveia	3.045	3.140	1.836	877	1.099
Azevém	361	227	303	61	120
Batata inglesa	-	-	-	-	4.832
Bergamota	-	-	-	-	-
Cebola	301	1.665	232	30	-
Cevada	-	93	2.278	8.140	-
Erva mate	1.759	976	825	15	9
Ervilhaca	86	289	155	125	23
Feijão	47.399	60.993	30.439	29.929	25.213
Fumo	-	-	-	-	636
Laranja	28.583	27.325	32.558	37.638	41.002
Limão	-	-	-	-	-
Maçã	34.984	48.423	38.697	42.732	55.537
Mandioca	-	-	-	-	-
Maracujá	4.620	4.200	371	371	370
Milho	669.980	919.079	1.243.038	1.055.918	1.645.472
Nectarina	-	216	164	80	133
Pepino	-	10	-	-	2
Pêssego	350	430	297	240	120
Soja	304.853	361.916	476.207	566.250	496.041
Trigo	65.754	66.299	71.411	96.711	159.326
Triticale	8.749	4.619	249	1.051	1.057
Triguilho	-	-	-	179	-
Uva	1.350	2.448	3.800	4.000	2.500
Aves (1.000 cab)	69.427	73.999	74.220	86.310	636
Bovinos (cab)	1.063	748	652	1.764	87.526
Suínos (1.000 cab)	1.646	1.751	1.857	2.809	-
Leite (1.000 l.)	210.791	241.430	275.275	279.176	418.191
Mexilhão benef. (t)	-	54	200	65	-
Ostras (dúzias)	-	800	180	-	-

FONTE: Ocesc.

TABELA 17/II - MÁQUINAS AGRÍCOLAS VENDIDAS, SEGUNDO O TIPO - SANTA CATARINA - 1999-2003

(nº)

DISCRIMINAÇÃO	1999	2000	2001	2002	2003
Cultivadores	95	141	199	367	555
Trator de rodas (em cv)	1.013	1.159	1.732	2.068	1.734
Tratores de esteiras	22	37	17	11	34
Colheitadeiras	131	136	156	157	126
Retroescavadeiras	62	126	86	123	57
<b>TOTAL GERAL</b>	<b>1.323</b>	<b>1.599</b>	<b>2.190</b>	<b>2.726</b>	<b>2.506</b>

FONTE: Anfaeva.

TABELA 18/II - CONSUMO APARENTE DE FERTILIZANTES, SEGUNDO O TIPO - SANTA CATARINA - 1999-2003 (t)

DISCRIMINAÇÃO	1999	2000	2001	2002	2003
Fertilizantes	349.552	435.680	468.256	597.963	663.950
Nutrientes					
N	56.235	71.544	78.112	96.345	101.369
P2O5	52.002	61.971	65.818	82.003	87.026
K2O	47.537	55.700	57.230	76.322	96.319

FONTE: Anda.

TABELA 19/II - PRODUÇÃO DE SEMENTES CERTIFICADAS <sup>(1)</sup>, SEGUNDO OS PRODUTOS AGRÍCOLAS - SANTA CATARINA - 97/98-02/03 (t)

CULTURA	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03
Alho	88,6	96	-	-	14,03	1,20
Arroz-irrigado	6.580,39	5.898,49	10.058,99	9.274,84	12.610,31	10.421,94
Batata-semente	8.779,23	9.803,54	11.557,17	14.997,85	16.005,56	15.510,45
Cebola-bulbo	-	-	10,00	-	76,50	-
Cebola-semente	-	-	-	-	11,68	-
Feijão	5,00	-	120,00	-	31,00	343,65
Milho	-	-	5.354,43	636,37	-	1.917,84
Soja	193,35	1285	485,8	1530,83	752,10	5.557,72
Trigo	23,46	368,00	158,10	-	-	89,65

FONTE: Cidasc.

<sup>(1)</sup>Produção aprovada.TABELA 20/II - PRODUÇÃO DE SEMENTES FISCALIZADAS <sup>(1)</sup>, SEGUNDO OS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS - SANTA CATARINA - 97/98-02/03 (t)

CULTURA	97/98	98/99	99/00	00/01	01/02	02/03
Abóbora	-	5,41	9,52	5,33	13,26	-
Alho	250,80	567,80	440,30	297,90	134,40	-
Arroz-irrigado	979,02	-	-	-	-	-
Arroz-de-sequeiro	135,00	165,00	5,10	-	-	-
Aveia	550,05	19,20	2.795,55	967,88	2.277,84	1454,20
Azevém	57,80	138,00	101,70	101,58	39,68	180,00
Cevada	288,00	169,50	292,61	27.901,00	499,38	-
Ervilhaca	95,59	127,45	99,15	51,38	185,13	-
Feijão	2.244,26	7.075,13	2.470,49	651,23	1.901,64	340,57
Milheto	125,00	60,00	190,00	386,00	271,00	122,00
Milho	3.361,88	7.767,00	-	8.691,56	6.962,34	73,51
Nabo forrageiro	3,50	25,33	8,15	8,30	25,00	-
Soja	77.247,47	67.684,85	65.112,04	60.377,60	57.357,37	77205,59
Trigo	3.900,19	8.189,30	4.559,65	7.039,20	8.652,28	5225,59
Triticale	146,30	656,90	656,90	1.076,25	253,30	780,87

FONTE: Cidasc.

<sup>(1)</sup> Produção aprovada.

TABELA 21/II - CRÉDITO RURAL CONCEDIDO A PRODUTORES E COOPERATIVAS, SEGUNDO A FINALIDADE - SANTA CATARINA - 1998-2002

DISCRIMINAÇÃO	1998	1999	2000	2001	2002
<b>CUSTEIO</b>					
Número de contratos	121.857	132.837	141.303	176.350	169.576
• Atividade agrícola	113.227	124.735	134.065	160.670	162.168
• Atividade pecuária	8.630	8.102	7.238	15.680	7.408
Valor dos contratos (R\$)	580.481.421	637.756.403	752.118.658	1.437.900.738	1.128.973.047
• Atividade agrícola	380.275.740	447.910.920	507.136.985	984.305.093	746.887.468
• Atividade pecuária	200.205.681	189.845.482	244.981.673	453.595.645	382.085.579
<b>INVESTIMENTO</b>					
Número de contratos	9.971	7.191	14.816	25.978	28.440
• Atividade agrícola	8.657	5.244	10.654	18.293	18.849
• Atividade pecuária	1.314	1.947	4.162	7.705	9.591
Valor dos contratos (R\$)	47.030.810	56.785.349	109.976.951	238.150.879	272.080.528
• Atividade agrícola	36.364.086	40.155.369	68.665.459	152.986.774	242.775.112
• Atividade pecuária	10.666.724	16.629.980	41.311.492	85.164.105	29.305.416
<b>COMERCIALIZAÇÃO</b>					
Número de contratos	614	1.395	1.886	955	198.886
• Atividade agrícola	248	558	1.025	475	181.369
• Atividade pecuária	366	837	861	480	17.517
Valor dos contratos (R\$)	99.089.944	172.341.053	276.256.235	275.935.041	1.694.398.952
• Atividade agrícola	94.981.175	153.186.410	244.516.883	243.938.517	1.159.189.429
• Atividade pecuária	4.108.769	19.154.643	31.739.352	31.996.524	535.209.523

FONTE: BCB.

# INFORMAÇÕES ECONÔMICAS DA AGROPECUÁRIA

TABELA 22/II - ESTIMATIVA DO BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DOS PRINCIPAIS PRODUTOS VEGETAIS - SANTA CATARINA  
-SAFRAS - 02/03-03/04  
(mil t)

PRODUTO	OFERTA	SAFRA 02/03						SALDO
		Demanda						
		Consumo			Reservas para sementes	Perdas	Total	
		Animal in natura	Humano in natura	Industrial/ outros				
Alho	15,3	-	5,0	4,0	4,0	4,0	17,0	-1,7
Arroz	1.033,0	-	450,0	-	30,0	3,0	483,0	550,0
Banana	628,8	-	113,2	94,3	-	188,6	396,1	232,7
Batata	128,2	-	130,0	-	15,5	1,9	147,4	-19,2
Cebola	409,6	-	31,2	-	-	209,6	240,8	168,8
Feijão	183,0	-	80,0	1,0	4,6	15,5	101,1	81,9
Mandioca	539,0	172,0	36,0	323,0	-	8,0	539,0	0,0
Milho(1)	4.311,0	4.411,9	90,0	150,0	3,0	215,0	4.869,9	-558,9
Soja	712,2	6,0	4,0	1.150,0	22,0	21,3	1.203,3	-491,1
Trigo	92,0	-	-	335,0	11,6	1,6	348,2	-256,2

continua

continuação

PRODUTO	OFERTA	SAFRA 03/04						SALDO
		Demanda						
		Consumo			Reservas pa- rasecentes	Perdas	Total	
Animal in natura	Humano in natura	Industrial						
Alho	15,7	-	5,0	4,0	4,0	2,0	15,0	0,7
Arroz	996,0	-	450,0	-	30,0	3,0	483,0	513,0
Banana	618,4	-	113,2	92,7	-	173,1	379,0	239,4
Batata	121,6	-	130,0	-	16,0	1,8	147,8	-26,2
Cebola	436,6	-	31,2	-	-	116,6	147,8	288,8
Feijão	135,5	-	80,0	1,0	4,0	11,0	96,0	39,5
Mandioca	586,0	190,0	36,0	352,0	-	8,0	586,0	0,0
Milho (1)	3.450,0	4.249,7	90,0	110,0	3,0	185,0	4.637,7	-1.187,7
Soja	651,5	6,0	4,0	1.130,0	21,5	19,5	1.181,0	-529,5
Trigo	172,0	-	-	345,0	13,6	2,6	361,2	-189,2

FONTE: Instituto Cepa/SC.

(1) Oferta de milho mais substitutos.

**TABELA 23/II – EXPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO CATARINENSE -2001-2004**  
(US\$ FOB 1.000)

PRODUTOS EXPORTADOS	2001	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>
<b>PRODUÇÃO ANIMAL E DERIVADOS</b>	904.883	877.353	916.311	601.308
Carne suína	237.554	256.453	196.713	135.212
Carnes de aves	624.096	583.890	671.804	434.548
Outras carnes	9.436	6.057	10.413	11.843
Pescados e crustáceos	23.563	20.647	22.180	11.197
Mel natural	2.042	4.634	9.511	5.752
Outros Produtos Origem Animal	8.191	5.671	5.690	2.756
<b>PRODUÇÃO VEGETAL E DERIVADOS</b>	193.101	204.320	350.757	140.280
Soja – Óleo	28.947	39.676	120.799	22.696
Soja – em grão, para semeadura e outros	5.382	640	9.877	14.897
Soja – Farelos e Farinhas	11.680	1.476	49.990	2.787
Milho	7.288	959	12.115	5.006
Arroz	498	215	274	150
Banana	6.621	17.155	11.992	4.763
Maçã	9.942	16.291	20.392	37.665
Outras frutas frescas ou secas	535	739	1.071	779
Frutas em conserva e doces	3.236	2.462	2.094	1.435
Sucos de frutas	5.119	7.808	10.789	5.666
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	7.433	13.798	7.382	3.648
Produtos hortícolas	382	176	625	1.005
Fécula de mandioca	1.335	1.736	1.836	907
Erva mate	2.913	1.935	1.304	641
Plantas ornamentais	238	312	211	203
Gomas e resinas	1.195	1.610	1.050	735
Fumo	90.579	88.211	88.232	30.712
Bebidas fermentadas e destiladas	3.111	782	650	316
Outros Prod. Vegetais e da Agroindústria	6.667	8.341	10.076	6.268

continua

continuação

PRODUTOS EXPORTADOS	2001	2002	2003	2004 <sup>(1)</sup>
INDÚSTRIA DA MADEIRA PAPEL E PAPELÃO	648.955	782.229	859.036	519.726
Madeira e obras de madeiras	321.959	386.719	401.069	249.411
Móveis de madeira	216.170	274.172	319.968	188.098
Papel e papelão	110.827	121.338	137.999	82.217
<b>TOTAL GERAL DO AGRONEGÓCIO</b>	<b>1.746.939</b>	<b>1.863.901</b>	<b>2.126.104</b>	<b>1.261.313</b>
<b>TOTAL SANTA CATARINA</b>	<b>3.028.399</b>	<b>3.157.065</b>	<b>3.695.786</b>	<b>2.171.220</b>

FONTES: Secex/Decex.

(1) Até Junho

TABELA 24/II - IMPORTAÇÕES DO AGRONEGÓCIO CATARINENSE –2000-2004  
(US\$ FOB 1000)

PRODUTOS IMPORTADOS	2000	2001	2002	2003	2004(1)
<b>PRODUÇÃO ANIMAL E DERIVADOS</b>	38.519	30.833	29.996	32.899	15.531
Animais vivos	4.268	1.187	1.881	1.008	74
Carnes de animais	9.375	3.463	1.661	933	614
Pescados e crustáceos	15.596	17.151	15.417	19.385	10.690
Laticínios e Ovos	2.478	1.272	1.738	1.134	686
Preparações e conservas de carnes e pescados	576	331	570	893	331
Outros produtos origem animal não comestíveis	6.226	7.430	8.729	9.545	3.137
<b>PRODUÇÃO VEGETAL E DERIVADOS</b>	143.790	163.641	187.493	235.415	98.861
Soja e derivados	29.146	65.620	80.657	84.966	27.475
Milho	20.097	7.054	19.342	38.698	3.380
Trigo	39.431	46.212	45.654	52.646	6.430
Arroz	854	695	390	6.412	4.265
Malte	2.102	2.573	1.508	12.327	23.917
Outros cereais, grãos e prod de moagem	15.941	1.461	969	3.521	7.888
Oleos e gorduras vegetais	3.735	4.152	6.004	7.379	4.218
Fumo	2.169	4.556	5.048	1.362	531
Uva	362	498	333	329	125
Maçã	982	3.011	630	334	232
Pêra	2.061	1.799	1.373	665	579
Ameixa	1.418	1.198	838	569	137
Outras frutas frescas ou secas	1.775	1.533	892	440	146
Gomas e resinas	2.242	1.722	1.352	1.480	711
Cebola	1.168	510	646	2.391	3.204
Alho	1.142	253	262	866	522
Outros produtos hortícolas	459	2.694	1.935	1.768	1.547
Batatas preparadas ou Conservadas	4.105	3.840	3.274	2.100	1.605
Leveduras	1.988	1.829	2.229	2.147	888
Açúcar, cacau e produtos de confeitaria	2.433	1.352	719	988	518
Outros prod vegetais e da agroindustria	10.181	11.077	13.438	14.026	10.542
<b>INDÚSTRIA DA MADEIRA PAPEL E PAPELÃO</b>	20.128	11.321	10.296	13.328	10.400
Madeira e obras de madeiras	3.830	3.001	5.051	5.102	2.520
Papel e papelão	16.298	8.320	5.245	8.226	7.880
<b>Total do Agronegócio</b>	<b>202.438</b>	<b>205.795</b>	<b>227.785</b>	<b>281.642</b>	<b>124.792</b>
<b>TOTAL SANTA CATARINA</b>	<b>957.133</b>	<b>860.240</b>	<b>931.430</b>	<b>993.635</b>	<b>649.993</b>

FONTES: Secex/Decex.

(1) Até Junho.

**TABELA 25/II - VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO, CONSUMO INTERMEDIÁRIO E PRODUTO INTERNO BRUTO SEGUNDO A ATIVIDADE ECONÔMICA DO SETOR PRIMÁRIO - SANTA CATARINA - 1998-2003**  
(mil R\$)

GRUPOS DE ATIVIDADE ECONÔMICA	VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO					
	1998	1999	2000	2001	2002(2)	2003(3)
Lavouras, horticultura, floricultura	1.558.439	1.801.137	2.123.248	2.146.592	2.763.728	3.912.378
Pecuária	2.302.773	2.746.432	3.284.357	3.969.131	4.429.158	5.425.332
Indústria rural	237.511	266.321	341.639	397.767	424.395	505.955
Silvicultura	300.170	388.853	464.019	589.605	843.146	1.187.922
Extração vegetal	52.036	50.841	53.026	55.382	95.850	82.334
Prod. part. do pessoal residente.	4.706	5.631	6.399	6.766	8.628	11.555
<b>TOTAL</b>	<b>4.455.636</b>	<b>5.259.216</b>	<b>6.272.689</b>	<b>7.165.242</b>	<b>8.564.905</b>	<b>11.125.476</b>
<b>Consumo Intermediário</b>	<b>1.360.662</b>	<b>1.658.905</b>	<b>2.024.743</b>	<b>2.475.808</b>	<b>2.830.751</b>	<b>3.526.467</b>
<b>Produto Interno Bruto</b>	<b>3.094.974</b>	<b>3.600.311</b>	<b>4.247.947</b>	<b>4.689.434</b>	<b>5.734.154</b>	<b>7.599.010</b>

FONTE: Instituto Cepa/SC.

(1) Não inclui pesca e aqüicultura.

(2) Dados preliminares.

(3) Estimativa

**TABELA 26/II - VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DA AGROPECUÁRIA CATARINENSE - 1997-2003**

PRODUTOS	1997	1998	1999	2000	2001	2002 <sup>(1)</sup>	2003 <sup>(2)</sup>
Arroz	124.081	190.864	218.666	199.003	244.567	291.242	513.059
Alho	27.468	28.997	39.843	38.974	50.307	30.321	17.336
Batata-inglesa	26.489	29.234	24.093	27.493	42.219	47.897	64.899
Cana-de-açúcar	16.898	20.589	20.692	24.482	32.774	30.595	32.333
Cebola	73.307	52.703	85.487	109.993	138.450	132.690	167.693
Feijão	118.110	110.902	113.935	101.370	105.012	149.995	182.992
Fumo	377.058	303.060	367.614	369.953	431.890	644.136	809.089
Mandioca	47.469	54.079	61.638	83.225	71.066	48.615	79.631
Milho	311.908	327.994	446.473	618.007	533.132	666.548	997.981
Soja	99.249	110.324	124.599	146.709	151.103	211.033	354.155
Tomate	40.459	39.053	30.559	33.644	48.645	58.320	57.080
Trigo	4.402	5.710	7.598	10.105	20.844	41.299	88.826
Banana	38.425	52.002	50.658	59.183	66.862	99.501	120.341
Laranja	16.543	24.343	23.579	32.161	17.228	17.429	63.143
Maça	163.234	180.056	154.736	229.281	148.216	242.222	302.468
Uva	9.218	10.687	10.347	15.357	19.702	20.244	16.559
Carvão Vegetal <sup>(3)</sup>	2.451	2.127	2.521	2.788	2.930	2.296	1.948
Erva-mate <sup>(3)</sup>	25.780	25.398	24.626	24.289	25.861	62.297	47.264
Lenha <sup>(3)</sup>	19.564	18.760	18.813	20.775	21.396	24.986	28.170
Madeira em toras <sup>(3)</sup>	8.208	5.188	4.331	4.601	4.596	5.234	4.061
Madeiras para papel <sup>(4)</sup>	40.419	42.044	59.987	70.022	84.310	106.367	158.898
Toras para outras finalidades <sup>(4)</sup>	113.212	172.287	220.495	267.370	344.862	513.583	725.691
Lenha <sup>(4)</sup>	18.430	27.071	32.240	35.780	44.998	58.122	70.757
Bovino <sup>(5)</sup>	285.768	340.280	373.820	490.049	571.427	596.797	684.639
Suíno <sup>(5)</sup>	799.032	810.776	1.035.936	1.250.327	1.603.274	1.480.375	1.735.172
Frango <sup>(5)</sup>	572.304	554.817	637.790	738.763	860.903	1.732.022	2.128.138
Leite <sup>(5)</sup>	197.861	207.611	231.047	295.991	306.113	411.741	578.582
Lã	130	131	126	86	175	211	523
Ovos de galinha	123.600	121.857	127.390	148.040	142.356	150.514	235.117
Mel	14.211	15.975	15.286	21.777	21.833	23.190	21.492

continua

continuação

PRODUTOS	1997	1998	1999	2000	2001	2002(4)	2003(5)
Camarão	...	...	...	1.807	5.481	18.050	16.857
Ostra	...	...	...	2.592	6.688	6.390	8.745
Mexilhão	...	...	...	8.419	7.351	11.233	11.060
Peixes de águas interiores	...	...	...	24.088	27.334	35.505	38.745
<b>TOTAL</b>	<b>3.715.289</b>	<b>3.884.918</b>	<b>4.564.923</b>	<b>5.506.503</b>	<b>6.203.904</b>	<b>7.971.001</b>	<b>10.363.447</b>

FONTE: IBGE e Instituto Cepa/SC.

(1) Dados preliminares

(2) Estimativa

(3) Produtos da extração vegetal

(4) Produtos da silvicultura

(5) Estimativa Instituto Cepa (produção de leite e abates totais)

TABELA 27/II - ÍNDICE DE PRODUTIVIDADE DAS PRINCIPAIS CULTURAS - SANTA CATARINA - 1986-2003

(ano base 1985 = 100)

ANO	PRODUTO													
	ALHO	ARROZ	BANANA	BATATA-INGLESA	CEBOLA	FEIJÃO	FUMO EM FOLHA	MAÇÃ	MANDIOCA	MILHO	SOJA	TOMATE	TRIGO	UVA
1986	102,63	98,20	100,97	81,29	92,13	52,62	92,25	108,71	107,98	89,10	97,01	83,78	82,98	85,84
1987	108,71	100,73	97,74	94,80	110,95	77,01	89,62	97,28	120,63	104,88	93,77	112,96	96,26	78,73
1988	80,98	113,02	97,53	99,59	108,48	89,76	97,50	106,12	125,55	104,74	93,35	111,36	56,02	106,98
1989	108,65	113,88	91,54	98,43	87,94	92,16	95,99	114,33	129,27	116,54	112,26	127,02	100,13	106,38
1990	94,95	120,43	98,15	107,62	111,47	86,65	101,72	133,38	128,63	115,03	108,22	130,59	77,59	114,85
1991	96,82	130,91	97,35	95,07	110,63	62,60	96,02	108,17	129,84	63,02	69,38	128,31	98,93	78,47
1992	112,64	147,89	115,94	104,60	107,38	126,43	102,53	137,20	134,12	130,88	133,34	115,11	114,29	107,36
1993	122,45	132,44	124,81	118,73	107,42	110,11	100,91	178,47	134,90	136,95	147,25	153,12	98,49	112,82
1994	101,47	143,89	126,93	118,42	114,32	127,54	102,13	128,77	131,78	140,03	148,95	160,23	93,62	103,50
1995	103,98	147,94	103,41	110,54	106,72	108,03	94,23	135,87	135,68	150,09	161,82	152,42	113,37	98,61
1996	88,47	150,56	92,83	114,67	96,43	112,09	90,92	173,76	80,72	132,76	180,24	92,76	112,97	71,26
1997	100,29	160,59	112,82	110,33	108,73	124,45	107,70	189,66	116,73	156,79	179,03	147,69	72,40	92,42
1998	127,54	173,59	122,67	111,67	114,68	87,15	78,87	182,06	121,29	146,79	175,37	154,22	114,17	88,85
1999	135,80	194,26	131,79	110,47	165,39	105,70	109,07	186,87	134,39	150,23	159,31	149,78	141,63	83,04
2000	147,04	191,50	140,53	122,77	194,62	141,20	110,18	144,13	134,31	179,79	184,04	147,80	136,23	102,65
2001	146,75	210,96	137,45	131,84	161,01	150,47	106,97	172,64	139,63	196,20	200,20	154,64	121,33	93,87
2002	101,67	214,18	145,94	135,66	158,42	146,86	112,09	209,09	135,95	162,22	162,04	164,08	137,43	82,64
2003	143,36	233,43	140,55	137,37	163,55	171,04	99,23	203,70	141,88	219,65	206,40	166,20	171,85	86,76

FONTE: Instituto Cepa/SC.

# PREÇOS AGRÍCOLAS

TABELA 28/II - PREÇOS MÍNIMOS VIGENTES, POR PRODUTO, NA REGIÃO CENTRO-SUL - 1999-2004 (R\$)

ANO	MÊS	ARROZ IRRIGADO (sc 50 kg)	ARROZ SEQUEIRO (sc 60 kg)	FEIJÃO (sc 60 kg)	SOJA (sc 60 kg)	MILHO (sc 60 kg)	TRIGO (t)	MANDIOCA (raiz) (t)	FARINHA DE MANDIOCA (50 kg)	FÉCULA DE MANDIOCA (kg)
1999	Jan	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Fev	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Mar	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Abr	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Mai	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Jun	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Jul	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	157,00	25,00	7,70	0,229
	Ago	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	185,00	25,00	7,70	0,229
	Set	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	185,00	25,00	7,70	0,229
	Out	10,53	9,30	26,00	9,50	6,70	185,00	25,00	7,70	0,229
	Nov	10,53	9,30	28,00	9,50	6,70	185,00	25,00	7,70	0,229
	Dez	10,53	9,30	28,00	9,50	6,70	185,00	25,00	7,70	0,229

continua

continuação

ANO	MÊS	ARROZ IRRIGADO (sc 50 kg)	ARROZ SEQUEIRO (sc 60 kg)	FEIJÃO (sc 60 kg)	SOJA (sc 60 kg)	MILHO (sc 60 kg)	TRIGO (t)	MANDIOCA (raiz) (t)	FARINHA DE MANDIOCA (50 kg)	FÉCULA DE MANDIOCA (kg)
2000	Jan	10,53	9,30	28,00	9,50	6,70	185,00	28,50	8,50	0,253
	Fev	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Mar	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Abr	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Mai	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Jun	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Jul	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	185,00	28,50	8,50	0,253
	Ago	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	205,00	28,50	8,50	0,253
	Set	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	205,00	28,50	8,50	0,253
	Out	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	205,00	28,50	8,50	0,253
	Nov	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	205,00	28,50	8,50	0,253
	Dez	10,92	9,30	28,00	9,70	7,10	205,00	28,50	8,50	0,253
2001	Jan	10,92	9,30	28,00	9,70	7,28	205,00	30,78	9,18	0,2732
	Fev	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	205,00	30,78	9,18	0,2732
	Mar	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	205,00	30,78	9,18	0,2732
	Abr	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	205,00	30,78	9,18	0,2732
	Mai	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	205,00	30,78	9,18	0,2732
	Jun	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	205,00	30,78	9,18	0,2732
	Jul	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	205,00	30,78	9,18	0,2732
	Ago	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	225,00	30,78	9,18	0,2732
	Set	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	225,00	30,78	9,18	0,2732
	Out	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	225,00	30,78	9,18	0,2732
	Nov	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	225,00	30,78	9,18	0,2732
	Dez	10,92	8,37	28,00	9,70	7,28	225,00	30,78	9,18	0,2732
2002	Jan	10,92	8,37	28,00	9,70	7,43	225,00	30,78	9,18	0,2732
	Fev	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	225,00	30,78	9,18	0,2732
	Mar	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	225,00	30,78	9,18	0,2732
	Abr	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	225,00	30,78	9,18	0,2732
	Mai	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	225,00	30,78	9,18	0,2732
	Jun	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	225,00	30,78	9,18	0,2732
	Jul	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	225,00	30,78	9,18	0,2732
	Ago	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	285,00	30,78	9,18	0,2732
	Set	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	285,00	30,78	9,18	0,2732
	Out	10,92	7,95	28,00	10,18	7,43	285,00	30,78	9,18	0,2732
	Nov	10,92	7,95	30,00	10,18	7,43	285,00	30,78	9,18	0,2732
	Dez	10,92	7,95	30,00	10,18	7,43	285,00	30,78	9,18	0,2732

continua

continuação

ANO	MÊS	ARROZ IRRIGADO (sc 50 kg)	ARROZ SEQUEIRO (sc 60 kg)	FEIJÃO (sc 60 kg)	SOJA (sc 60 kg)	MILHO (sc 60 kg)	TRIGO (t)	MANDIOCA (raiz) (t)	FARINHA DE MANDIOCA (50 kg)	FÉCULA DE MANDIOCA (kg)
2003	Jan	14,00	7,95	30,00	10,18	9,50	285,00	35,00	10,43	0,3100
	Fev	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	285,00	35,00	10,43	0,3100
	Mar	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	285,00	35,00	10,43	0,3100
	Abr	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	285,00	35,00	10,43	0,3100
	Mai	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	285,00	35,00	10,43	0,3100
	Jun	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	285,00	35,00	10,43	0,3100
	Jul	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	285,00	35,00	10,43	0,3100
	Ago	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	400,00	35,00	10,43	0,31
	Set	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	400,00	35,00	10,43	0,31
	Out	14,00	7,95	30,00	11,00	9,50	400,00	35,00	10,43	0,31
	Nov	14,00	7,95	47,00	11,00	9,50	400,00	35,00	10,43	0,31
	Dez	14,00	7,95	47,00	11,00	9,50	400,00	35,00	10,43	0,31
2004	Jan	20,00	7,95	47,00	11,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Fev	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Mar	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Abr	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Mai	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Jun	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Jul	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	400,00	54,00	15,00	0,44
	Ago	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	...	54,00	15,00	0,44
	Set	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	...	54,00	15,00	0,44
	Out	20,00	11,13	47,00	14,00	13,50	...	54,00	15,00	0,44
	Nov	20,00	11,13	...	14,00	13,50	...	54,00	15,00	0,44
	Dez	20,00	11,13	...	14,00	13,50	...	54,00	15,00	0,44

FONTE: Conab.

TABELA 29/II - PREÇOS MÉDIOS MENSAIS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES PELOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS - SANTA CATARINA - JAN/DÉZ - 2003  
(R\$)

PRODUTO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Alho (kg)	...	2,2	2	2,37	2,4	1,22	...	...	...	...	...	...
Arroz irrigado (50 kg)	25,87	24,95	24,75	26,79	31,5	30,76	31,5	31,5	31,57	31	32	33,42
Batata-inglesa (50 kg)	17,07	18,62	22,49	24,39	33,55	26,79	20,14	18,61	18,86	17,98	19,24	18,03
Cana-de-açúcar (t)	53,33	55,00	56,67	56,67	60,00	60,00	52,50	53,33	53,33	50,00	51,67	51,67
Cebola (20kg)	7,78	7,75	12,06	10,56	10,00	..	...	...	...	...	7,04	6,63
Feijão-preto (60 kg)	62,10	60,25	69,49	68,17	60,80	60,00	57,73	56,00	63,41	65,00	60,75	50,82
Feijão-carioca (60kg)	82,00	80,75	84,44	89,89	72,50	64,74	56,50	50,00	50,00	50,00	45,00	43,82
Fumo em folha (estufa)(kg)	3,37	3,37	3,37	3,37	3,37	3,37	3,37	3,37	3,37	3,37	3,37	3,37
Mandioca (t)	..	...	..	137,36	153,13	159,21	155,00	159,44	150,00	...	...	...
Milho em grão (60 kg)	21,03	19,38	18,31	17,13	16,12	15,22	13,73	14,40	16,18	16,05	16,31	16,63
Soja em grão (60 kg)	43,05	42,00	39,22	35,81	54,43	34,29	33,61	34,45	37,18	42,48	45,25	44,00
Tomate Long Vid (22-25 kg)	7,50	13,60	23,39	24,22	15,90	9,84	9,93	10,30	12,19	16,67	16,95	16,42
Trigo intermediário (60 kg)	28,17	28,00	28,58	27,99	26,56	24,80	23,89	22,80	22,80	20,95	20,90	21,44
Trigo superior (60kg)	29,83	30,00	30,58	29,99	28,56	26,80	25,89	24,80	24,80	22,86	22,98	23,19
Banana-caturra (20 kg)	4,40	2,18	4,83	7,47	5,03	3,68	5,23	4,69	5,45	8,81	5,43	4,08
Banana-prata (kg)	4,15	5,00	4,67	5,58	5,30	5,53	8,07	9,00	9,00	8,71	6,21	6,33
Erva-mate(fol. verde)(15kg)	3,64	3,59	3,61	3,63	3,64	3,65	3,64	3,56	3,52	3,53	3,50	3,33
Laranja (indústria)(t)	..	...	...	..	142,50	142,50	142,50	142,50	142,50	147,50	150,00	150,00
Pêssego (kg)	0,90	0,75	...	...	...	...	...	...	...	1,15	1,20	1,10
Uva vinífera(kg)	0,68	0,80	0,90	0,90	...	...	...	...	...	...	...	1,80
Bovinos (30kg) <sup>(1)</sup>	57,00	57,00	54,50	54,56	53,50	53,47	53,18	56,75	57,00	57,00	57,00	58,00
Frangos (kg) <sup>(1)</sup>	1,25	1,30	1,28	1,25	1,19	1,16	1,11	1,05	1,08	1,12	1,19	1,22
Suínos (kg) <sup>(1)</sup>	1,45	1,45	1,45	1,45	1,41	1,37	1,39	1,46	1,68	1,88	1,82	1,80
Lã (kg)	1,60	1,60	4,50	4,50	4,50	4,50	4,50	4,50	4,50	4,50	3,87	3,78
Leite plataforma (l)	0,41	0,42	0,43	0,44	0,43	0,44	0,43	0,43	0,43	0,43	0,43	0,42
Ovos de galinha col. (dz)	1,30	1,40	1,51	1,64	1,75	1,77	1,79	1,79	1,74	1,60	1,57	1,57
Mel (kg)	5,13	5,17	5,25	5,53	5,71	5,58	5,45	5,63	5,63	5,72	5,84	5,95

FONTE: Instituto Cepa/SC.

NOTA: As médias referem-se aos preços mais comuns registrados diariamente nas principais regiões produtoras.

(1) Refere-se ao preço pelo peso do animal vivo.

**TABELA 30/II - PREÇOS MÉDIOS MENSAIS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES PELOS PRINCIPAIS PRODUTOS AGROPECUÁRIOS - SANTA CATARINA - JAN/JUN-2004**  
(R\$)

PRODUTO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
Alho (kg)	...	2,25	2,25	2,25	2,25	2,25
Arroz irrigado (50 kg)	...	34,28	31,88	32,23	33	31,38
Batata-inglesa (50 kg)	...	15,44	14,8	17,48	20,13	19,39
Cana-de-açúcar (t)	...	53,75	53,75	52,5	52,5	53,75
Cebola (20kg)	...	7,49	9,05	8,92	14,46	...
Feijão-preto (60 kg)	...	52,4	55	58,93	60,71	58,58
Feijão-carioca (60kg)	...	54,73	56,7	58,21	52,81	47,39
Fumo em folha (estufa)(kg)	...	4,08	4,08	4,08	4,08	4,08
Mandioca (t)	...	...	...	200	178,28	173,03
Milho em grão (60 kg)	...	15,57	17,17	20,17	20	18,29
Soja em grão (60 kg)	...	43,47	49	49,67	48	42,66
Tomate Long Vid (22-25 kg)	...	12,13	10,05	8,28	14	24,79
Trigo intermediário (60 kg)	...	21,16	21,72	24	26,29	28,31
Trigo superior (60kg)	...	22,7	22,77	24,76	28,86	29,8
Banana-caturra (20 kg)	...	3,25	4,08	6,11	5,6	5
Banana-prata (kg)	...	9	9	9	6,86	10
Erva-mate(fol. verde)(15kg)	...	3,31	3,29	3,31	3,36	3,40
Laranja (indústria)(t)	...	..	...	...	...	85
Pêssego (kg)	...	1,3	...	...	...	...
Uva vinífera(kg)	...	1,39	2	...	...	...
Bovinos (30kg) <sup>(1)</sup>	...	58	57,29	55,22	55	55,47
Frangos (kg) <sup>(1)</sup>	...	1,31	1,4	1,16	1,31	1,45
Suínos (kg) <sup>(1)</sup>	...	1,7	1,75	1,8	1,8	1,93
Lã (kg)	...	3,35	3,35	3,4	3,8	3,73
Leite plataforma (l)	...	0,39	0,39	0,4	0,42	0,45
Ovos de galinha col. (dz)	...	1,62	1,65	1,62	1,73	1,72
Mel (kg)	...	5,91	5,86	6,03	5,95	5,81

FONTE: Instituto Cepa/SC.

<sup>(1)</sup> Refere-se ao preço pelo peso do animal vivo.

TABELA 31/II - ÍNDICE DE PREÇOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES CATARINENSES - IPR - 2003-2004  
(Base - agosto/94 = 100)

ANO-MÊS/PRODUTO	2003											
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Alho	301,59	174,60	174,60	188,10	190,48	205,56	205,56	205,56	205,56	205,56	205,56	205,56
Arroz	271,17	262,05	259,43	280,82	330,19	322,54	330,19	330,19	330,92	324,95	335,43	350,31
Batata	167,83	157,19	190,11	211,25	288,59	220,68	171,63	156,43	158,63	147,76	159,70	150,95
Cebola	387,10	469,68	716,77	806,45	790,32	526,45	451,61	634,19	634,19	634,19	483,87	460,00
Feijão-carioca	378,33	391,14	411,81	420,90	359,52	308,29	274,19	238,10	238,10	238,10	228,57	217,81
Fumo	277,46	277,46	277,46	277,46	277,46	277,46	277,46	277,46	277,46	277,46	277,46	277,46
Mandioca	202,60	202,60	202,60	496,96	554,02	576,01	542,69	542,69	553,40	542,69	544,07	544,07
Milho em Grão	350,50	323,00	305,17	285,50	268,67	253,67	228,83	240,00	269,67	267,50	271,83	277,17
Soja em Grão	387,94	362,49	355,98	333,27	322,53	320,17	312,72	318,66	342,41	395,48	417,81	415,08
Tomate	58,81	74,59	171,52	160,55	121,62	83,30	74,08	52,15	83,40	124,39	113,73	100,72
Trigo	396,20	393,81	401,97	393,67	373,56	348,80	336,01	320,68	320,68	294,66	293,95	301,55
Banana-caturra	124,40	86,25	121,99	196,56	163,23	138,14	180,07	175,26	187,97	248,11	183,16	152,58
Maçã	168,00	267,00	168,00	168,00	300,00	294,00	234,00	234,00	234,00	234,00	150,00	150,00
Bovinos	244,67	252,47	248,18	246,29	238,50	238,82	245,64	248,59	254,45	256,15	257,91	263,95
Frangos	224,59	226,23	226,23	227,87	216,39	203,28	206,56	203,28	209,84	224,59	211,48	213,11
Suínos	222,39	220,90	225,37	222,39	219,40	216,42	214,93	231,34	267,16	298,51	288,06	280,60
Leite	205,00	210,00	215,00	215,00	215,00	215,00	215,00	215,00	215,00	215,00	215,00	210,00
<b>TOTAL</b>	<b>262,40</b>	<b>260,28</b>	<b>267,75</b>	<b>276,98</b>	<b>273,45</b>	<b>254,61</b>	<b>246,49</b>	<b>252,90</b>	<b>266,52</b>	<b>277,52</b>	<b>266,37</b>	<b>264,14</b>

continua

continuação

ANO-MÊS/PRODUTO	2004						
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
Alho	205,56	205,56	178,57	178,57	178,57	178,57	215,08
Arroz	350,31	359,33	334,07	337,84	345,91	328,93	315,09
Batata	150,95	141,14	121,29	148,90	175,44	163,88	191,56
Cebola	460,00	430,32	496,13	546,45	903,23	1161,29	932,90
Feijão-carioca	217,81	302,48	302,48	274,43	270,76	236,95	206,33
Fumo	277,46	287,32	287,32	287,32	287,32	287,32	287,32
Mandioca	544,07	566,93	566,93	723,59	645,04	626,01	651,66
Milho em Grão	277,17	259,50	287,17	336,33	333,33	304,83	287,67
Soja em Grão	415,08	403,30	451,56	464,66	444,30	393,59	356,36
Tomate	100,72	99,49	85,04	60,25	142,73	191,70	167,32
Trigo	301,55	297,75	305,91	337,55	369,90	398,17	369,20
Banana-caturra	152,58	143,99	135,40	198,28	211,34	202,41	199,66
Maçã	150,00	150,00	120,00	96,00	96,00	111,00	117,00
Bovinos	263,95	259,84	255,42	249,24	245,18	248,04	251,50
Frangos	213,11	229,51	231,15	227,87	227,87	234,43	237,70
Suínos	280,60	264,18	271,64	276,12	277,61	298,51	313,43
Leite	210,00	195,00	195,00	205,00	210,00	225,00	235,00
<b>TOTAL</b>	<b>264,14</b>	<b>265,75</b>	<b>270,59</b>	<b>283,20</b>	<b>293,70</b>	<b>298,04</b>	<b>290,21</b>

FONTE: Instituto Cepa/SC.

TABELA 32/II - PREÇOS MÉDIOS MENSAIS DOS PRODUTOS DE PESCA EM FRIGORÍFICOS ATACADISTAS - SANTA CATARINA - 2003-2004  
(R\$/Kg pescado inteiro)

ANO/MÊS/ESPÉCIES	2003											
	JAN	FEV	MAR	ABRI	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Abrótea grande	1,20	1,20	1,50	2,00	1,50	1,50	1,50	1,30	1,30	1,35	1,95	2,04
Abrótea média	0,80	0,80	1,20	1,20	1,20	1,20	1,20	1,00	1,00	1,20	1,50	1,50
Abrótea pequena	0,60	0,60	1,00	1,00	0,90	0,90	0,90	0,80	0,80	0,90	1,20	1,30
Anchova grande	2,00	2,00	2,00	3,00	2,50	2,50	2,50	1,90	1,90	1,95	3,05	3,50
Anchova média	1,50	1,50	1,50	1,80	2,00	2,00	2,00	1,60	1,50	1,70	2,75	2,90
Anchova pequena	1,10	1,00	1,00	1,50	1,20	1,20	1,20	1,30	1,10	2,70	1,40	1,80
Atum grande	...	...	...	...	...	...	...	...	...	3,00	2,80	2,80
Atum médio	...	...	...	...	...	...	...	...	...	2,20	...	...
Atum pequeno	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...
Bagre	1,25	1,14	1,45	1,50	1,45	1,60	1,50	1,70	1,35	1,47	1,40	1,70
Berbigão limpo	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...	...
Betara	1,35	1,10	1,50	1,60	1,55	1,50	1,40	1,50	1,40	1,40	1,70	1,80
Cação-anjo	2,20	2,04	2,65	2,75	2,15	2,54	2,29	2,54	2,50	2,57	2,30	2,40
Cação-caçonete	1,90	1,40	1,80	2,25	1,50	2,04	1,80	2,04	1,95	1,97	2,65	2,65
Cação-enguia	0,60	0,40	0,70	1,10	0,60	1,70	0,89	1,70	1,75	1,85	0,80	1,20
Cação-machote	1,90	2,00	2,20	3,25	1,85	2,00	2,35	2,00	1,80	1,75	2,65	2,75
Cação-raia	0,60	0,40	1,30	1,05	1,00	1,00	0,95	1,00	1,10	1,05	0,60	0,80
Cação-viola	1,20	0,80	1,30	1,70	1,40	0,80	0,80	0,80	1,00	0,95	1,00	1,50
Camarão-ferrinho	2,00	2,00	...	...	...	...	...	1,80	...	...	1,50	1,50
Camarão médio primeira	15,50	16,00	12,50	12,00	11,50	11,50	11,25	12,00	12,00	9,50	9,00	9,00
Camarão médio segunda	11,50	11,50	9,50	9,50	9,00	9,00	8,00	9,50	9,75	10,75	7,00	8,00
Camarão médio terceira	8,75	8,75	6,50	7,00	6,75	6,75	6,25	7,25	7,75	8,75	6,00	7,50
Camarão-rosa	28,00	28,00	39,00	39,00	39,00	39,00	32,00	28,00	...	...	32,00	32,00
Camarão-sete-barbas	2,20	2,20	2,50	2,20	...	...	...	...	...	...	2,60	2,60
Carne de siri	5,50	5,00	7,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,00	6,20	6,00	9,00	8,00
Congrio-rosa	4,20	...	4,00	6,50	3,00	3,00	3,00	3,50	4,00	4,25	7,50	6,50
Corvina grande	1,55	1,55	1,90	2,65	1,65	1,90	1,60	1,45	1,45	1,47	1,57	1,75
Corvina média	1,20	1,25	1,50	1,90	1,35	1,50	1,20	1,20	1,20	1,25	1,40	1,60
Corvina pequena	0,85	0,85	1,14	1,15	0,90	1,00	0,90	0,89	0,89	1,02	0,70	1,10
Espada grande	1,05	0,90	1,25	1,25	0,95	1,25	1,05	1,25	1,25	1,22	0,95	1,05
Espada média	0,75	0,70	0,95	0,75	0,65	1,00	0,75	1,05	1,10	1,05	0,80	0,85
Espada pequena	0,30	0,30	0,30	0,30	0,30	0,30	0,30	0,30	0,50	0,40	0,50	0,60
Gordinho	1,30	2,00	1,50	1,75	1,25	1,35	0,85	1,35	1,40	1,35	0,85	0,95
Guaivira	0,90	0,60	0,90	1,15	0,80	0,89	0,89	0,89	0,95	1,00	0,95	1,25
Linguado grande	5,15	5,15	7,15	7,25	7,00	7,00	7,00	6,45	6,75	6,50	6,00	5,50
Linguado médio	3,65	3,65	4,75	4,75	5,50	5,50	5,50	4,75	4,75	4,40	3,75	3,50
Linguado pequeno	2,10	2,10	2,15	2,40	3,50	3,50	3,50	2,80	3,00	2,90	2,35	2,35
Lula primeira	3,50	3,50	5,50	4,50	4,50	5,50	5,50	6,00	...	...	3,50	3,50
Lula segunda	3,00	3,00	3,50	3,00	3,00	4,00	4,00	5,00	...	...	2,00	2,00
Lula terceira	1,50	1,50	1,70	1,50	1,50	3,00	3,00	3,50	...	...	...	...
Manjuba	...	...	1,20	1,50	1,00	1,00	1,00	1,10	...	...	...	1,20
Mistura	1,10	1,10	1,14	1,45	0,85	0,95	0,60	0,95	0,95	0,95	0,80	0,90
Papa terra	1,00	1,10	1,30	1,70	1,40	1,40	1,40	1,40	1,15	1,10	1,20	1,50

continua

continuação

ANO/MÊS/ESPÉCIES	2003											
	JAN	FEV	MAR	ABRI	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Pescada c. Grande	2,90	3,00	3,25	3,00	2,75	3,50	2,40	3,50	3,45	3,95	3,75	3,50
Pescada c. Média	2,25	2,25	2,35	1,90	2,00	2,75	1,95	2,75	2,54	2,82	2,75	2,70
Pescada c. Pequena	1,65	1,60	1,00	1,25	1,35	2,25	1,00	2,25	1,95	2,12	2,00	2,10
Pescada-goete grande	1,50	1,10	2,00	2,00	1,65	1,65	1,50	1,65	1,65	1,70	1,95	1,90
Pescada-goete média	1,20	0,80	1,20	1,60	1,25	1,30	1,14	1,30	1,30	1,37	1,57	1,60
Pescada-goete pequena	0,90	0,60	0,80	1,14	1,00	1,05	0,80	1,05	1,05	1,14	1,50	1,55
Pescada-maria-mole grande	1,40	1,10	1,60	1,80	1,70	1,70	1,60	1,70	1,65	1,65	2,00	2,10
Pescada-maria-mole média	1,10	0,80	1,20	1,50	1,30	1,30	1,20	1,30	1,30	1,35	1,35	1,50
Pescada-maria-mole pequena	0,80	0,60	0,80	1,20	1,05	1,05	0,90	1,05	1,05	1,10	1,25	1,35
Porco grande	0,95	0,50	0,70	0,80	0,70	0,70	0,70	0,70	1,00	...	1,00	...
Porco médio	0,75	0,40	0,40	0,60	0,50	0,50	0,50	0,50	0,80	...	...	...
Porco pequeno	0,60	0,30	0,30	0,40	0,40	0,40	0,40	0,40	0,60	...	...	...
Sardinha-fresca grande	2,00	2,00	2,50	2,40	1,80	2,00	1,80	2,00	2,00	2,00	1,60	1,60
Sardinha-fresca média	1,80	1,80	2,00	1,80	...	1,20	1,40	1,30	1,30	1,30	1,50	1,50
Sardinha-fresca pequena	...	...	...	1,00	...	...	...	...	...	...	...	...
Tainha grande	2,95	3,10	3,40	3,55	2,80	2,00	2,70	3,35	3,00	3,05	2,50	2,35
Tainha média	2,35	2,25	2,75	2,54	2,10	1,60	1,90	2,65	2,35	2,55	2,04	2,00
Tainha pequena	1,50	1,10	1,75	1,80	1,35	1,35	1,45	1,80	1,62	1,85	1,85	1,90

continua

continuação

ANO/MÊS/ESPÉCIES	2004				
	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
Abrótea grande	2,10	2,60	2,50	2,10	2,10
Abrótea média	1,57	1,62	1,50	1,65	1,65
Abrótea pequena	1,30	1,50	1,25	1,12	1,12
Anchova grande	3,55	3,50	3,30	2,65	2,65
Anchova média	2,95	3,20	3,00	2,25	2,25
Anchova pequena	1,80	2,20	1,65	1,47	1,47
Atum grande	3,00	3,50	3,50	3,50	3,50
Bagre	1,62	1,62	1,45	1,55	1,55
Berbigão limpo	...	...	...	5,50	5,50
Betara	1,90	1,85	1,80	1,60	1,60
Cação-anjo	2,60	2,50	2,50	2,37	2,37
Cação-caçonete	2,80	2,12	2,00	2,22	2,22
Cação-enguia	1,00	0,80	0,90	0,95	0,92
Cação-machote	2,97	3,00	2,85	2,17	2,17
Cação-raia	0,90	0,80	0,70	0,80	0,82
Cação-viola	1,50	1,40	1,35	1,30	1,27
Camarão-ferrinho	1,60	2,00	2,00	1,80	1,75
Camarão médio primeira	8,00	8,00	8,00	...	...
Camarão médio segunda	7,00	7,00	7,00	...	...

continua

continuação

ANO/MÊS/ESPÉCIES	2004				
	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
Camarão médio terceira	6,50	6,50	6,00	...	...
Camarão-rosa	32,00	40,00	40,00	25,00	25,00
Camarão-sete-barbas	2,70	2,00	2,00	2,30	2,30
Carne de siri	7,50	8,00	6,00	7,00	6,50
Congrio-rosa	6,60	6,60	6,37	4,62	4,62
Corvina grande	2,00	2,45	2,40	1,65	1,65
Corvina média	1,85	1,90	1,85	1,25	1,27
Corvina pequena	1,50	1,65	1,55	1,00	1,00
Espada grande	1,00	1,05	1,00	1,10	1,10
Espada média	0,85	0,87	0,80	0,90	0,90
Espada pequena	0,60	0,55	0,50	0,60	0,60
Gordinho	0,95	0,92	0,92	1,05	1,05
Guaivira	1,10	1,05	1,05	1,10	1,10
Linguado grande	6,25	7,75	7,50	7,00	7,00
Linguado médio	4,25	5,37	5,12	5,12	5,12
Linguado pequeno	2,60	2,60	2,35	2,62	2,62
Lula primeira	4,05	4,00	4,00	4,50	4,50
Lula segunda	3,00	3,00	3,00	3,00	2,00
Lula terceira	3,00	3,00	3,00	2,00	1,00
Manjuba	...	...	...	1,40	1,40
Mistura	0,95	1,05	1,05	0,90	0,90
Papa-terra	1,50	1,50	1,40	1,90	1,90
Pescada-c. Grande	4,05	3,90	3,75	3,37	3,37
Pescada-c. Média	3,05	2,95	2,70	2,54	2,54
Pescada-c. Pequena	2,25	2,25	2,00	1,27	1,27
Pescada-goete grande	2,20	2,15	2,02	1,45	1,45
Pescada-goete média	1,80	1,75	1,67	1,12	1,12
Pescada-goete pequena	1,60	1,60	1,57	0,90	0,87
Pescada-maria-mole grande	2,25	2,25	2,20	1,97	1,97
Pescada-maria-mole média	1,57	1,57	1,50	1,62	1,62
Pescada-maria-mole pequena	1,35	1,40	1,35	1,07	1,07
Porco grande	1,40	1,30	0,80	1,20	1,20
Porco médio	1,20	1,10	0,60	1,10	1,10
Porco pequeno	1,00	0,90	0,40	0,60	0,60
Sardinha-fresca grande	1,60	2,50	0,45	1,25	1,00
Sardinha-fresca média	1,50	1,50	0,35	0,95	0,90
Sardinha-fresca pequena	...	...	...	0,62	0,55
Tainha grande	2,45	3,60	3,45	2,75	2,65
Tainha média	2,04	2,37	2,32	2,10	2,00
Tainha pequena	1,80	1,40	1,30	1,37	1,25

FONTE: Instituto Cepa/SC.

TABELA 33/II - PREÇOS MÉDIOS MENSIAIS RECEBIDOS PELOS AQUICULTORES EM SANTA CATARINA - 2003-2004  
(R\$/kg)

ANO	MÊS	BAGRE AFRICANO (IND)	BAGRE AFRICANO (VIVO)	BAGRE AMERICANO (IND)	BAGRE AMERICANO (VIVO)	CARPA CHINESA (IND)	CARPA CHINESA (VIVO)	CARPA COMUM (IND)	CARPA COMUM (VIVO)	TILÁPIA (IND)	TILÁPIA (VIVO)	TRUTA (IND)	TRUTA (VIVO)
2003	Jan	1,09	1,78	...	2,54	1,12	1,67	1,07	1,74	1,07	1,76	...	5,87
	Fev	1,16	1,82	...	2,54	1,17	1,76	1,12	1,76	1,12	1,78	...	5,60
	Mar	1,23	1,95	...	2,54	1,25	1,87	1,20	1,87	1,25	1,95	...	5,60
	Abr	1,20	2,00	...	2,50	1,23	1,88	1,16	1,88	1,27	1,97	...	5,60
2004	Mai	1,20	2,00	...	2,50	1,23	1,92	1,16	1,90	1,27	2,01	...	6,00
	Jun	1,00	1,87	...	2,60	1,14	1,87	1,05	1,78	1,27	2,09	...	6,00
	Jul	1,00	1,85	...	2,50	1,14	1,72	1,05	1,70	1,27	1,98	...	6,00
	Ago	1,00	1,87	...	2,61	1,22	1,88	1,12	1,80	1,33	2,12	...	6,37
	Set	1,30	2,01	...	2,61	1,32	2,04	1,22	1,96	1,38	2,13	...	6,37
	Out	1,30	2,06	...	2,53	1,32	1,91	1,22	1,89	1,38	1,93	...	6,62
	Nov	1,30	2,10	...	3,05	1,32	2,22	1,22	2,13	1,38	2,31	...	6,16
	Dez	1,30	2,17	...	2,56	1,45	2,11	1,22	2,02	1,46	2,06	...	6,37
	Jan	1,53	2,19	1,60	2,30	1,45	2,16	1,42	2,08	1,51	2,22	...	6,83
	Feb	1,53	2,02	1,60	2,25	1,43	1,86	1,42	1,81	1,51	2,03	...	6,33
	Mar	1,60	2,25	1,60	2,12	1,48	2,09	1,48	2,03	1,62	2,17	...	6,33
	Abr	1,52	2,28	1,50	2,12	1,47	2,00	1,46	1,98	1,60	2,13	5,00	7,00
Mai	1,52	2,00	1,50	2,12	1,50	1,90	1,47	1,89	1,60	2,07	5,00	6,00	
Jun	1,52	2,00	1,50	2,12	1,50	1,90	1,47	1,89	1,60	2,07	5,00	6,00	

continua

continuação

ANO	MÊS	OSTRA MÉDIA (R\$/dz)		OSTRA GRANDE (R\$/dz)		MARISCO COM CASCA		MARISCO SEM CASCA	
		Sem Sif	Com Sif	Sem Sif	Com Sif	Sem Sif	Com Sif	Sem Sif	Com Sif
2003	Jan	4,00	4,00	4,00	5,30	1,50	2,00	7,00	7,00
	Fev	4,00	4,00	4,00	5,30	1,50	2,00	7,00	7,00
	Mar	4,00	4,00	4,00	5,30	1,50	2,00	6,50	7,00
	Abr	4,00	4,00	4,00	5,30	1,20	2,00	7,00	7,00
	Mai	4,00	4,00	4,00	5,30	1,20	2,00	7,00	7,00
	Jun	4,00	4,00	4,00	5,30	1,20	2,00	7,00	7,00
	Jul	4,00	4,00	4,00	5,30	1,40	2,00	7,00	7,00
	Ago	4,50	5,00	5,00	5,50	1,50	2,50	7,00	7,00
	Set	4,50	5,00	5,00	5,50	1,30	2,50	7,00	7,00
	Out	4,50	5,00	5,00	5,50	1,30	2,50	7,00	7,00
	Nov	4,50	5,00	5,00	5,50	1,30	2,50	7,00	7,00
	Dez	4,50	5,00	5,00	5,50	1,50	2,50	7,00	7,00
2004	Fev	4,50	5,00	5,00	6,00	1,70	2,50	7,00	7,00
	Mar	4,50	5,00	5,00	6,00	1,70	2,50	7,00	7,00
	Abr	3,50	5,00	5,00	6,00	1,50	2,50	7,00	7,00
	Mai	3,50	5,00	5,00	6,00	1,50	2,50	7,00	7,00
	Jun	3,50	5,00	5,00	6,00	1,50	2,50	7,00	7,00

FONTE: Instituto Cepa/SC.

TABELA 34/II - EQUIVALÊNCIA ENTRE PREÇOS PAGOS E RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES CATARINENSES PARA PRODUTOS SELECIONADOS -2001-2003

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE DE MEDIDA	ANO <sup>(1)</sup>			VARIÇÃO(%)		
		2003(A)	2002(B)	2001(C)	A/B	A/C	B/C
<b>ARROZ IRRIGADO</b>							
Satanil E	20l	13,88	18,77	19,64	-26,02	-29,31	-4,45
Microtrator (14 a 15 Cv)	unid	480,83	641,29	709,61	-25,02	-32,24	-9,63
Uréia	sc 50 kg	1,42	1,52	1,61	-6,95	-11,96	-5,38
<b>FEIJÃO PRETO</b>							
Adubo 05-20-10	sc 50 kg	0,54	0,46	0,42	17,76	28,17	8,84
Calcário ensacado	t	1,08	1,01	0,93	7,30	16,04	8,14
Dithane PM	kg	0,33	0,28	0,25	17,25	33,33	13,71
<b>MILHO</b>							
Adubo 07-30-13	sc 50 kg	2,35	2,03	2,76	16,09	-14,82	-26,63
Calcário ensacado	t	3,88	3,63	5,09	6,96	-23,74	-28,70
Primestra	5l	7,25	6,35	6,87	14,15	5,52	-7,56
Trator 62-65 CV	unid	3.417,56	2.795,69	3.725,78	22,24	-8,27	-24,96
<b>SOJA</b>							
Adubo 03-30-15	sc 50 kg	1,01	0,98	1,11	2,46	-9,38	-11,56
Calcário ensacado	t	1,74	1,87	2,14	-6,52	-18,54	-12,85
Trifluralina 445	l	0,34	0,38	0,44	-9,25	-21,97	-14,02
Trator 62-65 CV	unid	1.534,12	1.435,02	1.563,17	6,91	-1,86	-8,20
<b>TRIGO</b>							
Adubo 05-25-25	sc 50 kg	1,62	1,47	1,81	10,24	-10,31	-18,65
Uréia	sc 50 kg	1,63	1,27	1,60	28,24	1,93	-20,52
Tilt 250 CE	l	4,76	4,09	5,03	16,34	-5,30	-18,61

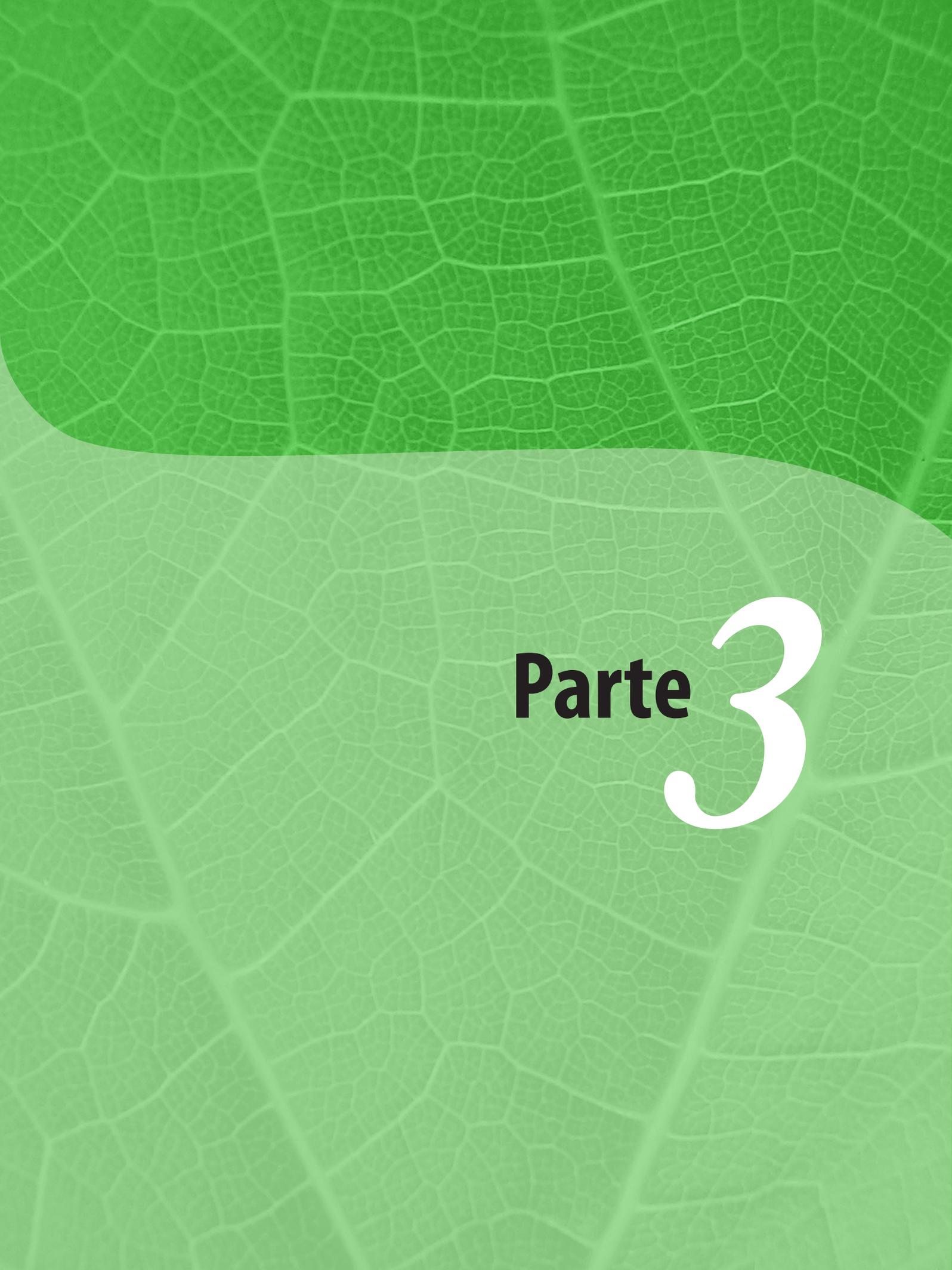
continua

continuação

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE DE MEDIDA	ANO <sup>(1)</sup>			VARIÇÃO(%)		
		2003(A)	2002(B)	2001(C)	A/B	A/C	B/C
<b>BATATA</b>							
Adubo 05-20-10	sc 50 kg	1,42	1,44	1,04	-1,16	36,54	38,14
Manzate BR	kg	0,87	0,87	0,64	-0,19	35,42	35,68
Superfosfato triplo	sc 50 kg	1,77	1,81	1,32	-2,31	33,78	36,93
<b>BANANA</b>							
Adubo 00-20-20	sc 50 kg	7,32	9,87	6,60	-25,84	10,85	49,47
Óleo mineral	200 l	106,22	112,14	82,44	-5,28	28,84	36,02
Roundup 480	l	3,15	3,80	2,99	-17,16	5,35	27,17
<b>CEBOLA</b>							
Adubo 05-20-10	sc 50 kg	2,34	3,85	2,73	-39,31	-14,32	41,18
Microtrator (14 a 15 Cv)	unid	935,29	1.600,90	1.298,16	-41,58	-27,95	23,32
<b>FUMO (TO2)</b>							
Diária trabalhador rural	unid	5,75	6,18	6,35	-6,88	-9,44	-2,75
Lenha (eucalipto/bracatinga)	m st	4,68	5,25	4,82	-10,77	-2,89	8,83
<b>TOMATE</b>							
Adubo 05-20-10	sc 50 kg	2,36	2,14	2,28	10,40	3,62	-6,14
Ridomil+Mancozeb	kg	5,47	4,86	4,98	12,59	9,87	-2,41
Decis	250 ml	1,32	1,26	1,43	4,76	-7,69	-11,89
Diária trabalhador rural	dia	1,37	1,34	1,59	2,36	-13,73	-15,72
<b>BOI GORDO</b>							
Arame farpado	500 m	1,82	1,53	1,35	18,74	34,57	13,33
Bezerro desmamado	unid	7,31	7,11	6,61	2,74	10,51	7,56
<b>LEITE</b>							
Arame farpado	500 m	230,51	228,51	225,75	0,87	2,11	1,22
Ração p/ bovinos lactação	sc 40 kg	52,76	54,45	49,45	-3,10	6,70	10,11
Vaca leit. S/ registro	unid	1.697,07	1.900,08	2.091,27	-10,68	-18,85	-9,14
<b>SUÍNO</b>							
Concentrado p/ uínos terminação	sc 40 kg	12,72	14,16	14,50	-10,15	-12,26	-2,34
milho ( produtor )	sc 60 kg	9,80	12,10	7,58	-18,97	29,34	59,63
Ração p/ suínos inicial	sc 40 kg	17,18	18,94	15,83	-9,29	8,53	19,65

FONTE: Instituto Cepa/SC.

<sup>(1)</sup> índice anual, obtido pela média dos índices mensais, que expressa a quantidade de produto necessário para adquirir o insumo nas unidades de medida estabelecidas.

The background of the page is a light green color with a subtle, repeating pattern of leaf veins. The pattern is more pronounced in the upper half, which has a darker green tint, and fades into a lighter green in the lower half. The overall effect is a clean, natural, and organic aesthetic.

# Parte 3



# SECRETARIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL - DADOS DO SETOR RURAL - SANTA CATARINA

## ANEXO I

### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Secretarias regionais	nº	2004	29
Municípios	nº	2004	293
Superfície	km <sup>2</sup>	2003	95.286,1
População total <sup>(1)</sup>	hab.	2003	5.774.178
População urbana	hab.	2000	4.217.931
População rural	hab.	2000	1.138.429
Renda urbana média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	386,21
Renda rural média <sup>(2)</sup>	R\$/mês	2000	206,58

FONTE: IBGE.

<sup>(1)</sup> Estimativa

<sup>(2)</sup> Renda per cápita.

## PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Alho	2.145	15.656	7.299
Arroz	143.670	1.034.558	7.201
Banana	29.714	618.403	20.812
Batata	10.083	128.207	12.715
Cana-de-açúcar	16.728	648.989	38.797
Cebola	25.905	409.553	15.810
Feijão	146.942	188.636	1.284
Fumo	120.899	213.339	1.765
Maçã	16.348	475.095	29.061
Mandioca	28.417	538.930	18.965
Milho	856.427	4.310.934	5.034
Soja	257.086	712.175	2.770
Tomate	2.507	129.096	51.494
Trigo	77.541	171.969	2.218
Uva	3.664	41.625	11.361

FONTES: IBGE.

## OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS

PRODUTO	ANO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	2003	t	20.900
Produção orgânica	2002	Nº produtores	8.753
		Valor (R\$)	27.466.965,00
Turismo rural	2002	Nº unidades	1.174

FONTES: Instituto Cepa/SC e Epagri.

## PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	16.200
Lenha	m <sup>3</sup>	6.352.719
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	9.202.648
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	6.211.779

FONTES: IBGE.

## PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	3.117.737
Suínos	cab.	5.354.113
Aves	cab.	142.166.795
Leite	1.000 l	1.192.699
Mel	kg	3.828.784
Ovos	1.000 dz.	157.277

FONTES: IBGE.

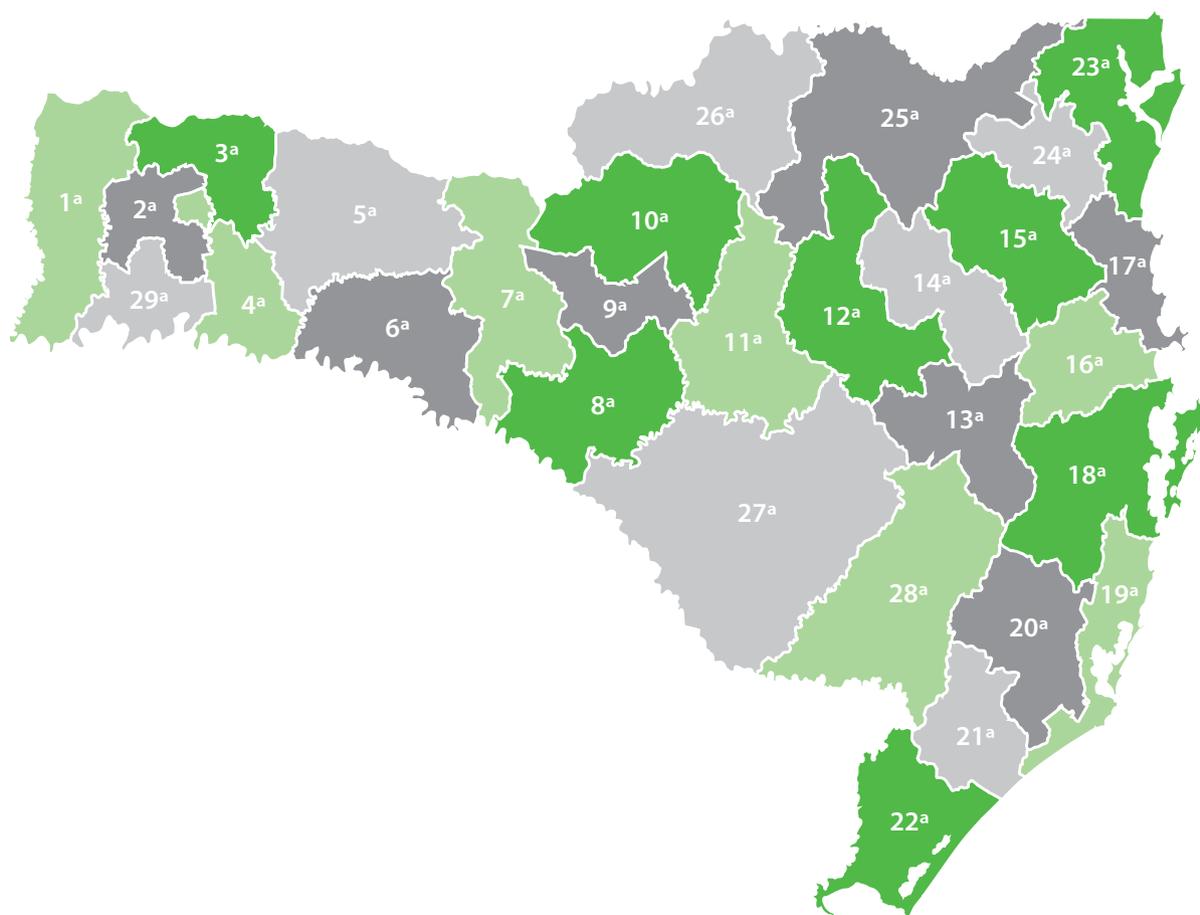
PRODUTO INTERNO BRUTO DO SETOR PRIMÁRIO - 2003<sup>1</sup>

GRUPOS DE ATIVIDADE ECONÔMICA	VALOR (R\$ mil)
Lavouras, horticultura, floricultura	3.912.378
Pecuária	5.425.332
Indústria Rural	505.955
Silvicultura	1.187.922
Extração Vegetal	82.334
Prod. Part. do Pessoal Resid.	11.555
<b>TOTAL</b>	<b>11.125.476</b>
Consumo Intermediário	3.526.467
Produto Interno Bruto	7.599.010

FONTES: Instituto Cepa/SC.

<sup>1</sup> Não inclui pesca e aquicultura.

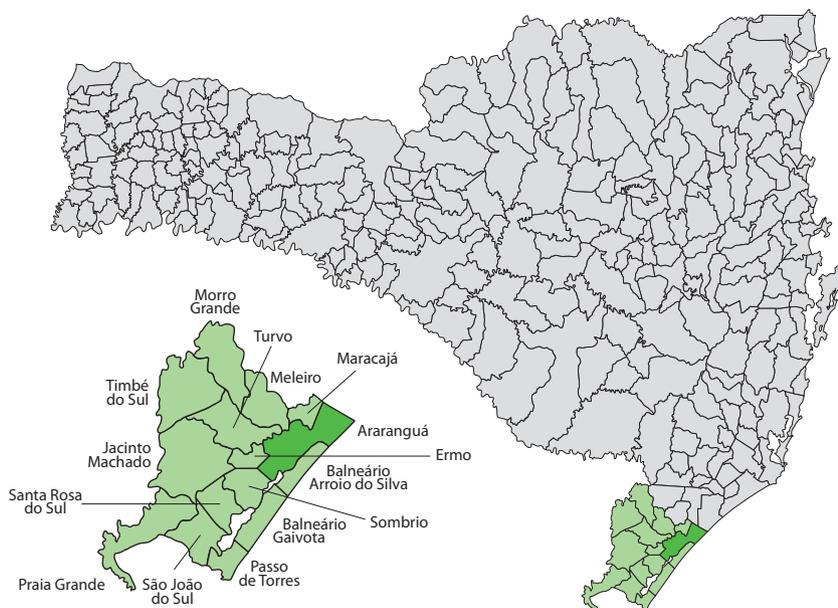
<sup>1</sup> Dados preliminares.



#### SECRETARIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

1ª - São Miguel do Oeste .....p. 331	11ª - Curitibanos..... p. 315	21ª - Criciúma ..... p. 314
2ª - Maravilha .....p. 325	12ª - Rio do Sul ..... p. 327	22ª - Araranguá..... p. 306
3ª - São Lourenço do Oeste ..... p. 330	13ª - Ituporanga ..... p. 318	23ª - Joinville ..... p. 321
4ª - Chapecó .....p. 312	14ª - Ibirama ..... p. 316	24ª - Jaraguá do Sul ..... p. 319
5ª - Xanxerê .....p. 334	15ª - Blumenau ..... p. 307	25ª - Mafra ..... p. 324
6ª - Concórdia .....p. 313	16ª - Brusque ..... p. 308	26ª - Canoinhas..... p. 311
7ª - Joaçaba .....p. 320	17ª - Itajaí..... p. 317	27ª - Lages..... p. 322
8ª - Campos Novos .....p. 310	18ª - São José..... p. 329	28ª - São Joaquim ..... p. 328
9ª - Videira .....p. 333	19ª - Laguna ..... p. 323	29ª - Palmitos..... p. 326
10ª - Caçador.....p. 309	20ª - Tubarão..... p. 332	

## ARARANGUÁ



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	15
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	2.975,2
População total <sup>1</sup>	hab	2003	171.005
População urbana	hab	2000	101.390
População rural	hab	2000	58.779
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	322,04
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	183,25

FONTES: IBGE

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	47.790	336.300	7.037
Banana	5.754	42.204	7.335
Cana-de-açúcar	680	16.100	23.676
Feijão	1.890	1.890	1.000
Fumo	15.172	27.708	1.826
Mandioca	1.250	18.550	14.840
Milho	8.310	30.638	3.687

FONTES: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001-2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	463.200
Produção orgânica	Nº produtores	62
	Valor (R\$)	102.150,00
Turismo rural	Nº unidades	109

FONTES: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	65.700
Suínos	cab.	49.157
Aves	cab.	4.412.100
Leite	1.000 litros	11.666
Mel	kg	76.000
Ovos	1.000 dz	8.106

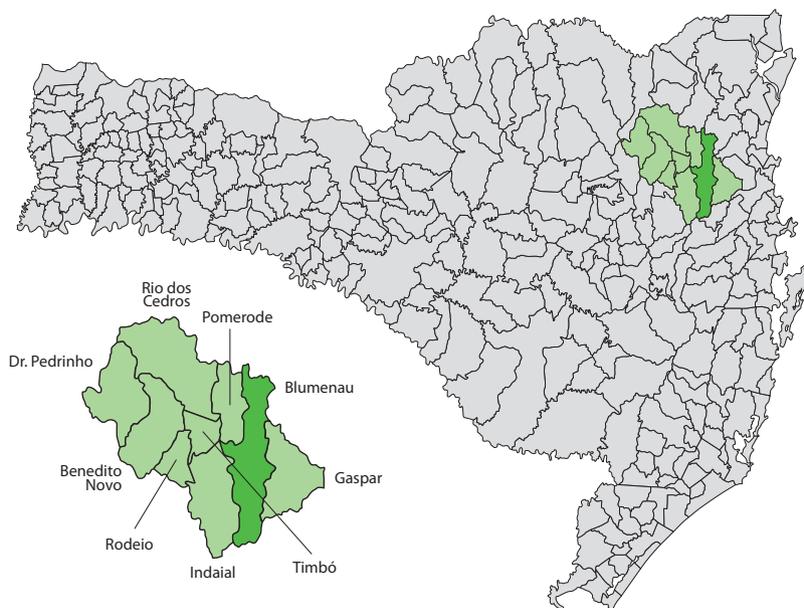
FONTES: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	755
Lenha	m <sup>3</sup>	65.500
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	121.450
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

FONTES: IBGE.

## BLUMENAU



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	9
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	3.103,7
População total <sup>1</sup>	hab	2003	473.242
População urbana	hab	2000	374.616
População rural	hab	2000	56.757
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	443,17
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	239,98

FORNTE: IBGE

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	7.187	57.740	8.034
Banana	738	13.475	18.259
Cana-de-açúcar	934	31.960	34.218
Feijão	154	142	922
Fumo	29	55	1.897
Mandioca	1.596	27.905	17.484
Milho	4.473	12.535	2.802
Tomate	65	2.600	40.000

FORNTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001-2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	1.596.130
Produção orgânica	Nº produtores	86
	Valor (R\$)	59.973,00
Turismo rural	Nº unidades	87

FORNTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	70.086
Suínos	cab.	45.873
Aves	cab.	1.211.222
Leite	1.000 l	29.223
Mel	kg	45.650
Ovos	1.000 dz	6.701

FORNTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	2.200
Lenha	m <sup>3</sup>	263.692
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	123.247
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	4.249

FORNTE: IBGE.

## BRUSQUE



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	8
Superfície	km²	2004	2.095,8
População total <sup>1</sup>	hab	2003	167.258
População urbana	hab	2000	128.033
População rural	hab	2000	25.116
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	401,11
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	198,22

FONTE: IBGE

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA- 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	1.555	10.863	6.986
Banana	245	2.600	10.612
Feijão	937	967	1.032
Fumo	1.854	3.320	1.791
Mandioca	989	18.597	18.804
Milho	3.550	15.875	4.472

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS – 2001-2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	577.950
Produção orgânica	Nº produtores	21
	Valor (R\$)	1.398.150,00
Turismo rural	Nº unidades	31

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	36.850
Suínos	cab.	6.510
Aves	cab.	412.800
Leite	1.000 l	7.019
Mel	kg	100.000
Ovos	1.000 dz	2.444

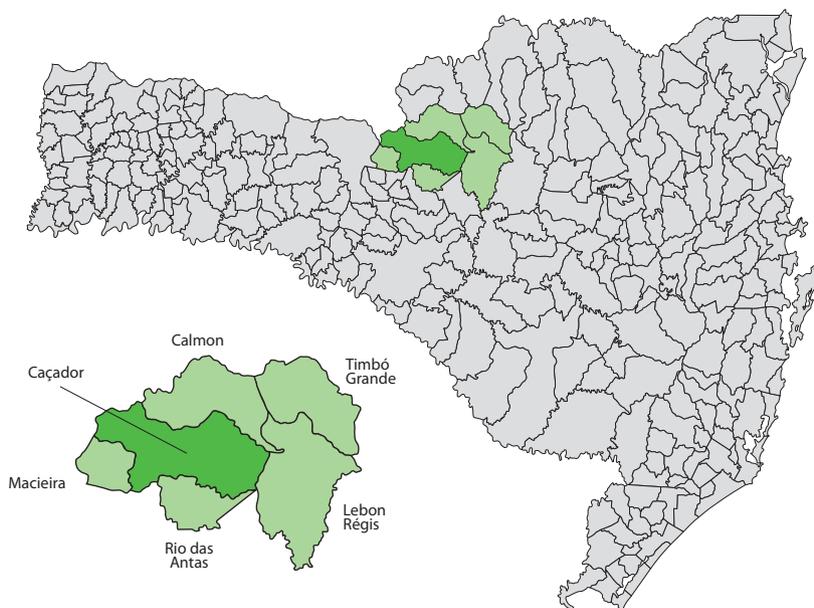
FONTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL – 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	88
Lenha	m³	159.500
Toras (outras)	m³	8.850
Toras (celulose)	m³	-

FONTE: IBGE.

## CAÇADOR



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	6
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	3.748,3
População total <sup>1</sup>	hab	2003	101.110
População urbana	hab	2000	69.219
População rural	hab	2000	23.782
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	266,45
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	157,97

FONTE: IBGE

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Alho	133	685	5.150
Cebola	464	5.548	11.957
Feijão	4.220	6.140	1.455
Maçã	1.262	40.217	31.868
Milho	14.810	65.083	4.395
Tomate	833	44.185	53.043
Uva	435	6.102	14.028

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS –2001-2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	534.200
Produção orgânica	Nº produtores	518
	Valor (R\$)	427.432,00
Turismo rural	Nº unidades	14

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL – 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	65.555
Suínos	cab.	83.685
Aves	cab.	2.236.950
Leite	1.000 l	8.010
Mel	kg	77.500
Ovos	1.000 dz	2.189

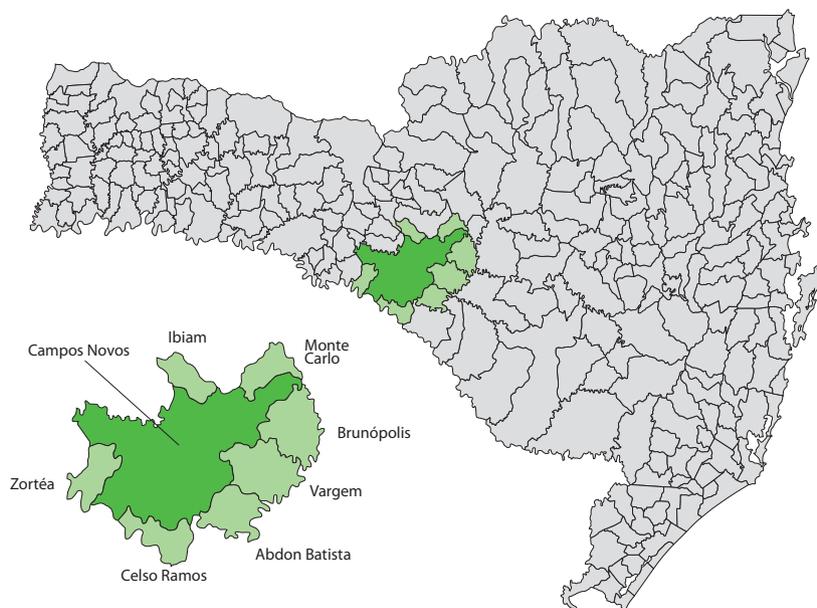
FONTE: IBGE e Instituto Cepa/SC.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL – 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	2.093
Lenha	m <sup>3</sup>	152.000
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	1.712.780
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	972.345

FONTE: IBGE.

## CAMPOS NOVOS



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	8
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	3.362,3
População total <sup>1</sup>	hab	2003	55.348
População urbana	hab	2000	35.124
População rural	hab	2000	18.947
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	263,63
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	124,84

FONTE: IBGE

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Alho	280	1.790	6.393
Feijão	18.565	27.875	1.501
Fumo	835	1.317	1.577
Maçã	1.009	36.269	35.945
Milho	42.650	250.426	5.872
Soja	32.095	86.238	2.687
Trigo	19.700	46.832	2.377

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS – 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	305.200
Produção orgânica	Nº produtores	99
	Valor (R\$)	823.994,00
Turismo rural	Nº unidades	7

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL – 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	94.510
Suínos	cab.	109.454
Aves	cab.	2.154.413
Leite	1.000 l	13.076
Mel	kg	93.600
Ovos	1.000 dz	1.482

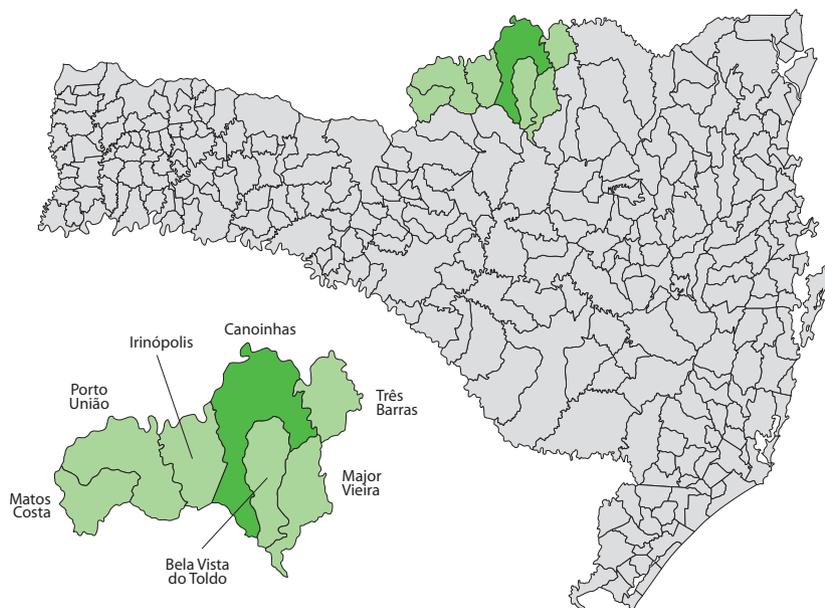
FONTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL – 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	9
Lenha	m <sup>3</sup>	101.550
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	666.100
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	631.100

FONTE: IBGE.

## CANOINHAS



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	7
Superfície	km²	2004	4.505,4
População total <sup>1</sup>	hab	2003	129.181
População urbana	hab	2000	85.689
População rural	hab	2000	40.489
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	286,31
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	150,82

FONTE: IBGE

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	355	873	2.459
Batata	340	5.670	16.676
Feijão	8.780	13.809	1.573
Fumo	11.523	21.258	1.845
Milho	38.950	274.840	7.056
Soja	32.150	93.117	2.896
Trigo	2.815	7.626	2.709

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS – 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	Kg	163.250
Produção orgânica	Nº produtores	1.039
	Valor (R\$)	769.663,00
Turismo rural	Nº unidades	24

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	78.790
Suínos	cab.	80.465
Aves	cab.	533.300
Leite	1.000 l	25.430
Mel	kg	147.000
Ovos	1.000 dz	1.469

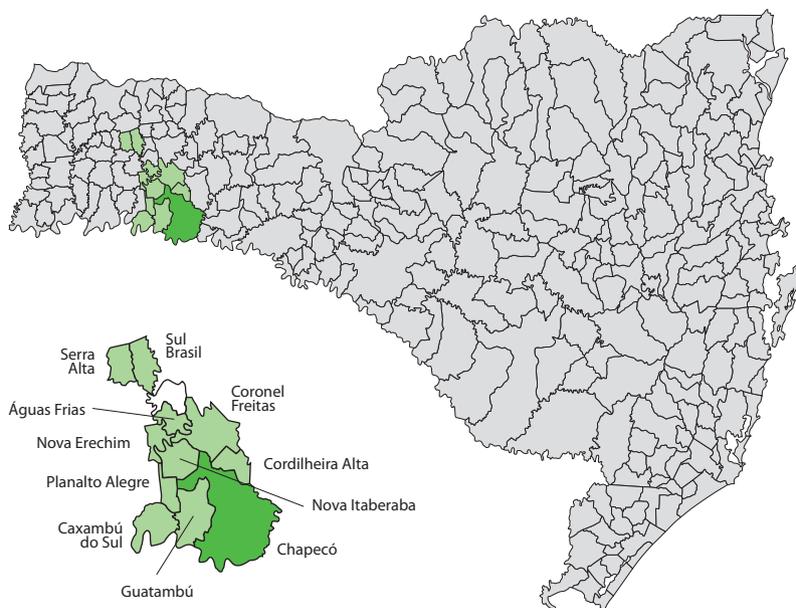
FONTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL – 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	1.776
Lenha	m³	685.900
Toras (outras)	m³	800.620
Toras (celulose)	m³	762.323

FONTE: IBGE.

## CHAPECÓ



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	11
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	1.832,8
População total <sup>1</sup>	hab	2003	207.070
População urbana	hab	2000	147.772
População rural	hab	2000	42.010
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	345,11
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	220,57

FONTE: IBGE

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	390	608	1.559
Feijão	5.608	5.019	895
Fumo	2.970	4.683	1.577
Mandioca	736	12.045	16.365
Milho	46.953	200.725	4.275
Soja	11.855	29.171	2.461
Trigo	5.720	11.229	1.963

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS – 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	Kg	604.450
Produção orgânica	Nº produtores	317
	Valor (R\$)	793.130,00
Turismo rural	Nº unidades	28

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	112.111
Suínos	cab.	270.000
Aves	cab.	12.066.950
Leite	1.000 l	42.096
Mel	kg	58.000
Ovos	1.000 dz	5.266

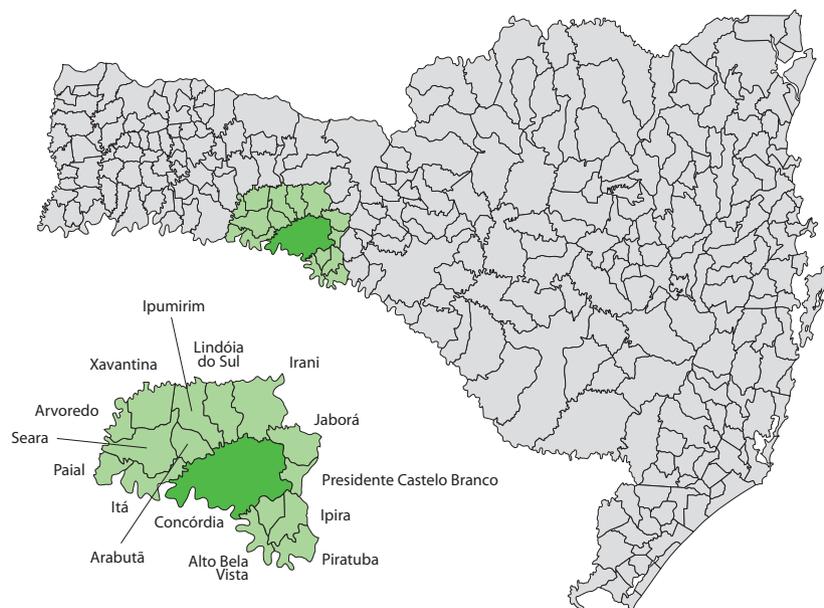
FONTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL – 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	95
Lenha	m <sup>3</sup>	284.820
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	25.230
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

FONTE: IBGE.

## CONCÓRDIA



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	16
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	3.311,4
População total <sup>1</sup>	hab	2003	145.662
População urbana	hab	2000	78.971
População rural	hab	2000	63.115
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	370,70
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	247,09

FONTES: IBGE

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	1.011	1.584	1.567
Cana-de-açúcar	1.058	23.289	22.012
Feijão	4.165	3.202	769
Fumo	593	960	1.619
Mandioca	1.046	18.377	17.569
Milho	81.392	365.217	4.487
Trigo	2.267	3.192	1.408

FONTES: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	Kg	406.150
Produção orgânica	Nº produtores	514
	Valor (R\$)	588.962,00
Turismo rural	Nº unidades	38

FONTES: Instituto Cepa/Sc e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	210.574
Suínos	cab.	1.360.852
Aves	cab.	33.615.870
Leite	1.000 l	140.434
Mel	kg	149.069
Ovos	1.000 dz	11.797

FONTES: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	-
Lenha	m <sup>3</sup>	362.941
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	134.043
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	90.632

FONTES: IBGE.

## CRICIÚMA



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	10
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	2.082,7
População total <sup>1</sup>	hab	2003	348.757
População urbana	hab	2000	268.172
População rural	hab	2000	56.575
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	365,05
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	245,63

FONTE: IBGE

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	17.140	120.835	7.050
Banana	2.016	26.763	13.275
Batata	604	7.821	12.949
Feijão	8.665	9.570	1.104
Fumo	7.589	14.049	1.851
Mandioca	660	12.315	18.659
Milho	9.110	42.254	4.638

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS – 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	Kg	206.200
Produção orgânica	Nº produtores	-
	Valor (R\$)	-
Turismo rural	Nº unidades	74

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

Obs.: A região não produzia produtos orgânicos em 2002.

### PRODUÇÃO ANIMAL – 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	51.977
Suínos	cab.	51.440
Aves	cab.	4.487.790
Leite	1.000 l	17.737
Mel	kg	684.380
Ovos	1.000 dz	4.987

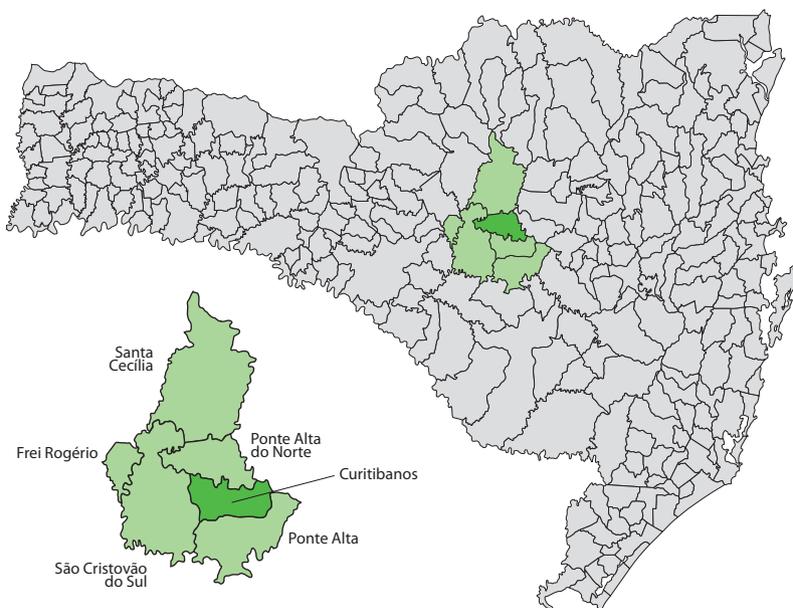
FONTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL – 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	270
Lenha	m <sup>3</sup>	206.159
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	33.850
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

FONTE: IBGE.

## CURITIBANOS



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	6
Superfície	km²	2004	3.574,1
População total <sup>1</sup>	hab	2003	70.384
População urbana	hab	2000	53.382
População rural	hab	2000	13.345
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	245,46
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	117,90

FONTE: IBGE

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per capita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Alho	1.379	11.070	8.028
Batata	92	1.450	15.761
Cebola	343	5.414	15.784
Feijão	7.630	11.286	1.479
Maçã	318	7.950	25.000
Milho	13.590	58.082	4.274
Soja	5.280	10.205	1.933

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS – 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	Kg	405.700
Produção orgânica	Nº produtores	26
	Valor (R\$)	159.648,00
Turismo rural	Nº unidades	5

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	86.458
Suínos	cab.	11.805
Aves	cab.	796.837
Leite	1.000 l	3.548
Mel	kg	53.700
Ovos	1.000 dz	2.033

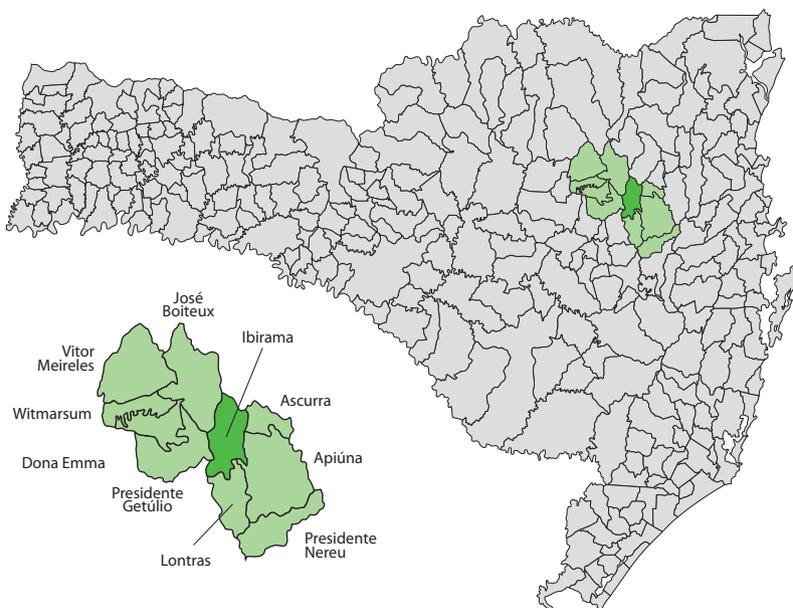
FONTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL – 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	133
Lenha	m³	101.500
Toras (outras)	m³	1.243.500
Toras (celulose)	m³	1.220.450

FONTE: IBGE.

## IBIRAMA



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	10
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	2.676,2
População total <sup>1</sup>	hab	2003	73.067
População urbana	hab	2000	41.336
População rural	hab	2000	29.612
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	317,77
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	191,43

FONTE: IBGE

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	1.079	8.154	7.557
Batata	261	2.399	9.192
Cebola	628	9.776	15.567
Feijão	707	730	1.033
Fumo	9.146	16.505	1.805
Mandioca	1.137	26.696	23.479
Milho	10.430	38.220	3.664

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS – 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	Kg	886.772
Produção orgânica	Nº produtores	637
	Valor (R\$)	148.728,00
Turismo rural	Nº unidades	77

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	65.738
Suínos	cab.	40.663
Aves	cab.	624.410
Leite	1.000 l	33.705
Mel	kg	80.500
Ovos	1.000 dz	1.009

FONTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL – 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	442
Lenha	m <sup>3</sup>	311.499
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	31.240
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

FONTE: IBGE.

## ITAJAÍ



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	11
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	1.520,0
População total <sup>1</sup>	hab	2003	457.722
População urbana	hab	2000	368.129
População rural	hab	2000	26.008
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	409,71
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	280,85

FONTE: IBGE

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	7.260	65.270	8.990
Banana	5.031	137.560	27.342
Cana-de-açúcar	407	15.360	37.740
Mandioca	185	2.680	14.486
Milho	62	152	2.452
Tomate	3	120	40.000

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS – 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	362.984
Produção orgânica	Nº produtores	-
	Valor (R\$)	-
Turismo rural	Nº unidades	54

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

Obs.: A região não produzia produtos orgânicos em 2002.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	55.457
Suínos	cab.	15.983
Aves	cab.	2.525.375
Leite	1.000 l	9.755
Mel	kg	9.840
Ovos	1.000 dz	3.928

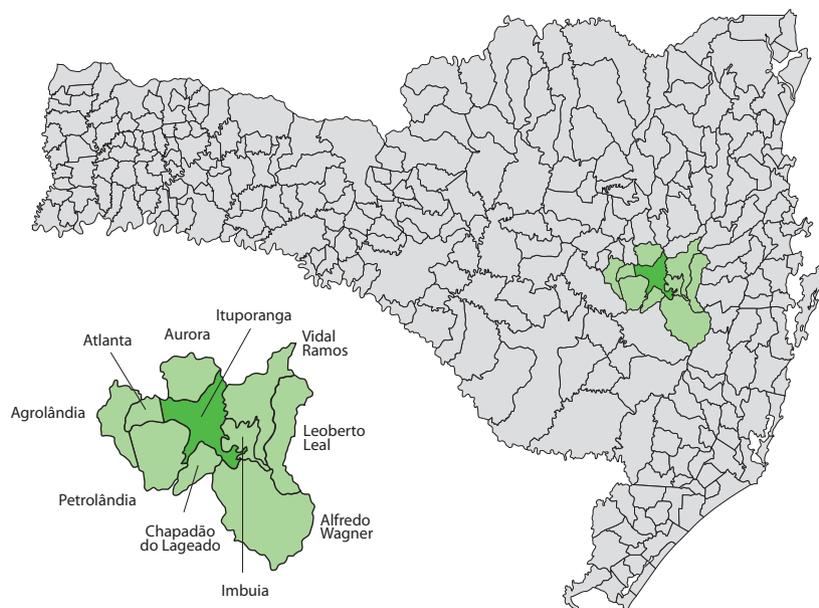
FONTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	1.454
Lenha	m <sup>3</sup>	458.938
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	248.139
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

FONTE: IBGE.

## ITUPORANGA



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	10
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	2.713,2
População total <sup>1</sup>	hab	2003	68.133
População urbana	hab	2000	27.395
População rural	hab	2000	41.898
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	322,09
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	200,35

FONTE: IBGE

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	393	2.749	6.995
Batata	633	5.224	8.253
Cebola	19.270	329.700	17.109
Feijão	5.700	7.359	1.291
Fumo	12.435	22.703	1.826
Mandioca	1.195	26.705	22.347
Milho	25.680	111.531	4.343
Tomate	66	3.720	56.364

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	931.353
Produção orgânica	Nº produtores	215
	Valor (R\$)	188.257,00
Turismo rural	Nº unidades	36

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	90.000
Suínos	cab.	80.850
Aves	cab.	481.600
Leite	1.000 l	40.594
Mel	kg	136.700
Ovos	1.000 dz	1.664

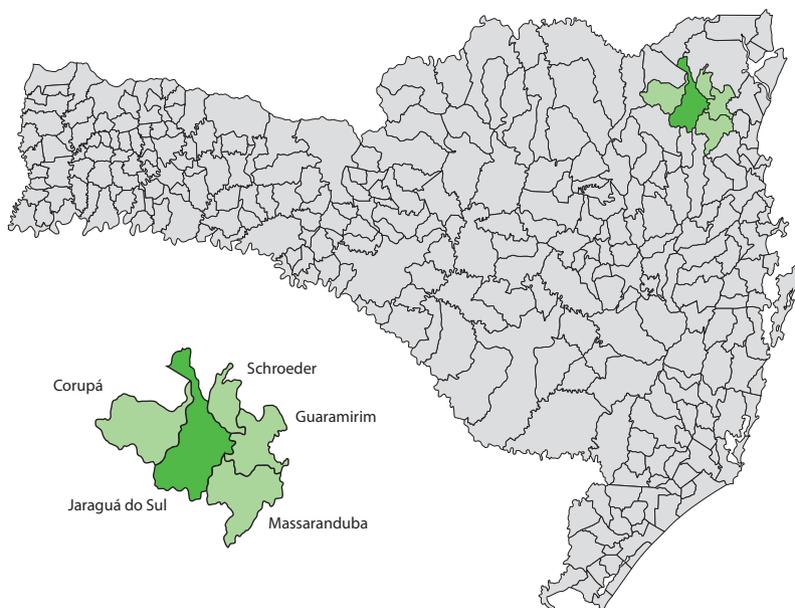
FONTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	24
Lenha	m <sup>3</sup>	275.700
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	196.300
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	292.170

FONTE: IBGE.

## JARAGUÁ DO SUL



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	5
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	1.731,9
População total <sup>1</sup>	hab	2003	190.452
População urbana	hab	2000	138.090
População rural	hab	2000	29.413
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	404,51
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	247,53

FONTES: IBGE

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	13.010	118.072	9.075
Banana	9.456	243.176	25.717
Cana-de-açúcar	570	17.380	30.491
Fumo	33	60	1.818
Mandioca	805	16.335	20.292
Milho	1.135	4.034	3.554

FONTES: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	978.825
Produção orgânica	Nº produtores	16
	Valor (R\$)	75.735,00
Turismo rural	Nº unidades	40

FONTES: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	30.880
Suínos	cab.	37.174
Aves	cab.	3.222.089
Leite	1.000 l	15.310
Mel	kg	11.790
Ovos	1.000 dz	841

FONTES: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	27
Lenha	m <sup>3</sup>	60.800
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	120.095
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	1.112

FONTES: IBGE.

## JOAÇABA



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	12
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	3.469,2
População total <sup>1</sup>	hab	2003	118.394
População urbana	hab	2000	80.358
População rural	hab	2000	31.859
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	350,32
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	223,28

FONTES: IBGE

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Cana-de-açúcar	395	6.476	16.395
Feijão	2.069	3.398	1.642
Fumo	405	660	1.630
Maçã	690	13.800	20.000
Milho	44.430	260.005	5.852
Soja	10.651	28.199	2.648
Trigo	3.700	8.787	2.375
Uva	48	550	11.458

FONTES: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	401.350
Produção orgânica	Nº produtores	16
	Valor (R\$)	15.325,00
Turismo rural	Nº unidades	26

FONTES: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	153.470
Suínos	cab.	427.900
Aves	cab.	16.043.039
Leite	1.000 l	59.661
Mel	kg	76.200
Ovos	1.000 dz	14.105

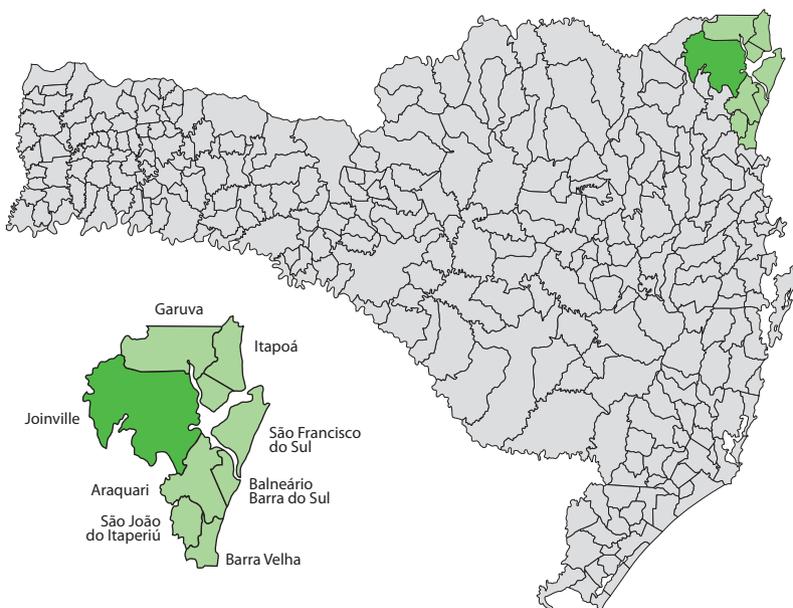
FONTES: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	396
Lenha	m <sup>3</sup>	300.550
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	268.395
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	229.028

FONTES: IBGE.

## JOINVILLE



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	8
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	3.180,3
População total <sup>1</sup>	hab	2003	587.839
População urbana	hab	2000	505.401
População rural	hab	2000	25.102
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	385,21
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	252,69

FONTES: IBGE

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	7.670	66.717	8.698
Banana	5.183	134.494	25.949
Cana-de-açúcar	133	6.140	46.165
Feijão	59	47	797
Mandioca	664	9.412	14.175
Milho	194	477	2.459
Tomate	5	225	45.000

FONTES: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	1.497.923
Produção orgânica	Nº produtores	41
	Valor (R\$)	279.636,00
Turismo rural	Nº unidades	58

FONTES: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	33.130
Suínos	cab.	9.493
Aves	cab.	5.407.943
Leite	1.000 l	7.147
Mel	kg	26.200
Ovos	1.000 dz	3.907

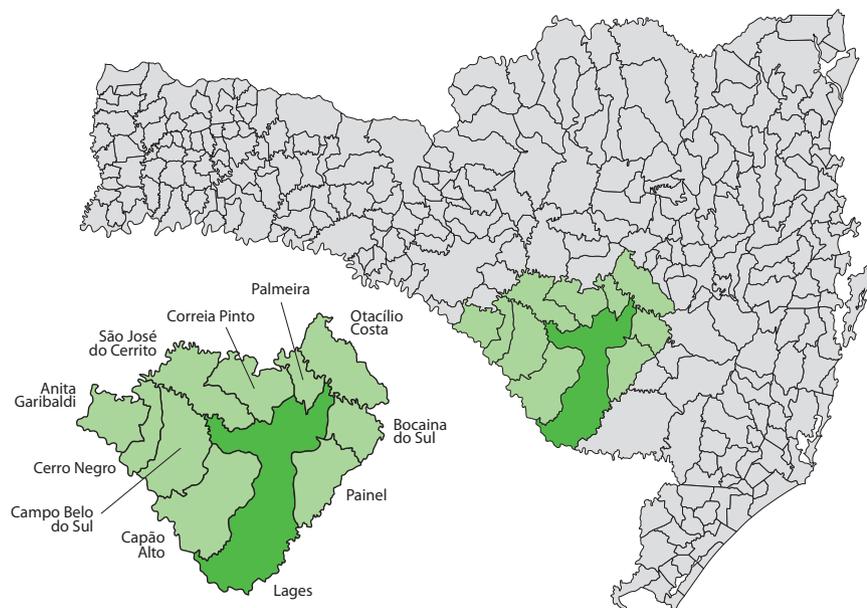
FONTES: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	288
Lenha	m <sup>3</sup>	93.411
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	111.616
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

FONTES: IBGE.

## LAGES



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	11
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	10.104,9
População total <sup>1</sup>	hab	2003	239.168
População urbana	hab	2000	192.527
População rural	hab	2000	39.506
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	320,61
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	132,53

FONTE: IBGE.

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Alho	160	1.095	6.844
Arroz	645	1.018	1.578
Batata	665	7.200	10.827
Feijão	17.060	21.339	1.251
Fumo	232	386	1.664
Maçã	968	22.525	23.270
Milho	36.600	122.255	3.340
Soja	2.950	7.958	2.698
Trigo	1.400	4.515	3.225

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	668.100
Produção orgânica	Nº produtores	490
	Valor (R\$)	225.977,00
Turismo rural	Nº unidades	41

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	328.300
Suínos	cab.	46.140
Aves	cab.	259.960
Leite	1.000 l	27.200
Mel	kg	233.850
Ovos	1.000 dz	984

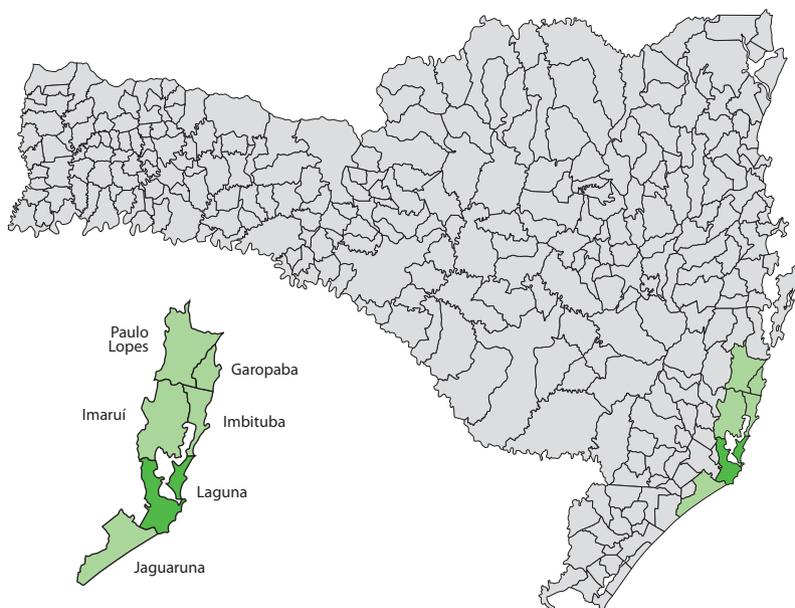
FONTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	317
Lenha	m <sup>3</sup>	281.800
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	948.530
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	964.520

FONTE: IBGE.

## LAGUNA



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	6
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	2.053,5
População total <sup>1</sup>	hab	2003	136.024
População urbana	hab	2000	100.234
População rural	hab	2000	30.139
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	261,29
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	162,39

FONTE: IBGE.

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	11.830	82.660	6.987
Banana	76	972	12.789
Cana-de-açúcar	1.000	56.725	56.725
Feijão	815	696	854
Fumo	1.068	1.978	1.852
Mandioca	2.780	47.860	17.216
Milho	589	1.783	3.027

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	164.300
Produção orgânica	Nº produtores	109
	Valor (R\$)	425.184,00
Turismo rural	Nº unidades	23

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	49.488
Suínos	cab.	19.956
Aves	cab.	579.042
Leite	1.000 l	8.384
Mel	kg	61.831
Ovos	1.000 dz	3.820

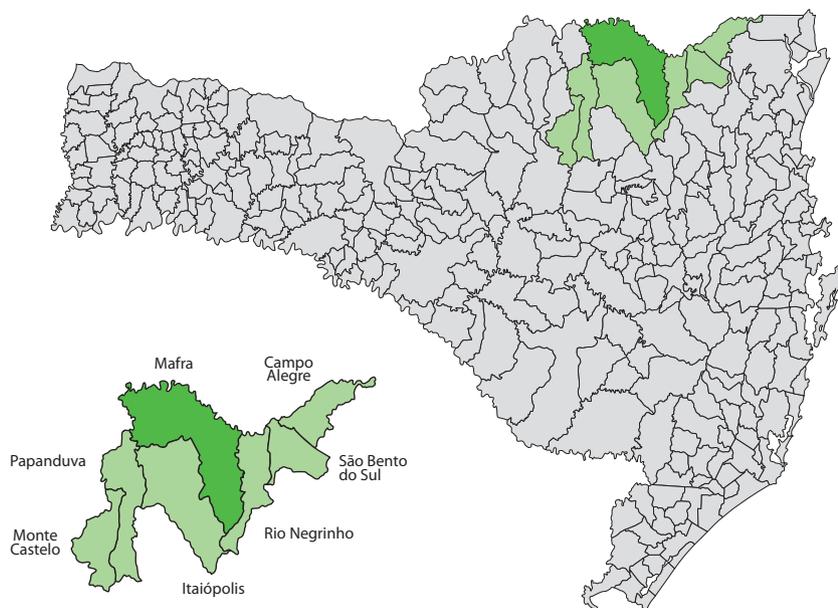
FONTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	39
Lenha	m <sup>3</sup>	42.193
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	7.736
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

FONTE: IBGE.

## MAFRA



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	7
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	5.942,4
População total <sup>1</sup>	hab	2003	224.694
População urbana	hab	2000	160.343
População rural	hab	2000	48.633
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	279,87
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	155,88

FONTES: IBGE.

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	468	1.148	2.453
Batata	740	10.366	14.008
Feijão	10.045	15.101	1.503
Fumo	9.330	17.054	1.828
Milho	38.740	262.920	6.787
Soja	33.900	93.432	2.756
Tomate	26	1.540	59.231
Trigo	3.830	9.661	2.522

FONTES: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	262.900
Produção orgânica	Nº produtores	185
	Valor (R\$)	51.425
Turismo rural	Nº unidades	35

FONTES: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	99.093
Suínos	cab.	93.473
Aves	cab.	4.056.335
Leite	1.000 l	24.096
Mel	kg	168.320
Ovos	1.000 dz	1.703

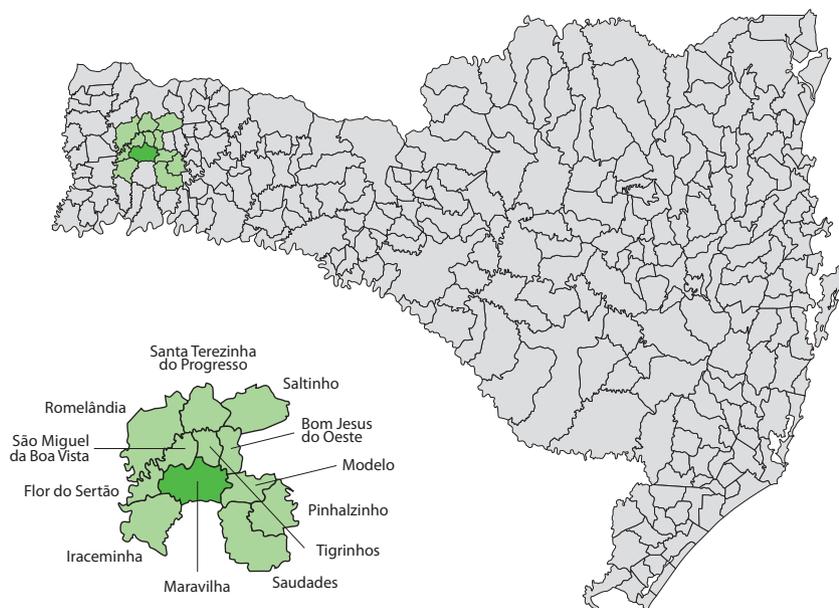
FONTES: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	2.985
Lenha	m <sup>3</sup>	679.700
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	1.220.760
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	482.408

FONTES: IBGE.

## MARAVILHA



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	12
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	1.522,4
População total <sup>1</sup>	hab	2003	66.854
População urbana	hab	2000	34.419
População rural	hab	2000	35.065
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	281,82
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	177,13

FONTE: IBGE.

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per capita.

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	622	1.012	1.627
Cana-de-açúcar	854	25.960	30.398
Feijão	5.975	4.971	832
Fumo	4.962	7.933	1.599
Mandioca	1.387	27.170	19.589
Milho	54.600	235.964	4.322
Soja	6.455	14.367	2.226
Trigo	2.370	4.970	2.097

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	400.150
Produção orgânica	Nº produtores	110
	Valor (R\$)	305.090,00
Turismo rural	Nº unidades	21

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	107.445
Suínos	cab.	141.290
Aves	cab.	4.195.800
Leite	1.000 l	65.548
Mel	kg	81.500
Ovos	1.000 dz	2.195

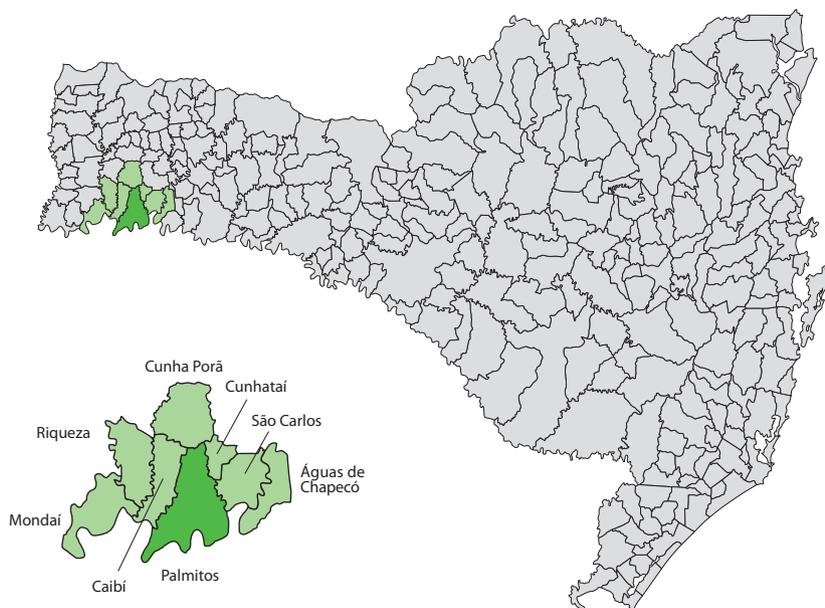
FONTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	60
Lenha	m <sup>3</sup>	99.110
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	25.640
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

FONTE: IBGE.

## PALMITOS



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	8
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	1.500,9
População total <sup>1</sup>	hab	2003	60.004
População urbana	hab	2000	29.563
População rural	hab	2000	33.916
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	358,39
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	245,50

FONTES: IBGE

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per capita

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	372	806	2.167
Cana-de-açúcar	1.210	48.930	40.438
Feijão	8.335	7.791	935
Fumo	5.835	9.286	1.591
Mandioca	1.720	39.050	22.703
Milho	55.790	251.331	4.505
Soja	7.465	16.890	2.263
Trigo	1.070	2.052	1.918
Uva	69	718	10.406

FONTES: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	580.630
Produção orgânica	Nº produtores	804
	Valor (R\$)	760.955,00
Turismo rural	Nº unidades	12

FONTES: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	90.700
Suínos	cab.	180.950
Aves	cab.	3.503.550
Leite	1.000 l	88.300
Mel	kg	110.500
Ovos	1.000 dz	1.209

FONTES: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	31
Lenha	m <sup>3</sup>	116.000
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	16.980
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

FONTES: IBGE.

## RIO DO SUL



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	12
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	3.675,5
População total <sup>1</sup>	hab	2003	134.377
População urbana	hab	2000	83.356
População rural	hab	2000	47.063
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	363,93
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	202,82

FONTE: IBGE.

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	11.122	84.805	7.625
Batata	333	3.366	10.108
Cebola	833	11.145	13.379
Feijão	2.115	2.243	1.061
Fumo	13.961	24.600	1.762
Mandioca	3.195	76.650	23.991
Milho	24.270	92.958	3.830

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	854.076
Produção orgânica	Nº produtores	194
	Valor (R\$)	326.852,00
Turismo rural	Nº unidades	56

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	106.850
Suínos	cab.	97.880
Aves	cab.	2.363.390
Leite	1.000 l	49.810
Mel	kg	239.100
Ovos	1.000 dz	2.123

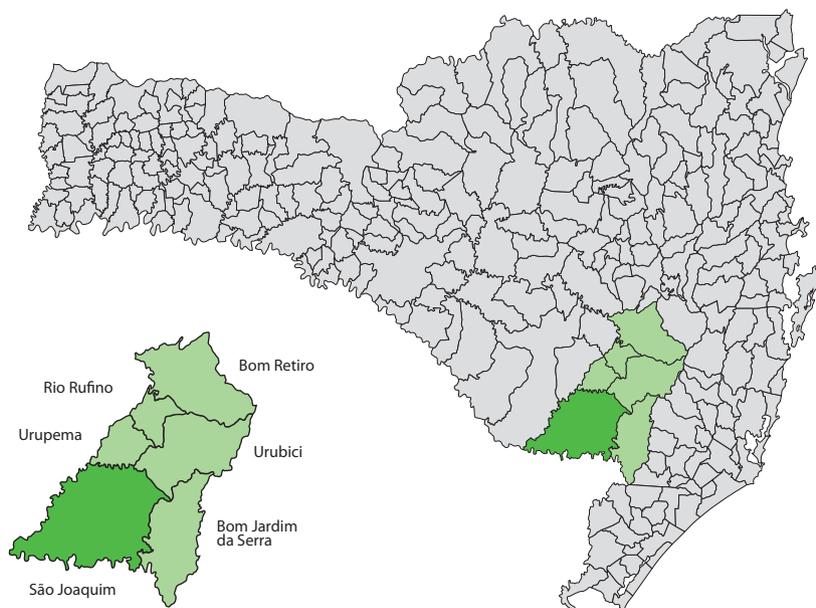
FONTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	133
Lenha	m <sup>3</sup>	228.400
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	129.200
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	75.500

FONTE: IBGE.

## SÃO JOAQUIM



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	6
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	5.512,1
População total <sup>1</sup>	hab	2003	51.261
População urbana	hab	2000	31.987
População rural	hab	2000	18.088
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	236,52
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	197,35

FONTE: IBGE.

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Batata	1.850	21.475	11.608
Cebola	1.165	14.050	12.060
Feijão	1.565	1.696	1.084
Fumo	784	1.437	1.833
Maçã	6.134	170.745	27.836
Milho	6.660	24.813	3.726
Tomate	141	7.475	53.014

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	242.000
Produção orgânica	Nº produtores	33
	Valor (R\$)	55.447,00
Turismo rural	Nº unidades	22

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	158.706
Suínos	cab.	18.166
Aves	cab.	330.190
Leite	1.000 l	12.886
Mel	kg	309.030
Ovos	1.000 dz	2.534

FONTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	-
Lenha	m <sup>3</sup>	139.729
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	356.394
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	220.022

FONTE: IBGE.

## SÃO JOSÉ



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	13
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	4.163,6
População total <sup>1</sup>	hab	2003	815.642
População urbana	hab	2000	677.099
População rural	hab	2000	47.173
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	534,45
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	227,76

FONTE: IBGE.

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	1.663	9.622	5.786
Banana	684	8.777	12.832
Batata	1.132	14.163	12.511
Cana-de-açúcar	1.995	74.220	37.203
Cebola	1.859	19.610	10.549
Feijão	1.224	1.353	1.105
Mandioca	2.230	38.310	17.179
Milho	5.865	19.430	3.313
Tomate	1.011	51.905	51.340

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS – 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	460.671
Produção orgânica	Nº produtores	500
	Valor (R\$)	15.859.235
Turismo rural	Nº unidades	67

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	93.684
Suínos	cab.	22.418
Aves	cab.	3.724.430
Leite	1.000 l	23.363
Mel	kg	215.060
Ovos	1.000 dz	9.560

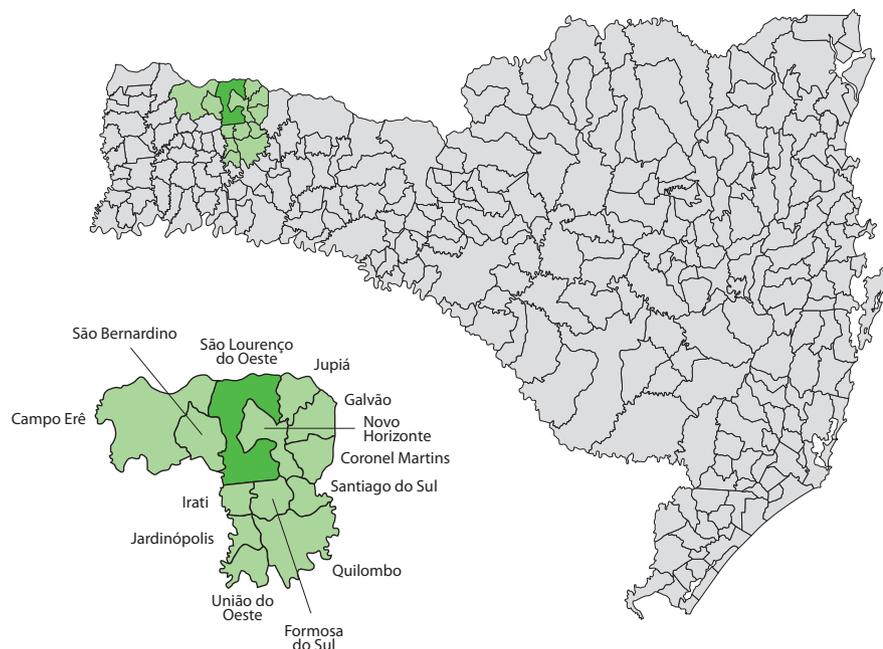
FONTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	-
Lenha	m <sup>3</sup>	-
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	-
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	-

FONTE: IBGE.

## SÃO LOURENÇO DO OESTE



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	13
Superfície	km²	2004	2.188,0
População total <sup>1</sup>	hab	2003	64.181
População urbana	hab	2000	32.368
População rural	hab	2000	35.460
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	275,49
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	200,22

FONTES: IBGE.

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	810	1.143	1.411
Cana-de-açúcar	752	25.890	34.428
Feijão	6.655	8.951	1.345
Fumo	1.019	1.639	1.608
Mandioca	1.247	14.244	11.423
Milho	74.240	387.666	5.222
Soja	23.250	62.664	2.695
Trigo	6.840	10.975	1.605
Uva	166	1.420	8.554

FONTES: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	461.330
Produção orgânica	Nº produtores	293
	Valor (R\$)	554.729,00
Turismo rural	Nº unidades	22

FONTES: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	138.830
Suínos	cab.	246.848
Aves	cab.	3.460.515
Leite	1.000 l	102.944
Mel	kg	88.200
Ovos	1.000 dz	1.205

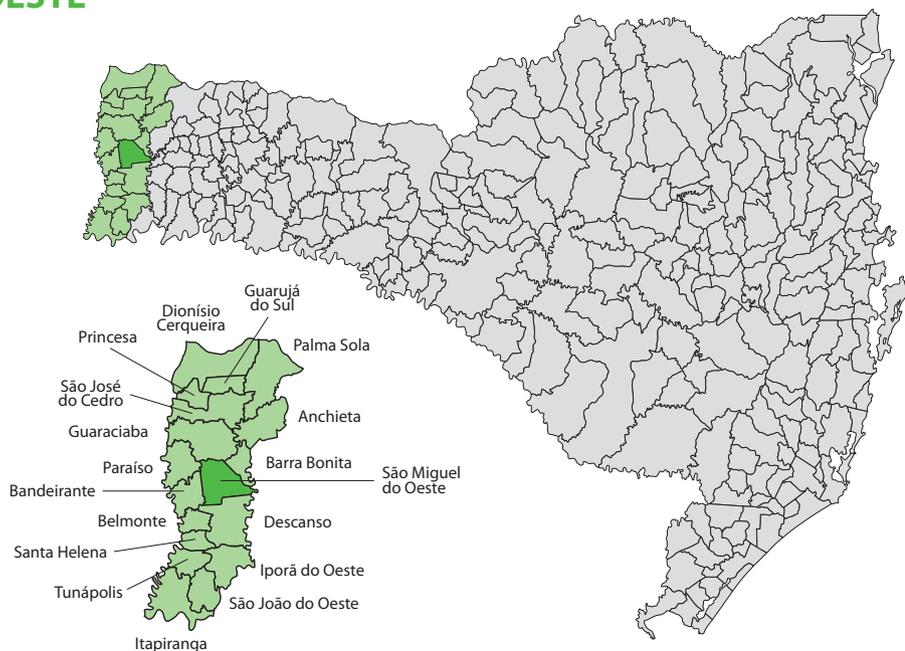
FONTES: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	106
Lenha	m³	105.651
Toras (outras)	m³	11.755
Toras (celulose)	m³	36

FONTES: IBGE.

## SÃO MIGUEL DO OESTE



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	18
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	3.567,5
População total <sup>1</sup>	hab	2003	144.970
População urbana	hab	2000	74.320
População rural	hab	2000	76.455
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	303,31
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	158,94

FONTE: IBGE.

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	1.235	2.305	1.866
Cana-de-açúcar	1.165	63.050	54.120
Feijão	4.650	3.424	736
Fumo	10.004	15.994	1.599
Mandioca	1.975	41.955	21.243
Milho	105.640	487.566	4.615
Soja	12.270	35.720	2.911
Trigo	5.720	12.385	2.165
Uva	411	2.712	6.599

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001 - 2002

PRODUTOS	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	1.155.410
Produção orgânica	Nº produtores	1.127
	Valor (R\$)	753.395,00
Turismo rural	Nº unidades	39

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	296.258
Suínos	cab.	463.687
Aves	cab.	7.113.676
Leite	1.000 l	196.752
Mel	kg	191.800
Ovos	1.000 dz	7.211

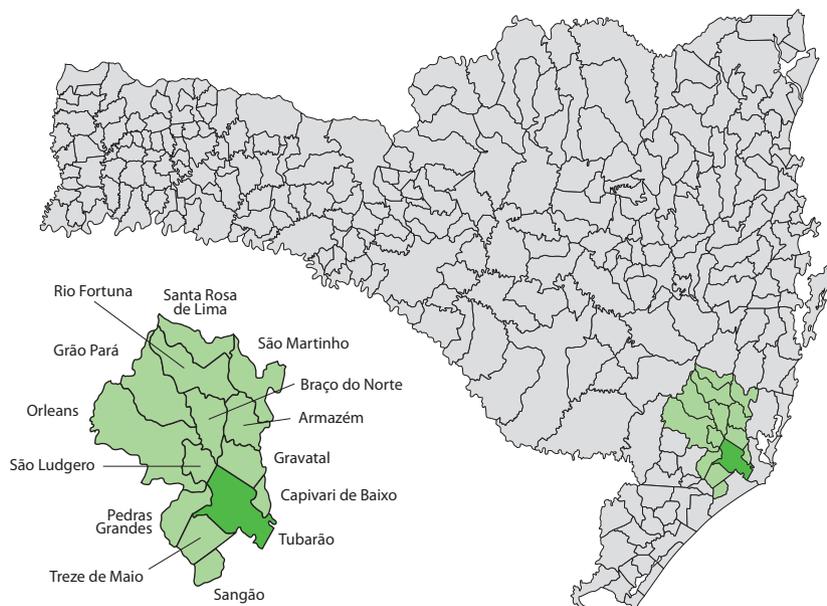
FONTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	52
Lenha	m <sup>3</sup>	64.920
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	15.770
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	2.887

FONTE: IBGE.

## TUBARÃO



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	14
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	3.026,6
População total <sup>1</sup>	hab	2003	228.412
População urbana	hab	2000	141.988
População rural	hab	2000	71.318
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	365,60
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	283,65

FONTE: IBGE.

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per capita

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	7.895	55.949	7.087
Batata	1.750	27.986	15.992
Cana-de-açúcar	3.895	171.910	44.136
Feijão	5.571	5.756	1.033
Fumo	8.185	14.848	1.814
Mandioca	2.920	54.210	18.565
Milho	11.584	45.089	3.892
Uva	130	1.645	12.654

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	1.227.000
Produção orgânica	Nº produtores	1.239
	Valor (R\$)	2.231.827,00
Turismo rural	Nº unidades	87

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	145.165
Suínos	cab.	426.768
Aves	cab.	3.188.837
Leite	1.000 l	43.624
Mel	kg	140.212
Ovos	1.000 dz	12.235

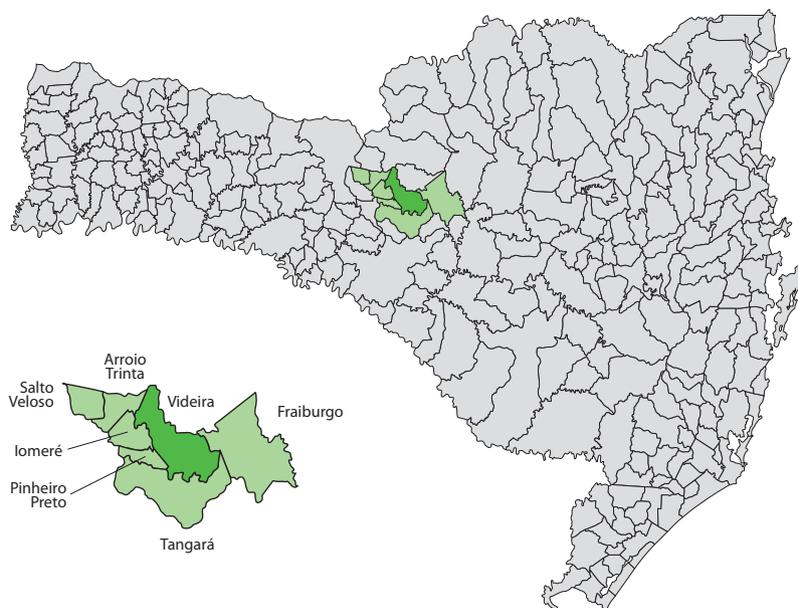
FONTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	1.988
Lenha	m <sup>3</sup>	339.406
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	26.998
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	2.420

FONTE: IBGE.

## VIDEIRA



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	7
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	1.663,8
População total <sup>1</sup>	hab	2003	103.369
População urbana	hab	2000	74.398
População rural	hab	2000	21.575
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	305,30
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	243,85

FONTE: IBGE.

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per cápita

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Alho	140	728	5.200
Arroz	305	528	1.731
Feijão	4.860	8.130	1.673
Fumo	203	327	1.611
Maçã	5.853	181.309	30.977
Milho	22.690	127.869	5.635
Uva	1.406	18.697	13.298

FONTE: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	357.235
Produção orgânica	Nº produtores	27
	Valor (R\$)	38.785,00
Turismo rural	Nº unidades	19

FONTE: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	53.860
Suínos	cab.	446.670
Aves	cab.	6.292.455
Leite	1.000 l	22.848
Mel	kg	74.100
Ovos	1.000 dz	6.252

FONTE: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	11
Lenha	m <sup>3</sup>	57.950
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	261.780
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	64.800

FONTE: IBGE.

## XANXERÊ



### DADOS GERAIS

ESPECIFICAÇÃO	UNIDADE	ANO	QUANTIDADE
Municípios	nº	2004	14
Superfície	km <sup>2</sup>	2004	4.482,4
População total <sup>1</sup>	hab	2003	140.598
População urbana	hab	2000	82.252
População rural	hab	2000	51.231
Renda urbana média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	305,44
Renda rural média <sup>2</sup>	R\$/mês	2000	201,07

FONTES: IBGE.

<sup>1</sup>Estimativa.

<sup>2</sup>Renda per capita

### PRODUÇÃO AGRÍCOLA - 2003

PRODUTO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	RENDIMENTO (kg/ha)
Arroz	767	1.499	1.954
Feijão	8.880	15.712	1.769
Fumo	1.819	2.940	1.616
Milho	73.440	521.196	7.097
Soja	76.850	229.260	2.983
Trigo	21.835	49.329	2.259
Uva	145	789	5.441

FONTES: IBGE.

### OUTRAS ATIVIDADES AGRÍCOLAS - 2001 - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Piscicultura	kg	724.195
Produção orgânica	Nº produtores	35
	Valor (R\$)	47.290,00
Turismo rural	Nº unidades	22

FONTES: Instituto Cepa/SC e Epagri.

### PRODUÇÃO ANIMAL - 2002

ESPÉCIE PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Bovinos	cab.	148.072
Suínos	cab.	468.563
Aves	cab.	12.865.927
Leite	1.000 l	62.533
Mel	kg	89.152
Ovos	1.000 dz	34.318

FONTES: IBGE.

### PRODUÇÃO DE ORIGEM FLORESTAL - 2002

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE
Carvão	t	428
Lenha	m <sup>3</sup>	313.400
Toras (outras)	m <sup>3</sup>	335.650
Toras (celulose)	m <sup>3</sup>	195.777

FONTES: IBGE.

# DIVISÃO TERRITORIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA, COM INDICAÇÃO DAS MESORREGIÕES, MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS E MUNICÍPIOS

## ANEXO II

DIVISÃO TERRITORIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA, COM INDICAÇÃO DAS MESORREGIÕES, MICRORREGIÕES GEOGRÁFICAS E MUNICÍPIOS

MESORREGIÃO OESTE CATARINENSE
<b>MRG SÃO MIGUEL DO OESTE</b>
Anchieta
Bandeirante
Barra Bonita
Belmonte
Descanso
Dionísio Cerqueira
Guaraciaba
Guarujá do Sul
Iporã do Oeste
Itapiranga
Mondai
Palma Sola
Paraíso

continua

continuação

Princesa
Riqueza
Romelândia
Santa Helena
São João do Oeste
São José do Cedro
São Miguel do Oeste
Tunápolis
<b>MRG CHAPECÓ</b>
Águas de Chapecó
Águas Frias
Bom Jesus do Oeste
Caibi
Campo Eré
Caxambú do Sul
Chapecó
Cordilheira Alta

continua

continuação
Coronel Freitas
Cunha Porã
Cunhataí
Flor do Sertão
Formosa do Sul
Guatambu
Iraceminha
Irati
Jardinópolis
Maravilha
Modelo
Nova Erechim
Nova Itaberaba
Novo Horizonte
Palmitos
Pinhalzinho
Planalto Alegre
Quilombo
Saltinho
Santa Terezinha do Progresso
Santiago do Sul
São Bernardino
São Carlos
São Lourenço do Oeste
São Miguel da Boa Vista
Saudades
Serra Alta
Sul Brasil
Tigrinhos
União do Oeste
<b>MRG XANXERÊ</b>
Abelardo Luz
Bom Jesus
Coronel Martins
Entre Rios
Faxinal dos Guedes
Galvão
Ipuaçu
Jupirá
Lajeado Grande
Marema
Ouro Verde
Passos Maia
Ponte Serrada
São Domingos
Vargeão
continua

continuação
Xanxerê
Xaxim
<b>MRG JOAÇABA</b>
Água Doce
Arroio Trinta
Caçador
Calmon
Capinzal
Catanduvas
Erval Velho
Fraiburgo
Herval do Oeste
Ibiam
Ibicaré
Iomerê
Jaborá
Joaçaba
Lacerdópolis
Lebon Régis
Luzerna
Macieira
Matos Costa
Ouro
Pinheiro Preto
Rio das Antas
Salto Veloso
Tangará
Treze Tílias
Vargem Bonita
Videira
<b>MRG CONCÓRDIA</b>
Alto bela Vista
Arabutã
Arvoredo
Concórdia
Ipira
Ipumirim
Irani
Itá
Lindóia do Sul
Paial
Peritiba
Piratuba
Presidente Castelo Branco
Seara
Xavantina
continua

continuação

### MESORREGIÃO NORTE CATARINENSE

#### MRG CANOINHAS

Bela Vista do Toldo

Canoinhas

Irineópolis

Itaiópolis

Mafra

Major Vieira

Monte Castelo

Papanduva

Porto União

Santa Terezinha

Timbó Grande

Três Barras

#### MRG SÃO BENTO DO SUL

Campo Alegre

Rio Negrinho

São Bento do Sul

#### MRG JOINVILLE

Araquari

Balneário Barra do Sul

Corupá

Garuva

Guaramirim

Itapoá

Jaraguá do Sul

Joinville

Massaranduba

São Francisco do Sul

Schroeder

### MESORREGIÃO SERRANA

#### MRG CURITIBANOS

Abdon Batista

Brunópolis

Campos Novos

Curitibanos

Frei Rogério

Monte Carlo

Ponte Alta

Ponte Alta do Norte

Santa Cecília

São Cristovão do Sul

Vargem

Zortéa

#### MRG CAMPOS DE LAGES

Anita Garibaldi

continua

continuação

Bocaina do Sul

Bom Jardim da Serra

Bom Retiro

Campo Belo do Sul

Capão Alto

Celso Ramos

Cerro Negro

Correia Pinto

Lages

Otacílio Costa

Painel

Palmeira

Rio Rufino

São Joaquim

São José do Cerrito

Urubici

Urupema

### MESORREGIÃO VALE DO ITAJAÍ

#### MRG RIO DO SUL

Agronômica

Aurora

Braço do Trombudo

Dona Emma

Ibirama

José Boiteux

Laurentino

Lontras

Mirim Doce

Pouso Redondo

Presidente Getúlio

Presidente Nereu

Rio do Campo

Rio do Oeste

Rio do Sul

Salete

Taió

Trombudo Central

Vítor Meireles

Witmarsum

#### MRG BLUMENAU

Apiúna

Ascurra

Benedito Novo

Blumenau

Botuverá

Brusque

continua

continuação
Doutor Pedrinho
Gaspar
Guabiruba
Indaial
Luiz Alves
Pomerode
Rio dos Cedros
Rodeio
Timbó
<b>MRG ITAJAÍ</b>
Balneário Camboriú
Barra Velha
Bombinhas
Camboriú
Ilhota
Itajaí
Itapema
Navegantes
Penha
Piçarras
Porto Belo
São João do Itaperiú
<b>MRG ITUPORANGA</b>
Agrolândia
Atalanta
Chapadão do Lajeado
Imbuia
Ituporanga
Petrolândia
Vidal Ramos
<b>MESORREGIÃO GRANDE FLORIANÓPOLIS</b>
<b>MRG TIJUCAS</b>
Angelina
Canelinha
Leoberto Leal
Major Gercino
Nova Trento
São João Batista
Tijucas
<b>MRG FLORIANÓPOLIS</b>
Antônio Carlos
Biguaçu
Florianópolis
Governador Celso Ramos
Palhoça
Paulo Lopes
continua

continuação
Santo Amaro da Imperatriz
São José
São Pedro de Alcântara
<b>MRG TABULEIRO</b>
Águas Mornas
Alfredo Wagner
Anitápolis
Rancho Queimado
São Bonifácio
<b>MESORREGIÃO SUL CATARINENSE</b>
<b>MRG TUBARÃO</b>
Armazém
Braço do Norte
Capivari de Baixo
Garopaba
Grão Pará
Gravatal
Imaruí
Imbituba
Jaguaruna
Laguna
Orleans
Pedras Grandes
Rio Fortuna
Sangão
Santa Rosa de Lima
São Ludgero
São Martinho
Treze de Maio
Tubarão
<b>MRG CRICIÚMA</b>
Cocal do Sul
Criciúma
Forquilha
Içara
Lauro Muller
Morro da Fumaça
Nova Veneza
Siderópolis
Treviso
Urussanga
<b>MRG ARARANGUÁ</b>
Araranguá
Balneário Arroio do Silva
Balneário Gaivota
Ermo
continua

continuação

Jacinto Machado
Maracajá
Meleiro
Morro Grande
Passo de Torres
Praia Grande
Santa Rosa do Sul
São João do Sul
Sombrio
Timbé do Sul
Turvo

## DIVISÃO TERRITORIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA, SEGUNDO AS SECRETARIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

### ANEXO III

#### DIVISÃO TERRITORIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA SEGUNDO AS SECRETARIAS DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL	MUNICÍPIOS
<b>Araranguá</b>	Araranguá
	Balneário Arroio do Silva
	Balneário Gaivota
	Ermo
	Jacinto Machado
	Maracajá
	Meleiro
	Morro Grande
	Passo de Torres
	Praia Grande
	Santa Rosa do Sul
	São João do Sul
	Sombrio

continua

continuação

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL	MUNICÍPIOS
<b>Araranguá</b>	Timbé do Sul
	Turvo
<b>Blumenau</b>	Benedito Novo
	Blumenau
	Doutor Pedrinho
	Gaspar
	Indaial
	Pomerode
	Rio dos Cedros
	Rodeio
	Timbó
	<b>Brusque</b>
Brusque	

continua

continuação

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL	MUNICÍPIOS
<b>Brusque</b>	Canelinha
	Guabiruba
	Major Gercino
	Nova Trento
	São João Batista
	Tijucas
<b>Caçador</b>	Caçador
	Calmon
	Lebon Régis
	Macieira
	Rio das Antas
	Timbó Grande
<b>Campos Novos</b>	Abdon Batista
	Brunópolis
	Campos Novos
	Celso Ramos
	Ibiam
	Monte Carlo
	Vargem
	Zortéa
<b>Canoinhas</b>	Bela Vista do Toldo
	Canoinhas
	Irineópolis
	Major Vieira
	Matos Costa
	Porto União
	Três Barras
<b>Chapecó</b>	Águas Frias
	Caxambu do Sul
	Chapecó
	Cordilheira Alta
	Coronel Freitas
	Guatambu
	Nova Erechim
	Nova Itaberaba
	Planalto Alegre
	Serra Alta
	Sul Brasil
	<b>Concórdia</b>
Arabutã	
Arvoredo	
Concórdia	
Ipira	
Ipumirim	

continua

continuação

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL	MUNICÍPIOS
<b>Concórdia</b>	Irani
	Itá
	Jaborá
	Lindóia do Sul
	Paial
	Peritiba
	Piratuba
	Presidente Castelo Branco
	Seara
	Xavantina
<b>Criciúma</b>	Cocal do Sul
	Criciúma
	Forquilha
	Içara
	Lauro Müller
	Morro da Fumaça
	Nova Veneza
	Siderópolis
	Treviso
	Urussanga
<b>Curitibanos</b>	Curitibanos
	Frei Rogério
	Ponte Alta
	Ponte Alta do Norte
	Santa Cecília
	São Cristóvão do Sul
<b>Ibirama</b>	Apiúna
	Ascurra
	Dona Emma
	Ibirama
	José Boiteux
	Lontras
	Presidente Getúlio
	Presidente Nereu
	Vítor Meireles
	Witmarsum
<b>Itajaí</b>	Balneário Camboriú
	Bombinhas
	Camboriú
	Ilhota
	Itajaí
	Itapema
	Luiz Alves

continua

continuação

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL	MUNICÍPIOS
<b>Itajaí</b>	Navegantes
	Penha
	Piçarras
	Porto Belo
<b>Ituporanga</b>	Agrolândia
	Alfredo Wagner
	Atalanta
	Aurora
	Chapadão do Lajeado
	Imbuia
	Ituporanga
	Leoberto Leal
	Petrolândia
	Vidal Ramos
<b>Jaraguá do Sul</b>	Corupá
	Guaramirim
	Jaraguá do Sul
	Massaranduba
	Schroeder
<b>Joaçaba</b>	Água Doce
	Capinzal
	Catanduvas
	Erval Velho
	Herval do Oeste
	Ibicaré
	Joaçaba
	Lacerdópolis
	Luzerna
	Ouro
	Treze Tílias
	Vargem Bonita
	<b>Joinville</b>
Balneário Barra do Sul	
Barra Velha	
Garuva	
Itapoá	
Joinville	
São Francisco do Sul	
São João do Itaperiu	
<b>Lages</b>	Anita Garibaldi
	Bocaina do Sul
	Campo Belo do Sul
	Capão Alto
	Cerro Negro

continua

continuação

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL	MUNICÍPIOS
<b>Lages</b>	Correia Pinto
	Lages
	Otacílio Costa
	Painel
	Palmeira
<b>Laguna</b>	São José do Cerrito
	Garopaba
	Imaruí
	Imbituba
<b>Mafra</b>	Jaguaruna
	Laguna
	Paulo Lopes
	Campo Alegre
	Itaiópolis
	Mafra
	Monte Castelo
	Papanduva
	Rio Negrinho
	São Bento do Sul
<b>Maravilha</b>	Bom Jesus do Oeste
	Flor do Sertão
	Iraceminha
	Maravilha
	Modelo
	Pinhalzinho
	Romelandia
	Saltinho
	Santa Terezinha do Progresso
	São Miguel da Boa Vista
	Saudades
	Tigrinhos
	<b>Palmitos</b>
Caibi	
Cunhã Pora	
Cunhataí	
Mondaí	
Palmitos	
Riqueza	
São Carlos	
<b>Rio do Sul</b>	Agronômica
	Braco do Trombudo
	Laurentino
	Mirim Doce

continua

continuação

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL	MUNICÍPIOS
<b>Rio do Sul</b>	Pouso Redondo
	Rio do Campo
	Rio do Oeste
	Rio do Sul
	Salete
	Santa Terezinha
	Taió
	Trombudo Central
<b>São Joaquim</b>	Bom Jardim da Serra
	Bom Retiro
	Rio Rufino
	São Joaquim
	Urubici
	Urupema
<b>São José</b>	Águas Mornas
	Angelina
	Anitápolis
	Antonio Carlos
	Biguaçu
	Florianópolis
	Governador Celso Ramos
	Palhoça
	Rancho Queimado
	Santo Amaro da Imperatriz
	São Bonifácio
	São José
	São Pedro de Alcântara
<b>São Lourenço do Oeste</b>	Campo Erê
	Coronel Martins
	Formosa do Sul
	Galvão
	Irati
	Jardinópolis
	Jupiá
	Novo Horizonte
	Quilombo
	Santiago do Sul
	São Bernardino
	São Lourenço do Oeste
	União do Oeste
<b>São Miguel Do Oeste</b>	Anchieta

continua

continuação

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL	MUNICÍPIOS
<b>São Miguel Do Oeste</b>	Bandeirante
	Barra Bonita
	Belmonte
	Descanso
	Dionísio Cerqueira
	Guaraciaba
	Guarujá do Sul
	Iporá do Oeste
	Itapiranga
	Palma Sola
	Paraíso
	Princesa
	Santa Helena
	São João do Oeste
	São José do Cedro
	São Miguel do Oeste
<b>Tubarão</b>	Tunápolis
	Armazém
	Braço Norte
	Capivari de Baixo
	Grão Pará
	Gravatal
	Orleans
	Pedras Grandes
	Rio Fortuna
	Sangão
	Santa Rosa de Lima
	São Ludgero
	São Martinho
Treze de Maio	
Tubarão	
<b>Videira</b>	Arroio Trinta
	Fraiburgo
	Iomerê
	Pinheiro Preto
	Salto Veloso
	Tangará
	Videira
<b>Xanxerê</b>	Abelardo Luz
	Bom Jesus
	Entre Rios
	Faxinal dos Guedes
	Ipuaçu

continua

continuação

SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL	MUNICÍPIOS
<b>Xanxerê</b>	Lajeado Grande
	Marema
	Ouro Verde
	Passos Maia
	Ponte Serrada
	São Domingos
	Vargeão
	Xanxerê
	Xaxim

# ASSOCIAÇÕES DE MUNICÍPIOS DO ESTADO DE SANTA CATARINA

## ANEXO IV

### ASSOCIAÇÕES DE MUNICÍPIOS DO ESTADO DE SANTA CATARINA

#### ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS - GRANFPOLIS

Águas Mornas

Alfredo Wagner

Angelina

Anitápolis

Antônio Carlos

Biguaçu

Canelinha

Florianópolis

Garopaba

Governador Celso Ramos

Leoberto Leal

Major Gercino

Nova Trento

Palhoça

Paulo Lopes

continua

continuação

Rancho Queimado

Santo Amaro da Imperatriz

São Bonifácio

São João Batista

São José

São Pedro de Alcântara

Tijucas

#### ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA FOZ DO RIO ITAJAÍ - AMFRI

Balneário Camboriú

Bombinhas

Camboriú

Ilhota

Itajaí

Itapema

Luiz Alves

Navegantes

continua

continuação

Penha
Piçarras
Porto Belo
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO MÉDIO VALE DO ITAJAÍ - AMMVI</b>
Apiúna
Ascurra
Benedito Novo
Blumenau
Botuverá
Brusque
Doutor Pedrinho
Gaspar
Guabiruba
Indaial
Pomerode
Rio dos Cedros
Rodeio
Timbó
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO NORDESTE DE SANTA CATARINA - AMUNESC</b>
Araquari
Balneário Barra do Sul
Campo Alegre
Garuva
Itapoá
Joinville
Rio Negrinho
São Bento do Sul
São Francisco do Sul
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DE SANTA CATARINA - AMOSC</b>
Águas de Chapecó
Águas Frias
Caxambu do Sul
Chapecó
Cordilheira Alta
Coronel Freitas
Formosa do Sul
Guatambu
Irati
Jardinópolis
Nova Erechim
Nova Itaberaba
Pinhalzinho
Planalto Alegre

continua

continuação

Quilombo
Santiago do Sul
São Carlos
Serra Alta
Sul Brasil
União do Oeste
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO PLANALTO NORTE CATARINENSE - AMPLA</b>
Itaiópolis
Mafra
Monte Castelo
Papanduva
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO CARBONÍFERA - AMREC</b>
Cocal do Sul
Criciúma
Forquilha
Içara
Lauro Müller
Morro da Fumaça
Nova Veneza
Siderópolis
Treviso
Urussanga
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ALTO URUGUAÍ CATARINENSE - AMAUC</b>
Alto Bela Vista
Arbutã
Arvoredo
Concórdia
Ipira
Ipumirim
Irani
Itá
Lindóia do Sul
Paial
Peritiba
Piratuba
Presidente Castelo Branco
Seara
Xavantina
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DE LAGUNA - AMUREL</b>
Armazém
Braço do Norte
Capivari de Baixo

continua

continuação

Grão Pará
Gravatal
Imaruí
Imbituba
Jaguaruna
Laguna
Orleans
Pedras Grandes
Rio Fortuna
Sangão
Santa Rosa de Lima
São Ludgero
São Martinho
Treze de Maio
Tubarão
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO SERRANA - AMURES</b>
Anita Garibaldi
Bocaina do Sul
Bom Jardim da Serra
Bom Retiro
Campo Belo do Sul
Capão Alto
Cerro Negro
Correia Pinto
Lages
Otacílio Costa
Painel
Palmeira
Ponte Alta
Rio Rufino
São Joaquim
São José do Cerrito
Urubici
Urupema
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ALTO VALE DO RIO DO PEIXE - AMARP</b>
Arroio Trinta
Caçador
Calmon
Curitibanos
Fraiburgo
Frei Rogério
Ibiam
Iomerê
Lebon Régis

continua

continuação

Macieira
Pinheiro Preto
Ponte Alta do Norte
Rio das Antas
Salto Veloso
Santa Cecília
São Cristóvão do Sul
Timbó Grande
Videira
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ALTO VALE DO ITAJAÍ - AMAVI</b>
Agrolândia
Agronômica
Atalanta
Aurora
Braço do Trombudo
Chapadão do Lajeado
Dona Emma
Ibirama
Imbuia
Ituporanga
José Boiteux
Laurentino
Lontras
Mirim Doce
Petrolândia
Pouso Redondo
Presidente Getúlio
Presidente Nereu
Rio do Campo
Rio do Oeste
Rio do Sul
Salete
Santa Terezinha
Taió
Trombudo Central
Vítor Meireles
Witmarsum
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO MEIO OESTE CATARINENSE - AMMOC</b>
Água Doce
Capinzal
Catanduvas
Erval Velho
Herval do Oeste
Ibicaré

continua

continuação

Jaborá
Joaçaba
Lacerdópolis
Luzerna
Ouro
Tangará
Treze Tílias
Vargem Bonita
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO EXTREMO OESTE CATARINENSE - AMEOSC</b>
Anchieta
Bandeirante
Barra Bonita
Belmonte
Descanso
Dionísio Cerqueira
Guaraciaba
Guarujá do Sul
Iporã do Oeste
Itapiranga
Mondai
Palma Sola
Paraíso
Princesa
Santa Helena
São João do Oeste
São José do Cedro
São Miguel do Oeste
Tunápolis
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ALTO IRANI - AMAI</b>
Abelardo Luz
Bom Jesus
Coronel Martins
Entre Rios
Faxinal dos Guedes
Galvão
Ipuaçu
Lajeado Grande
Marema
Ouro Verde
Passos Maia
Ponte Serrada
São Domingos
Vargeão
Xanxerê

continua

continuação

Xaxim
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO VALE DO ITAPOCU - AMVALI</b>
Barra Velha
Corupá
Guaramirim
Jaraguá do Sul
Massaranduba
São João do Itaperiú
Schroeder
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO EXTREMO SUL CATARINENSE - AMESC</b>
Araranguá
Balneário Arroio do Silva
Balneário Gaivotas
Ermo
Jacinto Machado
Maracajá
Meleiro
Morro Grande
Passo de Torres
Praia Grande
Santa Rosa do Sul
São João do Sul
Sombrio
Timbé do Sul
Turvo
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO DO CONTESTADO - AMURC</b>
Bela Vista do Toldo
Canoinhas
Irineópolis
Major Vieira
Matos Costa
Porto União
Três Barras
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO ENTRE RIOS - AMERIOS</b>
Bom Jesus do Oeste
Caibi
Campo Erê
Cunha Porã
Cunhataí
Flor do Sertão
Iraceminha
Maravilha

continua

continuação

Modelo
Palmitos
Riqueza
Romelândia
Saltinho
Santa Terezinha do Progresso
São Miguel da Boa Vista
Saudades
Tigrinhos
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO NOROESTE CATARINENSE - AMNOROESTE</b>
Jupia
Novo Horizonte
São Bernardino
São Lourenço do Oeste
<b>ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO PLANALTO SUL CATARINENSE - AMPLASC</b>
Abdon Batista
Brunópolis
Campos Novos
Celso Ramos
Monte Carlo
Vargem
Zortéa

\* Município não filiado: Vidal Ramos

## DIVISÃO TERRITORIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA, COM INDICAÇÃO DAS REGIÕES HIDROGRÁFICAS E MUNICÍPIOS

### ANEXO V

DIVISÃO TERRITORIAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA, COM INDICAÇÃO DAS REGIÕES HIDROGRÁFICAS E MUNICÍPIOS

REGIÃO HIDROGRÁFICA	BACIA/SUB-BACIA HIDROGRÁFICA	MUNICÍPIOS
RH-1 EXTREMO OESTE	RIO PEPERI-GUAÇU	Bandeirante
		Barra Bonita
		Belmonte
		Dionísio Cerqueira
		Guaraciaba
		Guarujá do Sul
		Itapiranga
		Paraíso
		Princesa
		Santa Helena
		São João do Oeste
		São José do Cedro
		São Miguel do Oeste
Tunápolis		

continua

continuação

REGIÃO HIDROGRÁFICA	BACIA/SUB-BACIA HIDROGRÁFICA	MUNICÍPIOS
RH-1 EXTREMO OESTE	RIO DAS ANTAS	Anchieta
		Caibi
		Campo Erê
		Cunha Porã
		Descanso
		Flor do Sertão
		Iporã do Oeste
		Iraceminha
		Maravilha
		Mondaí
		Palma Sola
		Palmitos
		Riqueza
		Romelândia
		Santa Terezinha Progresso
		São Miguel da Boa Vista
		RH-2 MEIO OESTE
Abelardo Luz		
Águas de Chapecó		
Águas Frias		
Bom Jesus do Oeste		
Caxambu do Sul		
Cordilheira Alta		
Coronel Freitas		
Coronel Martins		
Cunhataí		
Entre Rios		
Formosa do Sul		
Galvão		
Guatambu		
Ipuaçu		
Irati		
Jardinópolis		
Jupia		
Lajeado Grande		
Marema		
Modelo		
Nova Erechim		
Nova Itaberaba		
Novo Horizonte		
Ouro Verde		
Pinhalzinho		
Planalto Alegre		
Quilombo		
Saltinho		

continua

continuação

REGIÃO HIDROGRÁFICA	BACIA/SUB-BACIA HIDROGRÁFICA	MUNICÍPIOS	
RH-2 MEIO OESTE	RIO CHAPECÓ	Santiago do Sul	
		São Bernadino	
		São Carlos	
		São Domingos	
		São Lourenço do Oeste	
		Saudades	
		Serra Alta	
		Sul Brasil	
		União do Oeste	
	RIO IRANI	Arvoredo	
		Bom Jesus	
		Chapecó	
		Faxinal dos Guedes	
		Passos Maia	
		Ponte Serrada	
		Vargeão	
		Xanxerê	
		Xavantina	
		Xaxim	
RH-3 VALE DO RIO DO PEIXE	RIO DO PEIXE	Arroio Trinta	
		Caçador	
		Calmon	
		Capinzal	
		Erval Velho	
		Fraiburgo	
		Herval do Oeste	
		Ibiam	
		Ibicaré	
		Iomerê	
		Ipira	
		Joaçaba	
		Lacerdópolis	
		Luzerna	
		Macieira	
		Ouro	
		Peritiba	
		Pinheiro Preto	
		Piratuba	
		Rio das Antas	
		Salto Veloso	
		Tangará	
		Treze Tílias	
		Videira	
		RIO JACUTINGA	Água Doce
			Alto Bela Vista

continua

continuação

REGIÃO HIDROGRÁFICA	BACIA/SUB-BACIA HIDROGRÁFICA	MUNICÍPIOS
RH-3 VALE DO RIO DO PEIXE	RIO JACUTINGA	Arabutã
		Catanduvas
		Concórdia
		Ipumirim
		Irani
		Itá
		Jaborá
		Lindóia do Sul
		Paial
		Presidente Castelo Branco
		Seara
		Vargem Bonita
		RH-4 PLANALTO DE LAGES
Anita Garibaldi		
Bocaina do Sul		
Bom Retiro		
Brunópolis		
Capão Alto		
Campo Belo do Sul		
Campos Novos		
Celso Ramos		
Cerro Negro		
Correa Pinto		
Curitibanos		
Frei Rogério		
Lages		
Lebon Régis		
Monte Carlo		
Otacílio Costa		
Painel		
Palmeira		
Ponte Alta		
Ponte Alta do Norte		
Rio Rufino		
Santa Cecília		
São Cristóvão do Sul		
São José do Cerrito		
Urubici		
Vargem		
Zortéa		
RH-5 PLANALTO DE CANOINHAS	RIO PELOTAS	Bom Jardim da Serra
		São Joaquim
		Urupema
RH-5 PLANALTO DE CANOINHAS	RIO NEGRO	Campo Alegre
		Mafra

continua

continuação

REGIÃO HIDROGRÁFICA	BACIA/SUB-BACIA HIDROGRÁFICA	MUNICÍPIOS
RH-5 PLANALTO DE CANOINHAS	RIO NEGRO	Rio Negrinho
		São Bento do Sul
		Três Barras
	RIO CANOINHAS	Bela Vista do Toldo
		Canoinhas
		Itaiópolis
		Major Vieira
		Monte Castelo
		Papanduva
		Irineópolis
	RIO IGUAÇU	Matos Costa
		Porto União
		Timbó Grande
RH-6 BAIXADA NORTE	RIO CUBATÃO	Garuva
		Itapoá
		Joinville
		São Francisco do Sul
	RIO ITAPOCU	Araquari
		Balneário Barra do Sul
		Barra Velha
		Corupá
		Guaramirim
		Jaraguá do Sul
		Massaranduba
		São João do Itaperiú
		Schroeder
RH-7 VALE DO ITAJAÍ	RIO ITAJAÍ	Agrolândia
		Agronômica
		Alfredo Wagner
		Atalanta
		Aurora
		Apiúna
		Ascurra
		Balneário Camboriú
		Benedito Novo
		Blumenau
		Botuverá
		Braço do Trombudo
		Brusque
		Camboriú
		Chapadão do Lajeado
		Dona Emma
		Doutor Pedrinho
		Gaspar
		Guabiruba

continua

continuação

REGIÃO HIDROGRÁFICA	BACIA/SUB-BACIA HIDROGRÁFICA	MUNICÍPIOS
<b>RH-7 VALE DO ITAJAÍ</b>	<b>RIO ITAJAÍ</b>	Ibirama
		Ilhota
		Imbuia
		Indaial
		Itajaí
		Ituporanga
		José Boiteux
		Laurentino
		Lontras
		Luiz Alves
		Mirim Doce
		Navegantes
		Penha
		Petrolândia
		Piçarras
		Pomerode
		Pouso Redondo
		Presidente Getúlio
		Presidente Nereu
		Rio do Campo
		Rio do Oeste
		Rio dos Cedros
		Rio do Sul
		Rodeio
		Salete
		Santa Terezinha
Taió		
Timbó		
Trombudo Central		
Vidal Ramos		
Vítor Meirelles		
Witmarsum		
<b>RH-8 LITORAL CENTRO</b>	<b>RIO TIJUCAS</b>	Angelina
		Bombinhas
		Canelinha
		Governador Celso Ramos
		Itapema
		Leoberto Leal
		Major Gercino
		Nova Trento
		Porto Belo
		São João Batista
		Tijucas
		<b>RIO BIGUAÇU</b>
	Biguaçu	

continua

continuação

REGIÃO HIDROGRÁFICA	BACIA/SUB-BACIA HIDROGRÁFICA	MUNICÍPIOS
RH-8 LITORAL CENTRO	RIO BIGUAÇU	Florianópolis
	RIO CUBATÃO DO SUL	Águas Mornas
		Palhoça
		Rancho Queimado
		Santo Amaro da Imperatriz
		São José
	São Pedro de Alcântara	
RIO DA MADRE	Garopaba	
	Paulo Lopes	
RH-9 SUL CATARINENSE	RIO D'UNA	Imaruí
		Imbituba
	RIO TUBARÃO	Anitápolis
		Armazém
		Braço do Norte
		Capivari de Baixo
		Grão Pará
		Gravatal
		Jaguaruna
		Laguna
		Lauro Müller
		Orleans
		Pedras Grandes
		Rio Fortuna
		Sangão
		Santa Rosa de Lima
		São Bonifácio
		São Ludgero
		São Martinho
		Treze de Maio
Tubarão		
RH-10 EXTREMO SUL CATARINENSE	RIO URUSSANGA	Cocal do Sul
		Içara
		Morro da Fumaça
		Urussanga
	RIO ARARANGUÁ	Araranguá
		Balneário Arroio do Silva
		Balneário Gaivota
		Criciúma
		Ermo
		Forquilha
		Jacinto Machado
		Maracajá
		Meleiro
		Morro Grande

continua

continuação

REGIÃO HIDROGRÁFICA	BACIA/SUB-BACIA HIDROGRÁFICA	MUNICÍPIOS	
RH-10 EXTREMO SUL CATARI-NENSE	RIO ARARANGUÁ	Nova Veneza	
		Siderópolis	
		Sombrio	
		Timbé do Sul	
		Treviso	
	Turvo		
	RIO MAMPITUBA	Passos de Torres	
		Praia Grande	
		Santa Rosa do Sul	
		São João do Sul	

## CONCEITOS

# ANEXO VI

## CONCEITOS

**Consumo aparente de fertilizantes** - Quantidade de fertilizantes fornecida pela indústria, ainda que não tenha sido totalmente aplicada na lavoura, uma vez que parte deste volume pode encontrar-se estocada e desperdiçada.

**Cooperativa** - Sociedade ou empresa constituída por membros de determinado grupo econômico ou social, que objetiva desempenhar, em benefício comum, determinada atividade econômica.

**Erva-mate cancheada** - É a erva-mate que já passou pelo processo de sapeco e

secagem e já foi triturada na cancha ou malhada; representa de 40% a 50% do peso da erva-mate em folha verde.

**Microrregião geográfica (MRG)** - Regionalização criada mediante a resolução PR nº 51, de 31/7/89, que aprova a divisão do Brasil em meso e microrregiões geográficas. Constituem áreas individualizadas, em cada estado, que apresentam formas de organização do espaço com identidade regional, definidas pelas seguintes dimensões: processo social como determinante, quadro natural como condicionante e rede de comunicação e de lugares como elementos de articulação espacial. O estado de Santa Catarina divide-se em 20 microrregiões e seis mesorregiões.

**Pessoal ocupado** - Pessoas que, em caráter permanente ou eventual, exercem ocupação remunerada ou não, diretamente ligadas a atividades desenvolvidas no estabelecimento.

**População residente** - Constituída pelas pessoas moradoras no domicílio.

**População rural** - População recenseada fora dos limites da área urbana, inclusive nos aglomerados rurais (povoados, arraiais, etc).

**População urbana** - Pessoas recenseadas nas cidades, vilas e áreas urbanas isoladas, conforme delimitação das respectivas prefeituras municipais.

**Precipitação pluviométrica** - Processo pelo qual a água condensada na atmosfera atinge gravitacionalmente a superfície terrestre.

**Preços médios ponderados** - Média dos preços mensais recebidos pelo produtor, ponderados pelas quantidades mensais comercializadas ao longo do ano.

**Produção** - Resultado da atividade econômica desenvolvida pelo estabelecimento em dado período, medida em termos de quantidade.

**Produção extrativa vegetal** - Produção de produtos vegetais obtida de espécies florestais nativas.

**Produto** - Resultado de qualquer atividade específica.

**Produto Interno Bruto (PIB)** - Medida, em unidade monetária, do fluxo total de bens e

serviços finais produzidos pelo sistema econômico, em determinado período. Corresponde, portanto, ao Valor Bruto da Produção menos o consumo intermediário.

**Semente fiscalizada** - Resultante da multiplicação da semente básica, produzida em campos específicos, de acordo com as normas estabelecidas pela entidade fiscalizadora e responsável pela qualificação do produto.

**Setor terciário** - Campo de ação que compreende basicamente o comércio de mercadorias, transporte, comunicações, prestação de serviços, atividades sociais e administração pública.

**Situação de domicílio** - Classificação da população segundo a localização do domicílio nas áreas urbanas ou rurais, definidas por lei municipal.

**Temperatura** - Aquecimento ou resfriamento do ar, governado pelo balanço da radiação solar na superfície terrestre.

**Temperatura máxima** - Valor máximo da temperatura que ocorre no período de um dia (24 horas).

**Temperatura mínima** - Valor mínimo da temperatura que ocorre no período de um dia (24 horas).

**Umidade relativa do ar** - Água na fase de vapor que existe na atmosfera.

**Valor Bruto da Produção (VBP)** - Produto resultante da multiplicação da quantidade produzida pelo preço médio ao produtor, independente de terem ou não as mercadorias chegado ao mercado formal.

#### LITERATURA CONSULTADA

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Metodologia do censo agropecuário de 1980. Rio de Janeiro, 1985. 247 p. (IBGE. Relatórios Metodológicos, 5).

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Metodologia das pesquisas agropecuárias anuais - 1981. Rio de Janeiro, 1983. 230 p. (IBGE. Relatórios Metodológicos, 3).

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Diretoria de Pesquisas e Inquéritos. Pesquisas agropecuárias contínuas. Rio de Janeiro, 1988. v. 1, n. 2, 360 p.

## LISTA DE FONTES

ANUÁRIO ESTATÍSTICO 2000-2004 [Anfavea]. São Paulo: Anfavea, 2004. Disponível em: <http://www.anfavea.com.br>

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO CRÉDITO RURAL – 1999-2002. Brasília: BCB, 2000-2003. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br>

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO SETOR DE FERTILIZANTES - 1999 - 2003. São Paulo: Anda, 1999-2003. Disponível em: <http://www.anda.org.br>

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. {**Relatório das unidades por UF e município - 10/05/04**}. Brasília, 2004.

CONAB. Preços mínimos. Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

FAO. Base de Dados Estadísticos. Disponível em: <http://www.fao.org>

IBGE. Banco de Dados Agregados – SIDRA. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>

OCESC. Informativo técnico. Estatísticas do cooperativismo catarinense. Disponível em: <http://www.ocesc.org.br>

SECEX/DECEX. Indicadores – Alice Web. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/indicadores>

USDA. ([www.usda.gov](http://www.usda.gov))

# LISTA DE GRÁFICOS

## DESEMPENHO DA PRODUÇÃO VEGETAL

### ALHO

1. Preços recebidos pelos produtores de Santa Catarina - 2000-2004 ..... 31

### BATATA

1. Preços médios mensais recebidos pelos produtores - Santa Catarina - 2002-2003 .. 59

### CEBOLA

1. Preços médios mensais recebidos pelos produtores Santa Catarina - Safra 02/03 .... 62  
2. Preços médios mensais na Ceagesp - 2001-2003 ..... 63

### FEIJÃO

1. Produção por safra - Brasil - 2000-2004 ..... 70  
2. Área colhida - Brasil - 2000-2004 ..... 70  
3. Rendimento médio por safra - Brasil - 2000-2004 ..... 70

### MAÇÃ

1. Preços médios mensais na Ceagesp - 2001-2003 ..... 91

**MANDIOCA**

1. Raiz - Preços mensais recebidos pelo produtor - Sul Catarinense - 2002-2004 ..... 101
2. Raiz - Preços mensais recebidos pelo produtor - Alto Vale - 2002-2004..... 101
3. Farinha Grossa - Preços mensais recebidos - Sul Catarinense - 2002-2004 ..... 102
4. Farinha Fina - Preços mensais recebidos - Sul Catarinense - 2002-2004..... 102
5. Polvilho Azedo - Preços mensais recebidos - Sul Catarinense - 2002-2004 ..... 102
6. Fécula - Preços mensais recebidos - Sul Catarinense - 2002-2004 ..... 103

**MILHO**

1. Principais produtores mundiais - Safra 02/03 ..... 104
2. Evolução mensal das cotações internacionais - 2002-2004 ..... 106
3. Produção do Mercosul - Safra 02/03 ..... 107
4. Brasil - principais estados produtores - Safra 02/03 ..... 108
5. Evolução da oferta/demanda catarinense - 2001-2004..... 109
6. Preços mensais ao produtor - Chapecó - 2002-2004 ..... 111

**SOJA**

1. Principais produtores mundiais - Safra 02/03 ..... 114
2. Cotações mensais internacionais - 2002-2004 ..... 116
3. Produção do Mercosul - safra 02/03 ..... 116
4. Brasil - principais estados produtores - Safra 02/03 ..... 117
5. Preços mensais ao produtor de chapecó - 2002-2004..... 118

**TOMATE**

1. Preços médios mensais pagos aos produtores em Santa Catarina - 2001-2004..... 127

**UVA**

1. Participação relativa dos estados na produção - Brasil - 2002-2004 ..... 140

**FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS**

1. Distribuição percentual da área cultivada por categoria - Brasil - 2001-2002 ..... 146
2. Distribuição percentual dos canais de comercialização interna - 2001-2002 ..... 154

**DESEMPENHO DA PRODUÇÃO ANIMAL****CARNE BOVINA**

1. Preços do boi gordo em Santa Catarina - 2002-2004..... 177

**CARNE SUÍNA**

1. Abate mensal de suínos em Santa Catarina - 2002-2003 ..... 180

**MEL**

1. Preços médios mensais recebidos pelo apicultor de Santa Catarina - 2000-2004 .. 207

**OVOS**

1. Evolução dos preços médios mensais - Santa Catarina - 2002-2004 ..... 215

**DESEMPENHO DA PESCA E AQUICULTURA**

1. Valor das exportações e importações de pescados brasileiros - 1998-2003..... 220  
 2. Produção da piscicultura em águas interiores - Santa Catarina - 1992-2003 ..... 222  
 3. Camarão cultivado - Produção catarinense - 1998-2003..... 223  
 4. Ostras cultivadas - Santa Catarina - 1996-2003 ..... 224  
 5. Mexilhões cultivados - Santa Catarina - 1996-2003 ..... 225

**DESEMPENHO DO SETOR FLORESTAL**

1. Produção mundial de madeira para uso industrial, segundo principais países e finalidade – 2002 ..... 230  
 2. Participação dos principais estados nas exportações brasileiras de produtos florestais – 2003 ..... 236  
 3. Produção extrativa de madeira em toras no Brasil – 2002 ..... 237  
 4. Produção brasileira de madeira plantada, destinada a papel e celulose – 2002..... 237  
 5. Produção brasileira de madeira plantada destinada ao processamento mecânico – 2002 ..... 238  
 6. Exportações brasileiras de madeira e suas obras -1993-2003..... 240  
 7. Exportações brasileiras de móveis de madeira e suas partes - 1993-2003 ..... 245  
 8. Exportações brasileiras de papel e celulose - 1993-2003 ..... 246  
 9. Número de empresas, por segmento, em Santa Catarina – 2002..... 251  
 10. Número de empregados, por segmento, em Santa Catarina – 2002 ..... 251  
 11. Madeira industrial - preços médios recebidos pelos produtores de Santa Catarina janeiro/1999 - maio/2004 ..... 255  
 12. Madeira industrial - preços médios recebidos pelos produtores de Santa Catarina janeiro/1999 - maio/2004 ..... 255  
 13. Preços médios do pínus no paraná e em Santa Catarina - 1997-2004 ..... 256  
 14. Participação das exportações de produtos florestais no total das exportações catarinenses - 1993-2003 ..... 257  
 15. Evolução da participação de Santa Catarina nas exportações de produtos florestais do Brasil e da região sul - 1995-2003..... 258

# LISTA DE QUADROS E MAPAS

## QUADROS

### DESEMPENHO DO AGRONEGÓCIO CATARINENSE

1. Programas de créditos de investimento administrados pelo BNDES para Santa Catarina na safra 04/05 ..... 23

### DESEMPENHO DA PRODUÇÃO VEGETAL

1. Calendário Agrícola - Plantio, colheita e comercialização dos principais produtos agrícolas - Santa Catarina - 2004 ..... 169

## MAPAS

1. Divisão municipal do estado de Santa Catarina..... 265

# LISTA DE TABELAS

## PARTE I

### DESEMPENHO DO AGRONEGÓCIO CATARINENSE

1. Área plantada, produção e posição de Santa Catarina na produção nacional, segundo os principais produtos agrícolas – Safra 02/03 ..... 15
2. Valor bruto da produção (VBP) e variação da produção e dos preços na agropecuária catarinense, segundo grupos dos principais produtos – 2002-2003 ..... 18
3. Estimativa da evolução da produção e dos preços ao produtor na agropecuária catarinense, segundo grupos dos principais produtos – Safras 02/03 e 03/04 ..... 19

### DESEMPENHO DA PRODUÇÃO VEGETAL

#### ALHO

1. Área plantada, produção e rendimento médio, total e nos principais países – Ano Agrícola 01/02-03/04 ..... 26
2. Quantidade e valor das exportações, total e principais países – 2000-2002 ..... 26
3. Quantidade e valor das importações, total e principais países – 2000-2002 ..... 27
4. Área plantada, produção e rendimento médio no Brasil e nos principais estados – Ano Agrícola 01/02 – 03/04 ..... 28
5. Quantidade e valor das importações brasileiras por país de origem – 2000-2004 ... 29
6. Área plantada, produção e rendimento médio nas microrregiões geográficas de Santa Catarina – ano agrícola 01/02-03/04 ..... 30
7. Preços médios mensais recebidos pelo produtor – Santa Catarina – 2000-2004 ..... 31

**ARROZ**

1. Evolução mundial da produção, área cultivada e rendimento – 1999/2003 .....	34
2. Quantidade produzida nos dez principais países produtores – 1999/2003 .....	34
3. Área cultivada nos dez principais países produtores – 1999/2003 .....	35
4. Rendimento médio nos dez principais países produtores – 1999/2003 .....	36
5. Quantidade produzida – países do Mercosul – 1999/2003 .....	37
6. Área cultivada – países do Mercosul – 1999/2003 .....	37
7. Rendimento médio – países do Mercosul – 1999/2003.....	38
8. Importações brasileiras, por países de origem – 1999/2003.....	38
µ9. Balanço de oferta e demanda – Brasil – Safras 99/00 a 03/04.....	39
10. Evolução da produção, área cultivada e rendimento no Brasil – 1999/2004 .....	39
11. Produção brasileira e nos principais estados – 1999/2004 .....	41
12. Área colhida nos principais estados brasileiros – 1999/2004 .....	41
13. Rendimento médio nos principais estados brasileiros – 1999/2004 .....	42
14. Irrigado - Quantidade produzida nas principais microrregiões geográficas – Santa Catarina – 1999-2004 .....	43
15. Irrigado - Área colhida nas principais microrregiões geográficas – Santa Catarina – 1999-2004 .....	44
16. Irrigado - Rendimento médio nas principais microrregiões geográficas – Santa Catarina – 1999-2004 .....	44

**BANANA**

1. Evolução no mundo – 1996-2003 .....	46
2. Área plantada, produção e rendimento no mundo e nos principais países produtores – 2002-2003 .....	46
3. Quantidade produzida das principais frutas – 2000-2003 .....	47
4. Consumo per cápita – Brasil – 1996-2001.....	48
5. Área plantada, produção e rendimento no Brasil e nos estados – 2002-2003.....	49
6. Número de produtores em área cultivada – Santa Catarina – 1995-1996.....	50
7. Área, produção e rendimento médio nas microrregiões geográficas – Santa Catarina – 2002-2003 .....	50
8. Área, produção e rendimento médio nos principais municípios produtores – Santa Catarina – 2002-2003 .....	51
9. Evolução do comércio mundial – 1996-2002 .....	52
10. Volume e valor das importações, por país – 2002 .....	52
11. Volume e valor das exportações, por país - 2002 .....	52
12. Exportações brasileiras – 1996–2003 .....	53
13. Evolução das exportações dos principais estados da federação – valor, volume e preço unitário – 1996-2003 .....	55
14. Evolução, volume, valores e destino das exportações brasileiras -1996-2003.....	55

**BATATA**

1. Área plantada, produção e rendimento obtido por microrregião geográfica –	
--	--

Santa Catarina – Safra 02/03.....	57
2. Expectativa do desempenho da cultura em nível nacional – Safra 02/03.....	58
3. Área plantada, produção e rendimento por estado – Safras 00/01–02/03.....	59

### CEBOLA

1. Estimativas de área plantada, produção e rendimento estimado por estado – Brasil – Safra 02/03 .....	62
2. Área plantada, produção e rendimento por estado – Brasil – Safras 00/01-02/03....	64

### FEIJÃO

1. Evolução mundial da produção, área cultivada e rendimento – 1999-2003 .....	66
2. Quantidade produzida nos dez principais países produtores – 1999-2003 .....	67
3. Área cultivada nos dez principais países produtores – 1999-2003 .....	67
4. Rendimento médio nos dez principais países produtores – 1999-2003 .....	67
5. Quantidade produzida – mundial e dos países do Mercosul – 1999-2003 .....	69
6. Área cultivada – mundial e dos países do Mercosul – 1999-2003 .....	69
7. Rendimento médio – mundial e dos países do Mercosul – 1999-2003 .....	69
8. Balanço de oferta e demanda – Brasil – Safras 99/00 a 03/04.....	71
9. Produção brasileira e nos principais estados – 2000-2004.....	72
10. Área colhida – Brasil e nos principais estados – 2000-2004.....	72
11. Rendimento médio – Brasil e nos principais estados – 2000-2004.....	72
12. Quantidade produzida nas principais microrregiões geográficas de Santa Catarina – 2000-2004.....	75
13. Área plantada nas principais microrregiões geográficas de Santa Catarina – 2000-2004 .....	75
14. Rendimento médio nas principais microrregiões geográficas de Santa Catarina – 2000-2004.....	75
15. 1ª Safra – Quantidade produzida nas principais microrregiões geográficas de Santa Catarina – 2000-2004 .....	77
16. 1ª Safra – Área colhida nas principais microrregiões geográficas de Santa Catarina – 2000-2004.....	77
17. 1ª Safra – Rendimento médio nas principais microrregiões geográficas de Santa Catarina – 2000-2004.....	77
18. 2ª Safra – Quantidade produzida nas principais microrregiões geográficas de Santa Catarina – 2000-2004.....	78
19. 2ª Safra – Área plantada nas principais microrregiões geográficas de Santa Catarina – 2000-2004.....	78
20. 2ª Safra – Rendimento médio nas principais microrregiões geográficas de Santa Catarina – 2000-2004.....	79

### FUMO

1. Produção mundial e dos principais países produtores – 1990/2003 .....	83
2. Área plantada, produção e rendimento médio – Brasil – Safras 92/93-03/04 .....	83

3. Área plantada, produção e rendimento médio, segundo os estados e regiões – Brasil – Safras 00/01-02/03.....	84
4. Quantidade produzida e exportada pelo Brasil – 1992-2003 .....	84
5. Exportações brasileiras – 1992-2003 .....	84
6. Exportações brasileiras – 1995-2003 .....	85
7. Exportações catarinenses – 1992-2003.....	85
8. Comparativo das safras da região sul do Brasil – Safras 01/02-03/04 .....	85
9. Preço médio recebido pelos produtores da região sul do Brasil – Safras 96/97-03/04 .....	85
10. Preço médio recebido pelos produtores da região sul do Brasil – Safras 96/97-03/04 .....	86
11. Área plantada, produção e rendimento médio – Santa Catarina – Safras 92/93-03/04.....	86
12. Área plantada, produção e rendimento médio, segundo as regiões geográficas de Santa Catarina – Safras 00/01-02/03 .....	87

### MAÇÃ

1. Estimativa do desempenho da produção brasileira – Safra 02/03.....	89
2. Área plantada e produção dos principais municípios catarinenses – Safra 02/03.....	90
3. Área plantada, produção e rendimento por estado – Safras 00/01– 02/03.....	91

### MANDIOCA

1. Área colhida e quantidade produzida – total e nos principais países – Safras 00/01 a 02/03 .....	93
2. Farinha de mandioca – quantidade e valor das exportações mundiais e principais países – 2000-2002 .....	94
3. Amido de mandioca – quantidade e valor das exportações mundiais e principais países – 2000-2002 .....	94
4. Farinha de mandioca – quantidade e valor das importações mundiais e principais países – 2000-2002 .....	94
5. Amido de mandioca – quantidade e valor das importações mundiais e principais países – 2000-2002 .....	95
6. Raiz de mandioca – área colhida e quantidade produzida no Brasil e nos principais estados – Safras 01/02 a 03/04 .....	96
7. Raiz de mandioca – área colhida e quantidade produzida, nas microrregiões geográficas de Santa Catarina – Safras 00/01 – 02/03 .....	99
8. Raiz de mandioca nas regiões sul catarinense e alto vale – preços mensais recebidos pelo produtor–2002 a 2004.....	100
9. Farinha na região sul catarinense – preços mensais ao produtor – 2002-2004.....	101
10. Polvilho azedo e fécula (na indústria) nas regiões sul catarinense e alto vale do itajaí – preços mensais ao produtor – 2002-2004.....	103

### MILHO

1. Oferta/demanda mundial e norte – americana – Safras 02/03-04/05.....	105
2. Oferta/demanda da argentina – Safras 01/02 a 03/04.....	107
3. Oferta/demanda – Brasil – Safras 00/01 a 03/04 .....	108
4. Oferta/demanda – Santa Catarina – 2001-2004.....	111

5. Área colhida, produção e rendimento mundial – Safras 01/02 a 03/04 .....	111
6. Área plantada, produção e rendimento por estado – Safras – 01/02 a 03/04 .....	112
7. Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica – Santa Catarina – Safras – 01/02 a 03/04 .....	113

### SOJA

1. Soja-grão – oferta/demanda mundial e norte-americana – Safras 01/02-03/04 .....	115
2. Complexo soja – Brasil – oferta/demanda – Safra 01/02-02/03 .....	117
3. Área, produção e rendimento mundial e do Mercosul – Safras 01/02 a 03/04 .....	119
4. Área plantada, produção e rendimento por estado – Safras – 01/02 a 03/04 .....	120
5. Área plantada, produção e rendimento por microrregião geográfica – Santa Catarina – Safras – 01/02 a 03/04 .....	120

### TOMATE

1. Área plantada e produção obtida nos principais países produtores – 2001-2003 ..	122
2. Área plantada e produção obtida nos países da América do Sul – 2001-2003 .....	123
3. Área plantada, produção obtida e rendimento médio nos estados brasileiros – 2001-2003 .....	124
4. Área plantada, produção obtida e rendimento médio nas microrregiões geográficas de Santa Catarina – 2001-2003 .....	125
5. Preços médios mensais pagos aos produtores em Santa Catarina – 2001-2004 .....	127

### TRIGO

1. Balanço mundial de oferta e demanda – Safras 93/94-04/05 .....	133
2. Produção mundial e dos principais países produtores – 00/01-04/05 .....	133
3. Estimativa de exportação, segundo os principais países e mundial – Safras 00/01-04/05 .....	133
4. Estimativa de importação, segundo os principais países e mundo – Safras 00/01- 04/05 .....	134
5. Comparativo da área plantada, produção e rendimento – Brasil – 1994-2004 .....	134
6. Área plantada, produção e rendimento, segundo os estados – 2001-2003 .....	135
7. Oferta e demanda brasileiras – 1999-2004 .....	135
8. Quantidade em grão importada pelo Brasil – 1996-2003 .....	135
9. Quantidade de farinha importada pelo Brasil – 1996-2003 .....	136
10. Comparativo das safras de Santa Catarina – 1994-2004 .....	136
11. Comparativo da área, produção e rendimento – Santa Catarina – 2001-2003 .....	136
12. Preços mínimos de garantia - 2000 – 2004 .....	137
13. Preços médios recebidos pelos produtores de Santa Catarina – 1997-2004 .....	137

### UVA

1. Produção obtida por microrregião geográfica – Santa Catarina – 2002-2004 .....	141
---	-----

## FLORES E PLANTAS ORNAMENTAIS

1. Número de municípios e de propriedades cadastradas, por estado – 2001-2002 ..	144
2. Área cultivada por técnica de produção, por estado – 2001-2002.....	144
3. Área média e número de propriedades, por estado – 2001-2002 .....	145
4. Categoria de produção por técnica de plantio – Brasil – 2001-2002 .....	146
5. Flores de corte – área cultivada por espécie – Brasil – 2001-2002 .....	146
6. Folhagem de corte – área cultivada, por espécie, Brasil – 2001-2002 .....	147
7. Flores em vaso – área cultivada, por espécie – Brasil – 2001-2002 .....	147
8. Folhagem em vaso – área cultivada, por espécie – Brasil – 2001-2002 .....	147
9. Mudanças de plantas ornamentais – árvores, área cultivada, por espécie – Brasil – 2001-2002 .....	148
10. Mudanças de plantas ornamentais – palmeiras área cultivada, em ha, por espécie – Brasil – 2001-2002.....	148
11. Mudanças de plantas ornamentais – arbustos e trepadeiras – área cultivada por espécie – Brasil – 2001-2002.....	148
12. Mudanças de plantas ornamentais – forração e gramas – área cultivada por espécie – Brasil – 2001-2002 .....	149
13. Outros produtos – área cultivada, por espécie – Brasil – 2001-2002.....	149
14. Atividade florícola – quantidade e capacidade das benfeitorias e instalações – por estado – 2001-2002 .....	149
15. Quantidade média de empregos gerados, por propriedade e por área cultivada em cada estado brasileiro – 2001-2002 .....	150
16. Quantidade de empregos gerados pelo setor – por estado – 2001-2002 .....	150
17. Participação do setor em organizações de classe – por estado – 2001-2002 .....	151
18. Perfil gerencial dos produtores do setor de flores, por estado – 2001-2002 .....	152
19. Tipificação da assistência técnica no setor de flores, por estado – 2001-2002 .....	153
20. Tipo de transporte utilizado no setor de flores, por estado – 2001-2002 .....	153
21. Exportações de flores e plantas ornamentais – Brasil – 1999-2003 .....	155
22. Estados exportadores de flores – Brasil – 2002 e 2003 .....	157
23. Importações de flores e plantas ornamentais – Brasil – 1999-2003.....	158
24. Evolução da floricultura catarinense – 1997 e 2002 .....	160
25. Produção comercializada de flores – Santa Catarina – 2000.....	162
26. Exportações de flores e plantas ornamentais – Santa Catarina – 1999-2003 .....	163
27. Exportações catarinenses de produtos de floricultura – por país de destino – 2000-2002 .....	164
28. Importações de flores e plantas ornamentais – Santa Catarina – 1999-2003 .....	164
29. Comportamento dos preços mensais de flores e plantas ornamentais em Santa Catarina, em nível de produtor – 2003 .....	165

## DESEMPENHO DA PRODUÇÃO ANIMAL

### CARNE DE FRANGOS

1. Oferta e demanda brasileiras – 2002-2004 .....	170
2. Oferta e demanda catarinenses – 2002-2004 .....	171
3. Abate de frangos em Santa Catarina – 2000-2004 .....	171
4. Produção brasileira -2000-2004 .....	172
5. Exportações brasileiras -2000-2004.....	173
6. Disponibilidade interna -2000-2004 .....	173

### CARNE BOVINA

1. Oferta e demanda nacional – 2000-2004.....	175
2. Oferta e demanda catarinense – 2000-2004 .....	176
3. Bovinos – abate mensal – Santa Catarina – 2000-2004.....	176

### CARNE SUÍNA

1. Produção por região geográfica do Brasil – 2002-2003.....	178
2. Balanço da oferta e demanda – Brasil – 2000-2003 .....	179
3. Produção por região geográfica do Brasil – 2003 – 2004 .....	179
4. Principais países produtores (países selecionados) - 2000-2004 .....	180
5. Consumo mundial (países selecionados) – 2000-2004 .....	181
6. Principais países importadores (países selecionados) – 2002-2004.....	181
7. Principais países exportadores (países selecionados) - 2002-2004.....	182
8. Balanço da oferta e demanda–Brasil – 2000-2004 .....	182
9. Oferta e demanda catarinense – 2000-2004 .....	183
10. Exportações brasileiras – 1988-2004 .....	183
11. Abates totais mensais em Santa Catarina – 2000-2004 .....	184

### LEITE

1. Produção mundial e dos principais países produtores – 1970/2003 .....	189
2. Produção brasileira, segundo os estados – 1985/2002 .....	190
3. Comparativo entre a produção total e a destinada à industrialização, segundo os estados – 1998 e 2002 .....	191
4. Produção destinada à industrialização, segundo os estados – 1998-2003 .....	192
5. Produção brasileira destinada à industrialização, segundo os meses – 1998-2003 .....	193
6. Leite e derivados – importações brasileiras -1992-2003.....	193
7. Leite e derivados – importações brasileiras, segundo os principais países – 2001-2003 .....	194
8. Leite e derivados – importações brasileiras – janeiro a maio – 1992-2004 .....	194
9. Leite e derivados – exportações brasileiras – 1992-2003 .....	194
10. Leite e derivados – exportações brasileiras – janeiro a maio – 1992-2004.....	195
11. Produção catarinense, segundo as micro e mesorregiões – 1985/2002.....	195
12. Produção inspecionada – total das indústrias e postos de resfriamento catarinenses – 1998-2003.....	196

13. Produção destinada à industrialização em Santa Catarina, segundo os meses – 1998-2003 .....	196
14. Preços médios mensais recebidos pelos produtores de Santa Catarina - 1998-2004 .....	197

## MEL

1. Quantidade produzida no mundo e nos principais países – 2000-2003 .....	199
2. Quantidade e valor das exportações total e nos principais países – 2000-2002 .....	200
3. Quantidade e valor das importações, total e nos principais países – 2000-2002 ...	201
4. Produção brasileira e dos principais estados produtores – 1999-2002 .....	202
5. Valor e quantidade das exportações brasileiras, por país de destino – 2002-2004 .....	203
6. Quantidade e valor das exportações brasileiras, por estado – 2002-2004 .....	204
7. Preços médios das exportações brasileiras, média nacional e dos principais estados – 2000-2004 .....	204
8. Período de colheita, tipo de florada, número de colmeia por apicultor e rendimento por colmeia, por mesorregião – Santa Catarina – 2003 .....	205
9. Quantidade produzida e participação percentual por microrregião geográfica – Santa Catarina – 1999-2002 .....	206

## OVOS

1. Produção mundial e dos principais países – 1998-2003 .....	209
2. Volume das exportações mundiais – 1998-2002 .....	210
3. Plantel de poedeiras no Brasil, por região e por estado-2000-2003 .....	211
4. Produção no Brasil, por região e principais estados – 2000-2003 .....	212
5. Quantidade produzida em Santa Catarina – 2000-2003 .....	214
6. Preços no atacado em Santa Catarina no mês de abril – 2001-2004 .....	217
7. Relação de troca com diversos insumos em Santa Catarina no mês de abril – 2001-2004 .....	218

## DESEMPENHO DA PESCA E AQUICULTURA

1. Exportação de camarão e outros pescados brasileiros – 1998-2003 .....	220
2. Produção da pesca extrativa por estado brasileiro – 2002 .....	221
3. Exportação catarinense de camarão e outros pescados brasileiros – 1998-2003 .....	221
4. Preço de peixes destinados à indústria e ao pesque-pague – média do estado de Santa Catarina – 2002-2003 .....	223
5. Camarão – valor, quantidade e preço médio das exportações catarinenses – 1998-2003 .....	224
6. Produção de ostras cultivadas, por município de Santa Catarina – 2003 .....	224
7. Preço das ostras cultivadas em Santa Catarina – 2002 e 2003 .....	225
8. Preço dos mexilhões cultivados em Santa Catarina – 2002 e 2003 .....	226

## DESEMPENHO DO SETOR FLORESTAL

1. Produção mundial de madeira em toras, segundo os principais países – 1999-2002 .....	229
2. Produção mundial de madeira em toras para uso industrial, segundo os principais países – 1999-2002.....	230
3. Produção mundial de celulose, segundo os principais países – 1999-2002.....	231
4. Produção mundial de papel e cartões segundo os principais países – 1999-2002 .....	231
5. Valor das exportações mundiais de produtos florestais segundo os principais países – 1999-2002 .....	232
6. Valor das importações mundiais de produtos florestais segundo os principais países – 1999-2002 .....	233
7. Produção dos principais produtos florestais - Brasil - 1999-2002.....	237
8. Produção e destino da madeira serrada – Brasil – 1994-2002 .....	241
9. Produção e destino dos compensados – Brasil – 1994-2002 .....	242
10. Produção e destino de produtos de maior valor agregado (pmva) – Brasil – 1998-2002 .....	242
11. Produção e destino dos painéis reconstituídos – Brasil – 1998-2003 .....	244
12. Produção brasileira de celulose e papel – 2002-2003 .....	247
13. Produção dos principais produtos florestais – Santa Catarina – 1999-2003 .....	250
14. Preço médio de insumos e fatores de produção florestal – Santa Catarina – 1999-2004 .....	253
15. Preço médio dos principais produtos florestais – Santa Catarina – 1999-2004 ...	254
16. Exportação de produtos florestais – Santa Catarina – 1997-2003 .....	257

## PARTE II

### DIVISÃO POLÍTICA DO TERRITÓRIO E INFORMAÇÕES CLIMÁTICAS

1. Área territorial, segundo os municípios – Santa Catarina -2000.....	261
2. Média das temperaturas mínimas mensais segundo as estações agrometeorológicas – Santa Catarina – 2003.....	266
3. Média das temperaturas máximas mensais segundo as estações agrometeorológicas – Santa Catarina – 2003.....	266
4. Umidade relativa média mensal, segundo as estações agrometeorológicas – Santa Catarina – 2003 .....	267
5. Precipitação média mensal segundo as estações agrometeorológicas – Santa Catarina – 2003 .....	267

### CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA

6. População residente, segundo a situação de domicílio – Brasil e Santa Catarina – 1991/2002 .....	268
7. População residente total, urbana e rural, por grupo de área - Santa Catarina - 2001-2002 .....	269

8. População residente total, rural e urbana, segundo os municípios – Santa Catarina – 2000 .....	269
9. Pessoas ocupadas, por sexo e grupo de atividade – Santa Catarina – 2002 .....	276
10. Pessoas ocupadas, por situação de domicílio, segundo os grupos de idade – Santa Catarina – 2001- 2002 .....	276
11. Domicílios particulares permanentes e indicadores de bem-estar, segundo a situação de domicílio – Santa Catarina – 2001 – 2002 .....	277
12. Trabalhadores no agronegócio catarinense – 1999-2002 .....	277

### **ESTRUTURA DE PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO**

13. Capacidade estática de armazenagem em meio ambiente não controlado, por tipo, dos armazéns cadastrados na conab, segundo as microrregiões geográficas – Santa Catarina – 2004 .....	279
14. Cooperativas, segundo o tipo de atividade – Santa Catarina – 1999-2003 .....	280
15. Cooperados, segundo o tipo de cooperativa – Santa Catarina – 1999-2003 .....	280
16. Recebimento de produtos agropecuários pelas cooperativas, segundo os principais produtos – Santa Catarina – 1999-2003 .....	281
17. Máquinas agrícolas vendidas, segundo o tipo – Santa Catarina – 1999-2003 .....	281
18. Consumo aparente de fertilizantes, segundo o tipo – Santa Catarina – 1999-2003 .....	282
19. Produção de sementes certificadas, segundo os produtos agrícolas – Santa Catarina – 97/98-02/03 .....	282
20. Produção de sementes fiscalizadas, segundo os principais produtos agrícolas – Santa Catarina – 97/98-02/03 .....	282
21. Crédito rural concedido a produtores e cooperativas, segundo a finalidade – Santa Catarina – 1998-2002 .....	283

### **INFORMAÇÕES ECONÔMICAS DA AGROPECUÁRIA**

22. Estimativa do balanço de oferta e demanda dos principais produtos vegetais – Santa Catarina - Safras – 02/03-03/04 .....	284
23. Exportações do agronegócio catarinense - 2001-2004 .....	285
24. Importações do agronegócio catarinense –2000-2004 .....	286
25. Valor bruto da produção, consumo intermediário e produto interno bruto segundo a atividade econômica do setor primário – Santa Catarina – 1998-2003 .....	287
26. Valor bruto da produção dos principais produtos da agropecuária catarinense – 1997-2003 .....	287
27. Índice de produtividade das principais culturas – Santa Catarina – 1986-2003 ..	288

### **PREÇOS AGRÍCOLAS**

28. Preços mínimos vigentes, por produto, na região Centro-Sul – 1999-2004 .....	289
29. Preços médios mensais recebidos pelos produtores pelos principais produtos agropecuários – Santa Catarina – jan/dez – 2003 .....	292

30. Preços médios mensais recebidos pelos produtores pelos principais produtos agropecuários – Santa Catarina – jan/jun-2004.....	293
31. Índice de preços recebidos pelos agricultores catarinenses – IPR – 2003-2004 .....	294
32. Preços médios mensais dos produtos de pesca em frigoríficos atacadistas – Santa Catarina – 2003-2004 .....	295
33. Preços médios mensais recebidos pelos aqüicultores em Santa Catarina – 2003-2004 .....	298
34. Equivalência entre preços pagos e recebidos pelos agricultores catarinenses para produtos selecionados -2001-2003.....	299

# ÍNDICE REMISSIVO

- Abate, 93, 96
- Alho, 19-24
- Área territorial, 117-119
- Armazenagem, 131
- Arroz, 25-29
- Associação de municípios, 145-147
- Aves, 91-93
- Bacias hidrográficas, 149-153
- Balanço de oferta e demanda, 135
- Banana, 30-33
- Batata, 34-38
- Bovinos, 94-97
- Calendário agrícola, 90
- Captura de pescado, 108
- Carne bovina, 94-96
- Carne de frango, 91-93
- Carne suína, 109-112
- Carvão vegetal, 113
- Cebola, 39-43
- Cigarro, 51
- Cooperativas, 131-132
- Crédito rural, 134
- Densidade demográfica, 123-129
- Divisão territorial, 141-153
- Efetivo da pecuária, 97, 112
- Equivalência de preços, 139-140
- Erva-mate cancheada, 113
- Exportação, 136
- Feijão, 44-49
- Fertilizantes, 133
- Fumo, 50-55
- ICMS, 137
- Leite, 98-106
- Lenha, 113

- Maçã, 56-58  
Madeira em tora, 113  
Mandioca, 59-64  
Máquinas agrícolas, 133  
Mel de abelha, 107  
Microrregiões geográficas, 141-143  
Milho, 65-71  
Pescado, 108  
Pessoal ocupado, 130  
PIB, 136  
População residente, 123-129  
População rural, 123-129  
População urbana, 123-129  
Precipitação pluviométrica, 122  
Preços agrícolas, 137-140  
Preços mínimos, 137  
Preços recebidos, 15, 138-139  
Produção agrícola, 13  
Produto interno bruto, 136  
Produtos florestais, 113  
Rebanho bovino, 97  
Rebanho suíno, 112  
Sementes certificadas, 133  
Sementes fiscalizadas, 134  
Soja, 72-77  
Suínos, 109-112  
Temperatura máxima, 121  
Temperatura mínima, 121  
Tomate, 78-80  
Trigo, 81-86  
Umidade relativa, 122  
Uva, 87-89  
Vacas leiteiras, 101, 106  
Valor bruto da produção, 12